

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



Mudança e transformação. Calcólítico, Bronze Inicial e Bronze Médio em Trás-os-Montes Oriental:  
reflexões a partir dos recipientes cerâmicos.

Elsa Verónica Penas Luís

Orientador(es): Prof. Doutor João Carlos Freitas Senna Martinez

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de História,  
na especialidade de Pré-História

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE LETRAS



Mudança e transformação. Calcolítico, Bronze Inicial e Bronze Médio em Trás-os-Montes  
Oriental: reflexões a partir dos recipientes cerâmicos.

Elsa Verónica Penas Luís

Orientador(es): Prof. Doutor João Carlos Freitas Senna Martinez

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor no ramo de História, na especialidade de Pré-História.

Júri:

Presidente: Doutor Victor Manuel dos Santos Gonçalves, Professor Catedrático e membro do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Vogais:

- Doutora Raquel Maria da Rosa Vilaça, Professora Associada com Agregação, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
- Doutor João Luís Serrão da Cunha Cardoso, Professor Catedrático, Departamento de Ciências Sociais e de Gestão da Universidade Aberta
- Doutor Victor Manuel dos Santos Gonçalves, Professor Catedrático, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Doutor João Carlos de Freitas Senna Martinez, Professor Associado Aposentado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Orientador
- Doutora Ana Margarida Costa Arruda dos Santos Gonçalves, Investigadora Associada com Agregação, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- Doutora Ana Catarina de Freitas Alves Bravo de Sousa, Professora Auxiliar, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, com a referência SFRH/BD/72369/2010

2016

*“De facto, nestas terras, não existem grandes monumentos de invejável beleza e de admirável grandeza, como existem noutras regiões, nacionais ou estrangeiras. É como se não existissem factos históricos a comemorar, como se a alma humana, por pequenez ou abandono, não sentisse essa necessidade de deixar marcas aos vindouros. Tenho as minhas explicações, correctas ou não, pouco interessa. Aquilo que posso afirmar, com clareza, é que a alma do povo é grande, isso eu sei, apesar de nunca a ter medido, mas conheço-a como a palma da minha mão, é de lá que venho. Estas coisas sabem-se, sentem-se mas não são mensuráveis”*

António Sá Gué, *Quadros da Transmontaneidade*.

*“You Know Nothing Jon Snow.”*

(George R.R. Martin, *A Song of Ice and Fire*)

*“Noriko goes on examining the watch, the expression on her face at once sad and contemplative, and as we look at her with the watch in the palm of her hand, we feel that we are looking at time itself, time speeding ahead as the train speeds ahead, pushing us forward into life and then more life, but also time as the past, the dead mother-in-law’s past, Noriko’s past, the past that lives on the present, the past we carry with us into the future.”*

Paul Auster, *Man in the Dark*

*“I would resurrect that person in words, and once the pages had been printed and the story had been bound between covers, they would have something to hold on to for the rest of their lives. Not only that, but something that would outlive them, that would outlive us all. One should never underestimate the power of books.”*

Paul Auster, *Brooklyn Follies*

## Agradecimentos

O trabalho que aqui se apresenta não teria sido possível sem a ajuda e o apoio de muitas pessoas e instituições, a quem quero aqui expressar o meu profundo agradecimento.

Ao meu orientador, Prof. Doutor João Carlos Senna-Martinez, por ter aceitado orientar este trabalho em que sempre acreditou. Por comigo ter partilhado a Fraga dos Corvos, os temas de investigação, o seu gabinete e a sua biblioteca pessoal. Pelas muitas discussões acesas que me permitiram questionar e procurar novos dados. Agradeço também por me ter apresentado às paisagens transmontanas de que tanto gosto. E, sempre, pela amizade.

À Jessica Reprezas, minha amiga e companheira de investigação, que comigo divide o amor pela Idade do Bronze e por Trás-os-Montes (e pelo *Valle Pradinhos*). Agradeço a amizade, os debates, as trocas de ideias, o estímulo intelectual, as noites divertidas, a partilha e a atenção ao longo destes anos.

À Catarina Costeira, minha amiga desde os tempos da licenciatura, com quem partilhei grande parte desta tese, com quem pude sempre discutir o Calcolítico e a Idade do Bronze, com quem troquei bibliografia, e que me deu força nos momentos mais difíceis da tese. Obrigada também pela revisão final do trabalho.

À Liliana Morais, que de vez em quando volta do outro lado do Atlântico (ou de outra parte do mundo), com quem discuti muitas ideias antropológicas, sempre à volta de uma mesa e de um copo.

À Patrícia Castanheira, sempre entusiasta da Pré-História, com quem muito discordei mas sempre me fez olhar com perspectivas diferentes. Agradeço também a troca de bibliografia.

À Cirlei Moro, minha amiga que me contagia com a sua generosidade e boa disposição, por me ter ouvido e aturado nos principais momentos deste trabalho. À Denise Lopes, minha amiga, por passar parte dos seus fins de semana a ouvir falar de arqueologia.

Ao Carlos Mendes e à Belmira Mendes, por me ensinarem a não desistir, e que o trabalho e a persistência compensam. Pela garra e pela dedicação que consagram à arqueologia, ao património e à transmissão do conhecimento. Pela simpatia e generosidade com que sempre me receberam.

Ao Emanuel Campos, pela generosidade com que me abriu as portas dos materiais arqueológicos de Mogadouro, pelas visitas guiadas a vários sítios arqueológicos, e pela força transmitida. À D. Lina Almeida Santos, pela simpatia e boa disposição com que me acolheu no seu espaço de trabalho.

Ao Rui Barbosa, grande entusiasta das paisagens transmontanas, que comigo partilhou ideias sobre território e que sempre me transmitiu força.

À equipa da *Living Wine* que se me sempre me apoiou. Em especial à Catarina Melancia, exemplo de resistência, que sempre me deu força, sobretudo nas idas ao bitoque do Alga. À Ana Chaves, com quem partilho o gosto pelo vinho e pela arqueologia, pelos momentos divertidos.

À Joana Afonso e à Liliana Rio, pelas divertidas conversas e pelo esforço na conservação e restauro dos “cacos” arqueológicos. Pela paciência a fazer puzzles.

À equipa do gabinete de pré-história do Empreendimento Hidroeléctrico do Baixo Sabor, por me terem recebido com muita simpatia no seu espaço de trabalho, por me terem cedido o seu tempo e bibliografia, em especial a Rita Gaspar, Alexandra Valente, Gloria Donoso e Andrew May.

Ao José Sastre Blanco, pela sua simpatia e disponibilidade em ajudar e em ceder bibliografia.

Às equipas de escavação da Fraga dos Corvos entre 2011 e 2014, obrigada por comigo partilharem a Serra de Bornes e as problemáticas do bronze. Em especial à Catarina Pinto, ao Filipe Coelho e à Telma Ribeiro, amigos de aventuras transmontanas várias, com quem muito conversei sobre a Idade do Bronze. Ao Alejandro González, pela sua lucidez e perspicácia na abordagem dos sítios arqueológicos, com quem muito discuti. À Ana Seara e ao André Delgado, pelos momentos de descontração e divertimento.

Aos meus colegas e amigos dos ‘almoços no *pn*’, com quem partilhei muitas dúvidas e com quem me ri muito entre conversas mais ou menos arqueológicas: Rui Soares, Marco Andrade, César Neves, Vincenzo Soria, e todos os outros que volta e meia nos faziam companhia.

Ao Henrique Matias pela ajuda com matérias-primas e pelas imagens da lupa binocular; e pela transmissão de força.

Ao Bruno Rebelo, pela cedência das estampas dos materiais do Alto da Madorra.

Ao Doutor Francisco Sande Lemos, pela cedência de bibliografia fundamental sobre Trás-os-Montes, incluindo a sua tese de Doutoramento, e pela sua simpatia.

Ao Mestre José Ventura, por me ter permitido estudar as cerâmicas de Xaires e pelos importantes conselhos.

À Doutora Maria de Jesus Sanches, pelas informações cedidas e pela disponibilidade demonstrada.

Ao Doutor António Monge Soares, pelas datações do Alto da Madorra e da Fraga dos Corvos.

E a todos os que me apoiaram, deram força, ofereceram ajuda e me indicaram bibliografia.

Este trabalho não seria possível sem a concessão da bolsa de Doutoramento pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, com a referência SFRH/BD/72369/2010, pelo que agradeço.

À Associação Terras Quentes, pelo financiamento das escavações na Fraga dos Corvos, sem as quais este trabalho estaria imensamente mais pobre; pela disponibilização de todo o espólio pré-histórico que consta da sua reserva; pelo acesso à documentação da Carta Arqueológica e, sobretudo, por demonstrar que, mesmo em momentos difíceis, o património deve ser preservado e divulgado.

À Câmara Municipal de Mogadouro, nas pessoas da senhora Vereadora da Cultura Teresa Sanchez e Dra. Ana Felgueiras, que autorizaram o estudo das colecções arqueológicas depositadas na Sala Museu de Arqueologia de Mogadouro, e pelas palavras de incentivo.

À direcção da equipa de arqueologia da Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor, nomeadamente à Dra. Rita Gaspar, pela autorização de estudo dos materiais cerâmicos provenientes dos sítios calcolíticos intervencionados no âmbito da construção da barragem; e pela cedência dos desenhos desses materiais, elaborados por Patrícia Fuentes Melgar.

Ao Museu Abade de Baçal, na figura da senhora directora, Dra. Ana Maria Afonso, pela autorização de estudo dos materiais em reserva. Pela simpatia com que fui acolhida por toda a equipa do museu.

Ao Museu da Terra de Miranda, na pessoa do senhor director, Dr. Jean-Yves Durand, pela autorização do estudo dos materiais depositados no museu.

Ao Dr. Paulo Amaral da Direcção Regional de Cultura do Norte, pela atenção prestada nos meus contactos.

Ao Dr. António Luís Pereira, da extensão da DGPC de Macedo de Cavaleiros, pela pronta resposta aos meus contactos.

À Câmara Municipal de Vila Flor, na pessoa da senhora Vereadora da Cultura Gracinda Peixoto, pela autorização de acesso às colecções do Museu Municipal.

Ao Museu do Ferro e da Região de Moncorvo, na pessoa do senhor director, Dr. Nelson Rebanda, pela disponibilidade com que respondeu ao meu contacto.

Ao Gucci, o mais fiel dos companheiros, que, com a sua energia contagiante e com as suas corridas no parque, sempre me fez sorrir. À Branquinha II, que me recebe sempre de unha afiada, mas que não se esquece de mim.

À minha família, que sempre me apoiou mesmo não compreendendo muito bem o que é ser arqueóloga e de gostar de escavar. Aos meus pais, que sempre lutaram por mim; aos meus avós, sempre preocupados e atentos; aos meus tios, que sempre me apoiaram; às minhas primas, as irmãs que não tive, Rita, Patrícia e Sónia; e agora ao Tomás.

Ao Cláudio. Por tudo, desde o início. Quem mais cedeu, quem mais me apoiou.

## Resumo

O presente trabalho tem como objectivo principal analisar as mudanças e transformações operadas entre as comunidades do Calcolítico, do Bronze Inicial e do Bronze Médio em Trás-os-Montes Oriental, materializadas nos recipientes cerâmicos de cada um destes períodos. Para este fim, teve-se como premissa teórica a de que a manutenção e a transformação das estruturas sociais têm repercussões na elaboração da cultura material que as representam.

Em segundo plano, fez-se uma revisão alargada dos sítios arqueológicos conhecidos neste território, sintetizando os trabalhos arqueológicos efectuados e o potencial informativo de cada um deles, de forma a construir uma amostra que permita a discussão dos processos de mudança entre os períodos cronológicos considerados. Esta revisão permitiu ainda verificar uma grande disparidade na quantidade de sítios identificados entre os três períodos, que poderá ser resultado das vicissitudes da investigação arqueológica bem como ter, em alguma parte, significados históricos.

O estudo dos materiais cerâmicos provenientes de vários sítios arqueológicos de Trás-os-Montes Oriental possibilitou uma caracterização das tendências de produção cerâmica relativas a cada um dos períodos cronológicos considerados, tornando possível uma comparação, segundo uma mesma metodologia e os mesmos critérios analíticos. A produção cerâmica foi avaliada segundo os critérios de tecnologia, tipologia e decoração.

Durante o Calcolítico, assiste-se a uma perduração, no tempo, de uma tradição oleira estável, com origens ainda no Neolítico, a que se vão, progressivamente, adicionando pequenas alterações, na forma e na decoração dos recipientes. O Bronze Inicial é o período com maior défice de informação neste território, sendo a sua produção cerâmica virtualmente desconhecida, tendo-se recorrido à informação disponível nas áreas regionais vizinhas. A produção cerâmica do Bronze Médio apresenta uma ruptura com a produção anterior, especialmente nos motivos decorativos, materializando novas opções de representação social, que se crêem constituir como meio de afirmação social consciente e activo nas novas esferas de relacionamento entre diferentes áreas regionais.

**Palavras-chave:** Calcolítico, Bronze Inicial, Bronze Médio, Trás-os-Montes Oriental, Mudança cultural, Recipientes cerâmicos

## **Abstract**

The present work has, as its main goal, the analysis of the changes and transformations between Chalcolithic, Early Bronze Age and Middle Bronze Age societies in Eastern Trás-os-Montes, through the study of the ceramic vessels of each chronological period. It is assumed, for this aim, that the conservation and transformation of social structures have repercussions on the production of each society's material culture.

Secondly, a wide revision of the known archaeological sites of this region was made, digesting the archaeological works of each site and their potential for information, in order to build a viable sample to discuss the change processes between the considered chronological periods. This revision allowed for the verification of a wide difference on the amount of sites identified for the three chronological periods, consequence either of the archaeological investigation processes or, to some degree, by historical factors.

The study of the ceramic materials from several archaeological sites of Eastern Trás-os-Montes allowed a characterization of the ceramic production processes for each chronological period, allowing a comparison through the same methodological premises. The ceramic production was thus characterized bearing in mind three main criteria, technology, typology and decoration.

Throughout the Chalcolithic period, pottery production remained stable, preserving the overall shape and decoration of the vessels to which some small alterations were progressively added, following a tradition that dates back to the Neolithic period. The Early Bronze Age is the period where we have the smallest amount of available information for this region, especially regarding its ceramic production. And for that reason, it was necessary to summarize the available data from the neighboring regions. The ceramic production of the Middle Bronze Age shows a rupture with previous traditions, bringing new decorations that indicate new social representation options. These are believed to be a conscious and active means of social affirmation, to act on the new relationship spheres between different regional areas.

**Key-words:** Chalcolithic, Early Bronze Age, Middle Bronze Age, Eastern Trás-os-Montes, cultural change, ceramic vessels.

## ÍNDICE

Agradecimentos .....	i
Resumo .....	vi
Abstract .....	vii
Índice .....	viii
Índice dos Anexos .....	xiv
Índice de Figuras .....	xv
Índice de tabelas .....	xvii
Índice de gráficos .....	xviii
Capítulo 1 – Introdução.....	1
Capítulo 2 – A mudança sociocultural abordada pela arqueologia – definição e opções metodológicas.....	4
2.1 – Apresentação sumária da problemática .....	4
2.2 – A relação entre a mudança material e a mudança sociocultural.....	6
2.3 – A importância do estilo como variável analítica .....	8
2.4 – Opções metodológicas .....	11
2.4.1 – A escolha dos sítios arqueológicos.....	11
2.4.2 – Os recipientes cerâmicos .....	13
2.4.2.1 – As pastas.....	14
2.4.2.2 – As formas.....	16
2.4.2.2.1 – A tabela de formas .....	16
2.4.2.2.2 – Os tipos de bordo .....	22
2.4.2.2.3 – As carenas .....	22
2.4.2.2.4 – Os elementos de preensão.....	23
2.4.2.2.5 – Os tipos de base .....	23
2.4.2.3 – A decoração.....	24
2.4.2.3.1 – Localização .....	24
2.4.2.3.2 – Técnicas decorativas .....	24
2.4.2.3.3 – As tabelas de motivos decorativos.....	25
2.4.3 – Outros elementos cerâmicos .....	33
2.4.3.1 – Colheres.....	33
2.4.3.2 – Cerâmica de construção.....	33
Capítulo 3 – Enquadramento geográfico .....	36

3.1 Notas prévias.....	36
3.2 Trás-os-Montes Oriental .....	36
3.3 Sub-regiões naturais.....	41
3.4 Notas sobre recursos disponíveis.....	43
3.5 Paleopaisagem – algumas notas .....	44
3.6 Breves reflexões não finais.....	46
Capítulo 4 - O Calcolítico .....	48
4.1 Estado da arte – o Calcolítico em Trás-os-Montes Oriental .....	48
4.2 Os sítios considerados.....	74
4.2.1 Xaires.....	74
4.2.1.1 Localização .....	74
4.2.1.2 História da investigação .....	74
4.2.1.3 Estratigrafia e estruturas.....	76
4.2.1.4 Materiais cerâmicos .....	79
4.2.1.5 Outros materiais cerâmicos .....	85
4.2.1.5.1 Colheres .....	85
4.2.1.5.2 Argila cozida .....	85
4.2.2 Alto da Madorra .....	86
4.2.2.1 Localização .....	86
4.2.2.2 História da investigação .....	87
4.2.2.3 Estratigrafia e estruturas.....	87
4.2.2.4 Materiais cerâmicos .....	89
4.2.2.5 Datações.....	97
4.2.3 Cunho .....	98
4.2.3.1 Localização .....	98
4.2.3.2 História da Investigação .....	98
4.2.3.3 Estratigrafia e Estruturas.....	99
4.2.3.4 Materiais cerâmicos .....	102
4.2.3.4.1 Sector I .....	103
4.2.3.4.2 Sector III .....	108
4.2.3.4.3 Sector V .....	111
4.2.3.4.4 Sector VI .....	116
4.2.3.5 Outros materiais cerâmicos .....	120
4.2.4 Barrocal Alto.....	121
4.2.4.1 Localização .....	121
4.2.4.2 História da Investigação .....	121
4.2.4.3 Estratigrafia e estruturas.....	122

4.2.4.4	Materiais cerâmicos .....	125
4.2.4.4.1	Sector II – 1ª fase de ocupação .....	125
4.2.4.4.2	Sector II – 2ª fase de ocupação .....	129
4.2.4.4.3	Sector V .....	132
4.2.4.4.4	Sector VI .....	136
4.2.4.4.5	Sector VII .....	140
4.2.4.5	Outros materiais cerâmicos .....	144
4.2.4.6	Datações absolutas .....	144
4.2.5	Quinta do Rio 16.....	147
4.2.5.1	Localização .....	147
4.2.5.2	História da Investigação .....	148
4.2.5.3	Estratigrafia e Estruturas.....	149
4.2.5.4	Materiais cerâmicos .....	150
4.2.5.5	Outros materiais cerâmicos .....	155
4.2.6	Monte da Poia .....	156
4.2.6.1	Localização .....	156
4.2.6.2	História da Investigação .....	156
4.2.6.3	Estratigrafia e Estruturas.....	157
4.2.6.4	Materiais cerâmicos .....	158
4.2.6.4.1	Materiais de superfície.....	158
4.2.6.4.2	Sondagem 1.....	159
4.2.6.4.3	Sondagem 2.....	160
4.2.6.4.4	Sondagem 3.....	160
4.2.6.4.5	Sondagem 4.....	160
4.2.6.4.6	Sondagem 8.....	161
4.2.7	Quinta da Zaragata.....	162
4.2.7.1	Localização .....	162
4.2.7.2	História da Investigação .....	162
4.2.7.3	Estratigrafia e Estruturas.....	163
4.2.7.3.1	Sondagem 8.....	163
4.2.7.3.2	Sondagem 9.....	164
4.2.7.3.3	Sondagem 12.....	165
4.2.7.3.4	Sondagem 13.....	166
4.2.7.3.5	Sondagem 15.....	167
4.2.7.3.6	Sondagem 19.....	168
4.2.7.4	Materiais cerâmicos .....	168
4.2.7.4.1	Sondagem 8.....	168
4.2.7.4.2	Sondagem 9.....	169

4.2.7.4.3	Sondagem 12.....	170
4.2.7.4.4	Sondagem 13.....	172
4.2.7.4.4.1	1º nível de ocupação.....	172
4.2.7.4.4.2	2º nível de ocupação.....	174
4.2.7.4.5	Sondagem 15.....	177
4.2.7.4.6	Sondagem 19.....	177
4.2.8	Recolhas de superfície.....	178
4.2.8.1	Espondra.....	178
4.2.8.1.1	Localização e características .....	178
4.2.8.1.2	Materiais arqueológicos.....	180
4.2.8.2	Senhora do Monte .....	180
4.2.8.2.1	Localização e características .....	180
4.2.8.2.2	Materiais arqueológicos.....	181
4.2.8.3	Cerca, Urrós.....	182
4.2.8.4	Nossa Senhora do Castelo de Urros, Torre de Moncorvo.....	184
4.3	Estruturas de habitação e técnicas construtivas (breves considerações) .....	185
4.4	Os materiais cerâmicos .....	190
4.4.1	Aspectos da produção técnica .....	190
4.4.2	Tipologia.....	191
4.4.3	Decoração .....	195
4.4.4	Os materiais na diacronia, é possível? .....	198
Capítulo 5 – O Bronze Inicial .....		205
5.1	Estado da arte – Bronze Inicial em Trás-os-Montes Oriental .....	205
5.2	Os materiais cerâmicos .....	213
5.2.1	Síntese do que se conhece.....	213
5.2.2	A cerâmica do Bronze Inicial nas áreas vizinhas .....	213
Capítulo 6 – O Bronze Médio .....		229
6.1	Estado da Arte – o Bronze Médio em Trás-os-Montes Oriental.....	229
6.2	Os sítios considerados.....	236
6.2.1	Fraga dos Corvos .....	236
6.2.1.1	Localização .....	236
6.2.1.2	História das investigações .....	237
6.2.1.3	Estratigrafia e estruturas.....	239
6.2.1.3.1	Sondagem 2.....	239
6.2.1.3.2	Sondagem 3.....	244
6.2.1.4	Recipientes cerâmicos.....	246
6.2.1.4.1	Sondagem 2.....	246
6.2.1.4.1.1	Nível 1 .....	246

6.2.1.4.1.2	Nível 2 .....	252
6.2.1.4.1.3	Nível 3 .....	258
6.2.1.4.1.4	Nível 4 .....	262
6.2.1.4.1.5	Nível 5 .....	269
6.2.1.4.1.6	Nível 6 .....	273
6.2.1.4.2	Sondagem 3.....	276
6.2.1.5	Cossoiros .....	281
6.2.1.6	Colheres.....	284
6.2.1.7	Cerâmica de construção.....	285
6.2.1.7.1	Sondagem 2.....	285
6.2.1.7.2	Sondagem 3.....	286
6.2.1.8	Datações.....	286
6.2.2	Abrigo 2 da Fraga dos Corvos.....	288
6.2.2.1	Localização .....	288
6.2.2.2	História da investigação .....	289
6.2.2.3	Estratigrafia e estruturas.....	289
6.2.2.4	Materiais cerâmicos .....	291
6.2.2.4.1	“pisos” a.....	291
6.2.2.4.2	“pisos” b.....	293
6.2.2.4.3	“pisos” c.....	294
6.2.2.4.4	“pisos” d.....	295
6.2.2.4.5	“pisos” e.....	295
6.2.3	Mamoas de Santo Ambrósio .....	297
6.2.3.1	Localização .....	297
6.2.3.2	História das investigações .....	297
6.2.3.3	Estratigrafia e estruturas.....	298
6.2.3.4	Materiais cerâmicos .....	299
6.3	Estruturas de habitação e técnicas construtivas.....	308
6.4	Os materiais cerâmicos .....	315
6.4.1	A produção técnica.....	316
6.4.2	Tipologia .....	318
6.4.3	Decoração .....	323
6.4.4	Abrigo 2 e Mamoas de Santo Ambrósio .....	330
Capítulo 7 – A mudança cultural do Calcolítico para a Idade do Bronze. Uma leitura que parte dos recipientes cerâmicos.....		332
7.1.	As mudanças no povoamento e nas estruturas de habitação .....	332
7.2.	As mudanças na produção cerâmica.....	337
7.2.1.	Produção técnica.....	337

7.2.2. Morfologias .....	339
7.3. As diferenças de estilo decorativo .....	341
7.4. Mudanças na cerâmica e mudanças nas comunidades. ....	343
7.5. A Idade do Bronze, rupturas e reestruturações, entre o conhecido e o possível.....	347
Referências Bibliográficas .....	355

## ÍNDICE DOS ANEXOS

Cartografia .....	2
Xaires .....	4
Alto da Madorra.....	8
Cunho.....	17
Barrocal Alto.....	27
Quinta do Rio 16.....	39
Monte da Poia.....	44
Quinta da Zaragata.....	50
Fraga dos Corvos.....	57
Abrigo 2 da Fraga dos Corvos.....	75
Mamoá de Santo Ambrósio.....	83

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Tabela de formas .....	20
Figura 2 - Tipos de perfil dos bordos .....	22
Figura 3 - Tabela de organizações decorativas do Calcolítico .....	27
Figura 4 - Tabela de motivos simples, do Bronze Médio .....	29
Figura 5 - Tabela de motivos compostos, do Bronze Médio .....	32
Figura 6 - Tabela de motivos decorativos do Baldoeiro.....	67
Figura 7 - Localização de Xaires na C.M.P 1:25000 e imagem geral do sítio.....	74
Figura 8 - Matriz de Harris de Xaires. ....	78
Figura 9 - Localização do Alto da Madorra na C.M.P 1:25000 e vista da área pelo Google Earth .....	86
Figura 10 - Localização do Cunho na C.M.P. 1:25000 .....	98
Figura 11 - Localização do Barrocal Alto na C.M.P. 1:25000 .....	121
Figura 12 - Localização da Quinta do Rio 16 na C.M.P. 1:25000 .....	147
Figura 13 - Vista da Quinta do Rio 16 e do rio Sabor, durante os trabalhos de construção da Barragem. ....	147
Figura 14 - Matriz de Harris da Quinta do Rio 16. ....	149
Figura 15 - Localização do Monte da Poia na C.M.P. 1:25000. ....	156
Figura 16 - Localização da Quinta da Zaragata na C.M.P. 1:25000. ....	162
Figura 17 - Localização de Espondra na C.M.P. 1:25000. ....	178
Figura 18 - Vista geral de Espondra.....	179
Figura 19 - Troncocónico da Cista do Gorgulão (Montalegre).....	216
Figura 20 - Tabela de formas de El Parpantique (Soria) .....	217
Figura 21 - Tabela de formas Calcolítico Final/Bronze Inicial de La Ribera del Duero, Valladolid. ....	219
Figura 22 - Tabela de Formas do Bronze Antigo-Pleno de La Ribera del Duero, Valladolid .....	220
Figura 23 - Tabela de Forma da Fraga da Pena (Fornos de Algodres) .....	222
Figura 24 - Tabela de motivos decorativos da Fraga da Pena (Fornos de Algodres) .....	223
Figura 25 - Recipiente "Protocogotas" do Fumo.....	224
Figura 26 - Localização da Fraga dos Corvos na C.M.P. 1:25000. ....	236
Figura 27 - Vista aérea do cabeço da Fraga dos Corvos.....	237

Figura 28 - Fotografia da entrada do Abrigo 2 .....	288
Figura 1 - Imagem ampliada do fragmento FCORV-A2 368 .....	294
Figura 30 - Localização da Mamoa de Santo Ambrósio na C.M.P. 1:25000. ....	297
Figura 31 - Tabela de motivos decorativos do Grupo La Corvera/El Tranco del Diablo. ....	329

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela síntese de sítios funerários calcolíticos .....	52
Tabela 2 - Tabela síntese dos sítios de povoamento calcolíticos .....	59
Tabela 3 - Datações C14 do Alto da Madorra .....	97
Tabela 4 - Tabela síntese de datações do Barrocal Alto .....	144
Tabela 5 - Tabela síntese dos sítios do Bronze Inicial .....	206
Tabela 6 - Tabela síntese dos achados isolados do Bronze Inicial .....	211
Tabela 7 - Sítios de habitat do Bronze Médio .....	230
Tabela 8 - Achados Isolados do Bronze Médio .....	233
Tabela 9 - Tabela síntese da cerâmica de construção da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos .....	285
Tabela 10 - Tabela síntese das datações da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos .....	286
Tabela 11 - Relação entre as bases e o Número Mínimo de Indivíduos da Mamoa de Santo Ambrósio .....	307

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Monumentos funerários por concelho, em frequência absoluta .....	52
Gráfico 2 - Povoados por concelho, em frequência absoluta .....	59
Gráfico 3 - Pastas dos recipientes de Xaires .....	80
Gráfico 4 - Perfil e orientação dos bordos de Xaires .....	81
Gráfico 2 - Técnicas decorativas dos recipientes de Xaires .....	83
Gráfico 6 - Motivos decorativos dos recipientes de Xaires .....	84
Gráfico 7 - Pastas dos recipientes do Sector A do Alto da Madorra .....	91
Gráfico 8 - Pastas do Sector B do Alto da Madorra .....	92
Gráfico 9 - Tipos de bordo do Sector A do Alto da Madorra .....	93
Gráfico 10 - Tipos de bordo do Sector B do Alto da Madorra .....	93
Gráfico 11 - Técnicas decorativas dos Sectores A e B do Alto da Madorra .....	95
Gráfico 12 - Motivos decorativos do Alto da Madorra, sectores A e B .....	96
Gráfico 13 - Pastas do Sector I do Cunho .....	104
Gráfico 14 - Tipos de bordo do Sector I do Cunho .....	105
Gráfico 15 - Subtipos dos recipientes do Sector I do Cunho .....	106
Gráfico 16 - Relação entre a forma e o diâmetro do bordo do Sector I do Cunho .....	106
Gráfico 17 - Técnicas e motivos decorativos do Sector I do Cunho .....	107
Gráfico 18 - Pastas do Sector III do Cunho .....	109
Gráfico 19 - Perfil e orientação dos bordos do Sector III do Cunho .....	110
Gráfico 20 - Subtipos dos recipientes do Sector III do Cunho.....	110
Gráfico 21 - Técnicas e motivos decorativos do Sector III do Cunho .....	111
Gráfico 22 - Pastas do Sector V do Cunho .....	112
Gráfico 3 - Perfil e orientação dos bordos do Sector V do Cunho .....	113
Gráfico 24 - Subtipos dos recipientes do Sector V do Cunho.....	113
Gráfico 25 - Relação do diâmetro com a forma dos recipientes do Sector V do Cunho .....	114
Gráfico 26 - Técnicas e motivos decorativos do Sector V do Cunho .....	115
Gráfico 27 - Pastas do Sector VI do Cunho .....	117
Gráfico 28 - Perfil e orientação dos bordos do Sector VI do Cunho .....	118

Gráfico 29 - Subtipos dos recipientes do Sector VI do Cunho .....	118
Gráfico 30 - Técnicas e motivos decorativos do Sector VI do Cunho .....	119
Gráfico 31 - Pastas do Sector II/1ª fase de ocupação do Barrocal Alto .....	127
Gráfico 32 - Perfil e orientação dos bordos do Sector II/1ª fase de ocupação do Barrocal Alto .....	128
Gráfico 33 - Subtipos dos recipientes do Sector II/1ª fase de ocupação do Barrocal Alto .....	128
Gráfico 34 - Técnicas e motivos decorativos do Sector II/1ª fase de ocupação do Barrocal Alto .....	129
Gráfico 35 - Pastas do Sector II/2ª fase de ocupação do Barrocal Alto .....	130
Gráfico 36 - Perfil e orientação dos bordos do Sector II/2ª fase de ocupação do Barrocal Alto .....	131
Gráfico 37 - Técnicas e motivos decorativos do Sector II/2ª fase ocupação do Barrocal Alto .....	131
Gráfico 38 - Pastas do Sector V do Barrocal Alto .....	133
Gráfico 39 - Perfil e orientação dos bordos do Sector V do Barrocal Alto .....	134
Gráfico 40 - Subtipos dos recipientes do Sector V do Barrocal Alto .....	135
Gráfico 41 - Técnicas e motivos decorativos do Sector V do Barrocal Alto .....	135
Gráfico 42 - Pastas do Sector VI do Barrocal Alto.....	137
Gráfico 43 - Perfil e orientação dos bordos do Sector VI do Barrocal Alto .....	138
Gráfico 44 - Subtipos dos recipientes do Sector VI do Barrocal Alto.....	138
Gráfico 45 - Técnicas e motivos decorativos do Sector VI do Barrocal Alto .....	139
Gráfico 46 - Pastas do Sector VII do Barrocal Alto .....	141
Gráfico 47 - Perfil e orientação dos bordos do Sector VII do Barrocal Alto .....	142
Gráfico 48 - Subtipos dos recipientes do Sector VII do Barrocal Alto .....	142
Gráfico 49 - Técnicas e motivos decorativos do Sector VII do Barrocal Alto .....	143
Gráfico 50 - Pastas da Quinta do Rio 16 .....	151
Gráfico 51 - Perfil e orientação dos bordos da Quinta do Rio 16 .....	152
Gráfico 52 - Subtipos dos recipientes da Quinta do Rio 16 .....	153
Gráfico 53 - Relação entre o diâmetro e a forma dos recipientes da Quinta do Rio 16 .....	153
Gráfico 54 - Técnicas decorativas da Quinta do Rio 16 .....	154
Gráfico 55 - Motivos decorativos da Quinta do Rio 16 .....	155
Gráfico 56 - Pastas da Sondagem 12 da Quinta da Zaragata .....	171

Gráfico 57 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 12 da Quinta da Zaragata .....	171
Gráfico 58 - Técnicas decorativas da Sondagem 12 da Quinta da Zaragata .....	172
Gráfico 59 - Pastas da Sondagem 13/1º nível de ocupação da Quinta da Zaragata .....	173
Gráfico 60 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 13/1º nível de ocupação da Quinta da Zaragata .....	174
Gráfico 61 - Técnicas decorativas da Sondagem 13/1º nível de ocupação da Quinta da Zaragata .....	174
Gráfico 62 - Pastas da Sondagem 13/2º nível de ocupação da Quinta da Zaragata .....	175
Gráfico 63 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 13/2º nível de ocupação da Quinta da Zaragata.....	176
Gráfico 64 - Técnicas decorativas da Sondagem 13/2º nível de ocupação da Quinta da Zaragata .....	176
Gráfico 65 - Comparação das formas com os seus contextos de proveniência .....	194
Gráfico 66 - Comparação das organizações decorativas por contexto de proveniência .....	197
Gráfico 67 - Distribuição dos sítios por concelho do Bronze Inicial .....	205
Gráfico 68 - Distribuição de sítios do Bronze Médio por concelho .....	230
Gráfico 69 - Pastas da Sondagem 2/Nível 1 da Fraga dos Corvos .....	247
Gráfico 70 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 2/Nível 1 da Fraga dos Corvos .....	248
Gráfico 71 - Subtipos dos recipientes da Sondagem 2/Nível 1 da Fraga dos Corvos .....	249
Gráfico 72 - Relação entre o diâmetro e a forma dos recipientes da Sondagem 2/Nível 1 da Fraga dos Corvos .....	250
Gráfico 73 - Tipos e diâmetros das bases da Sondagem 2/Nível 1 da Fraga dos Corvos .....	250
Gráfico 74 - Pastas da Sondagem 2/Nível 2 da Fraga dos Corvos .....	253
Gráfico 75 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 2/Nível 2 da Fraga dos Corvos .....	254
Gráfico 76 - Subtipos dos recipientes da Sondagem 2/Nível 2 da Fraga dos Corvos.....	255
Gráfico 77 - Relação entre o diâmetro e a forma dos recipientes da Sondagem 2/Nível 2 da Fraga dos Corvos.....	255
Gráfico 78 - Tipos e diâmetros das bases da Sondagem 2/Nível 2 da Fraga dos Corvos .....	256
Gráfico 79 - Localização da decoração e técnicas decorativas da Sondagem 2/Nível 2 da Fraga dos Corvos .....	257
Gráfico 80 - Pastas da Sondagem 2/Nível 3 da Fraga dos Corvos .....	259
Gráfico 81 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 2/Nível 3 da Fraga dos Corvos .....	260
Gráfico 82 - Tipos de bases planas da Sondagem 2/Nível 3 da Fraga dos Corvos .....	260

Gráfico 83 - Pastas da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos .....	263
Gráfico 84 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos .....	264
Gráfico 85 - Subtipos dos recipientes da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos.....	265
Gráfico 86 - Relação entre o diâmetro e a forma dos recipientes da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos .....	265
Gráfico 87 - Tipos e diâmetros das bases da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos .....	266
Gráfico 88 - Relação entre a forma e a decoração da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos - .....	266
Gráfico 89 - Localização da decoração e técnicas decorativas da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos .....	267
Gráfico 90 - Motivos simples da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos .....	268
Gráfico 91 - Pastas da Sondagem 2/Nível 5 da Fraga dos Corvos .....	271
Gráfico 92 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 2/Nível 5 da Fraga dos Corvos .....	272
Gráfico 93 - Pastas da Sondagem 3 da Fraga dos Corvos .....	277
Gráfico 94 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 3 da Fraga dos Corvos .....	278
Gráfico 95 - Subtipos dos recipientes da Sondagem 3 da Fraga dos Corvos .....	279
Gráfico 96 - Relação entre o diâmetro e a forma dos recipientes da Sondagem 3 da Fraga dos Corvos.....	279
Gráfico 97 - Técnicas decorativas da Sondagem 3 da Fraga dos Corvos .....	280
Gráfico 98 - Tipos e diâmetros da bases da Sondagem 3 da Fraga dos Corvos .....	281
Gráfico 99 - Pastas da U.E. [1] da Mamoa de Santo Ambrósio .....	301
Gráfico 100 - Perfil e orientação dos bordos da U.E. [1] da Mamoa de Santo Ambrósio .....	302
Gráfico 101 - Pastas da U.E. [4] da Mamoa de Santo Ambrósio .....	303
Gráfico 102 - Perfil e orientação dos bordos da U.E. [4] da Mamoa de Santo Ambrósio .....	304
Gráfico 103 - Pastas da U.E. [5] da Mamoa de Santo Ambrósio .....	305
Gráfico 104 - Perfil e orientação dos bordos da U.E. [5] da Mamoa de Santo Ambrósio .....	306
Gráfico 105 - Tipos de base e de base plana da Mamoa de Santo Ambrósio.....	307

## 1. INTRODUÇÃO

O tema que molda este trabalho é o da mudança e transformação das comunidades humanas, visto à microescala, restringido a um espaço, a um intervalo de tempo e a uma parte do registo arqueológico.

Escolhemos Trás-os-Montes como área regional de estudo por duas razões fundamentais. A primeira, de foro científico, prende-se com o relativo desconhecimento das sociedades pré-históricas neste território, relacionado com o fraco investimento dos projectos de investigação. A segunda, mais pessoal, relaciona-se com uma linha de trabalho já traçada anteriormente. Desde os finais da licenciatura que trabalho com realidades transmontanas, tendo criado apego à terra e às suas problemáticas científicas. A tese de mestrado consolidou essa vontade de continuar a investigar em Trás-os-Montes.

A cronologia em que se insere o trabalho está compreendida entre o III<sup>o</sup> e meados do II<sup>o</sup> milénios a.C., intervalo no qual se enquadram os períodos cronológicos aqui privilegiados, o Calcolítico (entre os finais do IV<sup>o</sup> milénio/inícios do III<sup>o</sup> e cerca de 2300/2200 a.C.), o Bronze Inicial (entre cerca de 2300/2200 a.C. e 1800/1700 a.C.) e o Bronze Médio (entre cerca de 1800/1700 a.C. e 1400/1300 a.C.). Optamos pela designação de períodos cronológicos e não de intervalos cronológicos pois acreditamos que facilita o diálogo quando nos referimos a períodos de tempo com determinada homogeneidade de organização sociocultural.

Para a execução do trabalho reuniu-se uma amostra de sítios dos três períodos considerados, tendo-se privilegiado os sítios alvo de escavações arqueológicas. Todo o processo de selecção de sítios e de filtragem da informação considerada está compilada nos subcapítulos introdutórios de cada capítulo, correspondentes a cada período cronológico. Este processo, longo na sua natureza, implicou que a estrutura do trabalho fosse sendo reestruturada ao longo da sua execução, tendo-se afinado os limites geográficos concretos (restringindo-nos mormente ao distrito de Bragança) e a dimensão da amostra de sítios e materiais a considerar. Por esse motivo optou-se por estudar de forma aprofundada os materiais cerâmicos dos sítios arqueológicos.

O trabalho que aqui se apresenta não pretende ter um cariz monográfico ou de publicação exaustiva dos sítios considerados, até porque, a maioria deles já foi alvo de publicações detalhadas pelos autores das respectivas escavações. Pretende antes fazer uma análise comparativa de conjuntos cerâmicos dos diferentes períodos cronológicos sob uma mesma metodologia, seguindo os mesmos critérios e parâmetros descritivos.

A estrutura desta dissertação apoia-se em 7 capítulos. No capítulo 2 faz-se uma apresentação teórica do tema que se pretende tratar e a descrição dos pressupostos metodológicos que lhe subjazem, incluindo os critérios analíticos do estudo dos sítios arqueológicos e dos materiais cerâmicos.

No capítulo 3 elabora-se uma aproximação geográfica ao território considerado, enunciando as principais características morfológicas, de capacidade e uso dos solos, do clima, da hidrografia e ainda uma descrição das subáreas regionais identificadas.

Os capítulos 4, 5 e 6 englobam todos os dados recolhidos para os períodos cronológicos considerados. Estes apresentam todos a mesma estrutura, iniciando-se pelo Estado da Arte, resumindo a informação disponível para cada período no território considerado, incluindo sítios de povoamento, sítios funerários, e achados isolados, salientando-se o potencial informativo de cada um e a facilidade de acesso à respectiva documentação. Os subcapítulos seguintes consistem na sistematização da informação dos sítios por nós estudados, incluindo a localização administrativa, a história da investigação de cada um deles, a descrição dos contextos arqueológicos e, de seguida, a análise dos artefactos cerâmicos por contexto (atendendo aos campos técnicas de produção, morfologias e decoração, fundamentalmente). Ainda nestes capítulos se incluem as sínteses para cada um dos períodos, atendendo às características gerais do povoamento e das estruturas de habitação e, com maior detalhe, a comparação entre os dados da cerâmicas dos vários contextos considerados. O capítulo 4 corresponde ao Calcolítico; o capítulo 5 refere-se ao Bronze Inicial e o capítulo 6 reporta-se ao Bronze Médio.

O capítulo 7 é o texto final, no qual se cruzam os dados correspondentes aos três períodos cronológicos e se procura assinalar quais os elementos de mudança e os

de continuidade. Faz-se aqui igualmente uma reflexão sobre as comunidades pré-históricas transmontanas focando-nos nos momentos de mudança, discutindo possíveis causas e objectivos, potenciada pelos argumentos vindos do estudo da cerâmica. É o capítulo final deste trabalho mas deverá ser entendido como um pequeno contributo para a discussão do tema da mudança, que muito beneficiará com trabalhos futuros, sobretudo ao nível da recolha de dados no campo.

Nos anexos são apresentadas as estampas relativas aos sítios arqueológicos abordados neste trabalhos, incluindo plantas de escavação e estampas de materiais.

## 2. A MUDANÇA SOCIOCULTURAL ABORDADA PELA ARQUEOLOGIA — DEFINIÇÃO E OPÇÕES METODOLÓGICAS

### 2.1 Apresentação sumária da problemática

A mudança e a transformação das comunidades humanas são dos temas mais fascinantes para arqueólogos, historiadores e curiosos em geral. Porque é que as sociedades mudam? Como mudam? Como podemos definir a mudança nas sociedades pretéritas? De que falamos quando nos referimos a mudanças e transformações? Estas são algumas das muitas questões que podem ser colocadas à mudança.

Falar de mudança histórica implica, necessariamente, arrumar os dados históricos em períodos de estabilidade separados por momentos de transformação. É este o princípio básico da periodização de grupos históricos. Os períodos são momentos de relativa homogeneidade histórica, ainda que com pequenas variações regionais, associados a um intervalo de tempo, cujos limites podem variar ligeiramente de região para região. Portanto, a mudança, para quem a lê, relaciona-se com a passagem de um período histórico para outro, ou seja, o momento em que se verificam transformações políticas, económicas e sociais bem marcadas e visíveis no registo arqueológico/histórico. Ou, nas palavras de Shanks e Tilley, *“we conceive history as a series of ruptures and discontinuities separated by periods of social reproduction of variable duration. However, both stability and change are part and parcel of structural transformation and reproduction”* (1987, p. 176).

Na definição de períodos históricos opta-se por valorizar determinadas características das sociedades em detrimento de outras, normalmente as consideradas como estruturantes, ou fundamentais, para a sobrevivência e reprodução dessas mesmas sociedades. A partir do momento em que temos registos escritos, são considerados como essenciais os momentos de estabilidade e alteração políticas, criando uma relação directa entre esse poder político e os períodos cronológicos, como nos mostra, por exemplo, a história de Portugal, marcada pelas dinastias reinantes (Afonso ou de Borgonha, Avis ou Joanina, Habsburg ou Filipina e Bragança),

ou a história geral europeia, subdividida em grandes épocas históricas (Romana, Medieval, Moderna e Contemporânea), em que as nações europeias, ainda que com especificidades dentro de cada uma delas, partilham sistemas políticos e económicos semelhantes e os mesmos momentos de ruptura (por exemplo: a queda do império romano e respectivas consequências; os descobrimentos e o renascimento; etc.). E, dentro destes períodos assiste-se a manifestações comuns sociais e culturais, bem como a confluência de ideias religiosas e espirituais que viajam e tendem a caracterizar os períodos históricos europeus. E, no meio, está a cultura material, os artefactos e a arquitectura, que se encontra ao serviço cultural, como forma de expressar uma visão partilhada do mundo e da realidade.

Nas comunidades pré-escrita, ditas pré-históricas, a definição de períodos torna-se mais difícil ou mais subjectiva, porque nos falta a informação directa desses critérios considerados estruturantes, como os movimentos políticos e religiosos, que nos permitam, de forma mais imediata, criar subdivisões informadas. O estabelecimento de períodos históricos destas comunidades, é, em si, todo um processo que levou, e continua a levar, muito tempo de investigação e é igualmente um procedimento com elevado grau de subjectividade, pois implica a escolha dos critérios base e da consistência dos próprios dados disponíveis. É exactamente no âmbito da arqueologia pré-histórica que surgem os mais acesos debates de como periodizar, até porque se enfatizam as várias escalas da própria mudança. O que deveremos privilegiar? Que dados escolher que nos permitam aferir momentos de semelhança e de dissemelhança? O que tem sido feito é, naturalmente, uma busca de regularidades no registo arqueológico que cruzem as variáveis básicas como o tempo e o espaço, seguidas das que se conservaram até hoje: arquitectura; modos de organização do povoamento; rituais funerários; artefactos; tecnologias de produção e de subsistência; manifestações simbólicas. Por outro lado, os momentos de mudança são aqueles em que se verifica uma alteração comum e generalizada (mais ou menos no mesmo intervalo de tempo) em todas (ou quase todas) estas variáveis, que se traduzirão num novo período de estabilidade. Assim, a história é explicada como uma narrativa, repleta de ciclos e sistemas encadeados que se desenrolam num espaço geográfico definido, e, assim sendo, surge sempre a tentação de a organizar

exactamente como se de uma estória se tratasse, com um princípio, um desenvolvimento e um fim (Collingwood, 1946), transmitindo-nos um sentimento de segurança e de trabalho acabado. Porque, muitas vezes, o encaixe dos dados em gavetas predefinidas é somente isso mesmo, a criação de uma falsa sensação de segurança e de compreensão de um mundo demasiado vasto e complexo para o nosso entendimento, pelo menos em todas as suas dimensões.

No mesmo sentido, tende-se a associar estes momentos de mudança e de rupturas a verdadeiros *milestones*, marcos na história e no nosso próprio pensamento, que tornam a história inteligível e estudável, porque a compartimentação faz necessariamente parte da nossa própria compreensão do real. Porque precisamos de colocar limites, cronológicos e geográficos, para conseguir reunir os dados que permitam discutir determinados problemas e assuntos.

Se estudar e discutir a mudança histórica/social tendo por base registos escritos é em si muito desafiante, fazê-lo tendo por base unicamente os vestígios arqueológicos é um processo ainda mais complexo, sujeito a diferentes opções interpretativas e epistemológicas.

## **2.2 A relação entre a mudança material e a mudança sociocultural**

A variabilidade da cultura material foi sempre observada e utilizada pelos arqueólogos como meio de inferência de práticas e modelos sociais e culturais e constitui um dos elementos chave para discutir a mudança. No entanto, um problema que se coloca é se é possível relacionar a mudança da cultura material com as mudanças de foro social e/ou cultural.

Entendemos que a cultura material é parte constituinte da relação entre as comunidades e o meio em que se integram, como forma de acção física, no sentido de esta ter uma função concreta a desempenhar, facilitando a qualidade de vida dessas comunidades. A cultura material é ainda a manifestação/materialização dos sistemas mentais, simbólicos e ideológicos que, de forma mais ou menos consciente, definem e estruturam a acção e a identidade colectiva, até porque a escolha de uma das várias

formas possíveis de solucionar um problema funcional implica a intervenção de um conjunto de critérios sociais, económicos e culturais. Estamos de acordo com a afirmação de P. Lemonnier, *“the mental processes that underlie and direct our actions on the material world are embedded in a broader, symbolic system”* (2002, p. 3). A forma como as comunidades escolhem construir as suas casas ou elaborar os seus utensílios, sob a forma de tecnologia, implica seleccionar os procedimentos técnicos que julgam mais adequados para a finalidade pretendida, mas também são condicionadas por determinadas representações sociais ou fenómenos que vão além da acção e da matéria. Novamente segundo Lemonnier, *“it is as though societies chose from a whole range of possible technological avenues that their environment, their own traditions and contacts with foreigners lay open to their means of action on the material world”* (*Idem*, p. 6), ou seja, a forma (ou o estilo, como veremos adiante) como determinadas coisas são elaboradas tem subjacente um conjunto de escolhas, ou práticas (nem sempre pensadas ou conscientes) seleccionadas pelo colectivo social. Este conjunto de preceitos, a maneira como a cultura material é trabalhada, é também em si uma maneira de expressão de uma forma de estar no mundo e de se relacionar com o plano físico. Neste sentido, e para nós, a cultura material tem um *papel activo* no seio das comunidades, agindo como representante de uma forma de perceber e interagir com o mundo envolvente; mas também com potencial de ser manipulada de acordo com as necessidades de fazer passar determinadas mensagens (ao outro ou dentro do grupo), como forma de imposição de determinadas ideias ou práticas (Shanks e Tilley, 1987; Lemonnier, 2002; Sanches, 1997). Tal como afirma T. Lima, *“as formas materiais não espelham simplesmente distinções sociais, ideias ou sistemas simbólicos. Ao contrário, elas são o meio efectivo por onde esses valores, ideias e distinções sociais são constantemente reproduzidos e legitimados, ou transformados, de modo que toda uma trama de relações sociais se instala a partir da cultura material. Assim, tanto as coisas materiais mudam porque as sociedades e as pessoas que as produzem mudam, quanto elas mudam para que as sociedades e as pessoas mudem”* (2011, p. 19).

Neste sentido, definir as mudanças na cultura material é um passo muito importante para aferir as mudanças de mentalidades e de organização social, na

medida em que, por um lado, representa a materialização física de um conjunto de concepções interiorizadas e socialmente reproduzidas de uma determinada comunidade; e por outro, é veículo da transmissão de mensagens, inconscientes ou propositadas, que têm um papel activo nas relações sociais e simbólicas dessas comunidades.

### **2.3 A importância do estilo como variável analítica**

O *estilo* pode ser, resumidamente, definido como a forma específica, ou uma determinada maneira de fazer alguma coisa, e, normalmente, relaciona-se com actividades artesanais ou artísticas. Foi definido por M.J. Sanches, inspirada em I. Hodder, como *“um meio de comunicação baseado em fazer algo de certa maneira, estando subjacente o carácter interpretativo, sem o qual não haveria efectiva interpretação”* (1997, p. 171, nota 390). A forma concreta, ou o estilo utilizado, pelas sociedades na produção da cultura material tem variabilidade no tempo e no espaço, porque é condicionado socialmente, e a sua descrição e a comparação entre estilos diferentes tem tido diversas aplicações no âmbito do estudo e descrição das comunidades humanas, tais como delimitações cronológicas e espaciais; limites territoriais entre entidades culturais; movimentos de população; informação sobre as estruturas sociais, ideológicas ou de produção; e pode ainda denotar certos aspectos sociais como desigualdade social/liderança/poder (García Borja, Molina Balague e Bernabeu Aubán, 2005).

No problema que pretendemos abordar, a mudança social interpretada através da mudança material, o estilo é um dos elementos mais importantes, porque, através dele, podemos vislumbrar momentos de manutenção de estruturas sociais e outros de modificação e/ou transformação social. Porque não podemos abordar todos os elementos da cultura material preservados pelo registo arqueológico no âmbito restrito deste trabalho, temos de nos restringir a um deles, os recipientes cerâmicos. De facto, consideramos que a cerâmica, à semelhança de outros autores (cf. Prieto-Martínez, 2011; García Borja, Molina Balague e Bernabeu Aubán, 2005; Lemonnier, 2002; van der Leeuw, 2002; Shanks e Tilley, 1987; Sanches, 1997; Sousa, 2010; Sánchez

Polo, 2011), graças à sua plasticidade inerente, que permite moldar da forma que se entender, constitui um dos veículos privilegiados para expressar ideias e mensagens, à semelhança do explanado acima.

Relativamente à cultura material, Shanks e Tilley definem o estilo como *“the mode of existence of particular attributes of material culture arranged in a series, displaying regularity, and having specifiable social conditions of existence in terms of the constraints placed upon discourse within a determinate set of social relations mediating and transforming the form which those social relations are, alternatively, conceptualized, represented and misrepresented”* (1987, p. 155). Nesta aceção, tal como no conceito de *habitus*, de P. Bordieu, (normas de interacção/regras inconscientes e naturais assimiladas pelos grupos - García Borja, Molina Balague e Bernabeu Aubán, 2005), o estilo reflecte as normas e as práticas controladas socialmente na produção tecnológica da cultura material, mas revela também uma regularidade de produção que confere coerência a essas normas e práticas sociais. Portanto, uma reprodução estabilizada, no tempo e no espaço, de determinado estilo cerâmico pode indicar uma regularidade e uma certa homogeneidade cultural, na qual se partilham valores, práticas, e, no geral, uma certa visão conjunta do mundo e da sociedade. Tal como M. J. Sanches afirma, baseada no trabalho de Plog (1990, *apud* Sanches 1997), *“o nível de estabilidade estilística, que corresponde à grande covariação de atributos ao longo do tempo, parece articular-se mais com a natureza estável de sistemas sociais abrangentes, do que com os padrões dinâmicos de interacção de indivíduos ou de pequenos grupos”* (1997, p. 173). Em sentido oposto, profundas alterações do estilo cerâmico deverão indicar transformações nessa homogeneidade cultural, indiciando uma alteração da necessidade modificação das mensagens transmitidas através da cultura material.

Para analisar essa mudança de estilo implica conhecer bem o antes e o depois, envolve caracterizar duas realidades que se apresentam distintas quer na forma, quer no conteúdo, e assinalar as semelhanças e as diferenças, ou as continuidades e as rupturas. Esta etapa será a “mais fácil” ou pelo menos, mais imediata, já que está ligada à observação empírica e à descrição dos dados. O problema é que, na esmagadora maioria dos casos de estudo de que dispomos (pelo menos em pré-

história), essa base de dados de semelhanças e diferenças que almejamos, está altamente fragmentada e incompleta. Faltam sítios por identificar, sítios por escavar, materiais por estudar, datações .... É uma tarefa em permanente actualização.

O processo de investigação seguinte seria o da detecção das causas da mudança, para o qual ainda subsistem várias lacunas em termos metodológicos e teóricos atendendo às especificidades do registo arqueológico. As publicações dedicadas ao estudo da mudança são raras e tendem a incidir sobre casos concretos e sem grande aparelho teórico referindo-se a períodos arqueológicos já com escrita (por exemplo, sociedades pré-colombianas), o que facilita o processo de compreensão da organização social, económica e políticas das sociedades em observação. Outras publicações assumem uma perspectiva de história da arqueologia, elaborando sínteses das várias escolas de pensamento do século XX e das formas que estas caracterizavam as comunidades e interpretavam a mudança. O *como* se processou a mudança raramente é discutido. Ou, quando o é, tende-se a recorrer a um conjunto de “primeiros motores” que, em muitos casos, tendem a servir de “muleta” para justificar modificações históricas, tais como deslocações populacionais; interacção com outras comunidades; crescimento populacional; factores ambientais ou catástrofes naturais (Shanks e Tilley, 1987, p. 140). Estamos, parece-nos, num momento da arqueologia em que as explicações da mudança têm de ser fundamentadas recorrendo à sistematização de dados e de evidências, e não só à especulação teórica, embora não a devamos ignorar. Serão necessários projectos de investigação direccionados para a recolha de dados e para a construção de uma mais sólida base empírica, que abranja os mais variados aspectos aferíveis pelo registo arqueológico. Só com o cruzamento das diversas variáveis se poderá ter uma visão de conjunto e integradora, que permita a construção de novas perspectivas interpretativas.

Quanto a este trabalho, pretende-se somente criar um contributo de aferição da mudança através do estudo detalhado de um elemento da cultura material, os recipientes cerâmicos, esperando que constitua um dos pontos de partida para investigações futuras. O processo de mudança e transformação que pretendemos aqui abordar centra-se nos finais do 3º milénio a.C. e nos inícios do 2º milénio a.C., tendo como área de estudo uma parte significativa de Trás-os-Montes Oriental. Pretende-se,

assim, abordar a mudança entre os períodos crono-culturais designados de Calcolítico e de Idade do Bronze (mais concretamente, Bronze Inicial e Bronze Médio), mudança essa verificável em extensas áreas regionais europeias, sendo um fenómeno cultural e sociológico a larga escala, que importa conhecer e caracterizar. O objectivo deste trabalho é focar o processo na microescala, através do estudo de uma amostra de sítios e materiais, numa área geográfica que cremos homogénea, de forma a caracterizar as particularidades locais de um processo muito mais amplo.

## **2.4 Opções metodológicas**

### **2.4.1 A escolha dos sítios arqueológicos**

O processo de constituição do conjunto de sítios a analisar passou por várias fases e por vários critérios de selecção. O primeiro passo foi a definição concreta da área a abordar, que se pretendia geograficamente coesa e, ao mesmo tempo, que contivesse um número de sítios e materiais suficiente para discutir o tema em questão. Inicialmente pretendia-se integrar toda a área geográfica de Trás-os-Montes Oriental, abrangendo o distrito de Bragança e a parte oriental do distrito de Vila Real, área já analisada, com outros objectivos, e bem caracterizada por Sande Lemos (1993). No entanto, nas etapas iniciais do trabalho fomos tomando consciência da real extensão territorial e da quantidade de informação disponível, que dificilmente seria trabalhável no tempo de que dispúnhamos. Tivemos, assim, de fazer opções e reduzir a área considerada, como será justificado no capítulo do enquadramento geográfico, acabando por apenas considerar, *grosso modo*, o distrito de Bragança.

Outro dos objectivos foi o de fazer uma revisão detalhada da informação disponível proveniente de trabalhos de investigação a par dos dados recolhidos através da Arqueologia Preventiva, que se enquadrassem no tema proposto. Foi realizada uma etapa relativamente longa de recolha e sistematização em base de dados de todos os sítios com potencial de se integrarem nos períodos cronológicos considerados (Calcolítico, Bronze Inicial e Bronze Médio). Consultaram-se as publicações disponíveis em formato artigo e monografias (incluindo teses de mestrado e doutoramento) e a base de dados online de sítios arqueológicos do território

nacional, o Endovélico<sup>1</sup>, que disponibiliza informações sintetizadas sobre cada sítio arqueológico, como localização, trabalhos realizados, bibliografia, descrição sumária, condições de acesso, materiais arqueológicos, etc. Ainda que necessite de uma mais rápida actualização da informação, constitui uma ferramenta de trabalho fundamental. Neste catálogo online seleccionámos, no início, todos os sítios classificados como pertencentes aos períodos cronológicos referidos, mas também os que possuíam designações mais genéricas como “neo-calcolítico”, “pré-história recente” ou “Idade do Bronze”, para posteriormente cruzarmos com a informação da bibliografia (nos casos em que existia) e com a informação registada nos processos de cada sítio/trabalho arqueológico arquivados na sede da DGPC. Atendendo ao exemplo dado pelo sítio da Fraga dos Corvos, que inicialmente se encontrava classificado como um povoado fortificado da Idade do Ferro, e posteriormente, através dos trabalhos arqueológicos lá efectuados, se verificou que tem ocupações do Bronze Médio e do Bronze Final/Idade do Ferro, optou-se por incluir, nesta base de dados, todos os sítios atribuídos à Idade do Ferro, o que aumentou substancialmente o número de sítios a considerar (na altura, cerca de 300 sítios). Além da leitura da bibliografia, consultámos 76 processos do Arquivo de Arqueologia Portuguesa da DGPC. O resultado final desta triagem encontra-se sintetizado nos subcapítulos do Estado da Arte para cada período.

Após o processo de triagem, começámos a constituir a amostra de sítios/materiais a estudar. Esta escolha resulta da combinação de dois factores fundamentais, conjuntos que permitissem, pelas suas características, discutir o problema a que nos propusemos, e conjuntos a que pudéssemos ter acesso, ou seja, que estivessem disponíveis para estudo. Desde logo, foi-nos disponibilizado o espólio que se encontra à guarda da *Associação Terras Quentes*, em Macedo de Cavaleiros, com a qual já colaborávamos há alguns anos. Assim, estudámos as colecções do sector A da Fraga dos Corvos (na sequência de vários trabalhos anteriores, muitos dos quais que co-dirigimos); do Abrigo 2 da Fraga dos Corvos; da Mamoa de Santo Ambrósio; de Xaires (em colaboração com os directores da escavação); do Alto da Madorra; e de algumas recolhas de superfície. Com a autorização da Câmara Municipal de Mogadouro elaborámos uma revisão, segundo novos critérios, dos materiais cerâmicos

---

<sup>1</sup> Disponível em <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios>

dos sítios do Cunho e do Barrocal Alto, depositados na Sala-Museu de Arqueologia de Mogadouro. No âmbito da Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (AHBS), foi-nos autorizado o estudo dos materiais cerâmicos provenientes dos sítios calcolíticos escavados pelas equipas constituintes do projecto. Aqui analisámos as colecções da Quinta do Rio 16; Monte da Poia e Quinta da Zaragata. Nos casos específicos da Quinta do Rio 16 e do Monte da Poia foram-nos cedidos os desenhos dos materiais cerâmicos, elaborados por Patrícia Fuentes Melgar, que aqui reproduzimos, depois de tintados. Quanto à Quinta da Zaragata foi-nos dito, na altura em que estivemos presencialmente no estaleiro da obra a analisar os materiais (início de 2013), que também nos seriam cedidos os desenhos, porém, até ao final deste trabalho estes não se encontravam realizados. Por este motivo, não os pudemos integrar nem aferir as informações relativas às formas e aos motivos decorativos das peças, pelo que apenas é caracterizada a componente técnica dos recipientes. No mesmo contexto, analisámos os materiais do sítio Quinta do Rio 14, porém o relatório da intervenção não ficou pronto dentro do prazo deste trabalho, pelo que tivemos de excluir a informação dos recipientes cerâmicos, que, sem a relação com a estratigrafia, teriam pouco significado. Aguarda-se, num futuro próximo, a publicação destes sítios por parte da equipa de arqueologia do AHBS.

Consultámos também presencialmente as colecções da reserva do Museu Abade de Baçal (Bragança), que incluem algumas recolhas de superfície de sítios calcolíticos; e da reserva do Museu da Terra de Miranda (Miranda do Douro), igualmente com recolhas de superfície. Os sítios são referidos oportunamente.

Por escassez de tempo e de recursos logísticos, não pudemos consultar outros espólios que tínhamos inicialmente considerado.

#### **2.4.2 Os recipientes cerâmicos**

Os critérios definidos para a análise técnica dos recipientes cerâmicos foram previamente enunciados em trabalho anterior (Luís, 2010), baseados nos critérios maioritariamente definidos por Senna-Martinez (1989), mas também Raquel Vilaça

(1995) e Séronie-Vivien (1982). A tabela de formas dos recipientes cerâmicos foi criada tendo por base os critérios de Senna-Martinez (1989), com ligeiras modificações resultantes das especificidades dos conjuntos transmontanos. A tabela de motivos decorativos do Calcolítico segue os pressupostos enunciados por Sanches (1997); enquanto a tabela do Bronze Médio segue os critérios já definidos anteriormente para a Fraga dos Corvos (Luís, 2010).

Pela enorme quantidade de fragmentos cerâmicos analisados, optou-se por apresentá-los de forma trabalhada e sintetizada nos subcapítulos de cada sítio arqueológico, ao invés de apresentar igualmente os inventários detalhados de cada contexto.

#### **2.4.2.1 As pastas**

Na consistência da pasta consideraram-se os seguintes descritores: *compacta*, quando a pasta é rija e não permite riscá-la com um objecto duro (ex. unha; bico de uma caneta); *média*, quando a pasta permite criar marcas na superfície; e *friável*, quando a pasta se esfarela ao toque e parte com facilidade. Na textura da pasta: *xistosa*, quando a fractura do fragmento se apresenta laminada; *homogénea*, quando a fractura do fragmento se apresenta praticamente lisa; *vacuolar*, quando a fractura do fragmento apresenta espaços ociosos regulares; *arenosa*, quando a fractura do fragmento apresenta grãos de tipo areia.

Os elementos não plásticos são apenas considerados quanto à sua frequência e calibre na medida em que a observação exclusivamente macroscópica não permite determinar quais os minerais presentes. Por outro lado, entendemos que a análise dos componentes minerais só será proveitosa quando inserida num projecto de determinação de proveniência de matérias-primas a ser realizado por um investigador formado em geologia, que reúna o conhecimento e os meios técnicos para tal. Quanto à frequência considerámos os critérios de *pouco frequentes*, *frequentes* e *muito frequentes*; quanto ao calibre os de *pequeno*, *médio* e *grande*.

O tipo de cozedura foi identificado através da cor dos fragmentos, indicadora da atmosfera de cozedura e a de arrefecimento dos recipientes. Como se trata de métodos de cozedura não industriais, nem sempre a atmosfera é completamente uniforme pelo que os recipientes poderão evidenciar algumas oscilações na tonalidade. Optou-se por considerar a cor predominante do fragmento, assumindo-se a cozedura como predominantemente *reductora* ou predominantemente *oxidante* (tons escuros, acinzentados, acastanhados no primeiro caso e tons avermelhados, alaranjados e amarelados no segundo caso). Também se distingue a cozedura do arrefecimento pois podem ser feitos recorrendo a atmosferas diferenciadas, como *cozeduras reductoras com arrefecimento oxidante* (com a sigla re/ox nos gráficos) ou *cozeduras oxidantes com arrefecimento reductor* (com a sigla ox/re nos gráficos). Em casos raros em que não seja possível determinar o tipo de cozedura dominante por se verem manchas de várias tonalidades optou-se por designar de *mista*.

As espessuras foram apresentadas sob a forma de classes, atendendo à variabilidade métrica que apresentam. As classes foram criadas através de um gráfico de dispersão de espessuras, efectuado para a Fraga dos Corvos, em trabalho anterior (Luís, 2010), tendo-se agrupado as medidas por zonas de incidência: *0-0,5cm*; *0,6-1cm*; *1,1-1,3cm*; *1,4-2,7cm*. Para efeitos de comparação entre variáveis com os mesmos critérios optou-se por utilizar as mesmas classes em detrimento do estabelecimento de novas para cada conjunto.

O estado de conservação dos fragmentos foi classificado em três critérios: *bom*, *regular e mau*; atendendo fundamentalmente ao rolamento das arestas e ao desgaste da superfície.

Nos tratamentos de superfície foi feita a distinção das superfícies externa e interna pois podem apresentar tratamentos diferenciados. Seguiu-se, neste campo, a definição de R. Vilaça (1995, p. 49). Os tratamentos identificados foram: *alisado* (“*aspecto regular mate obtido pela fricção pouco intensa de um objecto semiduro (...) sob a pasta húmida*”); *cepillo* (“*raspagem da pasta, quando está húmida, pela aplicação de uma escova de pêlos mais ou menos flexíveis que origina um aspecto rugoso baseado em traços superficiais que se entrecruzam numa trama mais ou menos*”).

*anárquica*"); *espatulado* ("se esta acção [polimento/brunimento] é feita com algum descuido, resultam as superfícies espatuladas, que se distinguem porque o seu brilho é facetado, geralmente horizontal, notando-se indeléveis rebordos deixados pelo instrumento utilizado"); *polido* ("fricção intensa realizada com um objecto liso e duro (...) na pasta crua mas semi-seca, o que se traduz num aspecto brilhante"); *brunido* ("tratamento idêntico ao polimento, mas com um grau de intensidade muito elevado e numa fase de secagem bastante adiantada, consegue-se um brilho intenso e muito homogéneo"). A estes tratamentos mecânicos pode-se adicionar a presença de aguadas ou engobes, e cujo "discernimento é, por vezes, difícil, nomeadamente quando apresenta uma cor similar à da pasta ou quando se operou um alisamento muito cuidado sobre uma pasta muito húmida" (*Idem*). Pela observação dos fragmentos sentimos necessidade de distinguir dois tipos de engobe, atendendo à sua consistência, a que pode não estar alheio o estado de conservação da superfície. Designámos de *aguada* uma simples camada fina de argila de cor igual ou muito parecida com a da pasta mas que se distingue na fractura e tem, por vezes, um aspecto estalado; e de *engobe* uma camada mais espessa e homogénea, que se destaca na fractura e que também pode apresentar um aspecto lascado.

## **2.4.2.2 As formas**

### **2.4.2.2.1 A tabela de formas**

As medidas retiradas foram: *diâmetro interno máximo; diâmetro interno do bordo, diâmetro interno mínimo do colo ou gargalo, altura total interna, espessura máxima das paredes, espessura máxima do lábio*. Sempre em centímetros.

A tabela de formas (Figura 1) foi adaptada da que estabelecêramos previamente (Luís, 2010) tendo por base original a criada por J. Senna-Martinez (1989). Escolheu-se esta tabela em detrimento de outras conhecidas para Trás-os-Montes referentes a materiais calcolíticos (como a de M.J. Sanches, de 1997; ou a de S. O. Jorge de 1986, em que a primeira autora se inspira), por duas razões principais. A primeira é de foro pessoal, é uma tabela que conhecíamos bem e que com facilidade utilizávamos, poupando tempo de trabalho. A segunda prende-se com a tabela em si; é

uma tabela baseada em critérios geométricos, que comporta desde formas simples a formas compostas, adaptando-se a contextos Calcolíticos e da Idade do Bronze, permitindo assim a utilização de uma tabela única e facilitando a comparação entre períodos. Mantiveram-se as mesmas designações originais, mas só são mencionados aqui os tipos e subtipos presentes nos conjuntos analisados, pelo que a atribuição numérica pode não ser sequencial.

*Forma 1 – Pratos.* Recipientes bem abertos, pouco profundos ou quase achatados, consistindo em hemi-elipsoides ou segmentos esféricos. Subtipos: 1.2, prato hemi-elipsoidal; 1.4, prato em calote de esfera.

*Forma 2 – Taças.* Recipientes abertos, pouco profundos, com volumes hemi-elipsoidais ou em segmento de esfera. Subtipos: 2.1, taça com lábio invertido; 2.2, taça funda; 2.3, taça hemi-elipsoidal; 2.4, taça hemi-elipsoidal funda; 2.5, taça em calote; 2.6, taça parabólica; 2.7, taça de colo vertical (este último subtipo foi acrescentado por nós).

*Forma 4 – Tigelas.* Recipientes abertos, profundos, com volumes hemi-elipsoidais ou parabólicos. Na verdade, a diferença entre taças e tigelas, na aceção do autor da tabela (Senna-Martinez, 1989), reside sobretudo no índice de profundidade, calculado através da fórmula  $H/D \times 100$  (altura máxima/diâmetro interno máximo), em que os índices compreendidos entre 25 e 50 serão taças e os situados entre 51 e 70 serão tigelas. Porém, nos conjuntos que analisámos o grau de fragmentação dos recipientes e a incerteza na reconstituição gráfica integral dos mesmos, levou-nos a não calcular o índice de profundidade, incidindo a classificação tipológica na parte superior dos recipientes e na respectiva orientação do bordo. Deste modo, classificámos de tigelas os recipientes que nos indicavam uma maior profundidade, reconhecendo que há uma certa margem de erro subjacente a esta classificação, porque não é baseada nos critérios métricos previamente definidos. Não nos parece, contudo, que este dado comprometa a classificação geral nem a abordagem estatística pois tratando-se de uma forma aberta, muito semelhante às taças, suporta as tendências gerais de cada conjunto, mas particulariza a variabilidade interna dessas

mesmas formas abertas. Subtipos: 4.1, tigela hemielipsoidal; 4.2, tigela parabolóide; 4.3, tigela subesférica; 4.4, tigela de base plana; 4.5, tigela de lábio invertido.

*Forma 5* – Esféricos. Recipientes fechados, de forma esférica. Subtipos: 5.1, esférico simples; 5.2, esférico de bordo exvertido.

*Forma 6* – Globulares. Recipientes fechados, de forma globular, contando quase sempre com colo ou gargalo, cuja reconstituição integral é problemática, podendo, por exemplo em contextos da Idade do Bronze, adquirir bases planas. Subtipos: 6.1, globular de colo vertical; 6.2, globular de colo baixo; 6.3, globular de colo troncocónico; 6.4 globular de colo estrangulado.

*Forma 8* – Esféricos Achatados. Recipientes fechados, com volume subesférico.

*Forma 11* – Tigela funda de pequena dimensão. Recipientes abertos, profundos.

*Forma 13* – Vaso fundo tipo saco. Recipientes de paredes quase rectas, fundas. Subtipos: 13.1, paredes verticais; 13.2, bordo ligeiramente invertido; 13.3, bordo de perfil redondo exvertido.

*Forma 21* – Taças de carena baixa. Recipientes abertos, com carena baixa, de profundidade média. Subtipos: 21.4, taça de carena baixa e colo médio; 21.5, taça de carena muito baixa, paredes com grande abertura; 21.6, taça de carena baixa e paredes relativamente direitas.

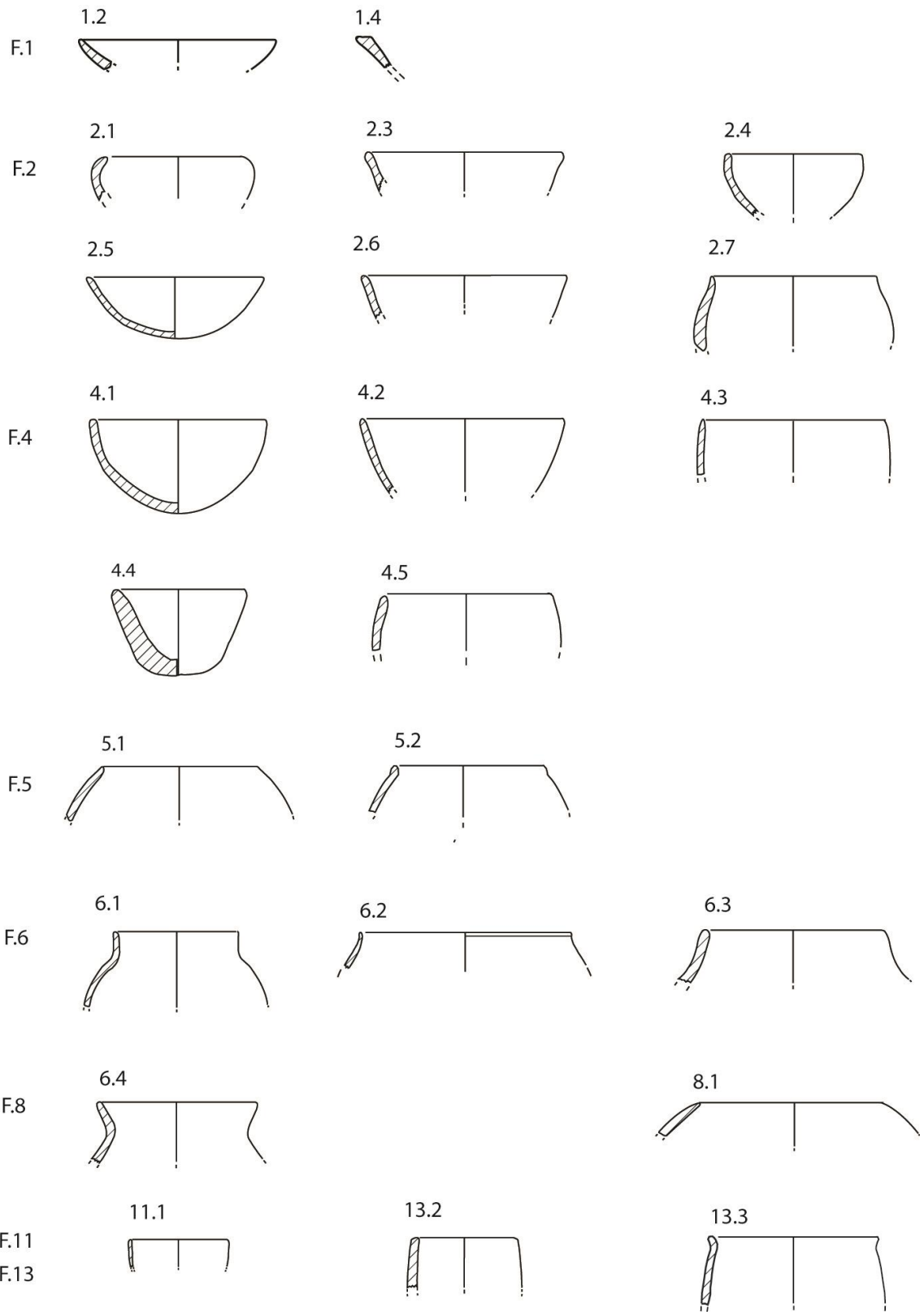
*Forma 22* – taças de carena média/alta. Recipientes abertos. Subtipo: 22.2, taça de carena média; 22.5, taça de carena alta com parede recta abaixo da carena, estreitando até à base.

*Forma 23* – taças de base esbatida. Subtipo 23.1, taça de base esbatida com bordo exvertido; 23.2, taça de base esbatida com bordo direito.

*Forma 26* – vasos troncocónicos invertidos. Recipientes abertos, com forma em tronco de cone invertido, de base plana.

*Forma 39* – Taças de perfil em S e colo estrangulado. Recipiente aberto, de profundidade baixa, e de colo baixo a muito baixo.

*Grupo B* – Na análise dos recipientes da Fraga dos Corvos, em trabalho anterior, verificámos a “*constante existência de bordos de colo estrangulado aos quais não foi possível determinar a forma (...), pela aparente direcção do bordo é possível que estes pertençam às categorias 6 e/ou 28 (potes de colo estrangulado [e base plana]) ou semelhantes (...). Existe ainda a possibilidade de alguns destes bordos desenvolverem para taças carenadas, a exemplo de formas Protocogotas (Abarquero Moras, 2005, p.29)*” (Luís, 2010, p. 43). Subtipos: B1, bordo com colo bem marcado e estrangulado, fazendo com que sobressaia a exversão, com arranque de pança que, no seu desenvolvimento, não se deverá destacar muito em relação ao bordo; B2, bordo muito espessado exteriormente, de cariz excepcional; B3, bordo com gargalo medianamente marcado; B4, bordo relativamente largo, de perfil horizontal, com colo vertical; B5, bordo com exversão acentuada, gargalo bem vincado; B6, bordo de colo vertical.



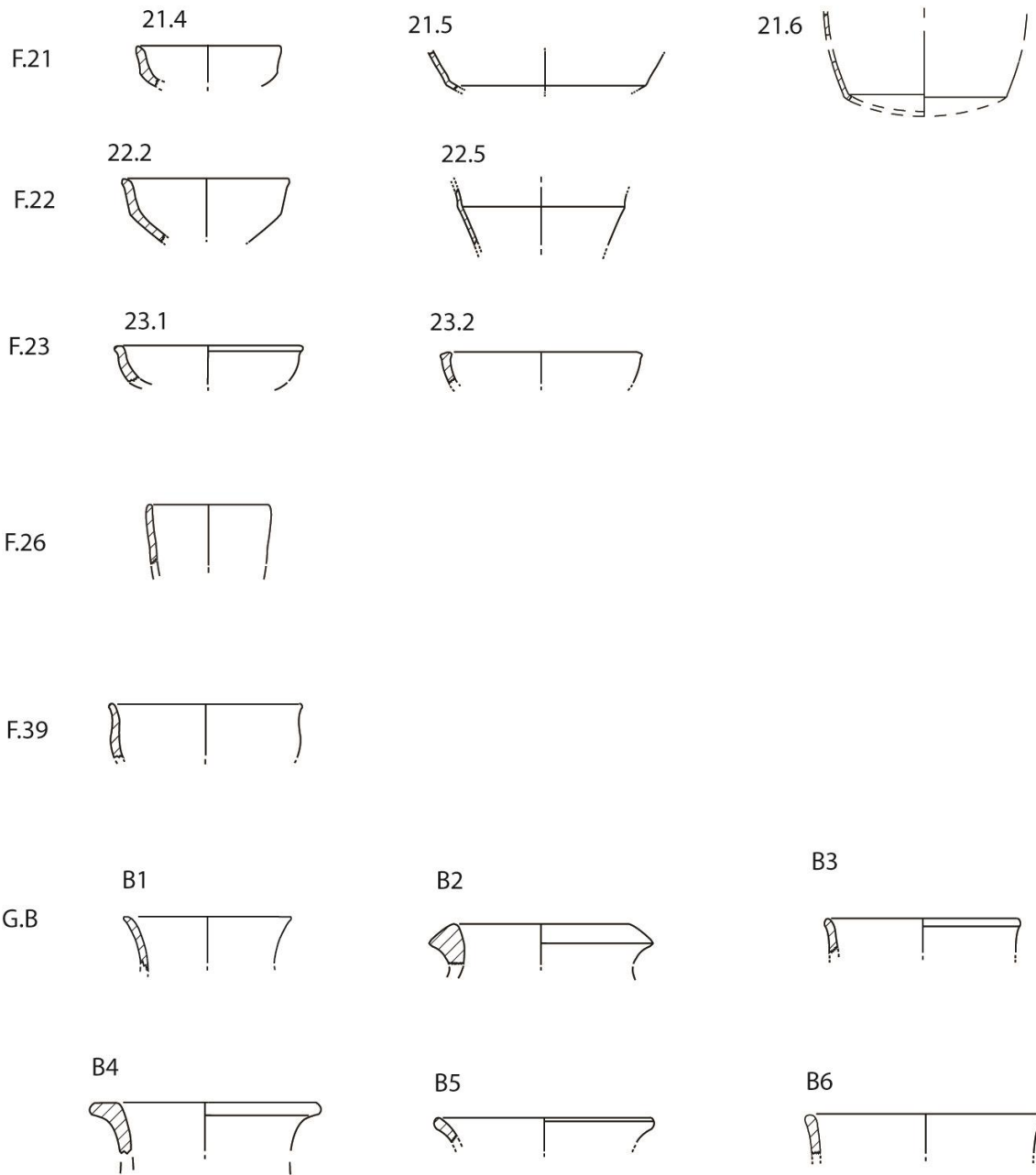


Figura 1 - Tabela de formas

#### 2.4.2.2.2 Os tipos de bordo

Os bordos foram classificados atendendo a duas variáveis, o seu perfil e a sua orientação.

Quanto ao perfil, podem ser: *direito*, *redondo*, *bisel simples interno*, *bisel simples externo*, *bisel duplo*, *espassado exteriormente*, *espassado interiormente*, *bi-espassado*, *enrolado* e *horizontal* (Figura 2).

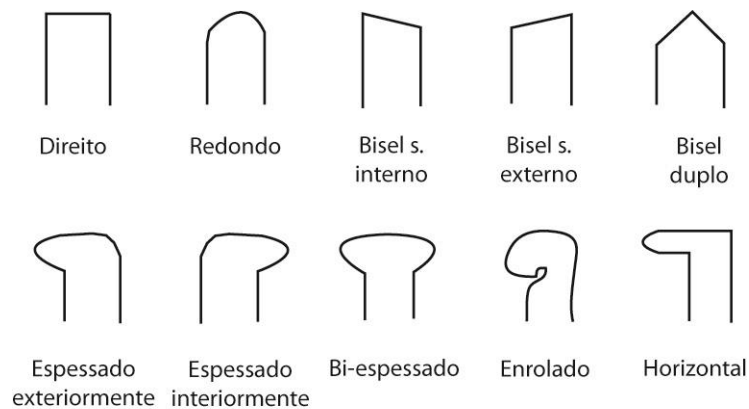


Figura 2 - Tipos de perfil dos bordos.

Na orientação incluem-se os bordos *direitos* (quando não há uma quebra entre a direcção do recipiente e o bordo), *exvertidos* (quando há uma inflexão para o lado exterior) e *invertidos* (quando há uma inflexão para o lado interior).

#### 2.4.2.2.3 As carenas

Na classificação das carenas considerámos como medida o seu *diâmetro interno*; como tipo de carena: *em ângulo*; *arredondada*; *destacada*; e ainda a posição da carena no recipiente, quando é possível de determinar: *alta*; *média*; *baixa*.

#### 2.4.2.2.4 Os elementos de preensão

Foram considerados como elementos de preensão as asas, as pegas e os mamilos, conscientes de que, pelo menos os dois últimos, poderão ter tido também valências decorativas.

Nas asas retiraram-se as seguintes medidas: *largura máxima; largura mínima; distância entre as pontas; distância entre a parede do recipiente e a curvatura máxima da asa*. Como técnicas de aplicação consideraram-se a *colagem* e a *cravagem*. Em termos morfológicos identificaram-se asas de *rolo* (secção subcircular) e de *fita* (secção rectangular de cantos arredondados).

Nas pegas consideraram-se as seguintes medidas: *largura máxima; espessura máxima; comprimento máximo*. O acabamento da pega (parte distal) pode ser *redondo* ou *direito*. Quanto à morfologia as pegas podem ser: *horizontal simples; horizontal côncava*. Considerou-se também a *presença* ou *ausência* de perfurações e o tipo das perfurações: *longitudinal; transversal; dupla*. Como técnica de aplicação verificou-se a *colagem* e a *cravagem*.

Por último, nos mamilos retiraram-se as seguintes medidas: *largura máxima; espessura máxima; comprimento máximo*. As técnicas de aplicação identificadas são a *colagem*; a *cravagem* e o *repuxamento*. Os tipos morfológicos considerados são: *cónico; troncocónico; e hemisférico*. Atendeu-se também à *presença* e *ausência* de perfurações e, caso haja, o seu tipo: *longitudinal; transversal; dupla*.

#### 2.4.2.2.5 Os tipos de base

Como explicámos anteriormente (Luís, 2010, p. 36), optámos pela designação de base em detrimento de fundo, seguindo a diferenciação dos dois termos por Cruz e Correia (2007, p. 61 e 134), na qual base é a parte inferior exterior do recipiente, que assenta numa superfície e fundo corresponde à parte inferior interna do recipiente.

A medida retirada nas bases é o diâmetro exterior máximo. Quanto ao seu perfil distinguiram-se bases *côncavas, planas*, em *omphalos* e *pé de anel*.

Dentro das bases planas verificou-se alguma diversidade de acabamentos da ligação entre a base propriamente dita e a parede do recipiente. Criaram-se, assim, os seguintes subtipos: *em ângulo* (ligação mais ou menos “bicuda”); *aplanada* (ligação curva); *esbatida* (ligação situada entre a aplanada e a angulosa); *destacada* (ligação com um rebordo exterior de tamanho variável).

### **2.4.2.3 A decoração**

#### **2.4.2.3.1 Localização**

A decoração pode situar-se nas superfícies *externa* ou *interna*, ou ainda no *lábio*. Não considerámos a localização específica da decoração no recipiente como critério de análise devido ao estado de fragmentação dos recipientes, mas sempre que seja possível de determinar e que seja pertinente será referida ao longo do texto.

#### **2.4.2.3.2 Técnicas decorativas**

As técnicas decorativas consideradas/identificadas foram: *incisão* (acto de arrastamento de um instrumento ou matriz pela pasta); *impressão* (acto único de imprimir um instrumento ou matriz na pasta, isolado ou repetido); *boquique* (ou “puncionamento arrastado” – acto de arrastamento de um instrumento ou matriz pela pasta mas fazendo oscilar esse instrumento de modo a que fiquem negativos mais profundos que outros, sequenciais); *incisão penteada* (acto de arrastamento de uma matriz múltipla, um pente, pela pasta. Foi diferenciada da incisão simples pelo seu valor cronológico e cultural discutido adiante); *excisão* (acto de retirar pedaços de pasta de forma a construir os motivos pretendidos); *pintura*; e *plástica* (adição, por colagem normalmente, de pedaços de argila modelada, habitualmente sob a forma de cordão). Estas técnicas podem combinar-se entre si.

### 2.4.2.3.3 As tabelas de motivos decorativos

Foram construídas duas tabelas independentes de motivos decorativos, uma para o Calcolítico e outra para o Bronze Médio, atendendo às especificidades decorativas de cada um destes períodos. Na tabela de motivos Calcolíticos (Figura 3) utilizaram-se os mesmos critérios organizativos de M.J. Sanches sintetizados para o abrigo do Buraco da Pala (Mirandela – Sanches, 1997, vol. II, p. 97-100). Esta é uma tabela muito completa e contempla grande parte dos motivos identificados nos nossos conjuntos facilitando comparações dentro da mesma área regional. A tabela do Bronze Médio apresentada é, com ligeiras adaptações, a mesma que apresentámos para a Fraga dos Corvos (Luís, 2010) (Figura 4), na medida em que continua a ser o único sítio do Bronze Médio estudado na área regional considerada.

Tabela de motivos do Calcolítico ( Figura 3) (tal como na tabela de formas, a apresentação numérica não é sequencial por se ter mantido a estrutura original, mas reproduzindo-se apenas os motivos presentes nos nossos conjuntos):

- Organização I1 (tipo 1, subtipo 1) – padrão metopado. Alternância de faixas verticais decoradas e não decoradas. Variantes: I1f; I1g; I1h (incisão e impressão)

- Organização I3 – *“sequências de linhas incisadas horizontais, seguidas de linhas incisadas, quebradas ou curvilíneas, de modo a formar ziguezagues”*. Variantes: I3a; I3c; I3e (incisão e impressão)

- Organização II1 – Sequência horizontal. O motivo estruturante é o triângulo. variantes: II1a; II1b; II1d; II1e; II1f; II1g (Incisão, impressão, *boquique*)

- Organização III1 – *“faixa paralela ao bordo, obtida pela sequência aditiva horizontal de linhas incisadas”*. variantes: III1a; III1b; III1c; III1d; III1e; III1f

- Organização III2 - *“faixa paralela ao bordo, obtida pela sequência aditiva horizontal de punçamentos ou impressões”*. *“Grande variedade de punções e matrizes”*, por vezes com recurso ao *boquique*. Variantes: III2a; III2b; III2c; III2d (incisão e impressão).

- Organização V2 – Técnica exclusiva, incisão penteada; *“faixa formada por uma , duas ou três filas de linhas (...), rectas ou onduladas”*. Variantes: V2a; V2b; V2c; V2d

- Organização V3 – Técnica exclusiva, incisão penteada; *“ alternância de linhas penteadas rectilíneas paralelas ao bordo e (...) curvilíneas, com espaços sem decoração”*. Variantes: V3a; V3c; V3d; V3e

- Organização V5 - Técnica exclusiva, incisão penteada; *“similar a V3, porém em V5 a alternância não é expressa de modo tão regular”*. Variantes: V5b; V5c; V5e; V5f

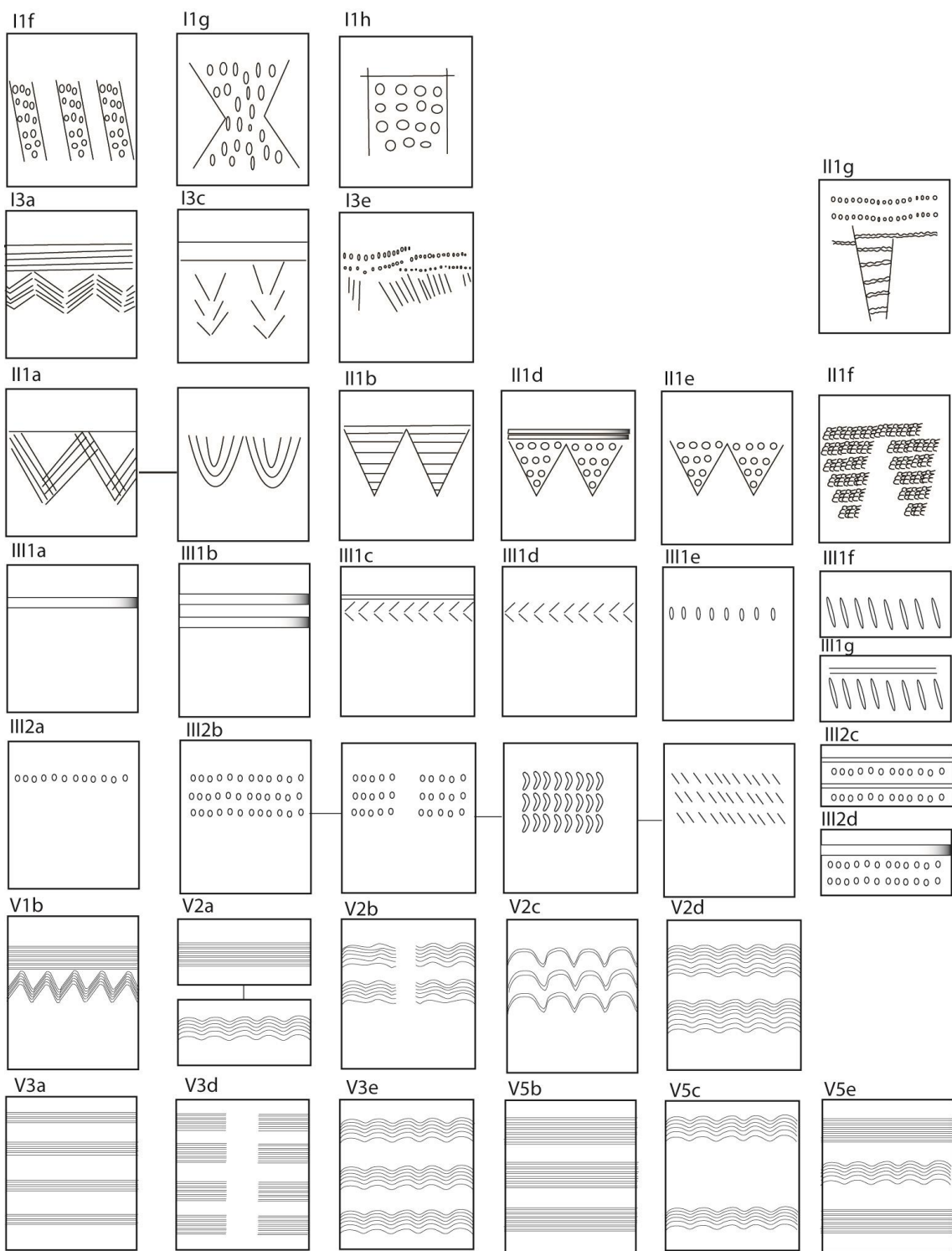
- Organização V10 - Técnica exclusiva, incisão penteada, faixa muito larga.

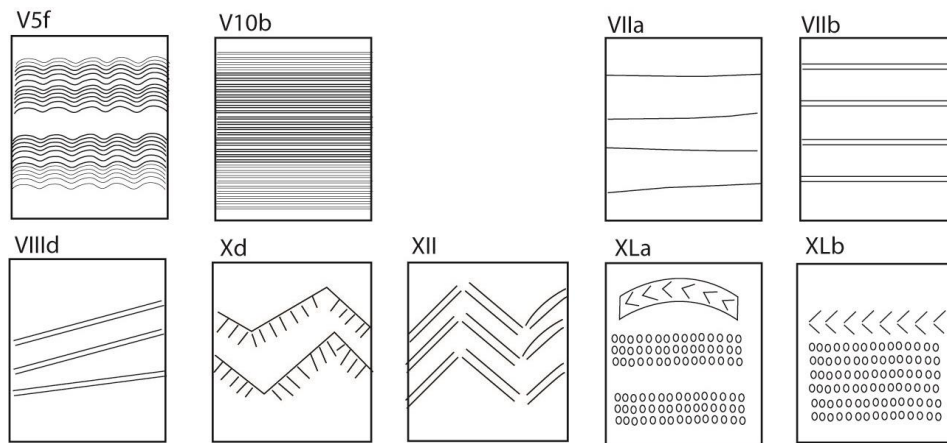
- Organização VII – Linhas incisas horizontais paralelas. Variantes: VIIa (linhas finas mas profundas); VIIb (linhas largas, caneluras).

- Organização X – Variante: Xd (provável *“banda incisa em ziguezague”* com pequenas incisões perpendiculares aos ziguezagues).

- Organização XII – Linhas incisas relativamente largas em ziguezague em sequência aditiva horizontal.

- Organização XL – Banda de impressões circulares associada a uma espiga incisa. Variantes: XLa (a espiga está no lábio; uma banda de círculos abaixo do bordo e outra sobre a carena); XLb (espiga acima de uma banda mais larga de impressões).





**Figura 3 - Tabela de organizações decorativas do Calcolítico**

Tabela de motivos do Bronze Médio:

Motivos simples (Figura 4):

- S1 – Espiga (cordão plástico com incisão ou impressão)
- S2 - Banda de duas linhas paralelas de espigas (incisão)
- S3 - Linha formada por uma espiga horizontal, pouco definida (Incisão)
- S4 - Banda de duas linhas paralelas de espigas (impressão)
- S5 - Banda de espigas horizontais incisas de pequeno tamanho (Incisão)
- S6 - Banda de filas de espigas verticais impressas (incisão)
- S7 - Banda de retícula (incisão)
- S8 - Linhas paralelas, espaçadas entre si (impressão)
- S9 - Linhas paralelas impressas a pente (8 pontos em cada linha)
- S10 - Linhas oblíquas (impressão)
- S11 - Caneluras e linhas finas paralelas (incisão)
- S12 – Uma cruz (X) acima de três linhas paralelas (incisão)
- S13 - Linhas divergentes (ornatos brunidos)

S14 – Pequenas marcas (incisão)

S15 - Pequena linha curva (“boquique”)

S16 - Sequência de digitações sobre o lábio (impressão)

S17 – Marca (ou sequências de) sobre o lábio (impressão)

S18 - Sequência de marcas sobre a carena ou cordão plástico (impressão)

S19 – Linhas quebradas (impressão)

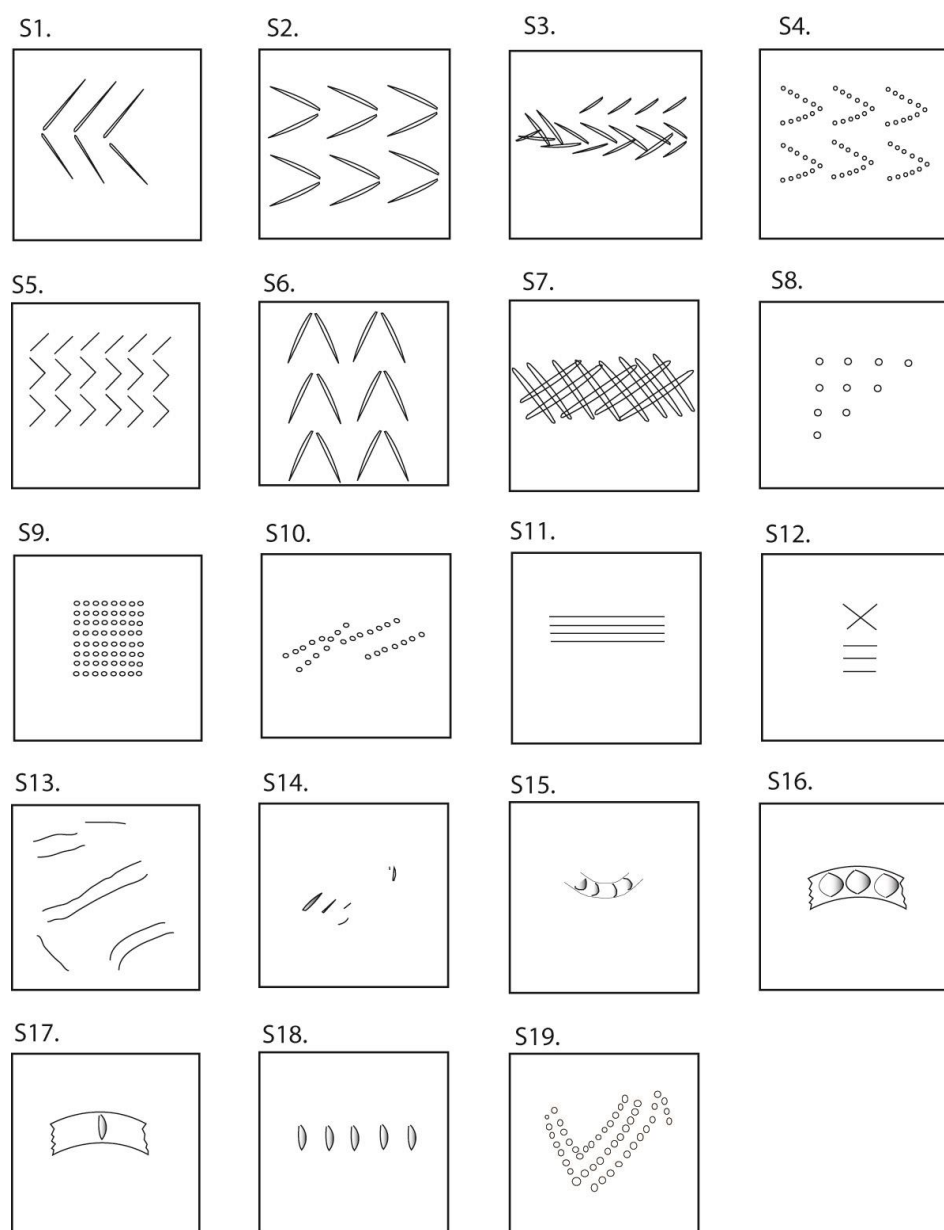


Figura 4 - Tabela de motivos simples, do Bronze Médio

Motivos compostos (Figura 5):

C20 – a) Face externa do recipiente. Métopa definida por impressão, preenchida com linhas paralelas abaixo de espigas, ambas a impressão. Abaixo da métopa, sobre a carena, sequência horizontal de linhas incisadas cruzadas. b) Face interna do recipiente. Métopa definida por impressão, preenchida com duas linhas paralelas de espigas impressas a punção lateral.

C21 – a) Sobre o lábio. Espiga incisada. b) Face externa, sob o bordo. Espiga incisada.

C22 – a) Face externa sob o bordo. Três linhas horizontais de espiga incisada. b) Face interna. Mistura de espiga dupla com retícula, pouco organizada. Incisão.

C23 – a) Sobre o lábio. Sequência de linhas cruzadas (X), incisadas. b) Face interna. Sequência de quatro filas de espigas incisadas horizontais, delimitada por uma métopa impressa a pontilhado. Ao lado da métopa, uma fila de V's invertidos, incisados. c) Face externa, sob o bordo. Banda horizontal de linhas cruzadas incisadas.

C24 – Face externa. Banda de métopa limitada por linha impressa a pente. Bandas de linhas verticais a pente, bandas de zigzag a pente e bandas a punção lateral em espiga

C25 – a) Face externa. Pequenas linhas oblíquas curtas incisadas acima de espigas impressas a pontilhado. b) Face interna. Linhas incisadas oblíquas, paralelas, formando uma espécie de espiga.

C26 – Face externa. Parte de métopa delimitada por pontilhado, preenchida por uma espécie de espiga incisada.

C27 – Face externa. Linha horizontal com duas linhas pequenas oblíquas, ambas impressas a pontilhado e duas pequenas incisões oblíquas.

C28 – a) Face externa, sob o bordo. Espiga. b) Sobre o lábio. Sequência de ungulações.

C29 – a) Face externa, sob o bordo. Canelura larga excisa sobre linha de excisões em zigzague b) Sobre o lábio. Pequenos pontos excisos.

C30 – a) Face externa, sob o bordo. Banda de retícula incisa. b) Sobre o lábio. Sequência de incisões.

C31 – a) Face externa, sob o bordo. Banda de impressões a punção lateral cruzadas. b) Sobre o lábio, Sequência de incisões.

C32 – Face externa, sobre a carena. Banda de incisões cruzadas abaixo de pontos oblíquos impressos a pente.

C33 – a) Face externa, sob o bordo. Espiga incisa. b) Face interna, sob o bordo. Espiga incisa. c) Sobre o lábio. Espiga incisa.

C34 – a) Face externa. Possível parte de espiga incisa. b) Face interna. Espiga incisa.

C35 – a) Sobre o lábio, sequência de impressões b) Face externa. Banda horizontal incisa, composta por duas linhas paralelas, no meio das quais estão várias linhas oblíquas.

C36 – Linha de impressões circulares acima de linha a *boquique*.

C37 – a) Sobre o lábio, sequência de impressões b) Face externa. Linhas excisas.

C38 – Face externa. Pequenas linhas incisas abaixo do bordo, acima de uma espiga incisa.

C39 – Face externa. Linhas incisas largas, oblíquas.

C40 – Face externa. Bandas de sequências de espigas incisas, distribuídas pelo corpo do recipiente.

C41 – a) Sobre o lábio. Duas filas de pontos impressos b) Face externa. Duas linhas de pontos impressos abaixo do bordo.

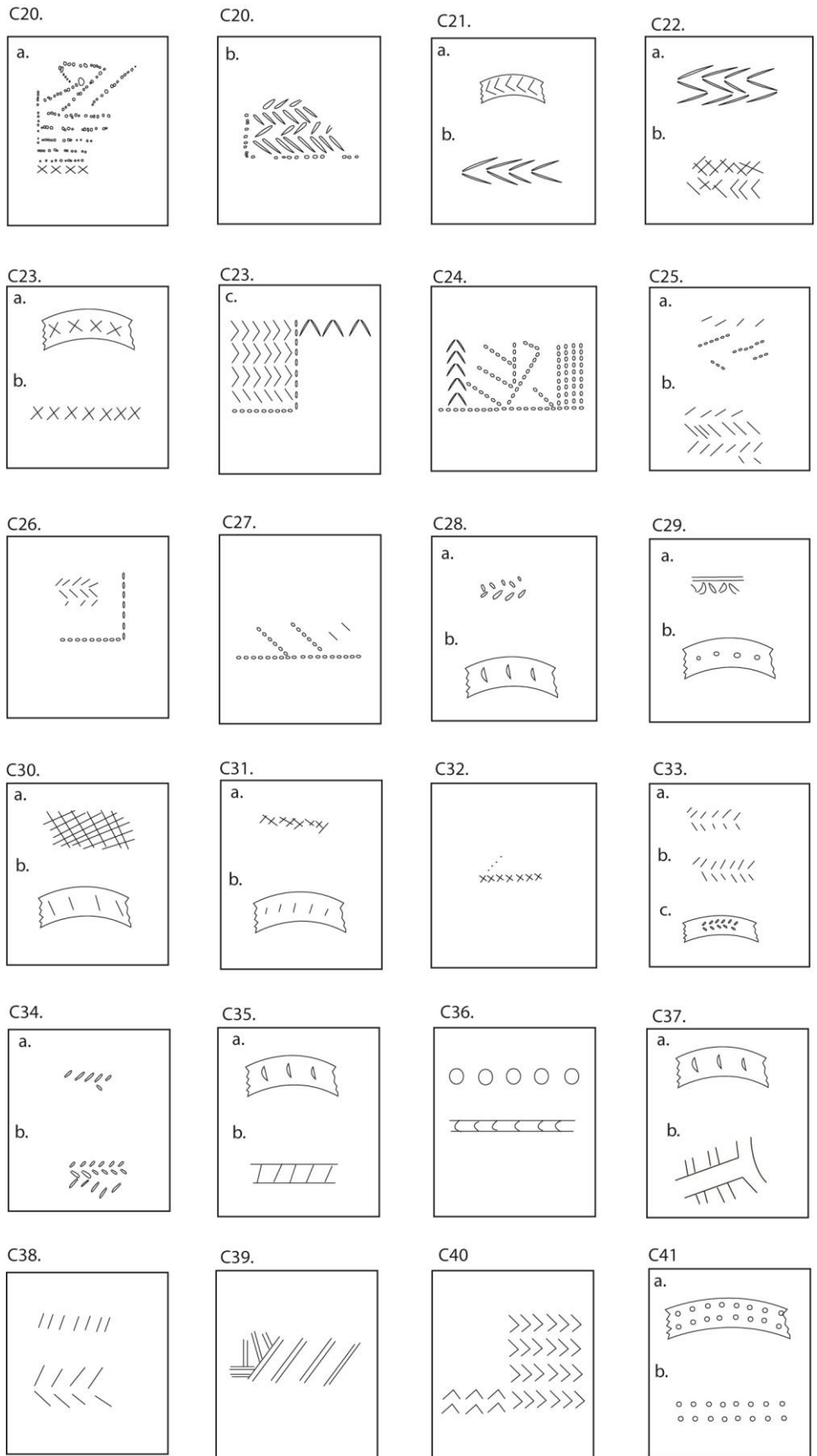


Figura 5 - Tabela de motivos compostos, do Bronze Médio

### **2.4.3 Outros elementos cerâmicos**

Não sendo o objectivo principal do nosso trabalho, sintetizaram-se alguns outros elementos cerâmicos presentes nos sítios arqueológicos considerados, sobretudo no caso do Bronze Médio, que não se encontravam sistematizados.

#### **2.4.3.1 Colheres**

Utilizámos critérios semelhantes aos de C. Costeira (no prelo). As medidas consideradas foram: *comprimento máximo; comprimento da concha; largura da concha; altura da concha; comprimento da pega; largura da pega; espessura da pega*. Para o perfil da pega considerámos: *rectangular; redonda; outra*.

#### **2.4.3.2 Cerâmica de construção**

Esta categoria é vulgarmente designada como “barro de cabana” ou “barro cozido”. Trata-se de argila modelada, normalmente seca ao sol, utilizada, genericamente, para cobrir as paredes das estruturas habitacionais, compostas por postes de madeira fincados na terra e ligados por entrançados vegetais; para superfícies de lareira, ou outras utilizações que hoje nos escapam. Em alguns casos é possível verificar superfícies alisadas, as que estariam do lado exterior, e noutros ainda se preservam os negativos desses entrançados de matriz vegetal.

Apenas foi analisado em detalhe o conjunto do sítio da Fraga dos Corvos (Sector A) por ser proveniente de uma escavação por nós co-dirigida e dispormos de todo o material e toda a informação estratigráfica. Por outro lado, em termos de quantidade, é dos mais representativos. Sublinhamos, portanto, a necessidade de estudos direccionados para este tipo de material arqueológico, relacionando com as técnicas construtivas (à semelhança do que foi feito para o sudoeste, no trabalho de Carla Bruno, 2010).

Os critérios descritivos utilizados foram: *quantidade por nível estratigráfico; tamanho médio; peso por nível estratigráfico; marcas em negativo; estado de conservação.*

**[A paisagem**

*Com os primeiros alvares da manhã os montes inundam-se com uma luz translúcida, quase irreal, misteriosa. O lusco-fusco dissipa-se e os montes desenham-se eriçados à contraluz de um céu que, pouco a pouco, começa a revelar-se em toda a sua profundidade azul. Na encosta do monte fronteiro, o olivedo vai pintalgando a terra ferrosa recentemente charruada. Das fragas encrustadas na terra-mãe como diamantes, humildes e altaneiras, fortes e impotentes levanta-se em voo pesaroso um par de águias-reais. A brisa, que de repente acordou, retesa-nos os sentidos. O cheiro áspero da giesta inunda-nos e uma íntima comunhão com a natureza percorre-nos o ser. As amendoeiras, agora floridas, incapazes de suster as pétalas que esvoaçam à nossa volta, revelam-nos, sapientemente, a fugacidade do tempo. As aldeias vão cedendo à vida, o fumo das fogueiras acesas traz-nos sabores já esquecidos. Bebo as palavras do poeta. “Ó montes!, que transfundistes em mim a tua alma sem me pedires autorização.”]*

António Sá Gué, Quadros da Transmontaneidade

### 3. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

#### **3.1 Notas prévias**

Um ensaio detalhado das características geográficas de Trás-os-Montes já foi elaborado por Francisco Sande Lemos (1993) na sua tese de Doutoramento e por M. Jesus Sanches que realizou vários estudos sobre este espaço focando-se em duas áreas principais – o Planalto Mirandês (1992) e a Bacia de Mirandela e Serra de Passos/Santa Comba (1997).

Procuramos assim apenas resumir as principais características e salientar aquelas que mais influenciam ou condicionam as comunidades humanas, destacando as que se mantêm constantes ao longo do tempo. Far-se-á igualmente uma breve referência aos tipos e usos dos solos, mas com as devidas reservas, na medida em este é um dos aspectos físicos que poderá variar ao longo do tempo – sobretudo devido à sua utilização pelo homem. O clima será também mencionado, recorrendo aos poucos estudos de evolução climática disponíveis para as áreas regionais mais próximas da nossa área de estudo, pois escasseiam estudos específicos em Trás-os-Montes.

No que diz respeito à vegetação e à flora, esta será exclusivamente caracterizada de acordo com a informação disponível para tempos pré-históricos (vestígios antracológicos, polínicos e faunísticos recuperados em sítios arqueológicos ou em áreas de preservação natural), por considerarmos que estes serão os elementos que mais terão sofrido alterações no tempo – por mudanças climáticas e acção humana.

#### **3.2 Trás-os-Montes Oriental**

A definição de uma área de estudo não se apresenta como uma tarefa fácil. Vários são os factores a ponderar. É necessário que se procure conciliar um território genericamente homogéneo, quer em termos geográficos, quer em termos históricos, um território no qual cremos existirem alguns dados para a discussão/resolução do problema a que nos propomos tratar e ainda um território com dimensão em área e em volume de dados que consigamos processar no tempo disponível, ou seja, a

escolha do território é, em si, a primeira e mais importante tarefa num projecto de investigação em arqueologia.

Se, em muitos casos, esta tarefa se encontra facilitada por várias circunstâncias – contratualização do investigador para uma área pré-definida, continuidade de trabalhos já previamente realizados; estudos de fenómenos arqueológicos e históricos com clara expressão territorial etc.- em muitos outros, uma parte substancial do início do projecto é dedicada a reflectir sobre o território a considerar.

Acresce, ainda, que a escolha de um território, quando guiada por factores geográficos, é dificultada pela própria bibliografia. As descrições e a cartografia disponíveis são muitas vezes complexas, exigindo um processo de compreensão da linguagem científica das várias ciências que contribuem para a caracterização geográfica. Ou, por outro lado, quando se trata de informação simplificada ou de divulgação, tende a ser generalista não fornecendo o detalhe necessário às nossas questões.

Existe, ainda, o problema da disparidade da quantidade e qualidade da informação disponível para as várias áreas do país.

A escolha do espaço territorial deste trabalho foi, por estes motivos, questão que motivou várias reflexões e processos sucessivos de escolhas, nem sempre apoiadas, como inicialmente se tencionara, por sólidas evidências físicas e geográficas. E, à medida que o trabalho foi sendo desenvolvido, novos ajustes tiveram de ser realizados, sobretudo face à quantidade e qualidade dos próprios dados arqueológicos.

A selecção do território depende, quase sempre, de dois factores essenciais – geográficos e históricos/logísticos. Históricos pois delimitamos a área de estudo a Norte e a Leste pela fronteira portuguesa, portanto uma construção humana e histórica, que não terá qualquer significado para o estudo das comunidades pré-históricas. Limitar o território pela fronteira com Espanha prende-se, essencialmente, com questões logísticas da própria investigação. Ou seja, a escolha também inclui critérios artificiais e arbitrários, relacionados com as condicionantes do próprio investigador. Procura-se, assim, um equilíbrio entre o que é possível estudar (relacionado com limites administrativos, e outras vicissitudes da investigação) e uma certa homogeneidade territorial que confira uma certa unidade aos dados. Parte-se do

princípio, assim, que o território é um elemento activo dentro das escolhas e estratégias das comunidades humanas, e não simplesmente um palco de actuação.

Trás-os-Montes Oriental é uma região natural com limites muito claros – *“território a leste da corda montanhosa formada pelas serras da Brunheira, Padrela, Falperra e planalto de Alijó, acidente geográfico bem marcado, que constitui limite natural muito claro”* (Lemos, 1993, p. 98), incluindo, portanto, o distrito de Bragança e a parte leste do distrito de Vila Real.

No entanto, esta é uma área territorial extremamente extensa para um trabalho desta natureza. E atendendo à própria diversidade dentro deste território, optamos por escolher uma área mais circunscrita. Seguindo o critério geográfico, novamente, seleccionámos um conjunto de regiões naturais dentro de Trás-os-Montes oriental, que compõem a sua faixa mais oriental, sobretudo que tornassem o trabalho exequível ao nível do volume de dados. São elas, Bragança, Miranda-Mogadouro, Bornes-Sabor, e Douro Superior (o que equivale, genericamente, ao actual distrito de Bragança – excepto o concelho de Carrazeda de Ansiães e parte do de Vinhais).

#### *Geomorfologia e litologia*

Trás-os-Montes Oriental insere-se no Maciço Hespérico da Península Ibérica; e na unidade geológica Galiza Média/Trás-os-Montes (Lemos, 1993, p. 87) (Anexos – Figura 2). Apresenta uma diversidade morfológica, uma *“alternância de montanhas e planaltos que delimitam, ora depressões, ora vales extremamente encaixados, normalmente cortados por cursos de água”* (Sanches, 1996, p. 5). Destacam-se aqui os Maciços de Bragança e Morais, em forma de elipse, sendo *“bastante revelador dos movimentos orogénicos hercínicos, que provocaram o cavalgamento de formações mais antigas sobre as formações da unidade Centro Ibérica e da Galiza Oriental”* (Lemos, 1993, p. 87). O que resulta no domínio de rochas metamórficas na zona central do Nordeste e de formações graníticas na sua periferia. E, *“em consequência dos movimentos orogénicos hercínicos, post-hercínicos e recentes, Trás-os-Montes é um espaço de elevada altitude média, composto por montanhas, planaltos e depressões, um mosaico de fragmentos de uma antiga planície, já marcada pela tectónica anterior”* (Idem, p. 88), onde rios e ribeiras correm encaixados em vales profundos.

Em termos de litologia dominam as formações xistosas e de xistos/quartzitos. Existem manchas graníticas sobretudo na zona sul do território. Surgem também algumas formações de gneisses, anfibolites, peridotitos e serpentinos, ou ainda algumas faixas de calcário, dentro do complexo xisto-grauváquico; depósitos de mármore e alabastros; afloramentos de talco associados a peridotitos e serpentinitos na Terra Fria; manchas de granito em várias zonas; e formações argilosas em planaltos ou fundo das depressões tectónicas.

#### *Capacidade de Uso dos Solos*

Regista-se uma variedade de tipos de solos, a maioria pouco produtivos e muitos com necessidade de intervenção humana (queimadas, adubagem, drenagem etc). O relevo alternado entre montanha e planalto impede a formação de extensos solos agricultáveis; muitos terrenos são de vertente, pouco espessos com vários afloramentos de pedra. Existem poucas manchas de solos de classe A (boa capacidade agrícola), dominando os de classe D (utilização não agrícola-florestal; limitações moderadas) (Anexos – Figura 3). Mas, como refere Sande Lemos, a escala da Carta de Capacidade de Uso do Solo é redutora, existindo pequenas manchas com grande variedade de solos junto às ribeiras e encostas que *“suportam uma agricultura tradicional, mais produtiva do que aparenta”* (Lemos, 1993, p. 97). No entanto a utilização destes solos depende muito do investimento humano, *“em anos de prolongada estiagem, os solos antropogénicos podem secar, e a sua recuperação demorar anos. Por outro lado, os anos excessivamente húmidos são igualmente prejudiciais, o mesmo sucedendo em relação às chamadas ‘trovoadas’, chuvas torrenciais, normalmente de Primavera ou Outono, que podem destruir em poucas horas o trabalho de uma geração...”* (Idem).

#### *Clima*

Este é marcado pela continentalidade. A barreira formada pelas serras do Gerês, Cabreira, Alvão e Marão, dificulta a passagem das características atlânticas, resultando em temperaturas mais contrastadas de inverno e de verão (Anexos – Figura 4), e em menores valores de pluviosidade média anual. Existe igualmente uma faixa de

confluência entre os ecossistemas mediterrânico e atlântico, dualidade que dá origem às conhecidas designações Terra Quente e Terra Fria. (*Idem*, p. 91).

### *Hidrografia*

Como é observável no mapa retirado do Atlas do Ambiente (Anexos – Figura 5), Trás-os-Montes Oriental apresenta uma rede hidrográfica relativamente extensa, enquadrada na bacia hidrográfica do Rio Douro. Este rio apresenta-se como *“um vale apertado, de perfil em V agudo, um declive considerável e irregular, uma corrente violenta e selvagem imprimem ao Douro um carácter de rio de montanha que contrasta flagrantemente com a paisagem regular e monótona dos planaltos”* (Taborda, 1932, p. 50). Os seus afluentes apresentam também vales estreitos e profundos em V agudo, excepto o Sabor, cujo curso terminal tem um vale relativamente largo (*Idem*). Excepto o Douro, os principais rios estão orientados norte/sul.

Na Terra Fria encontram-se três bacias hidrográficas, Sabor, Rabaçal e Tuela, que apresentam caudais significativos, engrossados com as águas provenientes das Serras da Coroa, Montesinho e Nogueira. Nesta área a capacidade de retenção de água é elevada, *“suportando com relativa facilidade os anos em que as estiagens são mais duras e prolongadas”* (Lemos, 1993, p. 105).

Na Terra Quente, o território é drenado por duas bacias, dos rios Tua e Sabor, *“separadas entre si pelas cumeadas das serras de Nogueira, Bornes e planalto de Ansiães”*. Na bacia do Sabor, o rio corre encaixado, não constituindo um vale; tem vários pequenos afluentes, como a Ribeira da Vilariça, a ribeira de Zacarias, e a de Estevais, que apresentam um caudal irregular, podendo secar nas épocas mais secas e prolongadas (Lemos, 1993, p. 121).

O regime de chuvas é influenciado pela posição geográfica, *“a distância, a altitude e a exposição regulam por toda a parte a pluviosidade. As regiões mais altas, expostas mais directamente aos ventos dos quadrantes ocidentais, correspondem maiores precipitações, aos vales e depressões, mínimos pluviométricos”* (Taborda, 1932, p. 74).

A Terra Quente / Terra de Transição é marcada pela sua secura, já que a barreira montanhosa orográfica do território ocidental –

Gerês/Barroso/Alvão/Marão/Montemuro - e a orientação norte/sul dos cursos de água principais (e mesmo da maioria da rede secundária), tem influência indirecta no regime pluviométrico (Sanches, 1996, p. 5).

Como dito acima, pela elevada extensão territorial (e de volume de dados), foi necessário seleccionar uma mais pequena porção de terreno que tornasse este trabalho exequível no limite de tempo disponível e também atendendo a condicionantes logísticas. Assim, procurou-se fazer um corte que, por um lado, fornecesse uma determinada lógica geográfica e, por outro, que fornecesse uma amostra representativa das realidades transmontanas (e que não repetisse informação já estudada e publicada por outros investigadores).

Procurámos assim divisões geográficas de Trás-os-Montes Oriental, o que também não se afigurou tarefa simples, fazendo com que, no final, a escolha do espaço padeça de uma certa parte de ambiguidade e arbitrarismo – condicionados, como é óbvio, pelas preferências e condicionantes do próprio autor.

Das várias propostas que encontrámos, optámos pelas apresentadas pela equipa de Agroconsultores e Coba, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (1991), que reconheceram 13 áreas naturais em Trás-os-Montes e Beira Transmontana de acordo com critérios geomorfológicos, climáticos, vegetação (actual) e uso actual dos solos. Escolhemos assim a faixa norte/sul mais oriental.

Estas apresentam, por um lado, diferenças significativas entre si, sobretudo ao nível do relevo e da disponibilidade hídrica (diferenças norte/sul, genericamente) mas também semelhanças, nomeadamente no substrato rochoso (grande maioria de xistos de diversos tipos e idades, algumas pequenas manchas graníticas) e do clima, de feição sub-continental.

### **3.3 Sub-regiões naturais**

#### *Bragança*

Fazendo parte da Meseta Ibérica, a região de Bragança apresenta-se como uma “*vasta superfície planáltica*”, com cotas médias entre os 750 e 900m que se pode

subdividir em três sub-regiões (Sub-região oriental; Sub-região ocidental e sub-região montanhosa) de acordo com o seu relevo. Em termos litológicos, predominam os xistos frequentemente metamorfisados e quartzitos do Silúrico e do Ordovícico; mas também estão presentes xistos verdes, rochas metabásicas, metaperidotitos, paragneisses, migmatitos, granitos em diversas manchas. O clima é maioritariamente subcontinental, *“em grande parte pertencente à Terra Fria de Planalto e os relevos montanhosos à Terra Fria de Montanha e de Alta Montanha, enquanto que os vales profundos se englobam na Terra de Transição”*. A vegetação actual engloba carvalhais de *Quercus pirenaica* nas zonas de serra; castanheiros na sub-região ocidental; alguns povoamentos de pinheiros, videiros; matos de urzes, carqueja, sargaço, torga, roseiras bravas e giestas. Na zona mais a leste acrescenta-se a azinheira, rosmaninho e esteva. (*Idem*, p. 30-31)

#### *Miranda-Mogadouro*

Igualmente parte constituinte da Meseta Ibérica, esta região constitui uma superfície planáltica perfeita, com cotas médias situadas entre os 750 e os 850m (com excepção dos vales dos rios, que normalmente apresentam cotas bastante inferiores). A sua litologia assenta sobretudo em xistos metamorfisados do Complexo Xisto-Grauváquico e do Silúrico, mas também granitos, granodioritos e gnaisses, ou ainda cristas de quartzitos do Ordovícico e Silúrico e anfibolitos. O clima é subcontinental *“englobando-se em grande parte na Terra Fria de Planalto enquanto que os vales encaixados e as áreas de cota inferior a 700m são já Terra de Transição”* (*Idem*, p. 33). No que diz respeito à vegetação, domina a azinheira e o carvalho-negral, mas também zimbreiros, carvalho cerquinhos; matos de rosmaninho, tomilho entre outros arbustos.

#### *Bornes-Sabor*

Trata-se de um subplanalto de transição da Terra Fria para a Terra Quente, que apresenta um relevo ondulado bastante expressivo. A Serra de Bornes *“destaca-se do todo regional como acidente orográfico, notável, caracterizando-se pelos seus aspectos mesológicos específicos e, daí, a sua individualização como sub-região de Bornes”* (*Idem*, p. 33). Nesta região inclui-se, em termos litológicos, o Maciço de Morais, no qual dominam os xistos verdes, micaxistos, gnaisses, paragneisses, xistos anfibólicos e

anfíbolitos e ainda xistos metamorfisados e xistos quartzíticos. O clima insere-se na região subcontinental, com características da Terra de Transição. As zonas baixas inserem-se na Terra Quente e a serra de Bornes na Terra Fria de Montanha. Também nesta região predominam os carvalhos (negral e cerquinho) e as azinheiras, estando igualmente bem representados os sobreiros, os zimbros e matos de vários tipos de arbustos (esteva, rosmaninho, tomilho, trovisto, urze e carqueja).

#### *Douro Superior*

Esta região é constituída por um conjunto de plataformas a altitudes médias de 400/500m. A sua litologia é essencialmente composta por xistos metamorfisados do Complexo Xisto-Grauváquico; xistos e quartzitos do Ordovício (sub-região Moncorvo-Freixo); xistos metamorfisados do Silúrico (bacia da ribeira de Zacarias); manchas de granitos em vários locais. O clima insere-se igualmente na região subcontinental, sendo a maioria deste território pertencente à Terra Quente, ainda que nas zonas de altitude se verifique Terra de Transição e Terra Fria de Planalto. A vegetação aqui é dominada pela azinheira, o zimbro e o carvalho cerquinho; mas estão também presentes o sobreiro, o zambujeiro e o lodão bastardo e matos com arbustos mediterrânicos como o rosmaninho, a cornalheira, o trovisco, o tomilho etc. (*Idem*, p. 37-38)

### **3.4 Notas sobre recursos disponíveis**

Na região existem vários depósitos minerais com empregabilidade actual em várias indústrias, nomeadamente a de materiais de construção, sendo que, alguns deles foram igualmente explorados em tempos pré-históricos. Em primeiro lugar, porque mais abundantes, o xisto e o granito que foram explorados enquanto material de construção e também como matéria-prima para artefactos. As argilas são igualmente abundantes e também bastante diversificadas, sendo que hoje os principais barreiros da região estão a ser explorados, como os de Sendim e os de Mogadouro (Ramos *et alli*, 2005).

Recursos mais raros são igualmente conhecidos e explorados, como o talco. Trata-se de um mineral filossilicato, de baixa dureza, que pode ser facilmente polido e

perfurado. É abundante na região de Bragança-Vinhais (jazida de Sete Fontes) e na de Macedo de Cavaleiros (jazidas de Salselas, Vale da Porca, Prado, Talhas, Talhinhas), sendo os exemplos hoje mais conhecidos. (Noronha *et alli*, 2005)

Existem ainda, algumas fontes de águas minerais, nomeadamente acompanhando dois alinhamentos de fracturas geológicas (Régua-Verin e Vilarica), com águas bicarbonatadas sódicas gasocarbónicas e algumas águas sulfúreas nas zonas de contacto entre o xisto e o granito, por exemplo as águas Bem Saúde (Sampaio, Vila Flor), hoje exploradas pela Compal-Frize. (Noronha, F. *et alli*, 2005)

Outras fontes conhecidas e usadas pelas populações locais para beber e algumas para fins medicinais: Rabo de Burro (Alfândega da Fé); Fontes Santa de Valverde (Alfândega da Fé); Vilar de Baixo (Vilares da Vilarica, Alfândega da Fé); Sacóias (Baçal, Bragança); Milhão (Bragança); Montesinho (Bragança); Seixo (Carrazeda de Ansiães) – esta indicada para doenças reumáticas; Burga/Fonte Detrás da Igreja (Burga, Macedo de Cavaleiros); Fonte Santa ou do Aranganho/Fonte Oleosa (Carrapatas, Macedo de Cavaleiros) – esta indicada para os “males de pele”; etc.<sup>2</sup>

### **3.5 Paleopaisagem – algumas notas**

Reservámos, para este subcapítulo, as questões relacionadas com a vegetação, a fauna e a evolução climática por serem os vectores que terão sofrido maior variabilidade e transformação com a passagem do tempo e com os milénios de ocupação e modificação humana. Se muitos estudos existem sobre a paisagem actual (ou até para alguns períodos históricos recentes) não sentimos grande utilidade em reproduzi-los ou sintetizá-los aqui por poderem fornecer um quadro desfasado e, até, enganador.

Também as características dos solos terão variado ao longo do tempo e certamente se terão transformado devido, por exemplo, a actividades agrícolas mais ou menos intensas, a processos de erosão, a alterações climáticas, mas, à falta de dados que pudessem fornecer pistas concretas sobre a capacidade e uso dos solos no passado pré-histórico optamos por apresentar acima alguns pressupostos genéricos,

---

<sup>2</sup> [http://www.aguas.ics.ul.pt/braganca\\_outras.html](http://www.aguas.ics.ul.pt/braganca_outras.html) visto em Março 2014

que, confiamos, mas sem certezas claro, se terão mantido, nomeadamente as consequências directas de um relevo acentuado.

Uma plena caracterização das paisagens pré-históricas de Trás-os-Montes, concretamente na sua parte oriental, está ainda bem longe de ser conseguida, sobretudo pela falta de estudos direccionados. Além de terem sido escassas as escavações realizadas, são ainda menores as preocupações de recolha de elementos que possam contribuir para esta discussão como a correcta recuperação de carvões e pólen nos trabalhos de campo e, subsequentemente, a sua análise laboratorial. Mais acresce a escassez e fragilidade das faunas recuperadas na maioria dos sítios.

Existe alguma informação sobre a vegetação pré-histórica do Planalto Miranda-Mogadouro devido ao trabalho de recolha e análise de carvões de alguns sítios arqueológicos escavados nessa região, para os períodos cronológicos do Neolítico e Calcolítico (sítios de Mamoá 2 de Pena do Mocho em Sanhoane; povoados do Cunho e Barrocal Alto em Mogadouro) (Figueiral e Sanches, 1998-1999). Este constitui o estudo mais completo que conhecemos para a nossa área de estudo, constando contudo apenas uma das regiões naturais consideradas.

Foram identificadas as seguintes espécies: Medronheiro (*Arbutus unedo*); Trovisco (*Daphne gnidium*); Urze branca (*Erica arborea*); Urze (*Erica* sp.); Freixo (*Fraxinus* cf. *excelsior*); Zimbro (*Juniperus* sp.); Leguminosas (Leguminosae); Zabujeiro/Oliveira (*Olea europea*); Pinheiro Bravo (*Pinus pinaster*); Pinheiro Manso (*Pinus* cf. *pineae*); *Pinus pinaster/pineae*; Pinheiro Silvestre (*Pinus sylvestris*); Pinheiro (*Pinus* sp.); *Quercus* – folha caduca; *Quercus* – folha persistente; Sobreiro (*Quercus suber*); *Quercus* sp.; Rosácia (*Rosaceae Pomoidea*).

Estão assim presentes elementos característicos da vegetação atlântica e mediterrânea, “representando os dois biótipos fundamentais desta zona do nordeste transmontano, “Terra Fria” (montanha, planalto) e “Terra Quente” (vales e zonas baixas)” (*Idem*, p. 74). No primeiro caso, as influências atlânticas, destaca-se o Pinheiro silvestre, que “representa muito provavelmente os últimos vestígios da vegetação que caracteriza a região nos períodos mais recuados do Pleniglacial” (*Idem*); o pinheiro bravo que provavelmente cresceria junto às encostas “mais directamente expostas aos ventos do atlântico e que crescesse em associação com o Carvalho ou com o Sobreiro”

(*Idem*); e ainda o Freixo, espécie mesofítica presente nas zonas de vale e margens de cursos de água. Por outro lado, os elementos mediterrânicos estão representados pelo Sobreiro, o Zimbro e o Medronheiro, bem como os vários tipos de *Quercus*, que não foi possível especificar. As autoras realçam ainda a presença de espécies habitualmente encontradas em terrenos incultos como as Urzes, as Leguminosas e o Trovisco (*Idem*, p. 76).

As faunas recuperadas neste território são escassas devido à também escassez de sítios escavados e à acidez da maioria dos solos. A maior parte encontra-se muito fragmentada, impedindo na maioria das vezes a determinação da espécie ou a obtenção de outras informações como a idade de abate, deformações físicas, doenças etc. No sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) – para as fases do Bronze Médio e do Bronze Final/Idade do Ferro - identificaram-se as seguintes espécies: ovi-caprinos; bóvidos; alguns suídeos (provavelmente o javali) e alguns animais de caça, como os cervídeos (Luís, Reprezas e Senna-Martinez, 2012).

### **3.6 Breves reflexões não finais**

A forma como o território se relaciona com as comunidades pré-históricas é, em si, trabalho suficiente para vários projectos de investigação, de preferência, transdisciplinares. Não temos a pretensão, nem foi esse objectivo inicial, de fazer uma abordagem de cariz territorial às comunidades do III/II<sup>o</sup> milénios a.C., embora a forma como o espaço foi utilizado e vivido por estas comunidades seja muito interessante até do ponto de vista da mudança social, tema preferencial neste trabalho. No entanto, opções tiveram que ser tomadas e não dispúnhamos, de todo, de dados nem preparação para o fazer.

Deixámos aqui apenas algumas notas, de síntese, por um lado, e finalizamos com questões, por outro. Em primeiro lugar, destacamos o relevo natural e o impacto que este poderá ter tido nas comunidades pré-históricas. Existe um relevo acidentado, uma alternância de montanhas, planaltos e vales, que dificultam a circulação e, nas zonas baixas criam uma ilusão de isolamento (falsa ou verdadeira?); para ver/controlar o território envolvente é preciso subir e superar os obstáculos naturais. Até que ponto esta condição natural foi, de facto, condicionante? De que maneira a densidade populacional é relacionável com as condições territoriais naturais? De que forma as

dificuldades de transitabilidade influenciaram as comunicações a média e longa distância? Ou, vendo para dentro, há uma relação entre o terreno acidentado e o ponderável grau de conservadorismo ou de desenvolvimento de tradições próprias das populações locais?

De que forma a escassez de extensas áreas de cultivo férteis e fáceis de trabalhar, condicionou o desenvolvimento interno dessas mesmas comunidades?

De que forma os invernos duros e longos e os verões curtos e também eles duros influenciaram o modo de vida das populações?

São questões em aberto.

## 4. O CALCOLÍTICO

### 4.1 Estado da arte – o Calcolítico em Trás-os-Montes Oriental

Se para outras áreas regionais peninsulares, nomeadamente o sudoeste, a informação disponível para este período e as interpretações sobre essa informação se multiplicam e fomentam acesos debates científicos, muitos de escala europeia, o mesmo não acontece, de forma alguma, para a área que escolhemos. De facto, apesar dos dados recolhidos não serem muito escassos, sobretudo quando comparados com os períodos subsequentes, não se tem assistido a um grande desenvolvimento da investigação. Assinalamos dois momentos chave de trabalho que fornecem, nesta área concreta, a grande maioria dos dados disponíveis. O primeiro deles é o projecto de investigação no Planalto Mirandês, dirigido por Maria de Jesus Sanches, nos finais da década de 1980/inícios da de 1990, dirigido especificamente para a Pré-história recente, com forte incidência de trabalhos no concelho de Mogadouro, mas também Miranda do Douro, Freixo de Espada à Cinta e Vimioso, resultando em vários artigos e numa monografia (Sanches, 1992), absolutamente essencial para o trabalho que aqui trazemos. Nesse trabalho procurou-se caracterizar a ocupação pré-histórica numa área regional coesa e bem definida, nas suas várias esferas, o megalitismo, o povoamento e a arte rupestre. O segundo momento ainda se encontra a decorrer, que advém da obra de construção civil do Empreendimento Hidroeléctrico do Baixo Sabor, através do qual se reconheceram e escavaram vários sítios arqueológicos pré-históricos, alguns dos quais com ocupação calcolítica. Este tem uma maior incidência da zona envolvente do Baixo Sabor, abrangendo os concelhos de Torre de Moncorvo, Alfândega da Fé, Mogadouro e Macedo de Cavaleiros. Como se trata de um trabalho ainda em curso, apesar de já terminados os trabalhos de campo, haverá um longo percurso de tratamento e publicação desses sítios.

Além destes dois projectos de maior extensão, que tiveram especial incidência na zona sul do distrito de Bragança (a *Terra Quente*), os restantes dados resultam de trabalhos mais pontuais ou de projectos com objectivos distintos.

Praticamente todos os sítios conhecidos foram alvo de realocação por parte da tutela, através da Extensão de Macedo de Cavaleiros, organismo dos antigos institutos IPA e IGESPAR, tendo feito a sistematização da informação possível dos dados de prospecção, importante ferramenta de início de trabalho. Temos, por um lado, os monumentos megalíticos, que são de fácil reconhecimento na paisagem, mas poucos foram escavados, e os que o foram incluem-se, quase todos, no projecto do Planalto Mirandês, faltando medidas concretas de protecção e valorização patrimonial. Já relativamente aos povoados, mais difíceis de detectar pelas sua falta de monumentalidade, foram sendo registados em campanhas de prospecção/relocação/estudos de impacte ambiental sem que se incluam num projecto de investigação direccionado para o estudo da ocupação calcolítica ou pré-histórica.

Os projectos de valorização patrimonial locais são igualmente fundamentais. Referimo-nos, concretamente, ao papel da *Associação Terras Quentes*, direccionada para a protecção e divulgação do património histórico e artístico do concelho de Macedo de Cavaleiros, cuja actividade já se desenvolve há 12 anos. Através do trabalho desta equipa, foram muitos os sítios arqueológicos identificados no concelho, uma parte dos quais sujeita a intervenções arqueológicas e de preservação, fundamentais para a divulgação e protecção do património arqueológico local, bem como a sua projecção nacional e, em alguns casos, internacional. Para o período calcolítico foi escavado um sítio arqueológico (um dos sítios da nossa amostra) e estão outros possíveis identificados.

Além destes projectos, outras acções mais pontuais foram realizadas, resultando na identificação e escavação de sítios. Por exemplo, projectos de investigação direccionados para o estudo de outros períodos cronológicos evidenciaram ocupações calcolíticas nesses sítios (como o Baldoeiro ou o Castelo de Vimioso, por exemplo); ou ainda alguns estudos de impacte ambiental e subsequentes medidas de minimização (como a implantação de subestações eléctricas e respectivos postes de apoio).

Porém, para o estudo e discussão das realidades do III<sup>o</sup> milénio neste espaço é incontornável socorreremo-nos da informação proveniente das áreas mais próximas, cujos sítios arqueológicos providenciaram estratigrafias preservadas, sequências de materiais e algumas datas de radiocarbono. Estes sítios são ainda numericamente escassos para o questionário actual, mas são, sem dúvidas, a base de qualquer trabalho no nordeste português. Referimo-nos ao Abrigo do Buraco da Pala em Mirandela, um abrigo natural que foi ocupado em vários momentos da pré-história recente, com bom estado de conservação dos respectivos materiais, que permitiu elaborar tabelas síntese de formas cerâmicas e seus motivos decorativos numa sequência cronológica relacionada com datações por radiocarbono (Sanches, 1997). Similarmente o Crasto de Palheiros, em Murça, um sítio fortificado/murado<sup>3</sup> com imponente impacto visual na paisagem, fornece importantes dados comparativos, também estes associados a datações por radiocarbono (Sanches, 2008). Um pouco mais longe geograficamente, mas constituindo os trabalhos pioneiros no calcolítico transmontano, estão os sítios da zona de Chaves/Vila Pouca de Aguiar, estudados e publicados por Susana Oliveira Jorge (1986), nomeadamente Vinha da Soutilha, Pastoria, Castelo de Aguiar e São Lourenço, com vários momentos de ocupação, apoiados num estudo de materiais muito detalhado relacionado com algumas datas por C14, antigas é certo, mas que ainda assim são bons indicadores para o comportamento diacrónico da componente artefactual.

Fora do espaço transmontano algumas áreas regionais, ou subáreas, destacam-se pela quantidade e qualidade de informação disponível, a que recorreremos sempre que necessário, como a Beira Alta e a Meseta Norte.

Faz-se aqui um resumo da informação disponível para o Calcolítico na área regional considerada, tendo por base a bibliografia publicada e a base nacional de sítios arqueológicos, o Endovélico. Para este caso concreto, a triagem no Endovélico passou por procurar, concelho a concelho, os sítios que estivessem associados às entradas: *Calcolítico*; *Calcolítico Inicial*; *Calcolítico Pleno*; *Calcolítico Final*; *Neocalcolítico*; *Pré-História Recente (indeterminado)*. A bibliografia privilegiada foi

---

<sup>3</sup> Colocamos as duas designações por não ser este o espaço para a discussão e afirmação de um posicionamento teórico sobre este problema.

sobretudo os trabalhos de síntese sobre a área regional, como Marcos, 1993; Sanches 1992; Sanches, 1997 e Mendes, 2008.

No total considerámos 71 sítios que apresentam variados graus de informação disponível. Na verdade, a grande maioria deles resulta de identificações preliminares decorrentes de prospecções ou de achados antigos referidos na bibliografia arqueológica, sendo a percentagem de sítios escavados muito pequena, cerca de 20%. Por outro lado, a classificação cronológica é também bastante problemática, sendo que, para muitos deles, sobretudo os funerários, não podemos assertivamente afirmar que se trata de sítios calcolíticos, podendo igualmente serem anteriores ou ligeiramente posteriores. Por precaução e rigor decidimos colocá-los nesta abordagem introdutória.

Pela quantidade avultada de sítios optámos por dividi-los em duas grandes categorias: monumentos/sítios funerários e sítios de habitat. Os achados isolados não se encontram aqui discriminados, pois consistem, na sua maioria, em machados de pedra polida ou instrumentos de pedra talhada, artefactos de grande sobrevivência histórica e que, por isso, constituem fracos indicadores cronológicos. À parte destas categorias destacámos o sítio do Cabeço da Mina (Vila Flor) pelas suas particularidades.

Os monumentos funerários são, na totalidade, 41, distribuídos de forma desigual pelos vários concelhos considerados, o que reflecte, em primeiro lugar, mas não só, quais as áreas de maior investimento da investigação (Gráfico 1). Os concelhos com mais quantidade de sítios de utilização funerária são Mogadouro e Vinhais, seguido dos concelhos de Freixo de Espada-à-Cinta, Vila Flor, Miranda do Douro e Macedo de Cavaleiros. Por outro lado, Bragança, Torre de Moncorvo e Alfândega da Fé são os que registam menos entradas. Sem qualquer sítio deste tipo encontra-se o concelho de Vimioso. Sintetiza-se a informação disponível na tabela 1.

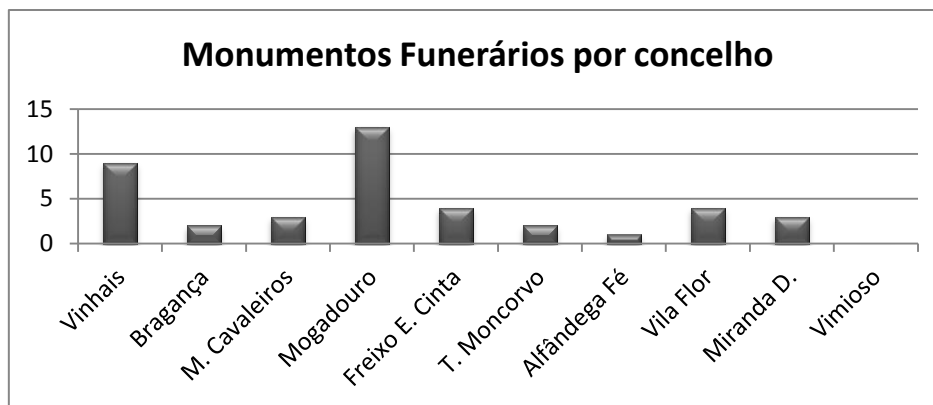


Gráfico 1 - Monumentos funerários por concelho, em frequência absoluta

Sítio	CNS	Freguesia	Concelho	Prospecção	Escavação	Ref. Bibliográficas
<b>Lorga de Dine</b>	2622	Fresulfe	Vinhais	Sim	Sim	Lemos, 1999; Sanches, 1997
<b>Mamoia de Carvalho Branco</b>	28612	Pinheiro Novo	Vinhais	Sim	Não	Sem
<b>Mamoia de Chão da Espinheira</b>	29359	Fresulfe	Vinhais	Sim	Não	Sem
<b>Avenida</b>	18994	Pinheiro Novo	Vinhais	Sim	Não	Sem
<b>Coroa (mamoia)</b>	17594	Travanca	Vinhais	Sim	Não	Maciel, 1993
<b>Marcão 1</b>	17595	Travanca	Vinhais	Sim	Não	Jorge, 1982; Alves, 1934; Maciel, 1993
<b>Marcão 2</b>	17596	Travanca	Vinhais	Sim	Não	Jorge, 1982; Alves, 1934; Maciel, 1993
<b>Montão de Terra</b>	17492	Paçó	Vinhais	Sim	Não	Jorge, 1982; Alves, 1934; Maciel, 1993
<b>Ribeira da Anta</b>	29355	Moimenta	Vinhais	Não	Não	Sem
<b>Mamoia de Donai</b>	555	Donai	Bragança	Sim	Não	Lopo, 1907; 1983; 1987; Jorge, 1982
<b>Torre Velha</b>	2878	Castro de Avelãs	Bragança	Não	Não	Sem
<b>Fonte de caravelas 1</b>	23493	Peredo	Macedo de Cavaleiros	Sim	Não	Sem
<b>Labor</b>	23492	Peredo	Macedo de Cavaleiros	Sim	Não	Sem
<b>Mamoia de Santo Ambrósio</b>	17285	Vale da Porca	Macedo de Cavaleiros	Sim	Sim	Ver este volume.
<b>Mamoia do</b>	17130	Vilar de Rei	Mogadouro	Sim	Sim	Sanches et al

Sítio	CNS	Freguesia	Concelho	Prospecção	Escavação	Ref. Bibliográficas
<b>Barreiro</b>						1987; Marcos, 1993; Sanches, 1992
<b>Manga 2</b>	19581	Sanhoane	Mogadouro	Sim	Não	Sem
<b>Pena do Mocho 3</b>	5449	Sanhoane	Mogadouro	Sim	Não	Marcos, 1993; Alves, 1934; Sanches, 1992.
<b>Medorra de Vilar de Rei</b>	19625	Vilar de Rei	Mogadouro	Sim	Não	Marcos, 1993; Jorge, 1992; Sanches, 1992
<b>Cabecinho dos Mouros</b>	5611	Vila de Ala	Mogadouro	Sim	Não	Marcos, 1993; Jorge, 1992; Sanches, 1992
<b>Mural</b>	19584	Sanhoane	Mogadouro	Sim	Não	Marcos, 1993; Sanches, 1992.
<b>Manga 1</b>	19580	Castanheira	Mogadouro	Sim	Não	Marcos, 1993.
<b>Pena Mosqueira 1</b>	5600	Tó	Mogadouro	Sim	Não	Marcos, 1993; Sanches, 1992
<b>Pena Mosqueira 2</b>	5602	Sanhoane	Mogadouro	Sim	Não	Marcos, 1993; Sanches, 1992
<b>Pena Mosqueira 3</b>	5603	Sanhoane	Mogadouro	Sim	Sim	Sanches, 1989; 1987; 1992; Marcos, 1993
<b>Pena Mosqueira 4</b>	19583	Tó	Mogadouro	Sim	Não	Sanches, 1992
<b>Pena do Mocho 1</b>	5605	Sanhoane	Mogadouro	Sim	Não	Marcos, 1993; Sanches, 1992
<b>Pena do Mocho 2</b>	5606	Sanhoane	Mogadouro	Sim	Sim	Sanches et al 1992; Sanches, 1992
<b>Grutas de Ferreiros<sup>4</sup></b>	Sem	Silva	Miranda Douro	Sim	Não	Delgado, 1887; Sanches, 1992; 1997
<b>Mamoá da Marmolina</b>	Sem	Malhadas	Miranda Douro	Sim	Não	Marcos, 1993; Sanches, 1992
<b>Mamoá da Campina</b>	Sem	Genísio	Miranda Douro	Sim	Não	Marcos, 1993; Sanches, 1992
<b>Arcal</b>	2984	Fornos	Freixo E.C.	Sim	Não	Alves, 1934; Neto; 1975
<b>Lameira Longa</b>	17664	Fornos	Freixo E.C.	Sim	Não	Marques, 1995; Paulo, 1967.
<b>Malhós</b>	17663	Fornos	Freixo E. C.	Sim	Não	Marques, 1995; Paulo, 1967.
<b>Mesquita</b>	17665	Fornos	Freixo E. C.	Sim	Não	Marques, 1995; Paulo, 1967.
<b>Castedo</b>	3552	Castedo	T. Moncorvo	Não	Não	Sem

<sup>4</sup> Grutas de Ferreiros: grutas exploradas por Nery Delgado, do complexo de Santo Adrião. Devem corresponder às grutas de Santo Adrião classificadas no Endovélico, com os CNS 4914; 2162 e, provavelmente 4471.

Sítio	CNS	Freguesia	Concelho	Prospecção	Escavação	Ref. Bibliográficas
<b>Olga dos Estevais</b>	6827	Carviçais	T. Moncorvo	Sim	Não	Jorge, 1982
<b>Cabeço do Murado 2</b>	27934	Vilares de Vilarica	Alfândega da Fé	Sim	Não	Sem
<b>Chã Grande</b>	18118	Sampaio	Vila Flor	Sim	Não	Morais, 1988
<b>Chã da Senhora da Rosa 1</b>	18119	Sampaio	Vila Flor	Sim	Não	Morais, 1988
<b>Chã da Senhora da Rosa 2</b>	18120	Sampaio	Vila Flor	Sim	Não	Morais, 1988
<b>Chãs</b>	18117	Sampaio	Vila Flor	Sim	Não	Sem

**Tabela 1 - Tabela síntese de sítios funerários calcolíticos**

Decorrentes de campanhas de prospecção ou de realocização de sítios referidos na bibliografia antiga encontram-se 28 monumentos, sendo que apresentam diferentes estados de preservação, muitos dos quais com crateras de violação central ou semidestruídos por actividades agrícolas ou de construção. Destes 28 monumentos, 4 não apresentam qualquer trabalho arqueológico ou referência bibliográfica (Mamoas de Chã de Espinheira, Ribeira da Anta, Torre Velha, e Castedo) e 8 possuem a indicação de se encontrarem completamente destruídos ou impossíveis de relocizar (Grutas de Ferreiros, Mamoas da Marmolina, Arcal, Lameira Longa, Malhós, Mesquita, Olga dos Estevais, e Chãs). Neste sentido torna-se completamente inviável, para já, tecer grandes considerações acerca destes monumentos, sobretudo no que diz respeito à cronologia.

Uma pequena parte dos sítios de enterramento conhecidos foi alvo de escavações arqueológicas, também com diferentes graus de investimento e resultados. Nestas situações estão 6 sítios arqueológicos incluindo 1 gruta e 5 monumentos megalíticos.

O sítio arqueológico da **Lorga de Dine** implanta-se numa das grutas de um afloramento calcário do concelho de Vinhais e é um dos sítios de ocupação pré-histórica mais conhecidos do norte de Portugal, quer pelos diferentes momentos de ocupação quer pela qualidade do material arqueológico encontrado. No entanto,

apesar das várias intervenções arqueológicas, a informação ainda é parcial e encontra-se, na grande maioria, por publicar. Foram realizadas 6 campanhas de escavação, com diferentes directores, e com objectivos distintos; a primeira nos anos 1960, dirigidas por C. Harpsoe e M. Ramos (1985), e outras já nos anos 80, dirigidas por J. P. Ribeiro e Mário Brito e só por este último. Além destes trabalhos, a gruta sofreu intervenções clandestinas. Pelos resultados preliminares destas intervenções e pelo espólio conhecido pensa-se que a gruta tenha sido alvo de várias ocupações em momentos históricos distintos, provavelmente como sítio funerário, atendendo “às fracas condições para habitar” (Lemos, 1993, p. 163) que a própria gruta oferece e pela quantidade de espólio osteológico, ou então como sítio de armazenagem, olhando para as “quantidades significativas de vasos de provisões” (Idem).

Francisco Sande Lemos, pela observação dos materiais que realizou, indica que a gruta terá tido ocupações calcolítica, pela presença de cerâmicas penteadas; da Idade do Bronze, pela presença de “cerâmicas carenadas e brunidas habitualmente inseridas no horizonte do Bronze Final” (Idem, p. 173); e da Idade do Ferro. Alguns destes materiais cerâmicos encontram-se em bom estado de conservação, exibindo bons acabamentos e alguma profusão decorativa, estando expostos no Museu Abade de Baçal e no Centro Interpretativo da Lorga de Dine, em Vinhais. Outra parte do espólio também se encontra em depósito no Museu D. Diogo de Sousa e no Museu do Instituto de Antropologia Dr. Mendes Correia. Os materiais depositados no Museu Abade de Baçal apresentam algumas características que gostaríamos de destacar, decorrentes da nossa observação presencial. Em depósito estão 47 fragmentos cerâmicos classificáveis e 148 fragmentos de bojo, que, segundo as marcações que ainda se mantinham, deverão provir da campanha de escavação de 1982. Estão presentes 23 bordos e 32 bordos e bojós decorados. As cozeduras são sobretudo oxidantes e, depois, redutoras. A característica que mais se evidencia, nas pastas, é a variedade e qualidade dos tratamentos de superfície, com grande frequência dos polidos e brunidos, muitas vezes associados a engobes de boa qualidade. A decoração localiza-se somente no lado exterior do recipiente, registando-se, como técnicas decorativas, a incisão penteada (em 19 casos), a impressão simples (6 casos), incisão simples (4 casos) e a combinação da impressão com a incisão (3 casos). Predomina

assim a incisão penteada, com alguma diversidade de motivos: bandas horizontais paralelas entre si de linhas horizontais (parecido com o motivo V5b) e ondulantes (que são a maioria, com os motivos V5c e V5f). Destacam-se algumas organizações decorativas mais complexas, algumas das quais não presentes na nossa tabela, como espiga incisa, muito fina e larga; uma banda delimitada por linhas incisas e preenchida por várias linhas quebradas; ou uma canelura funda e larga acima de linhas a *boquique* oblíquas.

Os monumentos megalíticos escavados são muito escassos para a área territorial considerada e os seus resultados, conquanto frutíferos na caracterização arquitectónica dos monumentos e na sua relação com a paisagem envolvente, possuem escassos dados quanto à sua integração cronológica, sobretudo nos moldes que nos interessariam para este trabalho. São monumentos que se integram, muito genericamente, nos IV e III milénios a.C., mas que não permitem ir além disso, pelo menos da nossa parte. Os espólios recuperados são relativamente escassos e fundamentalmente constituídos por artefactos líticos (talhados e polidos), de ampla utilização cronológica e por poucos fragmentos cerâmicos, muitos dos quais não permitem ir além da reconstituição de algumas formas. Faz-se aqui um breve resumo da informação disponível.

A **Mamoia de Donai** encontrava-se em 2003, data do último trabalho arqueológico registado, quase completamente destruída e, infelizmente, pouco se conhece sobre ela. Foi alvo de uma escavação em finais do século XIX por José Henrique Pinheiro (financiada pela Sociedade Martins Sarmento) mas não se preservou a maioria dos seus registos. Sabe-se que o monumento teria uma câmara e possivelmente um corredor pequeno. Apenas se conhecem alguns artefactos depositados no Museu da Sociedade Martins Sarmento, nomeadamente 1 goiva, 4 machados de pedra polida, 3 lâminas de sílex e 1 percutor (*Endovélico*; Cardoso, 1950). O terreno onde se implanta o monumento foi adquirido pela mesma sociedade em 1891.

A **Mamoia de Santo Ambrósio** foi alvo de três campanhas de escavação, dirigidas por Hélder Carvalho, intervenções essas integradas nos objectivos de estudo

e protecção patrimonial da Associação Terras Quentes (informação mais detalhada no capítulo 6). Foi identificada uma carapaça pétreia com evidências de violação central, não tendo sido possível comprovar a existências de uma câmara central, nem continuar os trabalhos de modo a melhor caracterizar o monumento. O material lítico recuperado é bastante escasso e insuficiente para uma integração cronológica - *“inclui um fragmento distal de lamela de crista, uma lamela em quartzo, um denticulado, um resto de talhe reutilizado, para além de vários flancos de núcleo, lascas de debitage e restos de talhe”* (Carvalho, 2006).

A **Mamoia do Barreiro** foi escavada de emergência em 1987, devido ao perigo de destruição total, tendo sido posteriormente publicada (Sanches et alii, 1987; Sanches, 1992). Trata-se de um monumento composto por um *tumulus* de forma subelíptica, com cerca de 20mX17m (Sanches, 1992). A estrutura funerária central encontrava-se quase intacta, apresentando *“uma fossa de forma subcircular, com cerca de 3m de diâmetro e 1,12m de profundidade (...) as suas paredes de perfil predominantemente côncavo para o interior, eram ladeadas, em quase todo o seu perímetro, de pequenas lajes de xisto inclinadas (...) mas também de lajes ‘megalíticas’ ou esteios”* (Idem, p. 36). Dentro do *tumulus* e no topo da estratigrafia encontrava-se uma lareira, cujos carvões foram enviados para análise, revelando uma datação moderna. O espólio exumado consiste em artefactos líticos: um micrólito, uma pequena ponta de seta, uma grande lâmina, tudo em sílex; uma enxó; uma conta bicónica de azeviche; um machado em xisto; uma ‘bola’ de ocre; um movente em granito e 2 seixos rolados. Recuperaram-se 19 fragmentos de cerâmica lisa manual, que impediram a reconstituição de formas (Idem, p. 36-37).

A **Mamoia nº 3 do complexo de Pena Mosqueira** foi alvo de uma campanha de escavação arqueológica em 1986, tendo sido publicada posteriormente (Sanches, 1987, 1992). Este faz parte dum conjunto de 4 mamoias, muito próximas entre si. O monumento apresenta uma forma subcircular com cerca de 23mX21m. Trata-se de um monumento com *tumulus*, no qual se encontrava um enterramento, provavelmente individual, do qual só restavam alguns dentes, depositados sobre uma mancha de ocre e associado a 50 micrólitos geométricos e a cerca de 2000 contas de colar em xisto. (Sanches, 1992, p. 39). Nas terras do *tumulus* recuperaram-se outros artefactos, como

fragmentos de dormente; um raspador sobre lasca de xisto; e 24 fragmentos cerâmicos de fabrico manual (*Idem*, p. 40).

Das terras acima da mancha de ocre recolheu-se algum carvão vegetal que foi enviado para datação, tendo-se obtido o seguinte resultado: CSIC-756, 4930±60BP. Na altura da publicação, 1992, esta data foi convertida para anos de calendário para 2980±60 a.C., portanto dos inícios do terceiro milénio. A autora afirma que esta data pode ser interpretada de duas formas: *“ou o carvão recolhido fora transportado do exterior conjuntamente com as terras da camada 2A; ou então pertence a uma pequena lareira realizada na camada 2A, imediatamente após o enterramento, no decurso da construção da mamoa”*, inclinando-se para a segunda (*Idem*, p. 40), mas, em qualquer dos casos, a data refere-se a um momento posterior ao enterramento. Com o auxílio do programa online Calib 7.1, procedemos a uma calibração desta data, tendo obtido o resultado de 3811-3634 cal a.C, a 2 sigmas<sup>5</sup>, retrocedendo, assim, a ocupação para a primeira metade do IV milénio, já fora do âmbito deste trabalho.

A **Mamoa de Pena do Mocho 2** constitui um dos monumentos megalíticos com mais informação neste espaço territorial. Faz parte do núcleo de Pena do Mocho, composto por 2 monumentos. Foi escavada em 1990 por Maria de Jesus Sanches, em reacção a tentativas de destruição do sítio arqueológico através do arroteamento do terreno levado a cabo pelo proprietário (Sanches, Silva e Botelho, 1992). O monumento encontrava-se em bom estado de conservação, apresentando um grande *tumulus* subcircular com dois arcos de couraça. No centro *“situava-se uma estrutura pétreia muito peculiar que indicava e cobria um grande poço aberto no solo de base”* (*Idem*, p. 205). A arquitectura do monumento é formada por *“quatro unidades fundamentais: 1. o poço central e 2. seu fecho superior – Unidade A; 3. o arco interior de couraça e a respectiva camada do tumulus que o encerra – camada 2; 4. o arco exterior da couraça e a camada ou sedimentos que a integram – camada 1.”* (*Idem*, p. 206). Os materiais cerâmicos identificados são muito escassos e não permitem sequer a identificação de forma; provêm do arco de couraça interior. Algumas amostras de

---

<sup>5</sup> Calib 7.1 : <http://calib.qub.ac.uk/calib/calib.html>

carvão foram enviadas para datação mas, à data da publicação, ainda não se encontravam disponíveis. Desconhecemos se terão sido publicadas posteriormente.

Apresentam-se os dados do povoamento no gráfico e tabela seguintes.

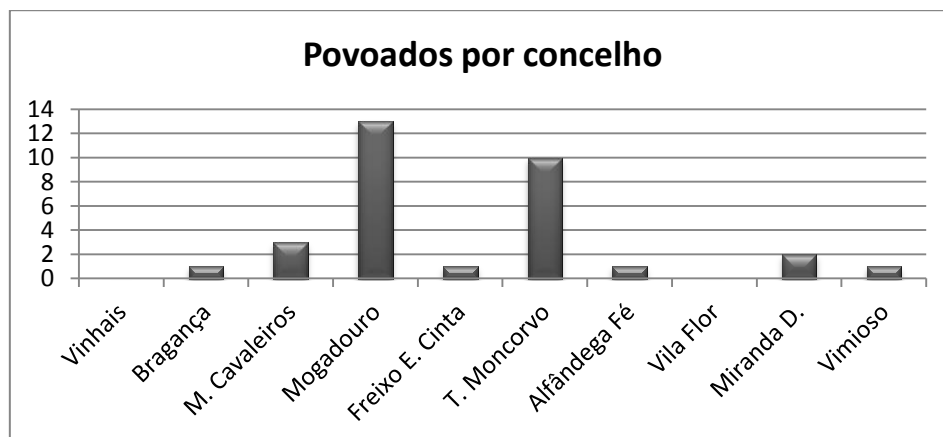


Gráfico 2 - Povoados por concelho, em frequência absoluta

Sítio	CNS	Freguesia	Concelho	Prospecção	Escavação	Ref. Bibliográficas
<b>Cativo</b>	17465	Milhão	Bragança	Sim	Não	Sem
<b>Espondra</b>	17259	Morais	Macedo Cavaleiros	Sim	Não	Mendes <i>et al</i> , 2008
<b>Xaires</b>	31230	Talhas	Macedo Cavaleiros	Sim	Sim	Ver este volume
<b>Alto da Madorra</b>	2055	Carrapatas	Macedo Cavaleiros	Sim	Sim	Ver este volume
<b>Barrocal Alto</b>	1412	Peredo da Bemposta	Mogadouro	Sim	Sim	Ver este volume
<b>Cunho</b>	4476	Peredo da Bemposta	Mogadouro	Sim	Sim	Ver este volume
<b>Olival Escuro</b>	33140	Castelo Branco	Mogadouro	Sim	Não	Sem
<b>Ribeira do Vale do Porco</b>	34654	Castelo Branco	Mogadouro	Sim	Não	Sem
<b>Veiga</b>	34652	Vale de Porco	Mogadouro	Sim	Não	Sem
<b>Barroqueira 1</b>	31952	Bruçó	Mogadouro	Sim	Não	Sem
<b>Cabeço da Assumada 2</b>	26668	Bemposta	Mogadouro	Sim	Não	Sem
<b>Vale da Bodega</b>	26669	Urrós	Mogadouro	Sim	Não	Sem
<b>Vilar de Rei</b>	26608	Vilar de Rei	Mogadouro	Sim	Sim	Sem
<b>Valado/Castelo Penas Róias</b>	5614	Penas Róias	Mogadouro	Sim	Não	Marcos, 1993; Sanches, 1992; 1997, etc.
<b>Buraco do Gaitero</b>	11439	Paradela	Mogadouro	Sim	Não	Sanches, 1992

Sítio	CNS	Freguesia	Concelho	Prospecção	Escavação	Ref. Bibliográficas
<b>Morcega</b>	19486	Urrós	Mogadouro	Sim	Não	Sem
<b>Meixede</b>	5646	Urrós	Mogadouro	Sim	Não	Sanches, 1992
<b>Raio</b>	2137	Miranda Douro	Miranda Douro	Sim	Não	Sanches, 1992
<b>Urreta da Malhada</b>	6610	Duas Igrejas	Miranda Douro	Sim	Não	Sanches, 1992
<b>Picão das Pias 1</b>	26613	Lagoaça	Freixo E.C.	Sim	Não	Sem
<b>Castelo N. Sra. De Urros</b>	12584	Urros	T. Moncorvo	Sim	Sim	Carvalho, 2003; Martins, 2008
<b>Fraga do Fojo 1</b>	11441	Souto da Velha	T. Moncorvo	Sim	Não	Jorge, 1986; Sanches, 1997
<b>Cabeço dos Apostolónios</b>	5320	T. Moncorvo	T. Moncorvo	Sim	Não	Sem
<b>Monte da Poia</b>	31378	Cardanha	T. Moncorvo	Sim	Sim	Ver este volume
<b>Baldoeiro</b>	1008	Adeganha	T. Moncorvo	Sim	Sim	Lima et al, 1988; Rodrigues et al, 1997-98
<b>Sra. Castelo de Adeganha</b>	1512	Adeganha	T. Moncorvo	Sim	Não	Sanches, 1997
<b>Castelejo</b>	4542	Lousa	T. Moncorvo	Sim	Não	Sanches, 1997
<b>Quinta da Zaragata</b>	Por atribuir	Adeganha	T. Moncorvo	Sim	Sim	Ver este volume
<b>Quinta do Rio 16</b>	Por atribuir	Cardanha	T. Moncorvo	Sim	Sim	Ver este volume
<b>Quinta do Rio 14</b>	Por atribuir	Cardanha?	T. Moncorvo	Sim	Sim	Em preparação
<b>Castro de Santa Justa</b>	11434	Eucisia	Alfândega da Fé	Sim	Não	Sem
<b>Castelo de Algoso</b>	676	Algoso	Vimioso	Sim	Sim	Marcos, 1993; Alves, 1934; Sanches, 1997

**Tabela 2 - Tabela síntese dos sítios de povoamento calcólficos**

No total conhecem-se 32 sítios de habitat, ou povoados, na área regional considerada, que, tal como visto em relação aos monumentos funerários, apresentam uma distribuição territorial muito irregular. Os concelhos com maior quantidade de incidências são os de Mogadouro e de Torre de Moncorvo, reflectindo o investimento da investigação nestas áreas, nomeadamente através de projectos de investigação direccionados para a Pré-História Recente, como os de M. J. Sanches, e os empreendimentos civis como a construção da Barragem do Baixo Sabor. Os restantes

concelhos apresentam poucos sítios de povoamento deste período o que se deverá a lacunas de investigação e também à invisibilidade arqueológica deste tipo de sítio ao contrário do que acontece com os monumentos megalíticos. Por exemplo, não deixa de ser significativo que o concelho de Vinhais apresente 9 monumentos megalíticos e 0 sítios de habitat. O concelho de Vila Flor também não apresenta nenhuma entrada.

À semelhança do que já foi dito acima, a maioria dos sítios considerados resulta de trabalhos de prospecção e relocalização de sítios quer para confirmar a localização de sítios descritos em bibliografia mais antiga quer no âmbito de estudos de impacte ambiental e acompanhamento arqueológico decorrentes de obras de várias naturezas. Temos, assim, uma proporção de 20 sítios identificados por prospecção para 12 sítios escavados, o que enuncia um panorama um pouco diferente em relação aos já referidos monumentos megalíticos.

Os sítios de prospecção apresentam vários problemas. Em primeiro lugar, os materiais de superfície que permitiram a sua identificação são normalmente pouco caracterizadores do tipo de sítio e da sua cronologia, sendo muitas vezes referidos como “cerâmica pré-histórica”, ou “cerâmica de fabrico manual”, ou ainda “fragmentos de cerâmica manual muito rolados e descaracterizados”. O mesmo se passa com a indústria lítica, com referências genéricas como “machados de pedra polida”; “lâminas de sílex” ou “fragmentos de mós manuais”. Por vezes, os materiais de superfície revelam uma ou outra característica mais concreta, como a decoração “penteada”, típica do calcolítico transmontano, fornecendo assim um indicador cronológico precioso. Com este tipo de materiais destacam-se os sítios de Castelo de Penas Róias, Fraga do Fojo 1, ou Castro de Santa Justa.

Em observação directa dos materiais de superfície por M.J. Sanches, o sítio da **Senhora do Castelo da Adeganha** apresenta organizações decorativas calcolíticas, nomeadamente II1d ou e; III2b e VIIb (Sanches, 1997, vol. II, p. 283)

São 12 os sítios que foram alvo de sondagens ou escavações arqueológicas mas que, novamente, fornecem diferentes graus de informação. Deixamos fora desta síntese os sítios analisados em detalhe neste trabalho, nomeadamente: Xaires, Alto da Madorra, Barrocal Alto, Cunho, Quinta da Zaragata, Monte da Poia e Quinta do Rio 16.

Resta tecer umas pequenas notas sobre Vilar de Rei, Castelo de Nossa Senhora de Urros, Povoado do Baldoeiro e Castelo de Algos. O sítio da Quinta do Rio 14, intervencionado no âmbito do plano de salvaguarda do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor ainda se encontra em estudo, estando-se a preparar a respectiva publicação<sup>6</sup>.

O sítio de **Vilar de Rei** (Mogadouro) foi identificado no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental do projecto da Subestação do Douro Internacional e Linhas RNT Associadas, Linha Lagoaça-Macedo de Cavaleiros. Atendendo a uma grande quantidade de materiais de superfície foram efectuadas sondagens arqueológicas na zona de colocação dos apoios para o Poste 35. Os trabalhos decorreram em 2009 e foram dirigidos por Fernando Henriques e Telmo António (2009). Os materiais de superfície desde logo enunciaram uma ocupação pré-histórica, possivelmente calcolítica atendendo, nomeadamente, a um fragmento cerâmico decorado com um triângulo inciso preenchido com impressões circulares (motivo II1e).

O sítio localiza-se num planalto com bom domínio visual sobre a paisagem envolvente. Há um apontamento muito interessante feito pelos autores sobre o sítio que passamos a reproduzir: *“na cumeada que garante serventia ao local do poste foi possível recolher elementos cerâmicos superficiais, de cariz idêntico aos resgatados no decurso dos trabalhos arqueológicos. A densa ocupação vegetal não permitiu estabelecer a sua dispersão integral. Na vertente austral, mas protegida dos ventos dominantes, surgem vestígios daquilo que pode ser **uma ou, eventualmente, duas linhas de muralha**. Os fragmentos subsistem associados aos socalcos artificiais da encosta, o que sugere uma hipotética expansão do povoado para este sector, orientada a sul e mais abrigada, sem perda do domínio visual e das boas condições de defesa naturais”* (Idem, p.15, sublinhado nosso). Não tendo sido identificados, provavelmente, materiais de outra cronologia, a possível presença de linhas de muralha poderá indicar restos de um povoado fortificado/murado.

Foram abertas 4 sondagens arqueológicas de 2X2m numa área desmatada de cerca de 80m<sup>2</sup>. Apenas na Sondagem 1 se identificou uma quantidade significativa de

---

<sup>6</sup> Agradecemos a Rita Gaspar, coordenadora do gabinete de Pré-História do ACE, pela informação.

materiais arqueológicos associados a um nível de ocupação (*Idem*). Nas restantes apenas alguns materiais cerâmicos “*amorfos*” (1 fragmento na Sondagem 2 e 2 fragmentos na Sondagem 4) (*Idem*). A sondagem 1 apresenta fraca potência sedimentar e uma estratigrafia simples, com apenas uma camada arqueológica com blocos pétreos de menor porte e maior quantidade de cerâmica e líticos; “*pequenas manchas de cinza e alguns carvões contaminados por raízes actuais*” (*Idem*).

O espólio desta sondagem é composto por fragmentos cerâmicos muito rolados e com elevado grau de fragmentação e apresenta vestígios de acção de fogo pós-abandono. Na sondagem 1, U.E. [2] (o nível arqueológico) foram recuperados 13 fragmentos de bordo, 2 fragmentos de bordo decorado, 147 bojos, 2 bojos decorados, 1 fragmento de colo e 75 fragmentos cerâmicos “*amorfos*” (*Idem*). Têm “*pastas muito grosseiras com abundantes elementos não plásticos compostos por quartzos e micas, alguns de dimensões mínimas, mas quase sempre com componentes líticos de dimensões assinaláveis. Regra geral, as peças não evidenciam tratamento de superfície. A excepção confirma-se com a presença de alguns fragmentos com vestígios de polimento (interno e externo). Outro aparentemente com engobe (interno e eterno)*” (*Idem*, p. 12).

Não são feitas referências às formas dos recipientes cerâmicos, mas alguns deles encontram-se documentados em desenho (*Idem*, p. 17) pelo que é possível tecer algumas considerações. Os fragmentos 1 e 2 aparentam constituir formas globulares (tipo 6), provavelmente no subtipo 6.3. O recipiente nº 4 assemelha-se a uma taça de subtipo 2.4 com um diâmetro de cerca de 20-25cm. O recipiente nº 5 é o que mais se destaca; aparenta tratar-se de uma taça, no subtipo 2.4, mas com um bordo muito exvertido, conferindo-lhe um efeito estético muito próprio. Tem um diâmetro de cerca de 40cm. O fragmento nº 6 é igualmente uma taça, desta vez no subtipo 2.5, com cerca de 20cm de diâmetro. Este apresenta decoração abaixo do bordo, uma banda de duas filas de pontos impressos dispostos na horizontal (motivo III2b). Apesar de os autores referirem que apenas existe decoração incisa, este fragmento claramente apresenta decoração impressa.

Estão, por último, representados 3 pequenos fragmentos decorados: nº 7 com três traços incisivos oblíquos; nº8 com duas linhas incisivas finas paralelas; e o nº 9 que, através do desenho, não nos permitiu identificar a decoração.

Os materiais líticos são essencialmente em quartzo e quartzito e apresentam um carácter expedito e pragmático. Identificaram-se subprodutos de talhe; e alguns utensílios com retoque (não há mais especificações). De destacar um fragmento de uma pequena laje com covinhas. (*Idem*).

O sítio do **Castelo de Nossa Senhora de Urros**, sito no concelho de Torre de Moncorvo, implanta-se num cabeço muito elevado com boa visibilidade para a região envolvente. Nesse cabeço encontra-se, nos dias de hoje, uma capela e ainda restam vestígios de linhas de muralha dispostas em socalcos. O sítio foi alvo de 3 campanhas de escavação entre 2000 e 2002, dirigidas por Carla Martins, nas quais se identificaram diferentes fases de ocupação: calcolítico, idade do ferro, romano e medieval. A ocupação calcolítica encontrava-se muito mal conservada devido às subseqüentes ocupações, restando, sobretudo, materiais arqueológicos ao invés de estruturas preservadas.

Segundo os relatórios de escavação, os materiais de época calcolítica recuperados são sobretudo fragmentos cerâmicos decorados com incisão penteada e algum *boquique* (Martins, 2001, 2002, 2003).

Alguns materiais decorrentes de campanhas de prospecção anteriores à escavação encontram-se no Museu Abade de Baçal e serão referidas neste volume (cf. recolhas de superfície).

O sítio arqueológico do **Baldoeiro** pertence à freguesia de Adeganha, concelho de Torre de Moncorvo, e implanta-se a cerca de 280m de altitude. O sítio tem visibilidade para o vale da Vilariça e para o vale do rio Sabor. Este sítio é já bem conhecido na bibliografia arqueológica, sobretudo a sua ocupação de época medieval, a mais expressiva.

Será aquando do projecto “A região de Moncorvo na Idade Média”, dirigido por Alexandra Lima, Miguel Rodrigues, Nelson Rebanda, Paulo Gomes e Ricardo Teixeira,

que se identificarão materiais de cronologia pré-histórica evidenciando uma ocupação deste período por baixo das estruturas medievais. Foram realizadas várias campanhas de escavação entre os anos de 1987 e 1991, direccionadas para o levantamento da informação da ocupação medieval.

A ocupação pré-histórica revelou-se através de alguns materiais de superfície, outros deslocados em contextos medievais e ainda uma camada com materiais abaixo de uma estrutura também medieval, publicados por M. Rodrigues e N. Rebanda em 1997-98. Os materiais pré-históricos foram identificados em dois locais. Na Zona I, a área que corresponde à Igreja Românica, não tem contextos preservados; encontravam-se misturados com os materiais medievais e ainda do Bronze Final e Ferro Inicial (Rodrigues e Rebanda, 1997-98, p. 106/107). Já na Zona II, área de blocos graníticos onde se implanta a torre roqueira conhecida como Fraga do Corvo, identificou-se, abaixo de um piso medieval, *“uma camada, em que foi recolhido um espólio constituído exclusivamente por cerâmica manual com decoração impressa “penteada”. A presença deste tipo de cerâmica (...) só agora foi encontrada ‘in situ’ e integrada num estrato selado. Relacionado com as cerâmicas manuais foi encontrado um nivelamento construído com pedras de xisto de tamanho médio (todos os batólitos são em granito e a altura e inacessibilidade do conjunto implica que a sua presença só possa ser explicada pelo seu transporte premeditado) e terra de cor castanho escuro, verificando-se presença abundante de pontos de carvão no nível superior, supostamente de circulação e que se encontrava compactado.”* (Rodrigues, Teixeira e Gomes, 1990, p. 4)

Na Zona I foram recolhidos 691 fragmentos de cerâmica manual. Apresentam pastas com cozeduras redutoras (cerca de 78% - “coloração acastanhada e acinzentada”) e oxidantes (“coloração alaranjada”). Apesar da grande quantidade de material recolhido, o seu fraco estado de preservação apenas permitiu reconstituir a forma a 8 recipientes. Fazendo a equivalência, quando possível, das estampas publicadas com a nossa tabela tipológica (por forma a facilitar as comparações), reconhecemos a presença das seguintes formas: esféricos (5.1), com 4 exemplares; taças em calote (2.5) com 2 exemplares e ainda dois outros exemplares mais complicados de classificar. Os autores designam-nos como um único tipo, com a

definição de “recipiente aberto, de forma subcilíndrica, de paredes quase direitas, com uma ligeira inflexão exterior do bordo” (*Idem*, p. 108), que, somente através da estampa parecem ser dois tipos morfológicos distintos um de uma forma aberta e outro fechada (referimo-nos às figuras 13 e 21 referidas como pertencentes a este tipo definido).

Na totalidade estão presentes 100 fragmentos decorados (Figura 6), correspondendo a 14,5% do conjunto recuperado. Os autores identificaram as seguintes técnicas decorativas: incisão penteada (10,7% da totalidade do conjunto); impressão (1,3%); incisão (1,2%); e ainda decoração plástica (1,3%). Os motivos decorativos identificados apresentam bastante diversidade. Os mais frequentes são as bandas horizontais a incisão penteada (semelhante ao motivo V2a e V2d – quer direitas quer onduladas). Estão também presentes sequências de impressões com várias matrizes (semelhante ao motivo III2b) e alguma decoração plástica (cordões digitados e mamilos – considerados decoração pelos autores).

Na zona II recolheram-se 204 fragmentos de cerâmica pré-histórica. Estes apresentam, genericamente, pastas com superfícies alisadas, mas também uma pequena percentagem de pastas polidas (9,4%). Apresentam tonalidades maioritariamente acastanhadas e alaranjadas. Neste contexto foi possível reconstituir a forma a 15 recipientes. Reconhecem-se três esféricos (5.1); cinco taças em calote (2.5); três globulares (6.1; 6.3); e 4 troncocónicos (forma 26). Registam-se, ainda duas bases planas.

No que diz respeito à decoração, esta perfaz 14,3% da totalidade dos fragmentos. À semelhança da Zona I, registam-se algumas técnicas decorativas, a incisão penteada (11,8%), a impressão (1,5%), a incisão (0,5%) e a decoração plástica (0,5%). Segundo os autores, os motivos decorativos identificados seguem as tendências percentuais da zona I (*Idem*, p. 109).

Alguns apontamentos sobre os recipientes cerâmicos do Baldoeiro. Em primeiro lugar, no repertório formal destacam-se alguns tipos que não são habituais no que se conhece do calcolítico regional (atendendo, por exemplo aos sítios melhor conhecidos como o Abrigo do Buraco da Pala e o Crasto de Palheiros – Sanches 1997;

2008). Registam-se as formas de tipo troncocónico, sobressaindo uma delas com a presença de mamilos junto ao bordo. Pelo publicado, as formas abertas (as taças, sobretudo), aparentam ser minoritárias em relação às formas fechadas como os globulares e os esféricos. Ainda relativamente às formas sobressai a presença de bases planas.

Nos motivos decorativos (Figura 6), verifica-se a ausência dos “clássicos” triângulos incisos preenchidos com diferentes matrizes, sendo o grupo dos “penteados” o predominante. Mesmo nestes penteados, parecem existir alguns com uma característica particular, as métopas, feitas com recurso ao apagamento de partes do penteado. Só não é possível verificar se se trata de um processo realizado com recurso ao brunimento como nos casos da “Sala 20” do Buraco da Moura de São Romão (Seia – Valera, 1993, p. 49) ou sítio da Fraga da Pena, Fornos de Algodres (Valera, 2007), típico já do Bronze Inicial beirão. Por outro lado, assinala-se a presença de aplicações plásticas e a utilização de pasta branca para preenchimento dos alvéolos da decoração, como novidade respeitante ao que é conhecido para o calcolítico transmontano.

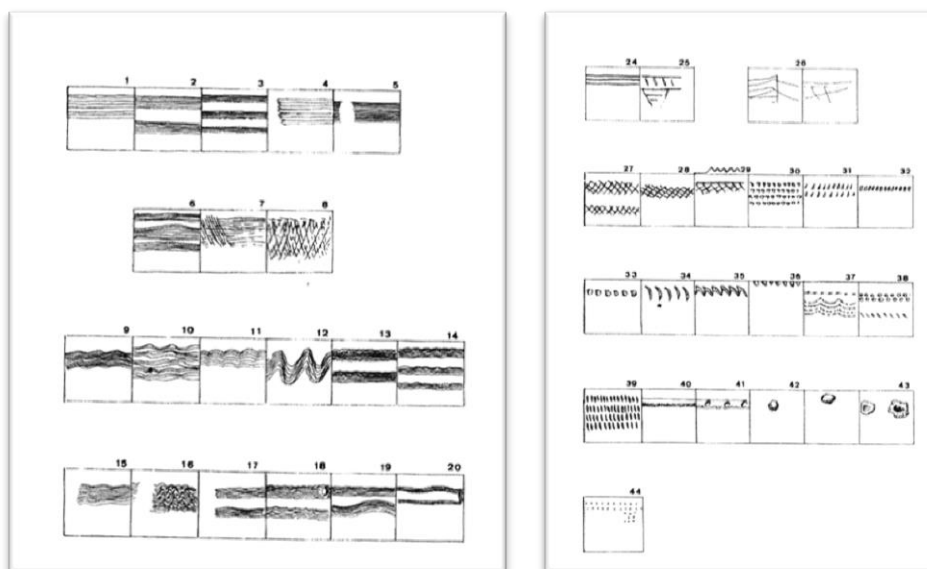


Figura 6 - Tabela de motivos decorativos do Baldoeiro, seg. Rodrigues e Rebanda, 1997-98, p. 112-113

O **Castelo de Algosó** localiza-se na freguesia de Algosó, concelho de Vimioso e apresenta várias fases de ocupação. É um sítio de altura, com óptima visibilidade sobre a paisagem envolvente e com algumas condições de defesa natural. Trata-se, hoje, de um castelo medieval preservado e musealizado que, aquando da instalação de postes eléctricos à sua volta, foi alvo de intervenções arqueológicas revelando ocupações Calcolíticas, da Idade do Bronze e da Idade do Ferro. Os trabalhos arqueológicos decorreram em 1999 e 2002, existindo apenas relatório da primeira intervenção, dirigida por José Argüello Menéndez (2002)<sup>7</sup>.

Nesta campanha foram abertas 39 sondagens arqueológicas de avaliação nas zonas de implantação das estruturas de iluminação do castelo. Segundo o director, as sondagens revelaram uma estratigrafia complexa com 6 fases históricas distintas (calcolítico a contemporâneo).

O nível de ocupação calcolítica centra-se na encosta Este do castelo e aparecem materiais residuais na encosta Oeste.

Este nível, do Sector 1, *“está representado por uma estrutura construída com pedras graníticas e xistos, por diversos materiais arqueológicos entre os que destacam as cerâmicas, machados, pesos em xisto, punção em bronze, contas de colar, etc. Durante o desvio da vala foi identificado, em camada de época moderna, um molde de fundição de machados do calcolítico”* (Idem, p. 6). Entre os materiais recuperados estão fragmentos cerâmicos com *“pasta dura e metálica, de menos espessura que as encontradas no sector 2, com fundos convexos, e decorados com incisões de formas diversas”*; indústria lítica com *“características distintas, entre eles destacam os pesos realizados em xisto que podem corresponder a pesos de tear, pesos de rede ou pesos de telhado de palha. Também foram encontrados dois machados em pedra e duas pontas de seta talhadas em xisto. Por último, foi recuperado um fragmento de quartzo que pode ter sido um objecto decorativo, uma vez que este minério não se encontra nos níveis geológicos do lugar do castelo”* (Idem, p. 25). Além destes, ressalta a presença de um molde de fundição para machados em granito – que, aliado ao de

---

<sup>7</sup> Colocámos um pedido de autorização à Direcção Regional de Cultura do Norte para o estudo dos materiais deste sítio arqueológico (níveis Calcolíticos e da Idade do Bronze) mas, infelizmente e por razões várias, ainda não se encontravam disponíveis.

Penas Róias, são os dois únicos moldes em granito conhecidos na região, que saibamos – com dupla face, uma para dois machados planos e outra para dois machados (planos?) e provavelmente um punção. Associado a este contexto está igualmente um punção metálico, que o autor refere como sendo de bronze, mas não foram feitas análises para determinar a composição, pelo que, se olharmos para o contexto onde aparece é mais provável que seja de cobre.

Estão também presentes fragmentos de fauna e ainda várias contas em cerâmica, xisto e variscite.

A partir das imagens que ilustram o relatório de escavação é possível tecer algumas considerações mais específicas sobre os materiais e, sobretudo, sobre os motivos decorativos presentes na cerâmica. Estão presentes os motivos típicos do calcolítico local, a saber, triângulos preenchidos (motivo decorativo II1b) e incisões penteadas (motivo V5f), a par com sequências de puncionamentos (motivo III2b). Pelo que é possível determinar a partir das fotografias, as superfícies dos fragmentos aparentam ter algum cuidado, inclusivamente apresentando polimentos. Através da cor, a maioria dos fragmentos retratada parece ter cozeduras oxidantes, com tonalidades alaranjadas e amareladas. O fragmento da fig. 31 apresenta um motivo novo (na nossa tabela), que consiste em duas bandas delimitadas por linhas incisas preenchidas por retículas de malha larga também incisas, abaixo do bordo. A superfície parece (pela fotografia) bastante escura e brilhante podendo ter uma cozedura redutora e um tratamento de superfície mais cuidado, como um polido ou até um brunido.

Os 2 “pesos em xisto” fotografados são, com forte probabilidade, fabricados com xistos moles, à semelhança dos recolhidos no Cunho, Barrocal Alto (Sanchez, 1992) e Fraga dos Corvos (Luís, Reprezas e Senna-Martinez, 2012). Encontram-se ambos fragmentados e apresentam uma perfuração.

O sítio denominado de **Cabeço da Mina**, em Vila Flor, é um dos sítios mais emblemáticos do calcolítico transmontano, pela sua raridade e originalidade. Localiza-se na freguesia de Assares, concelho de Vila Flor, num “*cabeço pouco saliente*” no vale da Vilarça, a cerca de 200m de altitude (Sousa, 1997, p. 187-188). O sítio está

implantado num “*cruzamento’ de dois caminhos naturais, um terrestre, Norte/Sul, e um fluvial Este/Oeste (o Douro)*” (*Idem*, p. 191). Neste cabeço identificou-se um conjunto significativo de estelas antropomórficas descobertas aquando da elevação do terreno, algumas das quais guardadas pelo proprietário do terreno, o que motivou, posteriormente, a realização de três campanhas de escavação, dirigidas por Orlando Sousa e, uma delas, por Francisco Sande Lemos. Nestas escavações detectou-se uma “*estrutura composta por um ‘imbrincado’ de pedras de granito, xisto e alguns calhaus de quartzo de diferentes tamanhos*” com cerca de 0,7 a 1m de largura e cerca de 0,50m de profundidade (*Idem*, p. 191). É provável que esta estrutura ajudasse a sustentar as estelas de granito: “*as pequenas estelas de granito, bem como as de xisto, não precisariam de bases de sustentação complexas. As próprias características do terreno argiloso, e com uma certa plasticidade, favoreciam a sua erecção, bastando enterrá-las um pouco. [...] pelo contrário, grande peças além de terem uma base mais larga, precisariam de ter calços, dados o seu tamanho e peso. Isto pode explicar o facto de até agora não termos encontrado ‘camas’ para as estelas*” (*Idem*, p. 192). Não foram encontrados quaisquer outros vestígios arqueológicos no âmbito das campanhas de escavação.

São, portanto, as estelas as grandes estrelas deste sítio arqueológico, constituindo o “*maior conjunto da Península Ibérica*”, com forte grau de heterogeneidade: “*temos estelas de vários tamanho, formas, diferentes atributos decorativos, dois tipos de suporte (granito e xisto), e ainda bastantes exemplares sem qualquer decoração*” (*Idem*, p. 192-193).

São, na totalidade, 51 exemplares conhecidos, 21 com decoração e 30 lisas (Jorge, 1999) que, quando conjugada a evidência arqueológica com as fontes orais locais, se pensa que se encontrariam dispostas num círculo de pedras que rodearia todo o cabeço: “*the existence of a stone enclosure surrounding the hill into which the ‘stelai’/menhirs were incorporated. In other words, it appears if this were a sanctuary, well-integrated into the landscape and outside of any known settlements*” (*Idem*, p. 138).

O estudo detalhado das estelas decoradas foge ao âmbito deste trabalho, mas não queríamos deixar de assinalar a presença, em território transmontano, de um sítio de tamanha importância para a discussão das práticas simbólicas/rituais/mentais das comunidades pré-históricas transmontanas. No entanto, em estudo muito recente, Y. Terroba Souto (2015) elabora uma revisão detalhada da problemática das estatuária da Idade do Bronze, defendendo que, com alguma probabilidade, as estelas provenientes do Cabeço da Mina poderão datar-se do Bronze Inicial. Trata-se assim de um debate futuro na agenda científica.

Relativamente às comunidades calcolíticas, os estudos de síntese apresentados decorrem quase exclusivamente do trabalho de Maria de Jesus Sanches. Deixamos aqui algumas das suas principais conclusões, tendo em especial atenção ao comportamento diacrónico dos sítios e respectivos conjuntos cerâmicos, alargando a área territorial de forma a sintetizar tendências mais gerais.

Em primeiro lugar, salienta a quantidade significativa de sítios arqueológicos conhecidos em Trás-os-Montes e Alto Douro integráveis, genericamente, no Calcolítico, mas que, atendendo à escassez de datações absolutas não permitem a criação de uma periodização mais fina, sobretudo que enquadre as transformações sentidas em finais do III<sup>o</sup> milénio (1997, p. 217). Relativamente ao tipo de povoados identificados, *“cremos serem predominantemente sedentários, maioritariamente abertos e localizados em topografias que localmente, mas em diferentes graus, permitem um bom domínio da paisagem envolvente”* e simultaneamente uma *“complexificação habitacional marcada 1) pelo aparecimento, nalguns povoados, de áreas ‘funcionais’ (...) 2) pela marcação arquitectónica ou delimitação de espaços habitacionais por pequenos muros toscos de contenção (...), por muros ou muralhas vedando a entrada de ‘esporões’ (...), ou mesmo pela construção de possantes e complexas arquitecturas que inserem linhas de muralhas (...), 3) pelo aumento substancial da capacidade dos recipientes cerâmicos nos povoados; 4) pela criação de locais com funções específicas, fora do espaço doméstico propriamente dito, como é o caso do enorme armazém de cereais, leguminosas e bolota, no abrigo do Buraco da Pala”* (Idem).

Elabora igualmente uma síntese para a cerâmica deste período, afirmando que as formas e decorações dominantes neste território se encontram ainda enraizados na tradição neolítica, com maioria de cerâmica sem decoração. As decorações são dominadas pelas sequências de impressões, sendo mais rara a incisão e a incisão penteada, e pelos triângulos simples (*Idem*, p. 227). As maiores inovações no repertório cerâmicos aparecem em torno de meados do III<sup>o</sup> milénio, consistindo num aumento do volume dos globulares; no aparecimento de formas acampanuladas, campaniformes e bases planas; maior complexificação decorativa, recorrendo a métopas; surgimento de algumas formas carenadas (*Idem*).

Genericamente situável na transição do III<sup>o</sup> para o II<sup>o</sup> milénios a.C., está outro conjunto de transformações na cerâmica, muitas das quais se vão prolongar pelo II<sup>o</sup> milénio adentro. Refere-se à presença simultânea do campaniforme com artefactos metálicos, recipientes de paredes direitas e troncocónicas, e bases planas no povoado da Pastoria (Chaves) e em Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar)<sup>8</sup>; e ainda à presença de cerâmicas Cogeces em Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) e Castelo de Ansiães (Carrazeda de Ansiães), cerâmicas hoje bem integradas no Bronze Médio (discutidas no capítulo 7) (*Idem*).

É ainda feita uma reflexão sobre a mudança dos finais do III<sup>o</sup>/inícios do II<sup>o</sup> milénios, que nos interessa particularmente. Refere que existe uma “*certa continuidade na ocupação de alguns povoados nos finais do III<sup>o</sup> milénio, nuns casos, e nos inícios/meados do II<sup>o</sup> milénio, noutros, à semelhança do que acontece no SW da Meseta Norte*” (*Idem*), afirmando que alguns povoados foram abandonados, mas outros terão sido mantidos ao longo da viragem do milénio (apesar de ter apenas indícios como suporte, e poucas datas absolutas). Neste sentido pensa “*não ter havido um desmembramento do povoamento calcolítico, mas antes uma paulatina transformação nas formas de apropriação dum território longamente laborado e transformado, do qual resultariam marcadas assimetrias regionais e micro-regionais*” (*Idem*, p. 228). Sugere ainda como causas e mecanismos dessa transformação um desenvolvimento da economia agro-pastoril e das actividades artesanais, criadas

---

<sup>8</sup> A Pastoria e Castelo de Aguiar serão referidos no nosso capítulo 5 a propósito das cerâmicas do Bronze Inicial.

através de *“um efeito cumulativo decorrente duma intensificação sistemática e intencional de práticas oriundas de modelos agro-pastoris mais antigos”* (Idem). Por outro lado, o papel das outras actividades artesanais e domésticas, como a tecelagem e a metalurgia, integram estas comunidades em redes de comunicação e intercâmbio que também lhes conferiria uma dinâmica onde *“outras actividades, poderiam ser social, económica e ritualmente utilizadas como elementos dinamizadores das relações sociais e políticas pretendidas”* (Idem, p. 229). A metalurgia em particular, com grande visibilidade das armas e do depósito de alabardas, pode sugerir *“uma posição de poder local, ou de elites locais pouco fortes quer, em alternativa, (...), um tipo de estrutura social que manteria um grau relativamente fraco de abertura ao exterior”* (Idem, p. 230).

## 4.2 Os sítios considerados

### 4.2.1 Xaires

#### 4.2.1.1 Localização

O sítio arqueológico de Xaires está localizado na freguesia de Talhas, concelho de Macedo de Cavaleiros com as seguintes coordenadas: 6º 46' 46'' W e 41º 25' 34'' N (folha 79 da CMP 1:25000) (Figura 7). Está implantado numa elevação de suave declive, com o topo aplanado e aberto, não apresentando condições naturais de defesa, apesar de possuir um bom domínio visual da paisagem.



Figura 7 - Localização de Xaires na C.M.P 1:25000 e imagem geral do sítio, segundo Ventura et.al. (2013)

#### 4.2.1.2 História da investigação

O sítio foi identificado em 2004 no âmbito do projecto da Carta Arqueológica de Macedo de Cavaleiros, financiado pela Associação Terras Quentes e dirigida por Carlos Mendes. A equipa que identificou este sítio era dirigida por Hélder Carvalho.

Foi identificada uma mancha de dispersão de materiais arqueológicos, que terão vindo à superfície por acção dos trabalhos agrícolas do local, nomeadamente do plantio de olivais e searas. Estes materiais encontravam-se muito fragmentados e algo rolados.

Após a identificação do sítio, foram realizadas três campanhas de escavação, que decorreram nos verões de 2008, 2009 e 2010, dirigidas por Hélder Carvalho, José Ventura e Patrícia Pinheiro. Os resultados destas campanhas foram publicados –

Carvalho, Ventura e Pinheiro, 2009; *Idem*, 2010, *Idem*, 2011. Um primeira análise de materiais foi posteriormente publicada, na qual nós próprios pudemos estudar os materiais cerâmicos (Ventura *et al.*, 2013).

Na primeira campanha, em Agosto de 2008, foi aberta uma sondagem de 6m<sup>2</sup>, numa área de concentração de materiais arqueológicos à superfície. O objectivo desta campanha era *“detectar e identificar possíveis estruturas, que nos permitissem determinar o grau de conservação e, eventualmente, a inserção dos materiais recolhidos durante as prospecções”* (Carvalho, Ventura e Pinheiro, 2009, p. 91). Nesta intervenção foi possível avaliar a extensão da acção do arado sobre os contextos arqueológicos e identificar algumas estruturas preservadas (nomeadamente um “ piso de ocupação ” e buracos de poste). Determinou-se, igualmente, a potência estratigráfica do sítio arqueológico através da escavação em profundidade de 2m<sup>2</sup> no centro da sondagem (*Idem*). Desta acção, pode-se identificar uma estrutura pétreia de preparação prévia do “ piso de ocupação ” (*Idem*, p. 93).

No ano seguinte planeou-se um alargamento da sondagem escavada, mas, devido a acções de lavra no sítio e destruição dos referenciais topográficos, foi necessário elaborar um *“novo levantamento topográfico que incluísse a anterior área intervencionada, num total de 25m<sup>2</sup> correspondentes aos quadrados F/G-5/16 e H10”* (Carvalho, Ventura e Pinheiro, 2010, p. 8-9). Nesta campanha foi possível continuar a escavação das realidades estratigráficas anteriormente detectadas tais como as camadas superiores afectadas pelo arado, o “ piso de ocupação ” e a identificação de outras estruturas como fossas e buracos de poste (*Idem*).

Em Agosto de 2010, realizou-se a última campanha de escavação neste sítio arqueológico. Aquando do início dos trabalhos verificou-se que o sítio havia sido novamente lavrado, destruindo os referenciais topográficos. *“Desta forma, foi mais uma vez necessário redefinir uma estratégia de aproximação ao arqueossítio, a qual foi delineada em duas fases: detectar o topo Norte da área intervencionada em 2008 e 2009; alargar no sentido Este-Oeste a área intervencionada de modo a entender o ambiente em que se inseria o piso de cabana detectado”* (Carvalho, Ventura e Pinheiro, 2011, p. 26). Foi aberta uma nova área de 18m<sup>2</sup> adjacente ao topo Norte da área

anterior. Nesta intervenção foi possível observar que, à semelhança da sondagem anterior, os níveis superficiais se encontravam bastante afectados pelo arado, apresentando os seus negativos em toda a área intervencionada. No entanto, algumas estruturas arqueológicas ainda se encontravam preservadas como dois buracos de poste e uma pequena parte de um outro “ piso de ocupação ”. Ficaram, porém, por resolver algumas questões estratigráficas e, em grande parte da área, não se procedeu à escavação até ao afloramento geológico. Era intenção dos directores realizar novas campanhas de escavação mas estas não foram, até hoje, possíveis (*Idem*).

No registo de campo e na estratigrafia apresentada foi privilegiada a compreensão horizontal do sítio, ou seja, a descrição das realidades à medida que estas aparecem no terreno, registando-se como visão de conjunto. No entanto, na nossa opinião, a compreensão vertical do sítio, em termos diacrónicos, fica algo penalizada, não sendo possível, em vários casos, discernir que camadas é que estão acima das outras, simplesmente por serem descritas como estando ao lado, paralelas. O caso mais importante é que falta compreender qual a relação estratigráfica entre os designados pisos de ocupação e as camadas que os rodeiam.

Os materiais arqueológicos recolhidos encontram-se à guarda da Associação Terras Quentes, prevendo-se a sua integração no Museu de Arqueologia local.

#### **4.2.1.3 Estratigrafia e estruturas**

A estratigrafia e as estruturas aqui apresentadas resultam de um resumo dos dados publicados pelos autores da escavação. Por essas publicações serem demasiado descritivas para os objectivos deste trabalho, optámos por elaborar apenas uma síntese e apresentar a estratigrafia em *matriz de Harris* (Figura 8), remetendo para anexo a reprodução das plantas originais. Qualquer lapso ou omissão desta descrição ou da própria matriz é da nossa responsabilidade.

Como já mencionado acima, o sítio arqueológico sofreu várias fases de destruição, inclusivamente entre as próprias campanhas de escavação o que dificultou a identificação e o registo das realidades (já de si, pouco) conservadas.

Neste sentido, as unidades estratigráficas superiores são resultado dessas mesmas destruições, nomeadamente através das marcas de arado usado para plantação de espécies agrícolas – neste particular, um olival. É o caso das U.E.s [2, 3, 21 e 22]. Cortadas por essas realidades foi identificada uma camada de terras de consistência média com alguns materiais arqueológicos [1=20], que, por sua vez, cobriam as estruturas arqueológicas conservadas (Anexos – Figura 6). A cortar a U.E. [1] encontrava-se ainda um buraco de poste mal conservado, U.E. [38].

Imediatamente abaixo da U.E. [1] identificou-se um conjunto de estruturas arqueológicas conservadas: um “ piso de cabana ” e 4 buracos de poste. O “ piso ”, U.E. [4] era composto por uma *“ matriz de terras compactas de coloração vermelho-amareladas ... julgamos estar perante o topo de um piso de habitação conservado ”* (Carvalho, Ventura e Pinheiro, 2009, p. 93).<sup>9</sup> Ao “ piso ” [4] estão associados 4 buracos de poste: os nº [15] [23] e [25] que a cortam e o nº [12] que se encontra muito próximo do seu limite sul. Estes são buracos de poste de pequena profundidade e delimitados ou envolvidos em blocos pétreos de pequena dimensão. A sua boca é bastante irregular, o que se deverá ao estado de preservação. A cortar a U.E. [4] encontravam-se duas fossas de médias dimensões, U.E.s [8, 10], o que fez com que, inicialmente e por prudência, se atribuíssem três números de unidade estratigráfica ao “ piso ” antes de se alargar a sondagem e se confirmar que se tratavam da mesma realidade (Anexos – Figura 7).

Abaixo da U.E. [20] identificou-se uma pequena fossa, U.E. [28], preenchida por uma língua de terras amarelo-avermelhadas, U.E. [29], que corta uma outra unidade, [13], que ainda evidencia as marcas do arado, U.E.s [21, 22].

Na área sul onde não foram identificados vestígios de “ pisos ”, encontra-se a referida U.E. [13], não sendo, no entanto, clara a relação estratigráfica desta com a do “ piso ” [4]. São apenas apresentadas as unidades lado a lado em planta.

---

<sup>9</sup> A designação de “ piso ” ou “ piso de habitação ” tem sido utilizada por alguns autores para descrever camadas de terras compactadas, horizontais e com materiais incrustados na superfície, justificando que estas características se devem à utilização da camada como chão, quer do interior de estruturas quer nos espaços abertos dos habitats. Muitas vezes encontram-se associados a buracos de poste e/ou outras estruturas como lareiras, muretes, fossas etc. Utilizamos a expressão entre aspas por não ser consensual.

Do segundo “pisso”, U.E. [36], muito pouco se encontra conservado. É descrito como “uma matriz de terras extremamente compacta de coloração castanha (7,5 YR5/2) que pela superfície superior polida e extremamente compacta, se configura como vestígios de um outro piso de habitação de uma eventual cabana...” (Carvalho, Ventura e Pinheiro, 2011, p. 28). A esta estrutura está associado um buraco de poste, U.E. [35].

Numa pequena área intervencionada em profundidade, centrada no “piso” [4], foi possível identificar uma camada, U.E. [17], “matriz de terras duras, castanhas vivas, na qual se encontravam integrados elementos pétreos de xisto, de pequenas e médias dimensões U.E. [16]. Julgamos que estamos perante uma das fases de preparação prévia do solo, para a criação do piso de habitat” (Carvalho, Ventura e Pinheiro, 2009, p. 93).

Atendendo à estratigrafia apresentada, aos níveis e estruturas arqueológicas identificados e, ainda, à homogeneidade dos materiais recolhidos, pensa-se poder tratar-se de uma única fase de ocupação (cf. Carvalho, Ventura e Pinheiro, 2011, p. 28).

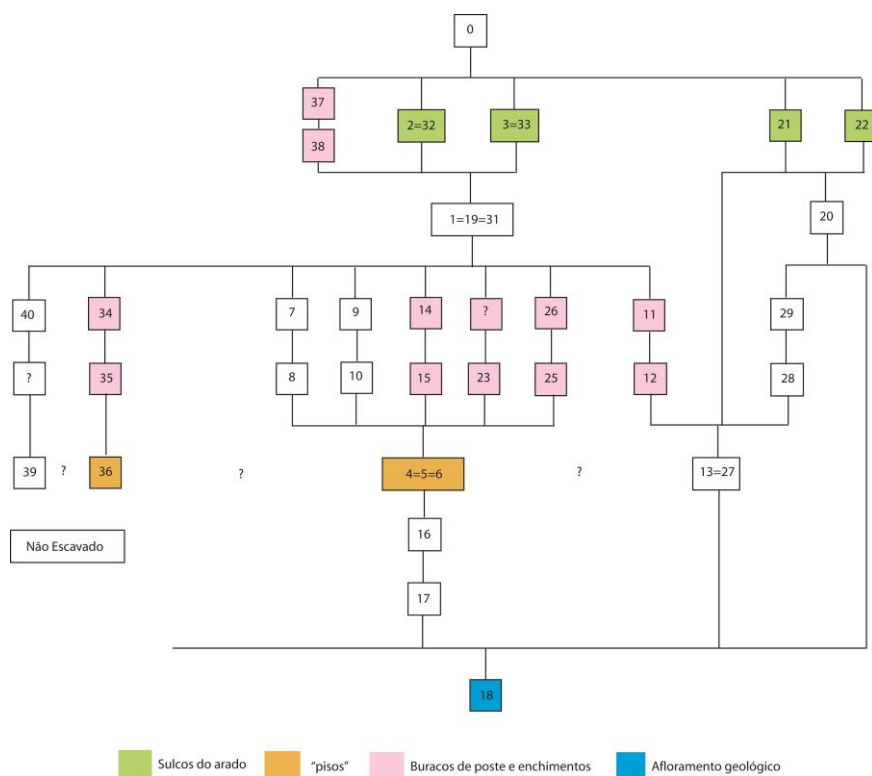


Figura 8 - Matriz de Harris de Xaires.

#### 4.2.1.4 Recipientes cerâmicos

Os materiais cerâmicos foram previamente publicados num artigo elaborado em conjunto com os directores das escavações sobre os materiais arqueológicos do sítio (Ventura *et al.*, 2013). Visto que a nossa parte em particular foi o estudo dos materiais cerâmicos, optámos por apresentar aqui esses mesmos dados, apenas com as alterações que julgámos pertinentes.

O conjunto cerâmico proveniente de Xaires é constituído por 172 fragmentos identificáveis: fragmentos de bordo (48), bordo decorado (16), colo (1), colo decorado (4), bojo decorado (101), base (1) e colher (1). Em termos gerais, são fragmentos de pequeno tamanho com evidências de rolamento das arestas indicando, por um lado, um elevado grau de dispersão dos materiais e, por outro, fracas condições de preservação dos recipientes. A esta afirmação não será alheia a forte presença de materiais de superfície – 113 fragmentos em 172 (65%).

Atendendo a que estamos provavelmente perante uma única fase de ocupação optámos por apresentar os resultados como um único conjunto. Foram considerados os materiais de superfície no mesmo conjunto por dois motivos: a existência de uma única fase de ocupação; a erosão e as destruições que o sítio sofreu foram trazendo à superfície vários artefactos.

O Número Mínimo de Indivíduos é composto por 64 fragmentos – bordos e bordos decorados depois de verificadas colagens.

A análise de pastas e de formas incidiu sobre o Número Mínimo de Indivíduos do qual apenas 9 provêm de estratos arqueológicos conservados (7 provenientes da U.E. [1] e 2 da [4]), sendo os restantes de superfície ou da U.E. [0].

Os recipientes cerâmicos de Xaires são genericamente pouco diversificados no que diz respeito às pastas (Gráfico 3). O seu estado de conservação é genericamente regular mas com uma percentagem significativa de mau estado. A consistência é 100% compacta e a textura com uma maioria xistosa, mas algumas texturas homogéneas. Apresentam elementos não-plásticos frequentes de pequeno e médio calibre. Há um

equilíbrio de tipos de cozedura, ainda que com ligeira maioria de cozeduras oxidantes, sendo que estas últimas exibem tonalidades vivas alaranjadas, contrastando com os tons cinzentos e beije escuro das redutoras.

O elevado grau de corrosão das superfícies dos fragmentos, provavelmente decorrente das adversas condições pós-deposicionais a que estiveram expostos, dificulta, senão impossibilita, a correcta aferição dos tratamentos de superfície. Apenas dois fragmentos preservam vestígios desses acabamentos, nomeadamente, no lado exterior, alisado sobre aguada vermelha e, no interior, alisado com aguada vermelha ou espatulado com aguada beije.

As espessuras máximas são muito homogéneas, concentrando-se, quase na totalidade, na classe dos 0,6-1cm.

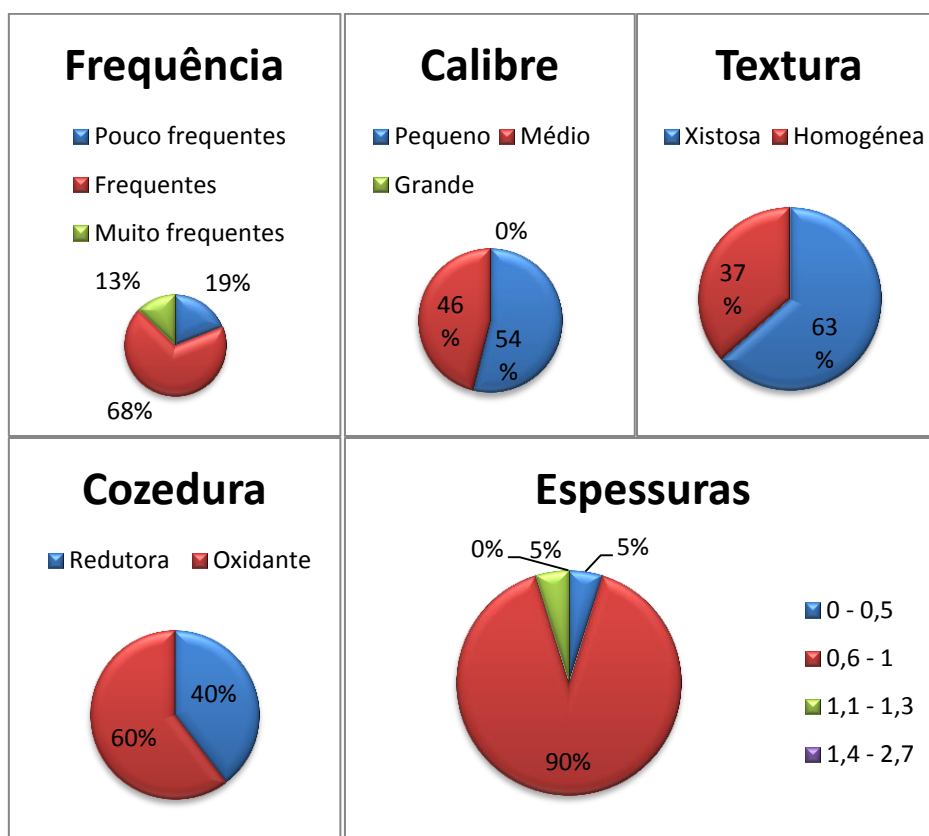
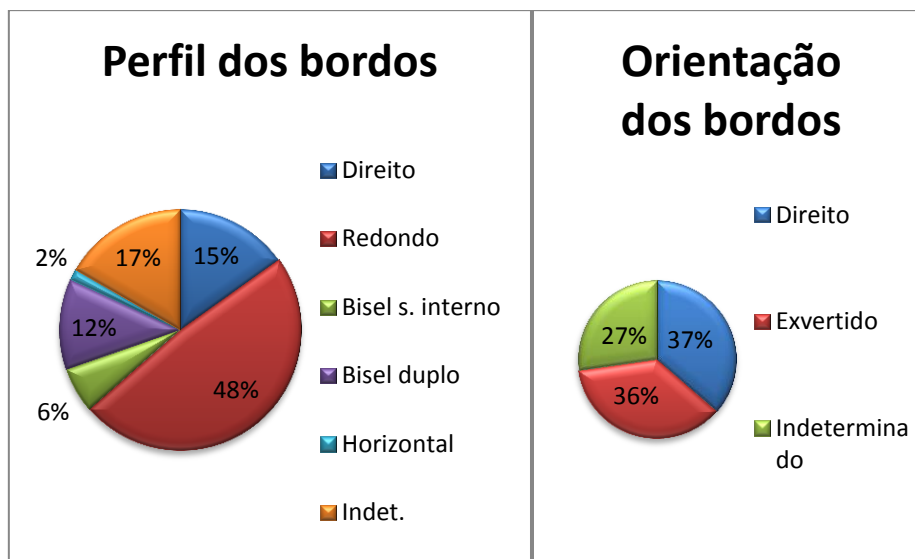


Gráfico 3 - Pastas dos recipientes de Xaires

Os bordos apresentam alguma diversidade quanto ao acabamento, predominando os redondos, com quase metade das ocorrências (Gráfico 4). Seguem-

se os direitos e os biséis duplos. Os horizontais e em bisel simples interno são menos frequentes. Em 17% dos casos não se conseguiu identificar o perfil. Quanto à orientação, os bordos são equitativamente direitos e exvertidos. Mais de um quarto deles não permitiu observar a orientação.



**Gráfico 4 - Perfil e orientação dos bordos de Xaires**

No que diz respeito às formas, o conjunto exhibe uma baixa percentagem de reconstituição, apenas 15,6% do NMI – 10 fragmentos, o que se deverá, mais uma vez, ao estado de conservação dos materiais. Esta baixa representatividade formal torna uma comparação estatística e percentual pouco fiável, de maneira a que passamos apenas a enunciar quais as formas e os subtipos presentes e respectiva frequência absoluta.

As formas abertas estão exclusivamente representadas pelas taças, forma 2, com os subtipos 2.4 (taça hemi-elipsoidal funda) – 2 exemplares; e 2.5, taça em calote – 3 exemplares; com um total de 5 recipientes. As formas fechadas reúnem os globulares, forma 6, com os subtipos 6.1 (globular de colo vertical) - 1 fragmento; e 6.4 (globular de colo estrangulado) – 3 fragmentos, num total de 4 recipientes; e ainda um fragmento da forma 8, esféricos achatados, subtipo 8.1 (esférico achatado). Neste sentido, verifica-se igual representatividade de formas abertas e fechadas.

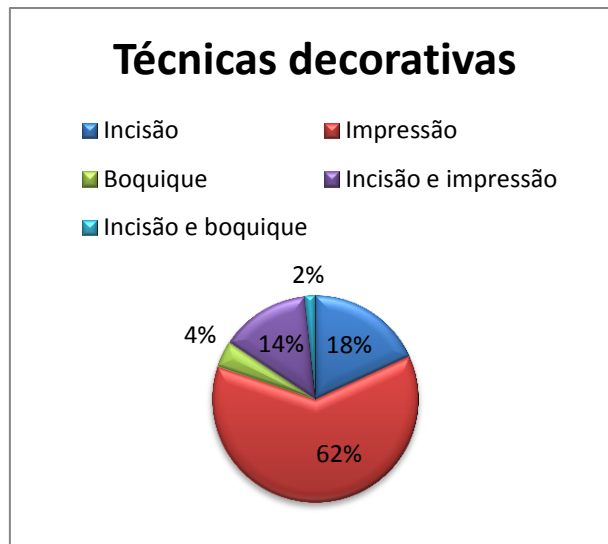
Das formas recuperadas, só um fragmento tem contexto arqueológico, proveniente da U.E. [1], uma taça em calote.

Dos 10 fragmentos que permitiram a atribuição de forma, apenas 4 permitiram a reconstituição do diâmetro bucal, o que se deve ao pequeno tamanho dos bordos e também à irregularidade do lábio. Assim, um único fragmento da forma 2 apresenta diâmetro calculável, de 10,6 cm; da forma 6 foram calculados diâmetros de 14,8 e 17,8 cm; da forma 8 um diâmetro de 16,2 cm. Trata-se, portanto, de recipientes com diâmetros bucais grandes que sugerem alguma capacidade volumétrica. Associando estes dados às espessuras máximas medidas, entre 0,7 e 1 cm, pensamos que estes recipientes não se adequariam ao “serviço de mesa” mas sim a outras tarefas domésticas, como armazenagem quotidiana, transporte e armazenagem de líquidos, sobretudo no caso dos globulares, etc.

O sítio de habitat de Xaires conservou 119 fragmentos cerâmicos com decoração. Dentro do universo dos recipientes individualizados, 16 apresentam decoração o que perfaz 25% do total. Os motivos localizam-se quase exclusivamente na superfície externa sendo difícil identificar assertivamente o local concreto da decoração na medida em que se trata na maioria de fragmentos de pequeno tamanho. Estão, contudo, documentados casos de decoração no colo e no bordo dos recipientes, áreas de boa visibilidade para quem os manipula. A decoração não é elaborada somente nos recipientes de pasta fina e cuidada, mas também, e frequentemente, em recipientes de paredes mais espessas (cerca de 1cm aproximadamente) com pastas mais rudes, com elementos não-plásticos de médio e grande calibre, frequentes e muito frequentes.

A relação decoração – tipo morfológico é escassa no conjunto preservado, apenas tendo sido identificada em 3 taças e 2 globulares.

Estão presentes as técnicas decorativas mais comuns (Gráfico 5), incisão simples, impressão simples, *boquique* (ou puncionamento arrastado) e a utilização conjunta de incisão e impressão e de incisão e *boquique*. Domina, neste particular, a impressão simples, com 63% das ocorrências; a incisão simples e a incisão/impressão são também frequentes, deixando o *boquique* uma presença quase vestigial.



**Gráfico 5 - Técnicas decorativas dos recipientes de Xaires**

Os motivos decorativos representados são algo variados mas estruturam-se em torno de dois padrões nucleares, os triângulos e as sequências de impressões (Gráfico 6).

Predominam as sequências de impressões, com várias matrizes, sobretudo as que se desenvolvem em várias filas. Nem sempre se associam ao bordo. Estão presentes matrizes de ponta arredondada ou circular, por vezes usadas com diferentes graus de profundidade e precisão criando um efeito mais “desorganizado” dentro das próprias sequências de impressões. Destacam-se também matrizes rectangulares de cantos arredondados e ainda em forma de meia lua. Devido ao estado de fragmentação do conjunto não é possível determinar se alguns destes motivos não teriam feito parte de preenchimento de triângulos, já que existem semelhanças entre essas duas organizações decorativas.

De seguida os triângulos, sendo os mais comuns os II1e, ou seja, com preenchimentos com sequências de impressões ou *boquique*. Os preenchimentos são, tal como acontece nos motivos III2b, criados com diversas matrizes e dispostos de várias formas: circulares e dispostos em linhas paralelas muito próximas entre si; rectangulares pequenos dispostos em linhas paralelas mais afastadas; e rectangulares grandes em linhas paralelas próximas. Existem poucos exemplares de triângulos

preenchidos com linhas incisas (II1b). O mau estado dos fragmentos impossibilitou a aferição do motivo em alguns fragmentos e, em outros casos, apenas permitiu observar o motivo central, o triângulo, através das linhas incisas (mais fundas?) que os delimitavam, sem que se perceba qual o seu preenchimento.

Estão também presentes dois motivos únicos, elaborados com incisão e impressão, os I3a. Estes são compostos por uma ou duas linhas de impressões sub-rectangulares sequenciais abaixo de linhas incisas. Num dos casos trata-se de linhas incisas quebradas ou em V com linhas paralelas aos dois lados; no outro linhas incisas finas, mais ou menos paralelas entre si, e ligeiramente inclinadas em relação à linha de impressões.

Alguns motivos, por outro lado, suscitam-nos algumas dúvidas exactamente pela homogeneidade de desenho. Referimo-nos sobretudo a fragmentos enquadráveis no motivo III2b. As impressões são muito semelhantes entre si e sempre do mesmo tamanho, levando-nos a supor a utilização de uma matriz única que deslizaria sobre a pasta, algo tipo roleta. No entanto, a escassez de referências a esta técnica na bibliografia pré-histórica incita-nos a ter algumas reservas quanto à sua efectiva utilização. Como os fragmentos são sempre de pequeno tamanho, não é possível verificar se existiram repetições/imperfeições sempre no mesmo local, ou de x em x impressões, o que comprovaria uma matriz única deslizante.

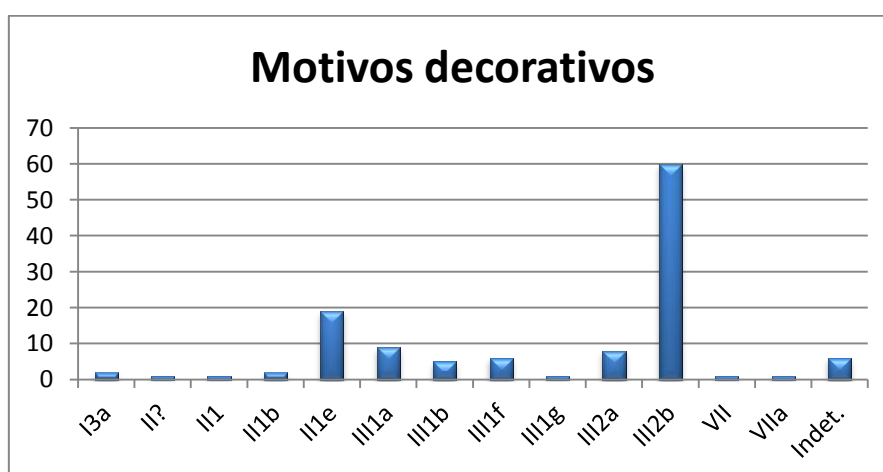


Gráfico 6 - Motivos decorativos dos recipientes de Xaires

No que diz respeito às bases, apenas foi identificado um fragmento, recolhido à superfície, de tipo plano aplanado. Apresenta uma consistência compacta, uma cozedura oxidante e elementos não plásticos frequentes de médio calibre. Não foi possível associá-la a qualquer fragmento de bordo.

#### **4.2.1.5 Outros materiais cerâmicos**

##### **4.2.1.5.1 Colheres**

Foi identificado um fragmento de uma possível colher, recolhido à superfície, de consistência compacta, cozedura redutora e elementos não plásticos frequentes de pequeno calibre. Não é possível determinar o tamanho da pega nem o tamanho ou diâmetro da colher em si.

##### **4.2.1.5.2 Argila cozida**

Foram identificados 3 fragmentos de argila cozida com marcas de ramagens, vulgarmente conhecidos como “barro de cabana”, remetendo para as técnicas construtivas utilizadas no sítio arqueológico. No entanto, e mais uma vez, a parca quantidade deste tipo de artefacto remete-nos para o grau de afectação que o sítio terá sofrido, dispersando e fragmentando os materiais arqueológicos.

## 4.2.2 Alto da Madorra

### 4.2.2.1 Localização

O sítio do Alto da Madorra está localizado na freguesia de Vale Benfeito, concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança, com as seguintes coordenadas: 41° 30' 49" Lat. N. e 02° 08' 49" Este de Lisboa (Figura 9). Situa-se no “topo e encosta sul/sudeste de um pequeno monte, de perfil cónico, cuja cota máxima é de 563,2 m, possuindo um razoável domínio visual, sobretudo para sul e sudeste” (Carvalho et al., 1997, p. 97).

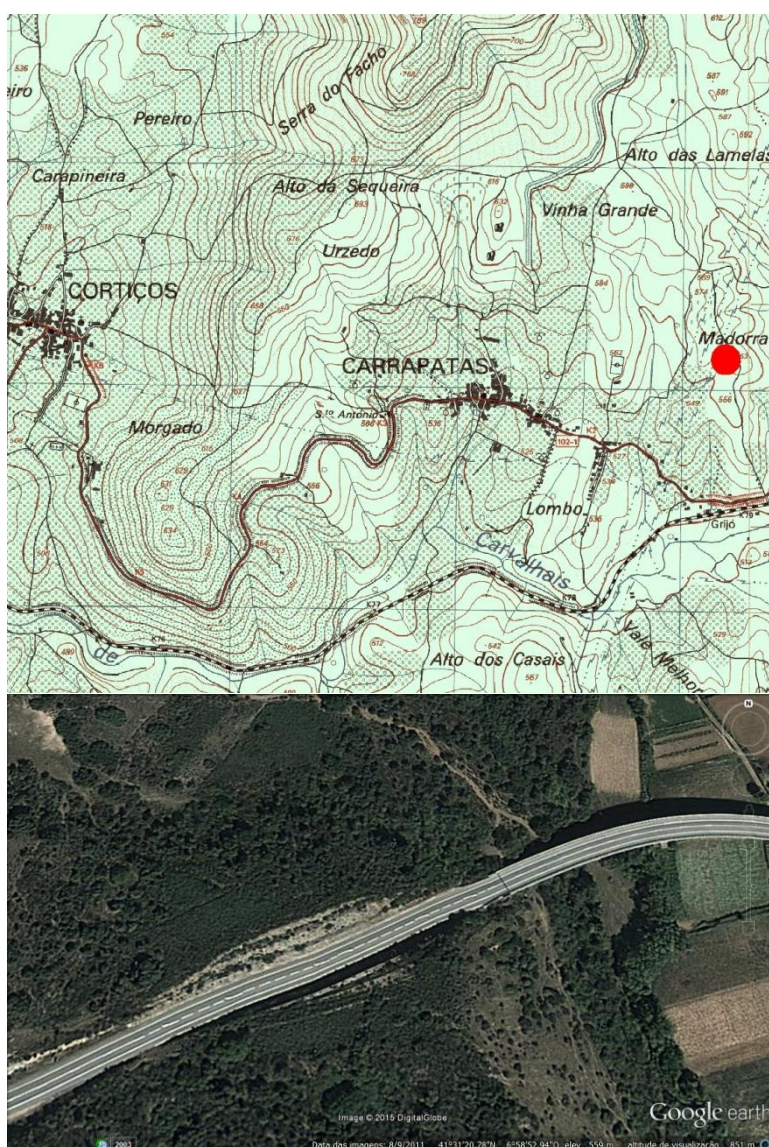


Figura 9 - Localização do Alto da Madorra na C.M.P 1:25000 e vista da área pelo Google Earth

#### **4.2.2.2 História da investigação**

O sítio do Alto da Madorra foi identificado no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental para o Projecto de Execução do IP2-EN216 – Vale Pradinho/EN 102 – Vale Benfeito, em 1996, classificado na altura como Madorra 1 e 2 – povoado e monumento funerário (mamoá) de aparente cronologia pré-histórica. Este último, segundo os autores da identificação, ou não existiu ou já se encontra completamente destruído. Quanto ao povoado, por se encontrar na área directa de afectação do referido IP, foi alvo de uma campanha de escavação que minimizasse o impacto do referido projecto neste sítio arqueológico, que decorreu em 1997 dirigida por Luís Gomes e uma equipa da empresa *Arqueohoje*.

Dessa intervenção resultou uma publicação de síntese dos trabalhos com apresentação da estratigrafia e estruturas encontradas, bem como algumas considerações preliminares sobre o espólio recolhido (Carvalho et. alli, 1997).

Os materiais foram, mais tarde, entregues à guarda da Associação Terras Quentes. Um primeiro estudo foi elaborado por Bruno Rebelo, em 2011, incidindo sobre uma pequena amostra dos materiais cerâmicos no âmbito de um trabalho de final de licenciatura, também esse publicado (Rebelo, 2011).

O restante material cerâmico foi estudado por nós próprios e publicada em Luís (2013), pelo que reproduzimos aqui esses resultados com algumas correcções e adaptações.

#### **4.2.2.3 Estratigrafia e estruturas**

Atendendo à acentuada dispersão dos achados de superfície foram abertas várias sondagens ao longo do cabeço, de modo a avaliar o estado de conservação do sítio e determinar a sua extensão. Desde logo se verificou que os níveis superiores se encontravam remexidos pela intensa actividade agrícola, mas que ainda se conservavam níveis arqueológicos de fraca potência estratigráfica. Foram, consequentemente, marcados dois sectores de intervenção nas áreas que revelaram

maior concentração de materiais, designados de A e B (Carvalho *et al.*, 1997, p. 98). Foram ainda abertas outras duas valas de diagnóstico que se revelaram praticamente estéreis.

O Sector A apresenta apenas uma fase de ocupação representada por uma camada arqueológica. Apresenta uma acumulação de elementos pétreos *“que, em algumas zonas, formam uma espécie de “empedrados” que delimitam depressões no afloramento”* (*Idem*, p. 99). Junto a esta acumulação pétrea, foram identificados dois sulcos escavados no solo que foram interpretados como uma possível estrutura de contenção de ventos. Neste sector foram exumados fragmentos cerâmicos e utensílios de pedra polida, bem como vários nódulos de barro de revestimento (*Idem*, p. 99-101) (Anexos – Figura 9).

O Sector B revelou níveis arqueológicos melhor preservados, nomeadamente estruturas e uma estratigrafia com vestígios antrópicos. Na área oeste foi identificada uma estrutura de combustão de planta sub-elipsoidal inserida numa depressão do afloramento rochoso e delimitada por blocos pétreos de média dimensão de xisto e quartzo. Encontravam-se associados a esta estrutura vários artefactos, *“cerca de uma centena de fragmentos cerâmicos, correspondentes a cerca de uma dezena de recipientes, bem como a dois polidores e um fragmento de movente”* (*Idem*, p. 101) e duas concentrações de carvões. Estas amostras antracológicas cobrem alguns elementos pétreos e recipientes cerâmicos partidos no local, que levam os autores a avançar com a possibilidade da existência de uma estrutura de madeira que terá ardido e ruído, destruindo esta área do povoado (*Idem*, p. 102). É ainda indicada a possibilidade de esta área de combustão apresentar duas zonas distintas de utilização – uma área doméstica e outra de despejo de detritos (Anexos – Figura 10).

A estratigrafia apresentada para o Sector B não é clara no que diz respeito às relações entre a estrutura de combustão, a área de detritos e a camada 2, *“nível de destruição do povoado”* (*Idem*, p. 103). Por um lado, é indicado que este sector apresentava uma *“estratigrafia simples que integrava dois níveis de ocupação”*, as camadas 1 e 2, sendo que a primeira consiste, possivelmente, na U.E. de topo, *“composta por terra castanha com muitos elementos de pequenas dimensões no*

topo” enquanto a segunda será o nível de destruição. É ainda afirmado que o nível de ocupação do sector B tem apenas 4m<sup>2</sup>, sendo que o sector apresenta cerca de 7m<sup>2</sup>, não ficando clara qual a relação dessa área de ocupação (composta pela estrutura de combustão) e a restante área aberta. De seguida, é apresentada outra sequência estratigráfica composta pelas camadas 1 (*“camada de coloração castanha, remexida pelos trabalhos agrícolas, com elementos pétreos de pequenas dimensões...”* – *Idem*, p. 103) e a 1b (*“camada de terra igualmente castanha, não remexida, onde foram identificadas áreas de combustão [...] este nível insere-se, grosso modo, na depressão do afloramento que em Q4 é delimitado por pedras de pequeno e médio tamanho”* – *Idem*, p. 103); ou seja, trata-se da mesma área. Parece-nos, pelos dados apresentados, que a camada 1b constituirá o enchimento da fossa da estrutura de combustão que terá cortado a camada 2, na qual se conservam materiais arqueológicos decorrentes do abandono do sítio arqueológico.

De qualquer forma, a ocupação deste sector apresenta apenas uma única fase, materializada pela estrutura de combustão e pela área de detritos o que, aliado à homogeneidade dos materiais recolhidos, justifica a análise destes como um único conjunto.

#### **4.2.2.4 Materiais cerâmicos**

O conjunto é constituído por 137 fragmentos classificáveis num universo de cerca de 1100 fragmentos, provenientes de recolhas de superfície e de contextos de escavação dos dois sectores acima enunciados. Vários fragmentos de bojo permitiram colagens, inclusivamente possibilitando reconstituir grande parte da pança ou, num caso, reconstituir praticamente todo o recipiente, o que sugere boas condições de preservação e que os recipientes, depois de fragmentados, foram mantidos no local.

O conjunto irá ser analisado por sectores, uma vez que a estratigrafia indica uma fase de ocupação para cada um deles e não é possível, em termos estratigráficos, relacioná-las entre si.

O sector A forneceu 72 fragmentos passíveis de classificação, dos quais se contabilizou um mínimo de 32 recipientes (Número Mínimo de Indivíduos).

Os recipientes apresentam pastas tendencialmente bem depuradas (Gráfico 7), com a presença maioritária de elementos não plásticos pouco frequentes de pequeno calibre. Em um quarto dos casos estes elementos são frequentes e em 28% são muito frequentes mas, ainda assim, associáveis a uma esmagadora maioria de pequeno calibre (91%). As pastas são normalmente compactas, mas revelam uma presença significativa de consistências médias; as texturas distribuem-se de forma igualitária entre xistosas e homogéneas. Há uma notória preferência por cozeduras oxidantes, ou seja, com tonalidades alaranjadas, em muitos casos em tons de laranja bem vivos.

Os tratamentos de superfície são de difícil aferição atendendo ao fraco estado de conservação das superfícies, mas em vários casos foi possível determinar alisado simples, que predomina, conferindo um acabamento mais liso e uniforme aos recipientes; alisado sobre engobe, normalmente consistindo numa aguada vermelha que produz uma fina capa de impermeabilização; um caso de *cepillo* ou escovado; e um caso de espatulado sobre engobe. A maioria dos fragmentos não apresenta sinais de rolamento, mas o estado de conservação das superfícies é mediano ou mau, o que parece indicar a sua preservação perto ou no local de abandono mas em condições pouco favoráveis, de que poderemos destacar a acidez dos solos xistosos associada ao elevado grau de erosão da superfície do cabeço (Carvalho et al., 1997, p. 97)

As espessuras apresentam-se de forma muito homogénea, concentrando-se na classe dos 0,6-1cm, sendo nulas ou pouco representadas as restantes classes.

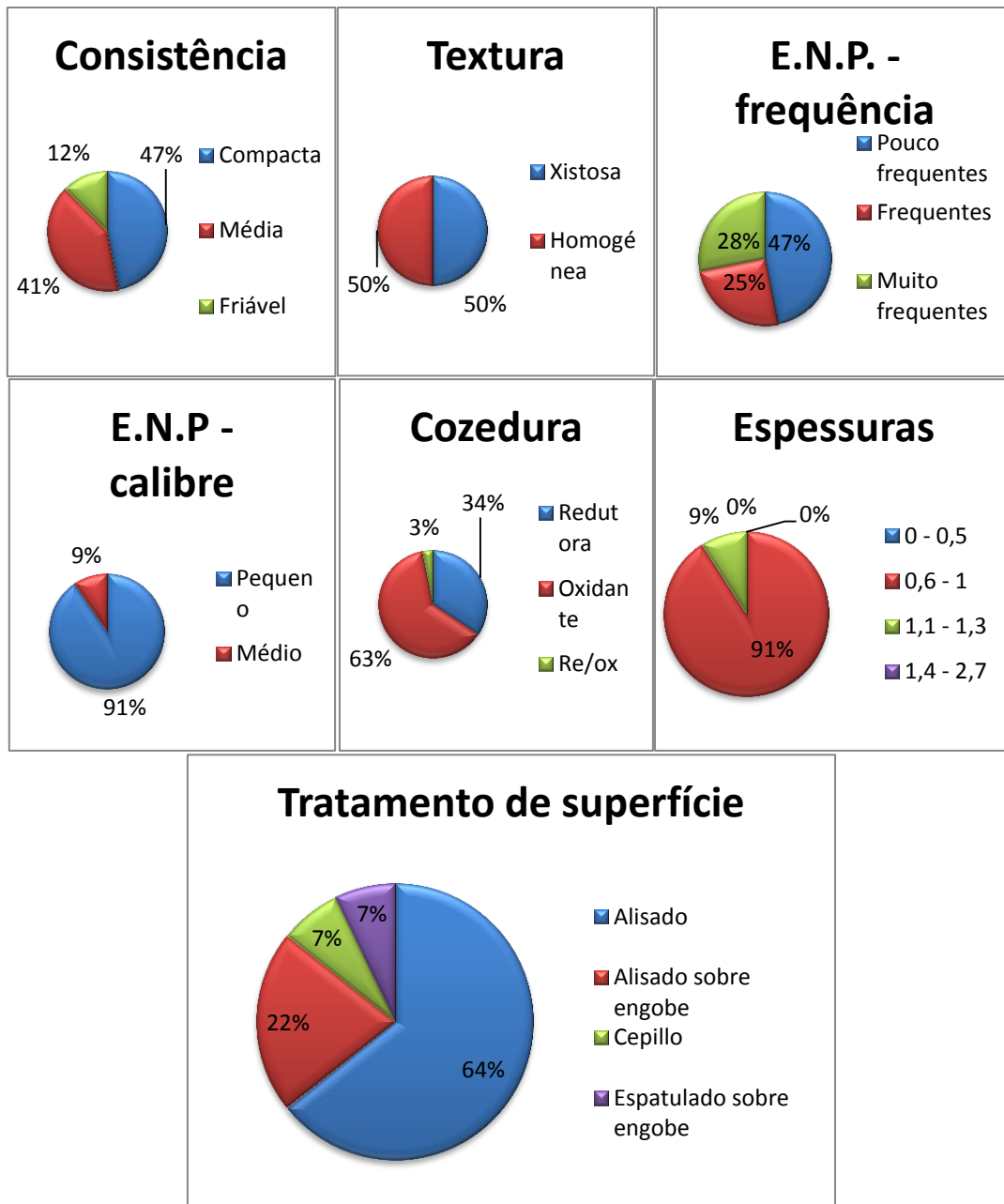


Gráfico 7 - Pastas dos recipientes do Sector A do Alto da Madorra

Foram recolhidos, no Sector B, 48 fragmentos classificáveis, com um número mínimo de 19 recipientes.

No que diz respeito às pastas (Gráfico 8), os recipientes do Sector B exibem consistências predominantemente compactas e de textura xistosa. Os elementos não plásticos são na maioria pouco frequentes, mas com percentagens significativas de frequentes e muito frequentes; e de pequeno tamanho. Os fragmentos tendem a

apresentar colorações alaranjadas, reveladoras de uma cozedura tendencialmente oxidante, ou redutora com arrefecimento oxidante. Neste sector, apenas foram identificados dois tipos de tratamento de superfície, alisado simples em 45% dos casos e alisado sobre engobe, sempre aguada vermelha, em 55 % dos casos. À semelhança do sector A, a maioria dos fragmentos apresenta-se sem vestígios de rolamento e com um estado de conservação regular e mau. Como verificado no Sector A, as espessuras concentram-se na classe dos 0,6-1cm.

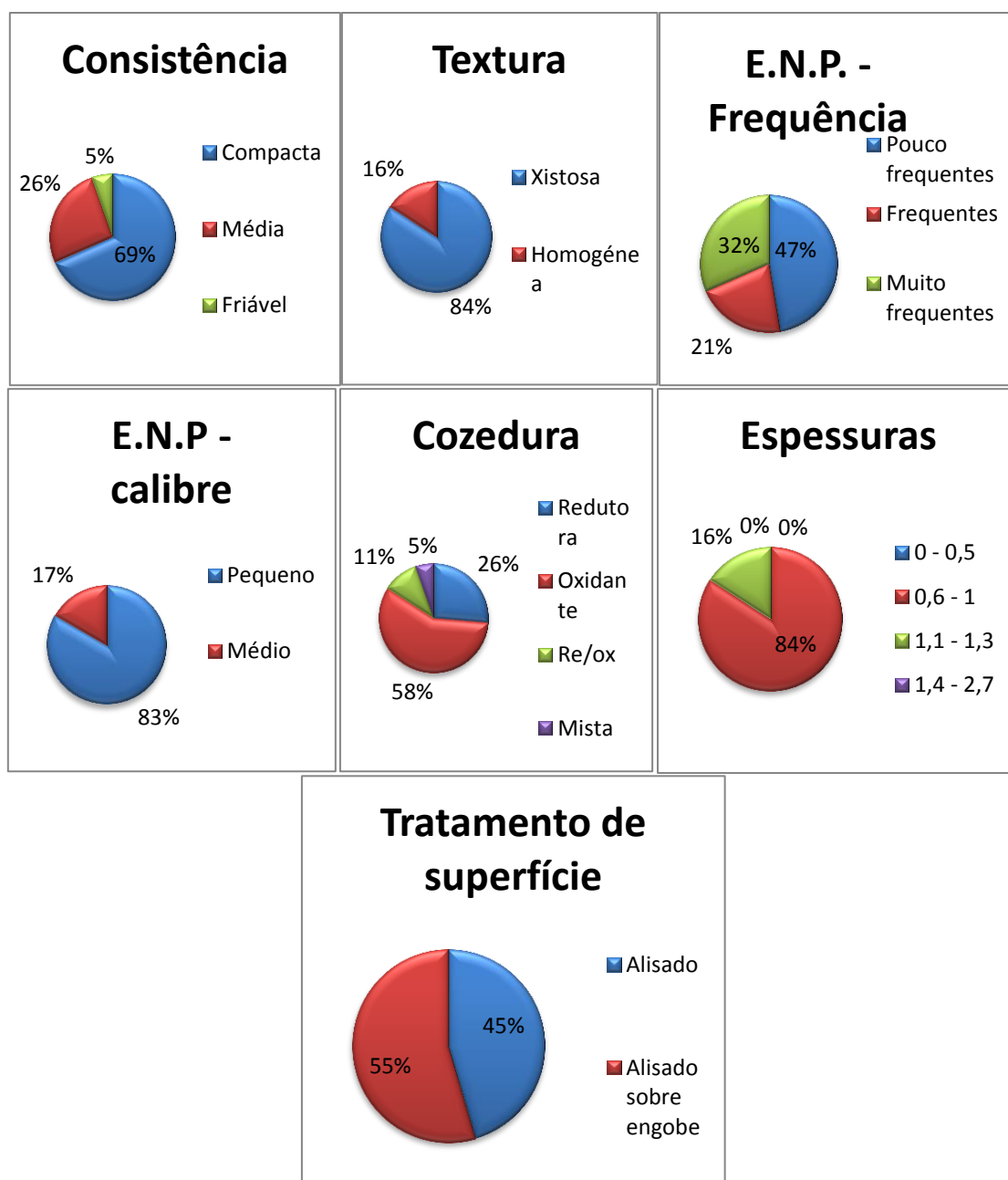


Gráfico 8 - Pastas do Sector B do Alto da Madorra

Os tipos de bordo identificados são pouco diversificados, sobretudo no Sector B. No Sector A predominam os bordos redondos, com 52%, seguido dos bordos direitos e em bisel simples interno. Os restantes são minoritários. A orientação é maioritariamente direita (Gráfico 9). No Sector B apenas se identificaram bordos direitos e, sobretudo, redondos. Na orientação, predominam os bordos direitos (Gráfico 10).

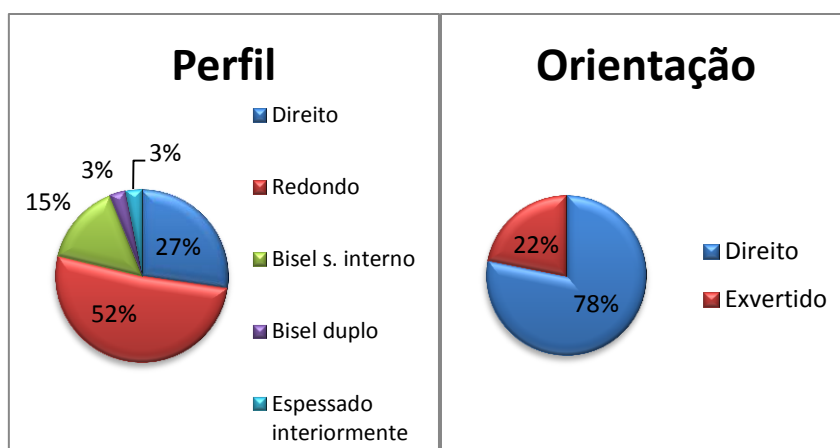


Gráfico 9 - Tipos de bordo do Sector A do Alto da Madorra

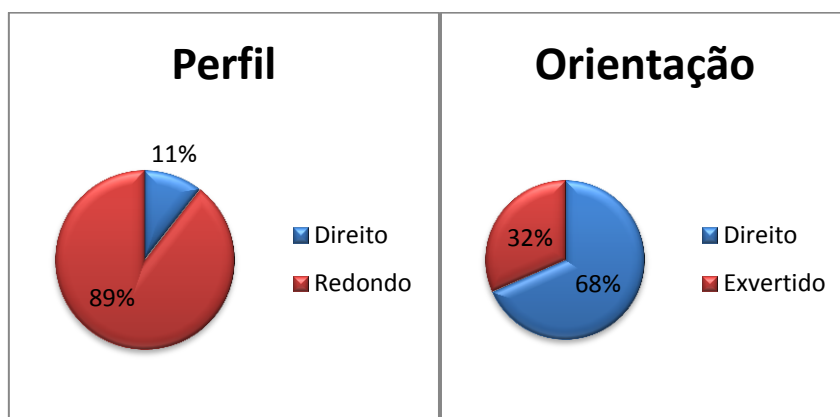


Gráfico 10 - Tipos de bordo do Sector B do Alto da Madorra

A percentagem de reconstituição de formas é relativamente baixa no conjunto, cerca de 23%, a que contribui o elevado grau de fragmentação dos recipientes. Em termos gerais, e tendo em perspectiva o conjunto como um todo, a tabela de formas é pouco diversificada, consistindo em recipientes abertos, as taças, com os subtipos 2.4

(taça hemi-elipsoidal funda) e 2.5 (taça em calote); e recipientes fechados, esféricos (forma 5), globulares (forma 6, subtipos 6.1 globular de colo vertical, 6.4 globular de colo estrangulado), esféricos achatados (forma 8) e vasos fundos tipo saco de paredes rectas (forma 13). O subtipo correspondente a esta última forma – 13.3 – foi identificado por Rebelo (2011) que o descreve como “[...]forma funda tipo saco mas com um bordo de perfil redondo exvertido” (*Idem*).

No sector A apenas 12 fragmentos permitiram reconstituição morfológica, atendendo, uma vez mais, ao grau de fragmentação do conjunto e ao pequeno tamanho dos bordos. As formas abertas são aqui claramente minoritárias, representadas exclusivamente por dois exemplares das taças em calote (2.5). Dentro das formas fechadas sobressai o subtipo 5.1 dos esféricos com cinco exemplares e o subtipo 6.1 dos globulares com quatro exemplares. Além destes resta um exemplar de globular de colo estrangulado (6.4). Praticamente todos os fragmentos permitiram o cálculo de diâmetros do bordo, compreendidos genericamente entre os 14 e os 22 cm, podendo assim, representar recipientes de maior capacidade. Uma das taças em calote apresenta um diâmetro de 5,6cm.

Tal como no sector A, no sector B só 11 fragmentos permitiram reconstituição de forma. Estão presentes as taças (2.4 e 2.5, um exemplar cada); os esféricos (5.1 - três recipientes), os globulares (6.1 e 6.4, dois exemplares cada); um esférico achatado (8.1) e um vaso fundo tipo saco (13.3). Parecem, aqui também, prevalecer as formas fechadas relativamente às formas abertas. Os diâmetros calculados para os recipientes deste sector seguem igualmente o já apurado no sector A – maioria de bocais largos, entre os 13 e os 21 cm. Um dos esféricos apresenta um diâmetro excepcional, com 30 cm, sendo, portanto, um recipiente de grandes dimensões (a sua pança apresenta como diâmetro máximo 35,6 cm).

Foram exumados 89 fragmentos com decoração, 40 no Sector A (ca. 22% do NMI) e 33 no Sector B (ca. 74% do NMI – mas este é muito reduzido), sempre elaborada no lado exterior do recipiente; apenas um único exemplar apresenta decoração no lábio. Em escassos casos foi possível associar a decoração à forma do recipiente. No Sector A documenta-se uma taça, um esférico e um globular com

decoreção; no Sector B existem duas taças, um esférico, três globulares, um esférico achatado e um vaso tipo saco.

Os motivos decorativos foram elaborados utilizando alguma variedade de técnicas, em alguns casos recorrendo a mais que uma no mesmo recipiente: incisão simples; impressão simples; incisão e impressão; incisão penteada; *boquique*; incisão e *boquique* (Gráfico 11).

No sector A predomina claramente a impressão simples, seguida do recurso conjunto à incisão e impressão; as restantes técnicas são minoritárias. O sector B apresenta dados diferentes, sendo aqui maioritária a incisão penteada, seguida da impressão simples, estando completamente ausente a incisão e o *boquique* no mesmo fragmento.

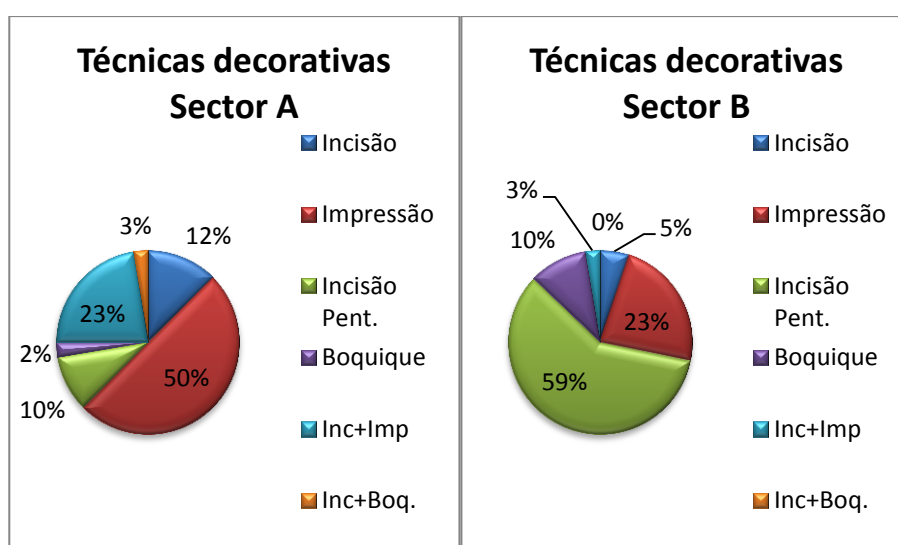


Gráfico 11 - Técnicas decorativas dos Sectores A e B do Alto da Madorra

Como mostra o Gráfico 12, os motivos decorativos do Alto da Madorra são bastante diversificados, estando presentes as organizações decorativas II, III e V, com vários subtipos. No sector A, a organização decorativa mais frequente é a III, destacando-se o subtipo III2b, seguido do III2a; enquanto os restantes subtipos têm sempre baixa representatividade. Segue-se a organização II, cujo elemento

estruturante é o triângulo, com 9 exemplares, sobressaindo o subtipo II1e. As organizações feitas com a técnica da incisão penteadada (organização V) são também algo frequentes, com 7 exemplares, predominando o subtipo V2a.

No sector B o panorama é distinto, predominando a organização decorativa V, com uma grande diversidade de subtipos, destacando-se o V2a e, com alguma distância, o V3e. A organização decorativa III é a segunda em termos de representatividade, predominando o motivo III2b. A organização II apenas revela 3 exemplares neste sector.

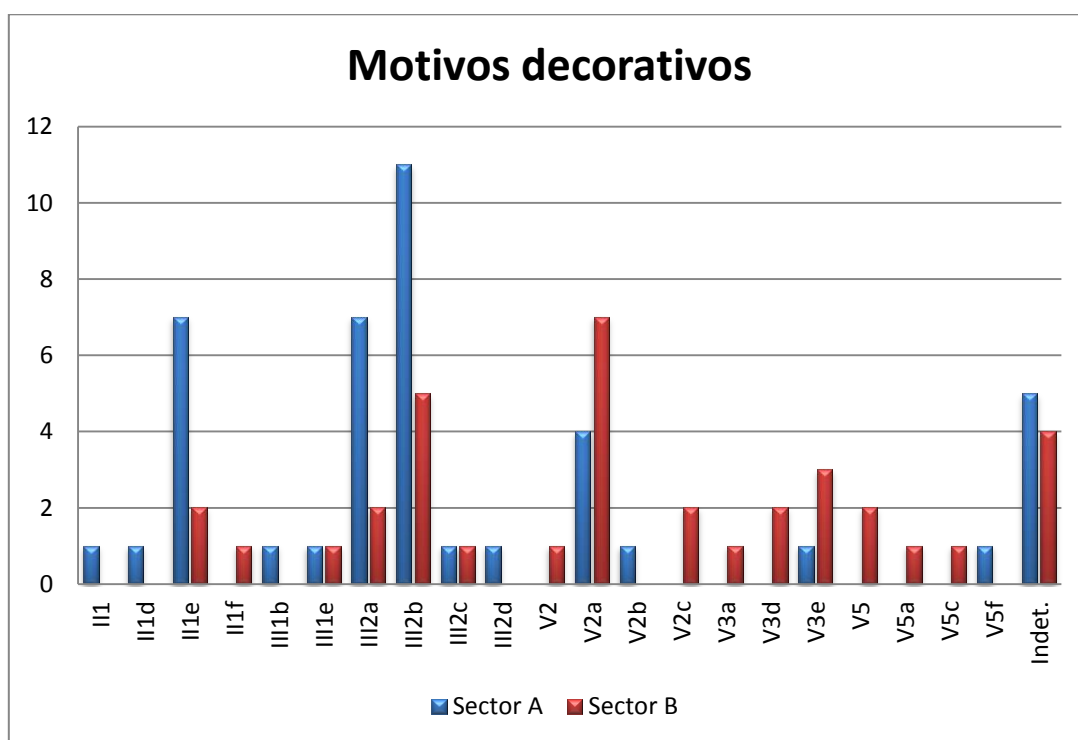


Gráfico 12 - Motivos decorativos do Alto da Madorra, sectores A e B

No espólio cerâmico em discussão apenas foram recuperados três fragmentos de base, duas convexas aplanadas (Sector A e B) e uma plana (Sector A).

#### 4.2.2.5 Datações

Nos materiais que foram entregues à Associação Terras Quentes, constavam duas amostras de carvão com indicação de proveniência da estrutura de combustão do sector B, que foram enviadas para o Laboratório de datação por radiocarbono do Instituto Tecnológico e Nuclear (ITN), graciosamente tratadas pelo Doutor António Monge Soares (Tabela 3).

Amostra	Laboratório	Tipo de amostra	Data BP	Data calibrada (1sigma)	Data calibrada (2 sigma)	Observações
Pinho Alto H16	Sac-2800	Madeira carbonizada	2270±50	291-231 cal a.C.	331-203 cal a.C.	
PNV-1/97; R8	Sac-2799	Madeira carbonizada	-	-	-	Período moderno

Tabela 3 - Datações C14 do Alto da Madorra

A primeira amostra insere-se já nos finais do I<sup>o</sup> milénio a.C. não se enquadrando com a forte homogeneidade dos materiais arqueológicos. A segunda amostra insere-se já em época histórica, período moderno.

Infelizmente nenhuma das amostras se revelou útil para a melhorar o enquadramento cronológico do sítio arqueológico.

### 4.2.3 Cunho

#### 4.2.3.1 Localização

O povoado do Cunho localiza-se na freguesia de Peredo da Bemposta, concelho de Mogadouro, na encosta nordeste de um monte a cerca de 560m de altitude. Apresenta as seguintes coordenadas geográficas: 41º 17' 1" N (latitude) e 2º 35' 45" E de Lx (longitude) (Figura 10). Pode encontrar-se na folha 108 da Carta Militar de Portugal 1:25000.

Está implantado num monte de difícil acesso rodeado de afloramentos de granito, ou seja, apresentando condições naturais de defesa e de controlo da paisagem envolvente. Encontra-se muito erodido e com pouca potência estratigráfica.

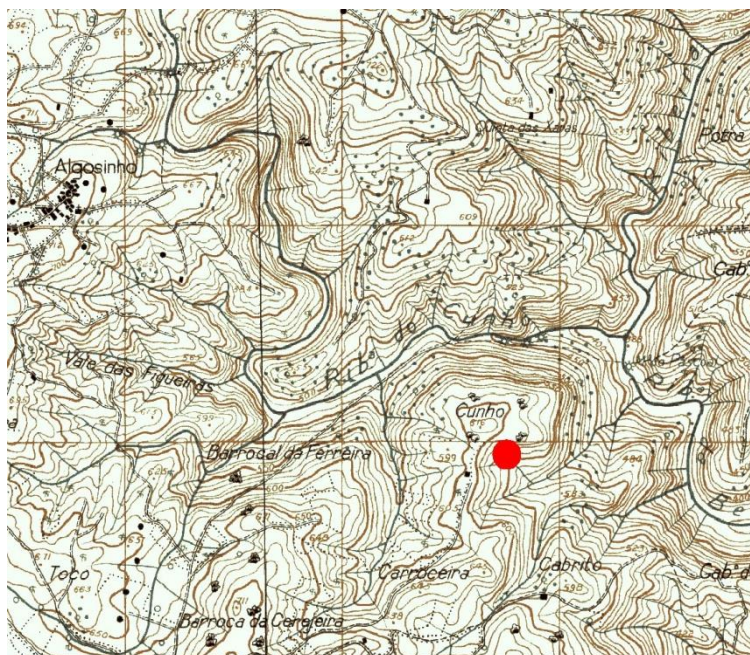


Figura 10 - Localização do Cunho na C.M.P. 1:25000

#### 4.2.3.2 História da Investigação

O sítio foi localizado em 1982 depois de ter ocorrido um fogo no cabeço designado por Cunho, o que tornou o sítio acessível pela destruição do intenso arvoredado e mato desse cabeço. Foi escavado nos verões de 1983 e de 1984 sob a direcção de Maria de Jesus Sanches e Domingos dos Santos Marcos, e publicado pelos

autores em 1985 (resultados da primeira campanha – Sanches e Marcos, 1985) e pela primeira autora em 1992 (resultados globais e tratamento do espólio – Sanches, 1992).

Na primeira campanha pretendia-se *“iniciar a delimitação espacial da área correspondente à ocupação humana pré-histórica na parte NE do monte do Cunho pela detecção de possíveis estruturas de habitat e de estratigrafias correlacionadas com aquelas e com o espólio que tão abundantemente era encontrado à superfície”* (Sanches e Marcos, 1985, p. 143). Foram abertas quatro sondagens designadas por Sectores I a IV.

Na campanha seguinte foram abertos os Sectores V e VI já numa outra área do cabeço, um plateau superior a oeste, também em áreas protegidas por penedos e que teriam sido menos sujeitas a processos de erosão que os sectores da campanha anterior. Os objectivos desta intervenção foram: *“confirmar o prolongamento do habitat para o plateau superior através da detecção de estruturas de habitat; estudar essas estruturas em si (...); fazer um estudo comparativo das sequências estratigráficas dos diversos sectores; analisar o tipo de implantação topográfica das várias estruturas de habitat a fim de estudar a distribuição e correlação das diferentes áreas funcionais”* (Sanches e Marcos, 1984, p.1).

#### **4.2.3.3 Estratigrafia e Estruturas**

Devido ao elevado grau de erosão do cabeço no qual se implanta o povoado, apenas foi possível escavar algumas áreas rodeadas de penedos que tivessem protegido os sedimentos. Foram implantados seis sectores nessas áreas: *“os sectores I, III e IV foram implantados no início da encosta; os sectores V e VI no topo E da plataforma”*, todos relativamente próximos entre si, com excepção do Sector II, este já a meia encosta (Sanches, 1992, p. 87) (Anexos – Figura 18). O Sector II apresentava uma potência de sedimentos considerável mas esta resulta do *“escorrimento, em diferentes momentos, das terras da encosta declivosa”* (Idem, p. 87), pelo que não preserva nenhum momento de ocupação pré-histórica, apenas uma grande concentração de materiais provenientes de escorrências. O Sector IV *“embora*

*circunscrito a um espaço subcircular definido por penedos, não revelou qualquer estratigrafia arqueológica” (Idem, p. 87).* Já os Sectores I, III, V e VI são os que apresentam níveis arqueológicos conservados permitindo, inclusivamente, a identificação de estruturas de carácter habitacional como buracos de poste e lareiras. Todos apresentam estratigrafias relativamente simples, com apenas uma única fase de ocupação: uma camada humosa (ou duas no caso do sector I) que cobre as estruturas preservadas e o nível de ocupação propriamente dito. Abaixo destes encontra-se a camada de terra arenosa/argilosa, estéril, que configura a desagregação do afloramento (*Idem, p. 87-90*).

Sendo a estratigrafia semelhante nestes quatro sectores, descrevem-se, de seguida, apenas as estruturas arqueológicas identificadas.

No Sector I, com 72m<sup>2</sup>, identificou-se uma “unidade de habitat” ou “cabana”<sup>10</sup> delimitada por penedos. No seu topo noroeste encontrava-se uma lareira estruturada (“lareira 1”) que *“assentava directamente no solo arenoso/argiloso de base e era formada de inúmeras pedras e terra queimada” (Idem, p. 87).* Muito próximo desta encontrava-se a “lareira 2” com características similares. Junto aos penedos do lado Este, estavam três buracos de poste estruturados e parecem ter sido colocados para reforçar/constituir a parede da cabana (*Idem*). Neste sector recolheram-se cerca de 200kg de cerâmica de revestimento (Sanches e Marcos, 1985) (Anexos – Figura 19).

Apesar de muito destruído, também no Sector III se localizou uma possível estrutura de carácter habitacional, de tipo “cabana” atestada pela presença de dois buracos de poste que cortam a camada de ocupação, pela grande quantidade de barro de revestimento e pela concentração de cerâmica partida e de mós manuais (Sanches e Marcos, 1985, p. 146) (anexos – Figura 22).

O Sector V apresenta igualmente uma única fase de ocupação nos 30m<sup>2</sup> de área escavada, materializada numa ‘unidade de habitat’ composta por alguns buracos de poste e uma lareira. Esta localiza-se na área sudeste do sector, apoiando-se numa parte do afloramento granítico. É composta por algumas *“lajes planas, alteradas pelo*

---

<sup>10</sup> No texto, a autora define os termos “áreas habitacionais”, “unidades” e “núcleos de habitat” como espaços de utilização humana, temporária ou permanente, sem que a eles se associe uma conotação funcional concreta (Sanches, 1992, p. 87, nota 39).

*fogo, dispostas na horizontal e encostadas umas às outras. Sob as mesmas, uma fina camada de sedimentos negros, com pequeníssimos carvões, antecedia uma outra camada de pedras, estas aparentemente mais 'desorganizadas' que as anteriores. Parece-nos que teriam tido a função de cobrir (anular? Destruir?) a lareira inferior" (Idem, p. 88). À sua volta, compondo um arco, encontram-se 6 buracos de poste. Um sétimo buraco de poste encontra-se no topo nordeste. Em várias áreas deste sector surgem algumas concentrações pétreas cuja funcionalidade é difícil de aferir. Estas aparentam formar um 'alinhamento' de sudeste a noroeste. A autora indica que, junto a estas concentrações pétreas, apresenta-se quase a totalidade e em exclusividade de um tipo cerâmico específico (a sua forma 5 – vasos de corpo ovóide e colo estrangulado, de médias e grandes dimensões)<sup>11</sup>, podendo assim, tratar-se de uma "área de aprovisionamento" (Idem, p. 88-89). Na área junto à lareira encontra-se o restante espólio. Assim, estaremos perante um espaço com duas áreas diferentes separadas pelo alinhamento dos buracos de poste e que poderão relacionar-se com actividades/funcionalidades distintas atendendo ao espólio recuperado (Anexos – Figura 24).*

Por último, o sector VI revela igualmente uma única fase de ocupação composta por algumas estruturas conservadas. Foi identificada uma grande concentração de forma elíptica de *"'blocos de argila' informe (por vezes queimada), de 'cerâmica de revestimento' e de fragmentos de recipientes cerâmicos"* (Idem, p. 89), com cerca de 2m X 2m. À volta desta concentração, a Este, encontravam-se 8 buracos de poste com distintos tamanhos. É igualmente nesta zona de concentração que se concentra a maioria do espólio arqueológico. Como interpretação, a autora avança com a *"hipótese de existência duma estrutura aérea – construída provavelmente em madeira (trancos, ramagens) e barro – sob ou sobre a qual se procedesse à colocação (ou 'guarda') de recipientes cerâmicos"* (Idem, p. 90) (Anexos – Figura 26).

---

<sup>11</sup> Cujas correspondências na nossa tabela morfológica é a forma 6, globulares.

#### 4.2.3.4 Materiais cerâmicos

Os materiais cerâmicos foram previamente estudados e publicados pela directora das escavações (Sanches, 1992) e encontram-se nas instalações da Sala-Museu de Arqueologia de Mogadouro. No entanto, para efeitos de comparação com os sítios que aqui estudamos e de uma uniformização metodológica, fizemos uma revisão dos materiais cerâmicos na sua totalidade, tendo em especial atenção as características das pastas (não apresentadas na publicação referida).

Apresentamos, elaborada por nós, uma análise de pastas dos recipientes cerâmicos segundo os critérios atrás discriminados, por sector/fase de ocupação. Quanto às formas, por uma questão de facilidade de gestão da informação, optamos por distribuí-las na tabela definida por nós e apresentar os dados estatísticos da sua distribuição. Mantivemos a tabela de motivos decorativos original, tendo apenas apresentado as estatísticas referentes à distribuição desses motivos (por sector) e às técnicas decorativas.

Deparámo-nos com um espólio arqueológico depositado há quase 30 anos e que, com o passar do tempo, foi perdendo muitas das marcações originais. Os referenciais de sector encontravam-se intactos, porque inscritos nas caixas que continham o material, mas as indicações de proveniência estratigráfica e, sobretudo, de número de inventário, encontravam-se muito danificadas. Tivemos, assim, de criar um inventário de raiz, que conta com algumas lacunas de informação.

Atendendo à quantidade de material existente e ao tempo limitado do seu estudo (presencialmente na Sala-Museu de Mogadouro e juntamente com os materiais do sítio do Barrocal Alto) não nos foi possível realizar remontagens de uma forma sistemática e metódica. Apenas foram reconhecidas colagens pontuais aquando da classificação de cada fragmento dentro de cada Sector. Neste sentido, as percentagens obtidas poderão ter uma relativa margem de erro, mas que, no nosso entender, não comprometem a fiabilidade das conclusões obtidas.

#### 4.2.3.4.1 Sector I

Foram recolhidos 224 fragmentos cerâmicos, dos quais são 37 bojos. Neste Sector estarão presentes 175 fragmentos de bordo, incluindo decorados. Causa-nos alguma perplexidade que apenas se conservem 37 fragmentos de bojo no Sector I, mas como a autora não refere este facto na publicação pensamos que se poderá tratar de algum problema de registo ou de conservação dos materiais após a escavação.

Estes fragmentos apresentam um estado de conservação maioritariamente regular, sem grandes vestígios de rolamento ou erosão acentuada (Gráfico 13). No que diz respeito ao fabrico, a sua consistência é maioritariamente compacta, com baixa presença de média, e a sua textura é predominantemente xistosa e alguma vacuolar. Os elementos não plásticos são sobretudo pouco frequentes e também frequentes, sendo muito raros os fragmentos com grande saturação e são praticamente todos de pequeno calibre. Trata-se portanto de recipientes com pastas relativamente bem depuradas e conseguidas. Relativamente à cozedura foram criados ambientes redutores e oxidantes numa percentagem muito semelhante, mas em que os tons oscilam entre os laranjas, os amarelados e os amarelo-acinzentados, sendo que as redutoras nunca atingem os tons cinzento escuros e pretos. Os tratamentos de superfície estão relativamente bem conservados, sendo baixa a percentagem de tratamentos não visíveis ou corroídos. No entanto, são pouco diversificados, dominando os alisados simples e aparecendo, raramente, aguadas e engobes. O *cepillo* foi identificado num único exemplar.

As espessuras máximas dos recipientes exibem uma grande concentração na classe dos 0,6-1cm, estando as restantes fracamente representadas. Não há nenhum recipiente que se enquadre na classe dos 1,4-2,7cm.

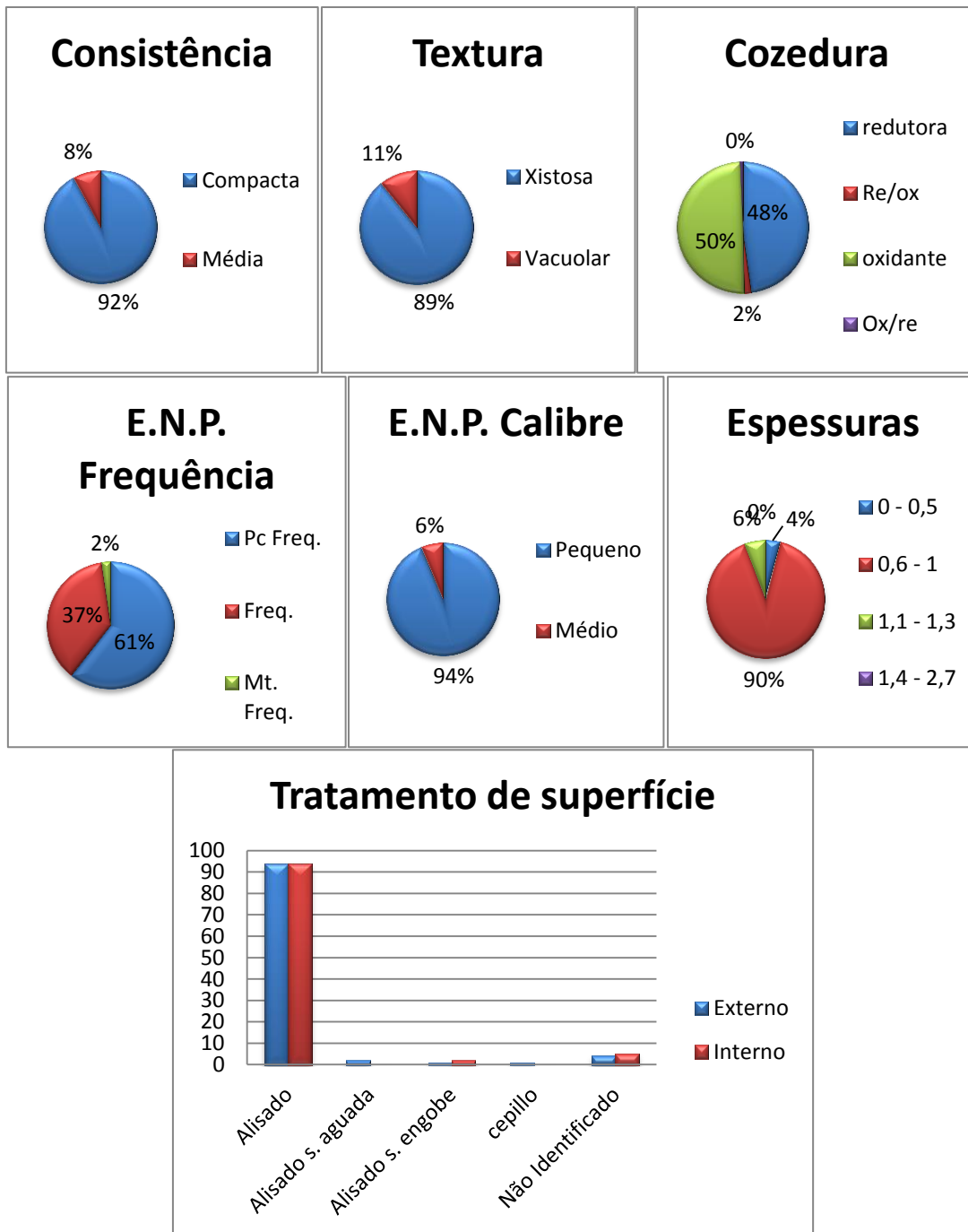
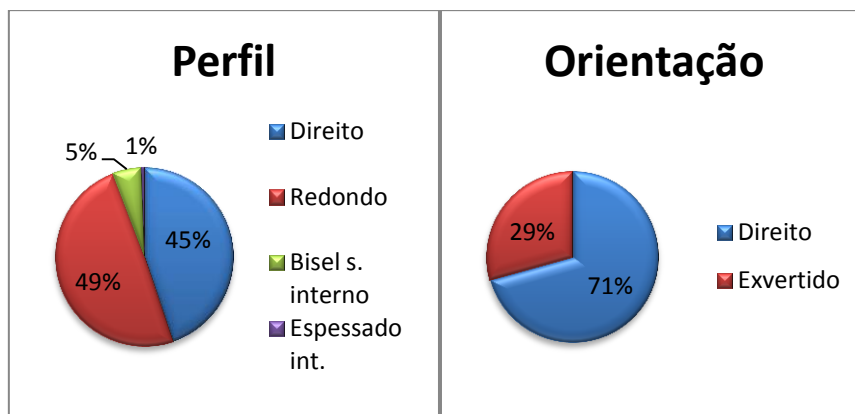


Gráfico 13 - Pastas do Sector I do Cunho

Os bordos apresentam maioritariamente orientação direita, mas com cerca de 30% de exvertida. O seu perfil é preferencialmente redondo e direito com presença de escassos representantes de bordos com bisel simples interno e espessado exteriormente (Gráfico 14).



**Gráfico 14 - Tipos de bordo do Sector I do Cunho**

Dentro do conjunto, 70 fragmentos permitiram a reconstituição de forma (40% do NMI), nos quais predominam as formas abertas, com 44 casos (63%) contra 26 fechadas (37%) (Gráfico 15). O tipo morfológico mais representado são as taças (forma 2), nas quais sobressai imediatamente o subtipo 2.5, seguido dos globulares (forma 6), em que se destacam os subtipos 6.4 e 6.1. Estão também presentes alguns esféricos. Em 32 casos foi possível determinar o diâmetro relativo às respectivas categorias morfológicas. As taças apresentam maior incidência na classe dos 5-10cm, seguida da 11-15cm. Nos diâmetros maiores são mais escassas, tendo o seu máximo nos 26-30cm. Nas tigelas não se conseguiu calcular nenhum diâmetro. Nos esféricos, os diâmetros calculados são escassos, tendo o seu pico de incidência nos 16-20cm, seguido das duas categorias anteriores. É nos globulares que se encontra a maior quantidade de diâmetros calculados, relacionado obviamente com a maior quantidade de exemplares desta forma. Assim os diâmetros mais pequenos, mas em maior quantidade, são os da classe 11-15cm, seguida da 16-20cm. Este também é o tipo morfológico com maiores diâmetros encontrados, chegando a um máximo de 36-40cm (Gráfico 16).

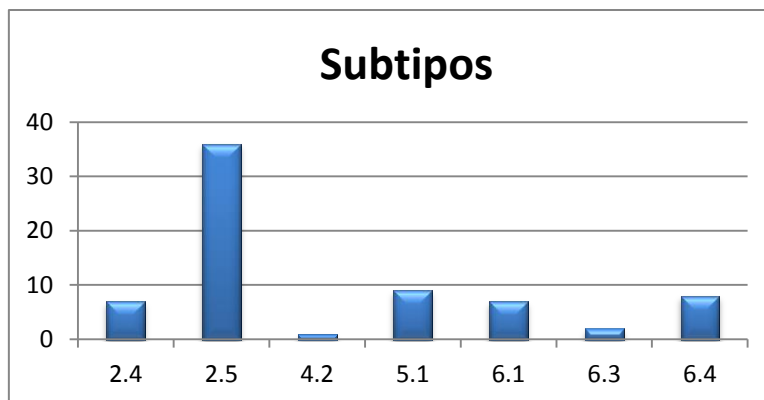


Gráfico 15 - Subtipos dos recipientes do Sector I do Cunho

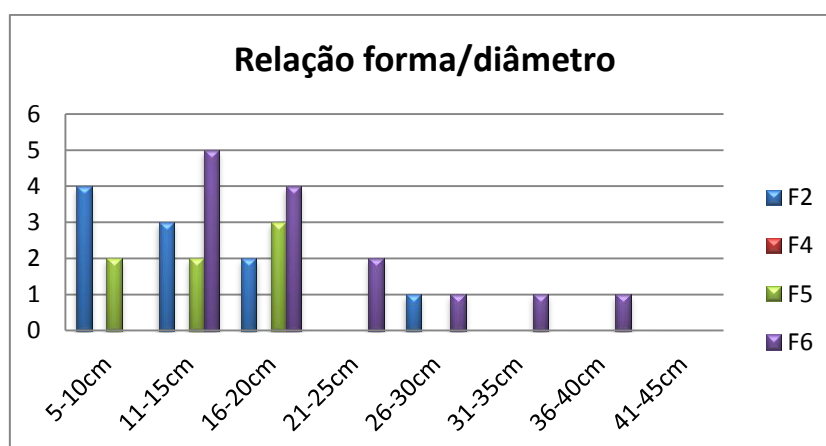


Gráfico 16 - Relação entre a forma e o diâmetro do bordo do Sector I do Cunho

Foram identificados 33 fragmentos decorados, dos quais 16 são bordos (cerca de 9% do NMI). Todos os fragmentos apresentam decoração exclusivamente na superfície externa do recipiente. Apenas foram reconhecidas duas técnicas decorativas, a impressão e a incisão. Predomina a impressão, com 18 exemplares, seguida da incisão, com 12 fragmentos e, por último, 3 casos de combinação das duas técnicas (Gráfico 17).

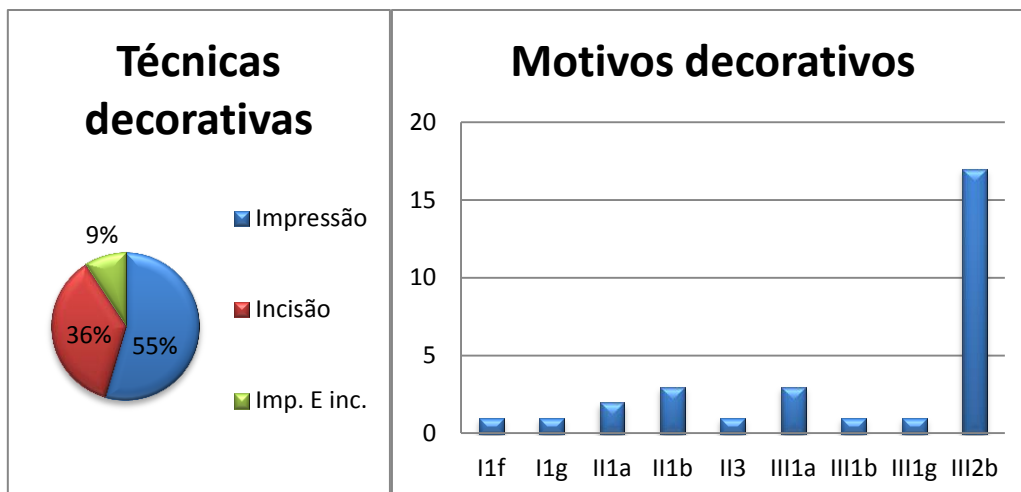


Gráfico 17 - Técnicas e motivos decorativos do Sector I do Cunho

Os motivos decorativos identificados correspondem às organizações I, II e III, com pouca expressividade de subtipos, excepto na organização III. A preferência dos motivos decorativos recai, sem sombra de dúvida, na organização III2b, as sequências de impressões, elaboradas recorrendo a diferentes matrizes, criando nuances diferentes (pontos, unhadas, matrizes subquadrangulares e subrectangulares). Destacam-se, pela raridade neste tipo de conjuntos, os motivos I1f e I1g, “sequência horizontal de zonas decoradas – delimitadas por linhas incisas e preenchidas por punçamentos alternando com espaços sem decoração; a alternância é feita através de faixas oblíquas [... e de ...] faixas losânicas”, respectivamente (Sanches, 1992, nota 46).

Por último, foram encontrados 2 fragmentos de bojo com várias perfurações que foram interpretados como fragmentos de queijeira. Apresentam pastas compactas, de cozedura redutora, elementos não plásticos frequentes mas pequenos e sem evidências de tratamentos de superfície. São de espessura relativamente fina, entre os 0,5 e os 0,6cm. As suas perfurações são bastante irregulares, variando entre arredondadas e ovais, dispostas de uma forma aleatória. São perfurações elaboradas antes da cozedura do recipiente.

#### 4.2.3.4.2 Sector III

Neste sector foram recolhidos 298 fragmentos, dos quais 52 são fragmentos de bordo e que constituem o NMI e 236 são bojos simples. Recuperaram-se ainda 23 fragmentos decorados, 1 colo e 1 arranque de asa.

Estes últimos apresentam um estado de conservação maioritariamente regular, com baixa representatividade de fragmentos em mau estado (Gráfico 18). Em termos de processo de fabrico, verifica-se que apresentam uma consistência compacta em quase 80% dos casos e os restantes com média. A sua textura é sobretudo xistosa (70%), mas com alguns fragmentos com homogénea e vacuolar. Os elementos não plásticos são pouco frequentes (66%) e frequentes (27%), maioritariamente de pequeno calibre (80%). As cozeduras indicam uma ligeira preferência por atmosferas redutoras (58%) contrastando com 38% de atmosferas oxidantes.

As superfícies dos recipientes encontram-se em relativo mau estado visto que só em cerca de 50-60% dos casos foi permitido identificar tratamentos de superfície. Nestes estão presentes os alisados simples (que constituem a grande maioria), dois casos de alisado sobre engobe no lado externo e um caso de espatulado sobre engobe do lado interno do recipiente.

As espessuras tendem a concentrar-se na classe dos 0,6-1cm, com 79% das entradas. As restantes classes são minoritárias.

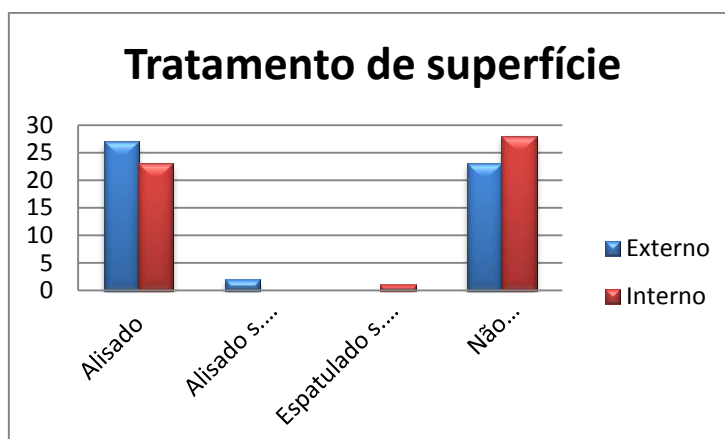
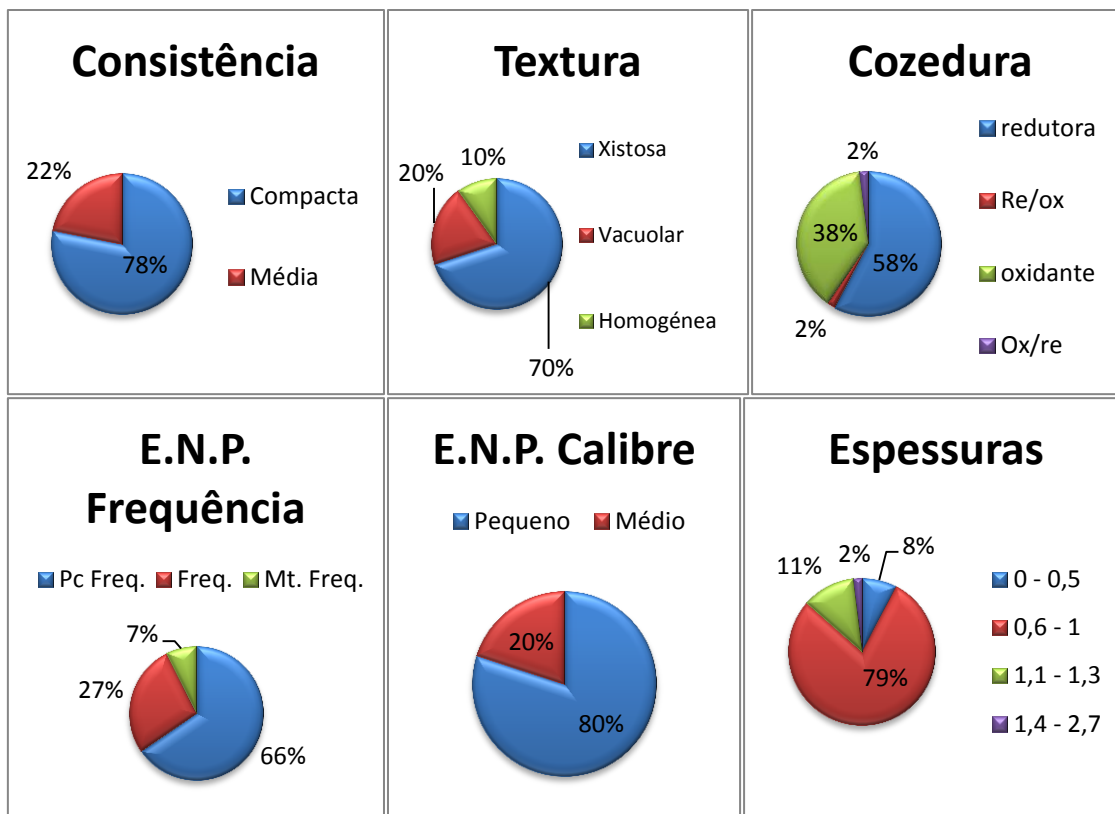
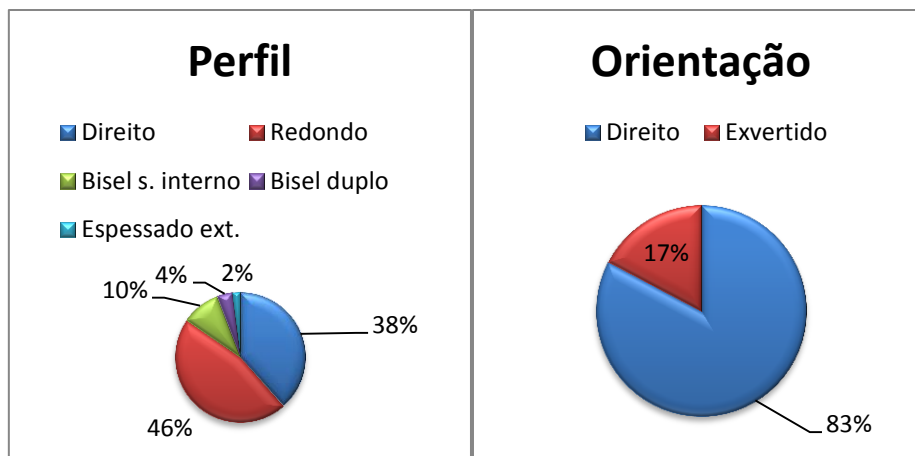


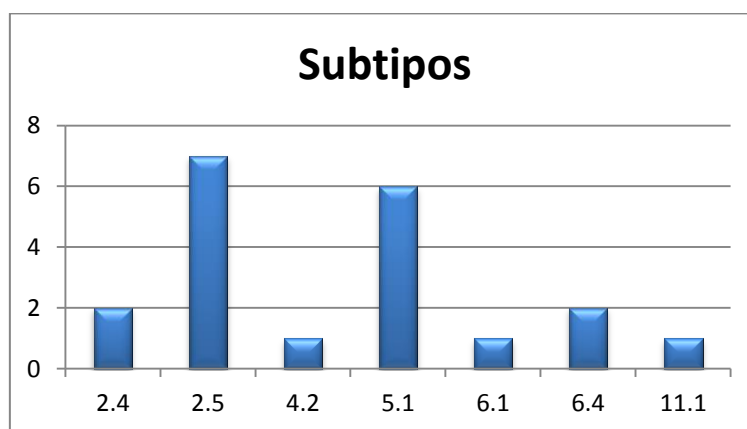
Gráfico 18 - Pastas do Sector III do Cunho

No que diz respeito aos bordos, estes são maioritariamente de orientação direita, com apenas 17% de exvertida; e exibem perfis preferencialmente direitos (38%) e redondos (46%), mas com presença de bordos em bisel simples interno, bisel duplo e espessado exteriormente, mas sempre em baixíssimas percentagens (Gráfico 19).



**Gráfico 19 - Perfil e orientação dos bordos do Sector III do Cunho**

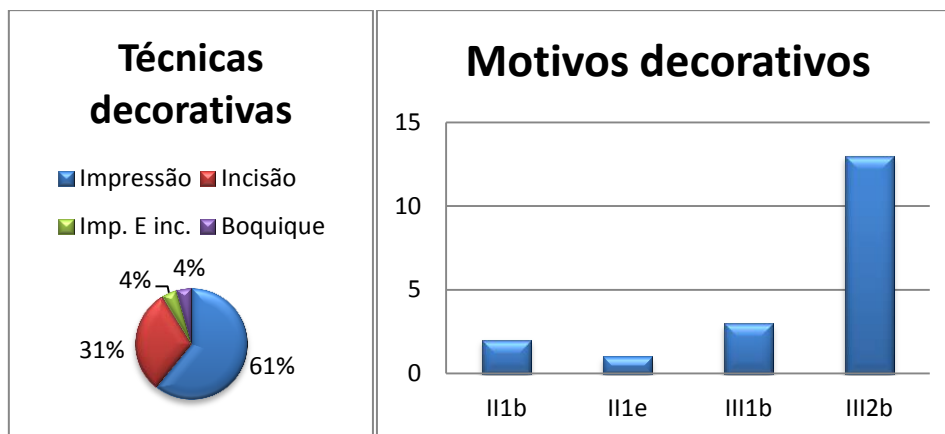
Foi possível reconstituir forma a 20 fragmentos de bordo, sendo a distribuição de formas abertas e fechadas equitativa. A forma com maior representatividade é a 2, na qual se destaca o subtipo 2.5, as taças em calote. De seguida encontra-se a forma 5; de seguida a 6, com 2 subtipos diferentes, a forma 4 e a forma 11 (Gráfico 20).



**Gráfico 20 - Subtipos dos recipientes do Sector III do Cunho**

Dentro do repertório formal identificado neste sector, apenas em 6 casos foi possível calcular o diâmetro do bocal. Nas taças há um exemplar da categoria 11-15cm e outro da 16-20cm; as tigelas apresentam um exemplar na categoria 11-15cm, passando-se o mesmo com os esféricos e os globulares. Na tigela funda regista-se um exemplar da categoria 16-20cm.

Estão presentes 23 fragmentos decorados, incluindo 8 bordos (cerca de 15% do NMI). Estão presentes as técnicas da impressão (com 14 fragmentos), da incisão (com 7), do *boquique* (com 1) e ainda a combinação de impressão e incisão (com 1 fragmento). A decoração localiza-se sempre no lado exterior do recipiente (Gráfico 21).



**Gráfico 21 - Técnicas e motivos decorativos do Sector III do Cunho**

As organizações decorativas reconhecidas neste sector são pouco diversificadas e assentam, sobretudo, nos temas II e III. Predomina, de longe, a organização III2b, sequências de impressões de diferentes matrizes. Os triângulos são pouco representativos, reconhecendo-se os preenchidos com linhas incisadas horizontais (II1b) e os com linhas de pontos impressos (II1e).

Existe ainda um fragmento de bojo com um possível arranque de asa.

#### **4.2.3.4.3 Sector V**

Foram recuperados cerca de 550 fragmentos de recipientes cerâmicos, dos quais 273 são classificáveis. Dentro destes últimos, 232 são fragmentos de bordo, 22 são bordos decorados, 16 são colos, 21 são bojós decorados. Existe ainda 1 bojo com perfuração, 1 fragmento de base e 2 indeterminados.

Os fragmentos apresentam, praticamente na totalidade, um estado de conservação regular. Relativamente ao fabrico, a sua consistência é quase 100%

compacta, de textura maioritariamente xistosa (78%) mas também homogénea e vacuolar. Os elementos não plásticos são pouco frequentes e frequentes com um calibre maioritariamente pequeno. Predomina a cozedura redutora, mas com presença significativa de oxidante. Os tratamentos de superfície são algo diversificados, mas com uma maioria esmagadora de alisados simples. Verificou-se ainda alisados sobre engobe, alisados sobre aguada, polido e espatulado sobre engobe (Gráfico 22).

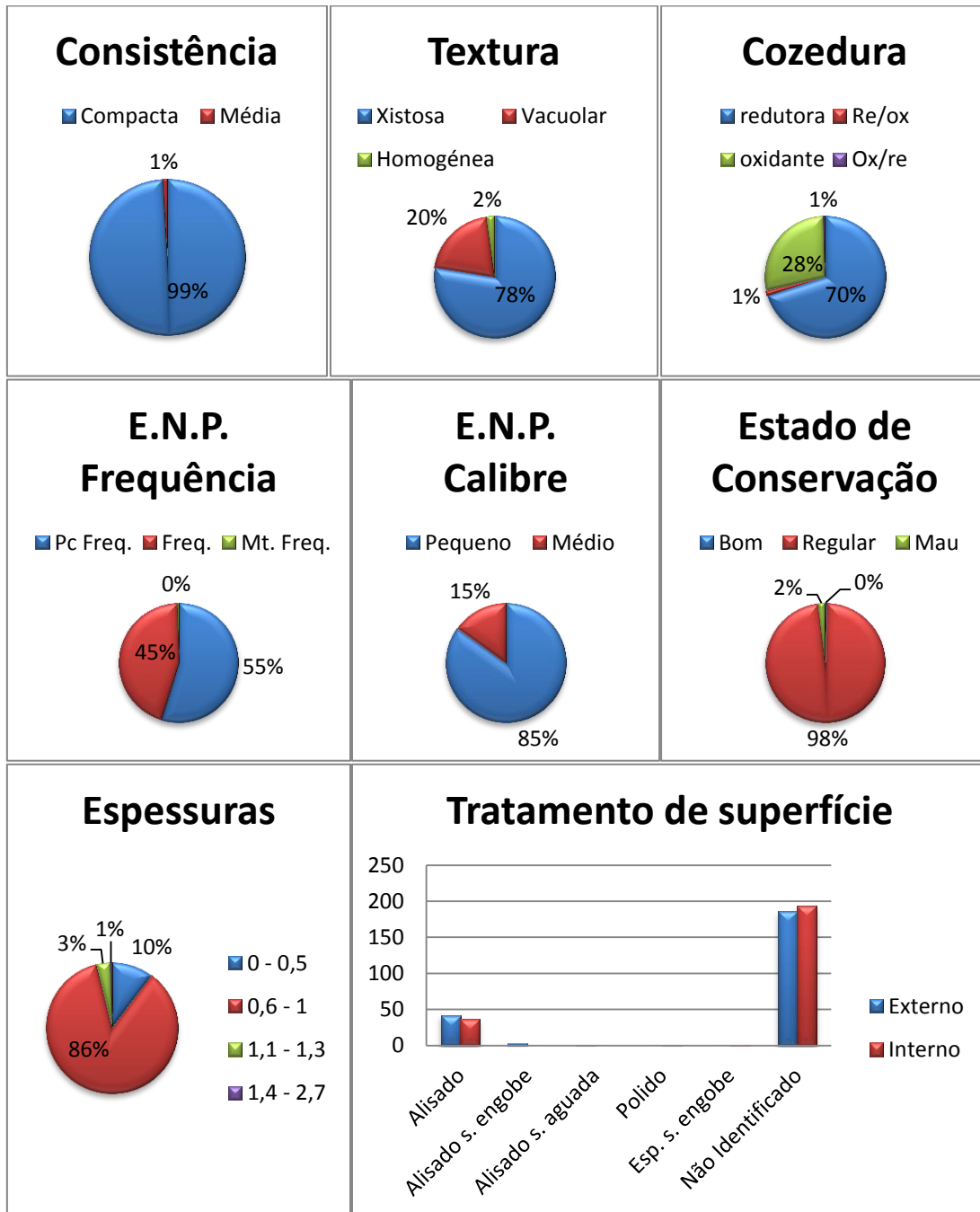


Gráfico 22 - Pastas do Sector V do Cunho

A maioria das espessuras concentra-se na classe dos 0,6-1cm, sendo as restantes minoritárias.

Os bordos apresentam alguma diversidade nos tipos de acabamento do lábio, ou seja, no seu perfil: direito, redondo, bisel simples interno, bisel duplo e espessado exteriormente. Apesar dessa diversidade, são maioritariamente redondos e direitos. Quanto à sua orientação, estes são, na maioria dos casos direitos, com 28% de exvertidos (Gráfico 23).

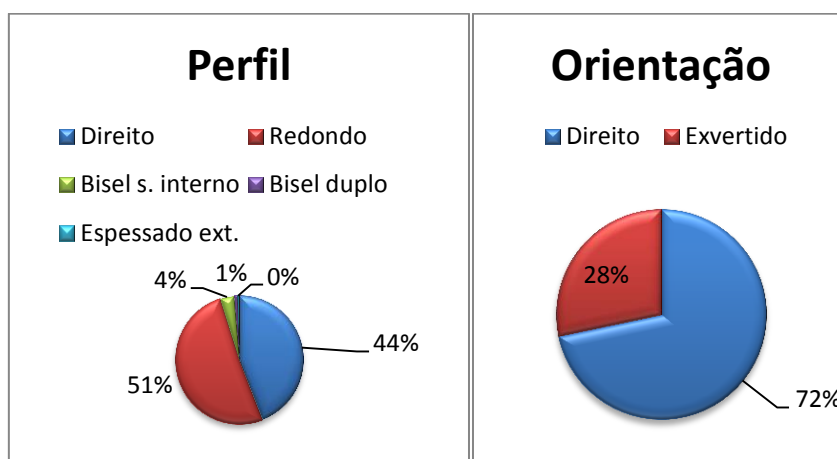


Gráfico 23 - Perfil e orientação dos bordos do Sector V do Cunho

119 fragmentos permitiram a atribuição de formas. E, como começa a ser habitual para o Cunho, a forma 2 é a melhor representada, com 63 fragmentos, destacando-se, invariavelmente, as taças em calote. Estão também presentes os globulares, com 30 exemplares, os esféricos, as tigelas e as tigelas fundas (Gráfico 24).

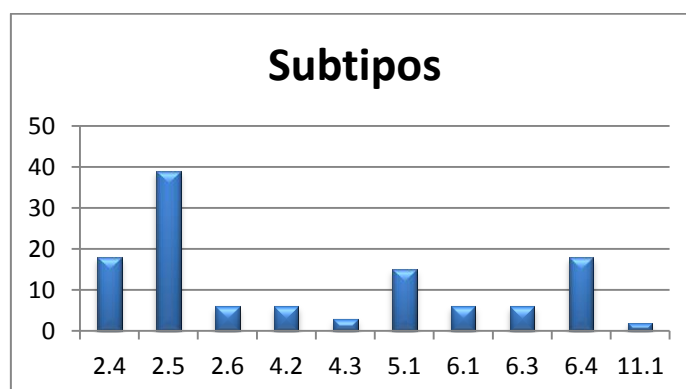
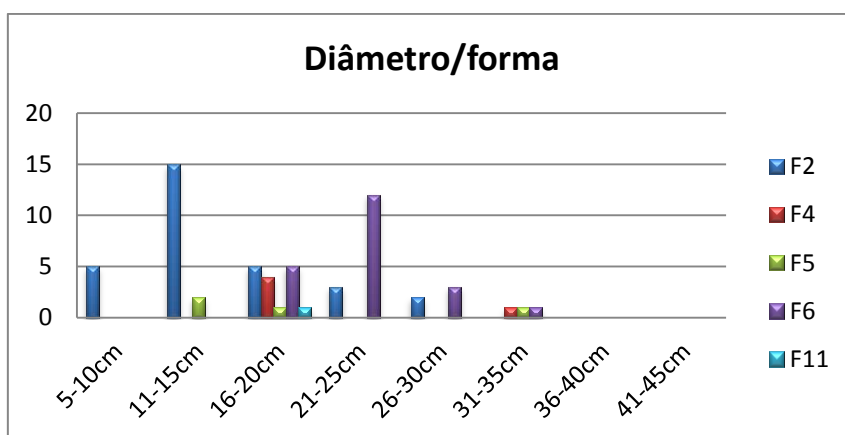


Gráfico 24 - Subtipos dos recipientes do Sector V do Cunho

São 61 os fragmentos que permitiram o cálculo do diâmetro do bocal. Na forma 2 predomina a classe dos 11-15cm, seguida das classes 5-10cm e 16-20cm; de forma menos representativa estão as classes 21-25cm e 26-30cm. A forma 4 só permitiu o cálculo em cinco casos, quatro na classe dos 16-20cm e outro na 31-35cm. Também na forma 5 só há quatro diâmetros reconhecidos, dois na classe 11-15cm, um na classe 16-20 e outro na 31-35cm. A forma 6 apresenta vários exemplares com cálculo de diâmetro, sobressaindo a classe 21-25cm, seguida da 16-20cm e da 26-30cm. A forma 11 apresenta apenas um diâmetro situado na classe dos 16-20cm (Gráfico 25).



**Gráfico 25 - Relação do diâmetro com a forma dos recipientes do Sector V do Cunho**

Estão presentes 44 fragmentos decorados, entre bordos, bojos e um colo. Perfazem apenas 8% da totalidade de fragmentos recuperados neste sector e 9,5% do NMI. A decoração apenas se encontra na superfície exterior do recipiente, e, habitualmente, na parte superior do mesmo, junto ao bordo. Foram identificadas as técnicas decorativas habituais dos outros sectores: a impressão, que é dominante; a incisão; e a combinação destas duas no mesmo fragmento (Gráfico 26).

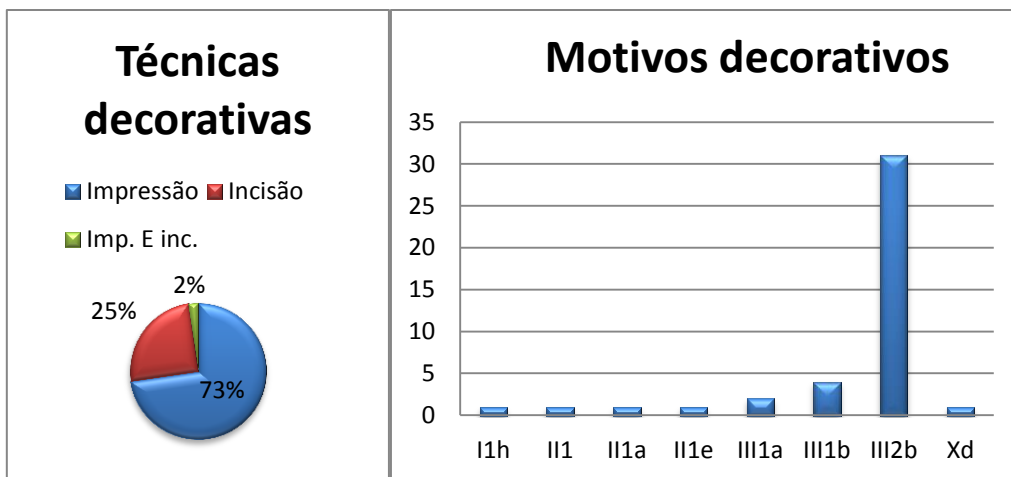


Gráfico 26 - Técnicas e motivos decorativos do Sector V do Cunho

Apesar da quantidade considerável de fragmentos decorados neste sector, a diversidade de organizações decorativas não é muito expressiva e concentra-se na organização III2b, as sequências de impressões, recorrendo a diferentes matrizes para criar variantes do mesmo tema. No sentido oposto, pela sua exclusividade, está o motivo Xd: *“sequência horizontal de linhas incisas formando losangos”* (Sanches, 1992, nota 46) da qual saem pequenos traços incisos perpendiculares; e o motivo I1h, *“sequência horizontal de zonas decoradas – delimitadas por linhas incisas e preenchidas por puncionamentos – alternando com espaços sem decoração [...] de faixas quadrangulares”* (Idem). Novamente os triângulos são pouco expressivos, destacando-se o exemplar do subtipo II1a, no qual os traços incisos não culminam num ponto anguloso mas arredondado.

Por último, foi identificado um único fragmento de base, de tipo convexa e cozedura oxidante.

#### 4.2.3.4.4 Sector VI

Foram recuperados cerca de 450 fragmentos cerâmicos, dos quais 165 são elementos classificáveis, que se distribuem por bordos, bordos decorados, colos, colos decorados, bojos decorados e um bojo com mamilo. O NMI é de 141 recipientes.

O seu estado de conservação é maioritariamente regular, com apenas alguns fragmentos em mau estado e poucos em bom estado. A sua consistência é predominantemente compacta e a textura xistosa na maioria dos casos. A cozedura distribui-se de forma quase semelhante entre redutora e oxidante, apesar de uma ligeira vantagem para a redutora. Como nos outros sectores, os elementos não plásticos são sobretudo pequenos e de pequeno calibre, ainda que haja alguns frequentes e muito frequentes e um quarto de calibre médio.

Os tratamentos de superfície são bastante monótonos, com a presença maioritária de alisado simples e apenas 1 fragmento com espatulado sobre engobe nas suas duas superfícies.

Novamente as espessuras concentram-se na classe dos 0,6-1cm, com 90% das entradas. As restantes classes têm uma expressividade residual (Gráfico 27).

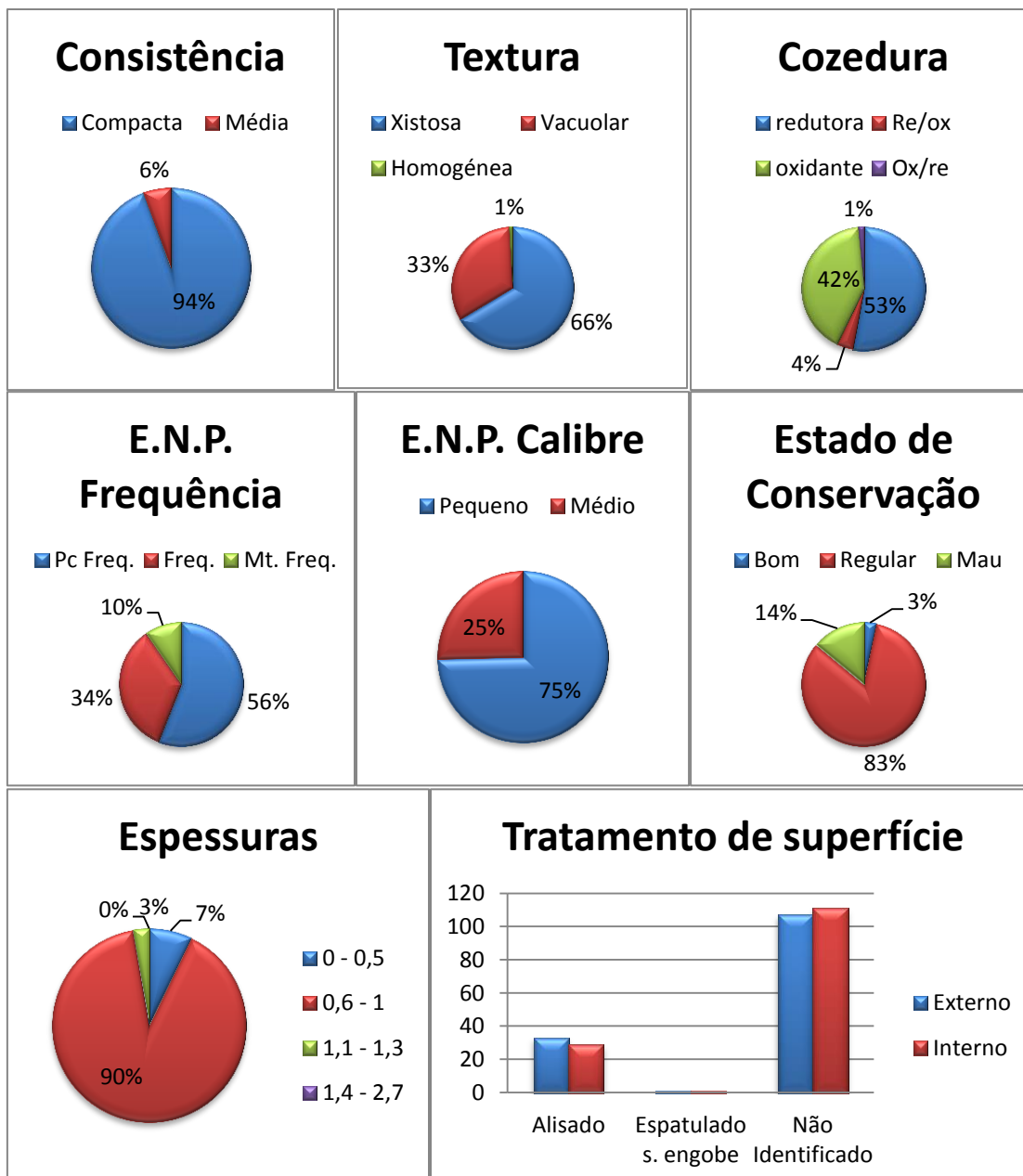
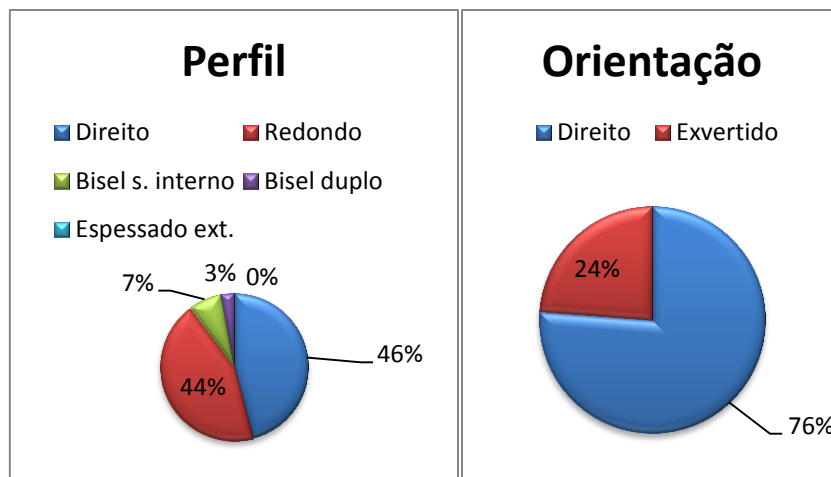


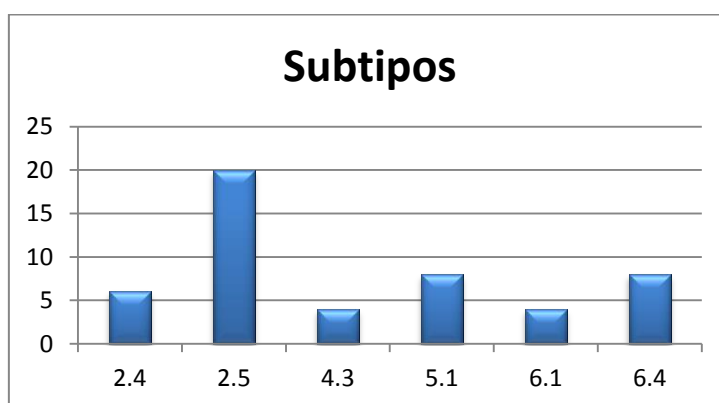
Gráfico 27 - Pastas do Sector VI do Cunho

Os bordos distribuem-se de forma semelhante entre direitos e redondos quanto ao seu perfil, com uma muito ligeira vantagem dos direitos. Relativamente à sua orientação, esta tende claramente para os direitos, deixando os exvertidos com 24% dos casos (Gráfico 28).



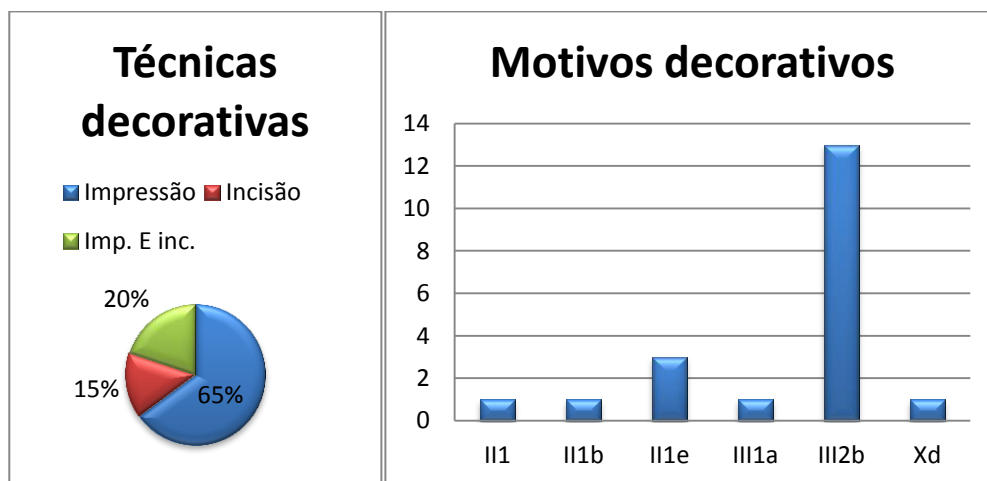
**Gráfico 28 - Perfil e orientação dos bordos do Sector VI do Cunho**

Neste sector, foram identificados 50 fragmentos que permitiram a atribuição de forma. Novamente as formas abertas são predominantes, destacando-se as taças com o subtipo 2.5. Estão igualmente presentes os globulares, os esféricos e as tigelas. São escassos os fragmentos que permitiram o cálculo de diâmetro. Na forma 2 encontra-se representada a classe 5-10cm com 1 exemplar e a dos 16-20cm com 3 exemplares. Na forma 4 apenas um exemplar permitiu o cálculo, situado na classe 11-15cm. A forma 5 tem um exemplar na classe 5-10cm e outro na 11-15cm. Por último, a forma 6 apresenta três diâmetros, um na classe 11-15cm; outro na 16-20cm e o restante na 21-25cm (Gráfico 29).



**Gráfico 29 - Subtipos dos recipientes do Sector VI do Cunho**

Relativamente às decorações, registam-se 20 fragmentos, dos quais 9 pertencem ao NMI (6%) e 2 correspondem a esféricos (forma 5.1). A decoração localiza-se sempre do lado exterior dos recipientes, na sua metade superior, sobretudo junto ao bordo. As técnicas decorativas documentadas são novamente a impressão, que é maioritária, seguida da incisão e da combinação de impressão e incisão (Gráfico 30).



**Gráfico 30 - Técnicas e motivos decorativos do Sector VI do Cunho**

As organizações decorativas do Sector VI apresentam as mesmas tendências que os restantes sectores do Cunho, com uma representatividade muito significativa das sequências de impressões diversas (organização III2b). Registam-se poucos triângulos preenchidos, mas com preferência para o subtipo II1e. Tal como no sector V, regista-se aqui a presença da organização Xd.

Regista-se um único caso de elemento de prensão, um mamilo de perfil cónico colocado através de colagem na parede do recipiente. Não foi possível associá-lo a uma forma concreta nem em que parte do recipiente se encontrava.

#### 4.2.3.5 Outros materiais cerâmicos

Em todos os sectores se regista abundante barro de revestimento, pela informação da publicação do sítio (Sanches, 1992), mas não foi feita uma quantificação ou descrição desses objectos, nem se encontravam na Sala Museu de Mogadouro. Sabe-se que alguns deles demonstram afectação pelo fogo (Idem, p. 88; Sanches, 1986)

Outra categoria cerâmica identificada são os pesos de tear, "*objectos cerâmicos de forma sub-rectangular, vulgarmente denominados de «pesos de tear»*" (Idem p. 88), registando-se dois fragmentos no Sector I, um fragmento no Sector V e outros dois no Sector VI.

Os artefactos conhecidos como "ídolos de cornos" estão presentes também, com 4 fragmentos no Sector V. Do mesmo sector provém um fragmento de colher, só tendo conservada parte da sua pega.

Por último, mesmo não se tratando de um artefacto em cerâmica, optámos por aqui integrá-lo pela sua raridade neste tipo de contextos. Trata-se de um punção de cobre não arsenicado: "*punção ou furador alongado, aguçado nas duas extremidades e de secção rectangular*" (Idem, Est. XLII).

#### 4.2.4 Barrocal Alto

##### 4.2.4.1 Localização

O sítio do Barrocal Alto localiza-se na freguesia de Peredo da Bemposta, concelho de Mogadouro a cerca de 700m de altitude (Figura 11). Está implantado na zona oeste de um cabeço de difícil acesso, tendo uma “*posição claramente dominante na paisagem*” (Sanches, 1992, p. 133). Tem como coordenadas 41 16’ 21” N de latitude e 2 34’ 57” E (do meridiano de S. Jorge) de longitude.

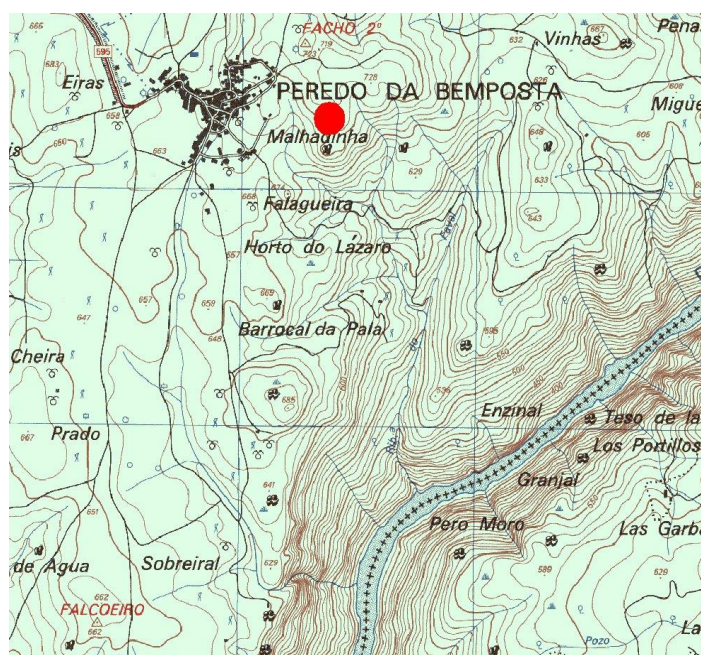


Figura 11 - Localização do Barrocal Alto na C.M.P. 1:25000

##### 4.2.4.2 História da Investigação

Este sítio arqueológico foi alvo de três campanhas de escavação, em 1984, 1985 e 1986 dirigidas por Maria de Jesus Sanches. O sítio foi publicado em Sanches, 1986 e 1992, p. 104-129.

Nas três campanhas de trabalho de campo intervieram-se 10 sondagens implantadas em distintas zonas do cabeço que produziram resultados distintos. Apenas em 4 sectores se identificaram estruturas habitacionais (sectores II, V, VI e VII – Sanches, 1992, p. 104) (Anexos – Figura 28).

#### 4.2.4.3 Estratigrafia e estruturas

O **sector II** encontrava-se bastante mal conservado pelo plantio de uma vinha e entre as campanhas de escavação de 1984 e 1985 o *“terreno foi ‘rasgado’ em várias direcções por um bull-dozer, o qual removeu materiais arqueológicos e evidenciou, mas destruiu quase por completo, uma estratigrafia que atestava a ocupação pré-histórica de toda a plataforma”* (Sanches, 1992, p. 104). Apesar destas perturbações foi ainda possível identificar dois níveis de ocupação presente nos 175m<sup>2</sup> do sector.

A estratigrafia do sector apresentava-se relativamente simples, composta por 5 camadas sobrepostas que correspondem à terra humosa de superfície revolvida pelo arado (U.E. 1A); à *“terra revolvida por remeximentos mais antigos, decorrentes também do cultivo do terreno. Inclui as valas abertas para o plantio de árvores. É constituída de terra fina, argilosa, de cor amarela e, por vezes, exhibe manchas negras”* (U.E. 1B); a uma *“terra granulosa, negra (queimada); integra inúmeros carvões na sua parte superior (A). Na base tende a ser menos escura (B), contém menos carvões e é de cor castanho escura. Corresponde ao IIº nível de ocupação neste sector”* (U.E. 2); a uma *“terra de cor amarelo vivo, fina, argilosa e com alguns carvões. Corresponde ao Iº nível de ocupação neste sector (e em todo o povoado?)”* (U.E. 3); e, por último, a uma *“terra argilosa/arenosa (solo geológico de base) (U.E. 4) (Idem, p. 104-105).*

Associadas ao Iº nível de ocupação, ou seja, à U.E. 3, encontram-se algumas estruturas de difícil caracterização. Estas são definidas como ‘empedrados’, *“aglomerados de pequeníssimas pedras ou lajes de tamanho médio ora caoticamente espalhadas, mas dentro de áreas circunscritas (‘empedrados simples’), ora ordenadamente dispostas – encaixadas e acamadas – no interior de 7 pequenas ‘covas’ abertas, para o efeito, no solo geológico de base (‘empedrados em cova’). Tais ‘covas’ são pouco profundas (15-30cm) e irregulares, quer em planta, quer em perfil. Integram, além de lajes (o seu principal enchimento), terra argilosa muito mais escura que a camada (terra queimada?), pequeníssimos carvões e fragmentos cerâmicos maiores do que aqueles exumados na camada 3”* (Idem, p. 105). Trata-se, portanto, de pequenas fossas com preenchimentos de terra escura e blocos pétreos cuja funcionalidade é

difícil de precisar. A autora avança com a hipótese de se tratar de lareiras pouco estruturadas. Também os penedos graníticos naturais deverão ter desempenhado um papel na estruturação deste espaço, provavelmente ajudando a delimitar uma ocupação de carácter doméstico. Junto a alguns destes penedos verifica-se alguma concentração de material arqueológico (Anexos – Figura 29).

O segundo nível de ocupação, U.E. 2, apresenta estruturas melhor conservadas e de mais fácil interpretação, configurando, também aqui, um espaço doméstico. Foram identificados 11 buracos de poste dispostos em 3 áreas de concentração e ainda um outro relativamente isolado. Um primeiro grupo, englobando os buracos B1, B2 e B3, encontra-se na área norte da U.E. e parecem configurar uma estrutura que sobreporia a lareira; o segundo (B7, B8, B9 e B10), no seu limite sudeste; e o terceiro grupo (B4, B5 e B6), em frente a uma lareira, mais ou menos no centro este da camada. O buraco de poste B11 encontra-se no outro lado oposto da camada, entre dois penedos graníticos. Apesar de se distinguirem claramente estas concentrações de buracos de poste, todos eles, e incluindo a lareira que se descreverá adiante, se encontram no lado este da camada, numa área protegida pelos afloramentos rochosos que ali se encontram. Na restante área da camada (bastante extensa) não foram identificadas estruturas, além do buraco B11 (*Idem*, p. 106). Estas estruturas parecem configurar *“uma unidade de habitat única, definida pelas estruturas apontadas e delimitada a N e S pelo próprio contorno, na horizontal, da camada 2, coincidiria com a 2ª ocupação deste sector. (...) Tal unidade, de forma subelíptica ou oval, alongar-se-ia no sentido NE-SW, incluiria uma área de 84m<sup>2</sup> e ainda o penedo 4”* (*Idem*, p. 106). Na área este da camada, mesmo junto ao seu limite, encontra-se uma lareira, composta por uma fossa que corta o solo geológico apoiada no próprio afloramento (*Idem*) (Anexos – Figura 31).

O **Sector V** apresenta uma única fase de ocupação, integrando várias estruturas conservadas. A sua estratigrafia é composta por 4 camadas sedimentares sequenciais: a camada 1 que constitui a terra humosa de superfície; a camada 1A que é formada por terras cinzentas finas; a camada 2, *“constituída de terra argilosa, granulosa, tem cor castanho clara. Esta camada integra cerâmica de revestimento muito porosa, por vezes queimada, e correlaciona-se com as estruturas exumadas”* (*Idem*, p. 107); e, por

último, a camada 3, que constitui o solo geológico, igual em todos os sectores (*Idem*) (Anexos – Figura 33).

O nível de ocupação encontra-se delimitado por penedos e por dois alinhamentos pétreos arredondados a sudeste e noroeste. Estes alinhamentos cortam inclusivamente o solo geológico e são compostos por lajes de médias e grandes dimensões. Ambos estão associados a buracos de poste (num total de 5), sendo que no alinhamento sudeste estes se integram na estrutura enquanto no outro alinhamento estes estão imediatamente à sua frente. Além das referidas estruturas, foram identificadas 5 estruturas de combustão (EC1 a 5) de diferentes dimensões, mas todas no espaço interior delimitado pelos alinhamentos. Estas lareiras são habitualmente formadas por uma fossa aberta até ao solo geológico (camada 4), preenchidas por terras queimadas e carvões. Fora desta área delimitada, entre os alinhamentos e os penedos encontram-se aglomerados pétreos designados como ‘empedrados’, “*constituídos por 2 ou mais camadas de pequenas lajes, ora ordenadas e intrinsecamente depositas, ora caoticamente aí lançadas*” (*Idem*, p. 107), com grande quantidade de material arqueológico. A autora sugere tratar-se de estruturas de protecção da área habitada de águas pluviais que escorreriam pelos penedos e ainda como zona de despejo de detritos (*Idem*).

O **sector VI** apresenta também uma única fase de ocupação integrada numa estratigrafia simples numa área de cerca de 30m<sup>2</sup>: a camada 1 formada pelas terras húmidas de superfície; a camada 2, uma “*camada de terra argilosa, amarela, que se conecta com os buracos de poste, as estruturas de combustão e uma provável estrutura de armazenamento*” (*Idem* p. 108) e, finalmente, a camada 3, que constitui o solo geológico.

Foram identificados 11 buracos de poste que cortam a camada 2 e que integram uma ‘unidade de habitat’. Os buracos B2, B3, B6 e B7 estão localizados no limite oeste da camada junto aos penedos que a delimitam, enquanto as estruturas B1, B4 e B5 se encontram no interior da camada, e, por último, os buracos B8 a B10 se encontram no interior da camada, do lado sul, de uma forma contígua entre si. Além de buracos de poste, identificou-se uma lareira circular de médias dimensões (EC1 –

estrutura de combustão 1), “delimitada por pequenas lajes implantadas sub-verticalmente no solo (inclinadas para o exterior e preenchidas por terra negra, queimada, pequeníssimos carvões e terra castanho escura, granulosa” (*Idem*, p. 108) perto do limite este da camada; e ainda outra estrutura de combustão (EC2), pior conservada e de menores dimensões no canto sudeste da camada. Pela primeira vez, identificou-se uma estrutura circular “cuja construção é similar à da EC1. No interior, só existia terra da camada 2”, que foi interpretada como sendo uma estrutura de armazenagem (EA) (*Idem*) (Anexos – Figura 36).

O **sector VII** tem apenas 32m<sup>2</sup> de área escavada junto a penedos já que a restante área apenas apresentava solo geológico. Ainda assim, encontrava-se conservada uma fase de ocupação, materializada na U.E. 2 (de terras argilosas, castanho claras), e em 7 buracos de poste que a cortavam. Os buracos B1, B2, B3 e B4 perfazem um arco exterior paralelo aos penedos, na zona sul, enquanto as estruturas B 5, B6 e B7 se encontram dentro desse arco (*Idem*, p. 109). Na planta apresentada na publicação (p. Est. LVI, *vide* anexos deste volume) estão representados vários blocos pétreos que formam, aparentemente, um arco, no qual se enquadram os buracos de poste B1 a B4. Apesar das suas pequenas dimensões, parecem constituir uma espécie de embasamento pétreo de uma estrutura de tipo cabana. No entanto, esta situação não é referida em texto (Anexos – Figura 38).

#### **4.2.4.4 Materiais cerâmicos**

##### **4.2.4.4.1 Sector II – 1ª fase de ocupação**

Os materiais aqui estudados correspondem à camada 3 deste sector conforme dito pela autora. Não encontramos referência no texto ou nas plantas publicadas à designação co1/1 ou co1/2 que estão em alguns materiais. Como não sabemos se são desta fase de ocupação ou da mais recente, optámos por não os considerar. O mesmo acontece com as camadas 1A e 1B.

Nesta fase de ocupação foram recuperados 117 fragmentos cerâmicos classificáveis, num universo de 1047 fragmentos. O Número Mínimo de Indivíduos é composto por 91 recipientes.

O estado de conservação destes recipientes é regular, com alguns exemplares em mau estado. As pastas são maioritariamente compactas, e algumas médias, de textura predominantemente vacuolar e xistosa, com apenas um caso de textura homogénea. Os elementos não plásticos são quase sempre pouco frequentes, com alguns frequentes e muito frequentes, de calibre pequeno e alguns médios. As cozeduras distribuem-se entre oxidante e redutora de forma mais ou menos equilibrada, estando ainda presentes cozeduras redutoras com arrefecimentos oxidantes. Os tratamentos de superfície são pouco elaborados, consistindo em alisados simples, raras vezes sobre engobes ou aguadas. Identificaram-se apenas dois casos de espatulado, na superfície interior do recipiente.

As espessuras concentram-se maioritariamente na classe dos 0,6-1cm, estando as restantes na classe de 1,1 a 1,3cm (Gráfico 31).

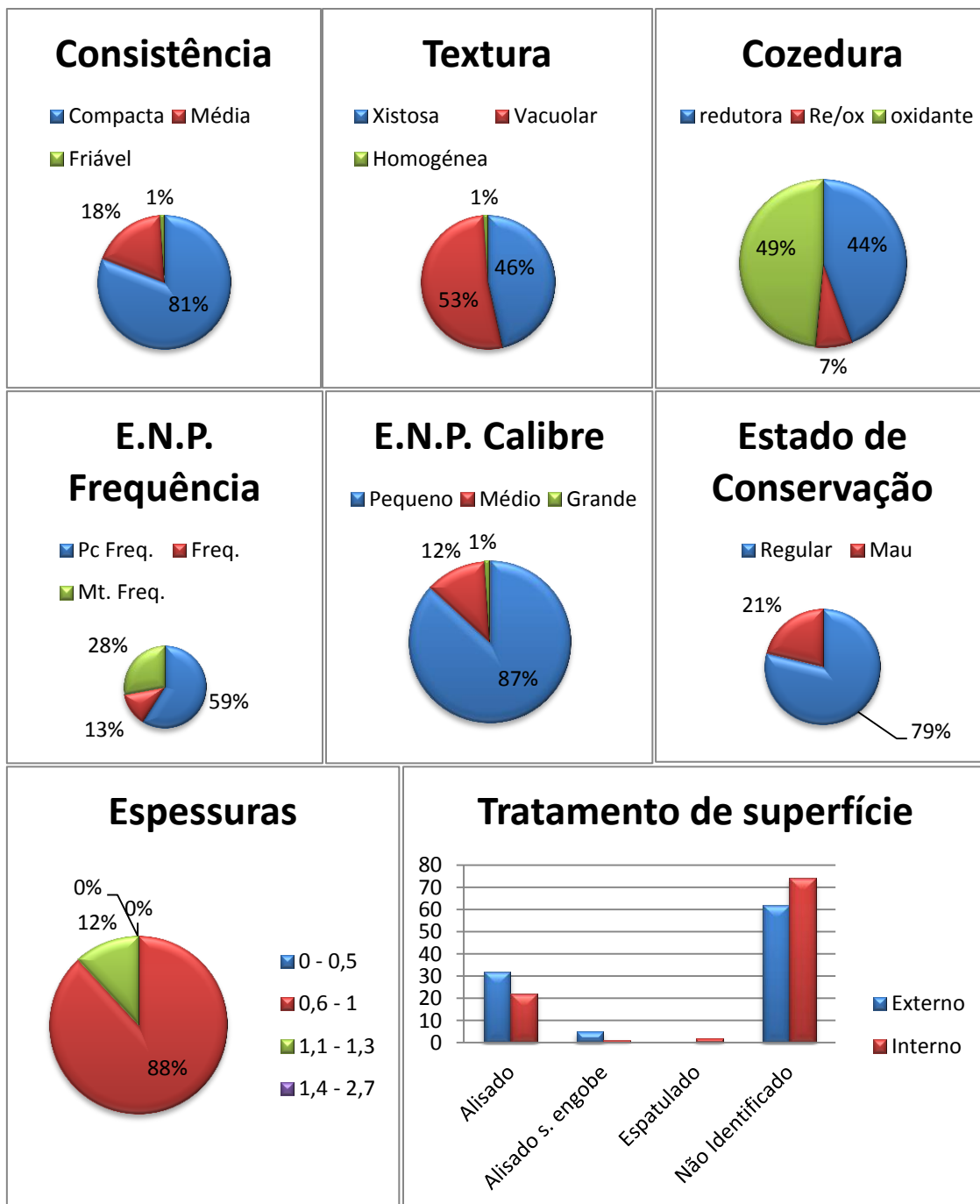
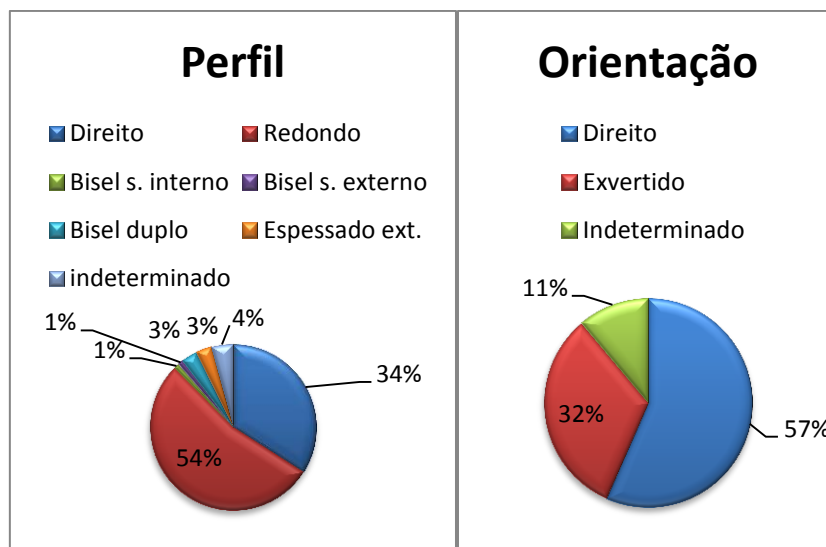


Gráfico 31 - Pastas do Sector II/1ª fase de ocupação do Barrocal Alto

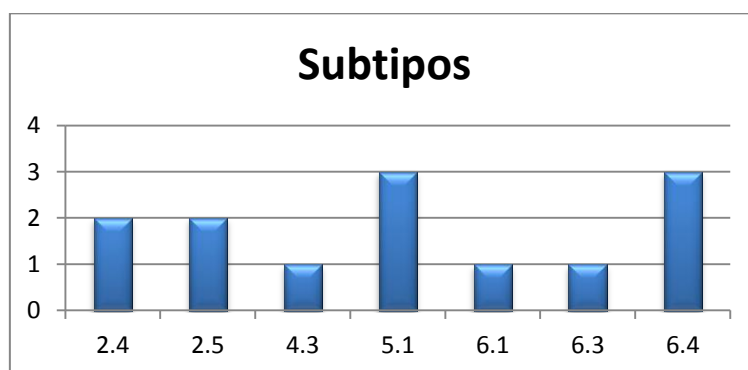
Os bordos revelam alguma diversidade de soluções quanto ao seu perfil. Estão presentes os comuns bordos direitos e redondos, que, como habitualmente, predominam. Além destes encontramos bordos em bisel simples interno e externo, com um exemplar cada, bisel duplo, e espessado exteriormente. A sua orientação é

direita na maioria dos casos, mas com uma percentagem significativa de exvertidos (Gráfico 32).



**Gráfico 32 - Perfil e orientação dos bordos do Sector II/1ª fase de ocupação do Barrocal Alto**

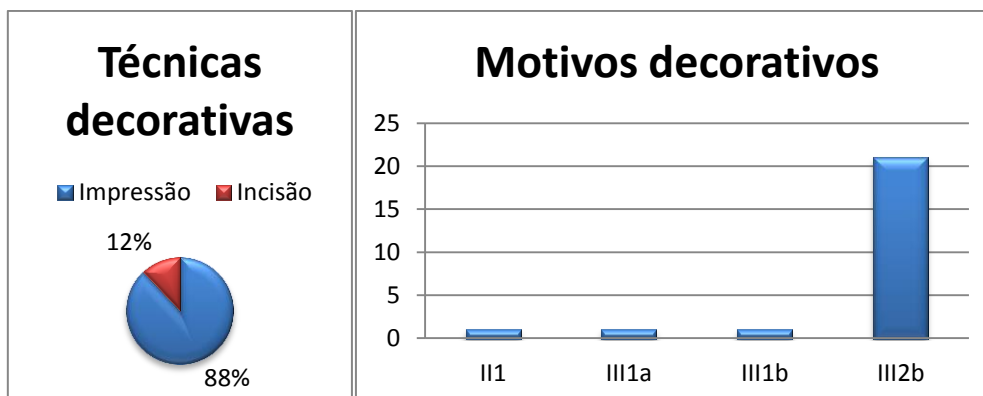
Apenas 13 fragmentos permitiram a identificação de forma. Apesar da fraca representatividade estatística proporcionada por 13 unidades, predominam, neste contexto arqueológico, as formas fechadas, esféricas e globulares. De seguida encontram-se as taças, nos subtipo 2.4 e 2.5 (Gráfico 33).



**Gráfico 33 - Subtipos dos recipientes do Sector II/1ª fase de ocupação do Barrocal Alto**

São 26 os fragmentos decorados presentes na 1ª fase de ocupação do sector II (cerca de 20% do NMI). A decoração localiza-se sempre do lado exterior do recipiente, na sua parte superior, pelo menos quando é possível associar o fragmento a uma

posição no recipiente. Quanto às técnicas decorativas, predomina aqui, quase totalmente, a impressão, estando apenas presentes 3 fragmentos incisos (Gráfico 34).



**Gráfico 34 - Técnicas e motivos decorativos do Sector II/1ª fase de ocupação do Barrocal Alto**

Os motivos decorativos recuperados neste contexto são pouco diversificados estando apenas representadas as organizações II e III. Dentro destas, a organização II é meramente vestigial, apenas com um fragmento, e mesmo dentro da III verifica-se que há uma clara preferência pelo subtipo III2b, as sequências de impressões com várias matrizes.

#### **4.2.4.4.2 Sector II – 2ª fase de ocupação**

Associados a esta fase de ocupação estão 421 fragmentos cerâmicos que incluem 62 classificáveis, dos quais 47 constituem o NMI. Estão também presentes bojos decorados, carenas decoradas, vários fragmentos de colo e um arranque de asa.

O estado de conservação destes recipientes é regular, com fraca percentagem de maus. As pastas são maioritariamente compactas e com texturas vacuolares e xistosas. Os elementos não plásticos são sobretudo pouco frequentes, com baixas incidências de frequentes e muito frequentes, com calibres pequenos, a grande maioria, e médios. As tonalidades dos fragmentos indicam uma ligeira preferência por cozeduras redutoras, apenas em 2 casos se registando cozeduras redutoras com arrefecimento oxidante. Os tratamentos de superfície são extremamente monótonos,

constando exclusivamente alisados simples. As espessuras máximas concentram-se na classe dos 0,6-1cm, estando as outras representadas por escassos fragmentos (Gráfico 35).

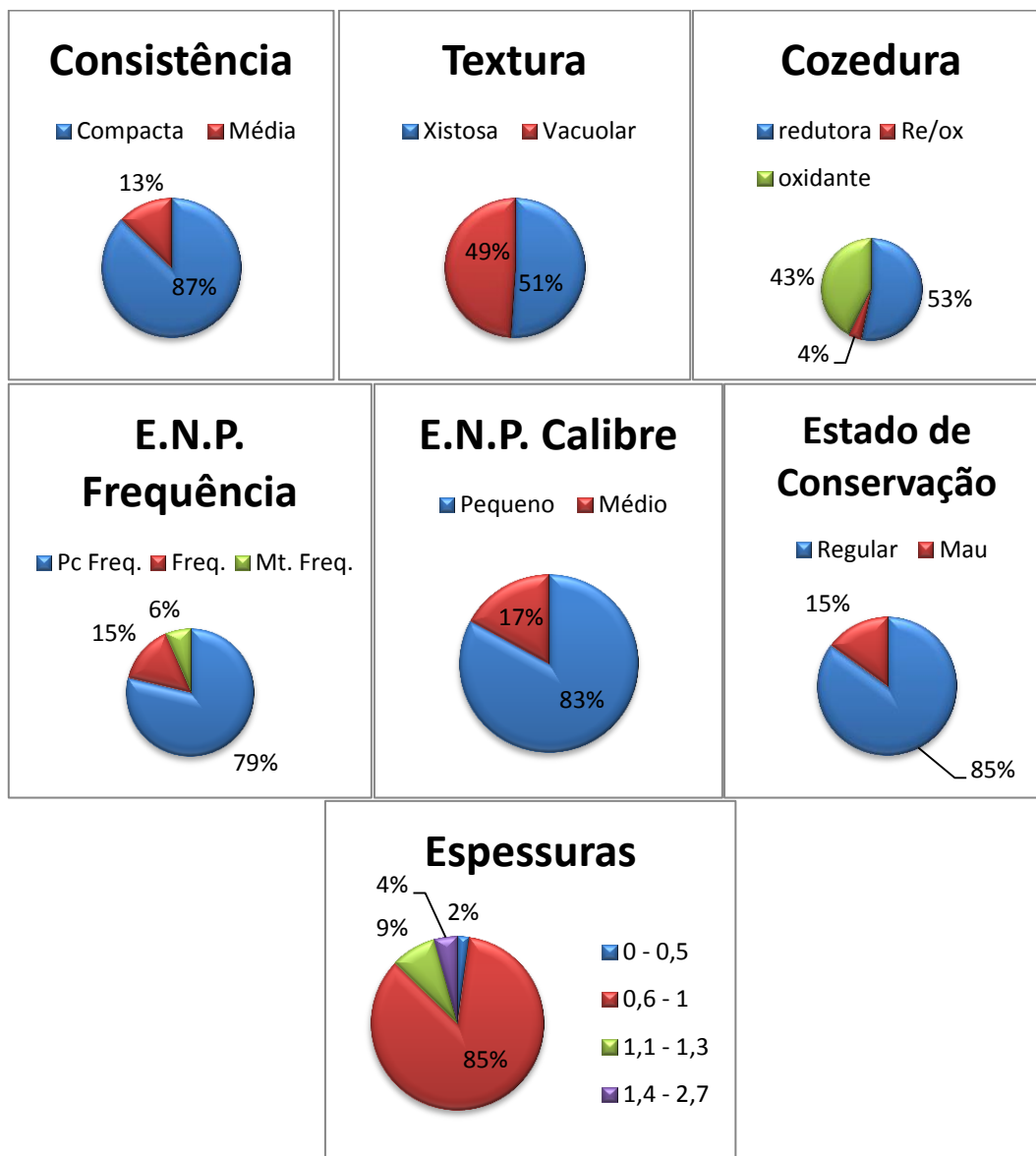


Gráfico 35 - Pastas do Sector II/2ª fase de ocupação do Barrocal Alto

Estão presentes bordos com perfis maioritariamente redondos, seguidos de direitos, espessados exteriormente e ainda em bisel duplo. Apenas dois fragmentos de bordo permanecem indeterminados. Como é habitual, predominam as orientações direitas (Gráfico 36).

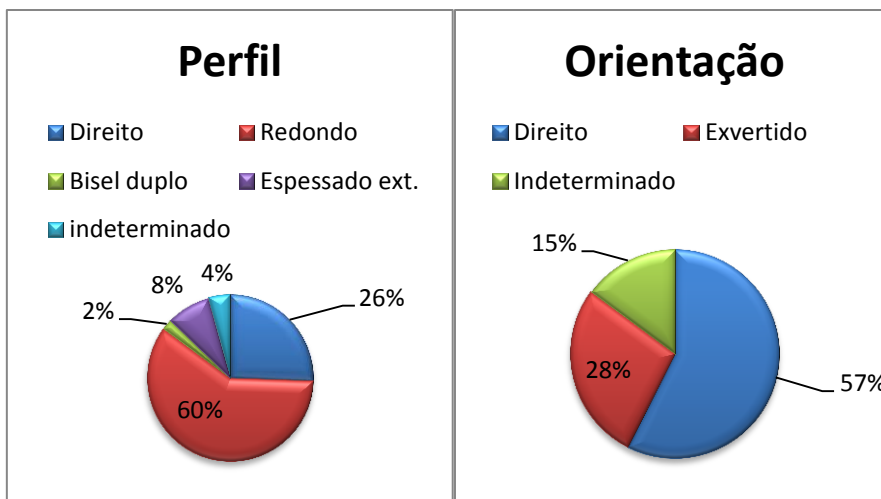


Gráfico 36 - Perfil e orientação dos bordos do Sector II/2ª fase de ocupação do Barrocal Alto

O número de formas reconhecidas neste contexto é muito reduzido, apenas 4 exemplares. Estão presentes 2 taças (subtipos 2.4 e 2.5), um esférico (5.1) e um globular (6.3).

Quanto à decoração, registam-se 19 fragmentos, dos quais 7 são fragmentos de bordo (cerca de 15% do NMI). Também neste contexto não se regista decoração na superfície interna dos recipientes nem no topo do lábio. As técnicas decorativas utilizadas são a impressão, a incisão, a combinação destas duas e ainda a combinação da incisão e do *boquique* num mesmo recipiente (Gráfico 37).

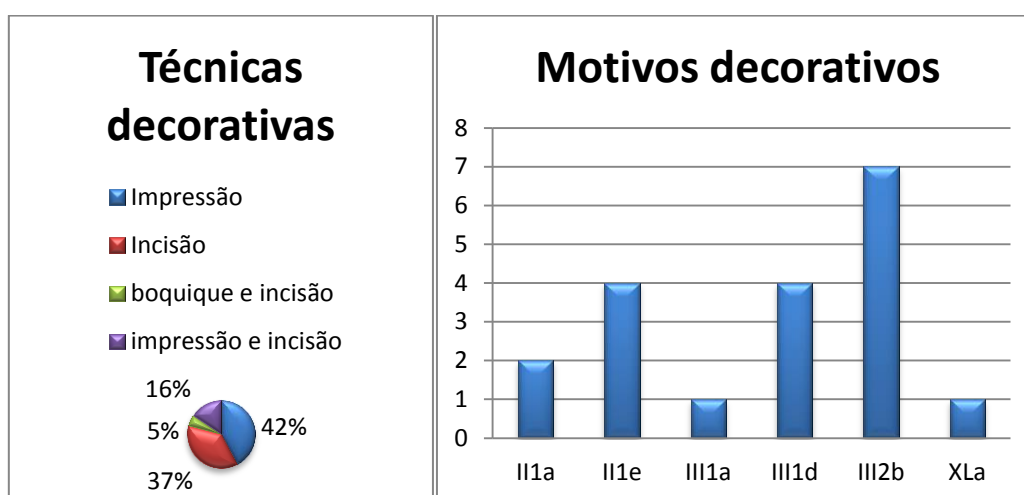


Gráfico 37 - Técnicas e motivos decorativos do Sector II/2ª fase ocupação do Barrocal Alto

Neste nível de ocupação, os motivos decorativos são mais variados, estando os triângulos (organização II) melhor representados, revelando alguma diversidade dos preenchimentos. A organização III é, novamente, a melhor representada, com predomínio do subtipo III2b. O motivo III1d aparece representado por 4 exemplares, consistindo nas espigas incisas. Por último, o motivo XLa destaca-se pela sua originalidade nos contextos conhecidos, consistindo numa linha de espiga incisa acima de linhas horizontais a *boquique*, numa pasta fina e cuidada.

Foi ainda recuperado um fragmento de bojo com um arranque de asa de fita, de secção subrectangular.

#### **4.2.4.4.3 Sector V**

Foram recuperados 771 fragmentos cerâmicos neste sector, dos quais 437 são inclassificáveis e 334 são classificáveis. Destes últimos, identificaram-se bordos, bordos decorados, colos, bases, uma colher, uma pega e uma provável peça de jogo. O Número Mínimo de Indivíduos é composto por 258 elementos.

Os fragmentos apresentam um estado de conservação maioritariamente regular, com alguns em mau estado. São sobretudo de consistência compacta, com uma fraca percentagem de média, e com uma textura predominantemente xistosa, mas com vários elementos de textura vacuolar. O tipo de cozedura alterna-se entre redutora e oxidante, com ligeira vantagem para a redutora. Estão igualmente documentados casos de cozedura oxidante com arrefecimento redutor e vice-versa. De notar que as cozeduras redutoras raramente atingem os tons cinzento escuros ou negros, ficando praticamente sempre nos castanhos claros e amarelos escuros. As oxidantes apresentam tons alaranjados mas não muito vivos. Os elementos não plásticos são sobretudo pouco frequentes e frequentes de calibre pequeno e alguns médios. Os tratamentos de superfície são pouco diversificados consistindo apenas em alisados simples na esmagadora maioria dos casos e ainda em casos excepcionais, como a presença de alguns engobes sob alisados e *cepillo* e como o espatulado presente em um único exemplar.

Novamente as espessuras concentram-se na classe dos 0,6-1cm com a esmagadora maioria das entradas. A classe dos 1,1-1,3cm representa apenas 6% (Gráfico 38).

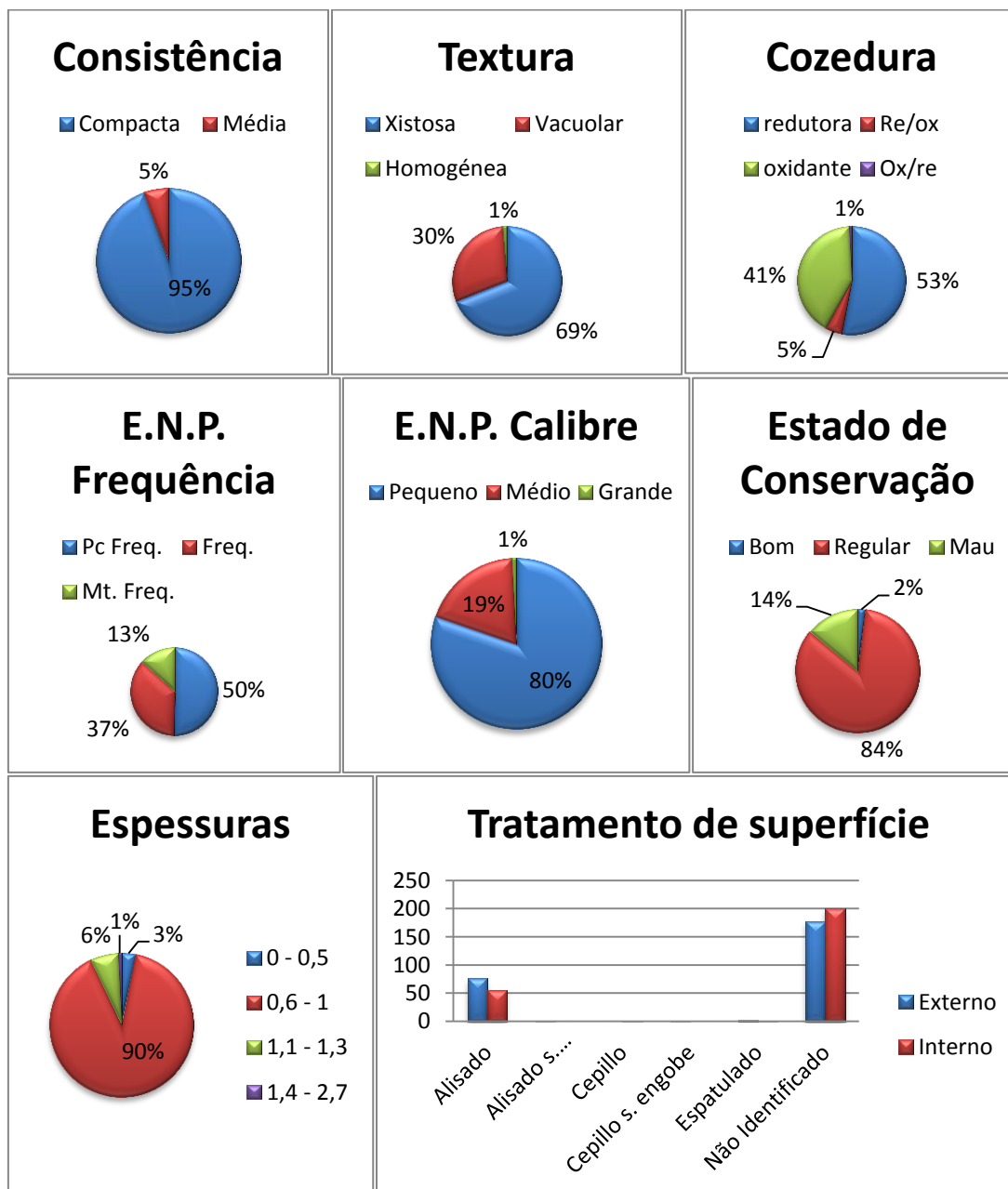
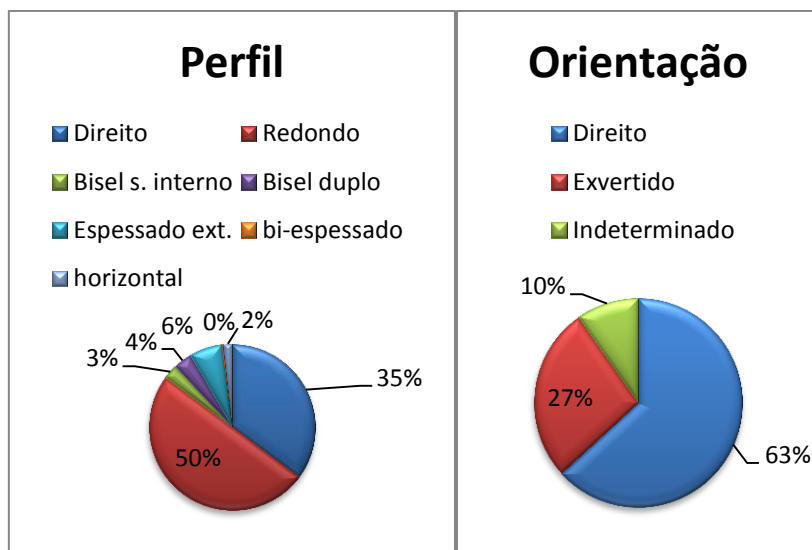


Gráfico 38 - Pastas do Sector V do Barrocal Alto

Os bordos apresentam bastante diversidade quanto ao seu perfil, estando presentes bordos redondos (a maioria), direitos, espessados exteriormente, em bisel

duplo, em bisel simples interno, horizontais e bi-espessados. Quanto à sua orientação, esta é principalmente direita com cerca de um quarto exvertida (Gráfico 39).



**Gráfico 39 - Perfil e orientação dos bordos do Sector V do Barrocal Alto**

75 fragmentos possibilitaram a identificação de forma. A distribuição entre formas abertas e fechadas é praticamente de 50-50, sobressaindo as taças como a forma mais representativa das formas abertas e os globulares como a das fechadas. Neste sector, identifica-se alguma diversidade de tipos morfológicos destacando-se a presença de um prato (subtipo 1.4), de três subtipos de taças, sobressaindo o 2.4, de três subtipos de tigelas, distribuídas de forma quase uniforme, a presença de vários esféricos, e ainda a presença significativa de globulares com 4 subtipos diferentes, dos quais se destaca o 6.4. As taças apresentam diâmetros compreendidos entre os 5-10cm e os 21-25cm, preferencialmente, registando-se alguns exemplares das classes intermédias. Nas tigelas são escassos os fragmentos que permitiram o cálculo de diâmetro, concentrando-se na classe dos 11-15cm. Os globulares apresentam preferência para diâmetros situados na classe dos 11-15cm e, de seguida, nas classes 16-20cm e 21-25cm (Gráfico 40).

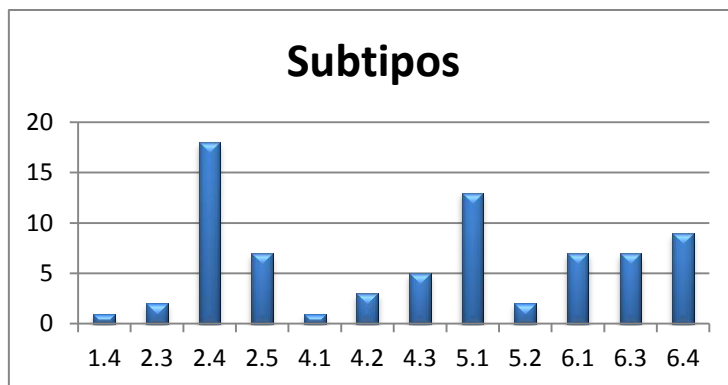


Gráfico 40 - Subtipos dos recipientes do Sector V do Barrocal Alto

Do universo total de fragmentos cerâmicos 94 encontravam-se decorados (cerca de 18% do NMI). A decoração está sempre localizada na superfície externa do recipiente e na sua área superior, abaixo do bordo. Estão documentadas as técnicas decorativas da impressão, que predomina, da incisão, do *boquique* e ainda da combinação de impressão com incisão (Gráfico 41).

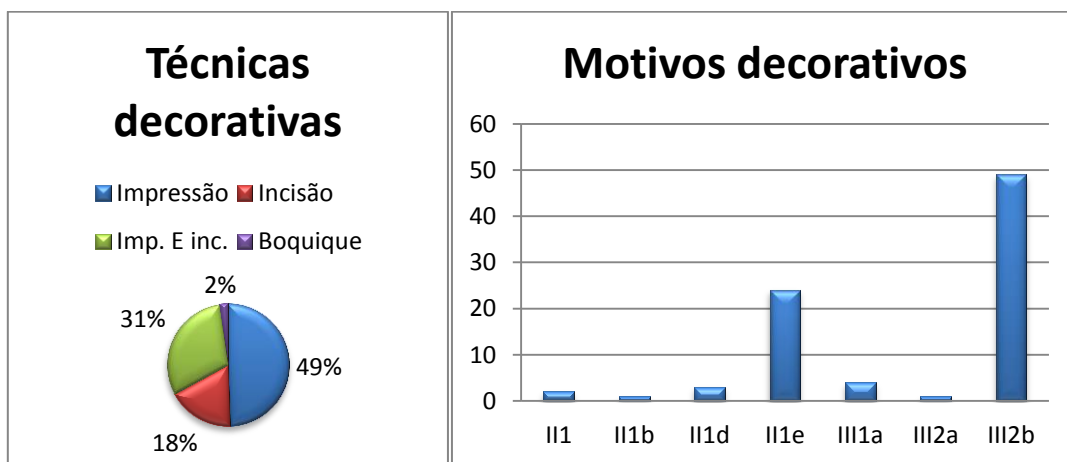


Gráfico 41 - Técnicas e motivos decorativos do Sector V do Barrocal Alto

Os motivos decorativos aqui identificados são pouco diversificados, assentando, substancialmente, nas organizações II e III. Sobressai, como habitualmente, o subtipo III2b, seguido dos triângulos preenchidos, II1e.

Foram ainda recolhidos dois elementos de prensão, um fragmento de bordo com um pequeno mamilo cónico (com menos de 1cm de comprimento máximo) e uma

pega. A pega tem como medidas, 5cm de comprimento; 2cm de largura máxima e 1,1cm de espessura máxima; sendo de tipo horizontal côncava.

Restam ainda dois fragmentos de base plana, uma delas com cerca de 15 cm de diâmetro, subtipo aplanado.

#### **4.2.4.4.4 Sector VI**

Num total de 454 fragmentos, 260 são bojos e 194 classificáveis. O NMI é constituído por 168 recipientes. Além destes, recuperaram-se bordos decorados, colos, bases e elementos de preensão.

O estado de conservação é, como habitual, maioritariamente regular, aparecendo alguns maus e muito poucos bons. Relativamente às pastas, a sua consistência é predominantemente compacta, com alguns casos de média, e muito poucos de friável. A textura é xistosa em três quartos dos casos, sendo o restante vacuolar e homogénea. Os tipos de cozedura distribuem-se por oxidante e redutora, com poucos casos de arrefecimentos distintos da cozedura. Tal como no sector V, as colorações das cozeduras redutoras nunca atingem os tons negros e cinzento escuros. Os elementos não plásticos são frequentes em 46% dos casos, mas também se regista pouco frequentes e muito frequentes; quanto ao calibre, estes são sobretudo pequenos e médios, sendo que os grandes são praticamente vestigiais. Por último no que refere às pastas, os tratamentos de superfície são pouco diversificados, consistindo praticamente só em alisados simples. Apenas em 6 casos se regista a presença de engobes.

As espessuras concentram-se nas medidas compreendidas entre 0,6 e 1cm, sendo as restantes minoritárias (Gráfico 42).

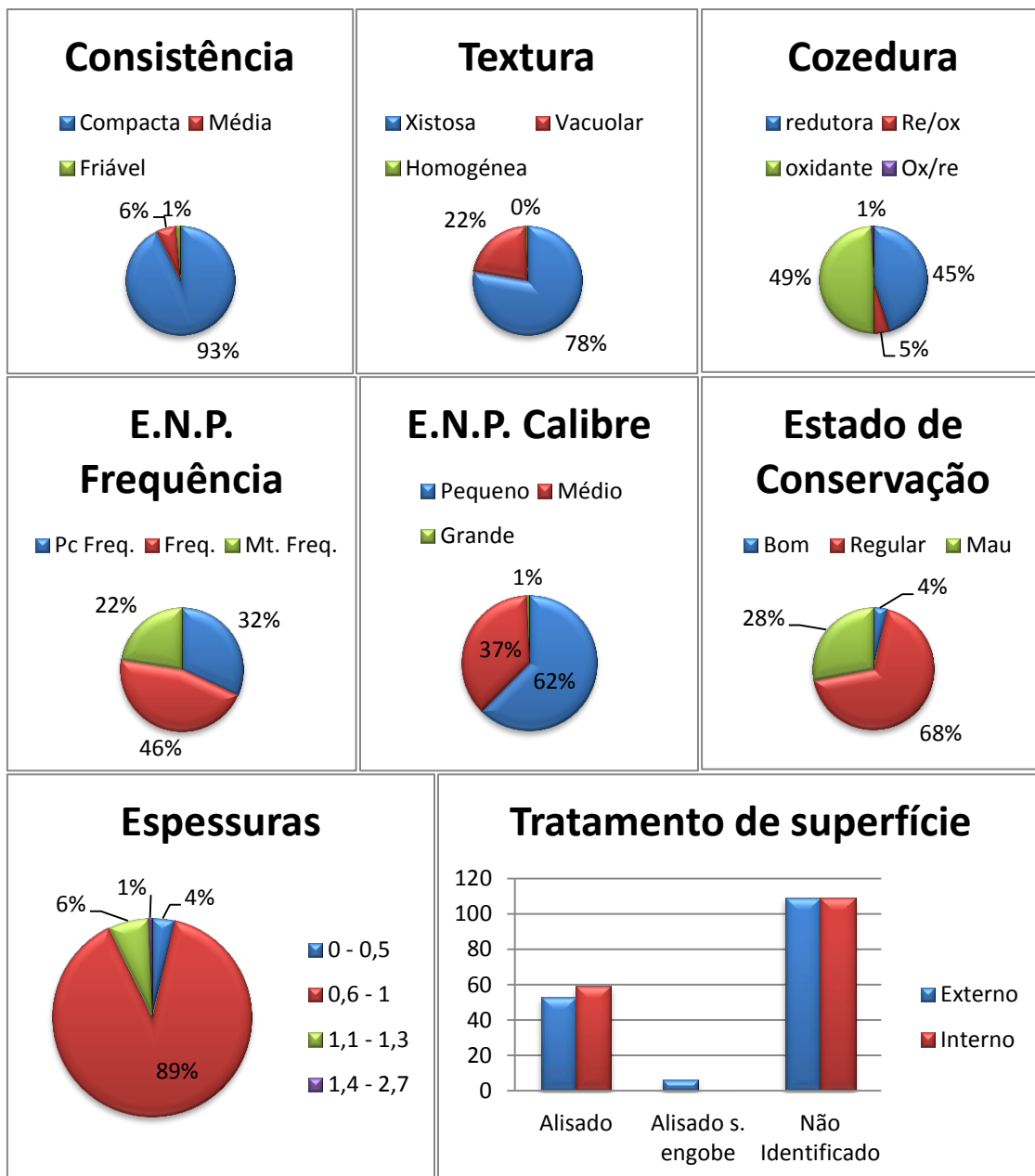


Gráfico 42 - Pastas do Sector VI do Barrocal Alto

Os bordos apresentam 6 soluções diferentes em termos de perfil. Predominam os redondos e os direitos, como habitualmente se verifica. Mas também estão presentes exemplares de bisel duplo, espessado exteriormente e horizontal. Como novidade, destacam-se os bordos espessados pelo lado interno. Quanto à sua orientação, esta é maioritariamente direita, com 23% de exemplares exvertidos. Apenas se identifica um bordo invertido (Gráfico 43).

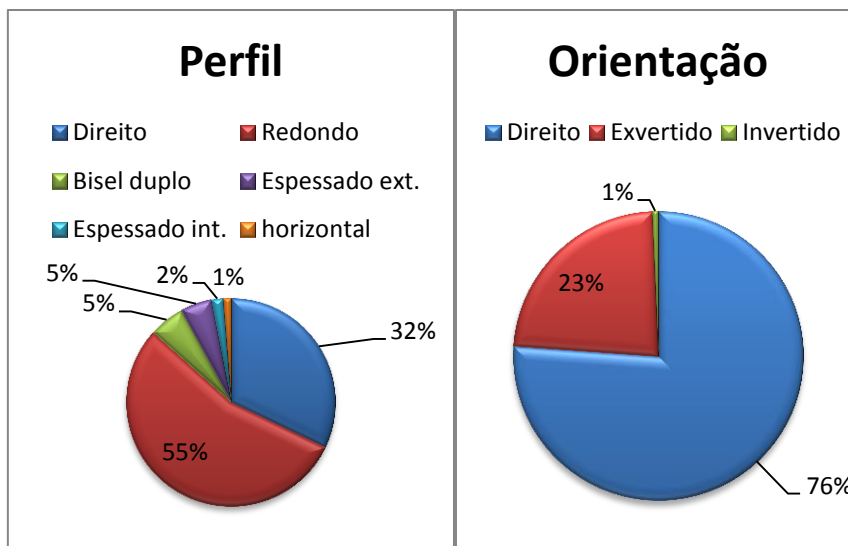


Gráfico 43 - Perfil e orientação dos bordos do Sector VI do Barrocal Alto

Foram identificados 45 recipientes que possibilitam a reconstituição de forma. O tipo morfológico que se destaca é a taça, novamente, na qual se encontram os subtipos 2.4 e 2.5, com igual atribuição. De seguida, estão as tigelas, nas quais sobressaem as do subtipo 4.3; os globulares, com 4 subtipos distintos; e ainda os esféricos (Gráfico 44).

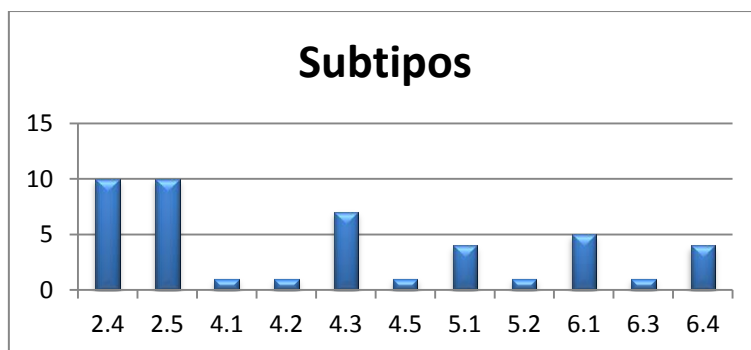
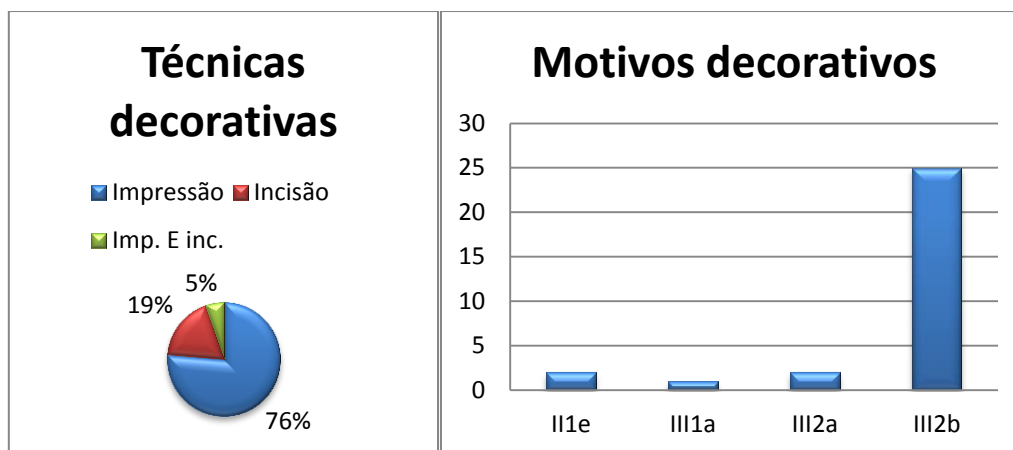


Gráfico 44 - Subtipos dos recipientes do Sector VI do Barrocal Alto

O cálculo do diâmetro realizou-se em 13 recipientes com atribuição de forma, estando compreendidos entre as classes 11-15cm e 26-30cm. Na forma 2 predomina a classe dos 16-20cm, seguida dos 11-15cm. Na forma 4, apenas se regista um exemplar, da classe 21-25cm. Na forma 5 existe um exemplar nas classes 16-20cm e 21-25cm.

Por último, na forma 6, os diâmetros encontram-se nas classes 26-30cm (com 2 exemplares), 21-25cm (com um exemplar) e 11-15 cm (com um exemplar).

Neste sector existem 39 fragmentos cerâmicos decorados (cerca de 17% do NMI), todos na sua superfície exterior. Estão presentes as técnicas habituais até aqui identificadas como a impressão, que volta a ser a dominante, a incisão e a combinação destas duas (Gráfico 45).



**Gráfico 45 - Técnicas e motivos decorativos do Sector VI do Barrocal Alto**

São reduzidos os motivos decorativos recuperados, assentando, como nos restantes contextos analisados, no subtipo III2b, as sequências de impressões. Os triângulos estão presentes, mas em baixo número. Recorde-se que, atendendo ao facto de lidarmos praticamente só com fragmentos, que alguns dos motivos considerados como III2b poderão ter sido preenchimentos de triângulos.

Quanto aos elementos de prensão, registam-se dois mamilos e uma pega associada a um bordo. Os mamilos são de pequeno tamanho com cerca de 1cm de comprimento máximo e são ambos de perfil cónico. A pega apresenta 4cm de comprimento máximo, 2cm de largura máxima e 0,4cm de espessura máxima.

#### 4.2.4.4.5 Sector VII

Neste sector apenas foram recuperados 94 fragmentos cerâmicos. Destes 51 são classificáveis e 41 constituem o NMI. Estão presentes fragmentos de bordo, bordo decorado, colo, bojos decorados e ainda um perfil semi-completo decorado composto por bordo e carena. Não existem bases nem elementos de preensão, ou outras categorias artefactuais cerâmicas.

Os fragmentos encontram-se com um estado de conservação regular, na maioria dos casos, mas 17% está em mau estado. Relativamente às pastas, estas apresentam uma consistência 100% compacta; textura 90% xistosa com o restante de vacuolar; cozedura redutora e oxidante em partes quase iguais; elementos não plásticos frequentes e muito frequentes mas de pequeno e médio calibre. Os tratamentos de superfície são absolutamente monótonos, apenas com um exemplar de alisado sobre engobe cinzento escuro. As espessuras têm maior incidência na classe dos 0,6-1cm (Gráfico 46).

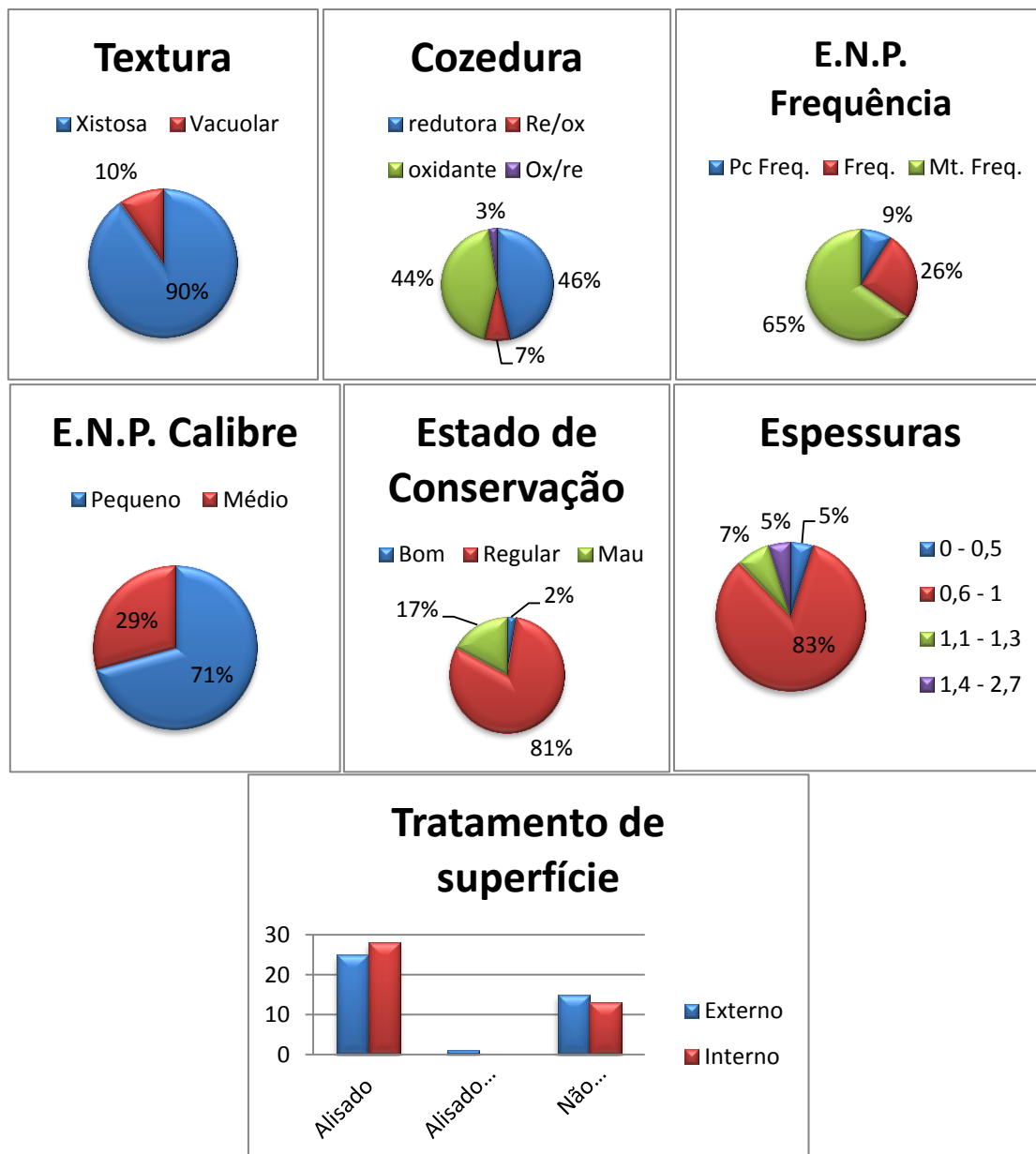
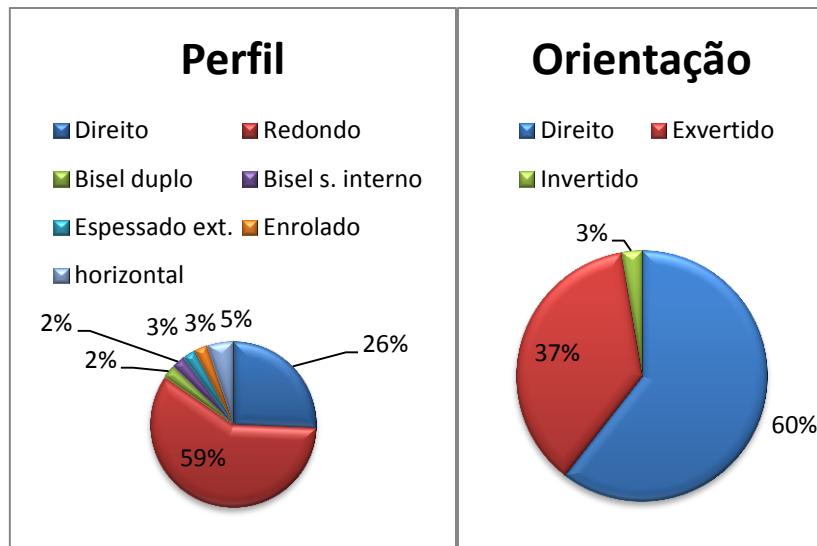


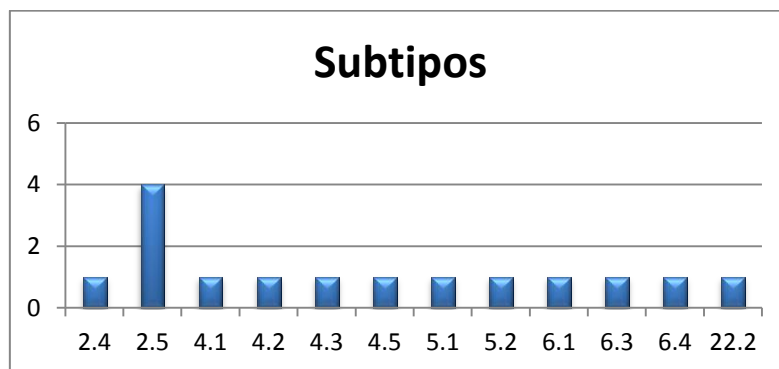
Gráfico 46 - Pastas do Sector VII do Barrocal Alto

Os bordos têm diferentes acabamentos quanto ao seu perfil, revelando bordos redondos e direitos como a preferência absoluta. No entanto, existem ainda bordos em bisel duplo, bisel simples interno, espessados exteriormente e horizontais. Como novidade do que vem sendo habitual encontra-se um exemplar de bordo enrolado. Quanto à sua orientação, os bordos são preferencialmente direitos, mas também exvertidos e ainda um caso de invertido (Gráfico 47).



**Gráfico 47 - Perfil e orientação dos bordos do Sector VII do Barrocal Alto**

São apenas 15 os fragmentos com reconstituição de forma presentes neste sector que se distribuem por vários tipos e subtipos (cerca de 22% do NMI). Praticamente todas as formas representadas apenas conta com um exemplar, com excepção do subtipo 2.5, que apresenta 4 fragmentos. Pela primeira vez no Barrocal Alto, encontra-se neste sector a forma 22, taças de carena média/alta, na sua variante 22.2 (Gráfico 48).



**Gráfico 48 - Subtipos dos recipientes do Sector VII do Barrocal Alto**

Os fragmentos decorados são somente 13 nesta área habitacional (19,5% do NMI). A localização da decoração é preferencialmente na superfície externa, mas existe um recipiente que também tem a parte superior do lábio decorada, com uma

espiga incisa. Este corresponde à forma nova atribuída acima, a 22.2. Estão também decoradas duas taças (2.4 e 2.5), uma tigela (4.3) e um esférico (5.1).

As técnicas decorativas usadas são, novamente, a impressão, seguida da incisão, do *boquique* e da combinação da impressão com a incisão num mesmo recipiente (Gráfico 49).

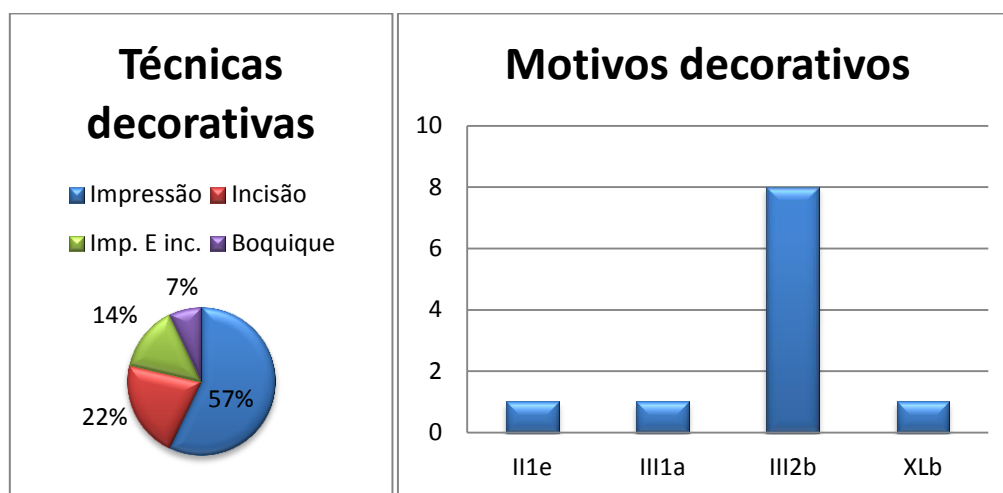


Gráfico 49 - Técnicas e motivos decorativos do Sector VII do Barrocal Alto

A amostra de fragmentos decorados é, neste contexto, pequena, o que também explicará a pouca diversidade de motivos decorativos. Estão presentes três organizações decorativas, II, III e XL. Também aqui predominam as sequências de impressões (algumas a *boquique*) recaindo no subtipo III2b. Identificou-se um triângulo preenchido e um motivo completamente novo. Trata-se de uma taça carenada com decoração na superfície externa e no lábio; com duas bandas de impressões circulares, uma abaixo do bordo e outra abaixo da carena e com uma espiga incisa no lábio (subtipo XLb)<sup>12</sup>.

<sup>12</sup> Na publicação do Barrocal Alto está registado (na tabela de motivos e nas estampas) um outro fragmento de bordo desta organização decorativa, uma taça com uma banda de impressões circulares abaixo do bordo e uma espiga incisa no lábio, pertencente ao Sector II, IIº nível de ocupação (Sanches, 1992, p. 126 e Est. LXIX), pelo que este recipiente do Sector VII não será o único. No entanto, não o conseguimos encontrar ou ter-nos-á passado despercebido, sobretudo se a parte do lábio estiver mais desgastada.

#### 4.2.4.5 Outros materiais cerâmicos

Estão presentes 5 fragmentos de “ídolos de cornos”, 3 provenientes do sector II, 2º nível de ocupação e os restantes do sector V.

Registam-se também “inúmeros fragmentos de cerâmica de revestimento, de aspecto poroso e muito queimada. Esta jazia, na sua maioria, na área periférica das estruturas de combustão” (Sanches, 1992, p. 108), no Sector V.

Por último, destacamos um bojo de forma arredondada, que parece ter tido as arestas afeiçoadas/polidas, com cerca de 4 cm de diâmetro, pode ser o que habitualmente se designa de peça de jogo. Deixamos, contudo, as nossas reservas quanto a esta interpretação, na medida em que esta categoria de artefacto é muito rara em contextos calcolíticos.

#### 4.2.4.6 Datações absolutas

Para o sítio do Barrocal Alto dispõe-se de 6 datações por radiocarbono, todas de carvão, provenientes dos sectores II e V (Sanches, 1992). Por se tratar de datas mais antigas, optou-se por calibra-las com recurso ao programa online Calib 14, versão 7.0 em Outubro de 2014. Os resultados estão sintetizados na tabela seguinte. Mais à frente proceder-se-á ao cruzamento destas datas com a cultura material.

Sector/estratigrafia	Referência	Data BP	Cal. 1 sigma	Cal. 2 sigma
II – U.E. [3] (1º nível ocupação)	CSIC-726	4960±75	3799 - 3653	3850 - 3640
II – U.E. [3] (1º nível ocupação)	CSIC-727	4110±60	2702 - 2579	2878-2564
II – U.E. [3] (1º nível ocupação)	UGRA-273	6950±90	5905- 5738	5998- 5701
II – U.E. [2] (2º nível ocupação)	UGRA-223	3230±100	1628 - 1409	1744 - 1263
II – U.E. [2] (2º nível ocupação)	CSIC-725	980±60	1078 – 1153 AD	967 – 1207 AD

Sector/estratigrafia	Referência	Data BP	Cal. 1 sigma	Cal. 2 sigma
V – U.E. [2]	CSIC-728	4100±60	2701 - 2574	2875 - 2560
V – U.E. [2]	ICEN- 414	4370±45	3024 - 2916	3100 - 2895

**Tabela 4 - Tabela síntese de datações do Barrocal Alto**

Segundo a publicação original, a amostra CSIC-726 foi *“retirada do interior da concentração de pedras, ‘empedrado’, entre os penedos 1 e 2, à profundidade de 60cm (...) trata-se do local, (adentro deste sector), mais resguardado de contaminações (o terreno é frequentemente atravessado por valas e fossos resultantes de plantios antigos e recentes), pois, além de o ‘empedrado’ parecer intacto, a amostra foi intencionalmente retirada da sua parte central, interior”* (Idem, p. 105); tratando-se de uma data que oferece um bom nível de confiança contextual. A sua calibração, a 2sigma, indica-nos, no entanto, um momento de ocupação bem dentro do Neolítico.

A segunda amostra, CSIC-727, proveniente do mesmo nível de ocupação do Sector II, foi *“retirada do quadrado X23, a uma profundidade de 56-70cm (...) retirada de um local rodeado por duas valas de vinha, as quais perfuraram a camada 3 e quase atingiram o solo geológico de base. Por tal razão colocamos sérias reservas à aceitação desta data, uma vez que a amostra anterior, que provém de um local muito mais seguro em termos de possibilidade de contaminações, desvia-se cronologicamente”* (Idem, p. 105). Após a calibração, a data remete-nos para a primeira metade do III<sup>o</sup> milénio a.C.

Uma terceira amostra deste nível de ocupação, UGRA-273, *“foi retirada do quadrado X22, da base da camada 3 dum estrato que, na escavação, denominámos por c.3b. o estrato 3b corresponde à parte superior do solo geológico de base, o que se encontra pontualmente alterado pela ocupação da camada 3. (...) parece-nos legítimo interpretar esta data como um terminus post quem para a ocupação da camada 3.”* (Idem, p. 106 e Nota 78). De facto, esta data, após ter sido calibrada, não se enquadra com as restantes datas nem com os materiais encontrados, pois enuncia um intervalo de tempo de finais do VI milénio.

Seguem-se duas datações do II<sup>o</sup> nível de ocupação. A autora ressalva que *“a dificuldade na obtenção de carvões não visivelmente contaminados foi grande, dada a fraca profundidade a que se encontrava a camada, por um lado, e a ocorrência de valas antigas e recentes onde foram plantadas árvores, por outro”* (Idem, p. 106-107), sendo que a fiabilidade das amostras era, *a priori*, fraca. A primeira delas, UGRA-223, foi *“retirada do fundo da lareira, a uma profundidade absoluta de 35cm (...) no enchimento da lareira encontravam-se bastantes raízes”* (Idem, p. 107). A segunda, CSIC-725, *“foi retirada do quadrado Z25, a uma profundidade que variou entre 45 e 65cm (...) junto do local onde foi recolhida, existia uma vala que perfurou totalmente esta camada”* (Idem). A primeira delas apresenta um intervalo de anos de calendário centrada em meados do II<sup>o</sup> milénio; enquanto a segunda já nos remete para períodos históricos d.C.; confirmando, assim, o que já a autora apontara: *“trata-se de duas datas anómalas que não valorizamos por entrarem em contradição com o tipo de espólio arqueológico (indiscutivelmente pré-histórico) deste nível, quer ainda pela sua incoerências face a outras datas deste povoados, estas obtidas a partir de amostras recolhidas de locais mais seguros”* (Idem, p.107).

Do Sector V provêm duas amostras datadas, ambas da U.E. [2]. A primeira delas, CSIC-728, *“foi retirada da E.C. [estrutura de combustão] 1 à profundidade de 54-90cm”* (Idem, p. 108), que, calibrada, se centra na primeira metade do III<sup>o</sup> milénio a. C.

A segunda, ICEN-414, *“provém da parte mais funda da E.C. 3, à profundidade de 80-88cm”* (Idem), situando-se na transição do IV<sup>o</sup> para o III<sup>o</sup> milénio a.C. Como comentário a estas datas, é dito: *“verificamos assim que as datas acima não se recobrem estatisticamente (...) uma das interpretações possíveis é a de que estas datas podem apontar no sentido de a ‘cabana’ do S. V ter sofrido uma longa ocupação, a despeito de conter uma única camada correlacionável com as estruturas de habitat”* (Idem, p. 108).

## 4.2.5 Quinta do Rio 16

### 4.2.5.1 Localização

O sítio pré-histórico da Quinta do Rio 16 está localizado no concelho de Torre de Moncorvo, freguesia de Cardanha, com as coordenadas M=93980.28 e P=174619.91 (Datum 73), a uma altitude média de 231 metros (Figuras 12 e 13). Encontra-se na margem direita do rio Sabor, implantado num espaço aberto entre penedos graníticos.

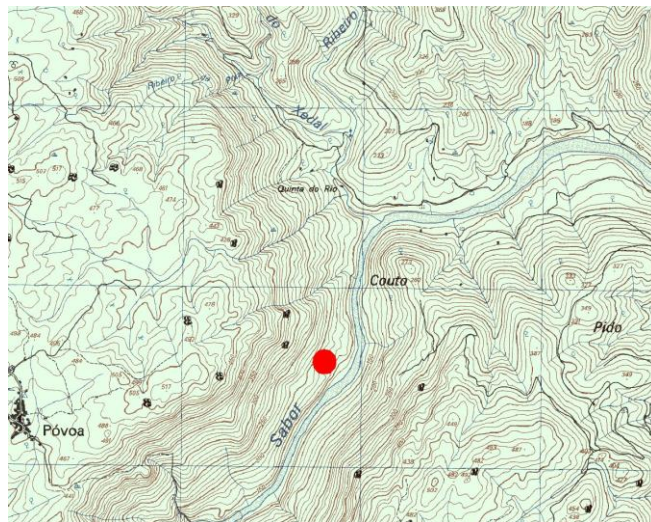


Figura 12 - Localização da Quinta do Rio 16 na C.M.P. 1:25000



Figura 13 - Vista da Quinta do Rio 16 e do rio Sabor, durante os trabalhos de construção da Barragem.  
Adap. de Gaspar *et. al.* (2014c, p. 8)

#### 4.2.5.2 História da Investigação

Este sítio foi identificado durante o acompanhamento arqueológico da Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor (AHBS), mais concretamente aquando do acompanhamento da remoção de terras da Pedreira de Relvas (Gaspar *et al.*, 2014c, p. 4). Atendendo à dispersão de materiais verificou-se que a sua presença decorria de escorrimentos de uma plataforma localizada acima da pedreira, não tendo, por isso, sofrido impactes negativos. Deste modo, foi realizada uma sondagem de diagnóstico nessa mesma plataforma com o objectivo de avaliar o potencial arqueológico deste sítio. Os trabalhos decorreram em Agosto e Setembro de 2010.

Nessa intervenção foi realizada uma *“limpeza e recolha de material arqueológico na área afectada pelos trabalhos de saneamento dos taludes da Pedreira de Relvas”* e, posteriormente, uma sondagem de diagnóstico de 16 m<sup>2</sup> na plataforma superior (*Idem*, p. 10-11).

As estruturas e os materiais arqueológicos identificados foram estudados previamente pela equipa do AHBS, resultando no relatório final. No entanto, foi-nos autorizado o estudo directo dos materiais cerâmicos para objectivos de uniformização metodológica do nosso trabalho.

### 4.2.5.3 Estratigrafia e Estruturas

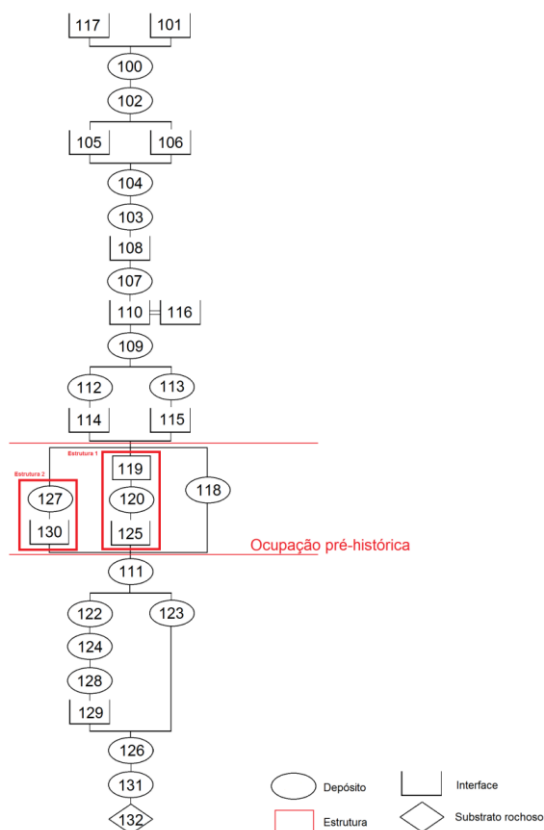


Figura 14 - Matriz de Harris da Quinta do Rio 16. Adap. de Gaspar et al. 2014c, p. 21

A estratigrafia pode ser agrupada em três partes conforme representado na matriz de Harris (Figura 14). Um primeiro conjunto de camadas afectadas por valas recentes como a [117] e a [101], que cortam a camada [100], que corresponde à humosa de topo. Seguem-se algumas camadas sequenciais, também estas afectadas por provavelmente valas e perturbações de animais.

Os níveis arqueológicos conservados correspondem à camada [118], um “depósito argilo-arenoso, moderadamente duro, limite inferior nítido e inclinado. Cor castanha clara amarelada” (Idem, p. 16) e a duas estruturas negativas a ela associadas: [130] e [125]. A primeira destas corresponde a uma estrutura negativa de tipo fossa, com cerca de 40cm de diâmetro, cheia por uma camada com alguns materiais arqueológicos. A segunda estrutura é composta por uma fossa subcircular preenchida por uma camada de terras e carvões abundantes e, acima, uma acumulação de

termoclastos [119]. Esta segunda estrutura pode ser interpretada como uma lareira. Na zona Este da U.E. [118] registaram-se algumas perturbações (provavelmente de raízes) (Anexos – Figura 40).

Imediatamente abaixo deste nível arqueológico identificaram-se outras unidades estratigráficas de formação natural com presença de blocos graníticos de grande dimensão, afectadas por vários canais, provavelmente feitos por pequenos animais e/ou raízes.

A sondagem foi escavada até ao substrato geológico.

#### **4.2.5.4 Materiais cerâmicos**

Como se trata de uma única fase de ocupação entendeu-se pertinente analisar os materiais como um só conjunto.

Foram recuperados 3217 fragmentos cerâmicos nos quais se inserem bojos, bojos decorados, bordos, bordos decorados, barro de cabana e um fragmento de colher. Deste conjunto foi possível assumir um mínimo de 265 recipientes (NMI), após remontagens, a partir do qual se tecerão considerações sobre as pastas e as categorias formais presentes. Foi ainda recolhido um recipiente completo, de pequenas dimensões, com base aplanada.

Na generalidade, os fragmentos apresentam um estado de conservação regular, com escassos vestígios de rolamento. O seu fabrico apresenta uma dominância de consistências compactas, com apenas algumas médias; texturas xistosas; elementos não plásticos maioritariamente frequentes e de média e pequena dimensão; e ainda cozeduras que preferem os ambientes oxidantes, mas com boa representatividade dos redutores. Os tratamentos de superfície são relativamente diversificados em ambas as superfícies dos recipientes. Estão identificados alisados simples (que predominam claramente nos tratamentos de superfície), alisados sobre uma aguada (raríssimos), *cepillo* (em apenas um recipiente), polido (com alguma representatividade) e, por último, polido sobre aguada (registado apenas em um recipiente, no lado interior).

Nas espessuras máximas, a classe que se destaca é a dos 0,6-1cm, com 69% das entradas, seguida da 0-0,5cm (Gráfico 50).

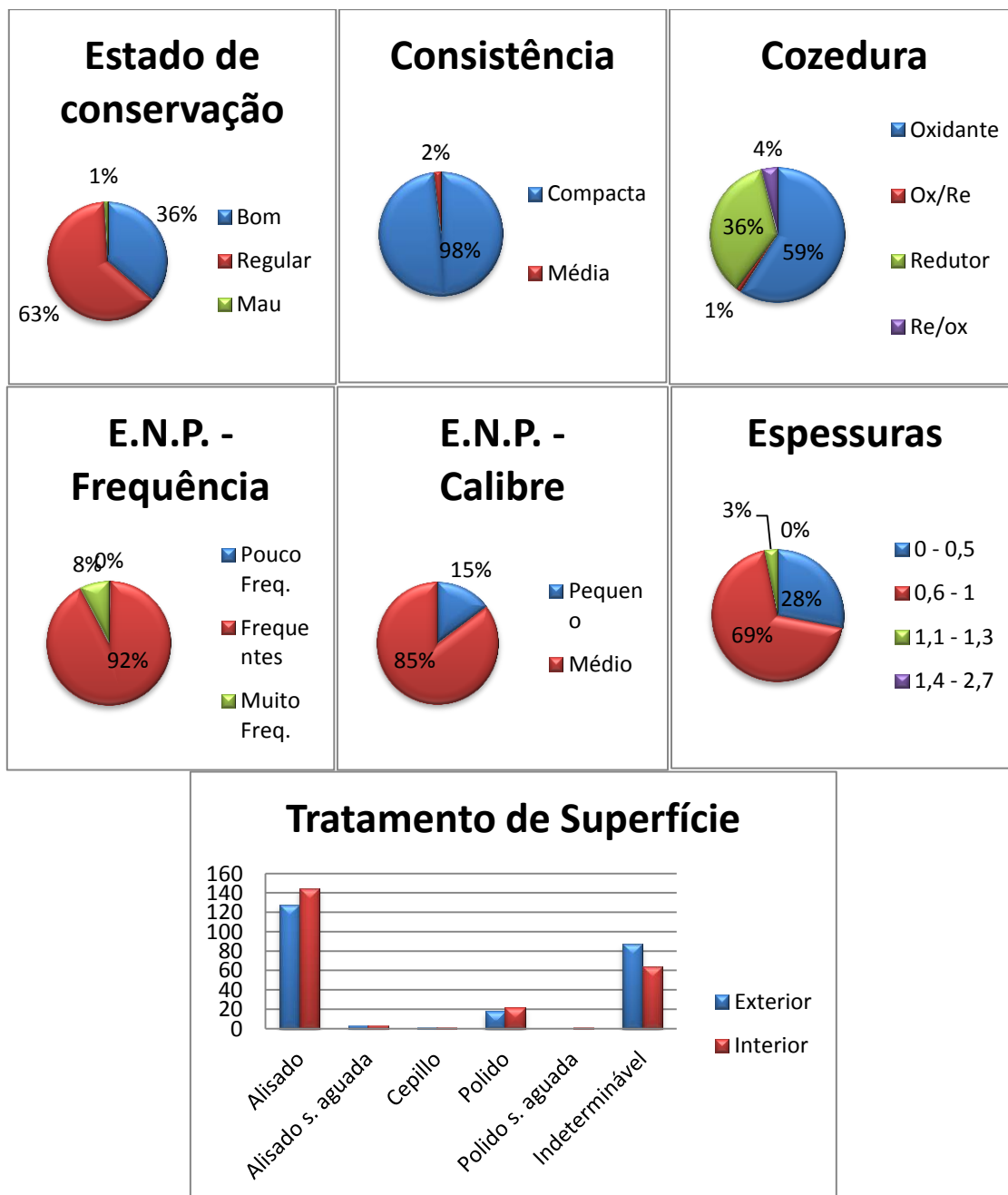
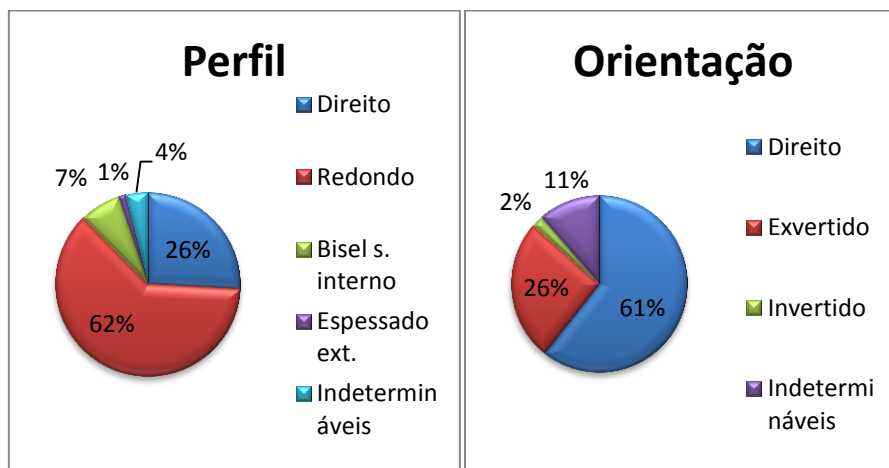


Gráfico 50 - Pastas da Quinta do Rio 16

Os bordos apresentam alguma diversidade de soluções em termos de perfil, com maioria de bordos redondos, seguido de direitos, mas também com alguns

exemplares de bisel simples interno e espessado exteriormente. No que respeita à orientação, são maioritariamente direitos, com bastante representatividade de exvertidos, e ainda com presença vestigial de invertidos (Gráfico 51).



**Gráfico 51 - Perfil e orientação dos bordos da Quinta do Rio 16**

Dos 265 recipientes identificados no NMI, foi possível reconstituir a forma a 113, cerca de 43%. Dessas formas, verifica-se um ligeiro predomínio das formas abertas em relação às fechadas, com uma razão de 56% e 44% respectivamente. Estão registadas os seguintes tipos e subtipos: pratos, no subtipo 1.2 com apenas 1 exemplar; taças, que são a forma melhor representada no conjunto, com 50 exemplares, que se subdividem nos subtipos 2.4, 2.5, 2.6 e 2.7. As tigelas são representadas por 15 exemplares (subtipos 4.1, 4.2, 4.3 e 4.4); os esféricos, com 10 exemplares (subtipos 5.1 e 5.2), globulares, com 37 exemplares, que constituem o segundo tipo mais representado (subtipos 6.4, 6.1, e 6.3). Por último, 3 exemplares de esféricos achatados (subtipo 8.1). Um dos recipientes da forma 4.4 encontra-se completo, sendo de muito pequenas dimensões (com 3,5cm de diâmetro, 2,2cm de altura) e com uma base aplanada (Gráfico 52).

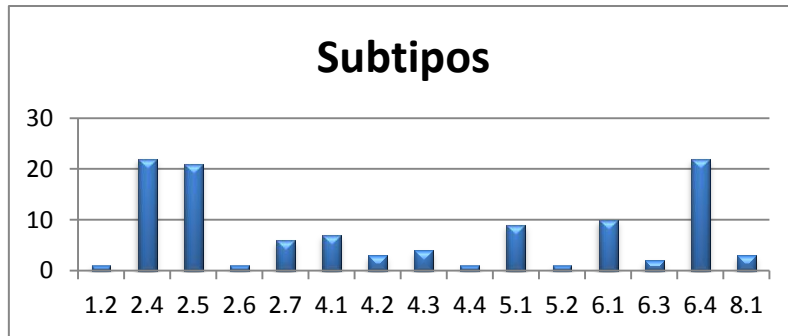


Gráfico 52 - Subtipos dos recipientes da Quinta do Rio 16

São 106 os fragmentos com forma que permitiram o cálculo do diâmetro. As formas 2 e 6 destacam-se com a maior parte dos cálculos efectuados, seguidas da forma 4 e 5. As formas 1 e 8 apresentam pouco diâmetros, facto relacionado com a sua fraca expressividade do conjunto. No geral, os diâmetros concentram-se nas classes 11-15cm, 16-20cm e 21-25cm, sendo que o maior diâmetro calculado se encontra entre os 31-35cm. Na forma 2 os bordos tendem a situar-se na classe dos 11-15cm, logo seguida dos 16-20cm, com o diâmetro mínimo na classe dos 5-10 cm e o máximo na classe dos 26-30cm. Na forma 6 a classe melhor representada é a dos 16-20cm, seguida da 11-15cm, sendo esta última a classe de diâmetro mínimo enquanto a classe de diâmetro máximo é a de 31-35cm. Fora deste gráfico ficou o recipiente completo, com 3,5cm de diâmetro máximo (Gráfico 53).

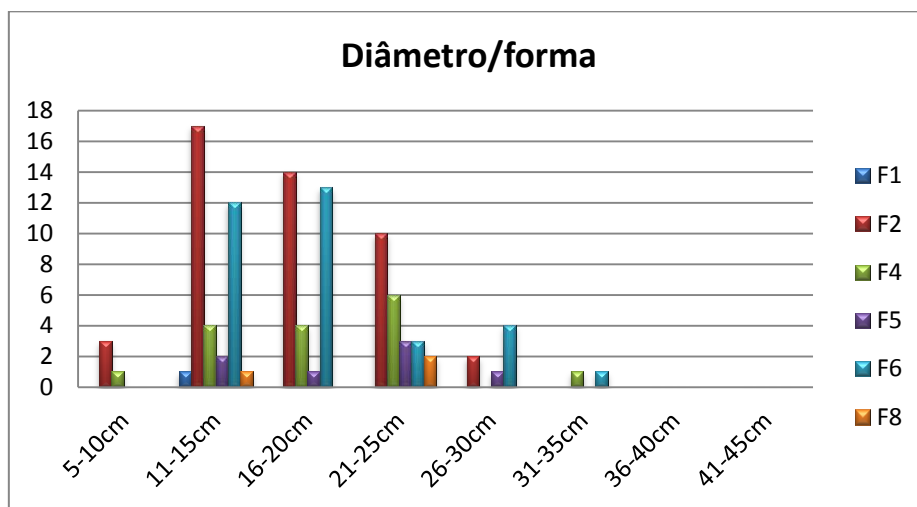


Gráfico 53 - Relação entre o diâmetro e a forma dos recipientes da Quinta do Rio 16

Foram recuperados 231 fragmentos decorados, dos quais 63 fazem parte do NMI (cerca de 24%). Encontram-se decoradas as formas 2 (subtipos 2.4 e 2.5, com 10 e 5 exemplares respectivamente), 4 (subtipos 4.1, 4.2, 4.3 e 4.4, cada um com 1 exemplar), 5 (5 exemplares do subtipo 5.1), 6 (subtipo 6.4 com 4) e ainda a forma 8 (2 exemplares do subtipo 8.1). A decoração localiza-se sempre no lado externo do recipiente e, habitualmente, nas áreas mais visíveis, imediatamente abaixo do bordo.

Estão presentes as técnicas da impressão, incisão, incisão penteada, *boquique* e a combinação de impressão com incisão. Domina a incisão, com 43% dos casos, seguida da impressão e da incisão penteada. Mais rara é a utilização conjunta da impressão com a incisão e o *boquique* (Gráfico 54).

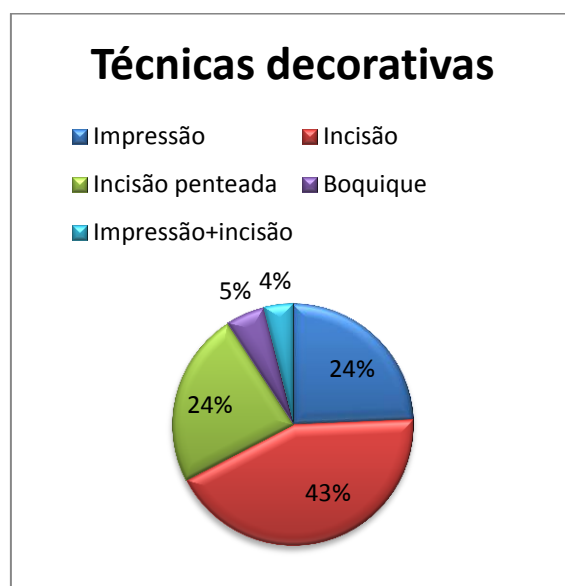


Gráfico 54 - Técnicas decorativas da Quinta do Rio 16

Os motivos decorativos da Quinta do Rio 16 são muito diversificados, com uma boa variedade de subtipos nas organizações presentes. A organização que se destaca é a III, com a maioria das entradas, logo seguida da organização V e, com distância, a II. Estão também presentes as organizações I, VII, VIII e XII. Nos subtipos é claramente vencedor o III2b, as sequências de impressões (e poucos *boquiques*) com várias matrizes. Segue-se o subtipo V2a, uma ou duas faixas horizontais de linhas a incisão penteada, direitas ou ligeiramente onduladas. Apesar de este ser o subtipo mais frequente, regista-se uma boa diversidade de motivos penteados. O motivo III1b é o

terceiro da lista, as linhas incisas (ou caneluras finas) abaixo do bordo. Os triângulos preenchidos têm pouca expressividade, mas ainda assim, alguma diversidade, com 6 subtipos identificados.

Pela raridade nestes contextos apresentados destacam-se os motivos em espiga, com algumas variações de espessura do instrumento utilizado e variando também nos vértices das espigas, ou com as incisões a tocarem-se, ou ligeiramente afastadas (motivos III1d-e). Também surgem algumas organizações compostas como a I3, com linhas incisas horizontais acima de linhas quebradas sequenciais; ou, de uma outra forma, linhas quebradas irregulares, sem associação a linhas incisas no topo, motivo XII. Os subtipos VII e VIII consistem em linhas incisas mais ou menos regulares na parte da parede do recipiente (Gráfico 55).

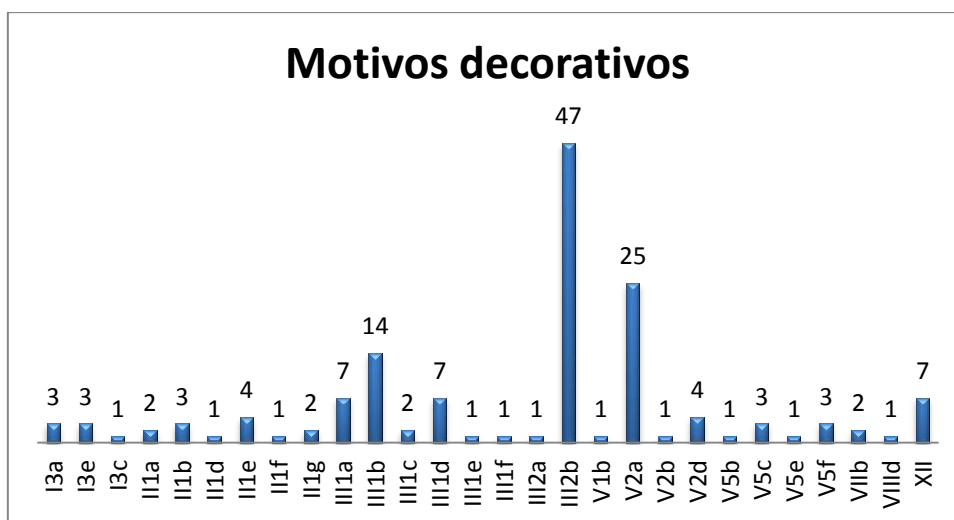


Gráfico 55 - Motivos decorativos da Quinta do Rio 16

#### 4.2.5.5 Outros materiais cerâmicos

Foi identificado um fragmento de colher, proveniente da U.E. [118], portanto da camada considerada como antrópica, tendo preservada pouco mais de metade da sua parte distal, a concha e apenas uma muito pequena parte da pega. Apresenta uma cozedura oxidante. A concha tem cerca de 5cm de comprimento e uma largura estimada de 4cm.

Por último, foram recuperados 19 pedaços de barro de revestimento.

## 4.2.6 Monte da Poia

### 4.2.6.1 Localização

O sítio arqueológico do Monte da Poia localiza-se na freguesia de Cardanha, concelho de Torre de Moncorvo, com as seguintes coordenadas: latitude 07°00'50,327" e Longitude 41° 14'16,760", a cerca de 300m de altitude média (Figura 15). Implanta-se numa área de vertente de grande inclinação com a presença de pequenas plataformas entre penedos graníticos, na margem direita do rio Sabor (Martins, 2010).

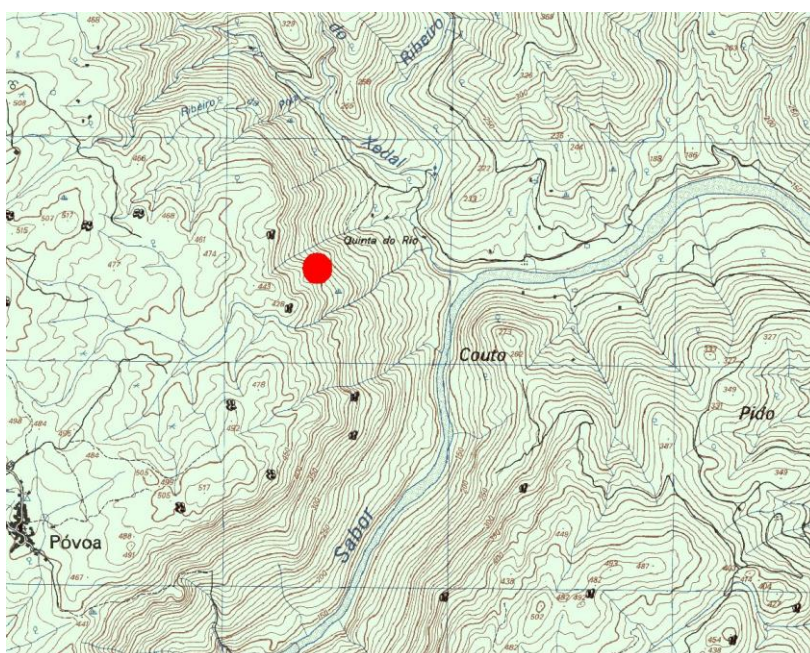


Figura 15 - Localização do Monte da Poia na C.M.P. 1:25000.

### 4.2.6.2 História da Investigação

Este sítio arqueológico foi identificado no âmbito do Plano de Salvaguarda do Património do Empreendimento Hidroeléctrico do Baixo Sabor e foi alvo de sondagens de diagnóstico atendendo a uma mancha de materiais identificada nos primeiros trabalhos de decapagem mecânica, para construção de uma estrada de acesso da obra. Estas sondagens realizaram-se em 2009, sob a direcção de Carla Martins e da empresa *Archeocélis*.

Os resultados desta intervenção estão a ser trabalhados para publicação pelo ACE do Baixo Sabor. Apresentam-se aqui somente os resultados da análise dos fragmentos cerâmicos, efectuada por nós próprios, conforme já explicado anteriormente.

#### **4.2.6.3 Estratigrafia e Estruturas**

Foram abertas 12 sondagens arqueológicas de forma a *“entender a estratigrafia, diagnosticar o potencial arqueológico do local, bem como, aferir acerca da existência de materiais preservados na estratigrafia”* (Martins, 2019, p. 11), nove delas com 2x2m, duas com 2x1m e uma com 1x3m, implantadas ao longo da área de afectação da estrada em construção. Todas as sondagens foram escavadas até à rocha.

A potência estratigráfica identificada em todas as sondagens é relativamente simples, consistindo numa média de 2 a 3 camadas sobrepostas sem qualquer vestígios de estruturas. A camada de topo é sempre composta por terras escuras medianamente compactas e vestígios de bioturbação. Na maioria das sondagens não se identificaram vestígios arqueológicos, pelo que aqui só serão consideradas aquelas que revelaram materiais: 1, 2, 3, 4 e 8. Será feita uma referência aos materiais de superfície.

A sondagem 1 apresentou 3 unidades estratigráficas sedimentares, sobrepostas, U.E.s [1, 2 e 3], todas com presença de materiais arqueológicos.

A sondagem 2 revelou apenas 2 unidades estratigráficas sobrepostas, sendo que apenas na U.E. [2] se recuperaram materiais arqueológicos.

A sondagem 3 tinha uma estratigrafia semelhante à da sondagem 1, com três camadas sedimentares sobrepostas, novamente com presença de materiais arqueológicos em todas elas.

A sondagem 4, à semelhança da 2, apenas revelou duas camadas estratigráficas sobrepostas com materiais apenas na U.E. [1], a de superfície.

A sondagem 8 é a que exibiu uma estratigrafia ligeiramente mais complexa, com 4 unidades estratigráficas. Abaixo da U.E. [1], encontrava-se a U.E. [2] que se prolonga, tal como a anterior, por toda a área da sondagem. Abaixo desta encontrava-se a U.E. [3], muito mais escura que as restantes e ocupando apenas uma pequena parte da sondagem. A autora afirma que *“uma vez que foi detectada a 40/50cm de profundidade do coberto vegetal actual e, em parte cobrir a camada onde foram detectados fragmentos de cerâmica, a U.E. [3], poderá corresponder, não só, ao solo humoso existente antes da construção do socalco (localizado a Este da sondagem), mas também indicar um nível que ‘sela’ a camada estratigráfica que contém espólio da época pré-histórica”* (Idem, p. 22). Abaixo desta, e em toda a área da sondagem encontra-se a U.E. [4], a única com presença de fragmentos cerâmicos.

Atendendo à estratigrafia encontrada nestas sondagens e à falta de estruturas conservadas torna-se precipitado considerar este sítio como claramente um habitat calcolítico. A presença de materiais poderá decorrer de escorrências do topo do cabeço; trata-se da dispersão de materiais por uma área envolvente a um povoado, não tendo as sondagens incidido sobre esse mesmo povoado; ou estando esse povoado já destruído e os materiais dispersos por essa acção de destruição.

#### **4.2.6.4 Materiais cerâmicos**

##### **4.2.6.4.1 Materiais de superfície**

Foram recuperados 19 fragmentos cerâmicos à superfície, dos quais 13 são fragmentos de bojo, apenas 2 são fragmentos de bordo e 5 são fragmentos de bojo decorado. Apresentam maus estados de conservação, com arestas roladas, e, em termos de pastas, revelam consistências compactas, com elementos não plásticos frequentes de médio calibre, cozeduras oxidantes e apenas alisados como tratamentos de superfície.

Um dos bordos apresenta uma orientação direita e perfil redondo, enquanto o outro revela uma orientação exvertida e um perfil indeterminado. Atendendo ao estado de conservação não foi possível reconstituir forma.

São 5 os fragmentos de bojo decorados. Estão presentes as seguintes técnicas: impressão simples (1 caso); incisão simples (1 caso); incisão penteada (2 casos) e *boquique* (1 caso). Como se verá, é justamente aqui, nos materiais de superfície, que se manifesta maior diversidade de técnicas e motivos decorativos.

Estão presentes os seguintes motivos decorativos: as sequências de impressões, motivo III2b (2 exemplares), uma espiga incisa abaixo de uma linha incisa (subtipo III1c); e um fragmento a incisão penteada, motivo V10b.

#### **4.2.6.4.2 Sondagem 1**

Nesta sondagem contam-se 77 fragmentos cerâmicos, constituindo assim a sondagem com maior quantidade de material. Destes, 65 são bojós e os restantes fragmentos classificáveis: 3 bordos, 1 bordo decorados, 3 bojós com perfuração, 3 bojós decorados, 1 bojo com pega e ainda 1 possível fragmento de peso de tear.

Atendendo ao baixíssimo número mínimo de indivíduos (4), não é possível tecer considerações estatísticas sobre os recipientes, apenas algumas notas sumárias sobre as suas pastas e tipos de bordo. Assim, todos apresentam um mau estado de conservação com as arestas roladas. Três têm consistências compactas e um média; dois apresentam cozeduras redutoras e dois oxidantes; os elementos não plásticos são frequentes e, num caso, pouco frequentes, de pequeno calibre. Os tratamentos de superfície são, sobretudo, alisados simples, com apenas um exemplar com superfície externa polida sobre aguada e superfície interna polida. Os bordos são, em 3 casos, redondos de perfil, sendo o restante bisel simples interno. A sua orientação é exvertida e direita, equitativamente.

Apenas 3 fragmentos permitiram a reconstituição de forma: uma taça (subtipo 2.4) com 12cm de diâmetro; um globular de subtipo indeterminado (6.?); e ainda um outro globular de colo troncocónico (subtipo 6.3).

A decoração está presente em 4 fragmentos, sendo que apenas num caso se trata de um bordo sem reconstituição de forma. Em termos de técnicas decorativas

apenas se encontra representada a incisão penteada. Os motivos identificados são V2a (2 exemplares) e V10b. Um dos fragmentos é indeterminado quanto ao motivo.

A pega tem 1cm de espessura máxima e 2,5 m de comprimento máximo. Apresenta uma secção cónica enquadrando-se no tipo horizontal simples. Foi colocada através de colagem. Não tem perfuração.

Por último, recuperou-se um fragmento de possível peso de tear em cerâmica de topo arredondado e com duas perfurações circulares.

#### **4.2.6.4.3 Sondagem 2**

Aqui só se identificaram 4 fragmentos de bojo, da U.E. [2].

#### **4.2.6.4.4 Sondagem 3**

A sondagem 3 apenas oferece 10 fragmentos cerâmicos, todos eles inclassificáveis.

#### **4.2.6.4.5 Sondagem 4**

Nesta sondagem apenas se recolheu um fragmento de bordo, com estado de conservação regular. Apresenta consistência compacta, textura xistosa, cozedura redutora e elementos não plásticos pouco frequentes de médio calibre, e ainda superfícies alisadas. O bordo é redondo de perfil e exvertido de orientação. Tem cerca de 18cm de diâmetro e reconstitui-se como um globular, de subtipo 6.3.

#### **4.2.6.4.6 Sondagem 8**

Nesta sondagem apenas se recolheram 3 fragmentos cerâmicos, 2 inclassificáveis e 1 fragmento de bordo. Este apresenta um mau estado de conservação, consistência compacta e textura xistosa, cozedura redutora e elementos não plásticos frequentes de médio calibre. A sua superfície é simplesmente alisada. Tem um perfil espessado exteriormente e uma orientação exvertida. Trata-se de um globular, de subtipo 6.3 (de colo troncocónico), com um diâmetro do bocal de 16 cm.

## 4.2.7 Quinta da Zaragata

### 4.2.7.1 Localização

O sítio da Quinta da Zaragata localiza-se na freguesia de Adeganha, concelho de Torre de Moncorvo. Tem como coordenadas geográficas 41°14′01,787″ N de latitude e 07°00′44,859″ W de longitude, a cerca de 280m de altitude média (Figura 16). Implanta-se na margem direita do Rio Sabor, numa zona de “pequenas plataformas artificiais, numa área de granito porfiróide de grão médio” (Azevedo, 2010, p. 4).

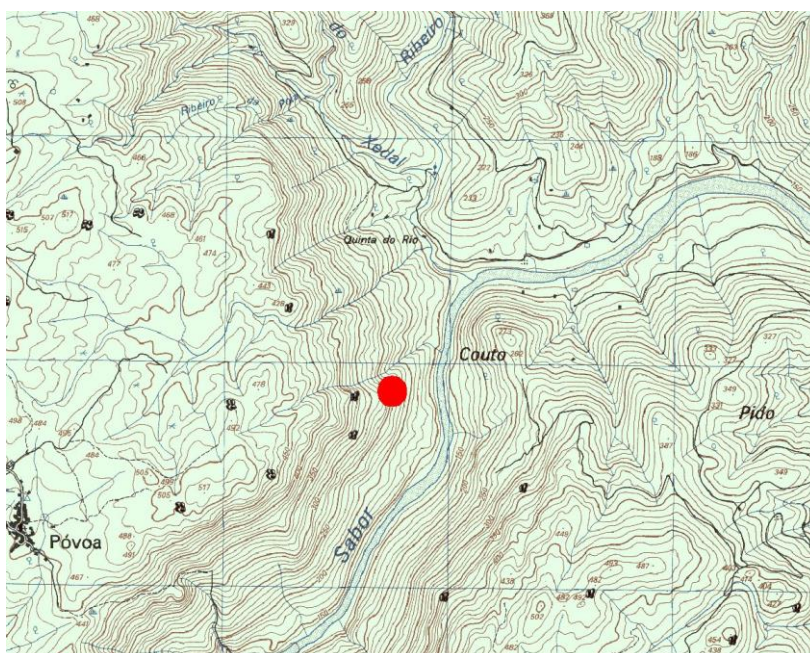


Figura 16 - Localização da Quinta da Zaragata na C.M.P. 1:25000.

### 4.2.7.2 História da Investigação

A Quinta da Zaragata foi identificada no âmbito do Plano de Salvaguarda do Património do Empreendimento Hidroeléctrico do Baixo Sabor tendo sido objecto de sondagens manuais em áreas de identificação de manchas de dispersão de materiais. Estas intervenções arqueológicas decorreram em duas fases, uma primeira dirigida por Carla Martins em 2009, com a escavação de 21 sondagens e uma outra campanha direccionada para os alargamentos propostos para algumas dessas sondagens, dirigida por Marta Azevedo; ambas sob a esfera da empresa Archaeocélis.

Os resultados destes trabalhos bem como a análise dos materiais arqueológicos estão ainda a decorrer a cargo da equipa de arqueologia do ACE do Baixo Sabor, que, inclusivamente, tencionam publicar. Neste sentido apresenta-se aqui os dados dos fragmentos cerâmicos analisados por nós.

#### **4.2.7.3 Estratigrafia e Estruturas**

Os trabalhos arqueológicos consistem em 21 sondagens manuais, com dimensões variáveis, implantadas nas áreas de presença de materiais de superfície, nomeadamente em duas encostas da vertente que desce para o rio, designadas de encosta Norte e encosta Sul.

As duas primeiras sondagens (1 e 2), a 16 e a 17 foram realizadas no topo da área considerada e não apresentaram qualquer espólio arqueológico.

As sondagens implantadas na encosta virada a Norte tinham fraca potência estratigráfica e não apresentaram níveis ou estruturas arqueológicas preservadas, apenas alguns materiais arqueológicos pré-históricos juntamente a outros fragmentos cerâmicos a torno. É o caso das sondagens 3, 4, 5, 6 e 14.

As restantes encontram-se na encosta virada a Norte e revelaram diferentes graus de informação preservada. As que ainda tinham estruturas pré-históricas ou maior quantidade de material são apresentadas em mais detalhe abaixo. As restantes, sondagens 7, 10, 11, 14, 18, 20 e 21, revelaram fraca quantidade de material, ou mesmo nenhum, ou até presença de cerâmicas a torno, pelo que não serão aqui consideradas.

##### **4.2.7.3.1 Sondagem 8**

Nesta sondagem foram escavados 15m<sup>2</sup>, com uma profundidade máxima de 1m, tendo sido revelada uma única fase de ocupação. A estratigrafia é relativamente simples, composta por uma sucessão de camadas de sedimento, mais ou menos horizontais, cortadas por algumas estruturas negativas de origem natural e antrópica.

As duas primeiras camadas são as de superfície, comuns a toda a área intervencionada na Quinta da Zaragata, com bastante matéria orgânica e vestígios de bioturbação. Abaixo destas encontra-se a U.E. [3], também perturbada e cortada pelos negativos de *“3 linhas de água de vertente de formação natural”* (Idem, p. 11). Abaixo desta, está a U.E. [4], também cortada pelas mesmas linhas de água, e que, segundo a autora, configura o momento de ocupação deste espaço. Associada a esta camada (cortando-a) há uma fossa, U.E. [6], preenchida por uma estrutura pétreia, feita com lascas de xisto e alguns artefactos arqueológicos (*“estrutura pétreia, que integra lascas de xisto, um fragmento de moinho duplo (dormente e movente) em granito, vários fragmentos de cerâmica não decorados imbricados e horizontalizados bem como um fragmento de machado em anfíbolite”* – Idem, p. 12), a U.E. [7]. Esta estrutura é apresentada como um possível buraco de poste. Abaixo deste nível de ocupação apenas se encontra o substrato geológico (Anexos – Figuras 46 e 47).

#### 4.2.7.3.2 Sondagem 9

A sondagem 9 foi escavada numa área de 16m<sup>2</sup>, tendo como potência máxima 1,30m, não tendo sido identificadas estruturas arqueológicas nem um nível concreto de ocupação. No entanto, conforme indica a autora, a presença de fragmentos de barro de revestimento poderá indicar a presença de estruturas positivas aqui ou nas imediações (Anexos – Figura 48).

A estratigrafia é bastante simples. Inicia-se por duas camadas superficiais com várias perturbações, presentes em quase todas as outras sondagens; seguida da U.E. [3], camada espessa com alguns blocos pétreos; a U.E. [4], com *“materialidades horizontalizadas e com arestas vivas no caso dos fragmentos de cerâmica, vários seixos rolados em xisto, inteiros e fracturados e barro de revestimento. Esta camada corresponde à arena granítica alterada da qual foram utilizadas de forma antrópica os primeiros centímetros da camada”* (Idem, p. 16); e, por último, a U.E. [5], que *“corresponde à arena granítica alterada pela erosão do afloramento granítico”* (Idem).

#### 4.2.7.3.3 Sondagem 12

Neste espaço foram escavados 12m<sup>2</sup>, com uma espessura máxima de 1,40m, reconhecendo-se apenas um nível de ocupação. A estratigrafia registada é mais complexa que nas sondagens anteriores, documentando-se algumas estruturas negativas, associadas a um nível de ocupação.

As U.E.s [1 e 2] são as já mencionadas, camadas superficiais com perturbações relacionadas com a utilização da superfície do solo. Abaixo segue-se a U.E. [3], camada mais espessa mas com algumas perturbações naturais. Segue-se a U.E. [4], camada também espessa com algumas perturbações que foi cortada por estruturas negativas: uma fossa de boca circular com 50 cm de diâmetro e 20cm de profundidade e seu preenchimento, U.E.s [5 e 6]; uma outra possível fossa de contorno irregular com 20-30cm de largura e 8cm de profundidade, U.E. [9] (não é indicado número de U.E. para a interface); e ainda uma *“estrutura semicircular escavada no afloramento granítico”* (*Idem*, p. 22), U.E. [16].

Segue-se, no relatório, a descrição das restantes unidades identificadas. É referido que juntamente com a U.E. [4], as camadas [13 e 14] constituem o nível de ocupação, no entanto não fica clara a relação estratigráfica entre estas unidades. Deduz-se que todas estariam sob a [3] e é dito que entre a [13] e a [14] não há relação directa visto estarem divididas por penedos graníticos. Restaria esclarecer a relação entre a [4] e as outras duas.

A cortar a U.E. [13] estão duas estruturas negativas, U.E.s [11 e 12]. Ambas são descritas como *“estrutura pétreia que pode corresponder a um buraco de poste”* com *“calhaus de granito queimado, cerâmica imbricada e horizontalizada na base”* (*Idem*, p. 21-22). A primeira tinha 25cm de diâmetro e 25cm de profundidade e a segunda 30cm de diâmetro e 5cm de profundidade. A cortar a U.E. [14] está uma outra estrutura pétreia, U.E. [10], composta por pequenos blocos pétreos, estruturados em forma de *“empedrado”* e com vários materiais arqueológicos imbricados. Um desses blocos parece ser uma *“estela em anfibolite com cerca de 30 por 20 cm em xisto mosqueado/anfibolite”* e *“parece ter gravado um motivo circular rebaixado”* (*Idem*).

Há a referência a uma outra camada arqueológica, U.E. [7], mas que não pudemos compreender a sua relação com as restantes. É descrita desta forma: *“Areão, de matriz arenosa, de coloração amarelo esbranquiçado, endurecido, com cerca de 40 a 80 cm de espessura. Escavava a U.E. 04. Apresentava cerâmica e fragmentos de seixo rolado em xisto e/ou rocha metamórfica. Assenta no afloramento granítico”* (Idem, p. 20). Não é claro o que o conceito ‘escavava’ quer indicar, poderá tratar-se de uma estrutura negativa escavada na U.E. [4] (Anexos – Figura 49).

A Sondagem foi escavada até à rocha.

#### **4.2.7.3.4 Sondagem 13**

A sondagem 13 é a que apresenta uma maior complexidade estratigráfica, contando com dois momentos de ocupação. Por essas razões sofreu dois alargamentos de área, num total de 46m<sup>2</sup>.

Nesta sondagem sentimos várias dificuldades na interpretação estratigráfica através da informação de que dispomos – o relatório da escavação. A estratigrafia está descrita por unidade estratigráfica, uma a uma, não havendo um texto síntese ou a completa descrição das relações estratigráficas (tal como nas outras sondagens, mas aqui, como é muito mais complexa, perde leitura). E pensamos que estão presentes alguns lapsos de escrita que complicam a interpretação, por exemplo, é dito que a U.E. [4] cobre várias unidades, 11, 12, 13, 14, 15, 16 e 20, mas, na descrição das mesmas U.E.s, afirma-se ou que cortam a u.E. [4] ou que ‘assentam’ sobre a [15], não sendo clara a relação entre estas duas últimas.

Optamos assim por apenas descrever os níveis de ocupação.

O segundo nível de ocupação, portanto, o mais recente é composto pela camada [14=34] sobre a qual existe uma área de empedrado *“composta por cerâmica e maioritariamente por seixos rolados partidos em xisto e rochas metamórficas”* (Idem), U. E. [13]; e uma estrutura/alinhamento pétreo *“composto por calhaus em granito e quartzo leitoso, apresentando alguma cerâmica imbricada e calhaus em*

*granito queimados*” (Idem), U.E. [20]. Esta estrutura pétreia apresentava uma vala de fundação, U.E. [21] (Anexos – Figura 50).

Entre os dois níveis de ocupação está uma camada de abandono, U.E. [18].

O primeiro nível de ocupação é composto por uma estrutura “semicircular pétreia, composta por fragmentos de cerâmica imbricados, calhaus em granito, quartzo e xisto, que poderá corresponder a uma unidade habitacional” (Idem), U.E. [25], que está associada a duas camadas, uma exterior, U.E. [26], e outra interior, considerada como piso, U.E. [27]. A cortar este piso encontrava-se uma estrutura de tipo lareira, U.E. [28] (Anexos – Figura 51).

#### **4.2.7.3.5 Sondagem 15**

Numa área total de 12m<sup>2</sup> foi escavada a Sondagem 15, com um máximo de 1,40m de profundidade, sem que se revelassem estruturas ou níveis arqueológicos. A estratigrafia identificada é bastante simples.

Inicia-se com duas camadas, a U.E. [1], de superfície, e a U.E.[2], ambas com perturbações decorrentes da utilização da superfície. Abaixo desta última encontra-se a U.E. [3], mais espessa mas ainda com vestígios de perturbações naturais, com algumas pedras não estruturadas. Esta cobre a U.E. [4], que, segundo a autora, apesar de não se terem registado estruturas, deverá constituir o nível de ocupação atendendo aos estado de conservação e deposição dos materiais arqueológicos (*“foram identificadas materialidades horizontalizadas e com arestas vivas no caso dos fragmentos de cerâmica”* – Idem, p. 44). Abaixo está a U.E. [5] que assenta directamente no substrato rochoso. A U.E. [6] será mais recente que a [5] na medida em que a corta, no entanto é descrita como uma camada e não uma estrutura negativa: *“camada de coloração castanha de matriz arenosa, friável, homogénea. Corresponde a momentos de escorrimentos de vertente provocados por linhas de água sazonais. A cerâmica recolhida neste estrato encontra-se muito desgastado, rolado e com as arestas pouco vivas pelo que poderá corresponder a momentos de ocupação presentes em patamares superiores. Corta a [05]”* (Idem) (Anexos – Figura 52).

#### **4.2.7.3.6 Sondagem 19**

A sondagem 19 foi escavada num total de cerca de 5m<sup>2</sup>, com uma estratigrafia bastante simples num máximo de 1m de profundidade. Não se identificaram estruturas arqueológicas.

Registam-se 4 camadas sequenciais e sobrepostas acima do afloramento rochoso: U.E.[1] e U.E. [2], as camadas iniciais com bastantes vestígios de perturbações; sob esta última estava a U.E. [3], também com alguns vestígios de perturbações; abaixo estava a U.E. [4] que é considerado como o nível de ocupação (à semelhança da U.E. [4] da Sondagem 15). Esta camada cobre o geológico (Anexos – Figura 53).

Apenas um apontamento sobre as sondagens e respectiva estratigrafia. Com a informação disponível é muito difícil relacionar as várias sondagens, no que diz respeito, por exemplo, à contemporaneidade de ocupação. Não há, no relatório, uma planta de implantação das sondagens, na qual possamos ver distâncias entre as mesmas, nem é elaborada uma comparação entre as unidades estratigráficas entre sondagens mais próximas. Neste sentido, os conjuntos materiais têm de ser tratados sondagem a sondagem.

#### **4.2.7.4 Materiais cerâmicos**

##### **4.2.7.4.1 Sondagem 8**

Nesta área escavada recolheram-se 234 fragmentos cerâmicos, aqui considerados como um único conjunto visto tratar-se de um único momento de ocupação. Excluem-se apenas as duas primeiras unidades estratigráficas por serem camadas de superfície, revolvidas e comuns a outras sondagens. Destas duas centenas de fragmentos, apenas 24 são materiais classificáveis, 12 bordos e 12 bojos decorados. Este é, como vemos, um conjunto pequeno para uma abordagem estatística, pelo que se farão apenas algumas referências às suas características mais relevantes.

O seu estado de conservação é regular. Relativamente às pastas estas são todas compactas de consistência e xistosas de textura. Os elementos não plásticos são sempre frequentes e de pequeno e médio calibre. As cozeduras são 50% oxidantes e as restantes redutoras com arrefecimento oxidante (apenas um caso de completamente redutora). Os tratamentos de superfície consistem no predomínio de alisados simples nas duas superfícies do recipiente, apenas se registando um caso de polido nas duas faces. Um dos alisados foi realizado por cima de uma aguada da mesma coloração da peça.

Os bordos são quase sempre redondos no seu perfil (com um caso de bisel simples interno) e direitos de orientação, com 4 casos de exvertidos.

São 12 os exemplares decorados, sendo que nenhum deles corresponde a um bordo. Estão presentes as seguintes técnicas decorativas: incisão (com 8 exemplares), impressão (3 exemplares) e a combinação destas duas (com 1 exemplar). A incisão penteada encontra-se ausente.

#### **4.2.7.4.2 Sondagem 9**

No total fora recuperados 222 fragmentos cerâmicos provenientes desta sondagem e distribuídos pelas várias unidades estratigráficas: 1 fragmento de bojo na U.E. 1; 7 fragmentos de bojo e um de barro de revestimento na U.E. 2; 49 fragmentos classificáveis e inclassificáveis na U.E. 3; e 164 fragmentos U.E. 4, dos quais apenas 4 são classificáveis. Como não foram identificadas estruturas nem nenhum momento claro de ocupação, far-se-á a análise dos recipientes da U.E. 3.

Na U.E. 3 encontram-se 15 fragmentos de bordo, 6 fragmentos de bojo decorados e ainda um elemento de prensão (um fragmento de pega). Como na sondagem anterior, não se fará uma abordagem estatística.

O estado de conservação é sempre mau, com arestas roladas. A consistência é quase sempre compacta (com um exemplar de consistência média) e textura sempre xistosa. Os elementos não plásticos são quase sempre frequentes de pequeno calibre. A cozedura é maioritariamente oxidante, com 3 exemplares de cozedura redutora e 2

de cozedura redutora com arrefecimento oxidante. Os tratamentos de superfície são difíceis de determinar devido ao estado de conservação, tendo-se apenas registado alisados simples. Os bordos são sobretudo de perfil redondo, mas com alguns em bisel simples interno (2 casos) e direitos (3 casos). Respeitante à orientação, 9 são direitos, 4 exvertidos e 2 indeterminados.

Estão presentes 6 fragmentos decorados, não sendo possível afirmar a localização no recipiente. A única técnica registada é a da incisão simples.

Foi encontrado um fragmento de bojo com pega, com 2,4cm de espessura máxima.

#### **4.2.7.4.3 Sondagem 12**

Nesta área escavada apareceram 337 fragmentos cerâmicos aqui analisados como um único conjunto visto apenas se ter identificado uma fase de ocupação, com excepção das duas primeiras unidades, pelas razões já enunciadas. É na U.E. [4], a camada de ocupação, que se concentra a maioria dos fragmentos, 213 entradas. Do total, apenas 61 fragmentos são classificáveis, distribuindo-se por 35 bordos; 4 bordos decorados; 21 bojós decorados e 1 carena.

O estado de conservação dos fragmentos é regular. As pastas apresentam consistências compactas e texturas xistosas. Os elementos não plásticos são maioritariamente pequenos (ca 75%) e quase sempre pouco frequentes. A cozedura é maioritariamente oxidante, seguida de redutora e redutora com arrefecimento oxidante. Os tratamentos de superfície são monótonos consistindo quase sempre em alisados simples; registando-se um recipiente polido e outro com uma aguada no interior. As espessuras concentram-se na classe dos 0,6-1cm, seguindo-se a classe 1,1-1,3cm, constituindo as únicas representadas (Gráfico 56).

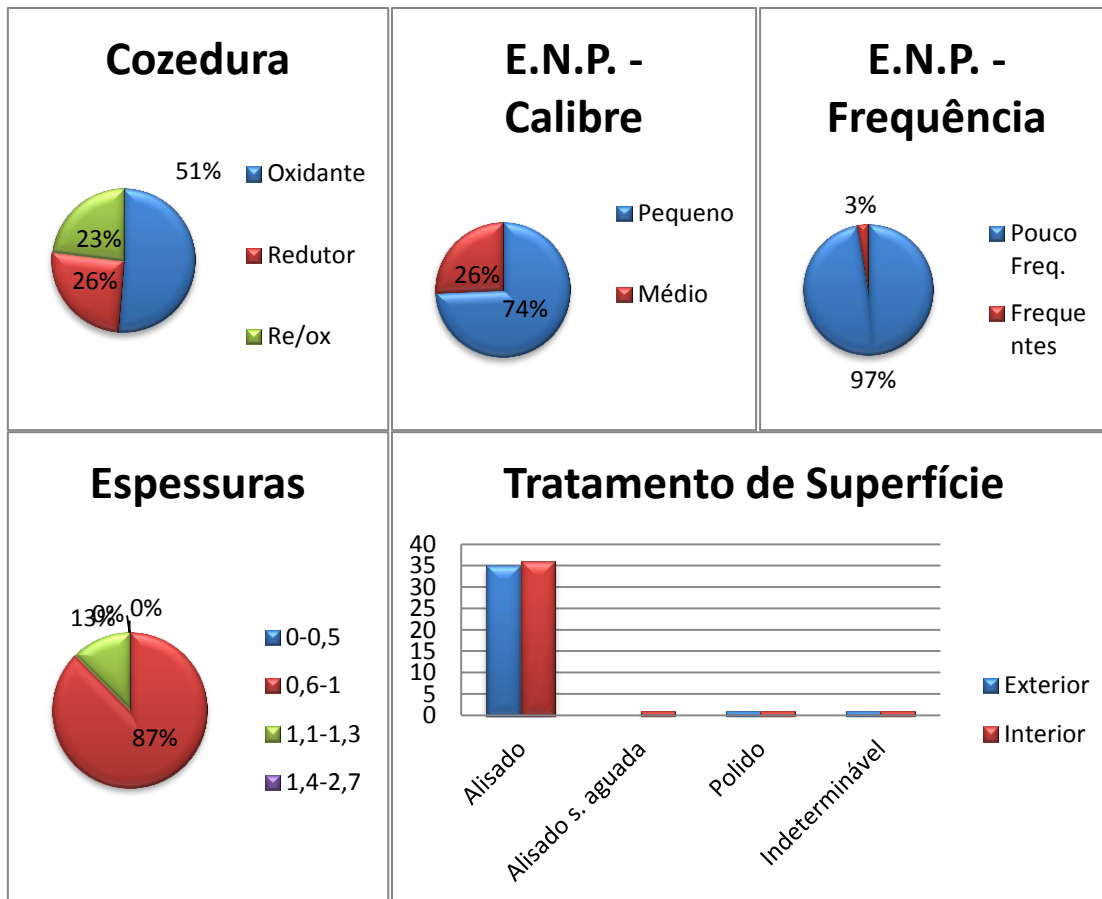


Gráfico 56 - Pastas da Sondagem 12 da Quinta da Zaragata

Os bordos são sobretudo redondos de perfil, com alguns direitos e em bisel simples interno; enquanto a sua orientação é preferencialmente direita, com alguns exvertidos (Gráfico 57).

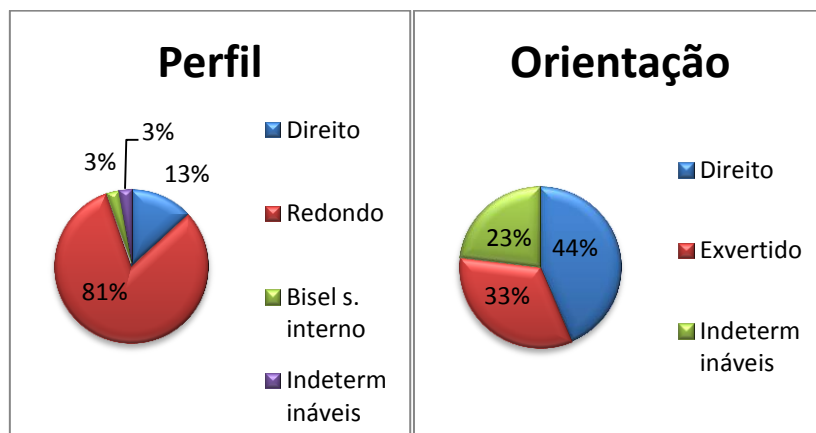


Gráfico 57 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 12 da Quinta da Zaragata

Os fragmentos decorados correspondem a 25 exemplares, dos quais apenas 4 são bordos (11,4% do NMI). As técnicas decorativas presentes são: a incisão, que é a maioritária; a impressão, o *boquique* e a combinação da incisão com a impressão (Gráfico 58).



Gráfico 58 - Técnicas decorativas da Sondagem 12 da Quinta da Zaragata

Existe ainda um fragmento de mamilo cônico até 2cm de comprimento abaixo do bordo.

#### 4.2.7.4.4 Sondagem 13

##### 4.2.7.4.4.1 1º nível de ocupação

Neste espaço recolheram-se 425 fragmentos cerâmicos dos quais 78 são classificáveis. O NMI corresponde a 53. Os decorados são, no total, 37 fragmentos.

O estado de conservação é genericamente regular. As pastas apresentam consistências 100% compactas e texturas 100% xistosas. Os elementos não plásticos são sobretudo médios e, de seguida, pequenos; enquanto a sua frequência é quase somente frequentes. O tipo de cozedura predominante é o redutor, seguido do

oxidante. Está também presente a cozedura redutora com arrefecimento oxidante. Os tratamentos de superfície concentram-se nos alisados simples, em ambas as faces do recipiente, mas também se registam, em escassas quantidades, polimentos e *cepillo*. As espessuras, como habitualmente, concentram-se na classe dos 0,6-1cm (Gráfico 59).

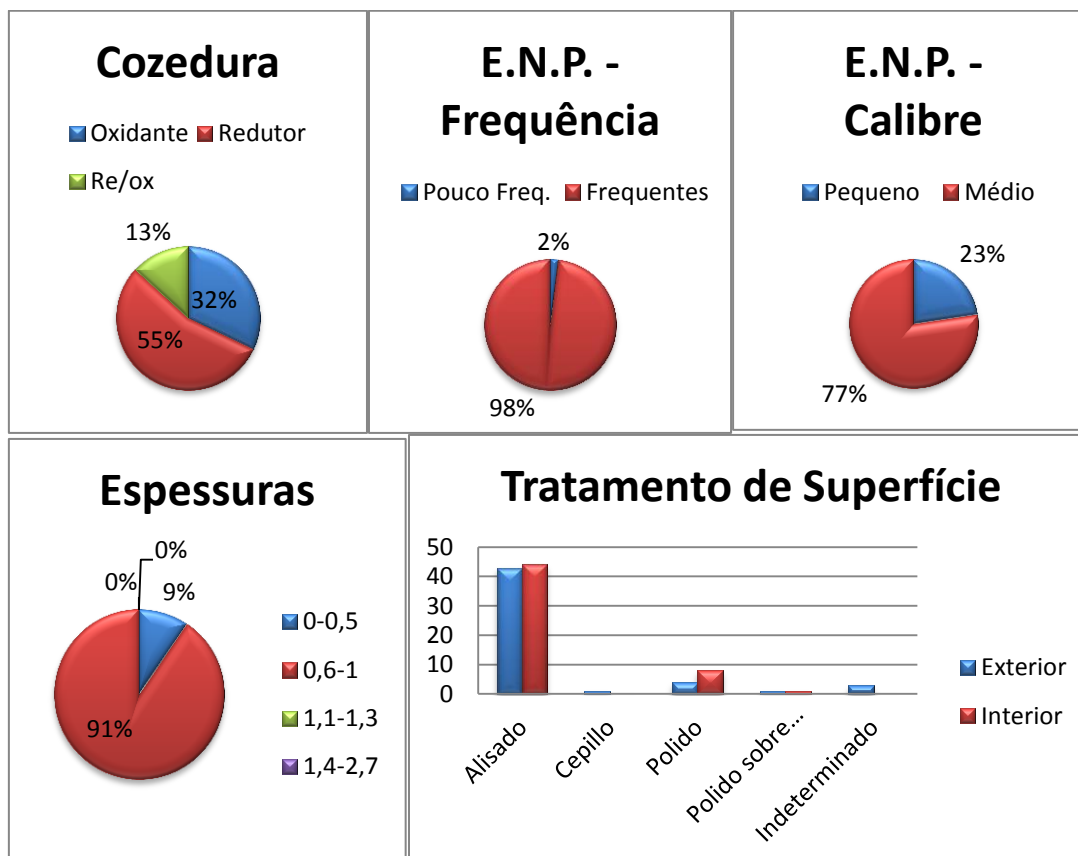
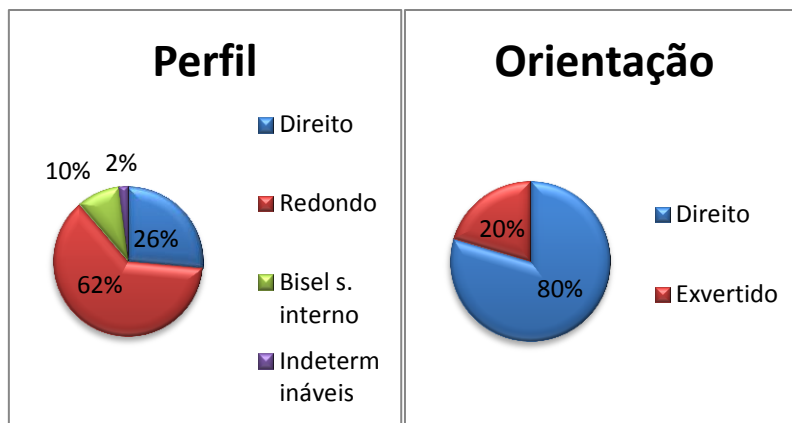


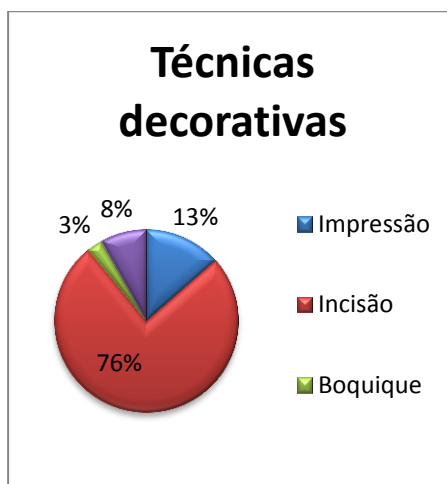
Gráfico 59 - Pastas da Sondagem 13/1º nível de ocupação da Quinta da Zaragata

Os tipos de bordo são pouco diversificados quanto ao seu perfil, predominando os bordos redondos, seguidos dos direitos. O bisel simples interno apenas representa 10% das ocorrências. Quanto à orientação, os bordos são, na maioria direitos, seguidos dos exvertidos (Gráfico 60).



**Gráfico 60 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 13/1º nível de ocupação da Quinta da Zaragata**

No total registam-se 37 fragmentos decorados, dos quais 12 são bordos (cerca de 23% do NMI). A decoração é sempre feita do lado externo do recipiente. As técnicas decorativas documentadas são as habituais neste sítio arqueológico, predominando a incisão simples, em 76% dos exemplares. Nos restantes, destaca-se a impressão e a combinação da incisão com a impressão. O *boquique* é vestigial (Gráfico 61).



**Gráfico 61 - Técnicas decorativas da Sondagem 13/1º nível de ocupação da Quinta da Zaragata**

#### 4.2.7.4.4.2º nível de ocupação

Este nível de ocupação conta com 762 fragmentos cerâmicos, dos quais 134 são classificáveis. O NMI é composto por 88 fragmentos; os decorados são 62 fragmentos, dos quais 17 são bordos. Regista-se ainda a presença de uma carena.

O estado de conservação dos recipientes é quase sempre regular. Os fragmentos apresentam pastas compactas de textura xistosa; com elementos não plásticos tendencialmente médios e frequentes. Os tipos de cozedura identificados são três, predominando o redutor em cerca de metade dos casos. Segue-se o oxidante e o redutor com arrefecimento oxidante. Os tratamentos de superfície assemelham-se ao nível anterior, com predomínio dos alisados simples e com a presença em pequenas quantidades de tratamentos como o *cepillo* ou o polimento. Em poucos casos regista-se a presença de aguadas. Sem novidades, as espessuras centram-se na classe dos 0,6-1cm (Gráfico 62).

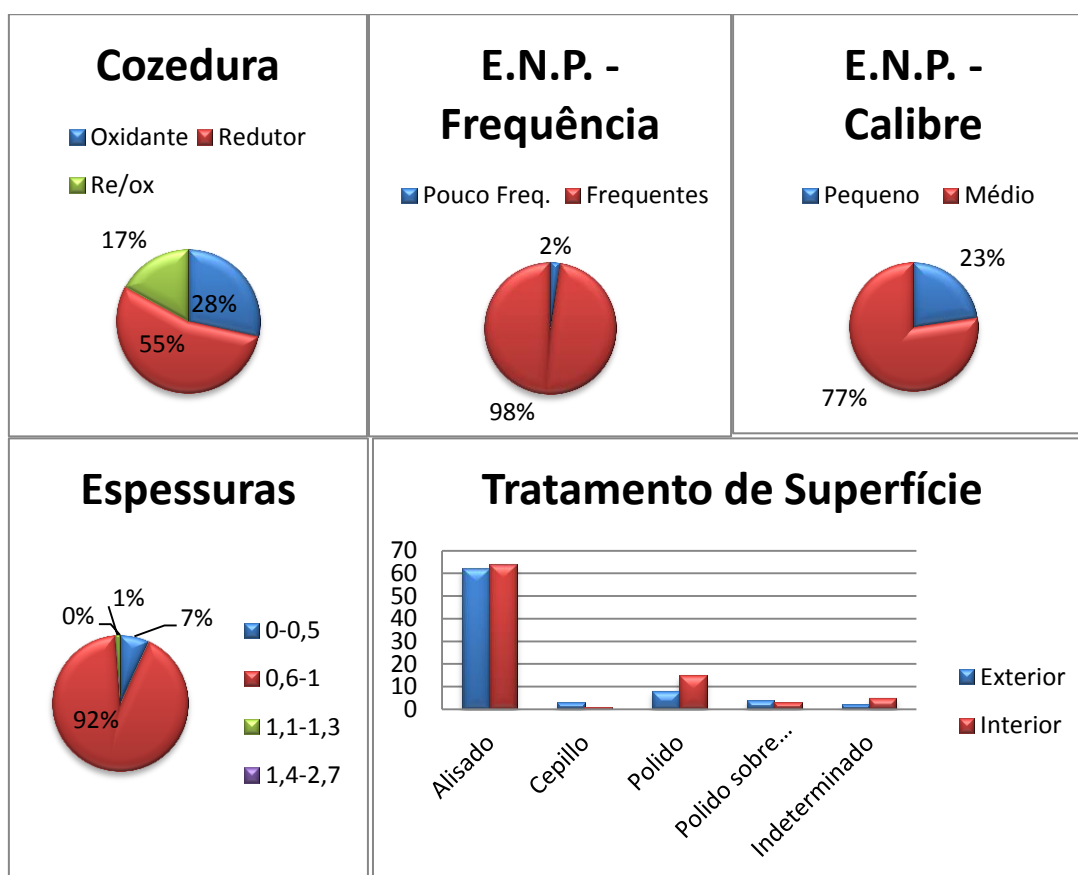


Gráfico 62 - Pastas da Sondagem 13/2º nível de ocupação da Quinta da Zaragata

Os tipos de bordo apresentam alguma diversidade no acabamento, porém, predominam os redondos. O segundo acabamento preferido é o direito e os restantes são pouco frequentes, como o bisel simples interno e o espessamento exterior. Quanto à orientação, regista-se o predomínio dos bordos direitos (Gráfico 63).

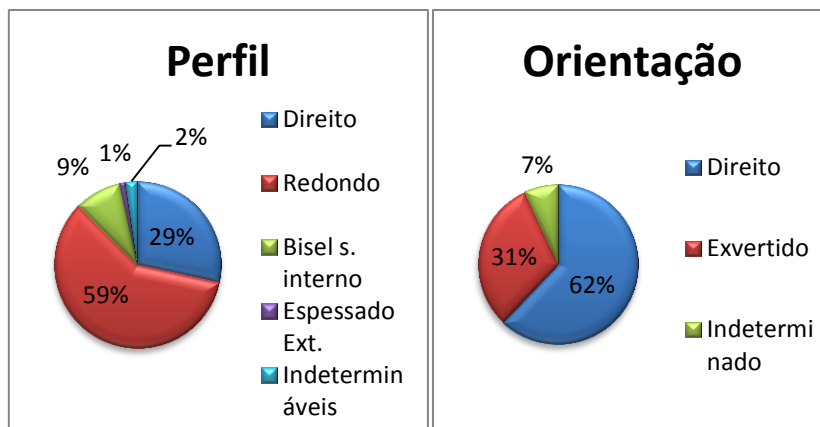


Gráfico 63 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 13/2º nível de ocupação da Quinta da Zaragata

Os fragmentos decorados são 62 dos quais 17 são bordos (cerca de 19% do NMI), todos registando decoração na superfície externa do recipiente. Quanto às técnicas decorativas predomina claramente a incisão, com 74% dos casos. A impressão e o *boquique* são as técnicas que se seguem, em termos de representatividade. Por último, a combinação da incisão com a impressão com apenas 3% dos registos (Gráfico 64).

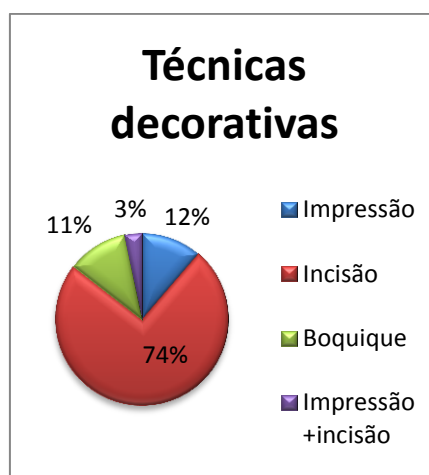


Gráfico 64 - Técnicas decorativas da Sondagem 13/2º nível de ocupação da Quinta da Zaragata

#### **4.2.7.4.5 Sondagem 15**

Num total de 200 fragmentos cerâmicos recolhidos nesta sondagem, apenas 28 são classificáveis e concentram-se, sobretudo, na U.E. 5 (21 deles). Neste sentido, apenas se farão algumas referências às características dos recipientes desta unidade estratigráfica, visto não se ter detectado uma fase de ocupação preservada.

Dentro dos 21 fragmentos classificáveis estão 10 bordos, 2 bordos decorados e 9 bojos decorados. O seu estado de conservação é mau, com as arestas roladas. As consistências são todas compactas e as texturas xistosas. O tipo de cozedura dominante é a redutora com arrefecimento oxidante, mas também se identificam exemplares redutores (4) e oxidantes (1). Os elementos não plásticos são frequentes e de médio calibre, em todos os casos. Os tratamentos de superfície são monótonos, com alisados simples nas duas faces do recipiente. Apenas 2 deles são polidos. Os bordos são sobretudo redondos de perfil, ainda que com 3 exemplares direitos e 2 em bisel simples interno; e todos de orientação direita.

A decoração distribui-se por 2 técnicas decorativas: 7 fragmentos incisos; 3 fragmentos impressos e 1 fragmento com a combinação destas duas.

#### **4.2.7.4.6 Sondagem 19**

Neste sondagem estão presentes 65 fragmentos cerâmicos, distribuídos pelas várias unidades estratigráficas: 1 bojo e 1 bojo decorado na U.E. 1; 19 fragmentos de bojo na U.E. 2; na U.E. 3 apenas 2 fragmentos de bordo e 29 fragmentos de bojo; por último, na U.E. 4 recuperaram-se 5 fragmentos de bordo, 1 fragmento de bordo decorado e 7 fragmentos de bojo. A decoração é realizada exclusivamente através da técnica da incisão.

## 4.2.8 Recolhas de superfície

Publicam-se aqui pequenos conjuntos de materiais provenientes de recolhas de superfície depositados em vários museus e que permaneciam inéditos.

### 4.2.8.1 Espondra

#### 4.2.8.1.1 Localização e características

O sítio localiza-se na freguesia de Morais, concelho de Macedo de Cavaleiros, com as seguintes coordenadas: 41°28'34"N; 6°44'30" W, a cerca de 530m de altitude, e encontra-se na folha 79 da Carta Militar de Portugal, a 1:25000 (Figuras 17 e 18).

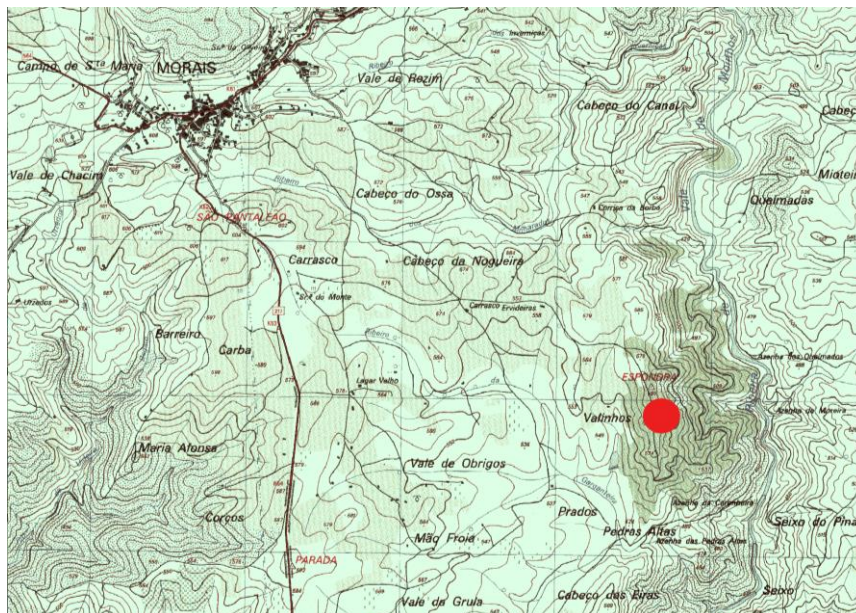


Figura 17 - Localização de Espondra na C.M.P. 1:25000.



**Figura 18 - Vista geral de Espondra. Imagem cedida pela Associação Terras Quentes.**

Tem o CNS 17259, e está considerado como sendo um povoado fortificado na Base Nacional de Sítios Arqueológicos, “Endovélico”.

O sítio foi identificado em 2001, no projecto de “Relocalização, identificação e inspecção de sítios pela Extensão do IPA – Macedo de Cavaleiros”, dirigido por António Luís Pereira. Mais tarde, em 2004, foi prospectado no âmbito do “PNTA/2003 – Terras Quentes: evolução crono-cultural do Concelho de Macedo de Cavaleiros”, dirigido por Carlos Santos Mendes. Está descrito como sendo *“uma elevação bastante alongada que se desenvolve no planalto de Morais. As suas características geomorfológicas não reúnem condições de defesa natural, embora a sua implantação permita o controlo geo-estratégico sobre uma vasta área envolvente.”* (Portal do Arqueólogo, ficha de sítio). Já não se encontram visíveis eventuais vestígios de estruturas pois houve uma *“intensa destruição devido a um projecto de florestação”*. Pelos materiais de superfície enquadrou-se cronologicamente o sítio entre o Calcolítico e a Idade do Ferro.

Os materiais aqui mencionados encontram-se à guarda da Associação Terras Quentes em Macedo de Cavaleiros e resultam da campanha de prospecções de 2004.

#### **4.2.8.1.2 Materiais arqueológicos**

Foram recolhidos 17 fragmentos cerâmicos de fabrico manual, incluindo 6 bojos, 10 bordos e 1 base. Além destes, estavam presentes 3 fragmentos classificáveis fabricados a torno.

Os fragmentos de bordos são de pequeno tamanho e estão muito rolados. Nenhum permitiu o cálculo do diâmetro do bocal. A sua consistência é sempre compacta e a sua textura varia entre xistosa (8 casos) e homogénea (2 casos). Os elementos não plásticos são de pequeno (5 casos) e médio (5 casos) calibre, pouco frequentes (3 casos), frequentes (4 casos) e muito frequentes (3 casos). A cozedura é maioritariamente oxidante (8 casos), com 2 casos de redutora. Apenas se identificaram alisados simples nos tratamentos de superfície. Os bordos apresentam perfis redondos (7 casos), em bisel simples interno (2 casos) e redondo (1 caso); com orientações maioritariamente direitas (7 casos) e ainda exvertidas (3 casos). Somente em 3 exemplares foi possível reconstituir a forma do recipiente: uma taça em calote (subtipo 2.5) e dois globulares (subtipo 6.4).

Recolheu-se também um fragmento de base, de tipo plano com a ligação entre a base e a parede em ângulo.

O conjunto lítico é composto por 16 elementos, 13 dos quais são seixos rolados ou fragmentos de seixo. Existem ainda dois blocos de quartzo fracturados, que podem ter sido utilizados como percutores; e um bloco de granito, aparentemente polido numa das superfícies, ou seja, pode ser um fragmento de dormente.

#### **4.2.8.2 Senhora do Monte**

##### **4.2.8.2.1 Localização e características**

A única referência que conhecemos para o sítio da Senhora do Monte é que se localiza na freguesia de Duas Igrejas, concelho de Miranda do Douro. Os materiais encontram-se no Museu Terra de Miranda, em Miranda do Douro, e resultam de

recolhas de superfície antigas elaboradas pelo Padre António Mourinho, fundador deste museu.

No Endovélico, a única entrada com a designação de Duas Senhora do Monte em Miranda do Douro refere-se a um conjunto de 16 sepulturas romanas, não havendo qualquer referência a estas recolhas antigas.

#### **4.2.8.2.2 Materiais arqueológicos**

Foi recolhida uma quantidade considerável de material, aparentemente da Idade do Ferro e da época Medieval. Apesar de alguns bojos poderem ser mais antigos mas, por segurança, apenas considerámos aqui os que tinham decorações claramente pré-históricas, provavelmente calcolíticas, concretamente, 6 fragmentos.

Neste pequeno conjunto encontram-se 2 bordos decorados, 1 colo decorado e 3 bojos decorados. Especificamente neste caso descrevemos as pastas de todos os fragmentos, e não só dos bordos, já que todos apresentam decorações diferentes, correspondendo a recipientes distintos. Assim, o estado de conservação é regular e bom, a consistência é totalmente compacta e a textura é maioritariamente xistosa, apenas aparecendo um exemplar de textura homogénea. A cozedura é redutora em 2 casos, oxidante em 1 caso, oxidante com arrefecimento redutor em 1 caso e redutora com arrefecimento oxidante em 2 casos. Os elementos não plásticos são pouco frequentes (1 caso), frequentes (4 casos) e muito frequentes (1 caso), com calibres pequenos (3 casos) e médios (3 casos). Apenas se registam alisados simples como tratamentos de superfície.

Os dois fragmentos de bordo identificados têm perfis redondos e orientações exvertida e direita. O colo indica a existência de um outro bordo exvertido. Apenas um dos bordos permitiu a aferição de forma, trata-se de um globular, subtipo 6.4, com 20.4cm de diâmetro.

As técnicas decorativas documentadas são a impressão (3 fragmentos) e a incisão penteada, também com 3 fragmentos. Todos os recipientes apresentam decoração no lado exterior do recipiente e, quando é possível perceber, abaixo do

bordo ou imediatamente abaixo da linha de colo, ou seja, nas áreas mais visíveis do recipiente.

Os motivos decorativos presentes são o III2b com 3 exemplares, o V2a, o V2c e o V2d, cada um com um exemplar.

#### **4.2.8.3 Cerca, Urrós**

No Museu Abade de Baçal encontra-se uma pequena colecção de materiais cerâmicos com indicação de Povoado da Cerca, freguesia de Urrós, concelho de Mogadouro. Tinha referência a uma data, 1983, provavelmente a da recolha dos materiais. A única entrada no Endovélico com esta designação é o CNS 3630, considerado como um sítio de cronologia indeterminada, talvez Bronze Final. É descrito como sendo um *“habitat aberto de grandes dimensões, sobranceiro ao Rio Douro, numa suave encosta virada a sul, ocupada com vinha e olival. A zona do habitat é claramente delimitada por quatro conjuntos diferenciados de afloramentos rochosos, densamente cobertos por mato. Três destes conjuntos localizam-se na parte superior do sítio, delimitando a zona ocupada por vinha. O maior e mais importante dos quatro conjuntos de afloramentos localiza-se na parte Sul e inferior do sítio, tendo um olival no sopé. É um cabeço grande, arredondado, de topo aplanado. Todos estes quatro conjuntos de afloramentos estão preenchidos por abrigos, palas e plataformas abrigadas, com destaque para o quarto cabeço, que reúne excelentes condições de habitabilidade”* (Endovélico, CNS 3630). São vários os materiais de superfície encontrados no local: *“São cerâmicas manuais, de pastas escuras e arenosas, aparecendo diversos fundos planos. As suas características apontam para o Bronze Final/Idade do Ferro, e a tipologia do sítio torna provável que este seja um habitat do Bronze Final”* (Idem).

Segundo a mesma fonte, o sítio foi alvo de dois trabalhos arqueológicos, um levantamento em 2002, no âmbito do projecto “Levantamento Arqueológico do Douro internacional” dirigido por Maria de Jesus Sanches; e o projecto de “Relocalização,

identificação e inspecção de sítios pela Extensão do IPA – Macedo de Cavaleiros” dirigido por Mário Reis Soares.

No entanto o sítio já era conhecido na bibliografia arqueológica, no Catálogo de Monumentos e sítios arqueológicos do planalto mirandês, assinado por Domingos Marcos (1993). Aqui informa-se que *“existem vários abrigos sob a rocha granítica, onde aparecem fragmentos de cerâmica de fabrico manual e de pasta grosseira”* (Idem, p. 116). O autor considera que este terá sido um povoado fortificado da Idade do Ferro tendo em atenção o topónimo, Cerca, que indica *“uma cerca que existiu à volta deste morro fragarento, mas hoje já tudo desapareceu”* (Idem). As coordenadas apresentadas são M 342,6, P- 485,7; altitude 639m; folha 108 da Carta Militar de Portugal, 1:25000.

Quer na base de dados “Endovélico”, quer em Marcos (1993) este sítio está referenciado como se integrando no Bronze Final ou já na Idade do Ferro. Se os materiais existentes no Museu Abade de Baçal realmente provierem deste povoado, estes integram-se no Calcolítico, quer pela semelhança de pastas, quer, e sobretudo, pela presença do motivo decorativo clássico.

Os materiais cerâmicos são todos de fabrico manual, com pastas grosseiras. Compõem o conjunto 26 fragmentos de bojo com espessuras entre os 0,5 e os 1,5cm, cozeduras oxidantes, elementos não plásticos médios e grandes, frequentes. As suas superfícies encontram-se bastante corroídas, não sendo possível identificar tratamentos de superfície. São apenas 3 os fragmentos classificáveis, mas pouco o potencial informativo. Em primeiro lugar, dois possíveis fragmentos de bordo, muito erodidos, um de cozedura redutora e outro oxidante, com elementos não plásticos de pequeno e médio tamanho, frequentes. Os bordos são, aparentemente, de perfil redondo e um deles é exvertido. Não é possível determinar a forma nem calcular o diâmetro do bocal. Existe ainda um fragmento de bojo decorado com um traço vertical inciso ao lado de pequenos pontos que parece constituir o preenchimento de um triângulo (motivo II1e).

#### 4.2.8.4 Nossa Senhora do Castelo de Urros, Torre de Moncorvo

Como já mencionado acima, o sítio da Nossa Senhora do Castelo de Urros foi alvo de campanhas de escavação nas quais se identificaram níveis calcolíticos. No entanto esses materiais ainda permanecem inéditos. Existe igualmente uma pequena colecção de materiais cerâmicos depositada no Museu Abade de Baçal, provavelmente decorrente de campanhas de prospecção mais antigas, que aqui apresentamos.

Os materiais classificáveis são, na totalidade, 10, entre os quais 4 bordos, 2 bordos decorados e 4 bojos decorados. Os 6 recipientes apresentam um bom estado de conservação, com pastas de consistência compacta e textura xistosa; elementos não plásticos pouco frequentes e de pequeno calibre. As cozeduras são sobretudo oxidantes mas com um caso de redutora e outro de cozedura redutora com arrefecimento oxidante. Os tratamentos de superfície são sobretudo alisados simples mas em 2 fragmentos identifica-se um melhor investimento: um deles com polido e espatulado sobre engobe nas duas superfícies e outro com polido sobre um engobe avermelhado também nas duas superfícies. Os bordos são direitos e redondos, equitativamente, e com orientação maioritariamente direita, apenas com um exemplar exvertido.

O bom estado de conservação permitiu a identificação de forma em 5 dos 6 recipientes identificados e o cálculo do diâmetro do bocal em 4 exemplares. Assim temos uma única taça (subtipo 2.4) com 13 cm de diâmetro; três esféricos (subtipo 5.1), um deles com 27 cm e outro com 10cm de diâmetro; e ainda um globular (subtipo 6.3) com 13,2cm de diâmetro.

As técnicas decorativas identificadas são a incisão penteada (3 casos), a impressão (1 caso), o *boquique* (1 caso) e ainda a combinação da incisão com a impressão (1 caso). Os motivos decorativos presentes são o V5b (2 casos); VIIa; II1b; III2b e um indeterminado.

Apenas em dois casos se pode relacionar a forma com a decoração: dois esféricos, um deles com o motivo V5b e outro com o motivo III2b.

### 4.3 Estruturas de habitação e técnicas construtivas (breves considerações)

As evidências disponíveis para as estruturas de habitação e as técnicas construtivas são bastante razoáveis atendendo à quantidade de sítios intervencionados. No entanto, parte deles apenas sofreu intervenções sob a forma de sondagens diagnóstico, o que dificulta uma compreensão em área da organização interna dos povoados.

Todos os sítios aqui considerados apresentam uma posição mais ou menos destacada na paisagem, possuindo domínio visual por áreas até bastante vastas e, em muitos casos, boas condições naturais de defesa. Temos, por um lado, sítios implantados no topo de cabeços destacados na paisagem, como o Cunho, o Barrocal Alto, o Castelo de Nossa Senhora de Urros, e o Castelo de Algosó. Nos casos do Cunho e do Barrocal Alto, a escolha da implantação das estruturas domésticas passou por ocupar pequenas plataformas entre os penedos do cabeço, numa lógica de povoamento “*nuclearizado*” como refere M. J. Sanches a propósito destes sítios. No caso destes dois povoados, acresce ainda que são de difícil acesso, possuindo assim boas condições naturais de defesa. Por outro lado existem sítios de cota mais baixa em pequenos cabeços ou em suaves declives, como os casos do Alto da Madorra e de Xaires, respectivamente. Ainda assim mantêm algum controlo visual da paisagem, no caso do Alto da Madorra, com campo de visão virado para a bacia de Macedo de Cavaleiros. Numa terceira estratégia de ocupação parecem estar a Quinta do Rio 16, Monte da Poia e Quinta da Zaragata, que ocupam áreas livres entre penedos na vertente junto às margens do Rio Sabor, virados para o rio. Assim, o domínio visual que possuem é mesmo para o rio e para a margem oposta.

Relativamente ao tipo de implantação no terreno, verifica-se alguma diversidade. Por um lado estão as já referidas estruturas habitacionais em pequenas plataformas abrigadas por penedos, quer no topo de cabeços, quer em vertentes, muitas vezes recorrendo aos próprios penedos como apoios na construção de estruturas. São sempre penedos de origem granítica, grandes e arredondados que conferem alguma protecção até contra os elementos naturais (escorrências de águas e ventos) e poderão induzir uma maior sensação de conforto e protecção. Assim são os

casos do Cunho, Barrocal Alto, Quinta do Rio 16, Monte da Poia e Quinta da Zaragata. Xaires constitui um povoado aberto (deduzido pelo que se conservou, reconhecendo que o sítio se encontrava muito destruído), colocado numa zona perfeitamente xistosa, sem que haja penedos naturais que possam ser integrados no povoado. O Alto da Madorra está num cabeço aplanado de baixa altitude, de litologia xistosa, portanto limpo de penedos e afloramentos salientes.

Em nenhum contexto foram identificadas estruturas de carácter defensivo ou monumental – existindo apenas a ténue possibilidade de uma muralha em Vilar de Rei.

As técnicas construtivas são, na generalidade, simples, com utilização de matérias-primas perecíveis em grande parte das construções. A pedra está presente mas utilizada de forma pouco sistemática, com blocos de pequeno tamanho, e não se regista nenhum caso (pelo menos que conheçamos ou esteja publicado) de pedra afeiçoada. Encontram-se nos contextos referidos, estruturas positivas como lareiras, empedrados, muretes ou alinhamentos, sempre feitos com pedra, mas por vezes recorrendo a terra e fragmentos cerâmicos e líticos para os enchimentos; e várias estruturas negativas como fossas, buracos de poste e fossas para lareiras. O barro cozido está presente em muitos dos contextos, mas a publicação das suas características ou quantidades não é homogénea. No Cunho e no Barrocal Alto encontram-se em grandes quantidades; nos restantes contextos são pouco frequentes. Não é simples distinguir barro cozido/seco utilizado no revestimento de estruturas habitacionais de outras funcionalidades. Normalmente sugere-se que, quando existem superfícies aplanadas e negativos de ramagens e entrançados vegetais, sejam partes do revestimento das estruturas; mas as superfícies planas podem também identificar-se em lareiras ou pisos e os negativos de ramagens tendem a ser muito raros, até porque o grau de conservação destes materiais é tendencialmente mau – tendem a fracturar-se ou a ter aparência de “rolados” devido à sua maior fragilidade natural, afinal não terão sofrido processos de cozedura equivalentes aos dos recipientes cerâmicos que lhes conferem maior resistência.

Em Xaires apenas se identificou um “ piso de habitação”, composto por uma camada de argila compactada associada a buracos de poste. Estes buracos são

pequenos e têm alguns calços sob a forma de pequenos blocos pétreos. Registaram-se também duas pequenas fossas mas que não aparentam estar relacionadas com a ocupação pré-histórica.

No Alto da Madorra identificaram-se algumas estruturas construtivas simples, nem sempre de fácil definição. No sector A apenas se registam empedrados e dois sulcos escavados no subsolo que poderão ter sido estruturas de contenção de ventos – ainda que não sejam bem claras as razões para tal afirmação. No sector B, apareceu uma lareira assente numa depressão natural do afloramento com manchas de carvões e associadas a uma grande concentração de recipientes cerâmicos partidos em conexão no local. Os autores interpretaram como sendo uma área de combustão coberta que terá ardido e ruído, conservando assim a própria lareira e os recipientes que estavam junto dela.

No Cunho identificaram-se 4 unidades de habitação, uma por cada sector melhor conservado. Estas unidades de habitat são compostas por buracos de poste estruturados que delimitarão estruturas positivas de tipo cabana; e ainda lareiras estruturadas, compostas por blocos pétreos, argila (alguma queimada) e carvões.

No Barrocal Alto identificaram-se 5 contextos de habitação distintos, distribuídos por 4 sectores. Também aqui se registam estruturas de tipo cabana formadas por alinhamentos de buracos de poste conservados; e lareiras com algumas diferenças entre si, de estrutura e dimensão: uma delimitada por lajes fincadas no solo, preenchida por terras escuras e pequenos carvões; fossas abertas no subsolo preenchidas por terras queimadas. No sector II, no primeiro nível de ocupação, identificaram-se algumas estruturas interessantes pela sua originalidade. Trata-se de 7 pequenas fossas abertas no substrato preenchidas por lajes, terra, carvões, fragmentos cerâmicos e, no topo, associam-se a pequenas estruturas pétreas consideradas como empedrados.

A Quinta do Rio 16 forneceu pouca informação neste tema. Apenas se identificou uma camada cortada por estruturas negativas, duas fossas preenchidas por terras, carvões e materiais arqueológicos. Uma dessas fossas pode ser interpretada como possível lareira.

No caso da Quinta da Zaragata, também se registam estruturas semelhantes às já descritas, como fossas e buracos de poste. É, no entanto, na Sondagem 13 que se encontram as estruturas melhor conservadas e mais interessantes. Recorde-se que no segundo nível de ocupação apareceu um alinhamento pétreo e um empedrado; e no primeiro nível de ocupação, verifica-se uma estrutura semicircular pétreo, composta por fragmentos de cerâmica e blocos pétreos que pode constituir o embasamento pétreo de uma cabana, tendo sido possível distinguir duas camadas distintas, uma no interior e outra no exterior da estrutura. No lado interior da estrutura estava uma lareira.

São, neste sentido, estruturas de habitação construídas com recurso a técnicas tradicionais amplamente conhecidas, consistindo na implantação de postes de madeira em arcos mais ou menos subcirculares, unidos por ramagens e entrançados vegetais e provavelmente forradas com materiais perecíveis, como vegetação ou peles, e/ou barro cozido/seco. As lareiras estão, naturalmente, sempre presentes, assistindo-se a alguma diversidade na sua construção e na sua dimensão, mas tendo como ponto comum a presença de uma fossa cheia de pedras, argila e, por vezes, carvões associados. Surgem ainda outras estruturas de mais difícil caracterização, como as fossas e os empedrados. Não parece, deste modo, existir um investimento construtivo de grande estabilidade/durabilidade. De forma a ultrapassar as dificuldades e limites impostos pela condições naturais dos sítios de implantação, apoiaram-se as estruturas nos penedos naturais existentes. Sem estudos mais aprofundados sobre as técnicas construtivas (como, por exemplo, o que foi realizado para o sudoeste, na tese de Carla Bruno, 2010), que incluam, por exemplo, estudos de arqueologia experimental, é imprudente tecer grandes considerações e caracterizações sobre as estruturas da pré-história recente transmontana. Seria interessante realizar estudos de cruzamento das condições geográficas e climáticas com o tipo de estruturas identificadas nos sítios arqueológicos de modo a observar a sua resistência e estabilidade; qual a capacidade de aquecimento e de utilização das lareiras; com que periodicidade se teriam de renovar as estruturas; qual a sua operacionalidade em períodos frios e com neve; etc. Este seria todo um projecto de

investigação mas que traria, certamente, interessantes e importantes dados à discussão sobre o modo de vida das sociedades camponesas desta área geográfica.

#### **4.4 Os materiais cerâmicos**

##### **4.4.1 Aspectos da produção técnica**

A quantidade de contextos a comparar, de forma a sintetizar os aspectos da produção técnica, e os outros que se seguem, é bastante elevada, não só no número de sítios mas de contextos individualizáveis. Neste sentido procura-se aqui, não uma caracterização pormenorizada e descritiva (até porque esta já foi feita para a maioria dos sítios aqui considerados nas suas publicações originais), mas sim identificar tendências e especificidades que permitam observar o comportamento diacrónico e estilístico dos recipientes cerâmicos calcólíticos.

A consistência dos recipientes é sempre maioritariamente compacta, em muitos casos na totalidade. Regista-se mais quantidade de fragmentos de consistência média no Alto da Madorra, sobretudo no Sector A; no sector III do Cunho e, com menores percentagens, no sector II do Barrocal Alto (em ambas as ocupações). O mesmo se passa com as texturas, sendo sempre maioritárias as xistosas, com baixas (ou nulas) percentagens de homogéneas. Os elementos não plásticos (e.n.p.) apresentam pequenas diferenças quanto à frequência e ao calibre. A maioria dos sítios apresenta e.n.p. pouco frequentes, com variação de entre cerca de 50% a 90%, com excepção de Xaires, sector VII do Barrocal Alto, Quinta do Rio 16 e segundo nível de ocupação da Sondagem 13 da Quinta da Zaragata. Só no sector VII do Barrocal Alto é que dominam os e.n.p. muito frequentes, com 65%. Os calibres são, na esmagadora maioria dos casos, pequenos, quase sempre na ordem dos 70-90%; apenas constituindo excepção a Quinta do Rio 14 e o primeiro nível de ocupação da sondagem 13 da Quinta da Zaragata. Nas cozeduras os valores não são tão consistentes, revelando alguma variabilidade. A cozedura oxidante predomina em 11 casos (Xaires, os dois sectores do Alto da Madorra, sector I do Cunho; sector II/Iº nível e Sector VI do Barrocal Alto; Quinta do Rio 16; Monte da Poia, e na Quinta da Zaragata – sondagens 8, 9 e 12), com alguma variedade de percentagens, entre os 49% e os 63%. As cozeduras redutoras com arrefecimento oxidantes estão quase sempre presentes, mas com baixa representatividade, sempre abaixo dos 11%, mas que, pela tonalidade da superfície, reforçam o gosto por recipientes mais alaranjados. A cozedura redutora predomina em 8 casos (sectores III, V e VI, sectores II/IIº nível, V e VII do Barrocal Alto

e sector 13 da Q. da Zaragata), com valores centrados nos 50% (com excepção do sector V do Cunho, com 70%). A espessura é das categorias com menor variedade interna. Todos os contextos centram, sem sombra de dúvidas, a maior incidência de dados na classe 0,6-1cm, revelando uma constância de produção. No entanto, ressalvamos que, como tratamos praticamente sempre de fragmentos de recipientes e privilegiamos o bordo para quase todas as análises, as espessuras aqui apresentadas não correspondem à efectiva espessura máxima do recipiente, mas a uma aproximação, a possível, regulada, porque retirada quase sempre na mesma zona do recipiente (ou bordo ou zona imediatamente abaixo onde for mais espesso). Ressalvamos que mesmo os maiores recipientes e os mais robustos (de armazenagem por exemplo) podem apresentar bordos com espessuras muito inferiores à da parede ou da zona inferior do próprio recipiente. Neste sentido, o que a sistematização das classes das espessuras nos revelam é uma regularidade muito consistente dos bordos dos recipientes.

Os tratamentos de superfície apresentam vários contrastes nos diferentes contextos, alguns com forte presença de indetermináveis, outros com exclusivo de alisados simples, outros com alguma diversidade, como espatulados, *cepillo* ou até polidos. Em todos os contextos, excluindo os indetermináveis, predominam os alisados simples, na casa dos 80-90%, raras vezes apresentando engobes associados. No Alto da Madorra aparecem poucos *cepillos* e espatulados sobre engobe (Sector A); no Cunho há poucos casos de espatulado sobre engobe (sectores III, VI) e um exemplar de polimento (sector V); no Barrocal Alto só em dois sectores se registam, parcamente, espatulados (sectores II/IIº nível e V) e *cepillo* (sector V); na Quinta do Rio 16 aparece o polimento, bem como na Quinta da Zaragata (sondagens 12 e 13).

#### **4.4.2 Tipologia**

Os tipos de bordo são diversificados relativamente ao seu perfil, sendo comum os contextos revelarem entre 4 a 7 tipos diferentes de perfil do bordo. Em todos eles os mais frequentes são sempre os redondos (entre 40-60%, sensivelmente) e depois os direitos (entre 20-45%), ocupando quase a totalidade das entradas; os restantes tipos

são sempre minoritários. Dentro destes últimos, o bisel simples interno está presente em praticamente todos os contextos (menos no sector B do Alto da Madorra, e nos sectores II/IIº nível e VI do Barrocal Alto) com percentagens que variam dos 2-15%; o bisel simples externo e o bisel duplo são menos frequentes que o interno, aparecendo em menos contextos e com menores percentagens. O espessamento exterior também está presente na maioria dos contextos (excepções para Xaires, sectores I e VI do Cunho, e quase todas as sondagens da Quinta da Zaragata), mas com assiduidade quase vestigial – cerca de 2-8%. Ainda mais raros são os bordos horizontais (só existentes em Xaires, sectores V e VII do Barrocal Alto), com percentagens situadas entre os 2-5%. O tipo enrolado só se regista no sector VII do Barrocal Alto, com 3%.

Na orientação, os bordos são sempre maioritariamente direitos, normalmente na ordem dos 50-80%, enquanto os exvertidos estão presentes na ordem dos 20-30%. As percentagens restantes atribuem-se aos indetermináveis.

A taxa de identificação das bases dos recipientes é extremamente baixa, o que se deve, como se sabe, à semelhança entre as bases convexas e as paredes dos recipientes, pelo que somente as bases planas se destacam. Nos contextos considerados apenas se recuperaram 8 fragmentos de base plana: um em Xaires; três do Alto da Madorra (duas no sector A e uma no B) e três no Barrocal Alto (dois no sector V e duas no sector II/IIº nível). Além destes destaca-se o recipiente completo da Quinta do Rio 16, que evidencia uma base aplanada. No Cunho, sector V, identificou-se um fragmento de base convexa.

No mesmo sentido estão os elementos de preensão, sendo bastante raros, 10 exemplares. Os mais frequentes são os mamilos, todos de pequeno tamanho e cónicos, aparecendo no Cunho (um exemplar no sector VI); no Barrocal Alto (um exemplar no sector V e dois no sector VI) e Quinta da Zaragata (um exemplar, abaixo do bordo, na sondagem 12). Seguem-se as pegas, presentes no Barrocal Alto (um exemplar no sector V e outro no sector VI), na Quinta da Zaragata (um exemplar na sondagem 9) e no Monte da Poia (um exemplar na sondagem 1). Por último, um fragmento de bojo com o que parece ser um arranque de asa de fita (ou uma pega?) no Barrocal Alto (sector II/IIº nível de ocupação).

Normalmente a quantidade de formas reconstituídas é pequena nos contextos analisados, devido ao estado de fragmentação dos recipientes, dificultando uma comparação estatística (Gráfico 65). As formas identificadas em todos os contextos são as taças e os globulares, enquanto os esféricos apenas se encontram ausentes em Xaires e no Monte da Poia, dos contextos com menos formas identificadas. Estas três formas, a que se associam as tigelas, são as morfologias mais típicas em contextos calcolíticos regionais, sendo sempre as maioritárias. Nos casos considerados, dentro destas formas maioritárias, sobressaem, quase sempre, as taças, com excepção do Alto da Madorra, sector II/Iº nível do Barrocal Alto e Monte da Poia, mas cuja diferença para o grupo maioritário, os globulares, é muito pequena. Nas formas menos representadas estão os esféricos achatados, com 5 exemplares na totalidade dos contextos (a saber, Xaires, sector B do Alto da Madorra e Quinta do Rio 16); os vasos fundos de tipo saco, com 1 exemplar do Alto da Madorra (sector B); as tigelas fundas de pequena dimensão, com 3 exemplares no Cunho (sectores III e V); os pratos com 2 exemplares, no sector V do Barrocal Alto e na Quinta do Rio 16; e, por último, as taças carenadas (F.22), com apenas 1 exemplar no sector VII do Barrocal Alto. A propósito desta última forma, é de ressaltar que, apesar de só neste caso se ter reconstituído a forma, a presença de peças carenadas é ligeiramente superior atendendo aos fragmentos de carenas sem reconstituição de formas presentes em: sondagem 12 da Quinta da Zaragata (1 fragmento); sector II/IIº nível do Barrocal Alto (2 fragmentos decorados).

Os pratos, forma 1, apresentam dois subtipos, com um exemplar cada: 1.2, prato hemi-elipsoidal, presente na Quinta do Rio 16; e 1.4, prato em calote, no sector V do Barrocal Alto.

Na forma 2, as taças, destaca-se sempre o subtipo 2.5, taças em calote, por estar presente em todos os contextos (menos no Monte da Poia – talvez por exiguidade da amostra) e quase sempre constituindo o mais representado. Segue-se o subtipo 2.4, taça hemi-elipsoidal funda, ausente apenas no Alto da Madorra, sector B. Os restantes subtipos da forma 2 são muito menos frequentes, o 2.3, taça hemi-elipsoidal, exclusivamente no Barrocal Alto, sector V; o 2.6, taça parabólica, apenas no

Cunho, sector V e na Quinta do Rio 16; e, por último, o 2.7, taça de colo vertical, apenas presente na Quinta do Rio 16.

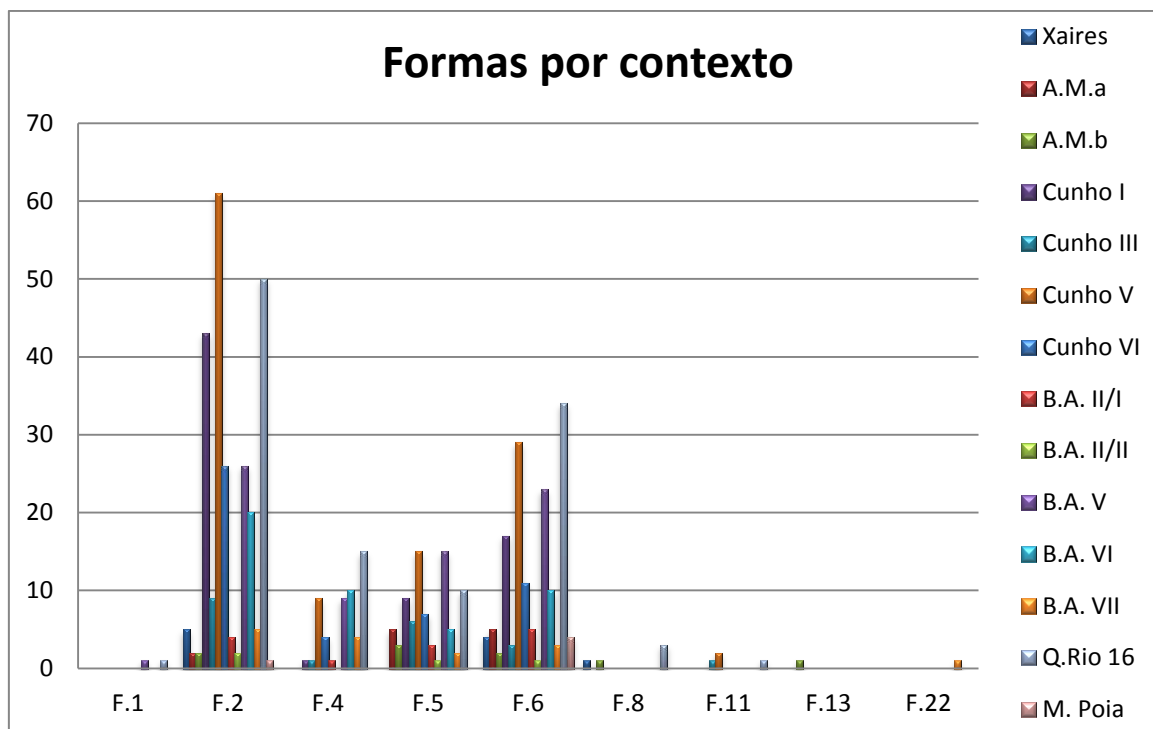


Gráfico 65 - Comparação das formas com os seus contextos de proveniência

Na forma 4, as tigelas, registam-se 5 subtipos, mas os mais frequentes são o 4.2, tigela parabolóide, presente no Cunho (sectores I, III e V), no Barrocal Alto (sectores V, VI e VII) e na Quinta do Rio 16; e o 4.3, tigela subesférica, existente no Cunho (sectores V e VI), no Barrocal Alto (sectores II/Iº nível; V; VI e VII) e na Quinta do Rio 16. Os subtipos 4.1, tigela hemi-elipsoidal; 4.4, tigela de base plana; e 4.5, tigela de lábio invertido são minoritárias, só se registando no Barrocal Alto e na Quinta do Rio 16.

Nos esféricos apenas se verificam dois subtipos, 5.1 (esférico simples) e 5.2 (esférico de bordo exvertido), sendo o primeiro o mais frequente. O segundo subtipo apenas ocorre no Barrocal Alto (sectores V, VI e VII) e na Quinta do Rio 16.

Os globulares apresentam 3 subtipos diferentes, sendo o 6.1 (globulares de colo vertical) e 6.4 (globulares de colo estrangulado) os mais frequentes e presentes em todos os contextos (excepto no sector II/IIº nível do Barrocal Alto). O 6.3 (globular

de colo troncocónico) é também presença regular, excepto em Xaires, Alto da Madorra e sector III do Cunho.

As formas 8, 11, 13 e 22 apenas apresentam um subtipo. Na forma 22 trata-se da taça de carena média/alta (subtipo 22.2).

Nem todos os contextos permitiram o cálculo de diâmetros por forma em quantidade estatisticamente significativa. Verifica-se que, na generalidade, predominam os diâmetros mais pequenos, abaixo dos 20cm, sendo que os maiores, acima dos 30cm são muito raros ou de mais difícil cálculo pelo grau de incerteza. Nas taças, forma 2, predominam os diâmetros centrados nas classes 11-15cm e 16-20cm (sectores I e V do Cunho; Quinta do Rio 16 – mas também nos contextos com menos amostra), e o diâmetro máximo que alcança é de 26-30cm. Na forma 4, as classes mais representadas são as mesmas, 11-15cm e 16-20cm. A forma 5 apresenta os seus diâmetros concentrados na classe dos 11-15cm e 16-20cm. A forma 6, sempre das formas melhor representadas nesta categoria, tem a maior incidência na classe 21-25cm; 11-15cm e 16-20cm. Esta forma pode chegar aos 40cm de diâmetro.

#### 4.4.3 Decoração

A decoração encontra-se bem representada em todos os conjuntos analisados, com percentagens no NMI que rondam, genericamente os 20%. Alguns contextos fogem a esta regularidade, como o sector B do Alto da Madorra, com 74% de decoração no NMI, mas que pensamos se dever a uma amostra reduzida; os sectores I, V e VI do Cunho, com percentagens situadas entre os 6-9%; e a sondagem 12 da Quinta da Zaragata com cerca de 11%.

Praticamente toda a decoração identificada se situa na superfície externa do recipiente e, quando é possível verificar, na parte superior do mesmo, abaixo do bordo, ou seja, normalmente na área mais visível. Apenas num contexto, num fragmento, se identificou decoração no lábio do bordo (sector VII do Barrocal Alto).

As técnicas decorativas representadas são a incisão simples, a impressão simples, a combinação destas duas; o *boquique*; a incisão penteada e a combinação da

incisão com o boquique. Estas técnicas apresentam alguma variabilidade percentual entre os contextos, mas uma delas destaca-se por ser a maioritária na maioria dos contextos – a impressão simples. Esta apresenta percentagens de cerca de 40-60%, chegando mesmo aos 88% no sector II/Iº nível do Barrocal Alto. A incisão simples também está sempre bem representada, sendo a segunda técnica em termos percentuais na maioria dos contextos (em que predomina a impressão), mas também se destaca em alguns contextos por ser a maioritária, como o sector VII do Barrocal Alto; Quinta do Rio 16; e em todas as sondagens da Quinta da Zaragata, com percentagens na ordem dos 40-70%. A combinação entre a incisão e a impressão é também frequente, estando representada em todos os contextos, excepto no sector II/I nível do Barrocal Alto, Monte da Poia, e nas sondagens 9 e 19 da Quinta da Zaragata (sendo que estas últimas dispõem de uma amostra muito pequena), na ordem dos 2-20%; só no sector V do Barrocal Alto é que surge com 31%.

O *boquique* é sempre pouco frequente mas recorrente nos conjuntos, com excepção de: sectores I, V, VI do Cunho; sectores II, VI do Barrocal Alto; e algumas sondagens da Quinta da Zaragata. Quando surge é na ordem dos 2-10%. Por vezes também aparece combinada com a incisão, nos casos de Xaires, Alto da Madorra e sector II/IIº nível do Barrocal Alto.

Por último, em termos de técnicas, a incisão penteada tem presença em apenas 4 contextos, Alto da Madorra sectores A e B; Quinta do Rio 16 e Monte da Poia. Neste último sítio e no sector B do Alto da Madorra é a técnica maioritária chegando mesmo aos 50% no sector B da Madorra.

Nos motivos decorativos (Gráfico 66), em quase todos os contextos domina a organização decorativa III, com excepção do sector B do Alto da Madorra e o Monte da Poia, em que predomina a organização V. A segunda organização melhor representada é a II, na generalidade dos sítios. Nos contextos onde a V está identificada, esta tende a ser a segunda opção atrás da organização III, em detrimento da II. Por outro lado, as organizações menos representadas são as restantes, dentro das quais a I se regista em 4 contextos (Xaires, sectores I e V do Cunho e Quinta do Rio 16); a VII apenas em 2 (Xaires e Quinta do Rio 16); a VIII num contexto, a Quinta do Rio 16; a X também em

dois contextos (sectores III e V do Cunho); a XII só na Quinta do Rio 16; e a XL em dois contextos diferentes, os sectores II/IIº nível e VII do Barrocal Alto).

O contexto com mais diversidade de organizações decorativas é a Quinta do Rio 16 (que também é dos sítios com maior amostra de fragmentos decorados); enquanto os contextos com menos quantidade são os sectores II/Iº nível, V e VI do Barrocal Alto e o Monte da Poia, com duas organizações em cada um.



**Gráfico 66 - Comparação das organizações decorativas por contexto de proveniência**

Dentro de cada organização estruturaram-se vários subtipos que, também eles, apresentam alguma variabilidade segundo os contextos.

Na organização I, regista-se a presença dos subtipos e variantes I1f; I1g; I1h; I3a; I3c e I3e. Na organização II está presente o subtipo II1, mas com algumas variantes, II1a, II1b, II1c, II1d, II1e, II1f, II1g; sendo as maioritárias as variantes II1e e II1b. Há um caso de subtipo II3, proveniente do sector I do Cunho. A organização III é a que apresenta maior diversidade de variantes, distribuídas por dois subtipos, III1 e III2, sendo o III2 claramente maioritário em todos os contextos. Nas variantes destaca-se a III2b, as sequências de impressões em bandas horizontais, sempre a maioritária e com

grande distância das restantes variantes. Estão também presentes as variantes III1a, III1b, III1c, III1d, III1e, III1f, III1g; III2a, III2c, e III2d, sempre com baixos valores cada uma, na generalidade. Na Quinta do Rio 16, as variantes III1a e III1b estão bem representadas. A organização V apresenta cinco subtipos distintos, V1, V2, V3, V5 e V10; com presença de bastantes variantes (V1b, V2a, V2b, V2c, V2d, V3a, V3d, V3e, V5b, V5c, V5e, V5f, V10b). A variante mais frequente é a V2a, em todos os contextos. Estão portanto sempre presentes bandas horizontais (pelo menos nos casos em que foi possível orientar o fragmento), com uma, duas ou três bandas de incisões penteadas, rectas ou onduladas. Por vezes a aplicação do pente é irregular criando linhas que se sobrepõem.

Nas restantes organizações a presença de subtipos e variantes é reduzida.

No caso das recolhas de superfície, os motivos decorativos identificados são: na Senhora do Monte, motivos III2b com 3 exemplares e ainda 3 exemplares da organização V (subtipos V2a, V2c e V2d); em Cerca apenas um motivos identificado, III1e; e no Castelo de Nossa Senhora de Urros, regista-se a presença as organizações II (subtipo II1b), III (subtipo III2b), V (subtipo V5b, com dois exemplares) e ainda a VII (subtipo VIIa).

#### **4.4.4 Os materiais na diacronia, é possível?**

Como vimos, a quantidade de datações absolutas é extremamente escassa e não está isenta de problemas. Apenas existem datações para o Alto da Madorra e para o Barrocal Alto, sendo que no primeiro caso se encontram completamente desfasadas dos materiais arqueológicos e no segundo, nem todas são utilizáveis. Portanto, discutir e avaliar o comportamento dos materiais cerâmicos ao longo do terceiro milénio (podendo esticar-se quer para finais do quarto quer para inícios do segundo), terá que ser sempre por comparação com outros contextos conhecidos próximos e com semelhanças materiais. Mesmo esse exercício de comparação não é simples, na medida em que, em primeiro lugar, os contextos perto da nossa área são muito reduzidos e também eles com poucas datações absolutas e, em segundo lugar,

verifica-se uma lógica de continuidade de fabrico cerâmico, com algumas diferenças e transformações, que impede a possibilidade de uma cronologia fina. Os sítios mais próximos com datações mais recentes são: Abrigo do Buraco da Pala, em Mirandela; Crasto de Palheiros, em Murça; Castro de Santiago e Malhada em Fornos de Algodres e ainda uma data do Cemitério de Mouros II, em Mirandela.

De qualquer forma, o objectivo traçado para este trabalho não é a elaboração de uma síntese diacrónica para o Calcolítico, embora fosse muito útil, mas sim perceber quais as características específicas do final do Calcolítico e com elas avaliar as mudanças técnicas e estilísticas dos recipientes cerâmicos dos períodos subsequentes. Como não é ainda possível identificar, com segurança e clareza, essas pequenas mudanças, tivemos de recuar no tempo e sintetizar a informação disponível para todo o Calcolítico e tentar extrair dela as tendências gerais para comparação.

O sítio do Buraco da Pala, em Mirandela apresenta uma diacronia de ocupação longa que permite acompanhar as modificações do aparelho cerâmico ao longo do III<sup>o</sup> milénio, suportadas por algumas datações absolutas (Sanches, 1997). Inicialmente pensámos tentar fazer um cruzamento directo entre os variados contextos aqui considerados e cada um dos níveis do Buraco da Pala, atendendo às variáveis forma e decoração. Seria um exercício demasiado longo para a natureza do nosso trabalho e provavelmente pouco frutífero, por vários motivos. O primeiro deles é o de assentar toda uma classificação num só sítio com características específicas (ocupação em abrigo com funcionalidades específicas) e com uma bateria de datas absolutas com pouca expressividade estatística (22 datas para os 4 níveis de ocupação, incluindo *outliers*). Outra questão é a opção discutível de assumir um conjunto ou um sítio como um modelo base a seguir, do qual todos os outros sítios seriam “cópias” ou simples meios de comparação por ausência/presença, o que se pode revelar redutor e enganador. Não podemos também esquecer a própria variabilidade intrínseca de cada sítio, a sua personalidade própria, que pode não estar directamente relacionada com questões cronológicas.

Neste sentido, optámos por considerar os sítios como um todo assinalando sobretudo os pequeno indicadores de mudança – normalmente associados a baixa representatividade estatística.

As formas dos recipientes identificadas e a sua representatividade estatística, na esmagadora maioria dos casos, corresponde ao já conhecido e habitual nos contextos calcolíticos do norte de Portugal, como nos conjuntos de Chaves e Vila Pouca de Aguiar (Jorge, 1986); Abrigo do Buraco da Pala e Crasto de Palheiros (Sanches, 1997 e 2008, respectivamente); sítios de Fornos de Algodres (Valera, 2007); e até na Meseta Norte (cf. Fabián García, 2006; Díaz del-Río, 2003).

Destacam-se, pela raridade, os pratos, apenas presentes no sector V do Barrocal Alto e na Quinta do Rio 16, que também aparecem no sítio da Malhada, Fornos de Algodres, com baixa representatividade (menos de 1%) (Valera, 2007, p. 142).

A outra forma absolutamente rara neste tipo de contextos é a 22, as taças carenadas, do sector VII do Barrocal Alto, que vai ser típica já da Idade do Bronze, sobretudo associada a uma decoração específica, como é o caso da espiga incisa no lábio<sup>13</sup> e duas bandas de impressões circulares na superfície externa – uma abaixo do bordo e outra acima da carena. Com excepção das impressões circulares, poderia tratar-se de um recipiente do Bronze Médio, como os que aparecem na Fraga dos Corvos, de inspiração mesetenha, como se discute no capítulo 6. Porém, este é o único recipiente que se destaca relativamente ao resto dos artefactos cerâmicos que se enquadram perfeitamente na tradição calcolítica, como nos indica a presença da decoração de triângulos preenchidos (motivo II1) e de sequências de puncionamentos (motivo III2b). Ainda a propósito do Barrocal Alto, no IIº nível de ocupação do Sector II aparecem algumas espigas incisas (motivo III1d), finas, semelhantes à presente no lábio do recipiente do sector VII, uma delas unida a linhas de *boquique* (motivo XLa); no mesmo contexto de duas bases aplanadas e um fragmento de bojo com arranque de asa, o que leva a equacionar a possibilidade de esta fase ser mais tardia em relação

---

<sup>13</sup> A presença de espigas incisas é já conhecida no calcolítico (ver os sítios de Fornos de Algodres, Valera, 2007). O que aqui se pretende destacar é a sua colocação no lábio do recipiente e não em bandas abaixo do bordo, o que constituirá uma das marcas da cerâmica típica Protocogotas.

aos outros sectores. Uma das datações obtidas para este nível, proveniente do interior de uma lareira, apresenta uma data já de Bronze Médio, depois de calibrada (com intervalo situado entre 1744-1263 cal a.C.). A autora dos trabalhos do Barrocal Alto, admite, em 1992, a possibilidade deste sector estender a sua ocupação para finais do III/inícios do IIº milénios (Sanches, 1992, p. 111). Porém, tal como para o Sector VII, a restante componente cerâmica aponta ainda para a tradição calcolítica (novamente decorações como os triângulos preenchidos e as sequências de puncionamentos), tornando esta questão difícil de discernir. Tratar-se-á de escorrências ou infiltrações de materiais mais tardios num contexto calcolítico? Será que terá havido um terceiro momento de ocupação no Sector II, destruído pela erosão ou pelas acções humanas, de que estes fragmentos constituirão vestígios? Ou os materiais serão efectivamente do fim do calcolítico e a presença destas espigas incisais mais finas (diferentes das espigas calcolíticas de Fornos de Algodres) antecipa um motivo que se irá tornar nuclear na Meseta Norte? São questões que não estamos em estado de responder atendendo à evidência disponível.

Outros elementos mais raros nestes contextos e que nos períodos subsequentes são bastante frequentes são as bases planas e os elementos de prensão, num total de 8 e 10 exemplares, respectivamente, em 14 contextos (e 7 sítios), o que faz a sua presença absolutamente vestigial. No entanto, estes elementos tornar-se-ão bastante representativos dos conjuntos do Bronze Inicial e do Bronze Médio, mas cuja raiz e início de utilização remontarão ao Calcolítico. Podemos, no entanto, admitir que a sua presença indicará uma fase avançada do Calcolítico? Pensamos que ainda não temos dados concretos para avaliar com segurança esta questão, pelo menos na área considerada. Se olharmos para o caso da Malhada, onde também se regista a presença de bases planas (no entanto associadas a recipientes troncocónicos ou a taças de carena baixa), com datações centradas em meados do IIIº milénio (Valera, 2007, p. 141; 163); ou para o Abrigo do Buraco da Pala, nível I, com presença de bases aplanadas, com datações também centradas em meados do IIIº milénio (Sanches, 1997, p. 108), verificamos que as bases planas dos conjuntos aqui apresentados estão de acordo com o já conhecido, mas que aparentam surgir numa fase média/avançada do Calcolítico.

Nas decorações, os padrões decorativos identificados são semelhantes ao já conhecido para a região, nomeadamente para o Abrigo do Buraco da Pala, cuja tabela de organizações decorativas serviu de base para as nossas classificações, dada a semelhança e a presença de praticamente todos os motivos observados (com uma ou outra excepção). São absolutamente recorrentes os motivos da organização decorativa III2, nomeadamente da variante III2b, as sequências aditivas de impressões (ou, em alguns casos, de *boquique*), ou a III1a/b, cuja simplicidade dificilmente constituirá marca cronológica. Os motivos estruturados em torno dos triângulos (organização II1) são também vulgares, normalmente constituindo a segunda organização mais importante em termos de representatividade. Estes triângulos parecem representar uma tradição neolítica, visto estarem presentes nos níveis mais antigos do Abrigo do Buraco da Pala e tendem a perder representatividade ao longo do III<sup>o</sup> milénio (Sanches, 1997).

A incisão penteada está representada em 4 contextos (sectores A e B do Alto da Madorra, Quinta do Rio 16 e Monte da Poia), além de se encontrar em vários outros sítios identificados (Penas Róias; Fraga do Fojo 1; Castro de Santa Justa; Castelo de Nossa Senhora de Urros; Baldoeiro e Castelo de Algozo) mas só é dominante no sector B do Alto da Madorra. M. J. Sanches e A. Valera elaboraram, cada um e relativamente aos seus próprios contextos e problemáticas, sínteses interpretativas sobre esta técnica decorativa. A conclusão a que ambos chegam é que, de uma forma simplificada, a decoração está presente na primeira metade do terceiro milénio, mas será só a partir de meados do mesmo milénio que estas cerâmicas aumentam de frequência, tornando-se nas organizações decorativas dominantes (Sanches, 1997, p. 175-177; Valera, 2007, p. 369-371). Por outro lado, a incisão penteada tende a associar-se a *“outros elementos decorativos, como decorações plásticas, e [morfologias], como recipientes troncocónicos, campaniformes e outras morfologias tardias (caso da Fraga da Pena), parecem sugerir que a sua afirmação estilística na região terá ocorrido num momento tardio dentro do Calcolítico, propagando-se pelo início da Idade do Bronze”* (Valera, 2007, p. 371). Ou seja, é uma técnica que terá ressurgido na primeira metade do III<sup>o</sup> milénio, em ambientes calcolíticos ‘clássicos’, ganhado importância e representatividade mais ou menos a partir de meados do III<sup>o</sup>

milénio e acompanhado as transformações na cerâmica ocorridas na transição para o II<sup>o</sup> milénio. Neste sentido, e olhando exclusivamente para a cerâmica penteada dos contextos aqui apresentados, parece-nos que o sector B do Alto da Madorra poderá ser dos sítios mais tardios de todos, a que a Quinta do Rio 16 não deverá ficar muito atrás.

Retomando o Alto da Madorra, como já publicámos previamente (Luís, 2014), um dos elementos mais atractivos do sítio, além da sua própria cultura material e potencial informativo, é localizar-se no topo do cabeço na base do qual terão aparecido as alabardas de tipo Carrapatas, integráveis no Bronze Inicial (ver capítulo 5). Na verdade, não dispomos de indícios directos de que as alabardas estejam relacionadas com o Alto da Madorra; nem muito menos existem vestígios de produção metalúrgica no local (partindo do pressuposto de que as alabardas têm fabrico local/regional). Mas o facto de o sítio evidenciar uma grande representatividade de cerâmica penteada, sendo mesmo a técnica dominante no sector B, não deixa de ser sugestivo e podendo aproximar, em termos cronológicos, o sítio do momento de utilização/depósito das alabardas. Mais ainda, trata-se de uma situação semelhante ao já observado em Cemitério de Mouros II, em Mirandela. O sítio do Cemitério de Mouros II implanta-se no topo de um cabeço aplanado, escavado por M. J. Sanches, na base do qual apareceram as alabardas de tipo Carrapatas de Abreiro. Na área escavada não se recolheram cerâmicas penteadas, mas sim cerâmicas decoradas com as técnicas e motivos típicos do calcolítico local; porém *“na base leste do monte, junto da ponte de Abreiro, encontrámos dois fragmentos de cerâmica com decoração ‘penteada’ – org. decorativa V2a -, mas tanto a escavação como a prospecção exhaustiva (com a realização de 10 sondagens) não permite correlacionar esta cerâmica com o povoado Cemitério de Mouros de que aqui damos notícia”* (Sanches, 1997, vol. II, p. 277). Da área de escavação provém uma data: 3750±80BP (2460-1950 cal a.C.), no entanto associada a uma *“cultura material (...) bastante conservadora”* (*Idem*). Não há assim, dados contundentes que associem estes sítios às alabardas, mas fica a sugestão de, pelo menos, não ter havido um hiato cronológico muito longo entre os povoados e as alabardas. A sua proximidade pode apenas relacionar-se com o facto de os sítios se

encontrarem junto a portelas tradicionais de passagem, locais aparentemente preferenciais para a colocação destes artefactos metálicos.

Se de presenças falámos até aqui, não deixa de ser importante referenciar a ausência do campaniforme na área regional considerada, o que poderia constituir um indicador cronológico – pelo menos marcando a segunda metade do III<sup>o</sup> milénio ou eventualmente os inícios do II<sup>o</sup>. Esta cerâmica está presente em sítios próximos já referidos, como Castro de Palheiros (Sanches, 2008) e o Abrigo do Buraco da Pala (Sanches, 1997) ou ainda na Fraga da Pena (Valera, 2007), ainda que associado a um período mais recente (ver próximo capítulo).

Gostaríamos, por último, de deixar uma nota a propósito dos materiais do povoado do Baldoeiro, em Torre de Moncorvo, agora que já discutimos os dados provenientes dos contextos conhecidos. Como sintetizámos no início deste capítulo, o espólio cerâmico deste sítio apresenta características invulgares para o que se conhece do calcolítico regional, sobressaindo formas novas, como os troncocónicos, predomínio da cerâmica penteada, e presença significativa de decoração plástica. À luz do que apresentámos até aqui, sugerimos duas hipóteses para este sítio: ou se trata de duas ocupações distintas remexidas na construção do castelo medieval, uma calcolítica e outra da Idade do Bronze (aliás já sugerida pelos autores da publicação); ou estamos perante uma ocupação já do Bronze Inicial, com algumas raízes calcolíticas.

## 5. O BRONZE INICIAL

### 5.1 Estado da arte – Bronze Inicial em Trás-os-Montes Oriental

Este é o período cronológico que apresenta maiores dificuldades de definição e caracterização nesta área territorial, o que se deve, acima de tudo, à escassez e à fragilidade dos dados arqueológicos. Não há, na área regional considerada, nenhum sítio de habitat que tenha uma clara ocupação deste período, nem existem datações por radiocarbono que forneçam um intervalo de tempo. Apenas se registam alguns sítios funerários e achados isolados que fornecem a indicação de que o território se encontraria ocupado.

Recolhemos, na base de sítios online, *Endovélico*, as entradas que nos pareciam mais promissoras, bem como as referências da bibliografia arqueológica que mencionam ou publicam os dados conhecidos, que se encontram sintetizadas nos quadros abaixo (Gráfico 67; Tabela 5).



Gráfico 67 - Distribuição dos sítios por concelho do Bronze Inicial

Sítio	CNS	Freguesia	Concelho	Tipo sítio	Prospecção	Escavação	Ref. Bibliográfica
<b>Lorga de Dine</b>	2622	Fresulfe	Vinhais	Gruta/ Funerário?	Sim	Sim	Lemos, 1999; Sanches, 1997 etc.
<b>Muradal</b>	17351	Vale das Fontes	Vinhais	Povoado Fortificado	Sim	Não	Alves, 1934; Neto, 1975; Redentor, 2003; Lemos, 1993; Maciel, 1993
<b>Cativelo</b>	17465	Milhão	Bragança	Povoado Fortificado	Sim	Não	Sem
<b>Quinta de S. Lourenço 2</b>	Por atribuir	Samil	Bragança	Habitat de fossas	Sim	Sim	Ramos, 2010
<b>Espondra</b>	17359	Morais	M. Cavaleiros	Povoado Fortificado	Sim	Não	Mendes, 2008
<b>Lagares</b>	17286	Vale Benfeito	M. Cavaleiros	Necrópole	Sim	Não	Alves, 1934; Alves, 1938; Neto, 1975, etc.
<b>Cabeço do Murado</b>	1975	Vilares de Vilarica	Alfândega da Fé	Povoado Fortificado	Sim	Não	Sem
<b>Castelo de Algoso</b>	676	Algoso	Vimioso	Povoado	Sim	Sim	Marcos, 1993; Sanches, 1997; Sanches, 1992, etc.
<b>Terraço das Laranjeiras</b>	Por atribuir	Torre de Moncorvo	Torre de Moncorvo	Necrópole	Sim	Sim	Gaspar et al, 2014a

**Tabela 5 - Tabela síntese dos sítios do Bronze Inicial**

Foram integrados alguns sítios decorrentes de prospecção, cuja indicação no *Endovélico* os situa, genericamente, na Idade do Bronze. São os casos do Muradal, Cativelo, Espondra e Cabeço do Murado. Só intervenções arqueológicas mais intensivas poderão fornecer dados para a integração crono-cultural destes sítios.

Passemos aos sítios escavados ou com informação mais pormenorizada.

A **Lorga de Dine**, descrita no capítulo anterior, apresenta alguns materiais que se podem relacionar com o Bronze Inicial. Um dos mais emblemáticos é um troncocónico, exposto no Museu Abade de Baçal, “*com uma decoração mamilar próximo do bordo superior e tendo lateralmente uma asa, mais larga em cima do que em baixo, cujo contorno se continua no corpo do vaso, formando uma reentrância, que sugere uma forma animalista semelhante aos ‘olhos de mocho’*” (Harpsoe e Ramos, 1985, p. 203-204). Apresenta semelhanças com outros exemplares conhecidos para este período (ver subcapítulo seguinte). Segundo o relatório de escavação, este troncocónico terá aparecido do lado direito da galeria da entrada da gruta junto a dois fragmentos de crânio humano, configurando assim um espaço funerário; na mesma intervenção recolheram-se vários fragmentos de cerâmica, um cossoiro e vários objectos de metal (Harpsoe, 1964).

A **Quinta de São Lourenço 2** em Bragança foi escavada no final de 2010 por uma equipa da empresa Omniknos Lda., no âmbito do projecto de acompanhamento arqueológico da *Empreitada de Construção do Lote 10 da Auto-Estrada Transmontana*. Apenas se encontra referida numa breve notícia na revista municipal de Bragança<sup>14</sup> (Ramos, 2010). Trata-se de um sítio composto por várias estruturas negativas abertas no substrato rochoso, interpretadas como silos de armazenagem, e ainda por 4 lareiras de planta circular também abertas no substrato, numa área de cerca de 90m<sup>2</sup>. São feitas breves referências aos materiais arqueológicos: fragmentos cerâmicos e mós manuais em granito e anfibolito, que o autor enquadra genericamente na Idade do Bronze. Numa das imagens é apresentado um fragmento de bordo cerâmico com um mamilo achatado e com “*decoração excisa*”, apesar de esta não estar visível na imagem. É ainda indicado que foram recolhidos carvões para futura datação. Tratando-se de uma informação preliminar e genérica, pouco se poderá concluir, sobretudo no que diz respeito à cronologia, podendo, efectivamente, tratar-se de um sítio integrável em qualquer época da Idade do Bronze. No entanto, é de destacar que se trata do primeiro sítio identificado (mas não único) nesta área com a presença de estruturas

---

<sup>14</sup> Até à data não se encontra disponível nem o relatório da intervenção nem outra publicação que conheçamos. Contactámos algumas vezes a empresa que nos informou que o relatório se encontrava em execução e que, quando terminado, o poderíamos consultar, o que não aconteceu até à finalização deste trabalho.

negativas, à semelhança dos novos sítios de outras áreas regionais, como a Meseta Norte.

São várias as referências a uma necrópole de cistas em **Lagares**, freguesia de Vale Benfeito, concelho de Macedo de Cavaleiros, mas que terá sido destruída algures no início do século XX, restando apenas, recentemente, algumas lajes de xisto e granito (matéria-prima não local) num campo agrícola (base de dados Endovélico, CNS 17286).

Nas palavras do Abade de Baçal: *“No sítio chamado Lagares, termo de Vale Benfeito, concelho de Macedo de Cavaleiros, encontrou numa sua propriedade o nosso amigo tenente João José Vaz de Morais de Abreu Sarmiento, pelos anos de 1904, uma sepultura, tipo cista, e nela um anel de ouro puro, serpentiforme, sem liga, que provavelmente remonta à Idade do Bronze. A sepultura era formada por três grandes lajes de xisto, uma à cabeceira e duas aos lados. O anel dava três voltas ao dedo anular e, por ser muito maleável, podia facilmente apertar-se ou alargar-se. Dentro da sepultura «encontrou muitos cacos de vasilha de barro muito espesso». Como se vê, a sepultura já fora violada antes, a julgar pelos cacos e pela outra cabeceira, que faltava. Supõe ele que a sepultura ainda lá deve estar, porque, não podendo, com o auxílio do criado, tirar as lajes que obstavam ao granjeio do terreno, tornou a deitar-lhe a terra para dentro e assim ficou.”* (Alves, 2000 [1934], p. 684-685). Mais tarde *“aproveitei a ocasião para visitar, em companhia do amigo Morais e dos seus três filhos [...] o sítio dos Lagares [...], onde já nada se conserva da cista aí mencionada, certamente por levarem as lajes para tapume de propriedades ou construção de casas, mas encontramos outra a poucos metros do local daquela, que ia aflorando à superfície do solo, devido à deslocação do terreno pelas lavouras agrícolas, já violada também em tempo incerto, a julgar pelos pedregulhos que a enchiam. No espólio, nem cacos nem outro qualquer índice cronológico, apenas as duas grandes lajes laterais de xisto duro postas de cutelo, faltando a da cobertura a fechar um quadrilátero de 1,80 metros de comprimento por um de largo e outro de profundidade. Deram-me notícia de terem aparecido aí em diversos tempos mais sepulturas por este tipo, de que nada resta, talvez pelas razões já ditas [...]”* (Alves, 2000 [1938], p. 276).

Segundo as descrições do Abade de Baçal, existiria uma necrópole formada por várias cistas. A presença de uma espiral de ouro enquadrará o sítio no Bronze Inicial, segundo as propostas de Bettencourt (2010).

Num terraço fluvial junto ao rio Sabor, no sítio denominado de **Terraço das Laranjeiras** no concelho de Torre de Moncorvo, foi identificado um enterramento individual datado deste período (Gaspar *et al*, 2014a). Este é um sítio repleto de estruturas negativas dispersas numa área considerável, cujos resultados ainda se encontram em estudo. De momento, encontram-se publicados os dois enterramentos identificados, sendo que apenas um dele forneceu uma datação.

Trata-se de uma inumação primária numa cista rectangular, composta por lajes de xisto colocadas na vertical sem cobertura (pelo menos conservada). A análise osteológica revelou que o inumado era uma criança de cerca de 12 anos, colocada em posição fetal. Como espólio apenas apresentava um recipiente cerâmico, provavelmente colocado junto ao crânio. O recipiente é uma taça hemisférica de fundo aplanado, sem decoração. A datação obtida, sobre osso humano, apresenta um intervalo de 2042-1888 cal a.C., portanto, consentâneo com o que habitualmente se designa de Bronze inicial (*Idem*, p. 56).

O segundo enterramento é igualmente uma inumação primária, mas em fossa escavada nos depósitos aluvionares, com cerca de 70cm de profundidade, de uma criança em posição fetal. Este enterramento não apresentava espólio nem foi possível obter uma datação (*Idem*, p. 57).

Este sítio, o Terraço das Laranjeiras, enuncia um outro tipo de ocupação do espaço, documentado em várias áreas regionais, como no Minho e na Meseta Norte, consistindo na “*presença de estruturas negativas tipo fossa em amplas plataformas fluviais*” (*Idem*, p. 49).

O **Castelo de Algoso**, já descrito no capítulo anterior, apresenta alguns vestígios considerados da Idade do Bronze ou da Idade do Ferro (segundo o autor), situados maioritariamente na encosta oeste do monte onde se implanta o castelo (Argüello Menéndez, 2002). Os vestígios encontravam-se integrados num ‘nível estratigráfico’,

sem presença de estruturas negativas ou positivas, dificultando as considerações sobre o tipo de sítio aqui identificado. Segundo o autor há uma diferença nos materiais arqueológicos que lhe permitiu diferenciar os níveis de ocupação calcolítica desta mais recente, Bronze /Ferro: *“os materiais cerâmicos desta fase apenas têm decorações. São cerâmicas troncocónicas, de fundo plano com dimensões e espessura muito maiores que as correspondentes da fase 1”* [a calcolítica] (*Idem*, p.22). Além do material cerâmico estavam presentes alguns artefactos líticos, como goivas, várias contas de colar em xisto e em pasta vítrea azul *“que pode corresponder à Idade do Ferro”* e ainda alguma fauna.

As imagens do relatório associadas a este nível são bem mais escassas e não permitem retirar muita informação. De facto, no que respeita à cerâmica, apenas existe uma fotografia de um recipiente conservando o bordo e uma pequena parte da pança (figura 48 do relatório), com uma pasta aparentemente oxidante. Não é possível, através da fotografia, aferir a forma do recipiente, apenas que aparenta ter uma parede mais ou menos direita, podendo tratar-se dos perfis troncocónicos mencionados pelo autor. O fragmento apresenta dois pequenos mamilos, pouco salientes, colocados abaixo do bordo, um mais abaixo que o outro, um mais à esquerda, outro mais à direita. Estão também fotografadas algumas contas em cerâmica, todas diferentes entre si e com as perfurações descentradas; e a conta em vidro azul.

Pela informação publicada no relatório de intervenção não é possível, de todo, caracterizar a ocupação pré-histórica mais recente do Castelo de Algoso. O facto de se tratar de cerâmicas troncocónicas é sugestivo, pois é uma forma que aparece exactamente neste período em outras áreas regionais, associada sobretudo a contextos funerários, ainda que os mamilos dessas formas do Bronze Inicial sejam bastante diferentes, de maiores dimensões e colocados à volta do recipiente, abaixo do bordo. No entanto, este dado não é suficiente para datar ou caracterizar esta ocupação. Por outro lado, a presença de uma conta vítrea azul, aparentemente no mesmo contexto, típica da Idade do Ferro, mais facilmente servirá de indicador cronológico que as cerâmicas troncocónicas, das quais não se publicou nenhum desenho ou características mais detalhadas.

Local do Achado	CNS	Freguesia	Concelho	Material	Ref. Bibliográfica
<b>Pontão de Estevais</b>	19498	Castelo Branco	Mogadouro	Dois vasos carenados	Lemos, 1993; Lopo, 1987
<b>Freixo de Espada à Cinta</b>	2960	Freixo de Espada à Cinta	Freixo de Espada à Cinta	Não referido	Sem
<b>Castro de S. João das Arribas</b>	224	Miranda do Douro	Miranda do Douro	2 Ponta Palmela	Silva, 2011; Sanches, 1992
<b>Carrapatas</b>	17205	Carrapatas	M. Cavaleiros	2 Alabardas	Bártholo, 1959; etc.
<b>Vale Benfeito</b>	17290	Vale Benfeito	M. Cavaleiros	4 Alabardas	Bártholo, 1959; Sanches, 1995; etc.
<b>Alto das Pereiras</b>	14754	Vimioso	Vimioso	1 Alabarda	Sanches, 1995; Bártholo, 1959, etc.

**Tabela 6 - Tabela síntese dos achados isolados do Bronze Inicial**

A Idade do Bronze em Trás-os-Montes é conhecida sobretudo devido aos artefactos metálicos que desde cedo exibiu (Tabela 6). No caso vertente, destacam-se as alabardas de tipo Carrapatas, amplamente conhecidas, com 9 exemplares recolhidos no território hoje português, dos quais 7 se encontram na área territorial aqui considerada. Estas alabardas integram-se no tipo Carrapatas definido por H. Schubart e *“caracterizam-se pelo tipo de lâmina triangular larga (de extremidade arredondada). Esta é provida de um espesso reforço ou veio longitudinal, o qual é seguido, de ambos os lados, por caneluras que acompanham o fio da folha metálica. A zona de encabamento, muito larga, em contorno triangular de ângulos arredondados e possui 3 orifícios para rebites”* (Sanches, 1995). São todas de cobre arsenical e é hoje consensual que se integram no Bronze Inicial (*Idem*; Senna-Martinez, 2007). Foram recuperadas em três áreas e apresentavam-se em conjuntos de 1, 2 e 4. Nenhuma

delas apresenta contexto arqueológico conhecido ou foi recuperada através de trabalhos arqueológicos. Pensa-se, no entanto, que possam constituir depósitos por se encontrarem agrupadas e em zonas tradicionais de passagem.

Da freguesia de Carrapatas provêm duas alabardas, hoje sitas no Museu da Sociedade Martins Sarmento. Da freguesia de Vale Benfeito provêm 4, depositadas no Museu Abade de Baçal. E ainda um exemplar de Vimioso, Alto das Pereiras, depositado no Instituto Geológico e Mineiro, em Lisboa.

Também como achado isolado se encontram duas pontas de seta de tipo Palmela, provenientes do Castro de S. João das Arribas em Miranda do Douro, uma com 7cm de comprimento e 1,8cm de largura máxima, e encontram-se depositadas no Museu Abade de Baçal (Silva, 2011).

## **5.2 Os materiais cerâmicos**

### **5.2.1 Síntese do que se conhece**

Atendendo à evidência disponível não é ainda possível elaborar uma caracterização da cerâmica do Bronze Inicial em Trás-os-Montes Oriental. Enquanto não forem escavados novos sítios arqueológicos, que permitam obter uma boa sequência estratigráfica associada a datações absolutas, será muito difícil conhecer e discutir sobre as comunidades do Bronze Inicial neste espaço.

Do que expusemos acima, salienta-se a presença da forma cerâmica troncocónica (na Lorga de Dine e talvez no Castelo de Algosó), típica deste período, como veremos; e de um recipiente hemisférico liso, com base aplanada (no Terraço das Laranjeiras). Dada a escassez da cerâmica conhecida e ao facto de a cerâmica possuir, em muitos casos, um potencial de primeiro indicador cronológico (mesmo em trabalhos de prospecção), faz-se, no subcapítulo seguinte, um resumo da cerâmica deste período nas áreas regionais vizinhas, de forma a contribuir para trabalhos futuros e para, nos capítulos seguintes, poder discutir as relações de permanência e descontinuidade nas tradições cerâmicas transmontanas.

### **5.2.2 A cerâmica do Bronze Inicial nas áreas vizinhas**

Em Trás-os-Montes Ocidental destacamos dois sítios que apresentam fases de ocupação genericamente localizadas na segunda metade do III<sup>o</sup> milénio e que poderão chegar aos inícios do II<sup>o</sup>, apresentando algumas modificações no aparelho cerâmico relativas às ocupações calcolíticas dos mesmos sítios e de outros na região. Referimo-nos à Pastoria (Chaves) e Castelo de Aguiar (Vila Pouca de Aguiar), publicados por Susana Jorge (1986).

Na ocupação mais recente do Locus 3 da Pastoria, destaca-se, a nível de formas, a presença de novos tipos, como os troncocónicos, alguns dos quais com mamilos abaixo do bordo (tipo 11); taças carenadas (tipo 9) e recipientes campaniformes (tipo 10), bem como o aparecimento de bases planas. Nas decorações assiste-se a uma diminuição da incisão simples e a um aumento da incisão penteada; e

ao aparecimento de novas organizações decorativas como o campaniforme e a decoração plástica. É também notório o aumento da capacidade volumétrica dos recipientes (Jorge, 1986).

Em Castelo de Aguiar, a ocupação mais recente (do Locus 2) encontra-se datada por radiocarbono, apresentando porém intervalos de tempo muito grandes para a precisão que aqui se necessitaria:  $3900 \pm 180\text{BP}$  (calibrado a 2sigma, 2881- 1923 cal a.C.<sup>15</sup>) e  $3730 \pm 140\text{BP}$  (calibrada a 2sigma 2491- 1751 cal a.C.), mas que poderão dar a indicação de uma ocupação centrada no fim do III milénio ou inícios do II. Os materiais cerâmicos registam algumas diferenças em relação ao conhecido para o Calcolítico que ajudam a corroborar essa hipótese. Neste segundo nível de ocupação, além das formas típicas do fundo calcolítico, aparecem *“formas formalmente ‘evolucionadas’ (carenadas, troncocónicos de fundo plano e boca elíptica, taça em calote achatada, de bordo muito reentrante, provável bicónico, recipiente com pé alto), algumas delas com fundo plano”* (Idem, p. 612). A decoração é muito frequente (77% do total de formas), dominada pelas organizações feitas com incisão penteada, nomeadamente na organização I da autora: *“faixas de linhas impressas “penteadas” (ou incisadas) alternam com outras sem decoração”* (Idem, p. 618). Nos motivos campaniformes, encontra-se presente o estilo marítimo com algumas variações locais (*“técnica de pontilhado tenha sido substituída pelas técnicas locais de impressão “penteada” e incisão e o motivo clássico (linhas oblíquas no interior de linhas horizontais paralelas) seja predominantemente transformado (como na variante linear), em linhas horizontais paralelas”* – Idem, p. 619).

No Minho, a maioria da informação e dos materiais arqueológicos desta fase provém de sítios funerários, sendo escassos os locais de povoamento identificados. O mais conhecido e mais detalhadamente estudado é o da Sola Ila (Braga). A fase correspondente ao Bronze Inicial – ainda que do seu limite final -, datada de 1827-1673 cal a.C (Bettencourt, 2000, p. 46), encontra-se mal conservada e com numa área escavada de pequena extensão. No entanto, foi possível equacionar que se tratava de um provável local de armazenagem atendendo às características das cerâmicas, como o predomínio de formas de boa capacidade volumétrica, diâmetros médios e grandes,

---

<sup>15</sup> Datas calibradas no software online Calib 7.1.

e ainda a presença de matéria orgânica em alguns fragmentos de base (*Idem*, p. 48-49). As formas dominantes são fechadas, de tendência globular com presença de colo e bordos exvertidos, alguns com perfil em “S”, e associadas a bases planas (designadas de “potes”). Também se encontram algumas asas de secção sub-rectangular. A decoração é relativamente escassa, correspondendo a 8% do total de fragmentos, apresentando na maioria decorações plásticas (67%), incisais (25%), plásticas/impressas (5%) e incisais/impressas (3%) (*Idem*, p.51-52).

No sítio das Areias Altas (Porto), nos primeiros trabalhos arqueológicos ainda nos anos 1950, identificaram-se vasos troncocónicos, com base plana e asa lateral ou com uma linha de mamilos abaixo do bordo, além de vasos completos de perfil globular e base plana (Cortez, 1952, p. 212; 230-231). Numa intervenção recente, de tipo preventivo, foram identificadas 86 estruturas negativas, fossas, buracos de poste e ‘valados’, integráveis no II<sup>o</sup> milénio a.C., estando uma dessas estruturas datada, por radiocarbono, do Bronze Inicial (Vieira, 2014). Entre os materiais identificados, destacam-se, quanto à cerâmica, “*vasos de perfil troncocónico e fragmentos com decoração plástica (...), dois recipientes de fundo plano e perfil troncocónico, um dos quais provido de asa lateral*” (*Idem*, p. 56).

Os troncocónicos são, no norte português, bastante mais frequentes em sítios funerários, nomeadamente em cistas e em reutilizações de monumentos megalíticos, apresentando características morfológicas muito semelhantes, como a base plana, a presença de uma asa lateral e, muitas vezes, os mamilos abaixo do bordo. São os casos, por exemplo, dos dois exemplares da cista de Lomba de Coimbró (Montalegre); um da cista da Portela do Gorgulão (Boticas) (Sanches, 1980), Cista de Anha (Viana do Castelo – Silva e Marques, 1984); ou Cista do Gorgulão (Figura 19) (Montalegre – Silva, 1994). Na Beira Alta aparecem, fundamentalmente, associados a reocupações/visitações aos monumentos megalíticos, como a Orca dos Juncais (Vila Nova de Paia), Dólmen da Sobreda (Oliveira do Hospital) ou Orca do Tanque (Sátão) (Senna-Martinez *et. al.*, 1983-1984). São poucos os contextos datados com a presença de artefactos, mas os que o estão remetendo para o Bronze Inicial, podendo prolongar-se para o Bronze Médio, através das datações de sítios do Minho e da Galiza (cf. Bettencourt, 2011).

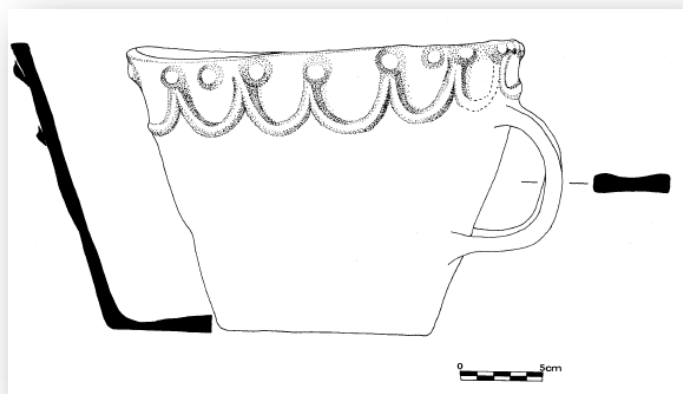


Figura 19 - Troncocónico da Cista do Gorgulão (Montalegre), seg. Silva, 1994.

Na área do Alto Douro, mais concretamente na província espanhola de Sória, tem-se vindo a identificar e caracterizar um conjunto de povoados datados do Bronze Inicial (com um intervalo situado entre 2250-1800 cal a.C. – Fernández Moreno, 2013) que exibem uma produção cerâmica com características muito próprias e definidoras de um dos grupos culturais do Bronze Inicial da bacia hidrográfica do rio Douro. Falamos do que habitualmente se designa de grupo “*Parpantique*”, alusivo a um dos sítios chave onde esta cerâmica foi localizada.

Os tipos morfológicos representados (Figura 20) são bastante distintos das formas anteriores, calcólicas, predominando formas globulares de grande capacidade volumétrica, de bordo exvertido, normalmente com alguma saturação de decorações plásticas, mas também troncocónicos (de base plana e com aplicações plásticas); formas carenadas com carenas baixas, médias e altas, algumas das quais com perfis em “S” (*Idem*). São bastante frequentes as bases planas e algumas asas de fita. Os tratamentos de superfície são genericamente bem cuidados, apresentando superfícies brilhantes, com brunimentos na casa dos 20% do total. Além do brunido também se identificam alisados simples (a maioria) e espatulados. A cozedura é oxidante e redutora, com percentagens semelhantes nas duas. O autor conseguiu ainda perceber que a maioria dos recipientes com brunimento são formas mais pequenas, de serviço de mesa e para consumo de líquidos. No entanto, o que mais se destaca é o universo

decorativo, no qual se “desarrollan motivos de profuso barroquismo” (Férrandez Moreno, 2013, p. 127); com “abundante y reiterada cerámica decorada mediante aplicaciones plásticas, aunque también se documentan otras técnicas y composiciones decorativas, si bien en menor proporción, por no decir que de forma excepcional. En todo caso, la presencia de decoraciones no es porcentualmente muy significativa, aun cuanto su protagonismo, cuando se encuentran, pueden llevar a definir, no siempre con el mismo grado de fiabilidad, adscripciones crono-culturales.” (Idem, p. 166). São muito frequentes os cordões plásticos aplicados sobre os quais se imprimem matrizes diferenciadas, como unguiações sequenciais, colocados na horizontal e na vertical ou até formando motivos em grinalda. Os lábios dos recipientes encontram-se frequentemente decorados com sequências de impressões.

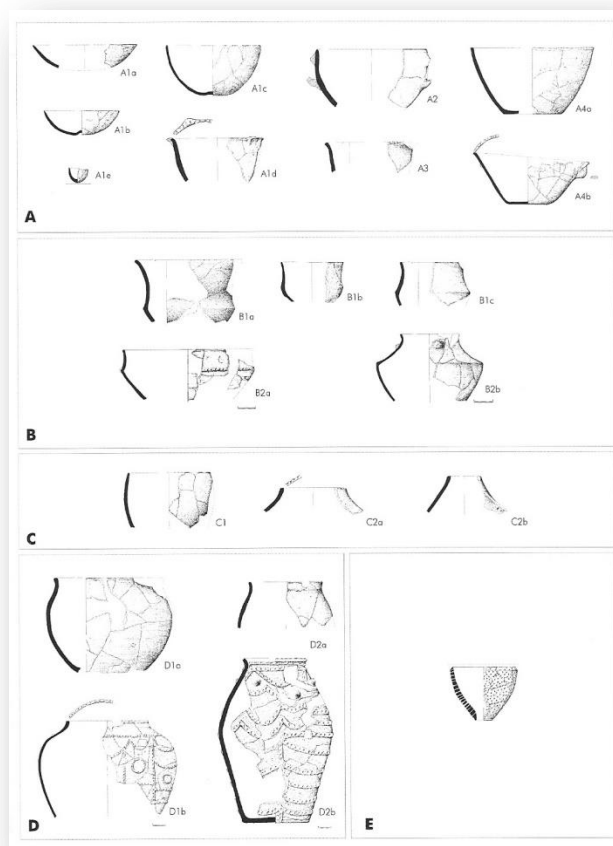
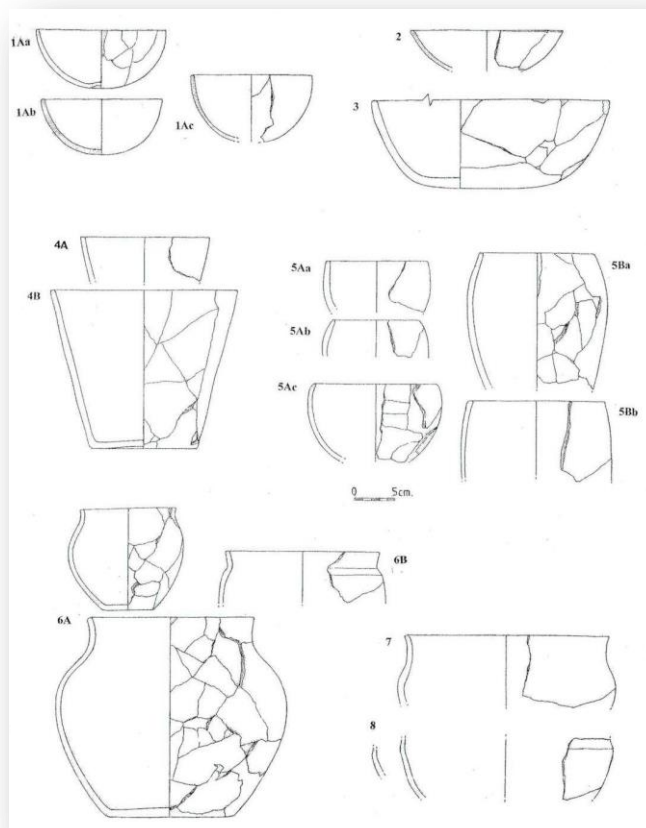


Figura 20 - Tabela de formas de El Parpantique (Soria), seg. Férrandez Moreno, 2013, p. 135.

A percentagem de decorações é relativamente alta quando comparada com os momentos anteriores na bacia do Douro, aqui com cerca de 15-20%, na qual predomina, sem sombra de dúvidas, a decoração plástica. Os elementos incisos são muito escassos.

Fora dos sítios com cerâmica “Parpantique”, coexiste na Meseta Norte cerâmica campaniforme, recuperada em contexto de habitat e funerário. Estão presentes os estilos Ciempozuelos, Liso, Marítimo e Pontilhado, mas cuja aferição cronológica e cultural é ainda difícil de determinar. De facto, os contextos nem sempre se encontram escavados ou publicados e a quantidade de datações absolutas é muito reduzida para a área territorial considerada (cerca de uma dezena apenas) (Garrido-Pena, Rojo-Guerra e García-Martínez, 2005). Dos sítios com datas, destacam-se, unicamente pelo intervalo de tempo apresentado, o enterramento de Aldeagordillo (Ávila), o espaço funerário de Fuente Olmedo (Valladolid), ou o habitat de Quintanilla de Arriba (Valladolid), apresentando todos o estilo Ciempozuelos (*Idem*, p. 425-426). O estilo Ciempozuelos parece ser o que apresenta cronologias mais recentes, coincidentes com o período do Bronze Inicial (cf. Rios, Blasco e Aliaga, 2011; Rodriguez Marcos, 2005; Fernández Moreno, 2013).

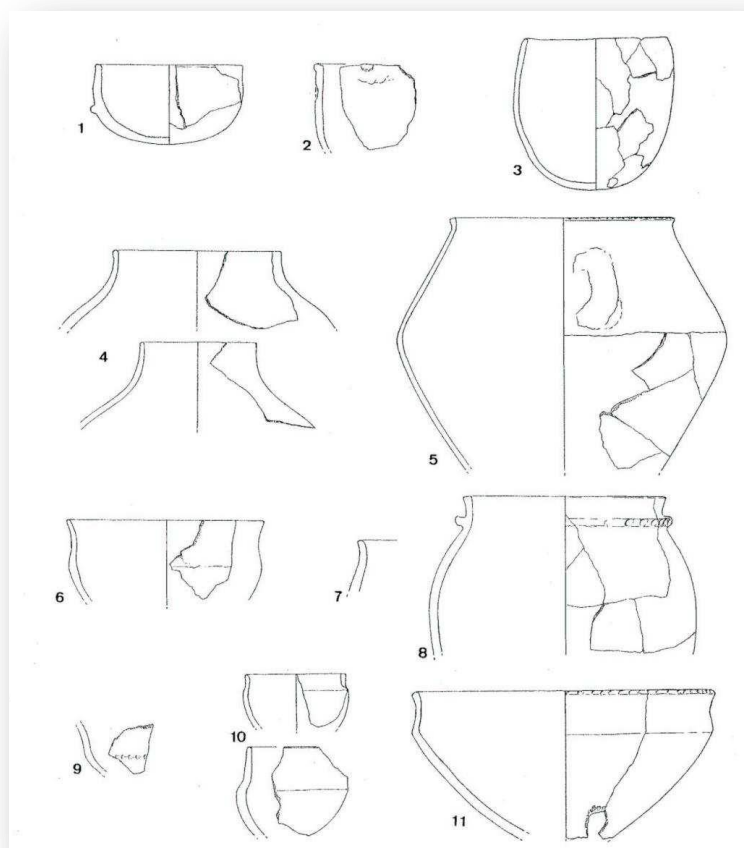
Segundo Rodriguez Marcos (2005), na zona de Valladolid, é possível distinguir, através da evidência arqueológica, um momento Calcolítico Final/Bronze Inicial, de um segundo momento designado Bronze Antigo-Pleno, ambos anteriores ao Bronze Médio Protocogotas. Neste primeiro momento, Calcolítico Final/Bronze Inicial é bastante frequente a presença de Campaniforme, sobretudo Ciempozuelos e de tipo Silos/Vaquera, bem como outras cerâmicas. As cerâmicas lisas deste momento cronológico pautam-se pela presença de formas simples, baseadas na esfera (equivalentes às nossas taças) que constituem as formas maioritárias em todos os sítios da região; de troncocónicos de base plana, que são também bastante frequentes; recipientes fechados de paredes curvas; recipientes globulares de bordo exvertido e fundo plano; formas carenadas, muito raras (Figura 21). Na mesma região, as decorações não campaniformes são pouco variadas, consistindo em sequências de impressões (maioritariamente ungulações e digitações) e decorações plásticas (cordões lisos e mamilos) (*Idem*, p.602-603).



**Figura 21 - Tabela de formas Calcólítico Final/Bronze Inicial de La Ribera del Duero, Valladolid, seg. Rodríguez Marcos, 2005, p. 589.**

No Bronze Antigo-Pleno, onde “se incluye la alcallería recuperada en aquellos enclaves comprendidos entre el fin del campaniforme y las primeras evidencias del horizonte Protocogotas” (*Idem*, p. 607), com datações situadas cerca de 1900-1700 a.C.. As formas (Figura 22) apresentam algumas modificações quanto à tabela anterior, nomeadamente sobressai uma maioria de perfis compostos, com globulares de colo vertical bem marcado; taças carenadas de bordo exvertido, quase sinuoso, e grandes recipientes carenados ou de bordo exvertido com aplicações plásticas. Uma outra característica destas formas é a presença, bastante frequente, de elementos de prensão, como mamilos e pegas com alguma diversidade morfológica e asas de rolo bastante espessas (*Idem*, p. 630-631). A presença de bases planas é recorrente. No que diz respeito às decorações, estão presentes motivos incisos, mas são pouco frequentes, consistindo em “una serie de triángulos inscritos con el vértice hacia abajo

y jalonados al exterior con flecos” (Idem, p. 633); motivos impresos como “alineaciones de impresiones realizadas con un instrumento apuntado (punzón, espátula), bien sobre el cuerpo de algunas vasijas, bien sobre sus labios. Dentro de esta modalidad podemos destacar determinadas impresiones profundas alineadas en el interior del borde y bajo el mismo” ou ainda “Presencia sobre la carena de una serie de pequeñas impresiones verticales a punta de espátula” e “alineaciones de digitaciones, tanto sobre el cuerpo como sobre el labio del recipiente” (Idem, p. 637); e, por último, motivos realizados com aplicações plásticas como cordões simples horizontais com impressões ou cordões impressos formando grinaldas, espigas ou círculos.



**Figura 22 - Tabela de Formas do Bronze Antigo-Pleno de La Ribera del Duero, Valladolid, seg. Rodríguez Marcos, 2005, p. 613.**

Na Beira Alta (bacia do Alto Mondego), o sítio da Fraga da Pena (Fornos de Algodres) assume-se como um dos casos melhor caracterizados datado de finais do IIIº

milênio/inícios do II<sup>o</sup> a.C.. A tabela de formas cerâmicas (Figura 23) apresenta tipos de longa sobrevivência, considerados de 'fundo calcolítico', como as taças, os esféricos e os globulares, que são as formas predominantes; além de algumas formas novas, como os troncocônicos (tipo 11), os *"potes fundos com ou sem asa de fundo plano ou côncavo"* (tipo 12), *"recipientes campaniformes"* (tipo 15), *"pequenos recipientes de carena baixa e colo estrangulado"* (tipo 16) e *"taças de carena média/alta"* (tipo 17) (Valera, 2007, p. 234-235). São bastante frequentes as bases planas. O campaniforme está presente em 34 recipientes, entre eles *"vasos de perfil acampanulado"* com alguns subtipos e ainda *"pequenas caçoilas de ombro"* e *"caçoilas carenadas"* (Idem, p. 235-236).

A decoração está presente em cerca de 2% do total de fragmentos e em 22% das formas identificadas, estando concentrada nas formas fechadas, destacando-se os recipientes campaniformes com forte percentagem de decoração. Nestes últimos, verifica-se alguma variedade no que diz respeito aos motivos decorativos (Figura 24 – grupo decorativo O), estando presentes *"impressões de pares de unguiações, (...) estes pares de unguiações distribuem-se de forma abrangente por todo o exterior dos vasos e de maneira aparentemente não estruturada, visando apenas preencher de forma homogênea o espaço disponível"* (Idem, p. 236), e também estilo Internacional de Bandas, o Linear e o Geométrico (Idem). Além destes motivos campaniformes, estão presentes motivos decorativos de tradição calcolítica (Figura 24– grupos decorativos A-H), com cerca de 25%, como os motivos de tendência horizontal de espinhas incisas, os triângulos preenchidos e as sequências de impressões com várias matrizes; alguns motivos elaborados por incisão penteada (Figura 24 – grupo decorativo I), cerca de 29%; e ainda o grupo das decorações plásticas, com cerca de 15% do total, recorrendo a mamilos e a cordões plásticos também eles decorados com impressões (Figura 24 – grupos decorativos L-M)(Idem, p. 236-240). Estes motivos decorativos elaborados a partir de aplicações plásticas *"que não surgem no fundo calcolítico local, aparecem exclusivamente associadas a uma morfologia, a qual é também uma inovação relativamente a essa tradição cerâmica: o tipo 12, correspondente aos grandes potes fundos"* (Idem, p. 240), o que, como vimos, também parece acontecer em Parpantique, ainda que não exclusivamente.

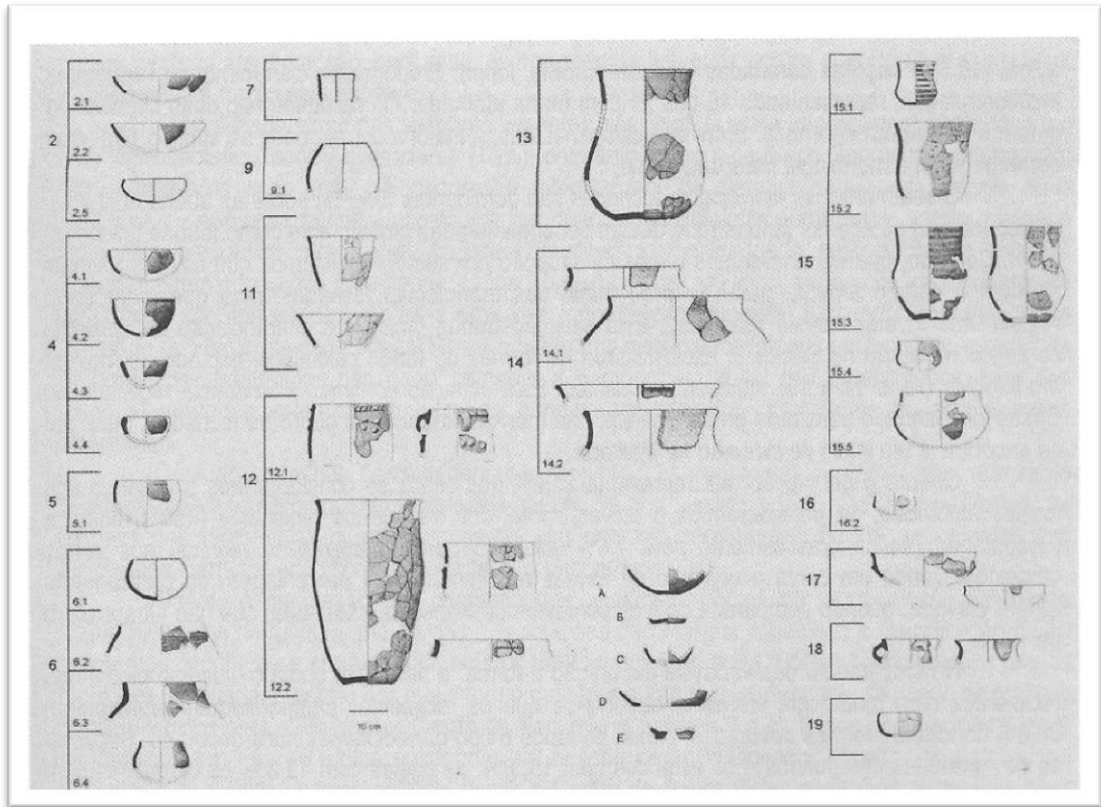
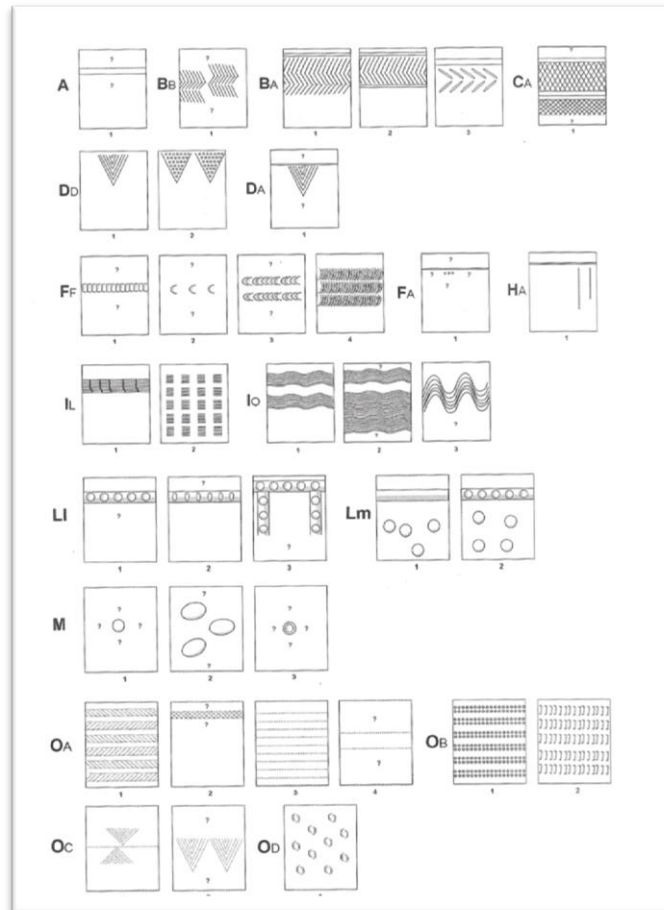


Figura 23 - Tabela de Forma da Fraga da Pena (Fornos de Algodres), seg. Valera, 2007, p. 235.



**Figura 24 - Tabela de motivos decorativos da Fraga da Pena (Fornos de Algodres), seg. Valera, 2007, p. 239.**

O povoado do Fumo (Vila Nova de Foz Côa) revela uma ocupação centrada na transição do III<sup>o</sup> para o II<sup>o</sup> milénio cal a.C., assente em estruturas habitacionais como lareiras, fossas, buracos de poste e uma outra estrutura interpretada como lixeira (Carvalho, 2004). No conjunto cerâmico, a tabela de formas apresenta, à semelhança da Fraga da Pena, uma maioria de tipos de continuidade calcolítica, como as taças e tigelas (57%), os globulares (23%) e os esféricos (5%). Como formas novas registam-se, fundamentalmente, os troncocónicos, com 6% das ocorrências (*Idem*, p. 198). Apesar de não ter sido possível reconstituir a forma, aparecem alguns fragmentos de carenas, indicando a presença de formas carenadas. Regista-se também a presença de algumas bases planas e de vários elementos de prensão como asas de rolo e vários mamilos. A decoração apresenta uma baixa percentagem, cerca de 1% apenas, ou cerca de 5% se relacionada com os recipientes identificados. Em termos de técnicas decorativas,

predomina a impressão (35%), seguida da incisão (26%) e *boquique* com 15%. Os motivos decorativos apresentam grandes continuidades com a panóplia decorativa calcolítica, estando presentes as sequências de impressões dispostas na horizontal e os triângulos incisos preenchidos com impressões ou a *boquique*. Estão também presentes algumas espigas incisas semelhantes às calcolíticas conhecidas na região, como por exemplo, no Castro de Santiago em Fornos de Algodres (Valera, 2007). Como novidade em relação ao período precedente temos aqui os já recorrentes elementos plásticos (não considerados pelo autor como decoração, mas nós a incluímos como tal), nomeadamente os cordões plásticos “segmentados por impressões e/ou puncionamentos” (Carvalho, 2004, p. 203).

Destaca-se um recipiente globular, com fragmentos de pequena dimensão, com uma decoração incisa e impressa que é considerada como sendo de tipo *Cogeces/Protocogotas*, decoração típica da Meseta Norte mas já do Bronze Médio, que também aparece, com forte expressividade, nas proximidades, no sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão. Os fragmentos apresentam decoração sobretudo no interior da peça, como é frequente neste tipo de decoração, com uma sequência de linhas cruzadas em X junto ao bordo e linhas quebradas feitas com impressões de pontos mais abaixo (Figura 25). Não deixa de ser curiosa a presença deste recipiente em contextos datados da transição do milénio (calibrados a 2sigma – 2129-1693 cal a.C.; 2135-1743 cal a.C. – *Idem*, p. 211), mas cujo intervalo das datações, chegando até bem dentro do 2º quartel do IIº milénio poderá justificar a sua presença.

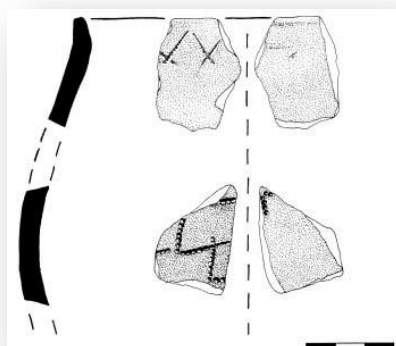


Figura 25 - Recipiente "Protocogotas" do Fumo, seg. Carvalho, 2004, p. 207.

Através desta breve incursão pelas cerâmicas do Bronze Inicial de Trás-os-Montes Ocidental, Minho, Beira Alta e Meseta Norte, podem-se tecer algumas considerações, sobretudo atendendo aos seus pontos comuns.

Em primeiro lugar, os autores tendem a ser consistentes assumindo que há uma transformação nos recipientes cerâmicos quando comparados com os de contextos calcolíticos, que se evidencia nas formas e nas decorações. No entanto, muito ainda permanece, como a presença maioritária das formas típicas calcolíticas, de perfis simples, à base da esfera e bases côncavas, que variam em termos de representatividade, mas são normalmente as dominantes (com exceção da Sola); e na manutenção de algumas técnicas e motivos decorativos, como a incisão penteada (mas agora com maiores percentagens); as bandas espinhadas, os triângulos preenchidos e as sequências de impressões.

Em todas as áreas mencionadas surgem ou aumentam de percentagem os troncocónicos. No Minho, Trás-os-Montes e na Beira Alta estes recipientes parecem associar-se mais a contextos funerários, algumas vezes como único espólio votivo documentado, talvez dada a escassez de sítios de habitat escavados. Estes recipientes são muito semelhantes entre si, sendo normalmente robustos, com bases planas, presença de uma asa lateral e uma fiada de mamilos abaixo do bordo, ou até combinando os mamilos com cordões plásticos (como no exemplar da cista de Gorgulhão). Os troncocónicos da Fraga da Pena, Fumo ou da Meseta Norte não apresentam asa lateral.

Dentro das formas dos recipientes, começam a repetir-se os globulares de grandes capacidades volumétricas, muitos com presença de colo vertical ou estrangulado ou enunciando um perfil de tendência mais sinuosa. Assim acontece na Sola, no sítios de Soria (grupo "*Parpantique*"), nos sítios da Ribera del Duero em Valladolid e na Fraga da Pena. Em todos os povoados mencionados se registam formas carenadas (com exceção das Areias Altas – pelo menos que sejam referidas na publicação consultada), sendo que na Meseta Norte, pela quantidade de sítios e de informação disponível, assiste-se a uma maior diversidade, com taças com carena

baixa, média e alta, muitas vezes associadas a bordos bem exvertidos ou que enunciam um perfil mais sinuoso (anunciando as futuras típicas taças Protocogotas e Cogotas I). sendo as taças as formas carenadas maioritárias, assiste-se também à presença de grandes vasos fechados com uma carena média.

Também em todos os contextos referidos estão presentes, e em alguns casos com bastante representatividade, as bases planas, associadas a várias formas, como os grandes recipientes de bordo exvertido, globulares, troncocónicos, campaniformes e algumas taças. Não com a mesma frequência que as bases, os elementos de preensão são igualmente referidos como estando presentes em grande parte dos sítios, nomeadamente asas, pegas e mamilos. As asas apresentam secções rectangulares (na Sola) ou circulares (“Parpantique”; “Ribera del Duero”; Fumo).

Na decoração assiste-se, por um lado, à manutenção ou ligeira transformação das técnicas e motivos típicos calcolíticos, notando-se as maiores diferenças nas percentagens que apresentam.

A incisão penteada, técnica desenvolvida em meados do III<sup>o</sup> milénio, tende a centrar-se nos contextos transmontanos ou da Beira Alta, ainda que vários sítios mesetenhos a exibam em contextos calcolíticos. Em alguns dos sítios acima mencionados verifica-se a sua associação às novidades do final do milénio, assumindo-se, em alguns casos, como maioritária nas técnicas decorativas utilizadas (Pastoria, Castelo de Aguiar, Fraga da Pena).

Mas a técnica que se assume como novidade e que ganha grande visibilidade é a plástica, consistindo na aplicação de cordões/mamilos/outros elementos plásticos sobre o recipiente de várias formas (grinaldas, semicírculos, linhas quebradas etc.), em muitos casos com impressões ou incisões sobre esses cordões, por vezes construindo decorações que conferem grande saturação ao recipiente. Isto é especialmente verdade na Meseta, com a sua maior expressão no grupo “Parpantique”. Com menos expressividade visual, mas com presença significativa nos conjuntos, as decorações plásticas das restantes áreas regionais centram-se nos cordões horizontais, com ou sem impressões, com ou sem associação a mamilos (como acontece na Fraga da Pena).

Surgem também vários bordos com o lábio decorado, com impressões, sobretudo, como se verifica na Meseta Norte.

As morfologias típicas do campaniforme (vasos de perfil em 'S' e caçoilas) estão também presentes, na Meseta Norte, na Fraga da Pena e na Pastoria. As decorações campaniformes associam-se aos estilos Bandas, Linear e Geométrico na Fraga da Pena e, sobretudo, Ciempozuelos na Meseta Norte. O campaniforme parece assim estar presente na transição do milénio acompanhando as transformações nos outros recipientes cerâmicos. Só parece ausentar-se num momento mais avançado do Bronze Inicial, pelo menos olhando para os dados da região de Valladolid.

Por último, é importante registar o caso muito sugestivo da Ribera del Duero em Valladolid, onde, graças a uma boa base de dados e ao cruzamento com os disponíveis para outras sub-regiões, foi possível estabelecer uma cronologia mais fina para o período lato dos finais do III<sup>o</sup>/inícios do II<sup>o</sup> milénios, pelo menos tendo reduzido o período de indefinição de periodização para, genericamente, os dois últimos séculos do III milénio, e conseguindo caracterizar um Bronze Inicial com personalidade própria anterior ao Bronze Médio, de que também se distingue.

Com esta síntese pretendemos lançar algumas bases de trabalho para uma futura caracterização do Bronze Inicial em Trás-os-Montes Oriental. Associado a este período apenas dispomos de alguns artefactos metálicos, de que as alabardas são os exemplos mais famosos e importantes, e poucos sítios funerários, sendo que apenas um apresenta uma escavação moderna e com datação absoluta. Assim, praticamente todo o trabalho de campo se encontra por realizar. Por outro lado, esta sistematização poderá ser uma base de trabalho para revisão de prospecções e escavações já efectuadas mas que carecem de um estudo aprofundado.

Em termos gerais podemos começar a 'procurar' o Bronze Inicial através de cerâmicas robustas e/ou de grande capacidade volumétrica, com bordos exvertidos, formas carenadas, bases planas e elementos de preensão. A expressividade da decoração plástica, com cordões decorados com ungulações, digitações ou outras impressões, mais ou menos expressivas, pode constituir um primeiro indicador. Já a decoração por incisão penteada e os recipientes e motivos campaniformes terão que

ser enquadradas na restante panóplia cerâmica e relacionada, caso a caso, com datações e a evidência já disponível.

## 6. O BRONZE MÉDIO

### 6.1 Estado da Arte – o Bronze Médio em Trás-os-Montes Oriental

A quantidade de sítios identificados na área em estudo, que se integrem no Bronze Médio, é muito baixa. Olhando para a base de dados nacional de sítios arqueológicos (*Endovélico*) e para as publicações disponíveis poderemos considerar 9 sítios distribuídos por 10 concelhos, como se verifica no gráfico abaixo. Esta distribuição reflecte, em primeiro lugar, o estado incipiente da investigação em Idade do Bronze neste espaço territorial, decorrente do baixo investimento em programas especificamente direccionados para a investigação aliado à baixa expressividade de grandes obras públicas ou privadas que potenciem a identificação de novos sítios. Por outro lado, deverá igualmente transmitir a falta de visibilidade arqueológica dos sítios do Bronze Médio, assentes em estruturas maioritariamente perecíveis e/ou negativas, ou ainda localizados em sítios pouco apetecíveis para construções contemporâneas, como o topo dos cabeços. Pode ainda resultar da tendência para a atribuição cronológica de Idade do Ferro a todos os povoados fortificados identificados em campanhas de prospecção, já que nesta região a presença de cerâmica manual mantém-se significativa neste período. Além de que estes sítios fortificados estão normalmente pouco acessíveis e com bastante vegetação dificultando o acesso e a visibilidade do terreno, sendo por isso classificados apenas de acordo com as estruturas pétreas visíveis.

Os concelhos com mais sítios arqueológicos potencialmente deste período são Macedo de Cavaleiros e Bragança. Com uma ocorrência estão Vinhais, Mogadouro, Alfândega da Fé e Vimioso (Gráfico 68; Tabela 7).



Gráfico 68 - Distribuição de sítios do Bronze Médio por concelho

Sítio	CNS	Freguesia	Concelho	Tipo sítio	Prospecção	Escavação	Ref. Bibliográfica
<b>Muradal</b>	17351	Vale das Fontes	Vinhais	Povoado Fortificado	Sim	Não	Alves,1934; Neto,1975; Redentor,2003; Lemos,1993; Maciel,1993
<b>Cativelo</b>	17465	Milhão	Bragança	Povoado Fortificado	Sim	Não	Sem
<b>Quinta de S. Lourenço 2</b>	Por atribuir	Samil	Bragança	Sítio de fossas	Sim	Sim	Ramos, 2010
<b>Espondra</b>	17359	Morais	M. Cavaleiros	Povoado Fortificado	Sim	Não	Mendes, 2008
<b>Fraga dos Corvos</b>	6650	Vilar do Monte	M. Cavaleiros	Povoado	Sim	Sim	Várias, ver este volume.
<b>Mamoa de Santo Ambrósio</b>	17285	Vale da Porca	M. Cavaleiros	Necrópole (reutilização)	Sim	Sim	Várias, ver este volume.
<b>Terraço da Foz do Medal</b>	Por atribuir	Meirinhos	Mogadouro	Necrópole	Sim	Sim	Gaspar et al, 2014b
<b>Cabeço do Murado</b>	1975	Vilares de Vilariça	Alfândega da Fé	Povoado Fortificado	Sim	Não	Sem
<b>Castelo de Algoso</b>	676	Algoso	Vimioso	Povoado	Sim	Sim	Marcos, 1993; Sanches, 1997; Sanches, 1992, etc.

Tabela 7 - Sítios de ocupação do Bronze Médio

No entanto, mesmo estes 9 sítios não estão isentos de problemas e lacunas. Temos, por um lado, sítios identificados através de prospecção e com apenas propostas de cronologia genéricas baseadas nos materiais de superfície. É o caso de Muradal em Vinhais, Cativelo em Bragança, Espondra em Macedo de Cavaleiros e Cabeço do Murado em Alfândega da Fé; ou seja, praticamente metade dos sítios considerados. Os materiais de superfície não se encontram publicados ou descritos no Endovélico, são apenas integrados na Idade do Bronze por se tratar de cerâmica manual e pelo conhecimento dos prospectores. Acrescenta-se o facto de a indicação cronológica ser a Idade do Bronze em geral e não especificamente o Bronze Médio, o que torna estas classificações ainda mais precárias, pelo menos para o tema que nos ocupa.

Quanto aos sítios escavados, a quantidade e qualidade de informação disponível é muito diversificada.

Relativamente à **Quinta de São Lourenço 2**, a informação disponível já foi descrita no capítulo do Bronze Inicial. À falta de um indicador cronológico mais específico, este sítio pode enquadrar-se em qualquer um dos períodos ou até no Bronze Final.

O povoado da **Fraga dos Corvos** é, neste momento, o sítio com maior quantidade de informação disponível para esta área territorial. Apesar de inicialmente considerado como um povoado fortificado da Idade do Ferro, logo após as primeiras campanhas de intervenção se verificou que o sítio teve dois grandes momentos de ocupação, do Bronze Médio e do Bronze Final/inícios da Idade do Ferro e que a “fortificação” identificada não passa de uma muralha em talude construída, provavelmente, ainda no Bronze Final, atendendo a uma fíbula de tipologia antiga encontrada na sua base. A ocupação do Bronze Médio da Fraga dos Corvos é um dos pontos-chave deste trabalho, pelo que deixaremos todas as outras considerações para o respectivo subcapítulo.

A **Mamoia de Santo Ambrósio**, em Macedo de Cavaleiros, é, tal como o nome indica, um monumento megalítico e, portanto, encontra-se desenquadrado deste capítulo. No entanto, um conjunto de materiais cerâmicos recolhidos nos níveis

superiores da mamoa são claramente de cronologia posterior, da Idade do Bronze, e serão alvo de análise neste trabalho, pelo que, à semelhança da Fraga dos Corvos, remetemos para o seu subcapítulo.

O único sítio claramente de utilização funerária é o **Terraço da Foz do Medal** em Mogadouro, identificado no âmbito do *Planeamento de Salvaguarda do Património do Empreendimento do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor*, e escavado entre 2011 e 2013 (Gaspar *et al*, 2014). Este sítio pertence hoje à freguesia de Meirinhos, no concelho de Mogadouro, e implanta-se numa plataforma aplanada junto às ribeiras de Pedra de Asma e do Medal, a cerca de 166m de altitude (*Idem*, p. 59), configurando o primeiro sítio do Bronze Médio conhecido na região com uma ocupação de fundo de vale, junto a bons recursos naturais (*Idem*, p. 69). O sítio é composto por várias estruturas negativas, entre elas 69 fossas, algumas das quais serviram para enterramentos; e 6 lareiras estruturadas em covacho com preenchimento de termoclastos. As fossas exibem plantas circulares ou ovais com perfis cilíndricos e troncocónicos (*Idem*, p. 62). Recolheram-se materiais arqueológicos sobretudo nos “depósitos coluvionares que cobrem as estruturas negativas. Trata-se de um conjunto de 171 fragmentos de recipientes cerâmicos, sendo que apenas 32 fragmentos foram recolhidos nos depósitos de enchimento das fossas” (*Idem*, p. 62), normalmente em mau estado de conservação. Alguns dos fragmentos encontram-se decorados, identificando-se três técnicas decorativas, incisão, que predomina, impressão e excisão, cm motivos estruturados em bandas, incluindo triângulos, espigas e cordões plásticos. (*Idem*). Segundo os autores estão presentes motivos do estilo Protocogotas e Cogotas I (*Idem*), portanto, indiciando uma ocupação do Bronze Médio e outra do Bronze Final.

Os enterramentos são no total 5 distribuídos por 4 fossas e apresentam “um excelente estado de conservação”, consistindo em inumações primárias (*Idem*, p. 63). Destes 5 enterramentos apenas um se encontra datado por radiocarbono tendo revelado uma data consentânea com o Bronze Médio ( $3385\pm 35BP$ , 1768-1610 cal BC, a 2 sigmas). Trata-se de uma mulher colocada em decúbito lateral esquerdo, com uma estatura de cerca de 1,55 – 1,58m. Estima-se que a idade da morte se situe entre os 30 e os 40 anos (*Idem*); não tinha espólio associado.

Nos restantes enterramentos identificaram-se: um indivíduo subadulto de cerca de 8-9 anos; um casal na mesma fossa, tendo cada um cerca de 21-30 anos; e um indivíduo adulto que não permitiu a identificação do sexo nem da idade à morte. Nenhum deles continha espólio.

Estes enterramentos configuram, também, um novo tipo de prática funerária em Trás-os-Montes, além das reutilizações de monumentos megalíticos, as cistas e os abrigos em grutas naturais (*Idem*, p. 69).

O **Castelo de Algosó**, como vimos, apresenta dois níveis de ocupação pré-histórica. Se a ocupação calcolítica parece mais sedimentada, quanto à aferição cronológica, atendendo aos poucos materiais referidos no relatório, o mesmo não acontece quanto aos níveis da Idade do Bronze, como afirmámos no capítulo do Bronze Inicial. Não temos nenhum dado concreto que nos indique se o actual castelo terá tido uma ocupação no Bronze Médio. Só o estudo dos materiais na sua totalidade o poderá indicar.

Local do Achado	CNS	Freguesia	Concelho	Material	Ref. Bibliográfica
<b>Pontão de Estevais</b>	19498	Castelo Branco	Mogadouro	Dois vasos carenados	Lemos, 1993; Lopo, 1987
<b>Freixo Espada Cinta</b>	2960	Freixo Espada Cinta	de Freixo Espada à Cinta	Não referido	Sem
<b>Penas Róias</b>	Sem	Penas Róias	Mogadouro	Molde de machado Bujões	Inédito

**Tabela 8 - Achados Isolados do Bronze Médio**

Existem ainda três achados isolados (Tabela 8) depositados em museus (Museu Abade de Baçal; Museu Nacional de Arqueologia e Sala-Museu de Mogadouro) que se poderão integrar, genericamente, na Idade do Bronze. São eles, dois vasos carenados provenientes de Pontão de Estevais em Mogadouro; artefactos, sem descrição no

Endovélico, provenientes de Freixo de Espada à-Cinta; e ainda um molde de machados encontrado em Penas Róias, Mogadouro.

Este molde de **Penas Róias** é elaborado em granito, com cerca de 26X20cm, com apenas uma face utilizada e parece ter sido usado para a elaboração de machados de tipo Bujões, atendendo à abertura do gume, assemelhando-se a outros machados já conhecidos e estudados (Senna-Martinez *et al*, 2013). Recentemente foi descoberto, dentro de uma estrutura negativa de tipo fossa escavada no substrato geológico, outro molde para este tipo de machados, mas em xisto, no sítio da Cimalha, em Felgueiras (Arezes, 2006, *apud* Vieira, 2014, p. 59).

Outros machados planos em cobre referidos nos capítulos 5 e 6 poderão, eventualmente, ser deste período, mas, sem contexto, nada mais se pode dizer.

O Bronze Médio é, nesta área regional, mal conhecido, estando representado, substancialmente, em apenas dois sítios arqueológicos, a Fraga dos Corvos e o Terraço do Medal. É, assim, uma base documental muito escassa para uma área territorial tão vasta, que urge conhecer. Por esta razão, não têm sido feitas grandes propostas interpretativas, tendo-se usado os poucos dados disponíveis em enquadramentos mais gerais do norte de Portugal.

Não sendo este o espaço para discutir os dados da Fraga dos Corvos, o sítio com mais quantidade de informação, seguem-se duas notas genéricas para o já conhecido. Em primeiro lugar, as estratégias de ocupação do espaço falam-nos de dois objectivos distintos. A Fraga dos Corvos e, a confirmar-se, os restantes povoados de altura, caracterizam uma escolha deliberada para a ocupação de cabeços destacados na paisagem, com um raio de visão amplo, que poderá ter funções de controlo e apropriação da paisagem envolvente e, certamente, dos recursos circundantes como terrenos férteis, jazidas de minério, ribeiros e rios, etc. No caso da Fraga dos Corvos, a sua implantação permite boa visibilidade para as áreas preferenciais e tradicionais de entrada e saída da bacia de Macedo de Cavaleiros. Por outro lado, o Terraço do Medal

enuncia a ocupação de um leito de rio, a cotas baixas, zona de vale, sem evidências, pelo menos por agora, de uma preocupação com a defesa ou o controlo territorial.

No que respeita ao ritual da morte apenas contamos com duas situações, uma reutilização de um monumento megalítico, a Mamoia de Santo Ambrósio, e o enterramento em fossa do Terraço do Medal. No primeiro caso, não temos evidências que a reutilização da Idade do Bronze seja, em primeiro lugar, efectivamente do Bronze Médio e em segundo, que se trate de um enterramento ou simplesmente de deposições de artefactos com um significado ritual de relação com antepassados. No caso do Terraço do Medal, conhecemos, tal como já verificado no Bronze Inicial (no Terraço das Laranjeiras), um tipo de enterramento novo no território, a deposição dos cadáveres em fossas escavadas no substrato rochoso enquadradas por uma vasta área de outras estruturas negativas que são, muitas vezes, difíceis de classificar relativamente à sua função.

## 6.2 Os sítios considerados

### 6.2.1 Fraga dos Corvos

#### 6.2.1.1 Localização

O sítio arqueológico da Fraga dos Corvos localiza-se na freguesia de Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros. Está implantado num cabeço destacado da Serra de Bornes, virado a noroeste, possuindo assim um bom domínio visual sobre a paisagem e, nomeadamente, sobre a bacia de Macedo de Cavaleiros e suas principais entradas e saídas.

Tem como coordenadas 99 122,194 Longitude e 203 403,721 Latitude Gauss, a 870,856m de altitude e situa-se na folha 78 da Carta Militar de Portugal 1:25000 (Figuras 26 e 27).

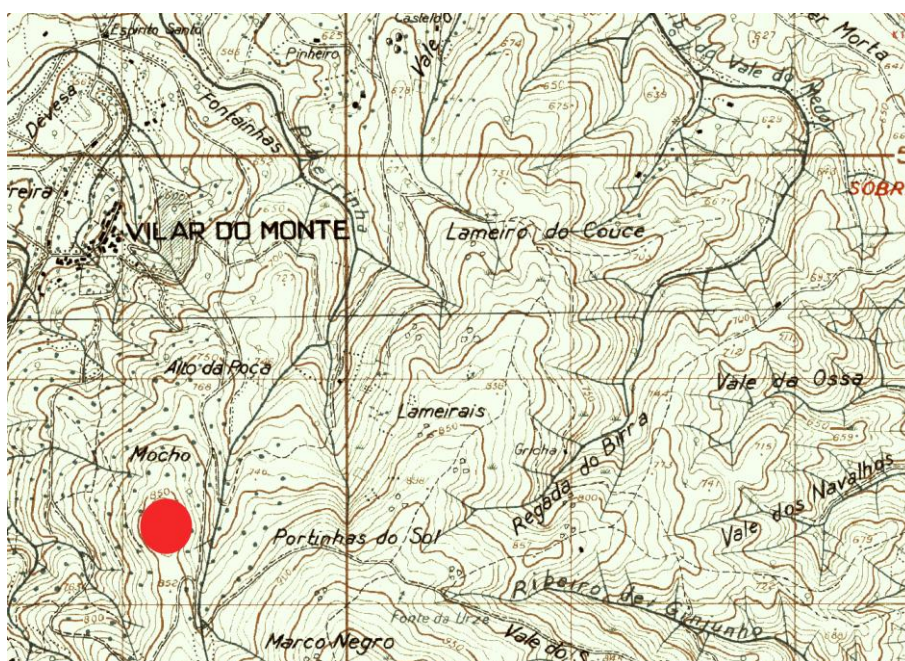


Figura 26 - Localização da Fraga dos Corvos na C.M.P. 1:25000.



**Figura 27 - Vista aérea do cabeço da Fraga dos Corvos. Fotografia de Nuno Escudeiro.**

#### **6.2.1.2 História das investigações**

A Fraga dos Corvos estava referenciada na base de dados nacional de sítios arqueológicos (Endovélico) como um povoado fortificado da Idade do Ferro pela presença de uma muralha em talude que rodeia o sítio e que foi, em parte, destruída, no final da década de 1950, aquando do projecto de florestação e abertura do respectivo estradão florestal.

No ano de 2003, ano de intensos incêndios florestais, o então proprietário do terreno efectuou uma limpeza e desmatção desta área trazendo à superfície vários materiais arqueológicos. Esta situação foi detectada pelo Presidente da Direcção da Associação Terras Quentes, Mestre Carlos Mendes, que imediatamente interveio. Nesse mesmo ano se iniciaram os trabalhos de investigação, tendo sido prolongados por mais de uma década, trazendo ao debate científico novos dados fundamentais para caracterizar a Idade do Bronze no nordeste do território actualmente português. O sítio adquiriu relevância de tal ordem que justificou a compra do terreno por parte da Associação Terras Quentes em 2014.

De início foram abertas 3 sondagens arqueológicas de forma a avaliar o potencial informativo do sítio e a sequência estratigráfica conservada.

A *sondagem 1* foi escavada em 2003 numa área de 4m<sup>2</sup>. Como se localiza numa área junto aos afloramentos rochosos, existia pouca potência estratigráfica conservada, não tendo sido identificadas estruturas conservadas, apenas alguns fragmentos de cerâmica (Senna-Martinez, Ventura e Carvalho, 2005, p. 63).

A *sondagem 2* foi a área que mais resultados apresentou e a que tinha uma estratigrafia melhor conservada. Foi escavada consecutivamente entre 2003 e 2013, ou seja, 11 campanhas, sempre cerca de 2 ou 3 semanas cada verão. Apenas em 2011 se realizou uma campanha de 2 meses. Os trabalhos iniciaram-se com 6m<sup>2</sup> de área, sendo esta progressivamente alargada até atingir um máximo de 101m<sup>2</sup>. Só a partir da campanha de 2009 tivemos responsabilidades de co-direcção nesta sondagem, juntamente com o director inicial, João Senna-Martinez. Os resultados de todas as campanhas de escavação foram publicados nos Cadernos Terras Quentes – Senna-Martinez, Ventura e Carvalho, 2004, 2005; Senna-Martinez et al., 2006; Senna-Martinez, Ventura e Carvalho, 2007; Senna-Martinez e Luís, 2009, 2010, 2011; Luís, Reprezas e Senna-Martinez, 2012; Reprezas, Senna-Martinez e Luís, 2013. Várias outras publicações e trabalhos académicos foram feitos tendo em conta os dados provenientes desta sondagem, incluindo estudos específicos sobre a actividade metalúrgica, sobre os conjuntos de materiais arqueológicos (cerâmica e líticos) e ainda outras publicações mais gerais que referem dados concretos deste sítio, que oportunamente se citarão.

A estratigrafia e os materiais aqui apresentados foram recolhidos entre as campanhas de 2003 e 2011, visto que nas duas últimas apenas se escavou a área mais a norte com vestígios do Bronze Final. Uma parte significativa dos materiais cerâmicos – os recuperados entre 2003 e 2008 – já foi apresentada em trabalhos anteriores elaborados por nós próprios, nomeadamente numa tese de mestrado (Luís, 2010) e outros artigos (Luís, 2013a, 2013c, 2014a). Neste espaço apresentar-se-á a síntese final de todos os artefactos cerâmicos desta sondagem, ou seja, os já publicados associados aos materiais recolhidos nas restantes campanhas (2009 a 2011). Muitos dos resultados já publicados são agora revistos uma vez que, com o alargamento anual da própria sondagem, foram recolhidos mais materiais pertencentes às unidades estratigráficas e ao faseamento anteriormente conhecido.

A *sondagem 3* foi escavada entre 2003 e 2006, em 4 campanhas decorridas nos verões destes 4 anos. Na primeira campanha foram abertos 9m<sup>2</sup>, com uma quadrícula definida pelos quadrados UVX2'/4'; na segunda a sondagem foi alargada para 30m<sup>2</sup>, juntando-se os quadrados TUVX4'/5. No último ano de intervenções nesta sondagem, fez-se novo alargamento para 36m<sup>2</sup>, abarcando novos quadrados – SR/1-3. As intervenções nesta sondagem foram dirigidas por J. C. Senna-Martinez e foram publicadas, uma a uma, nos Cadernos Terras Quentes (Senna-Martinez, Ventura e Carvalho, 2004; 2005; 2006 e 2007). Outras publicações foram elaboradas sobre estas realidades, nomeadamente no que respeita às evidências relacionadas com a metalurgia e que, a seu tempo, serão referidas.

Os materiais cerâmicos desta sondagem foram estudados em trabalhos de alunos de licenciatura em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a saber, Raquel Henriques, Vanda Pinheiro, Patrícia Santos e Débora Bettencourt. Os dados aqui apresentados resultam de uma revisão exaustiva desses trabalhos e de uma compilação final segundo os nossos próprios critérios apresentados anteriormente.

### **6.2.1.3 Estratigrafia e estruturas**

#### **6.2.1.3.1 Sondagem 2**

A Sondagem 2 apresenta uma estratigrafia complexa com vários níveis arqueológicos, que nem sempre foram fáceis de compreender. Em primeiro lugar as próprias características do sedimento do cabeço, sobretudo nos níveis superiores, são muito semelhantes entre si, dificultando a identificação das camadas estratigráficas. As diferenças entre elas traduziam-se em pequenas nuances de coloração ou compactação que nem sempre eram visíveis imediatamente, sobretudo atendendo às mudanças de luminosidade e humidade. Muitas vezes a definição da interface que separa duas camadas era identificada pela presença das estruturas negativas mais comuns nestes níveis, os buracos de poste.

Mas, para nós, mais problemático foi compreender a relação entre a ocupação efectiva dos “pisos de habitat” identificados e os materiais arqueológicos, pelo menos da forma inicialmente proposta. Se tínhamos apenas estruturas domésticas de tipo “cabana” como é que os materiais identificados nas camadas que eram cortadas pelos buracos de poste dessas mesmas cabanas correspondiam à fase de utilização da “cabana”? Infiltravam-se? Tantos? E foi uma questão não pensada e não resolvida no nosso trabalho anterior sobre a sondagem 2 da Fraga dos Corvos (Luís, 2010). A única forma de fazer sentido era, simplesmente, que os materiais não correspondem à mesma fase de utilização da cabana. Seriam sempre anteriores e já se encontrariam no estrato aquando da sua utilização como “piso” de ocupação.

Passemos à descrição de cada um dos níveis arqueológicos para que a questão se torne mais clara.

*Nível 1.* Este é o nível mais recente, logo abaixo da camada humosa de superfície (U. E. [0]), materializado na U.E. [109=278]. Esta é uma camada muito extensa, que ocupa quase a totalidade da área aberta. Encontrava-se mal conservada, pois a sua espessura média oscila entre os 3 e os 8 cm. É composta por terras relativamente compactas castanho-amareladas escuras, com algumas raízes pequenas, pequenas pedras de xisto e quartzo e com abundância de materiais arqueológicos. Este nível é cortado por vários buracos de poste que configuram as seguintes estruturas de tipo “cabana”, 3, 7, 8, 9, 10, 12, 16 e 17 (Anexos – Figura 54).

Entre o nível 1 e o 2 encontra-se um outro conjunto de estruturas definidas pelos buracos de poste que cortam o nível 2, as “cabanas” 11, 13, 18 e 19.

*Nível 2.* Este nível é formado essencialmente pela camada [151=280], também esta muito extensa, ocupando praticamente toda a área escavada. Esta encontra-se melhor preservada que a anterior, e com uma espessura situada entre os 5 e os 15 cm. É composta por terras castanho escuras, com algumas pequenas raízes e pequenas pedras de origem local (xisto e quartzo) e bastantes materiais arqueológicos (Anexos – Figura 56).

Entre os níveis 2 e 3 encontram-se apenas alguns buracos de poste que dificilmente se relacionam entre si e uma fossa não muito funda, U.E. [579/575].

*Nível 3.* Abaixo da U.E. [151=280] encontra-se a U.E. [287], que foi de difícil detecção devido às suas semelhanças com a unidade acima já referida, e que apenas se encontra na área oeste da sondagem, que é exactamente a zona com maior potência estratigráfica do sítio. Trata-se de uma camada composta por terras castanho-amareladas escuras e compactas, com alguns materiais arqueológicos (Anexos – Figura 59).

Entre os níveis 2, 3 e o nível 4 (recorde-se que a U.E. [287] apenas existe numa parte da sondagem), portanto cortando este último, definiram-se outros conjuntos de buracos de poste, formando as “cabanas” 5 e 14.

*Nível 4.* Este nível é composto por uma outra camada muito extensa em área, ocupando praticamente toda a sondagem, mas muito irregular em termos de espessura e estado de conservação, U.E. [152]. Em algumas partes apenas consistia numa película de terras acima da desagregação natural do afloramento xistoso, noutras tornava-se um pouco mais espessa e compacta, sobretudo no lado oeste da sondagem. É composta por terras castanho escuras argilosas e apresentava bastantes pedras e raízes (que aproveitavam as reentrâncias do afloramento para se desenvolver) e abundantes materiais arqueológicos (Anexos – Figura 61).

*Nível 5.* A U. E. [467] compõe este nível de ocupação, associada fundamentalmente a duas estruturas. Trata-se de uma camada muito compacta e dura de terras castanho claras, de tendência horizontal, apenas presente na área mais a oeste da sondagem, com cerca de 10m<sup>2</sup>, pelo que pensamos que grande parte deverá ter sido destruída posteriormente. No quadrado J9 encontra-se uma fossa ovalada na qual se encontrava um dormente inteiro. Um pouco mais abaixo encontra-se a lareira melhor conservada do sítio arqueológico, U.E. [437]. Esta lareira estrutura-se no afloramento rochoso, aproveitando a saliência de blocos pétreos de maiores dimensões, junto dos quais se colocaram outros blocos pétreos mais pequenos. No centro interior ainda se encontrava preservada uma chapa de argila cozida, rubefacta, aplanada. No total, a lareira tem 80cm no sentido oeste-este e cerca de 60cm no

sentido norte-sul. Depois de registada, a camada de argila cozida foi consolidada com uma solução de paralóide e gaze para sua conservação e está, neste momento, coberta com geotêxtil e terras de crivo aguardando a sua remoção para musealização (Anexos – Figura 65).

*Nível 6.* Este constitui o nível de ocupação melhor preservado e com uma natureza distinta das anteriores. É a única ocupação que evidencia um planeamento e uma preparação prévia além do simples alisamento do terreno e o único momento em que a pedra é utilizada para a construção de estruturas, pelo menos que se tenham conservado. Aqui foi possível verificar que o substrato rochoso desagregado, U.E. [582], foi limpo e eventualmente raspado para fazer uma superfície mais lisa e uniforme. De seguida, foi preparado uma camada de terra muito compacta e lisa, um “piso”, U.E. [627], muito mal conservada na área Norte, na qual se encontram várias estruturas. Do lado oeste, e para separação de uma zona natural de escorrência de águas e da superfície habitada foi construída uma estrutura pétreia de tipo “murete”, U.E. [624], que se encontra mal preservado. Este é composto por blocos de pedra de pequena e média dimensão, não aparelhada, empilhada de forma pouco estruturada e com os espaços entre pedra preenchidos por terra. Mais para Este, encontra-se uma lareira, U.E. [486/648], composta por blocos pétreos de pequena dimensão, maioritariamente em xisto e alguns em quartzo, alguns dos quais evidenciam fracturas térmicas, e por pequenos nódulos de argila cozida e de carvão. Ao seu lado, virada a Norte, encontra-se uma fossa preenchida com terras muito escuras e soltas, U.E. [655/656], interpretada como uma fossa para colocar os detritos da lareira. Além destas estruturas regista-se a presença de dois buracos de poste estruturados com pedra, U.E. [675/676/682] e [673/674/681], bastante diferentes dos encontrados nos níveis superiores. De facto, estes são construídos de forma mais robusta, pois colocaram-se pedras em cutelo a forrar todo o diâmetro do buraco, fornecendo assim maior suporte para o poste. As terras no interior dos buracos são de natureza completamente distinta da camada circundante, apresentando-se com tonalidades negras, bastante soltas e orgânicas (Anexos – Figura 67).

Abaixo deste nível encontrava-se o afloramento rochoso que, como se disse, estava artificialmente raspado exactamente na área correspondente à da U.E. [627].

Nas áreas restantes, normalmente abaixo da U.E. [152], o afloramento mostrava uma superfície irregular com abundantes lascas salientes ou soltas como é habitual nos substratos xistosos, que por vezes, contêm materiais arqueológicos cravados.

Estamos, portanto, perante uma primeira fase de ocupação (*nível 6*) com características completamente distintas das subsequentes. Aqui temos uma preparação prévia do terreno para implantação e ainda uma estruturação de uma área doméstica bem definida – murete, lareira, fossa, buracos de poste robustos – enunciando técnicas construtivas que misturam alguma pedra não afeiçoada com materiais perecíveis. Nas ocupações seguintes encontramos somente estruturas feitas com materiais totalmente perecíveis, apenas deixando no registo os negativos dos buracos de poste e algum barro de revestimento muito fragmentado. A própria distribuição dos materiais arqueológicos resulta destas dinâmicas de reocupações sucessivas do espaço tornando difícil seleccionar com segurança os materiais que se encontram associados a uma determinada fase construtiva. Os materiais provenientes das unidades estratigráficas do nível 6, como veremos, são mais escassos e encontravam-se concentrados na parte superior da camada (a superfície de utilização) ou então imbricados nas estruturas identificadas (lareira e fossa de detritos, sobretudo), reforçando a caracterização deste nível como a primeira fase de ocupação – além de, claro, estar imediatamente acima do geológico. Nas fases seguintes é que a atribuição se torna problemática.

A camada que compõe o nível 5, U.E. [467], resulta pelo menos de um alisamento e compactação antrópicas mas, no seu interior, e presumindo que se terá feito o alisamento de terras decorrentes do abandono do nível 6, terá materiais desse mesmo nível 6 e, talvez, alguns já decorrentes da utilização da [467] como superfície de utilização. E assim sucessivamente para nos níveis superiores.

Portanto os materiais analisados em cada nível deverão corresponder ao abandono da fase anterior, presumindo que de cada vez que se fazem construções novas se nivela o terreno, o que também poderá justificar algumas colagens de materiais cerâmicos provenientes de diferentes níveis.

Assim, e em termos metodológicos, parece-nos mais correcto falar de níveis arqueológicos e não de fases de ocupação, sendo que aqui teriam sentidos diferentes. Os níveis correspondem às camadas estratigráficas materializando momentos de abandono – o que efectivamente constitui o registo arqueológico identificado - e as fases correspondem ao momento de utilização das estruturas construídas.

Atendendo aos resultados da análise cerâmica efectuada por nós em trabalho anterior (Luís, 2010), não se registaram diferenças significativas nos materiais cerâmicos entre as diferentes camadas/níveis estudados, pelo que os hiatos entre ocupação-abandono-ocupação não deverão ter sido muito longos.

#### **6.2.1.3.2 Sondagem 3**

Neste espaço foram identificadas algumas das estruturas e evidências arqueológicas mais estimulantes da ocupação do Bronze Médio deste sítio arqueológico. Aqui se concentra a maior parte das evidências relacionadas com a actividade metalúrgica, tais como estruturas e artefactos, que serão sintetizados adiante.

Toda a sondagem estava encimada por uma camada espessa (ca. de 10-20cm) de manta morta, composta por terras soltas castanho avermelhado escuro – a U.E. [0]. Abaixo desta encontrava-se uma nova unidade estratigráfica, extensa (ocupa mais de metade da sondagem) cuja superfície comporá o nível de ocupação, já que esta é cortada por uma série de estruturas negativas que configuram espaços de habitação/ocupação. Esta camada começa a perder espessura nas filas 1 e 2 revelando outra unidade estratigráfica inferior, U.E. [110]. Os autores afirmam que esta situação se deve a uma forte erosão da U.E. [2] que a torna inexistente na área mais a norte, justamente a que se encontra na zona com maior declive. Assim sendo, as estruturas que cortam a U.E. [110] teriam sido abertas no topo da U.E. [2], portanto contemporâneas e relacionáveis com as identificadas na área onde esta unidade se encontrava ainda preservada (Anexos – Figura 69).

As estruturas negativas registadas são, sobretudo, buracos de poste que, pela sua disposição e formato, foram agrupadas em 3 estruturas distintas: Cabana 2; Cabana 4 e “Cabana”/Alpendre 6. Esta última estrutura é composta por apenas 4 buracos de poste, dispostos numa espécie de trapézio à frente da Cabana 4, formando o que foi interpretado como um alpendre da cabana 4.

No que corresponderia ao espaço interno da Cabana 4 encontrava-se uma grande estrutura elipsoidal com 88x77cm e 14cm de profundidade. É composta por uma fossa, U.E. [57], limitada por “*um círculo incompleto de pedras de pequenas dimensões*” (Senna-Martinez, Ventura e Carvalho, 2005, p. 67) preenchida por terras arenosas, U.E. [58]. Por estar associada a vestígios de metal foi interpretada como sendo uma “*área de fundição*” (*Idem*; Senna-Martinez, 2007a, 2007b). Esta “*caixa de areia*” foi consolidada com uma solução de paralóide e posteriormente removida e preservada para musealização. A estrutura da cabana apoiava-se também num recorte antrópico do próprio afloramento (Senna-Martinez *et. al*, 2006, p. 63).

Na área interna do alpendre encontrava-se uma outra “*estrutura negativa de planta irregular U.E. [221] preenchida por terras argilosas avermelhadas, com abundantes termoclastos incluindo três fragmentos de moldes, um dos quais constituía uma tampa de molde rectangular quase completa. Desta área provêm igualmente alguns fragmentos de escória ou elementos vitrificados não-metálicos*” (Senna-Martinez, Ventura e Carvalho, 2007, p. 90).

Após o registo e escavação de todas estas realidades foi posto à vista o afloramento xistoso de base.

Pelo exposto, nesta sondagem foi identificada uma única fase de ocupação. Atendendo ao que considerámos para a Sondagem 2 presumimos que o nível de abandono da ocupação aqui identificada já não se encontrava preservado, na medida em que as estruturas se começaram a identificar abaixo da camada humosa superficial. Como não estivemos presentes na escavação deste espaço não sabemos se os materiais apenas se encontravam mais à superfície da U.E. [2] ou se distribuíam uniformemente pela camada, mas pensamos que se tratará, efectivamente, da

primeira ocupação do espaço, devido ao corte intencional do afloramento xistoso para a construção de uma das estruturas identificadas.

#### **6.2.1.4 Recipientes cerâmicos**

##### **6.2.1.4.1 Sondagem 2**

###### **6.2.1.4.1.1 Nível 1**

Foram recolhidos 269 fragmentos classificáveis, dos quais 185 representam o NMI (um acréscimo de 30 recipientes desde o estudo anterior – Luís, 2010). Além destes foram ainda recolhidos 16 fragmentos decorados, dos quais 4 são bordos; 58 bases; 9 elementos de prensão; 1 carena e ainda 4 colos.

O estado de conservação dos fragmentos é tendencialmente regular, mas com cerca de um quarto em mau estado. As pastas apresentam consistências compactas, na esmagadora maioria, e texturas xistosas. Os elementos não plásticos são maioritariamente frequentes, com presença de 30% de pouco frequentes e um quarto de muito frequentes; com calibres sobretudo pequenos e um quarto de médios. As cozeduras são diversificadas com quase metade redutora, seguida de redutora com arrefecimento oxidante e uma baixa percentagem de oxidante. Os tratamentos de superfície também são algo diversificados, com forte presença de alisados simples, seguido de alisados sobre engobe. Estão também presentes, ainda que muito raramente brunidos e espatulados com ou sem engobe. De salientar a forte presença de fragmentos indeterminados pelo grau de afectação da superfície.

No que diz respeito às espessuras máximas, verifica-se uma maior incidência na classe dos 0,6 a 1 cm sendo pouco frequentes os bordos muito finos (0-0,5cm) e os mais espessos (1,4-2,7cm) (Gráfico 69).

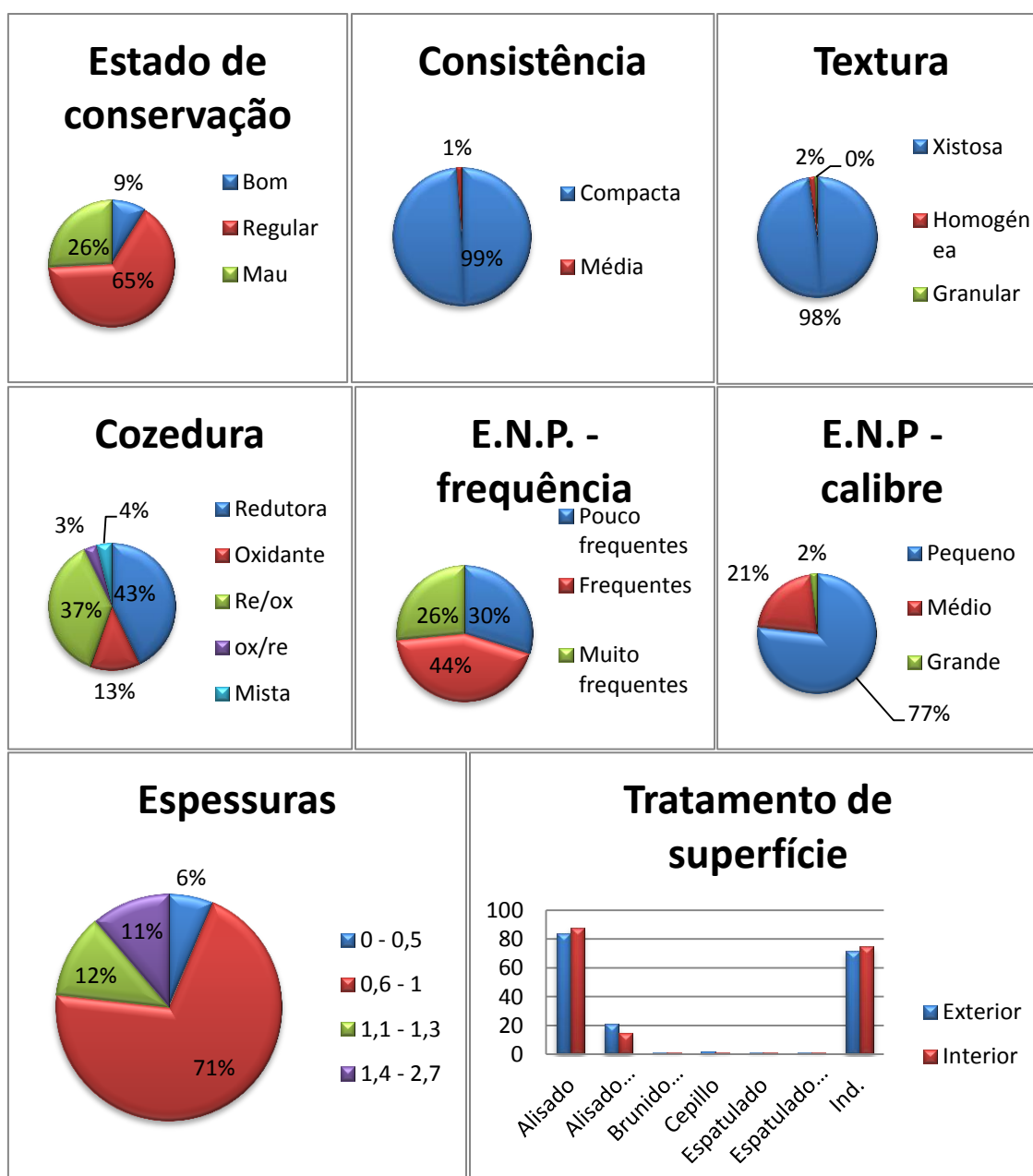
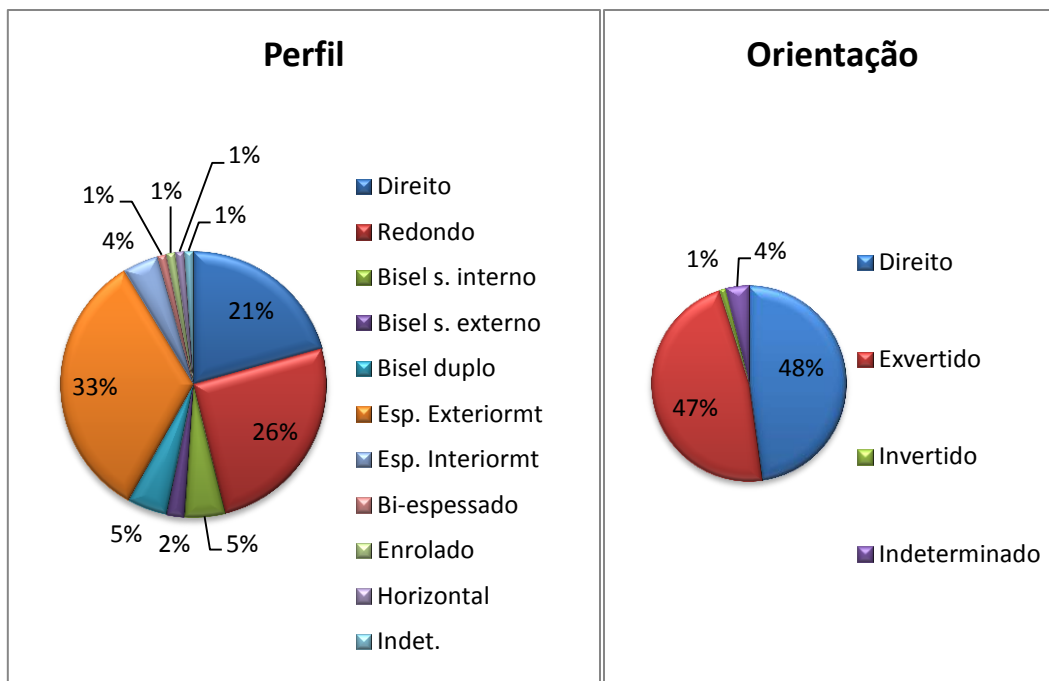


Gráfico 69 - Pastas da Sondagem 2/Nível 1 da Fraga dos Corvos

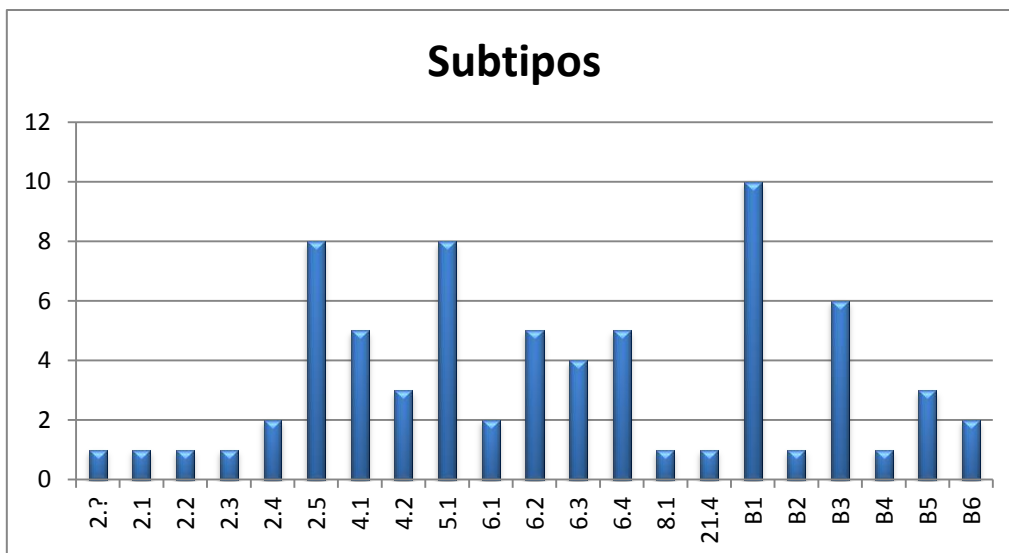
Regista-se uma grande diversidade de acabamentos do bordo neste nível arqueológico, sendo os dominantes o espessamento exterior, seguido dos redondos e dos direitos. Os menos frequentes são os biseis, os restantes espessamentos, o enrolado e o horizontal. São muito poucos os fragmentos que impossibilitam a aferição do perfil. Quanto à sua orientação, os bordos são sobretudo direitos e exvertidos em semelhante proporção. Os bordos invertidos e os indetermináveis são vestigiais (Gráfico 70).



**Gráfico 70 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 2/Nível 1 da Fraga dos Corvos**

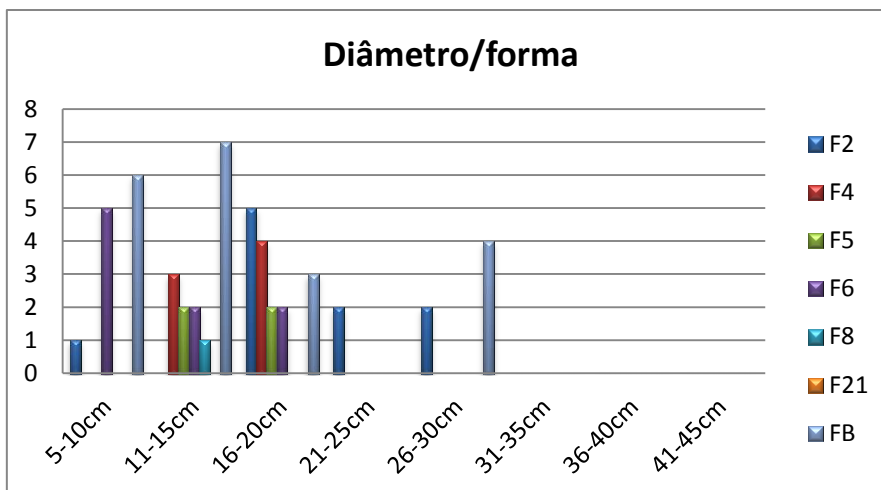
Neste nível foi possível determinar a forma a 70 recipientes (37,8% do NMI), que se dividem numa grande diversidade de subtipos. O tipo maioritário é o Grupo B, recipientes de colo estrangulado, que não conseguimos reconstituir a forma. Seguem-se os globulares com 23%, as taças com 20% e as tigelas e os esféricos com 11% cada. Os tipos menos presentes são os esféricos achatados (tipo 8) e as taças de carena baixa (tipo 21). Há uma preferência por formas fechadas (68%) em relação às abertas.

As formas com maior quantidade de subtipos são o grupo B, a forma 6 e a 2. Dentro destes destaca-se o subtipo B1 (bordo de colo muito estrangulado); o B3 (bordo de colo medianamente marcado); o 2.5 (taça em calote); o 4.1 (tigela hemielipsoidal); o 6.2 (globular de colo baixo) e o 6.4 (globular de colo estrangulado) (Gráfico 71).



**Gráfico 71 - Subtipos dos recipientes da Sondagem 2/Nível 1 da Fraga dos Corvos**

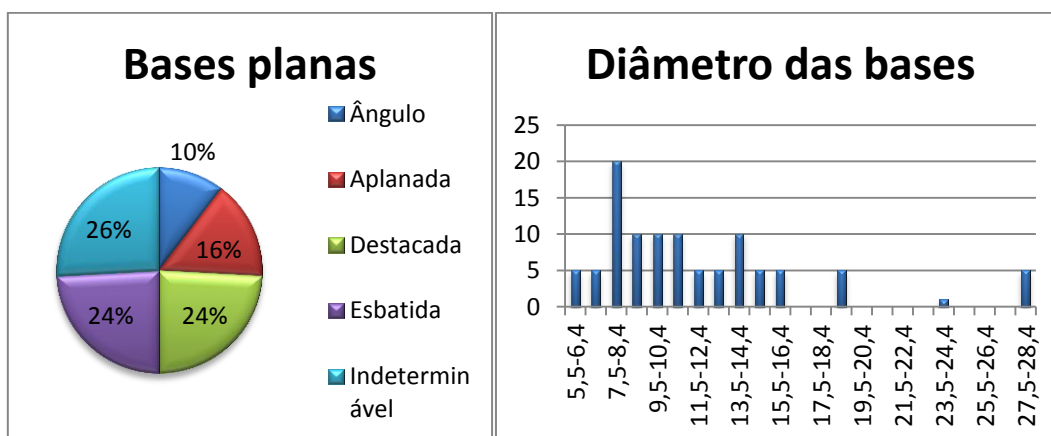
Em 51 recipientes com forma foi possível determinar o diâmetro do bocal. Assim, as taças apresentam diâmetros situados nos 16-20cm principalmente, tendo-se também registado 5-10cm; 21-25cm e 26-30cm. Nas tigelas também predominam os diâmetros com 16-20cm mas logo seguidos dos com 11-15cm, sendo estes os únicos intervalos obtidos. Os esféricos têm diâmetros situados nos 11-15cm e nos 16-20cm. Os esféricos achatados apenas têm um diâmetro situado nos 11-15cm. As formas 6 e B são as melhor representadas no conjunto e também no cálculo de diâmetros do bordo. A forma 6 tem diâmetros mais pequenos que as anteriores, situados nos 5-10cm, que estará relacionado com a presença de colos nos recipientes, mas também nos 11-15 e nos 16-20cm. O grupo B apresenta uma preferência por diâmetros situados nos intervalos 11-15cm e 5-10cm, mas também 16-20cm e 26-30cm. Não existem recipientes, pelo menos que tenhamos conseguido calcular, com diâmetros superiores a 35cm. A forma 21 não permitiu o cálculo de diâmetro (Gráfico 72).



**Gráfico 72 - Relação entre o diâmetro e a forma dos recipientes da Sondagem 2/Nível 1 da Fraga dos Corvos**

Os fragmentos de base são, no total, 58, todas de tipo plano, que, se relacionarmos com o NMI, teremos cerca de 31% de bases planas no total de recipientes. Estas apresentam alguns subtipos, predominando as bases destacadas e as esbatidas. Menos representadas estão as em ângulo e as aplanadas. Em 26% dos casos não foi possível determinar o subtipo.

Em 36% dos casos foi possível calcular os diâmetros. Predominam os diâmetros situados entre os 7 e os 14 cm, sendo raros os recipientes com bases muito largas, sobretudo com mais de 20cm. O valor mínimo encontrado é 5,5cm (Gráfico 73).



**Gráfico 73 - Tipos e diâmetros das bases da Sondagem 2/Nível 1 da Fraga dos Corvos**

Foram recolhidos 16 fragmentos decorados, dos quais apenas 4 fazem parte do NMI (2 %). A localização da decoração situa-se, preferencialmente, na superfície externa do recipiente (13 exemplares). Também se regista decoração no lábio (2 exemplares) e no lado externo e no lábio simultaneamente (1 exemplar).

As técnicas decorativas identificadas são algo diversificadas: incisão (5 exemplares), impressão (5 exemplares), *boquique* (2 exemplares), cordão plástico e incisão no cordão (1 exemplar), incisão penteada (1 exemplar), ornatos brunidos (1 exemplar), combinação da incisão com a impressão (1 exemplar).

Apenas num único exemplar se associou a decoração à forma do recipiente, tratando-se do subtipo B5.

Os motivos decorativos simples presentes são S1 (1 exemplar); S4 (4 exemplares); S11 (5 exemplares); S12, S13, S17, cada um com 1 exemplar ; S15 (2 exemplares). Só existe uma organização decorativa, C35. Trata-se, portanto, de um nível onde predominam as linhas incisas/caneluras, seguido das espigas impressas a pente. Os restantes motivos surgem isolados.

O conjunto dos elementos de prensão é pequeno, com 9 exemplares: 6 arranques de asa, 2 mamilos e uma pega. No caso das asas, apenas se preservaram nesta área a sua parte inicial, de ligação à parede do recipiente, pelo que a sua caracterização métrica e morfológica é muito limitada, mas, em sentido oposto fica privilegiada a aferição da técnica de prensão. Assim, contamos com 2 asas cravadas, 3 coladas e 1 indeterminada. 4 delas parecem ser de rolo e uma de fita. No caso dos mamilos, estes são de pequenas dimensões, com a altura máxima de 0,4 e 0,52 cm, com técnicas de prensão diferenciadas, um repuxado e outro colado. Ambos apresentam perfis cónicos. A pega apresenta uma largura de 1,6cm e 1 cm de espessura máxima; foi aplicada por colagem e é de tipo horizontal simples.

#### **6.2.1.4.1.2 Nível 2**

Este nível tem como NMI 228 recipientes (mais 46 recipientes que os contabilizados anteriormente – Luís, 2010), num total de 354 fragmentos classificáveis. Além do NMI, contam-se 35 fragmentos decorados, 73 bases, 14 elementos de preensão e 4 colos.

Os fragmentos apresentam um estado de conservação maioritariamente regular, com 30% em mau estado. No que diz respeito às pastas, estas têm uma consistência quase totalmente compacta, texturas praticamente todas xistosas, cozeduras predominantemente redutoras, seguidas de redutoras com arrefecimento oxidante e baixa percentagem de oxidantes. Os elementos não plásticos são maioritariamente pequenos mas aparecem quase equitativamente nas três frequências consideradas. Apesar de os alisados simples predominarem, existe bastante diversidade de tratamentos de superfície, com baixa representatividade cada: polido e polido sobre engobe; espatulado e espatulado sobre engobe; brunido e brunido sobre engobe. De destacar, o primeiro caso de almagre no exterior de um recipiente.

A classe das espessuras máximas com maior quantidade de fragmentos é a dos 0,6-1cm, seguida da classe dos 1,1 aos 1,3cm com um quarto dos registos. A classe menos expressiva é dos bordos mais finos, 0-0,5cm (Gráfico 74).

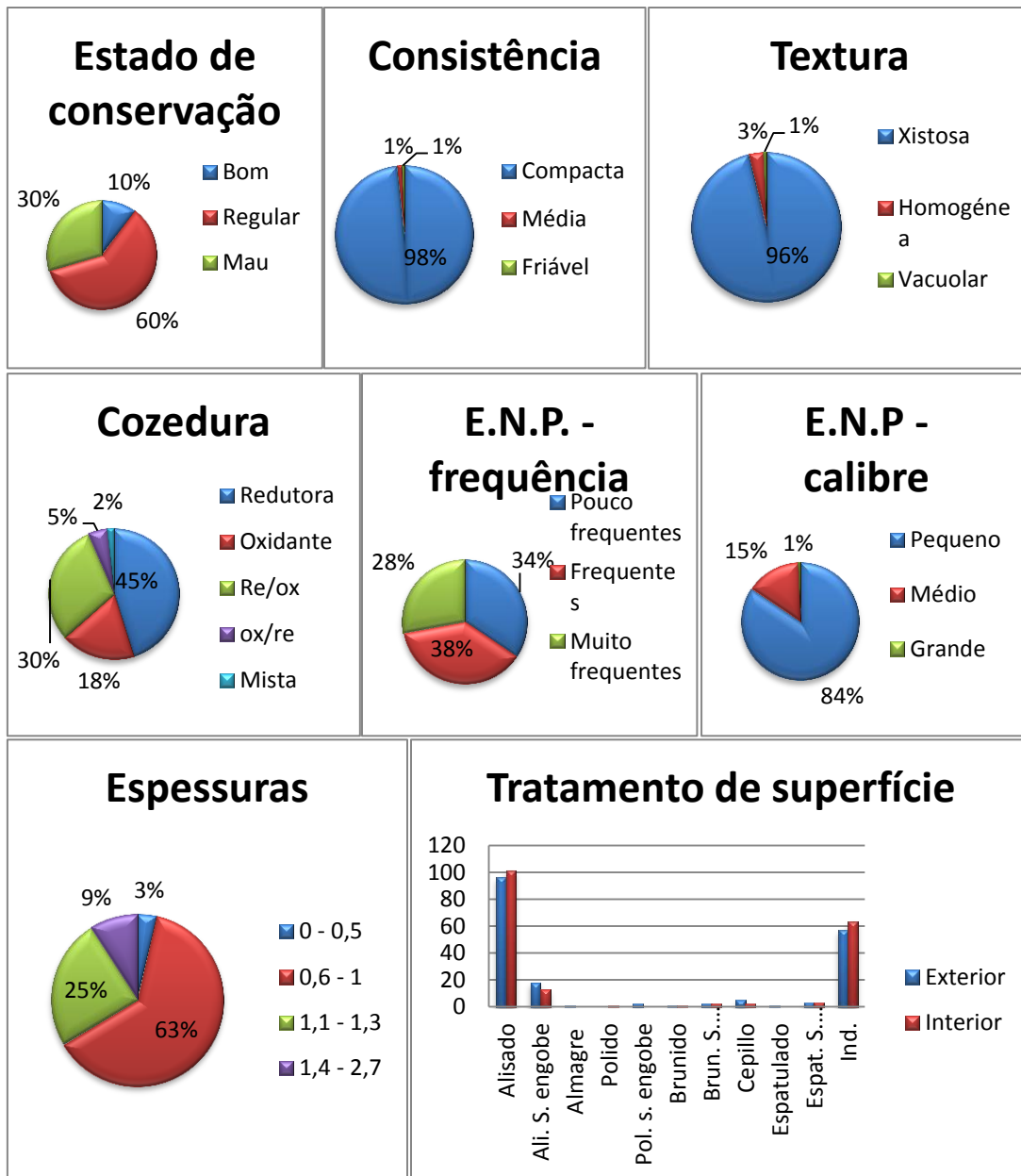
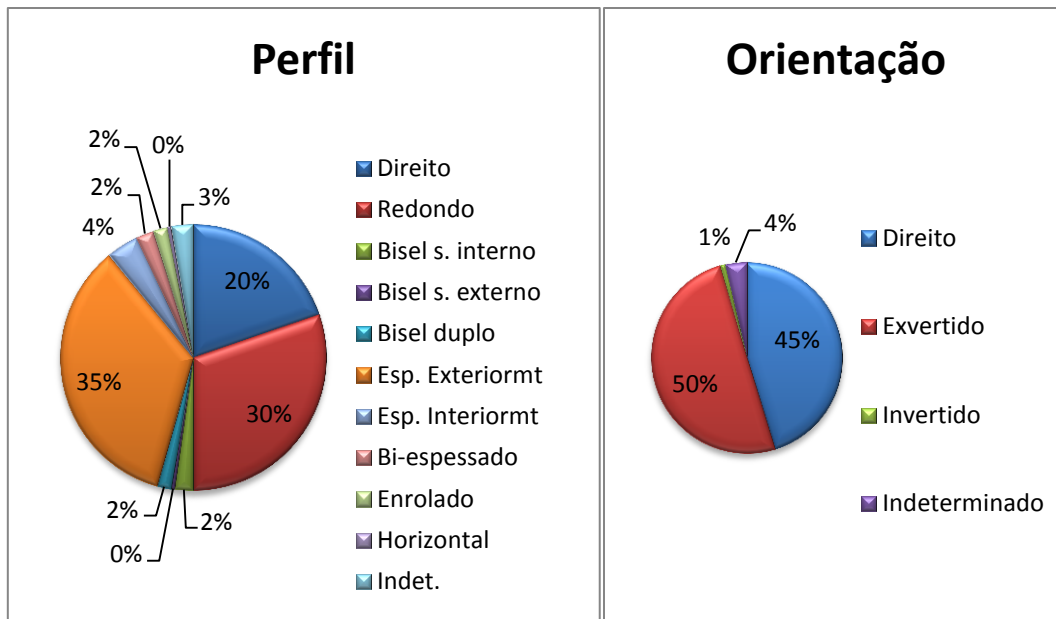


Gráfico 74 - Pastas da Sondagem 2/Nível 2 da Fraga dos Corvos

Tal como o verificado no nível anterior, há uma grande diversidade de acabamentos do lábio, sendo os maioritários o espessamento exterior, o redondo e o direito. Além destes, mas em muito menor quantidade, registam-se os três tipos de bisel, o espessamento interior e o bi-espessado, além do enrolado e do horizontal. A orientação dos bordos é maioritariamente exvertida, logo seguida da direita. Em ambas as categorias, perfil e orientação, os indetermináveis são pouco expressivos (Gráfico 75).



**Gráfico 75 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 2/Nível 2 da Fraga dos Corvos**

Do NMI foi possível reconstituir a forma a 81 recipientes, perfazendo 35,5% do total, com alguma diversidade formal. As formas mais representadas são os globulares (Tipo 6) e o Grupo B que, em conjunto, perfazem 57% do número de formas reconstituíveis. Estão também bem representadas as taças (Tipo 2) e as tigelas (Tipo 4). Menos representativas são os esféricos (tipo 5), as tigelas fundas de pequenas dimensões (tipo 11), os vasos de tipo saco (tipo 13), as taças de carena baixa (tipo 21) e as taças de fundo esbatido (tipo 23). Pela sua raridade destaca-se, pela primeira vez, um prato (tipo 1).

A maior diversidade de subtipos está associada aos tipos com maior representatividade no conjunto. Destacam-se, pelo menos, dois subtipos dos globulares, 6.3 e 6.4; as taças em calote, 2.5; e dentro do grupo B, o B1 (Gráfico 76).

Neste nível calculou-se o diâmetro do bocal a 45 recipientes, respeitantes às diferentes formas identificadas. A forma 2 apresenta diâmetros situados nos 16-20cm, seguido das outras classes até aos 30cm. A forma 4 tem o pico de incidência nos 11-15cm, sendo que o máximo é de 20cm. A forma 5 apenas tem um diâmetro calculado, na classe 26-30cm. A forma 11 tem um diâmetro de 11 cm e a 13 um diâmetro de 20cm. A forma 6 e o Grupo B são novamente os que têm mais diâmetros calculados,

sendo que a primeira delas apresenta uma maioria de 21-25cm, seguido de 11-15cm e 16-20cm. Apenas num caso se encontra a classe 5-10cm. No grupo B a maioria dos diâmetros situa-se nos 5-10cm, seguido dos 16-20cm. Nenhum recipiente tem mais de 30cm. As formas 1 e 21 não possibilitaram calculo de diâmetro (Gráfico 77).

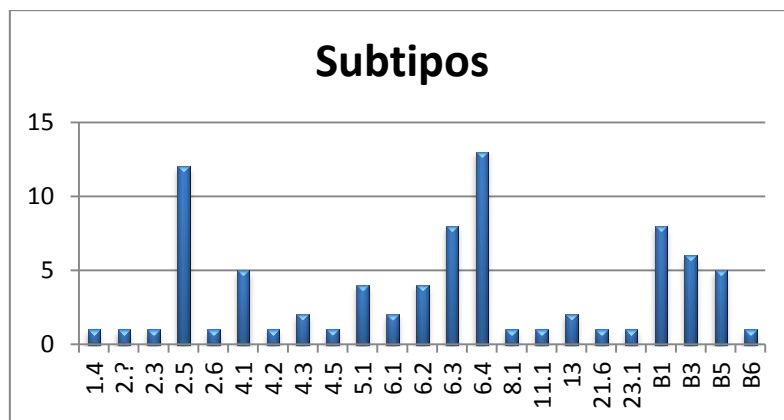


Gráfico 76 - Subtipos dos recipientes da Sondagem 2/Nível 2 da Fraga dos Corvos

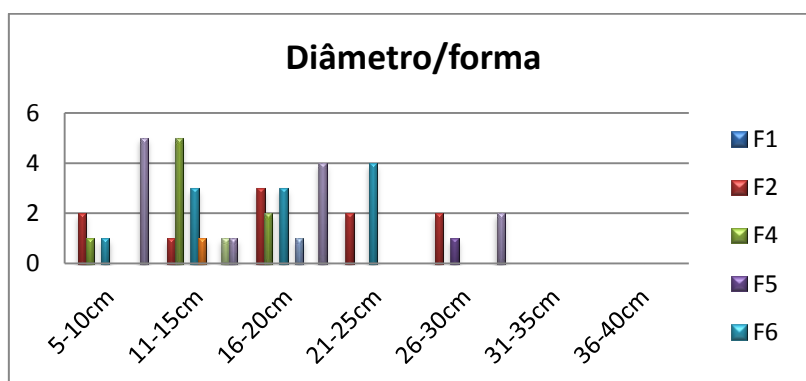
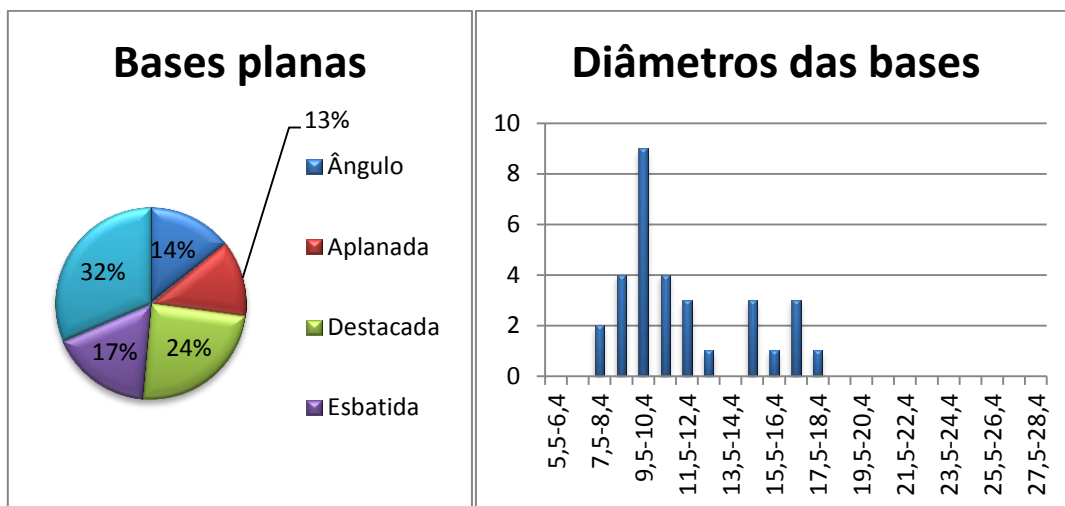


Gráfico 77 - Relação entre o diâmetro e a forma dos recipientes da Sondagem 2/Nível 2 da Fraga dos Corvos

O conjunto das bases deste nível é relativamente extenso, com 73 exemplares. Se o relacionarmos com o NMI, verifica-se que cerca de 32% dos recipientes deverá ter base plana, as únicas que conseguimos seguramente identificar. Do total de bases apenas 2 são em *omphalos*, 1 em pé de anel e as restantes 70 são planas. Os subtipos identificados são os mesmos que no nível anterior, distribuindo-se de forma mais ou menos equitativa. Ainda assim sobressaem ligeiramente as bases planas destacadas e as esbatidas. Uma grossa fatia não permitiu identificação de subtipo (32%).

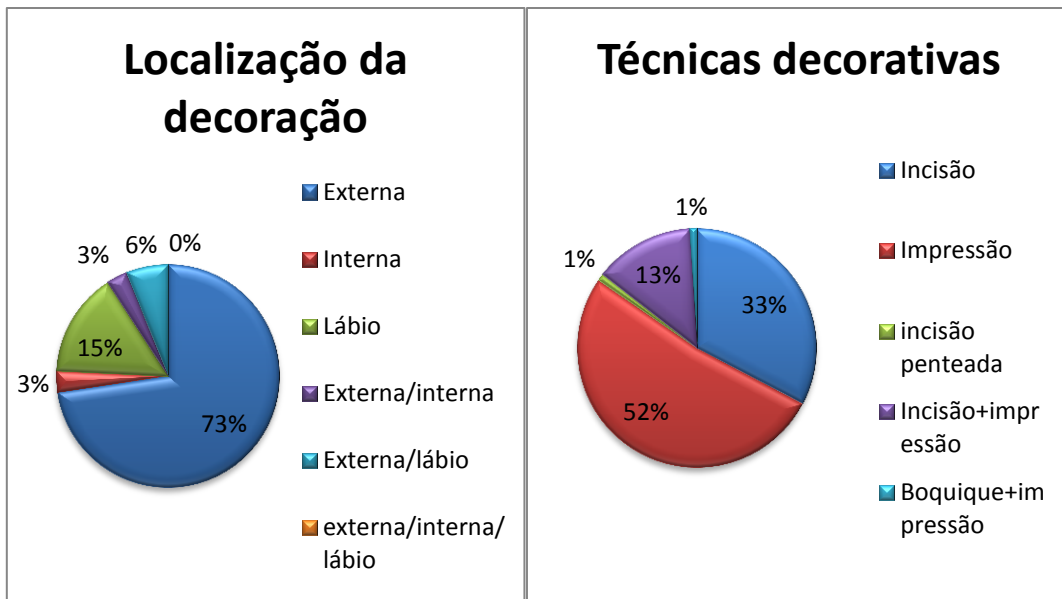
Os diâmetros concentram-se entre os 7,5cm e os 18,4cm, com o pico de incidência na classe dos 9,5-10,4cm. São, portanto, bases de tamanho mediano, não existindo nenhum exemplar de grandes dimensões (Gráfico 78).



**Gráfico 78 - Tipos e diâmetros das bases da Sondagem 2/Nível 2 da Fraga dos Corvos**

Os fragmentos decorados são, no total, 35, dos quais apenas 9 pertencem ao NMI, ou seja, 4%. A decoração localiza-se, preferencialmente, na superfície externa, e, de seguida, no lábio. Também se verifica decoração em mais que uma superfície do recipiente, mas em percentagens reduzidas.

As técnicas decorativas presentes são algo diversificadas, mas denunciam uma preferência para a impressão simples com 52% dos casos. Segue-se a incisão simples, com 33%, e depois as combinações de técnicas como a incisão com a impressão e o *boquique* com a impressão. Há um fragmento com incisão penteada (Gráfico 79).



**Gráfico 79 - Localização da decoração e técnicas decorativas da Sondagem 2/Nível 2 da Fraga dos Corvos**

Apenas em 6 casos se associou a decoração a um tipo morfológico concreto, a saber: 6.4; 11.1; 21.6; 23.1; B3 e B5, com um exemplar em cada caso.

Estão presentes os seguintes motivos decorativos simples: S2 (5 exemplares); S4 (5 exemplares); S7 (1 exemplar); S8 (1 exemplar); S11 (4 exemplares); S16 (1 exemplar); S17 (17 exemplares) e S18 (2 exemplares). Dominam, portanto, as espigas incisadas e impressas bem como as incisões horizontais ou caneluras e ainda as impressões a punção lateral no lábio (bordos denteados).

Os motivos compostos são mais escassos, com 5 entradas: C20; C25; C30; C31 e C36.

Os elementos de prensão identificados são 14 e distribuem-se da seguinte forma: 10 fragmentos de asa (conservando diferentes partes da asa, desde a sua ligação ao recipiente a partes do meio) e 4 mamilos.

As asas encontram-se na maioria mal conservadas dificultando a obtenção de medidas e das suas características morfológicas. A espessura máxima oscila entre os 1,8 e os 2,7cm e a espessura mínima entre os 0,85 e os 1,63cm. Quanto às técnicas de prensão apenas se identificaram 3 asas cravadas e 2 coladas. Nos tipos de asa,

verificam-se 4 em rolo e 3 em fita. Na sua posição em relação ao recipiente apenas em dois casos se verificou que estas arrancam do bordo, sendo as restantes ou de partes de pança ou indetermináveis.

Os mamilos também apresentam irregularidades de conservação dificultando sobretudo a obtenção de medidas. Em dois casos alcançou-se a altura máxima, 1,8 e 1,9cm e, nos mesmo dois a largura máxima, 1,8 e 2,22cm, respectivamente. A distância da parede à ponta oscila entre os 0,75 e os 1,8cm. As técnicas de prensão identificadas são a colagem (2 exemplares) e o repuxamento (1 exemplar). Os tipos identificados são troncocónicos (2 casos) e cónicos (1 caso).

#### **6.2.1.4.1.3 Nível 3**

O conjunto cerâmico proveniente do nível 3 tem 61 fragmentos classificáveis: 33 correspondem ao NMI, 13 são decorados; 12 são bases e 3 são elementos de prensão.

Os recipientes apresentam um estado de conservação regular mas com forte expressão dos em mau estado, com arestas roladas e superfícies desgastadas. A sua consistência é compacta na maioria e a sua textura é esmagadoramente xistosa. Os elementos não plásticos são maioritariamente pouco frequentes, mas também frequentes e muito frequentes, de pequeno calibre. Os tipos de cozedura são dominados pela redutora, seguido da redutora com arrefecimento oxidante. Nos tratamentos de superfície registam-se os comuns alisados simples e a presença residual de aguadas e polimento sobre engobe, em ambas as superfícies dos recipientes.

À semelhança dos níveis 1 e 2, as espessuras centram-se na classe dos 0,6-1cm, sendo as restantes minoritárias. No entanto, neste nível a classe com menos representação é a dos 1,1 a 1,3cm (Gráfico 80).

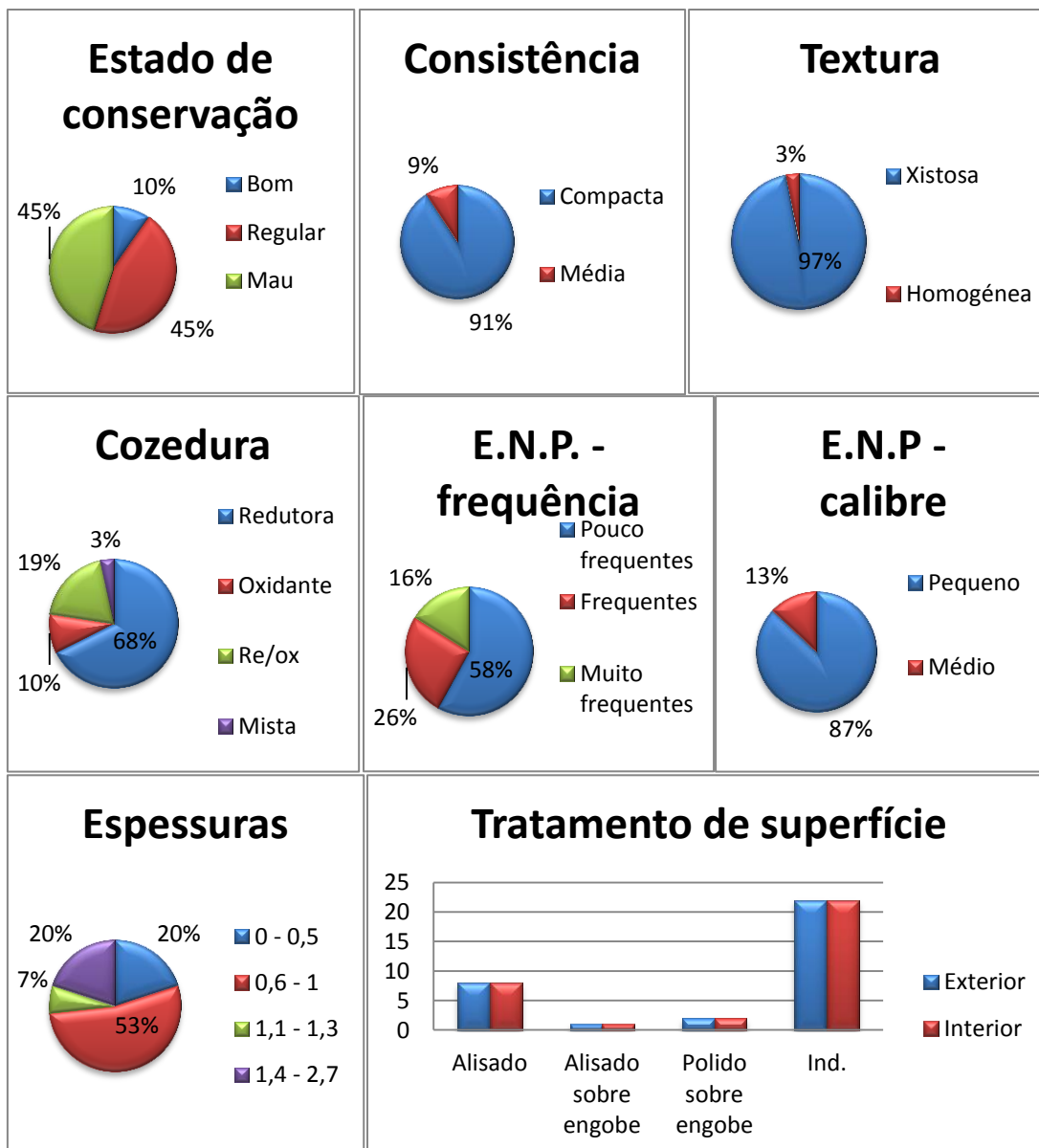
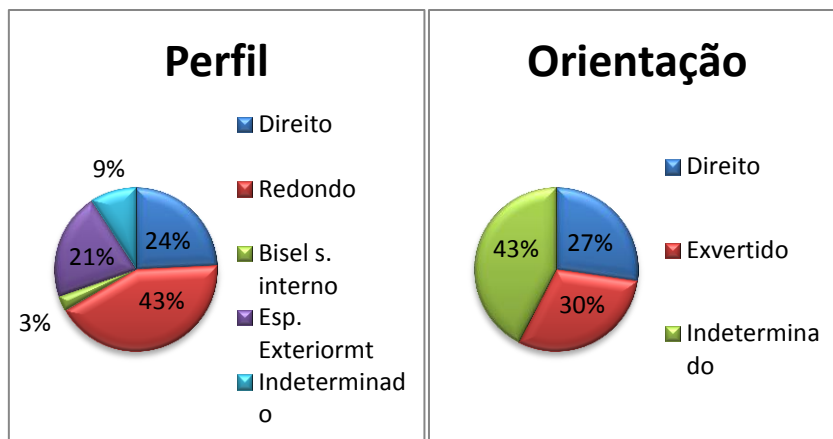


Gráfico 80 - Pastas da Sondagem 2/Nível 3 da Fraga dos Corvos

Os bordos são sobretudo redondos e direitos de perfil e exvertidos de orientação. De registar a forte expressividade dos indeterminados, devido ao mau estado de conservação (Gráfico 81).

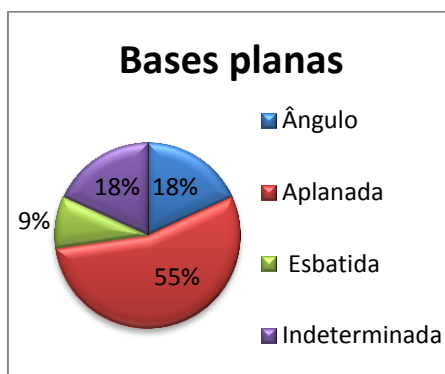


**Gráfico 81 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 2/Nível 3 da Fraga dos Corvos**

Neste nível apenas em 5 casos foi possível determinar a forma do recipiente, o que corresponde a 15% no NMI. Identificaram-se as seguintes formas e subtipos: 1 exemplar das taças, subtipo 2.4; dois exemplares dos esféricos, subtipos 5.1 e 5.2; 1 exemplar dos globulares, subtipo 6.3; e ainda 1 exemplar do Grupo B, subtipo B5.

Em três destes casos foi possível calcular o diâmetro. Assim o recipiente do subtipo 2.4 tem 25cm; o subtipo 5.2 tem 19,8cm e o B5 apresenta 27,4cm.

No total registam-se 12 fragmentos de base, quase todas planas e uma em *omphalos*, apresentando alguma diversidade quanto à solução de ligação entre a parede e o fundo. Assim, dominam as bases aplanadas, seguidas das em ângulo. Apenas em dois casos foi possível calcular o diâmetro – 23,6cm e 11,6cm. Ao relacionarmos com o NMI, teríamos 36% de bases planas (Gráfico 82).



**Gráfico 82 - Tipos de bases planas da Sondagem 2/Nível 3 da Fraga dos Corvos**

Os fragmentos decorados são, no total, 13, distribuindo-se por 2 bordos, 10 bojos e 1 base (6% do NMI). A decoração é realizada sobre as três faces do recipiente, lados interno e externo e parte superior do lábio, como é habitual neste sítio arqueológico (respeitando a tradição decorativa do mundo *protocogotas* como veremos adiante). Apenas um fragmento tem decoração simultaneamente interna e externa; dois fragmentos têm decoração externa e no lábio; um fragmento tem decoração só na superfície interna e os restantes apenas na superfície externa.

As técnicas decorativas presentes são incisão, impressão, e a excisão. Na superfície interna utilizou-se a impressão e a incisão (um exemplar de cada); na superfície externa usou-se a incisão (10 exemplares), a impressão e a excisão (um exemplar cada); e no lábio documenta-se a incisão e a impressão (um exemplar cada).

Em nenhum caso se regista a associação forma/decoração.

Os motivos decorativos simples identificados são S2 e S11, com 3 e 2 exemplares respectivamente. Apenas se identificaram dois motivos decorativos compostos, o C30 e o C37, cada um com um exemplar.

Os elementos de preensão provenientes deste nível consistem em 1 mamilo e 2 fragmentos de asa. O mamilo apresenta 2 cm de largura máxima, 1,7cm de altura máxima e 0,6cm de distância da parede do recipiente à ponta. É de tipo troncocónico e não apresenta perfuração. Os fragmentos de asa encontram-se mal conservados, sendo apenas possível retirar a espessura mínima – 1,2cm num caso e 2,45cm noutro. De tipologia, aparentam ambas ser asas de fita.

#### 6.2.1.4.1.4 Nível 4

Neste nível foram recuperados 345 fragmentos classificáveis, subdivididos em 189 NMI; 74 fragmentos decorados; 23 elementos de prensão; 78 fragmentos de base e ainda 6 fragmentos de carenas, 5 dos quais pertencentes ao NMI.

Os recipientes apresentam um estado de conservação maioritariamente regular, com cerca de um quinto em mau estado. As suas pastas têm consistências sobretudo compactas, com baixas percentagens de média e friável; e texturas quase sempre xistosas. Os elementos não plásticos são mormente frequentes e pouco frequentes de pequeno calibre. Há uma preferência equitativa por tonalidades escuras (cozeduras redutoras e cozeduras oxidantes com arrefecimento reductor) e tonalidades alaranjadas/avermelhadas (cozeduras oxidantes e cozeduras redutoras com arrefecimento oxidante), numa proporção de 50-50%. Os tratamentos de superfície são bastante diversificados sendo algo frequente a utilização de engobes associados a mais que uma técnica de tratamento. Estão identificadas as seguintes técnicas: brunimento, polimento, *cepillo*, espatulado, mas continuam a predominar os alisados simples.

As espessuras máximas centram-se na classe dos 0,6-1cm, sendo as restantes minoritárias. A classe menos representada é a dos 0-0,5cm (Gráfico 83).

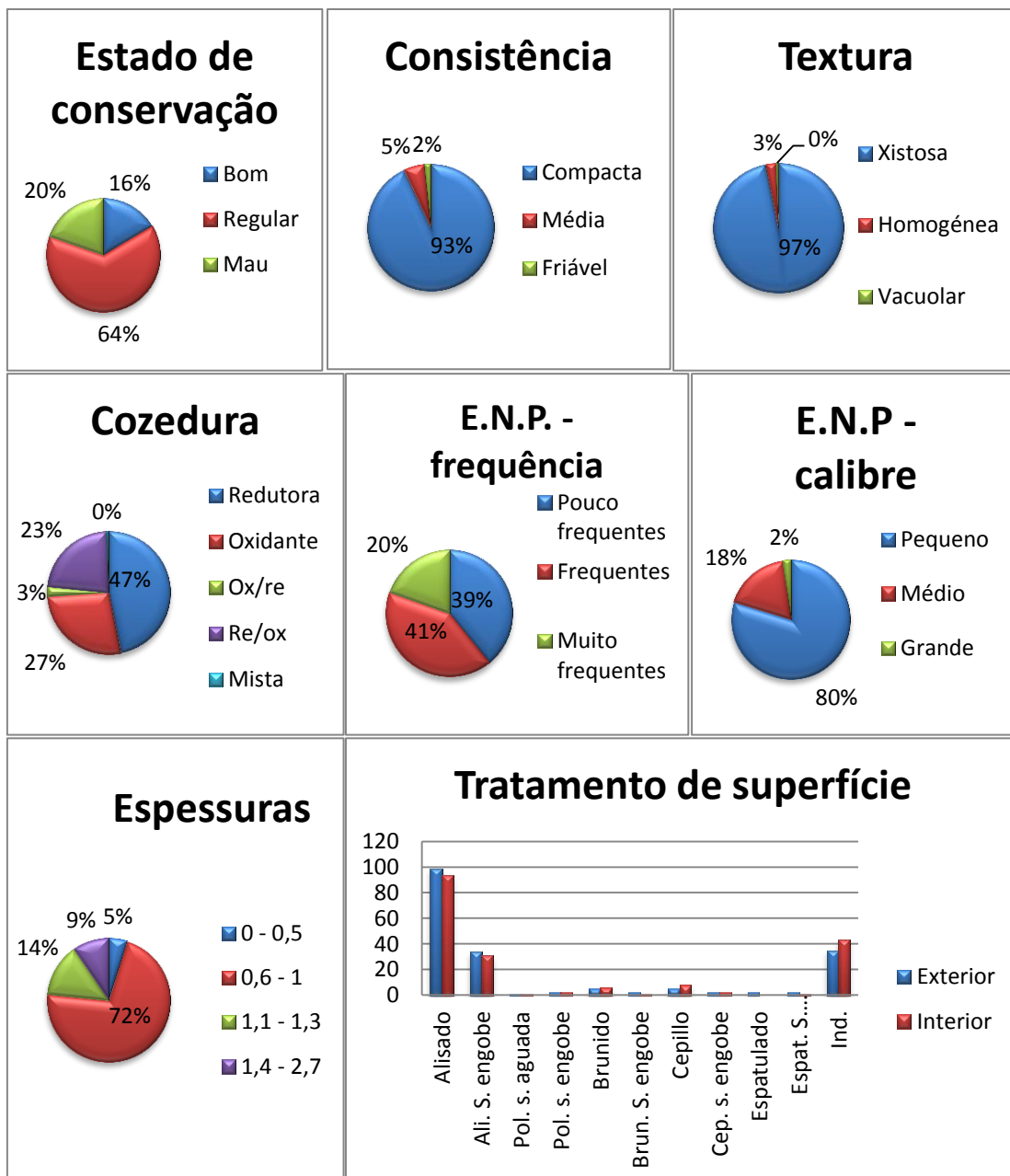
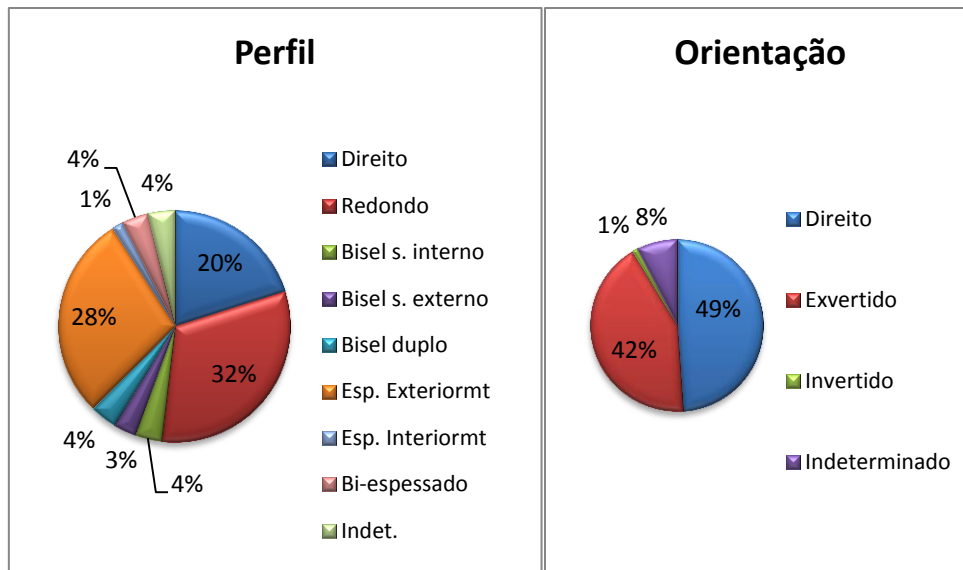


Gráfico 83 - Pastas da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos

Os tipos de bordo identificados são, à semelhança dos outros níveis, bastante diversificados, predominando os bordos redondos, espessados do lado exterior e direitos. Os restantes apresentam baixas percentagens, os três tipos de bisel; o espessado do lado interior, e o bi-espessado. Quanto à orientação, predominam os bordos direitos logo seguidos dos exvertidos (Gráfico 84).



**Gráfico 84 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos**

Foi possível determinar a forma a 86 recipientes, 45,5% do NMI, obtendo bastante variedade de tipos e subtipos. Os tipos melhor representados são os globulares (tipo 6), o Grupo B e as taças (tipo 2). Além destes há várias formas com baixa representatividade mas que reforçam a diversidade de soluções morfológicas e ainda, como veremos nos próximos capítulos, indicam uma clara diferenciação com os tipos habituais calcólíticos, nomeadamente as formas 21, 22, 23 e 26. Pela primeira vez se identificam taças de perfil em S, tipo 39, pouco frequentes neste tipo de contextos.

Como se viu nos níveis anteriores, os subtipos com mais frequência são os que pertencem aos tipos melhor representados no conjunto. Assim destacam-se os subtipos 6.3; 6.4; B3; B1; 2.5; 6.2 e B6 (Gráfico 85).

Foi possível calcular os diâmetros do bordo em 58 recipientes correspondentes a vários tipos morfológicos. As formas melhor representadas no conjunto são também as que fornecem maior quantidade de diâmetros. A forma 2 tem melhor representação na classe dos 16-20cm, seguida da 11-15cm. A forma 4 apresenta maior concentração na classe dos 11-15cm. A forma 5 apenas possui dois diâmetros, um na classe 5-10cm e outro na classe 11-15cm. As formas 11, 13, 21 e 39 apenas têm um diâmetro calculado, nas classes 11-15cm; 5-10cm; 21-25cm e 11-15cm, respectivamente. A forma 23 tem dois diâmetros nas classes 11-15cm e 16-20cm, cada

um. A forma 26 apresenta diâmetros nas classes 11-15cm; 16-20cm; e 21-25cm. As formas 6 e grupo B apresentam maior quantidade e diversidade. Os globulares oferecem uma concentração na classe 11-15cm, seguida da 5-10cm; enquanto o grupo B tem maior concentração na classe 16-20cm, seguida da classe 11-15cm. Nenhum recipiente excede os 35cm. A forma 22 não permitiu nenhum cálculo de diâmetro (Gráfico 86).

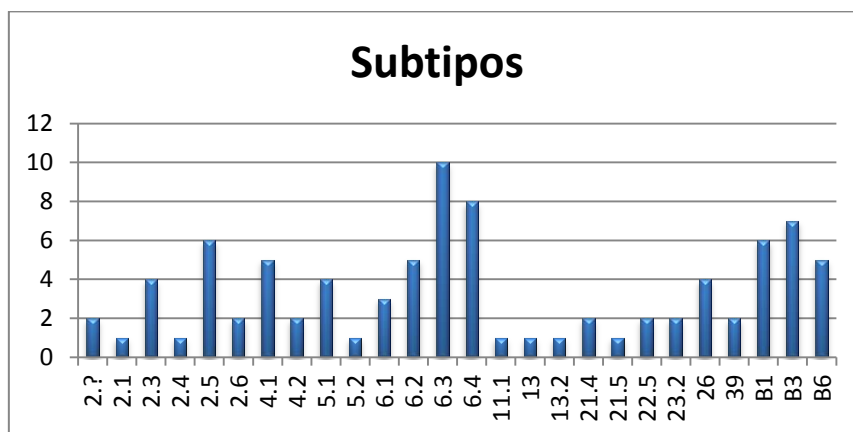


Gráfico 85 - Subtipos dos recipientes da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos

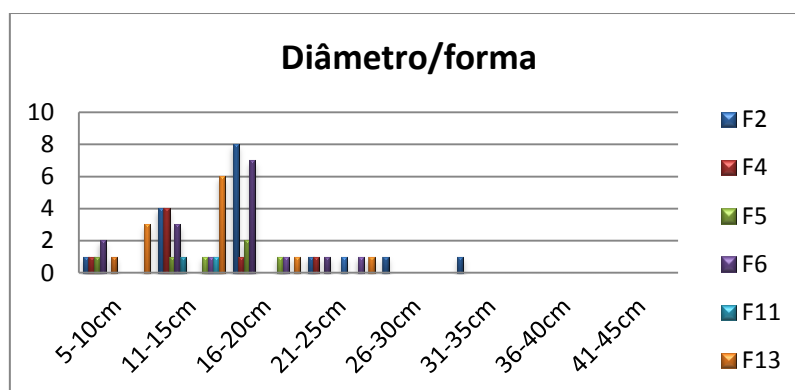


Gráfico 86 - Relação entre o diâmetro e a forma dos recipientes da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos

O conjunto das bases identificadas neste nível é bastante elevado, com 78 entradas. Ao relacionarmos com o NMI, verificamos que 41% dos recipientes tem base plana/*omphalos*/pé de anel, ou seja, quase metade dos recipientes apresenta uma base não convexa, diferente do tradicional calcólico transmontano. A maioria das bases identificadas é de tipo plano, sendo que apenas 3 exemplares são em *omphalos* e 1 em pé de anel. Os subtipos verificados são os mesmos que para os outros níveis,

com a maioria a recair nas destacadas, seguido das esbatidas. Grande parte delas não permite a aferição de subtipo.

Os diâmetros das bases situam-se entre os 5,5 e os 15,4cm, mas com duas ocorrências de maiores tamanhos, uma na classe dos 18,5-19,4cm e outra nos 21,5-22,4cm. A maioria dos diâmetros centra-se em torno dos 10cm (Gráfico 87).

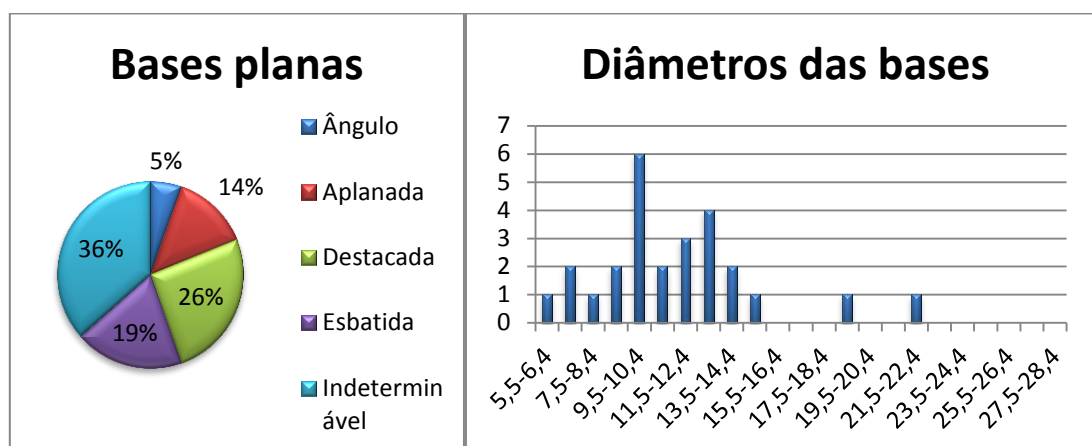


Gráfico 87 - Tipos e diâmetros das bases da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos

Deste nível provêm 74 fragmentos decorados, dos quais 20 pertencem ao NMI (10,5%). Em 17 casos foi possível associar a decoração à forma do recipiente. Verifica-se que a decoração se localiza nas formas mais frequentes, tipos 6, 2 e grupo B, sempre em baixas frequências (2, 6 e 2 exemplares, respectivamente), mas também nas formas menos frequentes e que, como veremos, marcam um novo ambiente cultural, as formas 21, 22 e 23 (Gráfico 88).

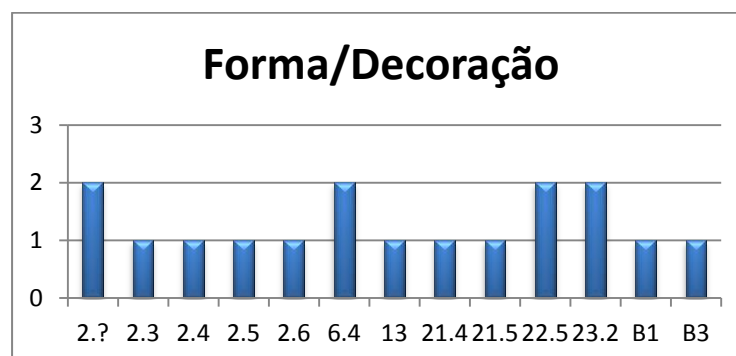
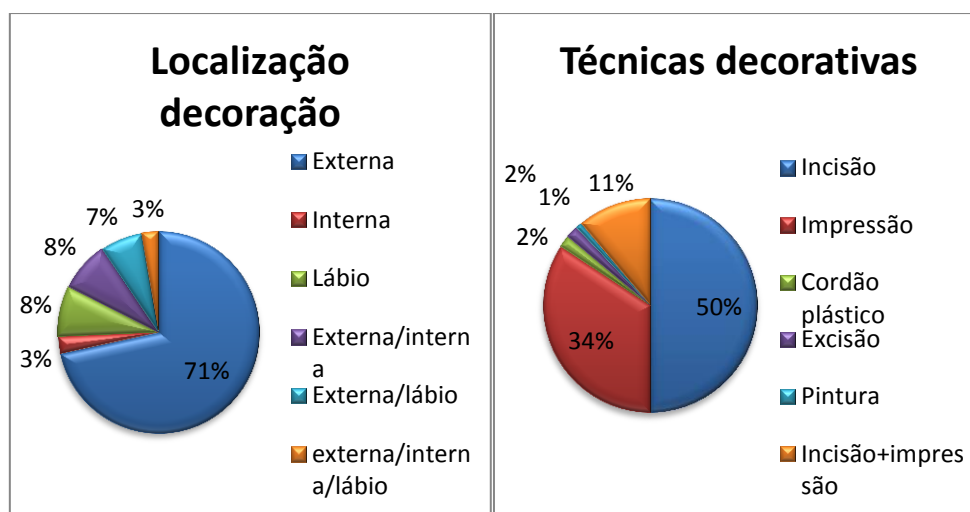


Gráfico 88 - Relação entre a forma e a decoração da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos

A decoração localiza-se preferencialmente na superfície externa do recipiente, em 71% dos casos, sendo que as outras possibilidades são pouco frequentes.

As técnicas decorativas identificadas são a incisão, que é claramente maioritária, seguida da impressão e das restantes técnicas com baixa presença como o cordão plástico, a excisão e a pintura. A combinação entre incisão e impressão também tem alguma expressividade (Gráfico 89).



**Gráfico 89 - Localização da decoração e técnicas decorativas da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos**

Os motivos decorativos simples são bastante variados, como se vê no gráfico seguinte. Os mais frequentes são as espigas incisas, S2, com 24%, com uma ou duas linhas de espigas, normalmente abaixo do bordo. Segue-se o motivo S7, as bandas de retículas incisas e o S11, as linhas incisas e caneluras, e ainda o S4, novamente as espigas, mas desta vez impressas a pente. Também com boa representação está o motivo S17, as seqüências de impressões no lábio (os conhecidos bordos denteados) (Gráfico 90).

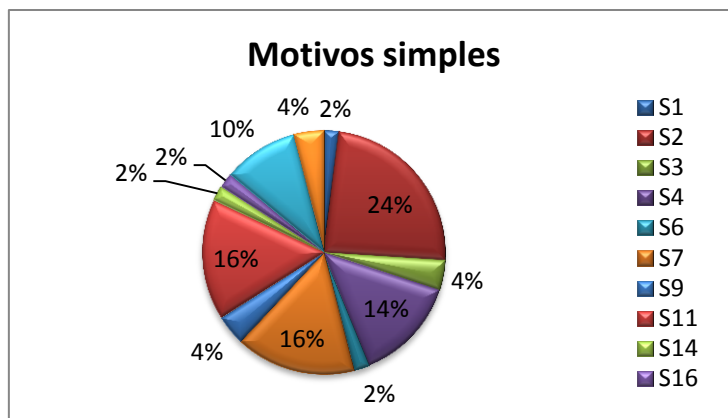


Gráfico 90 - Motivos simples da Sondagem 2/Nível 4 da Fraga dos Corvos

As organizações decorativas encontram-se, igualmente, bem representadas, sendo este o nível com maior quantidade. Correspondem essencialmente a fragmentos únicos, sendo raras as organizações que apresentem mais que um exemplar. Atendendo ao estado de fragmentação do conjunto, alguns dos motivos simples poderão fazer parte destas ou outras organizações decorativas, simplesmente não os podemos reconstituir. Assim estão identificadas as seguintes organizações: C21 (1 exemplar); C22 (3 exemplares); C23 (1 exemplar); C24 (1 exemplar); C25 (1 exemplar); C26 (1 exemplar); C28 (1 exemplar); C29 (1 exemplar); C30 (2 exemplares); C32 (1 exemplar); C33 (1 exemplar); C34 (1 exemplar). Só nas organizações C22 e C30 existem em mais que um recipiente.

Este é o nível com maior quantidade de elementos de prensão, com 23 exemplares. Estão aqui identificados 10 asas (fragmentos e exemplares completos), 1 fragmento com asa e pega, 6 mamilos e 3 pegas.

As asas apresentam estados de conservação muito diversificados, com alguns exemplares muito rolados e fragmentados que impossibilitam aferir os dados métricos e morfológicos e ainda poucos exemplares completos. As espessuras máximas oscilam entre os 0,93cm e os 2,67cm, enquanto as mínimas estão entre os 0,95 e os 2,48cm. Só em três casos foi possível medir a distância entre a parede do recipiente e a curvatura da asa, criando um intervalo de 0,77 a 1,60cm. As técnicas de aplicação identificadas

são a cravagem e a colagem, com 3 exemplares cada. Em relação aos tipos de asa, 7 são em rolo e 2 em fita. Apenas uma arranca do bordo.

As quatro pegas identificadas apresentam, genericamente, um bom estado de conservação. Apresentam larguras máximas entre os 2,6 e os 5,4cm; espessuras máximas situadas entre os 1,6 e os 1,8cm. A distância entre a parede e a ponta da pega é de cerca de 1 ou 2 cm. Uma das pegas exibe uma perfuração lateral que acompanha a pega no sentido longitudinal. Todas as pegas são aplicadas por colagem e a sua tipologia é quase sempre horizontal simples (em 3 casos) ou troncocónica (1 caso). Só num exemplar foi possível determinar a sua posição no recipiente, encontrando-se abaixo do bordo e ao lado de uma asa.

Os mamilos apresentam um bom estado de conservação, com uma largura máxima situada entre os 1,5 e os 2,3cm, uma distância parede/ponta entre os 0,25 e os 1,1cm, sendo portanto de muito pequeno tamanho. Todos foram aplicados por colagem e todos apresentam uma morfologia cónica (quase como botões). Em dois casos percebeu-se que se situam abaixo do bordo. Em nenhum caso se identificou mais que um mamilo por fragmento/recipiente pelo que é difícil compreender a sua estruturação na peça. Atendendo às pequenas dimensões dos mamilos e ao facto de não se terem identificado organizações mamilares nos recipientes torna-se arriscado considera-los exclusivamente como elementos de prensão podendo integrar-se na decoração plástica. Fica a dúvida.

#### **6.2.1.4.1.5 Nível 5**

No Nível 5 apenas se recuperaram 45 fragmentos cerâmicos classificáveis, dos quais 26 constituem o NMI. Além destes registam-se 3 bordos decorados; 11 bases ; 2 carenas e 5 colos.

O estado de conservação dos recipientes é maioritariamente regular e, de seguida, bom. As pastas apresentam consistências compactas e algumas médias; texturas xistosas e pouca homogéneas; os elementos não plásticos são frequentes, seguido de pouco frequentes e muito frequentes no mesmo valor e apresentam

calibre sobretudo pequenos. As tonalidades dos recipientes tendem a ser mais escuras evidenciando cozeduras redutoras na maioria, ainda que haja várias alaranjadas – cozeduras oxidantes ou redutoras com arrefecimento oxidante. É nos tratamentos de superfície que se encontra maior diversidade de soluções apesar da amostra ser pequena. Os alisados simples continuam a dominar, mas também estão presentes o *cepillo*, o espatulado e o polido. São vários os casos em que se detectou a presença de aguadas e de engobes, associados a alisados, polidos e ao espatulado. Em poucos casos a presença destas aguadas ou engobes marca uma diferença significativa em relação à cor da pasta, tendo-se registado alisados e engobes vermelhos e negros.

Nas espessuras máximas apenas se encontram representadas as duas classes do meio, 0,6-1cm, que é a clara maioritária, e 1,1-1,3cm (Gráfico 91).

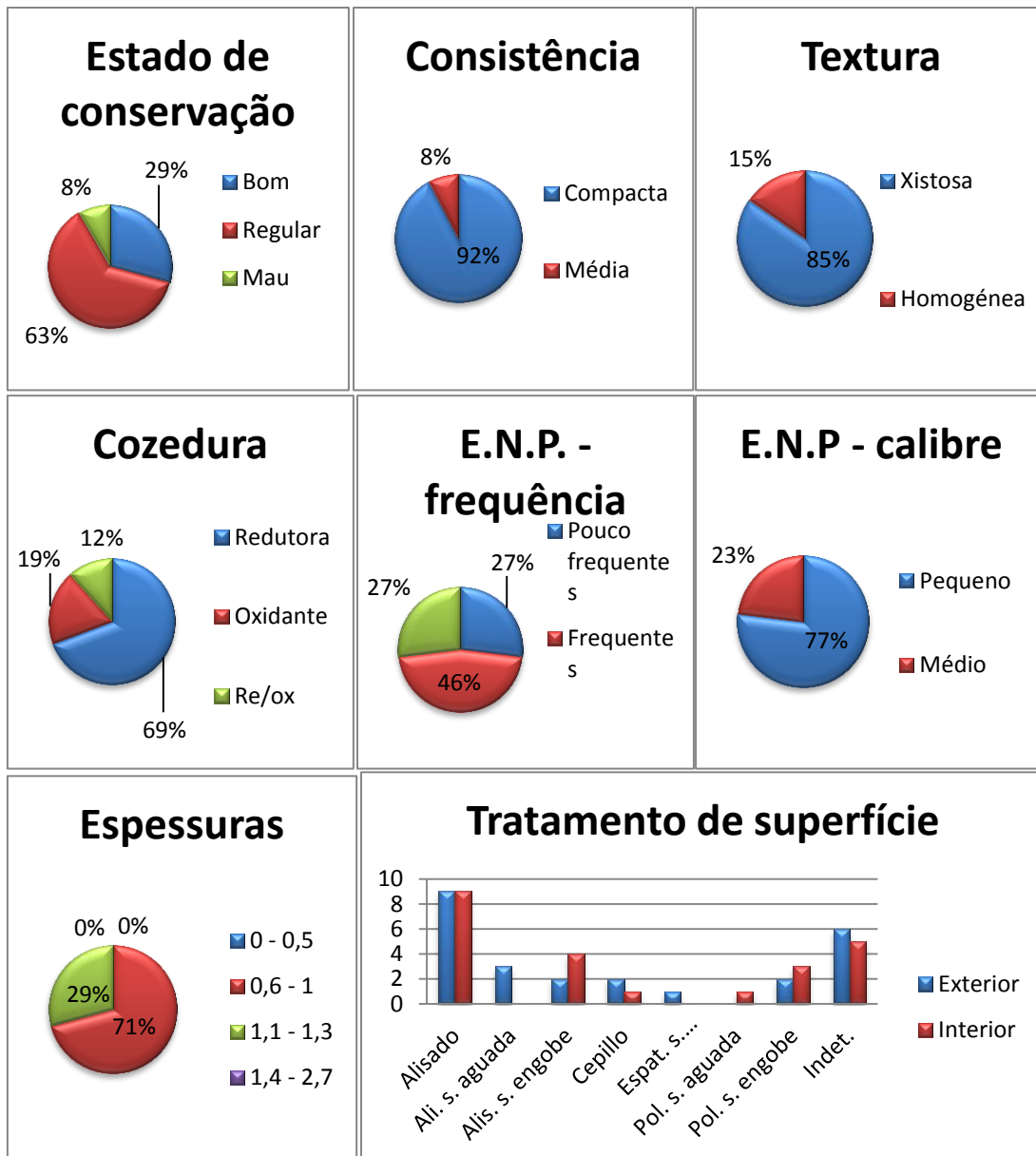
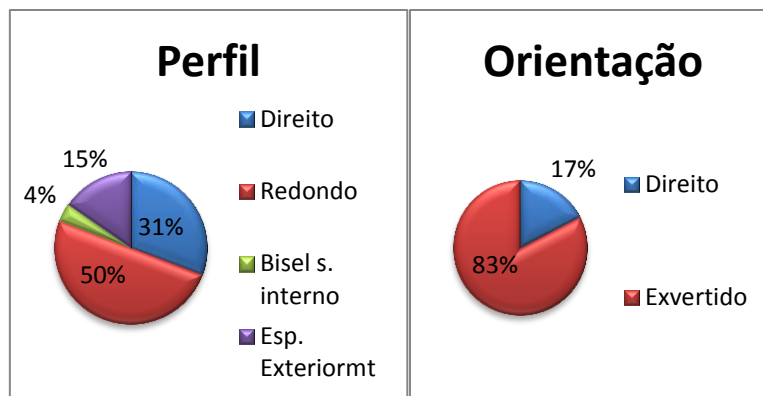


Gráfico 91 - Pastas da Sondagem 2/Nível 5 da Fraga dos Corvos

Os bordos apresentam uma bom estado de conservação, atendendo ao facto de todos terem permitido a identificação do perfil e da orientação. Assim, em termos de perfil, estão presentes bordos redondos na maioria, seguido de direitos e ainda de espessados do lado exterior e em bisel simples interno. Na orientação, os bordos são quase sempre exvertidos, sendo os restantes 17% direitos (Gráfico 92).



**Gráfico 92 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 2/Nível 5 da Fraga dos Corvos**

Em apenas 7 casos foi possível determinar a forma do recipiente: uma taça do subtipo 2.6; dois esféricos do subtipo 5.1, um com 14,8cm e outro com 36,8cm de diâmetro; um globular do subtipo 6.1 com 26,4cm de diâmetro e ainda 3 exemplares do tipo B5, dos quais apenas 2 permitiram determinar o diâmetro, 23,4cm e 11,6cm.

São 11 os fragmentos de base recuperados neste espaço, todos eles partes de bases planas e tendencialmente bem conservadas. Tal como nos outros níveis, também aqui se observam subtipos de bases planas, apesar da pequena amostra: 3 em ângulo; 2 destacadas e 6 esbatidas. Apenas em 3 casos se calculou o diâmetro: 12,6cm; 15,4cm; 20cm.

São simplesmente 3 os fragmentos decorados deste nível e todos correspondem a bordos (11,5% do NMI), sendo um deles um esférico. As técnicas presentes são a incisão simples e a impressão simples. Os fragmentos estão decorados nas três superfícies: um deles nas três simultaneamente (sempre com incisão); outro só no lábio (com impressão) e outro na superfície externa e no lábio (com incisão em ambos).

Os motivos presentes centram-se em torno da espiga em dois recipientes (C21 e C33) e no restante são impressões sequenciais no topo do lábio (S17).

Resta apenas mencionar a presença de duas carenas com um bom estado de conservação. Em termos tipológicos são diferentes, uma arredondada e outra em

ângulo. Apenas num caso se determinou a sua posição no recipiente, tratando-se de uma carena baixa.

#### 6.2.1.4.1.6 Nível 6

Neste nível foram recuperados apenas 52 fragmentos cerâmicos. Do total, 20 correspondem ao Número Mínimo de Indivíduos, um dos quais corresponde a um recipiente inteiro, o primeiro encontrado na Fraga dos Corvos. Os restantes são: 29 fragmentos decorados; 7 fragmentos de base; 2 carenas (uma delas do NMI) e 2 elementos de prensão.

Os fragmentos apresentam um estado de conservação genericamente regular. As suas pastas são sobretudo compactas, mas há muitas médias e uma friável; as texturas são xistosas e algumas homogéneas. Os elementos não plásticos são sobretudo pouco frequentes, mas também frequentes. Há um exemplar que não evidencia qualquer elemento não plástico a olho nu. Quanto ao seu calibre, são preferencialmente pequenos. As cozeduras são reductoras e oxidantes, com 3 exemplares de reductor com arrefecimento oxidante os tratamentos de superfície são dominados, como é habitual, pelos alisados simples, mas também se registam o *cepillo* (1 exemplar), o polido sobre engobe (2 exemplares), o brunido sobre engobe (1 exemplar) e 4 indeterminados. As espessuras máximas centram-se, como nos restantes níveis, na classe dos 0,6-1cm (14 exemplares), estando as restantes fracamente representadas. A classe dos 1,4-2,7cm não tem nenhum exemplar.

Queremos destacar aqui, pela confluência de características um fragmento que se apresenta com uma pasta de muito boa qualidade, muito depurada, sem elementos não plásticos, de tonalidade muito escura (cozedura reductora) e com um tratamento de superfície muito cuidado, um brunido sobre engobe nas duas superfícies. Corresponde ao tipo morfológico 2.6.

Os bordos, neste nível arqueológico, são, quanto ao perfil, sobretudo redondos (12 exemplares), com fraca expressividade de direitos e espessados exteriormente; e 3

são indetermináveis. Quanto à orientação são exvertidos (8 exemplares) e direitos (6 exemplares), enquanto os restantes são indetermináveis.

Dos 20 recipientes presentes, apenas 7 permitem a reconstituição de forma, a maioria dos quais taças, forma 2, com 3 exemplares do subtipo 2.5, 1 exemplar do 2.4 e outro do 2.6 e ainda um exemplar da forma 21.4. Da forma 6, regista-se um exemplar do subtipo 6.3.

Apenas no caso de 3 taças se conseguiu determinar o diâmetro do bocal, um situado na classe dos 11-15cm e outros dois na classe dos 16-20cm.

O recipiente inteiro é de reduzidas dimensões (o que terá contribuído para o seu estado de conservação), tendo, de diâmetro exterior 4,6cm; de altura 2cm; e 2,8cm de base. Trata-se de uma taça de base plana (subtipo 2.6), com bordo redondo, base esbatida e tem, no interior, marcas de modelagem conferindo-lhe uma superfície irregular. Em publicação anterior, considerámos que se poderá tratar de um recipiente feito por ou para uma criança como o sugerido *“no enterramento infantil da Motilla de Azuer (Nájera Colino et. al., 2006) ou, por outro lado, ter servido como contentor de substâncias em pequenas quantidades (óleos, pigmentos, pinturas, preparados de ervas aromáticas ou medicinais, etc.) aferíveis apenas através de análises químicas a eventuais resíduos que se tenham conservado nas suas paredes”* (Luís, Reprezas e Senna-Martinez, 2012).

As bases identificadas são, no total, 7, e são todas planas. Os subtipos registados são: em ângulo (3 exemplares), esbatida e destacada (2 exemplares cada). Apenas num caso foi possível calcular o diâmetro exterior, 16,4cm.

Ao contrário do NMI, a quantidade de fragmentos decorados é considerável para a dimensão da área escavada, 29 fragmentos, dos quais 8 fazem parte do NMI (40%). A decoração localiza-se preferencialmente na superfície externa, existindo um exemplar só com decoração interna e outro nos lados externo e interno. As técnicas decorativas presentes são apenas a incisão (22 casos) e a impressão (6 exemplares), raramente combinadas entre si (1 caso).

Em apenas 2 casos se verificou a associação forma/decoração, uma taça em calote (2.5) e um globular de colo troncocónico (6.3).

Os motivos decorativos simples identificados são: S2 (6 exemplares); S7 (5 exemplares); S9 (4 exemplares); S11 (4 exemplares), predominando, também aqui as espigas incisadas, as retículas e as linhas de pontos e as linhas incisadas. As organizações decorativas são muito mais escassas, sendo apenas 3, C38, C39, e C40, com um exemplar de cada.

Um dos recipientes decorados que constam deste grupo é composto por vários fragmentos, um bordo decorado e vários fragmentos de bojo que colam entre si, mas que não são suficientes para reconstituir a forma completa (FCORV-A 3997). De ressaltar que vários desses fragmentos provêm de outras unidades estratigráficas além das que compõem este nível, como a [152] – nível 4 - e a [582], a desagregação do afloramento geológico.

No entanto, o que é mais interessante neste recipiente é a disposição da decoração. Se o que é habitual nos motivos em torno da espiga, de tradição clássica *protocogotas*, como a decoração interna, externa e no lábio, mas sempre junto ao bordo, neste caso há uma ocupação muito maior da superfície externa do recipiente. A decoração inicia-se abaixo do bordo e parece ocupar grande parte da pança, não sendo porém claro se chegará até à base. Estrutura-se em bandas largas de espigas horizontais, incisadas e com um elevado grau de perfeição e homogeneidade nos traços, alternadas com espaços lisos, quase como métopas mas sem que haja uma linha incisada ou pontos impressos a delimitar o espaço decorativo. A pasta é de boa qualidade e a sua superfície apresenta um polimento sobre engobe amarelado, do mesmo tom da pasta.

Como elementos de preensão apenas se encontram uma asa e um mamilo. A asa encontra-se fragmentada, tendo como espessura mínima 2cm e é considerada como uma asa de rolo, portanto de secção circular. O mamilo é de pequenas dimensões, com 2cm de largura máxima e 0,9cm de distância entre a parede do recipiente e a ponta. É de morfologia troncocónica.

Estão presentes duas carenas, ambas baixas de tipo arredondado. Uma delas pertence à forma 21.4.

#### **6.2.1.4.2 Sondagem 3**

O conjunto de recipientes cerâmicos provenientes da Sondagem 3 é composto por 208 fragmentos classificáveis, dos quais 140 correspondem ao NMI; 47 são bases; 23 são decorados (dos quais 8 são simultaneamente do NMII) e 6 são elementos de prensão.

Os recipientes encontram-se com um estado de conservação tendencialmente regular, com mais de um quarto em mau estado. Muitos encontram-se com as arestas roladas e são maioritariamente de pequeno tamanho. Apresentam uma consistência compacta e texturas diversificadas mas sobretudo xistosas. Os elementos não plásticos são maioritariamente frequentes e pouco frequentes, de pequeno calibre, apesar de cerca de um quarto dos recipientes já apresentar elementos muito frequentes de calibre médio. A cozedura é predominantemente redutora, com 53% dos casos, enquanto as oxidantes apenas apresentam 29%. As restantes distribuem-se por cozeduras redutoras com arrefecimento oxidante (13%) e vice-versa (5%). Os tratamentos de superfície são pouco diversificados consistindo quase somente em alisados simples ou alisados sobre engobe. Cerca de 18% não apresenta qualquer tratamento de superfície. Como excepções encontram-se os brunidos, apenas em 2 casos no lado externo; e os espatulados, com 2 exemplares do lado exterior e um caso, sobre engobe, no lado interior. As espessuras máximas situam-se predominantemente na classe dos 0,6-1cm, seguida da 1,1-1,3cm com 29% das ocorrências. A classe menos representada é a dos 1,4-2,7cm (Gráfico 93).

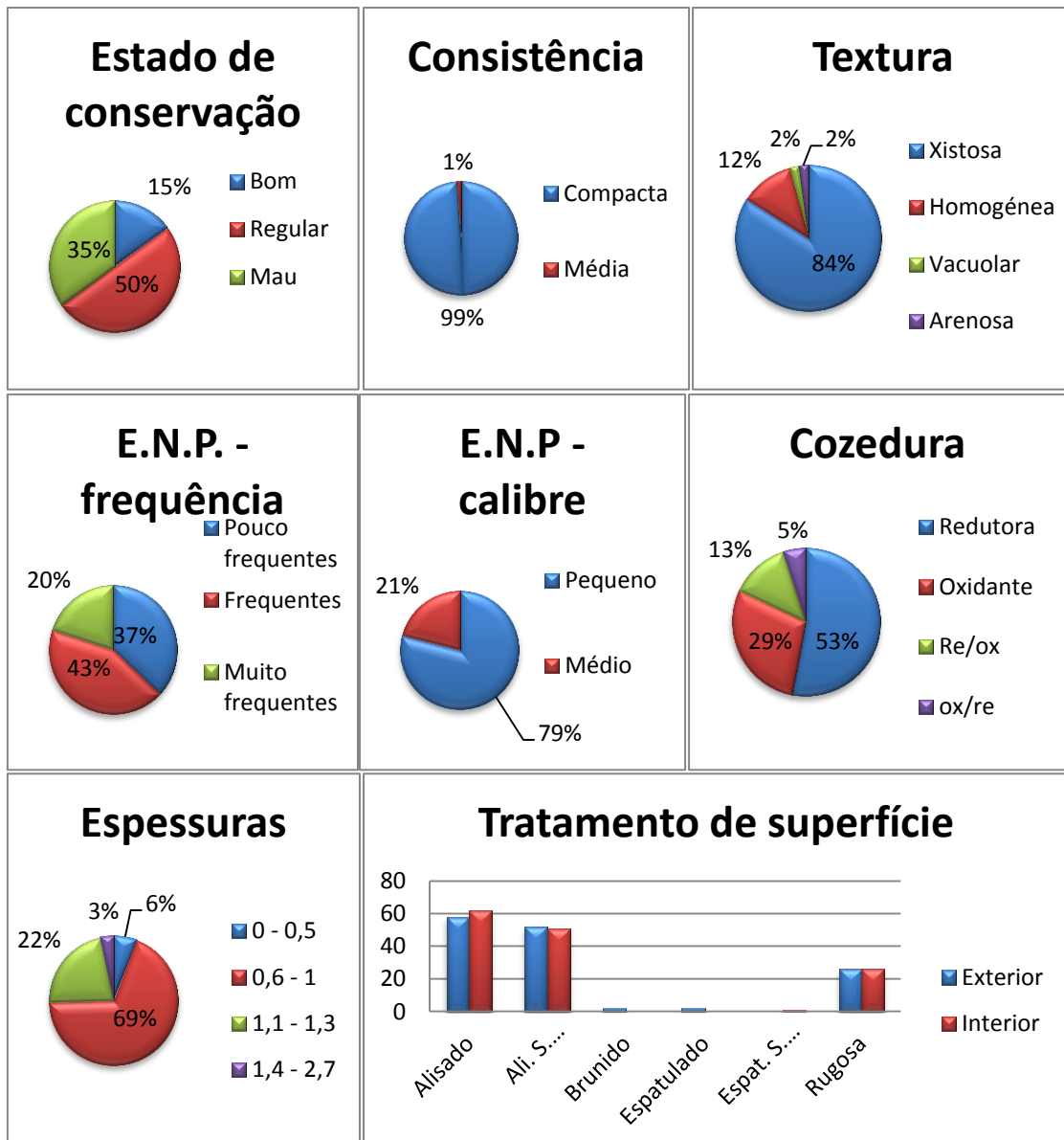
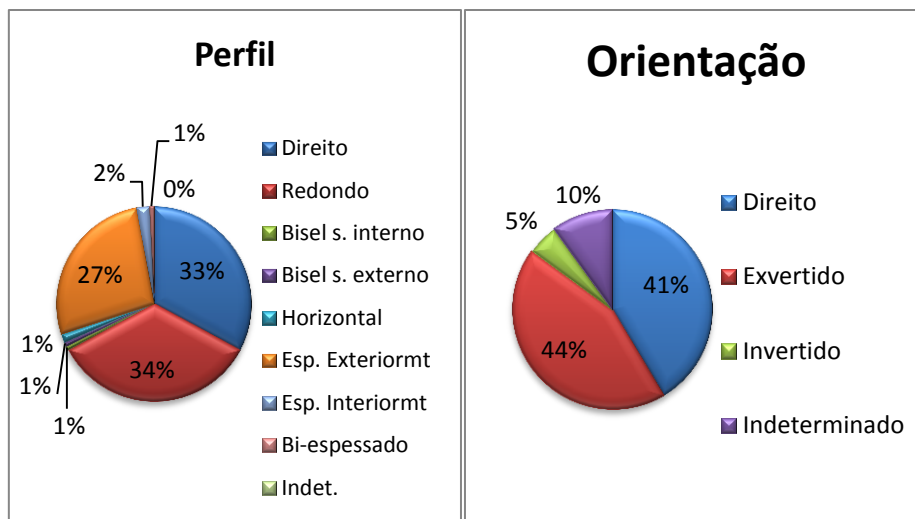


Gráfico 93 - Pastas da Sondagem 3 da Fraga dos Corvos

Os tipos de bordo são bastante diversificados. No que diz respeito ao perfil predominam os bordos redondos e direitos, seguidos do espessamento exterior. Os restantes tipos de perfil são pouco frequentes, como os tipos de bisel, o espessamento interior, o bi-espessamento e os horizontais. Relativamente à orientação, dominam os bordos exvertidos e direitos (Gráfico 94).



**Gráfico 94 - Perfil e orientação dos bordos da Sondagem 3 da Fraga dos Corvos**

Foi possível reconstituir apenas 40 formas devido ao estado de fragmentação do conjunto. Predominam as formas fechadas, nomeadamente os globulares com cerca de 59% do total; seguidos das taças e tigelas, com 34%. Os globulares são igualmente a forma com mais variedade de subtipos. No sentido oposto destacam-se as formas 22, 23 e 26 pela sua raridade. O grupo B encontra-se representado por 4 exemplares (Gráfico 95).

Em 25 casos foi possível determinar o diâmetro do bocal relacionando-o com as formas respectivas. A forma com mais quantidade de diâmetros obtidos é a 6, os globulares, com a concentração de medidas nas classes 11-15cm e 5-10cm. A forma 2 apresenta uma concentração na classe 16-20cm, seguida da 21-25cm. Nenhum recipiente excede os 25 cm (Gráfico 96).

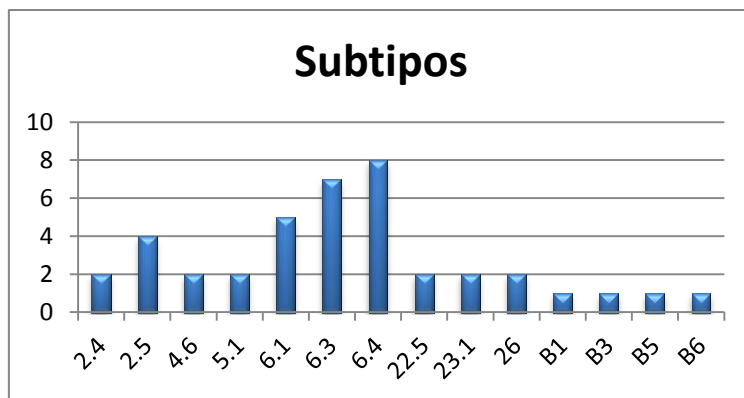


Gráfico 95 - Subtipos dos recipientes da Sondagem 3 da Fraga dos Corvos

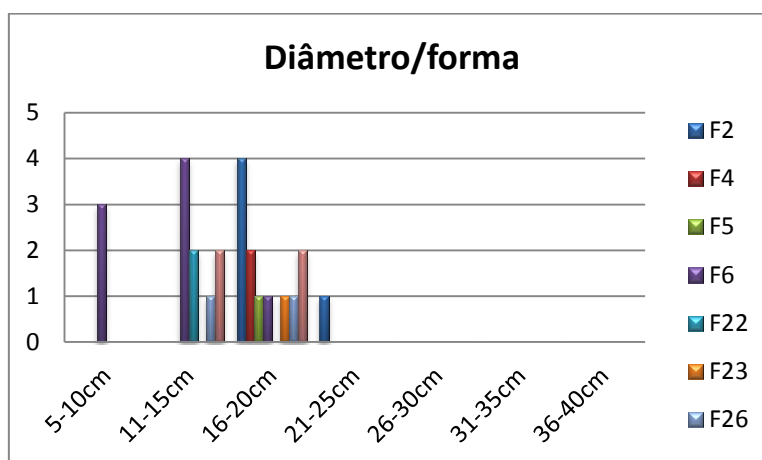


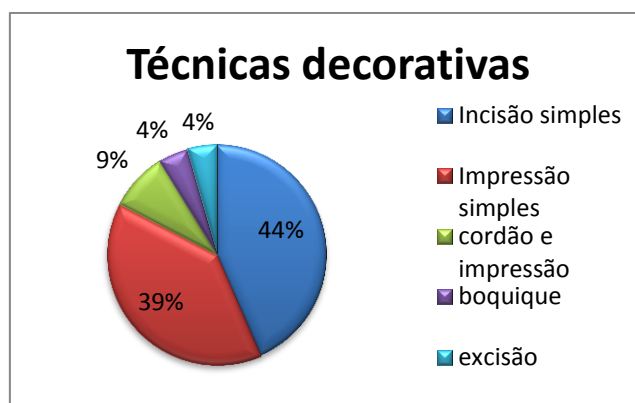
Gráfico 96 - Relação entre o diâmetro e a forma dos recipientes da Sondagem 3 da Fraga dos Corvos

No que diz respeito à decoração, existem 23 fragmentos decorados, dos quais apenas 8 se enquadram dentro do NMI (5,7%). A decoração encontra-se predominantemente na superfície exterior do recipiente (15 casos); na superfície exterior e no lábio (1 caso); no lábio (6 casos); na superfície interna e no lábio (1 caso).

Em apenas 3 exemplares se pode relacionar a forma com a decoração, tratando-se de duas taças em calote (2.5) e um globular de colo estrangulado (6.4).

Nas técnicas decorativas predominam a incisão e a impressão, com 44% e 39%, respectivamente. Como técnicas menos usadas encontram-se a combinação de cordão plástico e impressão; a excisão e o *boquique*. De referir que as matrizes utilizadas são bastante aguçadas no caso da incisão, produzindo linhas finas e bem direitas; no caso das impressões estas são bastante regulares e com elevado grau de perfeição. Os

cordões plásticos são baixos um deles arredondado e o outro de secção triangular (Gráfico 97).



**Gráfico 97 - Técnicas decorativas da Sondagem 3 da Fraga dos Corvos**

Os motivos decorativos simples presentes são: S2 (1 exemplar); S7 (1 exemplar); S9 (1 exemplar); S11 (5 exemplares); S17 (6 exemplares); S18 (2 exemplares) e S19 (1 exemplar). As organizações decorativas são muito escassas, com apenas dois exemplares: C30 e C41.

As bases identificadas são quase exclusivamente planas, devido, como já foi dito, à dificuldade em distinguir bases convexas de partes de parede dos recipientes. Assim e neste conjunto registam-se 47 fragmentos de base, quase todas planas, com 2 % de bases em *omphalos*. Dentro das bases planas é possível distinguir quatro tipos de acabamento, por ordem de importância: esbatida; destacada; em ângulo e aplanada.

Em apenas 15 fragmentos se calculou o diâmetro das bases. A maioria delas situa-se na classe dos 9,5-10,4cm, seguido da 8,5-9,4cm (Gráfico 98).

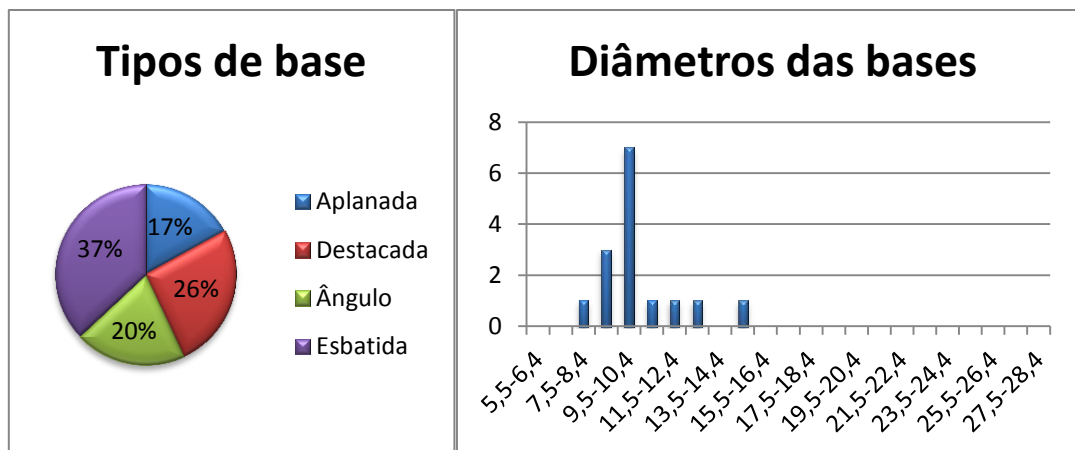


Gráfico 98 - Tipos e diâmetros das bases da Sondagem 3 da Fraga dos Corvos

Como elementos de prensão foram identificados 3 fragmentos de asa; 1 mamilo e 2 pegas. As asas são todas de fita, duas delas cravadas e uma colada à parede do recipiente. Apresentam entre 2 e 2,5cm de espessura máxima. O mamilo é de pequenas dimensões, de tipo cônico/botão com 0,4 cm de altura e 1,1cm de largura. As pegas são também de pequenas dimensões, com largura compreendidas entre os 2,4 e os 2,9cm; e a espessura máxima entre os 1,2 e 2,2cm. São ambas aplicadas por colagem e são de tipo horizontal simples.

#### 6.2.1.5 Cossoiros

O conjunto dos cossoiros provenientes da Fraga dos Corvos, incluindo os de contextos do Bronze Final/Idade do Ferro, foi previamente publicado, debatendo as problemáticas relacionadas com a fiação e a tecelagem (Luís, 2014). Neste espaço, faz-se uma síntese dos cossoiros de contextos do Bronze Médio.

Deste primeiro momento de ocupação provêm 6 exemplares, dos quais apenas 2 são da Sondagem 3. Estes cossoiros distribuem-se por 4 tipos morfológicos diferentes, baseados na tabela de formas construída por T. Pereira (2013). O primeiro deles é o tipo A, Esférico, variante 1, representado por 3 exemplares (um deles de xisto). Segue-se o tipo H, Calote Esférica, variante 1, representado por um exemplar, assinalando-se, neste caso, a particularidade de evidenciar uma depressão em toda a

parte superior afundando em direcção à perfuração central. O tipo G, Cilíndrico-Esférico, variante 1, está representado por uma unidade; no entanto, o nosso exemplar não apresenta uma transição tão marcada entre a parte superior e a inferior, tem um perfil mais ténue (mais em forma de “pêra”). Por último, o tipo D, Bitroncocónico simétrico, subtipo a, variante 1, com um exemplar. Os cossoiros do Bronze Médio são maioritariamente de argila e de fabrico manual. Exibem diâmetros compreendidos entre os 2,3 cm e os 3,1, e comprimentos entre os 1,8 cm e 2,4 cm, sendo, portanto, todos de pequeno tamanho. Apresentam todos consistência compacta, elementos não plásticos de pequeno calibre e pouco frequentes (apenas um caso de frequentes), com cozedura redutora (3 casos) e oxidante (2 casos). Os tratamentos de superfície são maioritariamente alisados, apenas com um exemplar polido. Nenhum apresenta aguada ou engobe. O grau de conservação é bom, com poucos indícios de rolamento e/ou desgaste e encontram-se praticamente todos inteiros. Também não foram identificados claros vestígios de uso. Há ainda uma metade de cossoiro em xisto mole (provavelmente talco), de pequenas dimensões (diâmetro máximo de 2,3 cm e altura máxima de 1,8cm). No conjunto de 6 exemplares foi possível pesar 4, os que se encontram inteiros. Assim, um deles pesa 11 g., outro 12 g. e os dois restantes 21 g ((Anexos – Figura 71).

Apenas um exemplar apresentava decoração, constituída por pequenos traços incisos em forma de V dispostos à volta do aro exterior do topo do cossoiro, sempre com o vértice a apontar para o centro do mesmo. Estes traços encontram-se muito desgastados.

Atendendo ao pequeno tamanho dos exemplares recolhidos, colocámos a hipótese de se poderem tratar de contas. No entanto, *“most round beads, the world over, are less than about 2 cm in diameter, for practical reasons. So a round, centrally pierced object significantly larger than 2 cm across is far more likely to be a whorl than a bead”* (Barber, 1993, p. 51), sendo que todos os nossos exemplares apresentam diâmetros superiores a 2cm. Se o tamanho pode ser indicativo, mais importante consideramos ser o tipo de perfuração para a distinção entre cossoiro e conta: *“the hole in a whorl must be big enough to accommodate a suitable shaft, [...] Liu found that the very smallest holes were 3 to 4 mm, while most ran 7 to 8 mm, occasionally*

*larger” (Idem, p. 52), além da própria forma do orifício. Habitualmente os cossoiros tendem a apresentar uma perfuração cônica, ou seja, com um diâmetro maior no topo do que no fundo (ainda que existam casos em que isto não acontece – c. f. Pereira, 2013; Salvado, 1981) de forma a que o fuso melhor se encaixe na própria perfuração - “a straight or slightly tapered bore is ideal for a spindle whorl, although other types are known to have been used” (Idem).*

Por outro lado, o peso também constitui um dos melhores indicadores para a distinção de um cossoiro, podendo ainda fornecer indicações sobre o tipo de matéria-prima utilizada: *“a heavy spindle is worse than useless for spinning short fibers like short wool, flax tow, or cotton. It pulls the fibers out so fast to their ends that the thread constantly breaks, if it can be spun at all. So for short fibers a light spindle is absolutely necessary. [...] A broad whorl gives a long, slow spin, whereas a whorl of the same weight with a small diameter spins very fast, and for a short time. [...] The whorl of smaller diameter will be selected to produce a tightly spun thread with many twists per unit of length, and the whorl of larger diameter will be used to make looser thread, with fewer twists.”* (Barber, 1993, p. 52-53) O intervalo de pesos identificado na Fraga dos Corvos é de 11 – 21 gramas. Atendendo a dados publicados referentes a outros conjuntos de cossoiros, estes podem perfeitamente ter operado enquanto cossoiros (Pereira, 2013, p. 686; Barber, 1993, p. 52; Salvado, 1981, p. 8-13).

Pelo exposto, optámos por considerar todos os exemplares como cossoiros, ainda que exista a possibilidade de os mais pequenos, do tipo A1, possam ter sido contas elaboradas com as mesmas características e com as mesmas técnicas dos cossoiros. Estudos de Arqueologia Experimental poderiam auxiliar nesta questão.

Os cossoiros provenientes da fase mais antiga de ocupação – Bronze Médio – são os que nos causam maiores dificuldades de análise. De facto, comparando com os recuperados para os contextos do Bronze Final/Idade do Ferro da Fraga dos Corvos, verifica-se que não existem diferenças significativas - todos os exemplares são de pequena dimensão, predomina o mesmo tipo morfológico (o A1), e estão também presentes cossoiros bicónicos em ambos os contextos; e ainda a convergência (exacta em dois casos) dos pesos. Por outro lado, as evidências de cossoiros deste mesmo período são escassas e as que encontrámos são provenientes de contextos muito distantes do nordeste português.

Quatro dos seis cossoiros deste período são provenientes da Sondagem 2 do Sector A e todos eles do canto sudeste dessa mesma sondagem, estando, por isso, situados com muita proximidade uns dos outros. São provenientes de duas unidades estratigráficas que materializam dois níveis do sítio (níveis 2 e 4). Não temos qualquer evidência, além destas interrogações, para supor que estas camadas tenham sofrido perturbações e/ou intrusões posteriores, mas a fraca potência estratigráfica desta área (cerca de 20-30cm) e a presença, a cerca de 7 ou 8 metros a norte, de um ambiente de ocupação distinto mas datado do Bronze Final/Idade do Ferro (contudo seguindo-se a uma abrupta ruptura de nível), inclusivamente no qual se regista a presença de dois cossoiros e agulhas metálicas, leva-nos a colocar a hipótese de estes materiais poderem ter percolado para níveis mais antigos.

Apesar de tudo, optámos por analisá-los em separado e associá-los aos seu contexto de achado, permanecendo porém estas interrogações. Talvez a recuperação futura de cossoiros em outros contextos do Bronze Médio possa contribuir para esclarecer esta questão.

#### **6.2.1.6 Colheres**

Na Sondagem 2 apenas se recolheu um possível fragmento de colher, muito pequeno e rolado, proveniente do Nível 4, conservando-se a parte de ligação entre o cabo e a concha. O cabo tem, aparentemente, uma secção circular e a concha tem uma superfície mais aplanada – como o exemplar da sondagem 3.

NA Sondagem 3 apenas se identificou um fragmento de colher, proveniente da U.E. [2]. o seu estado de conservação é bem melhor que o exemplar da outra sondagem, conservando-se parte do cabo e cerca de um terço da concha, ainda que não saibamos o tamanho original da peça. A superfície exterior é totalmente plana, sendo que a concha teria uma base quadrangular e não côncava como em outros conjuntos conhecidos (cf. Costeira, no prelo).

## 6.2.1.7 Cerâmica de construção

### 6.2.1.7.1 Sondagem 2

Foram recolhidos 2112 fragmentos de argila cozida com um peso de 4,9 kg. Destes, 338 apresentam superfícies aplanadas e 82 apresentam negativos com forma de ramos.

No quadro seguinte (Tabela 9) apresenta-se a distribuição dos fragmentos que pertencem aos níveis identificados, não tendo sido considerados os que se encontram nas camadas superficiais; nos enchimentos dos buracos de poste e os que pertencem a unidades estratigráficas periféricas ou sem relação com os níveis mais seguros.

Nível	Nº Fragmentos	Nº Fragmentos com marcas	Peso total (g)
1	49	0	277
2	435	22	2044
3	129	2	605
4	527	19	1823
5	161	15	931
6	42	1	340

Tabela 9 - Tabela síntese da cerâmica de construção da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos

O nível que apresentam maior quantidade de fragmentos de barro cozido é claramente o 4, com 527 fragmentos. Segue-se o nível arqueológico 2 (U.E. [151]), com 435 fragmentos. A quantidade está também directamente relacionada com o peso total dos fragmentos, também nestes níveis com os maiores valores. Estes factos estão relacionados, em primeiro lugar, com a extensão das próprias camadas que compõe estes níveis arqueológicos, estendendo-se por toda a sondagem. Por outro lado, são também os níveis que resultarão, possivelmente, do nivelamento artificial para implantação de novas estruturas, acumulando restos construtivos anteriores.

Não se registam áreas de especial concentração. Os fragmentos são sempre de pequeno tamanho, com algumas escassas excepções, rolados, mal conservados.

### 6.2.1.7.2 Sondagem 3

Na Sondagem 3 registam-se 177 fragmentos de barro cozido nas unidades estratigráficas [2] e [110], as que compõem o nível de ocupação. Destes, apenas 12 apresentam superfícies planas ou aplanadas e apenas 2 fragmentos têm marcas de ramagens. Os peso total é de 716g.

Tal como o verificado na Sondagem 2, a quantidade de fragmentos de barro parece variar segundo a extensão das unidades onde se integram, não se registando áreas de concentração.

### 6.2.1.8 Datações

Foram enviadas para datação três amostras provenientes da Sondagem 2 do Sector A da Fraga dos Corvos. Os resultados obtidos encontram-se sintetizados na tabela seguinte:

Amostra	Laboratório	Tipo de amostra	Data BP	Data calibrada (1 sigma)	Data calibrada (2 sigma)
<b>Nível 5, U.E. [467]</b>	Sac-2645	Madeira carbonizada	2440±45	547-411 BC	601-405 BC
<b>Nível 5, U.E. [467/582]</b>	Sac-2646	Madeira carbonizada	2580±45	808-756 BC	820-742 BC
<b>Nível 5, U.E. [636]</b>	Beta-331982	Madeira carbonizada	2440±30	540-410 BC	600-400 BC

Tabela 10 - Tabela síntese das datações da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos

Como a fauna recuperada se encontrava queimada e sem colagénio em quantidade suficiente, restou enviar carvões para datação. A quantidade de carvões presente no sítio arqueológico é muito pequena, tendo sido aproveitados os que apresentavam melhor estado de conservação. A primeira amostra, Sac-2645, é proveniente do Nível 5, U.E. [467], mas de uma zona pouco conservada, junto às

raízes de um castanheiro que se encontra mais ou menos a meio da Sondagem 2. A segunda amostra provém já da interface entre a U.E. [467], que materializa o Nível 5 e o afloramento xistoso, U.E. [552]. A terceira amostra é proveniente do enchimento de uma estrutura negativa, uma fossa, que corta a U.E. [467].

As datações obtidas situam-se, as três, no período designado, provisoriamente neste sítio arqueológico, de Bronze Final/Idade do Ferro. Atendendo à homogeneidade da indústria cerâmica recuperada neste sector e à correlação com os materiais cerâmicos Protocogotas, estes datados, uniformemente em toda a Meseta Norte, do Bronze Médio (num intervalo compreendido entre cerca de 1700-1400/1300 a.C.), não nos parece que estas datas sejam válidas para os contextos que se pretendiam datar. Revelam, por outro lado, a penetração de carvões para os níveis mais antigos da Fraga dos Corvos com o auxílio das várias raízes presentes por todo o sector ou de outros fenómenos pós-deposicionais.

## 6.2.2 Abrigo 2 da Fraga dos Corvos

### 6.2.2.1 Localização

O Abrigo 2 da Fraga dos Corvos localiza-se na freguesia de Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros, distrito de Bragança. Está implantado na vertente noroeste do cabeço da Fraga, a 24 metros abaixo do Sector A. Trata-se de uma cavidade profunda (Figura 28), *“criada pelo espaço entre dois blocos xistosos. Tem uma profundidade média de 6,30m – à face da pala – no sentido O-E. A sua largura à face da “pala” é de 3,60m sendo a sua largura média interna de cerca de 2,2m. Na entrada da cavidade esta apresenta uma altura média de 3,10m, mas a altura média interna é de 1,50m, sendo de 1m em média na sua parte mais profunda”* (Senna-Martinez, Ventura e Carvalho, 2004, p. 38).



Figura 28 - Fotografia da entrada do Abrigo 2

### **6.2.2.2 História da investigação**

Este espaço foi descoberto em 2003, simultaneamente com o cabeço superior, no qual se implantou o Sector A (ver cap. Sector A). Nesse reconhecimento verificou-se que o *“enchimento original deste abrigo tinha sido profundamente afectado, por acção antrópica recente, sendo ainda visíveis diversas fossas, em número de 4, algumas com uma profundidade média que atingia cerca de 0,50m” (Idem).*

Foram efectuados 5 campanhas de trabalhos arqueológicos nos verões de 2003 a 2007.

Em 2003 foi apenas feito um reconhecimento prévio das condições de preservação do abrigo, tendo-se registado evidências de ‘escavações’ clandestinas recentes.

De 2004 a 2007 foram realizadas 4 campanhas de escavação arqueológica dirigidas por José Ventura e Hélder Carvalho, todas publicadas (Senna-Martinez, Ventura e Carvalho, 2005; 2007; 2008; Senna-Martinez et al., 2006). Inicialmente foi aberta uma sondagem de 4m<sup>2</sup>, junto à entrada do abrigo de forma a avaliar o estado de conservação da estratigrafia e o potencial arqueológico do sítio. Nas campanhas subsequentes, esta sondagem foi alargada por praticamente toda a área disponível e escavada até ao afloramento geológico. No total foram intervencionados cerca de 21m<sup>2</sup>; ou seja, a área em que existiam sedimentos preservados.

Os materiais arqueológicos recuperados encontram-se à guarda da Associação Terras Quentes, fazendo parte da colecção do futuro Museu de Arqueologia de Macedo de Cavaleiros.

### **6.2.2.3 Estratigrafia e estruturas**

Este é um espaço com uma estratigrafia bastante complexa na medida em que os sedimentos se encontram muito afectados por acções de diversa índole e de diversas cronologias: tocas de animais (roedores, por exemplo); buracos de raiz; alguns agentes erosivos (escorrimento de águas por entre as frestas da pala superior); e as já mencionadas acções de escavações clandestinas (cujos actores inclusivamente

deixaram para trás um crivo artesanal – Senna-Martinez, Ventura e Carvalho, 2004, p. 42, Fig. 2).

Verificou-se desde início que a área se encontrava muito afectada, com a existência de muitas fossas de vários tamanhos e de várias naturezas que cortaram sistematicamente os níveis arqueológicos. Muitas dessas perturbações revelaram materiais arqueológicos que dificilmente poderão ser correlacionáveis com as camadas estratigráficas conservadas. A descrição completa e pormenorizada destas realidades pode ser consultada nas publicações referidas.

No entanto, foi possível determinar a existência de 5 ‘pisos’ sequenciais com materiais arqueológicos, denominados de ‘a’ a ‘e’, sendo o ‘a’ o mais recente e o ‘e’ o mais antigo. Estes pisos podem ser definidos como camadas estratigráficas preservadas cuja superfície se apresenta compactada e claramente distinguível das realidades superiores (“em clara descontinuidade estratigráfica”, como é sempre referido pelos autores). Tratar-se-ia, neste sentido, de ‘pisos de ocupação humana’, as únicas camadas antrópicas conservadas do sítio arqueológico e, como tal, são as realidades aqui abordadas para estudo da ocupação e dos materiais respectivos. De salientar que os materiais recuperados de cada piso deverão fazer parte de uma ocupação anterior, tendo sido “agrupados”/“cristalizados” num único momento durante a construção (ou “batimento”) dessa superfície (Anexos – Figuras 72 a 77).

Os materiais arqueológicos mais representativos provenientes do Abrigo são os metálicos, um pequeno conjunto de artefactos excepcionais integráveis no Bronze Final já amplamente estudados, discutidos e publicados (cf. Senna-Martinez et alii 2012; Figueiredo, 2010; Figueiredo et alii. 2009). E, à primeira vista, seriam suficientes para situar a ocupação deste espaço no Bronze Final. No entanto, a Fraga dos Corvos, nas plataformas superiores, revelou dois momentos bem diferenciados de ocupação, o Bronze Médio e o Bronze Final. Este dado associado à proximidade do Abrigo ao Sector A (com ocupação do B. Médio) e à complexidade estratigráfica revelada nas escavações, traz-nos a necessidade de uma revisão da componente cerâmica e na sua comparação com os materiais dos restantes contextos arqueológicos, de forma a melhor enquadrar a ocupação humana deste espaço. De facto, atendendo à natureza

do Abrigo 2, um espaço resguardado, relativamente amplo, e a tão poucos metros da plataforma de ocupação superior, dificilmente terá sido ignorado pelas comunidades da Fraga dos Corvos nos dois períodos. Por outro lado, o que parece coerente é que a ocupação mais recente seja a mais representativa, o que, no entanto, não invalida a conservação de evidências de ocupações anteriores.

Neste sentido faremos uma abordagem à cerâmica proveniente dos escassos contextos conservados, os 5 “pisos”, para posterior comparação e discussão.

#### **6.2.2.4 Materiais cerâmicos**

##### **6.2.2.4.1 “pisos” a**

Este piso é constituído pelas unidades [2002], [2004] e [2044], das quais foram recuperados 24 artefactos: 5 líticos e 19 fragmentos cerâmicos classificáveis. Dentro destes últimos encontram-se 9 bordos, 3 bases, 1 bordo decorado, 3 bojos decorados e 1 bordo com arranque de asa. O número mínimo de indivíduos é de 11, após tentativas de remontagem. Os recipientes encontram-se muito fragmentados, e apenas 1 exemplar permitiu o cálculo do diâmetro.

Como se trata de um número extremamente pequeno para uma análise estatística referem-se aqui os principais dados das pastas com os respectivos valores absolutos – o que, aliás, se irá repetir nos outros contextos deste Abrigo.

O estado de conservação dos fragmentos é quase sempre regular, com um caso em mau estado, com poucos vestígios de rolamento. No que diz respeito às pastas, todos os recipientes apresentam consistências compactas e texturas xistosas; os elementos não plásticos são pouco frequentes (5), frequentes (4) e muito frequentes (2), de pequeno (10) e médio (1) calibre. As cozeduras são pouco diversificadas, quase todas redutoras (9) e redutoras de arrefecimento oxidante (2). Apenas em dois exemplares não foi possível identificar os tratamentos de superfície; nos restantes estão presentes maioritariamente os alisados simples (7 casos), um polido e um *cepillado* em ambas as superfícies do recipiente.

Os bordos são direitos (6) e exvertidos (5) na sua orientação e apresentam alguma diversidade de perfis: 5 redondos, 2 espessados exteriormente, 2 direitos, 1 em bisel simples interno e ainda 1 horizontal.

Apenas dois fragmentos permitiram a identificação de forma, tendo-se reconhecido um esférico (5.1) e um possível troncocónico, forma 26.

Neste contexto encontram-se três fragmentos de base plana. Apenas num caso foi possível calcular o diâmetro, de 6,6cm. Quanto à forma de ligação entre a parede e a base, registam-se três formas diferentes, uma aplanada, uma destacada e uma em ângulo.

São 4 os fragmentos decorados deste contexto, sendo um deles um bordo. Estão presentes as técnicas da incisão (2 exemplares), da impressão (1 exemplar) e do *boquique* (1). A decoração encontra-se maioritariamente nas paredes dos recipientes, não sendo possível precisar concretamente o local devido ao estado de fragmentação; apenas num dos casos se verifica a decoração no lábio.

Quanto aos motivos decorativos estes são, necessariamente, pouco diversificados. Trata-se sempre de motivos simples e incompletos devido à fragmentação. O bordo decorado apresenta duas marcas no lábio impressas, provavelmente recorrendo a um punção lateral (“bordo denteado” provavelmente) – motivo S17. Os restantes fragmentos apresentam partes retículas incisadas (2) – motivo S2 - e uma provável banda de linhas horizontais paralelas realizadas a *boquique*. (S15)

Por último, e quanto aos elementos de preensão, apenas existe um fragmento de bordo que evidencia o arranque de uma asa cravada – ainda é visível, no centro da marca, uma zona mais funda onde se colocaria o “encaixe” da asa.

#### 6.2.2.4.2 “piso” b

O piso ‘b’ é composto pelas unidades [2003]; [2023]; [2036]; [2048]; [2095]; [2088]; e [2105], nas quais 19 fragmentos cerâmicos classificáveis: 11 bordos, dos quais 2 decorados; 2 bojos decorados; 3 bases e 1 asa.

O estado de conservação dos fragmentos é maioritariamente regular. Estes apresentam pastas com consistências compactas (e apenas um caso de friável), texturas xistosas (e um caso de homogénea), cozeduras redutoras (7 casos), oxidantes (2 casos) e ainda redutoras com arrefecimento oxidante (2 casos). Os elementos não plásticos são frequentes (5 casos), pouco frequentes (4 casos) e muito frequentes (2 casos) e com calibres pequenos (8 casos) e médios (3 casos). Os tratamentos de superfície consistem apenas em alisados simples e um único caso de polido sobre engobe, em ambas as superfícies.

Os bordos são direitos (7 casos), espessados exteriormente (2 casos), redondo (1 caso) e em bisel simples interno (1 caso) de perfil e apresentam orientações exvertidas (3 casos), direitas (4 casos) e indeterminadas (4 casos).

Nenhum fragmento permitiu a identificação de forma ou o cálculo do diâmetro.

São igualmente 3 os fragmentos de base identificados, todos eles de tipo plano, com subtipos em ângulo, aplanada e indeterminada. A base plana em ângulo tem um diâmetro externo de 10,4cm.

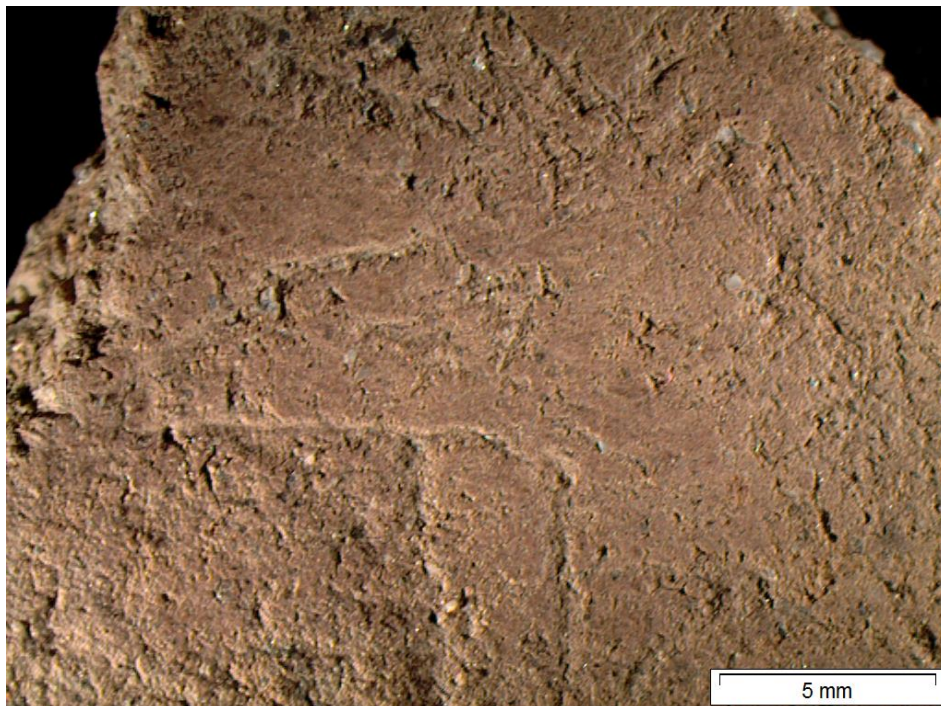
Quanto às decorações, são 4 os fragmentos recuperados que as exibem, 2 bordos e 2 bojos. A localização da decoração é sempre no lado exterior do recipiente (3 casos) e no lábio (1 caso). Estão presentes as técnicas da incisão (2 casos) e da impressão (2 casos).

Os motivos identificados são: banda de impressões sequenciais de secção rectangular (S9); uma espiga (S2); duas linhas incisas muito finas (S11) e ainda outras duas linhas incisas no lábio (S17)).

Existe ainda outro fragmento de bojo potencialmente decorado, mas muito problemático. Num fragmento de bojo (FCORV-A2 368 – Figura 29) parecem ter sido

efectuados alguns “rabiscos” provavelmente depois do recipiente se ter fragmentado, tratando-se de uma ocasião de desenho oportunista e completamente distinto dos restantes motivos decorativos (aliás, de qualquer outro motivo conhecido). Quando visto à lupa binocular<sup>16</sup>, parece tratar-se da representação de um animal (pássaro?). Mas a representação não é totalmente clara, fica apenas a observação.

Por último, destaca-se a presença de uma asa de rolo, cuja técnica de prensão não foi possível determinar.



**Figura 29 - Imagem ampliada do fragmento FCORV-A2 368**

#### **6.2.2.4.3 “piso” c**

O “piso” *c* é composto pelas unidades [2062]; [2070]; [2069]; [2106], das quais foram recuperados 12 artefactos: 6 líticos; 1 de metal; 5 fragmentos cerâmicos classificáveis. Destes últimos, existem 3 bordos e 2 bases.

Os bordos apresentam pastas de consistência compacta, textura xistosa e três tipos de cozeduras: redutora, oxidante e redutora com arrefecimento oxidante. Os

---

<sup>16</sup> Agradecemos ao Mestre Henrique Matias pela sua disponibilidade em tirar as fotografias na lupa binocular.

elementos não plásticos são pouco frequentes e frequentes de pequeno tamanho. Apenas se identificou alisado e *cepillo* como tratamentos de superfície. Exibem igualmente perfis diferentes entre si como direito, redondo e espessado exteriormente. Quanto às orientações, estas são sempre direitas.

Apenas um fragmento permitiu o cálculo de diâmetro, de 4,4cm, tratando-se de um troncocónico, forma 26, de pequenas dimensões a única forma reconhecida nestes três recipientes.

São 2 os fragmentos de base recuperados, ambas planas mas com diferentes subtipos, uma aplanada e outra destacada. Esta última apresenta um diâmetro externo de 11cm.

#### **6.2.2.4.4 “piso” d**

Este piso é constituído pelas unidades [2073] e [2074] e é o que apresenta menor quantidade de materiais arqueológicos. Apenas se recuperou 1 fragmento cerâmico classificável, um fragmento de bojo decorado.

A decoração é realizada com a técnica da incisão e o motivo representado consiste, apenas, em 4 linhas incisadas muito finas paralelas entre si feitas com recurso a pente e muito semelhantes aos fragmentos decorados recuperados no Sector M da Fraga dos Corvos, enquadrável no Bronze Final/Idade do Ferro (Reprezas, 2014).

#### **6.2.2.4.5 “piso” e**

O mais antigo dos pisos, o e, é composto pelas unidades [2100]; [2127]; [2129] e [2118], das quais foram recolhidos 15 fragmentos cerâmicos classificáveis: 6 bordos, um dos quais com um mamilo e outro dos quais com uma pega; 3 bojos decorados; 1 base; e 1 asa.

Os recipientes apresentam estados de conservação regulares e bons. Têm pastas com consistências compactas (e um caso de média), texturas xistosas,

cozeduras oxidantes (3 casos), redutoras (2 casos) e redutora com arrefecimento oxidante. Os elementos não plásticos são pouco frequentes (4 casos) e frequentes, de calibres pequenos (5 casos) e médios (1 caso). Os tratamentos de superfície são diversificados apesar da reduzida amostra: 3 alisados, um *cepillo* e um brunido sobre engobe.

Os bordos são direitos (3 casos) e redondos quanto ao perfil e sobretudo exvertidos (5 casos) quanto à orientação.

Em dois casos foi possível calcular o diâmetro do bordo, obtendo 15,6cm num caso e 24 no outro.

No que diz respeito às formas, apenas duas foram reconhecidas, um globular (subtipo 6.3) e um troncocónico.

Só existe um fragmento de base neste piso, apresentando 8,6 cm de diâmetro exterior, e é de tipo plana, subtipo destacada.

A decoração está representada em três fragmentos, todos de bojo, com técnicas da incisão (2 casos) e da impressão, sempre na superfície exterior do recipiente. Os motivos incisos consistem em uma possível parte de espiga (S2) e ainda em três linhas dispostas de forma concêntrica formando aparentemente elipses. O motivo impresso está muito fracturado, sendo apenas visível uma parte de duas pequenas impressões junto à fractura.

Este é o piso com mais elementos de preensão conservados: um mamilo, uma asa e uma pega. O mamilo está colocado abaixo do bordo através da técnica da colagem. É de pequeno tamanho, tipo botão, com apenas 1 cm de diâmetro e 0,3cm de altura. A asa encontra-se fragmentada, não permitindo tirar medidas ou saber qual a técnica utilizada para a sua aplicação, apenas se verifica que tem secção rectangular, sendo uma asa de fita, portanto. Por último, a pega encontra-se num fragmento de bojo e não se encontra completa. No estado actual apresenta 4,7cm de largura, tendo que ter sido maior que este valor. Tem 2,7cm de largura máxima e 1,4cm de altura, tendo sido colocada por colagem. A sua secção é cónica.

## 6.2.3 Mamoa de Santo Ambrósio

### 6.2.3.1 Localização

A Mamoa de Santo Ambrósio localiza-se na freguesia de Vale da Porca, concelho de Macedo de Cavaleiros, com as coordenadas UTM 4600308N e 29676837W, correspondendo a uma latitude de 41° 32' 09" N e longitude de 6° 52' 81" W, na Folha 78 da C.M.P. 1:25000 (Figura 30).

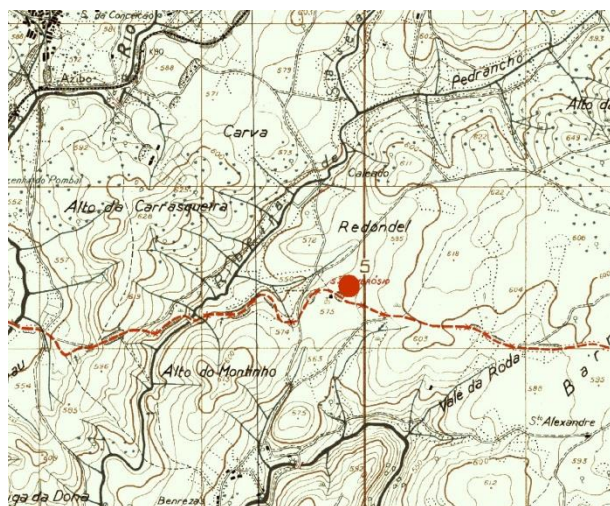


Figura 30 - Localização da Mamoa de Santo Ambrósio na C.M.P. 1:25000.

### 6.2.3.2 História das investigações

Este sítio funerário foi identificado na década de 1990 por uma equipa do Instituto Geológico e Mineiro, tendo sido posteriormente alvo de três campanhas de escavação dirigidas por Hélder Carvalho, com o apoio da Associação Terras Quentes de Macedo de Cavaleiros. Os resultados destas intervenções foram publicados na revista da mesma associação, em 2005 e 2006, assinados pelo director de escavação.

Antes do início dos trabalhos, verificava-se, na área central do monumento, uma “grande fossa de violação” (Carvalho, 2005, p. 51).

Na primeira campanha de escavação abriram-se duas áreas de intervenção, Sanjas B e C, orientadas O-E e N-S, respectivamente, num total de 36m<sup>2</sup>. Na segunda campanha, de 2004, abriu-se nova área de escavação, o Quadrante SE, com 16m<sup>2</sup>. Por último, na última campanha, foi aberta uma nova área incidindo na área central do

monumento, de forma a verificar ou não a existência de uma câmara funerária. Abriram-se mais 13m<sup>2</sup>.

As intervenções no sítio arqueológico e a análise preliminar dos materiais recuperados não foram suficientes para uma caracterização crono-cultural do monumento funerário. Por este motivo e, ainda, por provavelmente este se relacionar com uma tradição neolítica, foi aqui dada atenção e preferência aos materiais que desde início se poderiam integrar em momentos posteriores e que constituirão, presumivelmente, o resultado de uma (ou várias) acções de visitação ao monumento. Assim, na descrição da estratigrafia privilegiar-se-ão os contextos de ocorrência desses materiais remetendo a restante informação para as publicações do sítio.

Os materiais arqueológicos encontram-se depositados em Macedo de Cavaleiros, nas instalações da Associação Terras Quentes, e farão parte da exposição do futuro Museu de Arqueologia.

### **6.2.3.3 Estratigrafia e estruturas**

Todos os materiais cerâmicos recuperados neste sítio arqueológico provêm da Sanja B, com excepção de 3 fragmentos de bordo e 1 de base do Quadrante SE. Toda a cerâmica recuperada é proveniente de estratos posteriores à construção da couraça pétreia da mamoa, pelo que sempre mais recente que o monumento funerário. Estes materiais revelam características típicas de momentos mais recentes dos que habitualmente seriam contemporâneos dos monumentos megalíticos da região. Esta circunstância foi imediatamente reconhecida nas publicações do sítio: *“quanto ao espólio recolhido, é sem duvida de salientar o aparecimento na periferia da Mamoa, no seu lado Este, de uma grande concentração de cerâmica, com evidente associação de fragmentos de vários recipientes. A sua análise preliminar, bem como a verificação da sua posição de jazida (claramente posterior à construção do monumento megalítico) configuram uma situação de reutilização tardia, provavelmente da Idade do Bronze”* (Carvalho, 2005, p. 54).

No espaço designado como Sanja B, a sequência estratigráfica identificada é relativamente simples. Abaixo da camada humosa de superfície, U.E. [0], encontrava-se, em toda a área, a U.E. [1], *“constituída por uma matriz de terras castanhas escuras (7,5YR 3/3), diferenciando-se da UE.0, pela sua maior consistência e diferença de cor” (Idem)*. Na área mais a Este, por cima da couraça pétreia da mamoa (U.E. [2]), encontrava-se uma camada composta por terras negras pouco consistentes, a U.E. [4]. As U.E.s [5] e [6] encontravam-se na mesma área da U.E. [4], mas, nas publicações não é clara a relação estratigráfica entre elas: *“na área correspondente à metade Este dos quadrados W11/12 e topo Oeste dos quadrados X11/12, detectou-se a UE.5, constituída por uma matriz de terra negra (5YR 3/1), de consistência média, englobando pequenos fragmentos de xisto e quartzo. Na área correspondente ao topo Este dos quadrados X11/12, detectou-se a UE.6, constituída por uma matriz de terras castanhas escuras (7,5YR 3/2), de consistência dura e compacta localizada na periferia da mamoa” (idem)*. Abaixo da U.E. [5] detectou-se uma nova realidade, uma nova camada que se destacava por uma *“grande concentração de cerâmica incrustada” (Idem)*, a U.E. [7]. Pensamos, no entanto, que esta última camada não terá sido escavada – não dispomos de qualquer fragmento cerâmico com indicação desta unidade; nas plantas de final de escavação, ela aparece representada. A intenção do director seria deixar esta área para outras intervenções que, até hoje, não foram possíveis (Anexos – Figura 80).

Os materiais cerâmicos do Quadrante SE são todos da U.E. [1], exactamente a mesma que se identificou na Sanja B. Abaixo deste nível não foram identificados quaisquer outros fragmentos cerâmicos, reforçando o seu lugar de elemento posterior à primeira utilização do monumento.

#### **6.2.3.4 Materiais cerâmicos**

Foram recolhidos 2013 bojos e 129 fragmentos classificáveis (bordos, bases, elementos de prensão e decorados). O conjunto encontra-se muito fragmentado, com uma média de tamanho de bojos de cerca de 3-4 centímetros.

A maior parte do espólio cerâmico provém das U.E.s [1, 4, 5], quer no número total de fragmentos, quer no subconjunto de classificáveis. O número Mínimo de Indivíduos é bastante reduzido em todos os contextos, sendo bastante inferior ao número de classificáveis, o que se deve à forte componente de bases planas.

Na U.E. [1] foram recolhidos 64 fragmentos cerâmicos classificáveis, dos quais 38 correspondem ao NMI.

Os materiais cerâmicos da U.E. [1] apresentam um estado de conservação maioritariamente regular, sem vestígios de rolamento, ainda que se encontrem muito fragmentados; sendo que apenas 3% se encontra em bom estado. No que diz respeito ao fabrico, estes têm uma consistência 100% compacta, uma textura maioritariamente xistosa, ainda que com presença significativa de homogénea e vacuolar. As cozeduras revelam uma preferência mais ou menos equitativa entre tonalidades escuras acinzentadas e alaranjadas (algumas mesmo vermelhas), conseguido através de atmosferas redutoras (42%), oxidantes (32%) e redutoras com arrefecimento oxidante (26%). Os elementos não plásticos são preferencialmente de pequeno tamanho e pouco frequentes ou frequentes, estando menos presentes recipientes com elementos não plásticos grandes e muito frequentes. As paredes dos recipientes, pelo menos na parte mais junto ao bordo (a que foi medida pelo grau de fragmentação), são pouco espessas, centrando-se na casa dos 0,6 a 1 cm, sendo muito raros os recipientes com mais de 2cm de espessura.

Ainda que os fragmentos se encontrem com um estado de conservação maioritariamente regular, as suas superfícies aparentam algum desgastamento dificultando a aferição dos tratamentos de superfície. Assim, apenas se registam alisados simples em ambas as superfícies dos recipientes e um caso de alisado sobre engobe do lado exterior (Gráfico 99).

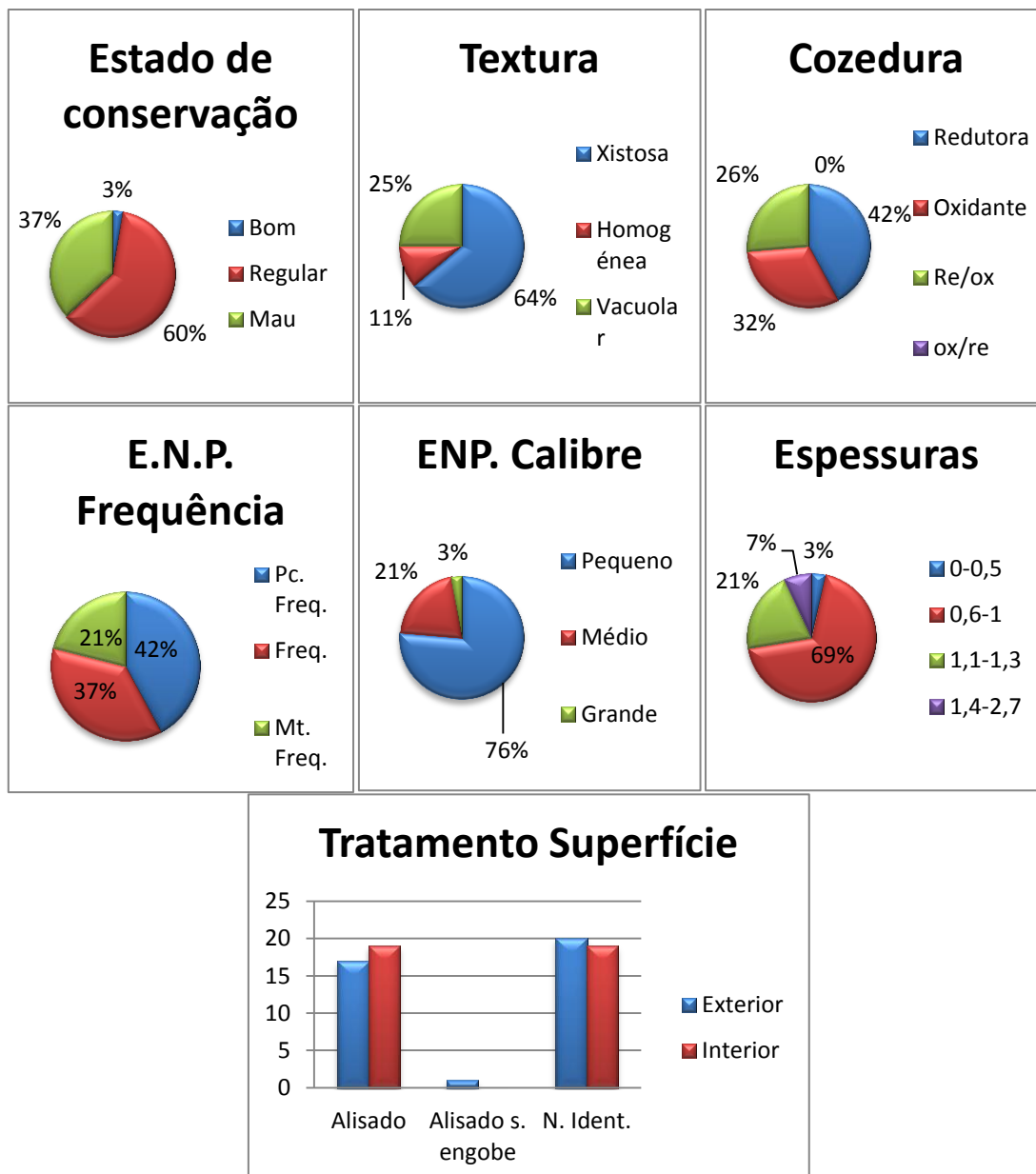
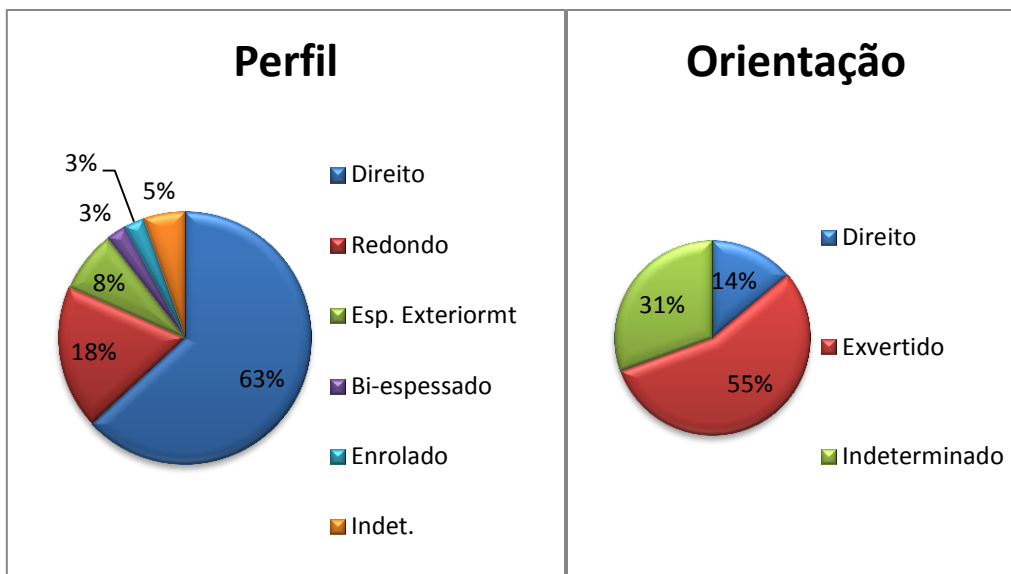


Gráfico 99 - Pastas da U.E. [1] da Mamoa de Santo Ambrósio

Os bordos são maioritariamente exvertidos na sua orientação, mas com uma alta percentagem de não identificados. Quanto ao perfil são relativamente variados, mas predominam os bordos direitos. Encontram-se também redondos, espessados exteriormente, um bi-espessado e um enrolado (Gráfico 100).



**Gráfico 100 - Perfil e orientação dos bordos da U.E. [1] da Mamoa de Santo Ambrósio**

É neste contexto que foram recuperados mais fragmentos que permitiram a atribuição de forma, num total de 9. Estão presentes taças, com 2 exemplares, nos subtipos 2.2 e 2.5; um esférico (subtipo 5.1); 5 globulares subdivididos em 2 subtipos, 6.3 (com 4 exemplares) e 6.4. Por último, a presença de um possível troncocónico invertido, com bordo exvertido (forma 26).

Os recipientes da U.E. [4] apresentam um estado de conservação tendencialmente mau e regular com as superfícies bastante corroídas. As pastas apresentam consistências compactas em quase todos os casos, com exceção de um médio e um friável. As texturas são sobretudo xistosas, mas também vacuolares e homogêneas. Os tipos de cozedura são maioritariamente oxidantes, seguido de redutoras com arrefecimento oxidante e redutoras, o que difere um pouco do verificado na camada descrita acima. Os elementos não plásticos são pouco frequentes, frequentes e muito frequentes, por esta ordem de importância; e, em termo de calibre, predominantemente pequenos. Tal como na U.E. 1 as espessuras centram-se na classe dos 0,6 a 1 cm com raros casos acima dos 2 cm. Os tratamentos de superfície, como já assinalado, são monótonos provavelmente devido a mau estado das superfícies, somente se registando alisados simples e 1 recipiente com utilização de engobe (Gráfico 101).

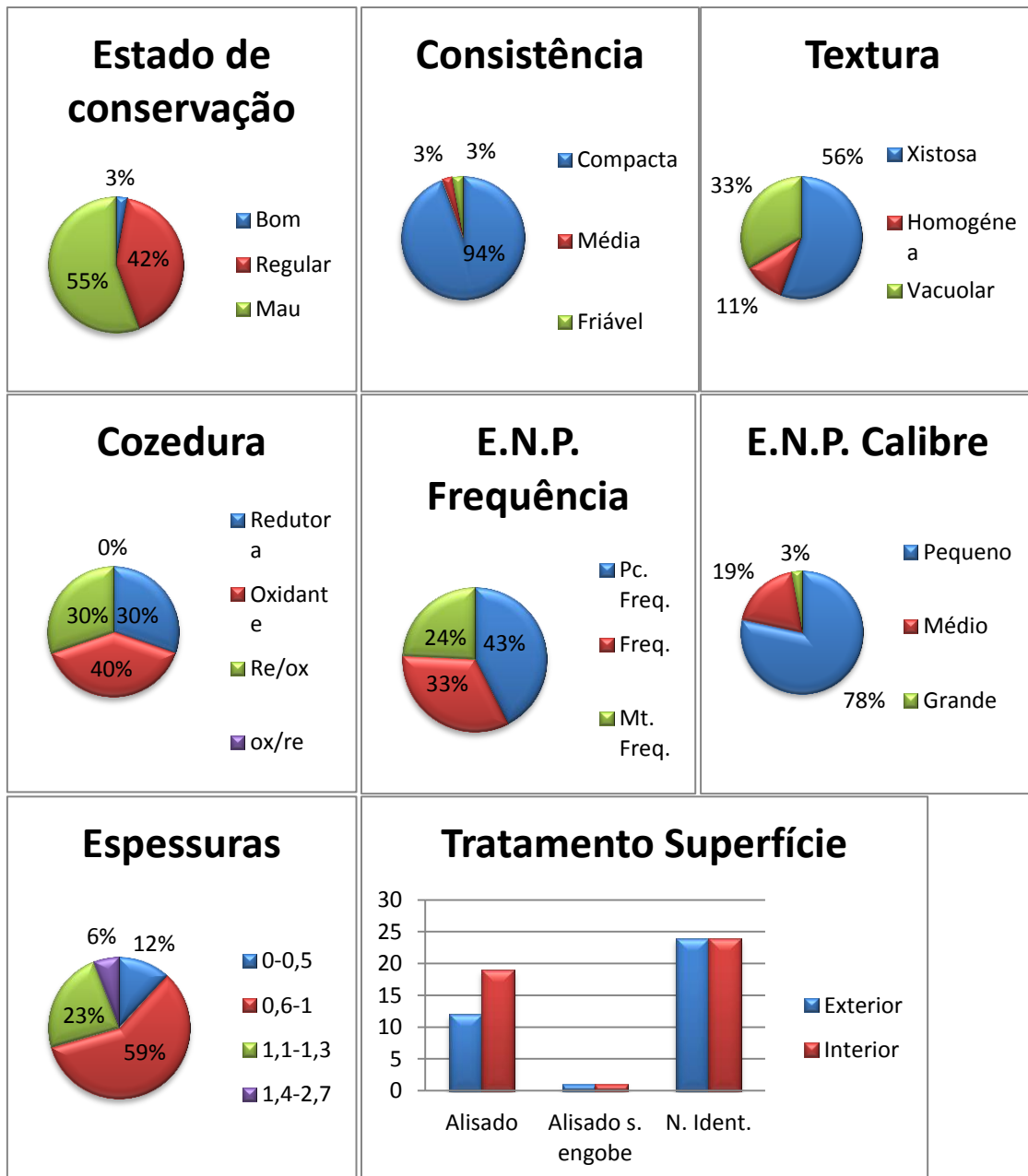
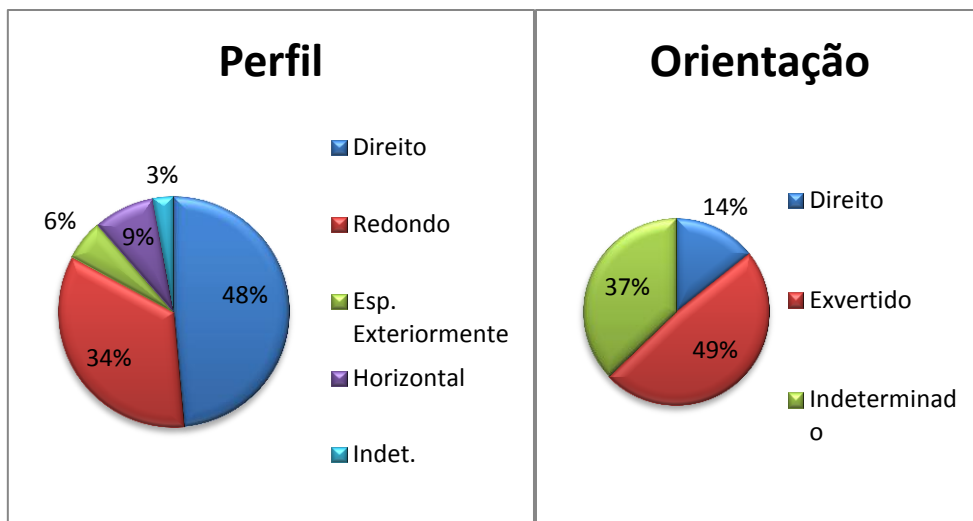


Gráfico 101 - Pastas da U.E. [4] da Mamoa de Santo Ambrósio

Os bordos são, na sua orientação, sobretudo exvertidos, tal como na U.E. [1]. De perfil, os bordos são sobretudo direitos e redondos, com alguns, poucos, exemplares de espessado exteriormente, horizontal e um exemplar que não permitiu a identificação (Gráfico 102).



**Gráfico 102 - Perfil e orientação dos bordos da U.E. [4] da Mamoa de Santo Ambrósio**

No que diz respeito às formas, apenas se registam 5 exemplares que permitem a sua identificação, registando-se uma taça em calote (2.5), um esférico (5.1), e três globulares (um exemplar 6.3 e dois 6.4).

Da U.E. 5 apenas existem 17 fragmentos de bordo, que correspondem a um NMI também de 17 (após colagens), número baixo para uma análise estatística fiável. Ainda assim, optou-se apresentar os resultados, com as devidas reservas, de forma a comparar com os contextos já trabalhados.

O estado de conservação é maioritariamente mau. As pastas apresentam consistências compactas, sobretudo; texturas xistosas e homogêneas; e cozeduras redutoras com arrefecimento oxidante e oxidantes. A presença de cozeduras redutoras é bastante baixa, consistindo apenas em 2 exemplares, mas poder-se-á dever à baixa quantidade de peças classificáveis nesta unidade estratigráfica. Os elementos não plásticos são sobretudo frequentes e de pequeno e médio calibre. Tal como os outros contextos as espessuras concentram-se na classe dos 0,6-1cm e os tratamentos de superfície são apenas alisados simples (Gráfico 103).

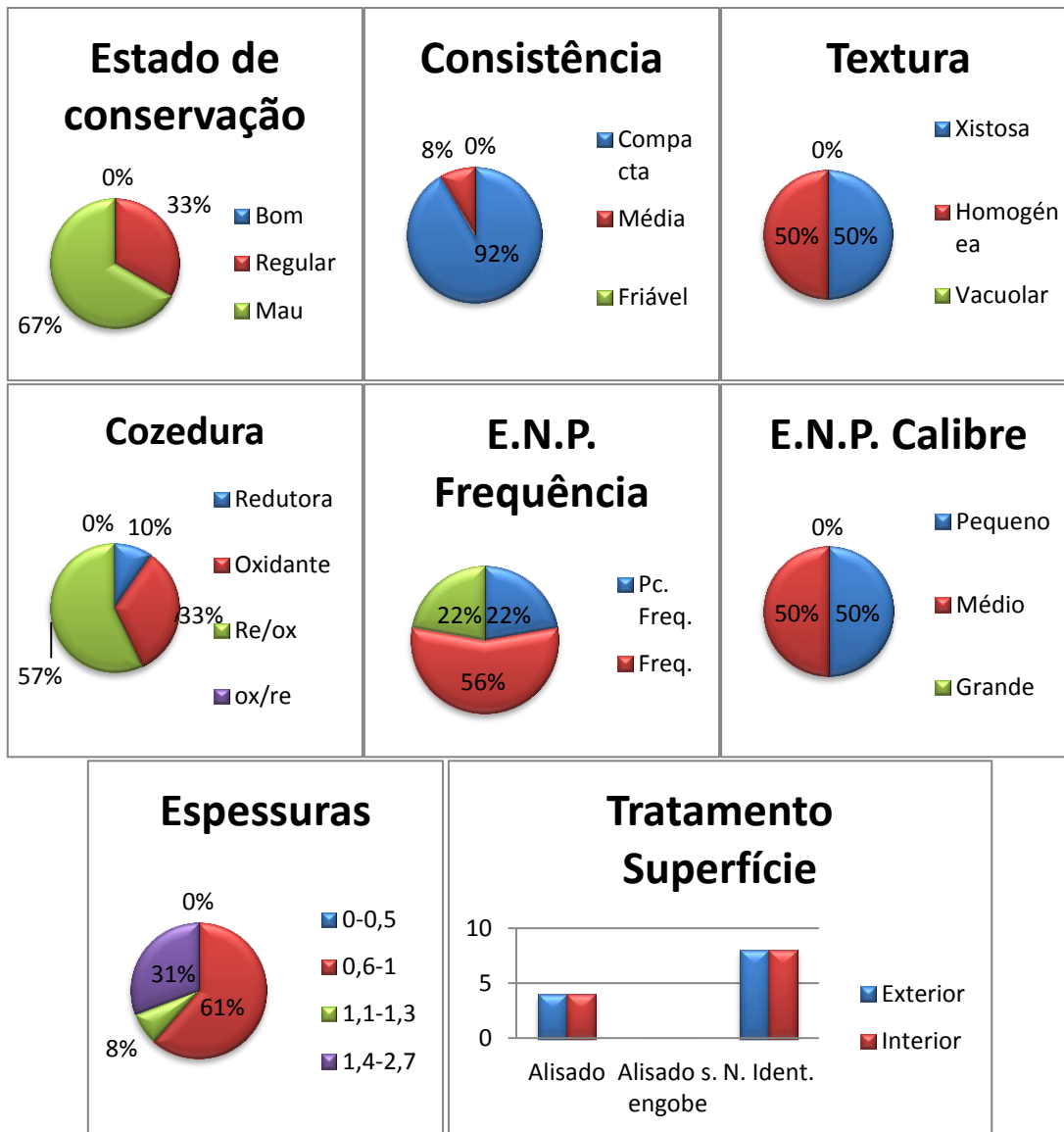
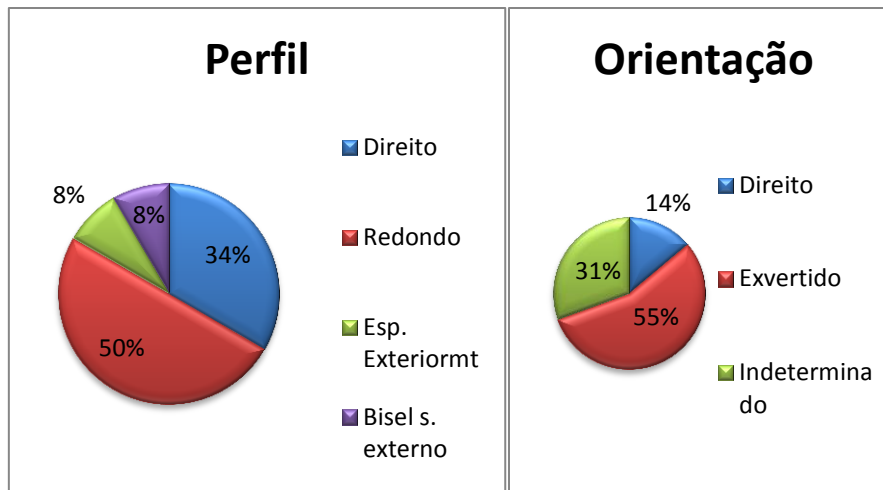


Gráfico 103 - Pastas da U.E. [5] da Mamoa de Santo Ambrósio

Novamente sem grandes novidades, os bordos são sobretudo exvertidos, ainda que a muitos não tenham permitido identificar a orientação. Quanto ao perfil, os bordos são direitos e redondos, além de um exemplar espessado exteriormente e outro em bisel simples interno (Gráfico 104).



**Gráfico 104 - Perfil e orientação dos bordos da U.E. [5] da Mamoa de Santo Ambrósio**

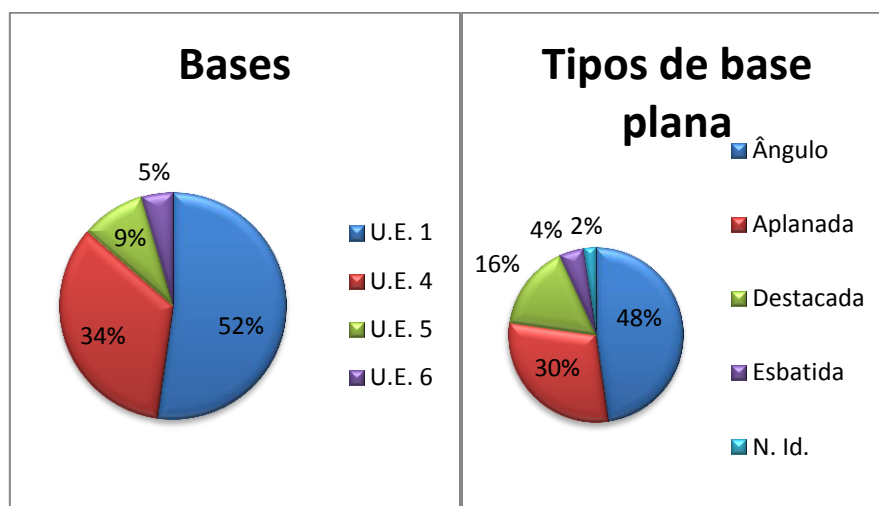
Neste contexto apenas um fragmento de bordo permitiu a identificação de forma, um globular de subtipo 6.3.

Resta ainda elaborar umas breves considerações sobre as pastas e formas da U.E. 6, da qual foram recuperados apenas 5 fragmentos classificáveis, 3 bordos e 2 bases. Os bordos apresentam pastas de consistência compacta e textura xistosa e vacuolar, com cozeduras redutoras (2 exemplares) e oxidantes (1 exemplar). Os elementos não plásticos são frequentes e muito frequentes de pequeno e médio calibre. Apenas se documentam alisados simples como tratamentos de superfície. No que diz respeito às características formais dos bordos, estes são exvertidos de orientação e direitos e em bisel simples interno de perfil.

Foi possível atribuir forma a apenas um exemplar, concretamente um esférico (5.1).

No total do conjunto, apenas se registam dois fragmentos decorados, provenientes das U.E.s 5 e 6. Ambos apresentam decoração feita com recurso à impressão no lábio, de forma sequencial (o que é tradicionalmente considerado como bordos denteados) – motivo S17. Um destes fragmentos, o da U.E. 5, apresenta igualmente parte de uma perfuração circular um pouco abaixo do bordo. No caso do fragmento proveniente da U.E. 6, trata-se de um esférico.

No total existem 44 fragmentos de bases, todas planas, na maioria provenientes da U.E. 1, em seguida da 4. As U.Es 5 e 6 têm baixa representatividade. Nos subtipos de base plana, predominam as bases em ângulo com quase metade das ocorrências, seguido das aplanadas e das destacadas (Gráfico 105).



**Gráfico 105 - Tipos de base e de base plana da Mamoa de Santo Ambrósio**

U.E.	Nº fragmentos de base	NMI
1	23	38
4	15	35
5	4	12
6	2	3

**Tabela 11 - Relação entre as bases e o Número Mínimo de Indivíduos da Mamoa de Santo Ambrósio**

A presença de bases planas, quando comparada com o NMI, é muito representativa, chegando a representar mais de metade na U.E.1, e um terço na U.E. 5. Atendendo que predominam as formas fechadas de gargalo/colo (forma 6), pressupõe-se que estas bases possam estar associadas com esta forma, não excluindo no entanto a possibilidade de existirem taças ou esféricos de base plana (Tabela 11).

Na categoria dos elementos de preensão apenas se recuperaram dois fragmentos de bojo com arranques de asas, muito deteriorados. Um deles aparenta ter sido o arranque para uma asa de rolo, com cerca de 2 cm de diâmetro.

### 6.3 Estruturas de habitação e técnicas construtivas

As considerações possíveis acerca das estruturas de habitação e as técnicas construtivas do Bronze Médio nesta área regional são naturalmente parcas, atendendo que só dispomos da evidência proveniente de um sítio arqueológico, a Fraga dos Corvos.

É um sítio de altura, com bom domínio da paisagem envolvente e controlo de entradas e saídas desse território. Implanta-se de forma sobranceira para a actual bacia de Macedo de Cavaleiros, zona baixa, aplanada, com terrenos férteis e recursos aquíferos (rio Azibo e ribeiras). Caso se confirme ocupação do Bronze Médio nos designados povoados fortificados acima referidos estaremos novamente perante ocupações de cabeços altos, destacados na paisagem, com controlo visual de áreas territoriais.

Na Fraga dos Corvos encontramos três áreas distintas de ocupação. Duas na plataforma superior, abertas, com soluções arquitectónicas muito semelhantes mas que deverão ter algumas nuances de funcionalidade. E uma terceira área, a do Abrigo 2 que é mais problemática quanto à sua interpretação. Sendo um espaço coberto, de abrigo sob rocha, com alguma dimensão interior, tem sido sucessivamente reocupado perturbando muito os níveis mais antigos. Mais à superfície existem vestígios de utilizações muito recentes, como buracos e restos de fogueiras, feitas de forma mais ou menos esporádica, mesmo depois da Fraga dos Corvos ser conhecida como sítio arqueológico. Foram também feitas escavações clandestinas, como referido. Por outro lado, sabemos que este espaço terá sido utilizado no Bronze Final atendendo aos materiais metálicos recuperados, tendo sido sugerido que se tratassem do espólio de um enterramento (Senna-Martinez *et alli*, 2005), o que, mais uma vez, terá comprometido muito a preservação dos níveis do Bronze Médio. Deste modo, torna-se arriscado caracterizar o tipo de ocupação que terá existido neste espaço. A aproximação à cronologia dos pisos será feita através da comparação dos materiais arqueológicos com os da ocupação da plataforma superior.

Na plataforma superior dispomos de evidência de construção de estruturas de tipo habitacional/doméstico mas que, atendendo ao grau de preservação, dificilmente

se poderão caracterizar quanto à sua arquitectura e quanto ao tipo de actividades nelas desenvolvidas. Numa primeira fase, assistimos a um espaço organizado, preparado intencionalmente para a construção de estruturas com a nivelção do terreno e solidificação de uma camada compacta, rija, que serve de base para um “piso” de utilização. A partir desta camada edificam-se as estruturas, que combinam pedra não afeiçoada e materiais perecíveis não conservados no registo arqueológico, mas, apenas, aferíveis. É construído um ‘muro’ de pedra, não afeiçoada, com vários tamanhos (mas todos passíveis de serem transportados e colocados à mão), dispostos de forma subcircular no lado oeste do “piso”, numa posição estratégica pois protege a área habitada dos ventos vindos de oeste e da escorrência das águas pluviais vindas do afloramento xistoso mesmo ao lado do muro. Aliás, entre o afloramento e o muro há uma zona baixa, a descer até à vertente, por onde as águas poderiam passar naturalmente sem grande esforço. É uma área que, aquando do momento da escavação, apresentava camadas e fossas de raízes com terras muito escuras, orgânicas e humedecidas, ainda com a presença de raízes grandes, nas quais se acumularam materiais arqueológicos de escorrências, alguns deles já do Bronze Final/Idade do Ferro (Senna-Martinez *et alii*, 2012).

Apesar de designarmos esta estrutura pétreia de ‘muro’, esta pode também ter servido de alicerce para outro tipo de construções como paliçadas ou até estruturas habitacionais. No lado interior desse ‘muro’, mais ou menos a meio, ainda se encontrava um buraco de poste estruturado com pedra fincada, que poderia reforçar a estrutura pétreia ou fazer parte de outra construção.

As restantes estruturas preservadas são buracos de poste, todos eles compostos por pedras grandes fincadas solidamente no solo, mas que, pelo seu baixo número, não nos permitem agrupá-los ou traçar a planta de qualquer estrutura. A este nível está associada uma grande lareira, a maior identificada, ainda com a presença de termoclastos no seu preenchimento, e, mesmo ao lado dessa lareira, uma fossa de planta irregular com preenchimento de terras muito escuras e nódulos pequenos de carvão, que interpretámos como uma zona de detritos e limpeza da lareira. Como não podemos relacionar entre si os buracos de poste e a sua relação com a lareira não sabemos se esta última se encontrava no interior ou no exterior da área coberta, mas

parece-nos que o facto de a fossa de limpeza se encontrar junto à lareira indicará que esta se encontraria no exterior (partindo do pressuposto que não se vive/dorme junto ao lixo).

Na sondagem 3, o primeiro momento de ocupação também apresenta algumas estruturas preservadas, ainda que de natureza diferente das da sondagem 2. Além dos buracos de poste que, neste caso, foram agrupados em três estruturas, duas cabanas e um alpendre, destacam-se duas fossas, uma situada no interior duma das cabanas e outra no interior do alpendre, associadas a actividades metalúrgicas de produção local de artefactos de bronze. A fossa maior, do interior da cabana, apresenta um preenchimento de terras e argila ‘cozida’, tendo sido designada de ‘caixa de areia’ na qual se verteria o metal líquido para os moldes. Nesta estrutura e na camada envolvente são vários os vestígios de metalurgia (pingos de fundição, nódulos vitrificados, fragmentos de molde e de cadinho). As análises efectuadas a estes vestígios e a fragmentos de metal revelaram tratar-se de bronzes binários, obtidos por possível co-redução de malaquite e cassiterite em vasilha-forno, sendo depois fundidos em cadinhos e vazados para moldes, um dos quais para produzir machados de tipo *Bujões* (este proveniente da Sondagem 2), típicos do noroeste peninsular (Figueiredo, 2010; Senna-Martinez, 2007a; 2007b; Senna-Martinez, Ventura e Carvalho, 2007; Senna-Martinez et alii, 2011; Senna-Martinez et alii, 2013; Senna-Martinez et alii, 2010). Também se identificou trabalho termo-mecânico para os acabamentos dos utensílios produzidos (Figueiredo, 2010). Algumas destas evidências também provêm da sondagem 2, mas sem estarem associadas a estruturas concretas de produção. Foi ainda possível determinar duas possíveis fontes de minério de cobre a poucos quilómetros do sítio da Fraga dos Corvos (Geirinhas et al., 2011).

As restantes fases de ocupação enunciam uma estratégia diferente que deixa muito poucos vestígios no registo arqueológico. De facto, não fora pela presença dos buracos de poste praticamente nada restaria dessas ocupações. Serão momentos de menor investimento construtivo, com cabanas simples, estruturadas apenas com materiais perecíveis, como os postes, as ramagens que os ligam e a argila seca/cozida que forraria as paredes. Mesmo os fragmentos de barro recuperados são escassos tendo em conta a quantidade de estruturas habitacionais identificadas (atendendo ao

agrupamento sugerido para os buracos de poste), e estão muito fragmentados. Não podemos também esquecer que a conservação destes pedaços de barro cozido só é possível por contacto com o fogo que cozeria a argila seca, pelo que, sem situações de incêndio ou acidentes, a quantidade de barro cozido neste tipo de sítio arqueológicos tende a ser escassa (Bruno, 2010, p. 19).

Não se registam lareiras (além das identificadas nos níveis 5 e 6) nem outro tipo de estruturas negativas, só algumas pequenas fossas/buracos que provavelmente serão naturais (raízes/animais). Os materiais arqueológicos encontram-se dispersos pelas camadas não havendo áreas de concentração nem recipientes partidos em conexão (só alguns do nível 4 por estarem acima da desagregação do geológico). A natureza destas ocupações mais recentes é, portanto, completamente distinta das anteriores. Pode-se, igualmente, argumentar pelo factor estado de preservação/fenómenos pós-deposicionais que teriam afectado/destruído estas ocupações mais recentes e, por isso, mais perto da superfície do solo. Porém, a serem exclusivamente essas as razões, pela fraca informação disponível, pensamos que seria muito difícil que se tivessem mantido tantos buracos de poste. Serão, assim, talvez, ocupações mais fugazes, que respondem a outras necessidades que não a habitacional/doméstica inicial. Pode, agora, tratar-se de estruturas de apoio ao povoado que se terá deslocado para outro local, como outra parte do cabeço, ou até estruturas de protecção para vigia do território envolvente.

É, deste modo, controverso falar de ocupações permanentes ou sazonais neste povoado. Se, por um lado, a primeira ocupação do cabeço apresenta um planeamento mais cuidado do espaço e preocupações de habitabilidade e conforto, as restantes ocupações não parecem obedecer às mesmas regras. A sobrevivência diária no cabeço da Fraga dos Corvos necessita de estruturas algo robustas e pensadas de modo a permitirem ultrapassar as intempéries. É um local a 860m de altitude, com ventos fortes em algumas alturas do ano (mesmo no verão), com poucos abrigos naturais e com probabilidade de ocorrência de neve no inverno. Pelas poucas estruturas identificadas pensamos que seria dura a sobrevivência no inverno neste cabeço. No entanto, a área escavada do próprio cabeço é mínima (cerca de 150m<sup>2</sup>) quando

comparada com o potencial que este apresenta e que ainda se encontra por intervir. É, por isso, uma questão em aberto.

Não há, em Trás-os-Montes oriental, outro(s) povoado(s) que permita(m) estabelecer comparações ou melhor caracterizar as estratégias de habitat destas comunidades. Olhando para as áreas vizinhas e dando especial relevo ao mundo meseteno protocogotas (atendendo à similitude da cerâmica, como já publicado – Luís, 2010; 2013 – e como se discutirá no ponto seguinte), verifica-se que as estruturas habitacionais tendem a estar mal preservadas e a ser construídas, igualmente, com maioria de materiais perecíveis.

De acordo com Abarquero Moras, as estruturas habitacionais da área nuclear de Cogotas (bacia interior do Douro) são simples e com fraco investimento construtivo, *“las pocas viviendas identificadas apenas se destacan del terreno por la presencia de algunos agujeros de poste y someros rebajes en el suelo, lo que nos lleva a imaginar chozas construidas con entramadas de ramaje y barro”* (2012, p. 87), e são escassos os povoados que apresentam muralhas (Rodríguez Marcos e Moral del Hoyo, 2007). As cabanas são, em alguns casos, escavadas na rocha, de planta oval ou oval-retangular e de pequenas dimensões, feitas de postes fincados no solo ligadas por ramagens e barro (Abarquero Moras, 2005, p. 43). Segundo o mesmo autor, as lareiras não aparecem, normalmente, associadas a estruturas concretas, apenas num caso, em Béjar. Por outro lado, muitas das estruturas conservadas em território cogotiano associam-se aos chamados “campos de hoyos”, áreas relativamente extensas com uma profusão de estruturas negativas escavadas no substrato rochoso, normalmente interpretadas como fossas (lixeiros; armazenagem; enterramentos; etc.), buracos de poste e fundos de cabana, que constituem as únicas evidências de ocupação naqueles sítios por falta de conservação das eventuais estruturas positivas (*Idem*, p. 44; cf. Rodríguez Marcos e Abarquero Moras, 1994; Caballero Arribas, Porres Castillo e Salazar Cortés, 1993), que não se relacionam directamente com o exemplo da Fraga dos Corvos. Fora da área nuclear verifica-se maior variabilidade construtiva.

Não sendo a Fraga dos Corvos um dos sítios da área nuclear do mundo protocogotas/cogotas, as características das estruturas de habitação são muito

semelhantes entre si, replicando técnicas construtivas de longa sobrevivência histórica e não caracterizadoras de um momento cultural em particular.

Já em Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa), as soluções arquitectónicas são bem distintas nesta fase do Bronze Médio (também associada a cerâmicas de tipo protocogotas), aproveitando as estruturas já existentes no sítio de um período prévio, como o recinto, a plataforma, a rampa/talude e o murete/talude, murete delimitador de recinto, torre, torreão, entre outras estruturas (Jorge, 2004, p. 591), com algumas adaptações: *“o número de entradas no recinto ficou reduzido a duas, (...) várias estruturas da fase anterior deixam de funcionar, permanecendo apenas duas; foram reconhecidos restauros no talude e descoberta a existência de novas estruturas (com materiais menos duráveis) tanto na área do recinto como na área do murete leste”* (Velho *et alli.*, 2005, p. 71). Apesar da maior complexidade arquitectónica, há uma tendência para a retracção da monumentalidade construtiva, característica do calcolítico, e para a construção de novas estruturas recorrendo a técnicas construtivas tecnologicamente mais simples, usando materiais perecíveis; mas, ainda assim, distintas do verificado na Fraga dos Corvos. Por outro lado, verifica-se, em Castelo Velho e ao contrário da Fraga dos Corvos, uma *“intencionalidade de não só dificultar o acesso ao interior do recinto, como de monumentalizar as estruturas envolventes [...] existe uma espécie de paradoxo: a “monumentalização” do edifício é correlativa da perda de visibilidade e durabilidade de algumas estruturas do seu interior”* (Jorge, 2004, p. 591).

No Minho, o povoado da Sola Ilb (Braga) apresenta uma área de *“armazenagem de bens alimentares e de matéria-prima para eventual transformação metalúrgica”* na *“zona de cota mais elevada do povoado”* atendendo à presença de fossas abertas no substrato (Bettencourt, 2000, p. 49). As possíveis áreas relacionadas com a produção metalúrgica poderão ser algumas *“fossas abertas no saibro, com canais laterais, algumas ainda com vestígios de combustão no seu interior ou cobertas de pedras fumigadas e com acumulação de carvões que interpretámos como possíveis fornos de fundição”* (*Idem*), ou seja, bem distintas das identificadas na Fraga dos Corvos. Regista-se igualmente uma estrutura pétreia de tipo *“murete”* relacionada com buracos de poste que a autora indica como sendo parte de uma cabana circular; uma

outra estrutura circular delimitada por buracos de poste e ainda estruturas cistóides “constituídas por pedras de reduzidas dimensões mas contendo uma pequena laje a este”, de difícil interpretação, mas que são consideradas como possíveis sepulturas por comparação com outros casos conhecidos (*Idem*).

#### 6.4 Os materiais cerâmicos

A caracterização dos recipientes cerâmicos do Bronze Médio, nesta região, será deficitária na medida em que depende de um sítio arqueológico apenas. Este é um conjunto extenso e distribuído por vários níveis arqueológicos que permite a construção de tabelas de referência para futuras comparações e discussões, nomeadamente quanto às formas dos recipientes e quanto às temáticas decorativas, mas que, por ser o único, necessitou de um processo de investigação mais extenso e nem sempre isento de dúvidas.

Já foi feita anteriormente uma análise dos recipientes cerâmicos recolhidos na Fraga dos Corvos, com base nos materiais recuperados até à campanha de 2008. Esse trabalho teve como objectivo principal a caracterização do respectivo material cerâmico e a sua integração crono-cultural, de cariz mais monográfico (Luís, 2010 e 2013a e 2013c). As linhas de investigação principais passaram por caracterizar os elementos de longa duração presentes, como as formas dos recipientes que habitualmente se designam de neocalcolíticos, por representarem formas amplamente reproduzidas em variadas áreas regionais, ainda que com algumas nuances morfológicas; os elementos considerados inovadores, como as formas carenadas, a generalização das bases planas e o uso mais frequente dos elementos de prensão; e ainda os motivos decorativos, elementos essenciais para esta inserção cronológica e de relações culturais que se pretendia elaborar. No trabalho que aqui se apresenta estes elementos continuam a ser considerados como estruturantes e foram pensados numa escala um pouco maior, com alguns outros contextos arqueológicos. No entanto, consideramos desnecessário reproduzir, mesmo que com modificações, as comparações que fizemos nesse trabalho, cruzando os dados com a evidência próxima conhecida – a saber, Minho, Beira Alta e Meseta Norte – por dois motivos principais. Em primeiro lugar, o óbvio, o trabalho existe, pode ser consultado e seria redundante transcrevê-lo nestas linhas, ocupando preciosas páginas. Em segundo lugar, o tema e o problema que aqui nos propomos tratar já não é o mesmo. Implica, como já explicado, uma comparação diacrónica de conjuntos cerâmicos do mesmo espaço territorial, de forma a olhar para as mudanças e as continuidades entre períodos cronológicos distintos. O trabalho anterior é, para nós, fundamental na medida em que permitiu

situar a Fraga dos Corvos num período cronológico específico, o Bronze Médio, e numa esfera de relações culturais concreta, a relação com a Meseta Norte e com o estilo decorativo específico protocogotas, ainda que com morfologias específicas do próprio sítio. Embora na altura a tenhamos situado num segundo momento dentro de um conceito mais genérico que é o de Primeira Idade do Bronze, devido a diferentes opções de periodização, os dados apontavam já para o Bronze Médio<sup>17</sup>. Permitiu, ainda, estabelecer um quadro analítico e metodológico que nos serviu de referência para este trabalho.

Neste sentido, o que aqui iremos salientar é um resumo comparativo dos dados produzidos neste trabalho, os que se reportam ao Bronze Médio do oriente transmontano, inserindo dados e interpretações de outras áreas regionais vizinhas sempre que considerarmos apropriado e tendo em vista o objectivo primordial deste trabalho.

#### **6.4.1 A produção técnica**

Depois de manusear as centenas de ‘cacos’ de contextos aqui considerados e depois da primeira aproximação à produção técnica que já fizemos antes a parte dos materiais (Luís, 2010), sempre tivemos a sensação, meramente empírica, e depois analítica, de que os recipientes têm boa qualidade, decorrente de um aperfeiçoamento técnico, mas também de um gosto pelo produto final com determinadas características. Como dissemos antes, *“é claramente manifesto o cuidado com a elaboração dos recipientes, sem que restem frequentes marcas de modelagem, elementos não plásticos acima da superfície do recipiente, ou ainda grandes rugosidades ou irregularidades”* (Idem, p. 65), o que hoje subscrevemos e alargamos aos novos contextos. Mas vejamos mais em detalhe.

---

<sup>17</sup> Mesmo quando abordámos em conjunto as características das cerâmicas e das datações disponíveis verificámos uma maior incidência no segundo quartel da primeira metade do segundo milénio – intervalo atribuído, consensualmente, ao Bronze Médio (Luís, 2010, p. 95-97).

As consistências dos recipientes são quase sempre compactas, sendo bem minoritárias as médias e ainda mais as friáveis. Não há, com exceção de dois ou três fragmentos, pastas a desfazerem-se ou que deixem um rasto de pó por onde 'passam'.

As texturas são praticamente todas xistosas, exibindo uma estrutura laminar típica quando observada a fractura. Registam-se também texturas homogêneas e vacuolares sempre em baixas percentagens. Dentro deste campo, a Mamoa de Santo Ambrósio tem um comportamento diferente dos contextos da Fraga dos Corvos, apresentando percentagens mais altas destas texturas minoritárias. A homogênea está representada em 11% da U.E. [1]; 11% da U.E. [4] e 50% da U.E. [5], embora esta última tenha uma amostra mais pequena. A textura vacuolar apresenta 25% da U.E. [1] e 33% da U.E. [4], estando ausente da U.E. [5].

Os elementos não plásticos são, na sua frequência, pouco frequentes ou frequentes em todos os contextos, dominando os pouco frequentes no nível 3 e na Mamoa de Santo Ambrósio e os frequentes nos restantes. Porém, a diferença percentual é pouco significativa. No tamanho, em todos os contextos predominam os elementos pequenos, na ordem dos 70-80%, sendo muito raros os de grande tamanho (ou mesmo inexistentes).

Os tipos de cozedura enunciam uma preferência por cozeduras predominantemente redutoras em todos os contextos da Fraga dos Corvos, com cerca de 40-60%. As cozeduras predominantemente oxidantes têm percentagens mais baixas, na ordem dos 15-25%. Já as redutoras com arrefecimento oxidante estão bem representadas, com cerca de 20-30%; enunciando, assim, uma preferência mais ou menos equitativa de colorações mais escuras ou mais alaranjadas. A Mamoa de Santo Ambrósio apresenta aqui um pequeno desvio. Nas três U.E.s consideradas nota-se uma representatividade diferenciada, na U.E. [1] predomina a redutora, seguida da oxidante e da redutora com arrefecimento oxidante; na U.E. [4] a distribuição é mais uniforme (30%; 40% e 30%, respectivamente); na U.E. [5] a proporção é inversa (10%; 33% e 57%, respectivamente).

Apesar de muitos fragmentos apresentarem as superfícies corroídas ou desgastadas, a identificação dos tratamentos de superfície revelou alguma diversidade

de soluções. Em todos os contextos predominam os alisados simples, sem recurso a aguadas ou engobes, em ambas as superfícies dos recipientes. Os restantes tratamentos identificados são espatulado, *cepillo*, polido e brunido, com ou sem aguadas e engobes, sempre em baixas percentagens. Os polidos e brunidos são sempre de boa qualidade e por vezes aplicados em cerâmicas com pastas mais finas e depuradas. Não há, contudo, uma relação directa entre os melhores tratamentos de superfície e a cerâmica decorada. Na Mamoa de Santo Ambrósio regista-se a menor diversidade de tratamentos de superfície, havendo exclusivamente alisados, dois com engobe. No Abrigo 2 são muito poucos os fragmentos que permitiram a identificação destes tratamentos, registando-se *cepillo*, polido, polido sobre engobe e brunido. É portanto, na ocupação da plataforma da Fraga dos Corvos que se verifica maior quantidade e diversidade, relacionando-se com a quantidade da amostra disponível. Os níveis 2 e 4 são os que exibem praticamente todos os tratamentos considerados, com predomínio dos alisados simples e dos alisados sobre engobe. Os restantes tratamentos estão presentes na ordem dos 1-5 fragmentos. Há alguma concertação entre o tratamento da superfície externa e da interna, se bem que haja uma ligeira vantagem na exterior, a mais visível. No nível 2 destaca-se, pela sua raridade, um fragmento com almagre. Os níveis 3 e 6 são os mais pobres nesta categoria. Na sondagem 3 regista-se uma grande quantidade de alisados sobre engobe (quase ao nível dos alisados simples) e apenas 1 fragmento de brunido, 1 de espatulado e outro de espatulados sobre engobe, os dois primeiros na superfície externa e o último na interna.

#### **6.4.2 Tipologia**

Em todos os contextos apresentados verifica-se alguma diversidade no acabamento dos recipientes que pode ter significados funcionais e estéticos. Referimo-nos ao acabamento dos bordos (o seu perfil) e das bases, bem como o recurso aos elementos de prensão. Apesar desta diversidade, não se registam associações específicas entre determinadas características de acabamento e o tipo de recipiente, como, aliás, já havia sido demonstrado e publicado (Luís, 2010; 2013).

O perfil dos bordos é, na generalidade bem diversificado, chegando a apresentar 10 tipos diferentes nos níveis 1 e 2; e 8 tipos no nível 4 e na Sondagem 3. Os melhor representados, em todos os contextos, são os direitos, os redondos e os espessados exteriormente, variando entre si a posição dominante. O espessamento exterior domina nos níveis 1, 2; os direitos sobrepõe-se no nível 3 e na Mamoa e os redondos predominam nos restantes contextos, com excepção do Abrigo 2 pela exiguidade da amostra. Sempre em categorias minoritárias, menos de 10%, estão os vários tipos de bisel, os restantes espessamentos, o enrolado e o horizontal. Nos contextos em que há menos diversidade de acabamentos surge o bisel simples interno (Abrigo 2) e o horizontal (U.E. 4 da Mamoa).

As bases planas são elemento recorrente nos contextos analisados, não sendo possível, em nenhum contexto, comparar a sua expressividade em relação às bases convexas, devido à grande dificuldade de identificação destas últimas. Apenas se consegue uma aproximação comparando com o NMI, ainda que não se estejam a comparar categorias semelhantes e, por isso, existir sempre margem de erro. Nos contextos com amostra estatisticamente significativa, as bases planas constituem cerca de 30-40% em relação ao NMI, ou seja, quase metade dos recipientes teria uma base plana. São extremamente raros os casos em que se pode associar a base plana à forma, constituindo apenas em duas taças, contrariando o que suporíamos ser a norma – as formas fechadas, nomeadamente os globulares e o grupo B. Mas, como afirmámos, a amostra é extremamente reduzida e deficitária. Porém, um dos pontos, a nosso ver, de maior relevância no estudo das bases, como já apontámos anteriormente (Luís, 2010), é a diversidade de acabamentos que confere aos recipientes um acréscimo de intencionalidade estética. Em quase todos os contextos se verificam os mesmos tipos de acabamento, destacada, esbatida, aplanada e em ângulo, cada um variando em expressividade. A base plana em ângulo é a menos representada, em termos gerais, ao contrário das restantes que vão disputando o primeiro lugar nos gráficos. A base plana destacada é a que mais se destaca em termos visuais, pelo rebordo mais ou menos saliente que apresenta. Além das planas existem, em baixíssimas percentagens, bases em *omphalos*, nos níveis 2, 3 e Sondagem 3, e em pé de anel, nos níveis 2 e 4, com um exemplar cada.

Os elementos de preensão são relativamente escassos, num total de 61 exemplares em todos os contextos, fazendo com que a sua distribuição seja de poucos exemplares por contexto. Os locais com mais quantidade coincidem com os que têm maior quantidade de espólio cerâmico no geral, tratando-se assim de uma proporção por área escavada e não, talvez, de uma causa histórica. Os níveis da sondagem 2 com mais elementos de preensão são o 1, o 2 e o 4. A sondagem 3 apresenta 6 exemplares, a Mamoa 2 e o Abrigo 2 apresenta 5. O nível 5 não forneceu nenhum elemento de preensão.

No geral conhecem-se asas, pegas e mamilos, sendo os mais frequentes, claramente, as asas, com 38 exemplares, enquanto os mamilos são 16 e as pegas são 8. No entanto, o estado de conservação destes elementos nem sempre é o melhor, impedindo, muitas vezes, a sua plena caracterização morfológica. No caso das asas, muitas delas apenas eram sugeridas pela ligação que fazem com a parede do recipiente ou então contava-se somente com a sua parte mesial. Dois tipos de asas são recorrentes, as de rolo e as de fita, sendo raras as vezes em que se conhece a sua posição no recipiente – quando arranca do bordo. Os mamilos, atendendo à sua natureza e tamanho tendem a estar melhor conservados, muitos deles completos. São todos de pequeno tamanho, com morfologias cónicas ou troncocónicas, alguns deles situados abaixo do bordo. Em apenas um caso se verifica a presença de mais do que um mamilo por recipiente, dois mamilos abaixo do bordo, devido, obviamente, ao estado de fragmentação do conjunto, dificultando a compreensão da sua organização e o seu papel no próprio recipiente. De facto, o seu pequeno tamanho cria pouco atrito no acto de manusear o recipiente, tornando-se arriscado vê-los enquanto elementos exclusivamente funcionais. Pensamos que só se tornariam efectivamente úteis, na sua acepção primária, quando colocados em conjunto, numa linha abaixo do bordo, por exemplo, ou no local que mais facilitasse para pegar no recipiente. Assim, ainda que não seja mutuamente exclusivo, não podemos deixar de equacionar uma vertente puramente decorativa e estética na aplicação dos mamilos. As pegas são o elemento minoritário e também não se encontram plenamente conservadas, muitas delas fragmentadas. Num caso único assiste-se à conjugação de uma asa com uma pega no mesmo recipiente.

São raros os elementos de prensão que se podem associar aos tipos dos recipientes, só sendo possível no nível 4 da Sondagem 2: um globular (6.2) com dois mamilos abaixo do bordo; uma tigela (4.1) com uma asa e um troncocónico (26.1) com um mamilo abaixo do bordo; e no 'piso e' do Abrigo 2: um troncocónico (26.1) também com um mamilo abaixo do bordo.

A orientação dos bordos é claramente dominada pelos bordos direitos e exvertidos, com representatividade muito semelhante, sendo muito raros os bordos invertidos. Os bordos direitos dominam nos níveis 1 e 4, enquanto os exvertidos sobressaem nos níveis 2, 3, 5 e 6, na sondagem 3 e na Mamoa. No entanto, a diferença entre ambos os tipos é quase sempre mínima. Os bordos invertidos aparecem nos níveis 1, 2, 4, sempre com 1%, e na sondagem 3 com 5%. Os bordos exvertidos tendem a ser mais presentes nas formas de colo ou gargalo, como os globulares e o grupo B, mas, por vezes, surgem nas taças, tigelas e esféricos.

Em praticamente todos os contextos, as formas melhor representadas são as de colo/gargalo, nomeadamente os globulares e o grupo B, seguidas das formas abertas, simples, como as taças e as tigelas. Os globulares predominam nos níveis 2 e 4, na sondagem 3 e na Mamoa de Santo Ambrósio, neste último caso com 50% das formas identificadas. Ainda que com percentagens muito perto dos globulares, o grupo B domina nos níveis 1 e 5. As taças são o terceiro grupo dominante, com percentagens que oscilam entre os 15-20%, apenas sendo as principais no nível 6 (com uma amostra muito reduzida).

Quase sempre em termos minoritários se encontram os esféricos, os esféricos achatados e, com menos percentagem ainda, as tigelas fundas de pequenas dimensões e os vasos fundos de tipo saco. Também em percentagens reduzidas se encontram as formas novas, não pertencentes ao fundo "neocalcolítico", como as taças carenadas ou de fundo esbatido, e ainda os troncocónicos e as taças de perfil em S.

Como noutros pontos, também nas formas se mantém a maior diversidade nos contextos com maior quantidade de material cerâmico, ainda que, em alguns casos, surjam tipos pouco frequentes nos contextos mais pequenos.

Os subtipos mais frequentes e diversificados relacionam-se com os tipos mais representados. Assim nos globulares destacam-se os subtipos 6.3, 6.4 e 6.2; no grupo B predomina o B1, B3 e B6; nas taças a vitória é quase sempre para a 2.5, enquanto na maioria das restantes formas normalmente temos só um ou dois subtipos presentes.

As formas ‘novas’, com elevado marcador cronológico e cultural, concentram-se nas taças carenadas e nas de perfil em “S”, muito semelhantes às da Meseta Norte, *“definidas por perfiles carenados com inflexión media-alta y cuerpo inferior cuenquiforme, mientras que otras presentan un diámetro más desarrollado y borde marcadamente exvasado (...) también son frecuentes los vãos de suave perfil en “S” y sobre todo los cuencos”* (Abarquero Moras, 2005, p. 30). Além das carenadas, destacam-se, pela sua presença, ainda que escassa, os troncocónicos presentes no nível 4, no Abrigo 2 (‘pisos’ *a, c, e*), na Sondagem 3 e na U.E. [1] da Mamoa de Santo Ambrósio.

O tamanho e a capacidade volumétrica dos recipientes é extremamente difícil de reproduzir, tal é o estado de fragmentação do conjunto e, ao tratar-se de cerâmica manual, a irregularidade dos bordos e das paredes não facilitam a tarefa.

Nos contextos em que a amostra permite uma análise estatística, níveis 1, 2, 4 e sondagem 3, os diâmetros do bocal nunca excedem a classe dos 35cm, verificando-se concentrações nas classes 11-15cm e 16-20cm. Nas bases também não se registam diâmetros muito grandes, sendo que o máximo identificado é de 22,4cm, caso único e desfasado dos restantes, estando a maior concentração entre os 7,5-12,4cm. O mesmo se passa com as espessuras máximas identificadas (normalmente junto do bordo, porque não temos perfis completos), em que a classe dos 1,4-2,7cm é sempre a menos frequente. Olhando exclusivamente para estes indicadores, parece existir uma tendência para os recipientes de pequeno ou médio tamanho, com paredes pouco espessas e pouco robustas. No entanto, atendendo a que as formas maioritárias são fechadas, com colo, mais ou menos estrangulado, o diâmetro do bocal não permite ter uma ideia acurada da dimensão do recipiente. No mesmo sentido se encontram as espessuras, cujas medidas foram retiradas de pequenos fragmentos de bordo que poderão aumentar consideravelmente com o desenvolvimento da pança do recipiente.

Só com um programa específico de remontagens intensivas, com todos os fragmentos recuperados no sítio arqueológico, se poderiam efectivamente conhecer as capacidades volumétricas dos recipientes e, a partir daí, discutir questões mais alargadas como a funcionalidade dos recipientes (olhando para o problema da evidência da armazenagem) e outras especificidades morfológicas que nos escapam quando só temos fragmentos. Por outro lado, permitiria um estudo extenso da distribuição dos fragmentos pelo sítio arqueológico, contribuindo para discutir os processos de formação do sítio e dos fenómenos pós-deposicionais associados (como se ensaiou em Vale, 2012, mas com objectivos e pressupostos teóricos distintos).

### 6.4.3 Decoração

A quantidade de fragmentos decorados é sempre baixa quando comparada com a totalidade dos fragmentos recuperada e ainda com o NMI. Os níveis com menor percentagem de decoração, em relação ao NMI, são o 1, 2 e 3 e a sondagem 3, situadas entre os 2% e os 6%. Os níveis 5 e 6 apresentam percentagens maiores (11,5% e 40%) mas não são tão fiáveis devido à exiguidade da amostra. O nível 4 destaca-se como o nível com melhor amostra, em todos os campos, e com uma percentagem decorativa na ordem dos 11%. No Abrigo2 e na Mamoa de Santo Ambrósio, os fragmentos decorados são muito escassos, menos de 6 exemplares por 'pisso' no primeiro caso, e 2 fragmentos de unidades estratigráficas diferentes no segundo. Estes dois contextos surgem, assim, fragilizados quanto à sua caracterização cronológica e cultural, já que dependíamos praticamente dos elementos decorativos para o fazer. Porém, algumas considerações serão possíveis, mais à frente.

A relação entre a decoração e a forma é difícil de compreender. Apenas no nível 4 se conseguiu elaborar uma análise estatística. No total de todos os contextos pode-se fazer esta associação em 32 casos (sendo que 17 são do nível 4). As formas que sobressaem são a 2 (taças) com 9 decoradas; o grupo b (com 5) em *ex aequo* com a 6 (globulares). As formas 5, 11 e 13 apresentam pouca decoração, com 1 ou 2 exemplares cada. As formas novas, da Idade do Bronze, também apresentam

decoreção, em todas elas, forma 21, 22, 23 e 26, há sempre 2 ou 3 recipientes decorados.

É de facto o nível 4 que determina a tendência acima descrita, já que 6 das 9 taças decoradas são deste contexto; além de 2 globulares e 2 do grupo b. No entanto, o que é interessante, é aqui se manifestar a maior concentração de decoreção nas formas novas de todos os contextos analisados, com 6 recipientes, com excepção da forma 26.

Se, por um lado, há uma tendência para a fraca representatividade dos recipientes decorados, pensamos que as baixas percentagens apresentadas referentes ao NMI, se devem igualmente ao facto de a decoreção não estar sempre associada ao bordo, e se encontrar também mais junto à pança do recipiente. Junto ao bordo vamos encontrar sobretudo decoreções específicas, como, obviamente, os casos de decoreção no lábio (com várias técnicas e matrizes) e ainda as típicas decoreções protocogotas, em que uma das suas principais características é a presença de espigas mesmo junto à linha do bordo, em ambas as superfícies do recipiente.

A localização da decoreção no recipiente é algo variada: só externa; só interna; só no lábio; na superfície externa e no lábio; na superfície externa e na interna; e nas 3 simultaneamente. De todas a mais frequente, em todos os contextos, é a exterior, como seria de esperar; e a menos frequente é a da utilização das três em simultâneo, seguida da só no lado interno. No Abrigo 2 e na Mamoa de Santo Ambrósio não se verifica decoreção em mais que uma superfície do recipiente ao mesmo tempo, registando-se decoreção só externa e só no lábio no primeiro caso e só no lábio no segundo. No entanto, não esquecer a exiguidade das amostras destes dois sítios.

As técnicas decorativas registadas são bastante variadas, mas sempre prevalecendo as mais tradicionais, a incisão e a impressão. Por vezes combina-se mais que uma técnica, sendo a mais frequente a combinação da incisão com a impressão, mas também o cordão plástico com incisão ou impressão, e o boquique com impressão. Nos contextos que permitiram uma abordagem estatística (níveis 2, 4 e Sondagem 3), há um claro predomínio da incisão sempre na ordem (ou perto) dos 50%. A impressão segue de perto esta última, com percentagens situadas entre os 30%

e os 40%. Nos restantes contextos, apenas com registo de frequências absolutas, a situação parece manter-se, ou seja, a incisão a sair vitoriosa. Neste sentido, as restantes técnicas não têm opção senão em ser minoritárias. O boquique só se regista no nível 1, no nível 2 (associado à impressão), na sondagem 3 e no Abrigo 2; a excisão aparece com um fragmento nos níveis 3 e 4 e na sondagem 3; o cordão plástico surge no nível 4 e no nível 1 e sondagem 3 associado à incisão e impressão respectivamente. Já a incisão penteada e os ornatos brunidos apenas aparecem nos níveis superiores (níveis 1 e 2 no primeiro caso e nível 1 no segundo) e no Abrigo 2. Sendo estas técnicas conhecidas e caracterizadoras do Bronze Final (ou inícios da Idade do Ferro no caso da penteada) das áreas regionais vizinhas e tendo sido identificada uma ocupação deste período no sítio da Fraga dos Corvos (com decoração penteada), parece-nos plausível que estes 3 fragmentos, de pequenas dimensões, sejam intrusões da ocupação posterior, e não correspondentes ao Bronze Médio. Já relativamente ao fragmento com incisão penteada do 'piso' d do Abrigo 2, discutiremos mais à frente.

Os motivos decorativos são, no geral, bastante homogéneos, oscilando em torno de elementos nucleares e estruturantes: as espigas e as retículas. Também se destacam algumas sequências de pontos e bastantes bordos com impressões e incisões. Os restantes são pouco expressivos ao nível estilístico quer porque considerados, por nós de forma subjectiva, como simples ou com fraco potencial significativo, quer porque desconhecemos como se estruturam e evoluem dentro do restante plano decorativo do recipiente. Referimo-nos às linhas incisas, sobretudo, que variam de profundidade e largura, desde as mais finas às caneluras.

As organizações decorativas tendem a misturar técnicas e motivos estruturantes. Há organizações que colocam o mesmo elemento decorativo (normalmente a espiga ou a retícula) na superfície externa (ou interna, mais raro) e no lábio; outras que colocam o mesmo motivo ou semelhante na face externa e na interna; ou ainda outras mais complexas. Estas últimas apresentam áreas decorativas delimitadas, habitualmente por pontos, em estruturas de tipo caixa rectangulares que marcam a zona a decorar – o que se designa de métopas – fazendo com que haja uma clara diferença entre o espaço em branco e o espaço decorado na mesma face do recipiente. No interior destas métopas colocam-se, também, os elementos que

consideramos estruturantes do pensamento decorativo destas comunidades, as espigas (incisas), mais ou menos estilizadas, sequências de pontos horizontais, verticais ou oblíquos. Infelizmente dispomos de escassos fragmentos com este tipo de organizações que nos permitisse verificar variabilidades, tendências ou se há, no mesmo recipiente, mistura entre as várias organizações.

Quanto à distribuição dos motivos pelos contextos considerados, verifica-se que esta é muito desigual. Olhando para as organizações decorativas, é clara a concentração no nível 4, onde se encontra presente a grande maioria (15 exemplares) – coincidindo com um dos níveis com maior quantidade de material e com o facto de se ter melhores condições de preservação. Nos restantes níveis a presença de organizações é pontual mas novamente relacionada com a quantidade de material: 1 no nível 1; 5 no nível 2; 2 no nível 3; 2 no nível 5; 3 no nível 6 e 2 na Sondagem 3. Os motivos decorativos simples apresentam-se sempre em maior quantidade, mas, novamente, com maior diversidade e quantidade no nível 4. Neste nível assiste-se a um predomínio da espiga como motivo recorrente, com várias entradas de espigas incisas e impressas, dispostas na horizontal, paralelas ao bordo, com uma ou mais linhas, ou até na vertical, perpendicular ao bordo. Também surgem em cima de cordões plásticos. De seguida temos as retículas incisas, com alguma variação de incisões, umas mais largas outras muito finas e ainda algumas com irregularidade de traço. As linhas incisas isoladas ou em grupos de 2 ou 3 linhas são também frequentes. O grupo das impressões (ou algumas incisões) no lábio está bastante bem representado. Nos restantes níveis esta ordem de representatividade tende a manter-se, mas com menos entradas em cada motivo.

Como vimos em trabalho anterior (Luís, 2010), os motivos decorativos (e algumas formas) da Fraga dos Corvos são muito semelhantes aos recuperados nos contextos de Bronze Médio da Meseta Norte, habitualmente designados de Protocogotas (ou, mais raramente, “Cogeces”, devido ao sítio epónimo, Cogeces del Monte, em Ávila). A cerâmica do designado período formativo de Cogotas I encontra-se, no presente, bem caracterizada por diversos autores (cf. Abarquero Moras, 2005; Rodríguez Marcos, 1993; González-Tablas Sastre, 1984-85; Jimeno-Martínez, 1984) e pode ser definida, sinteticamente, *“por la escasez o ausencia de motivos excisos y de*

*boquique, y por el predominio de los incisos e impresos: las espigas, reticulados, zig-zags, trazos oblicuos, zonas angulares rellenas de paralelas y algunas líneas incisas com pequenas ondulaciones. Las composiciones más habituales se distinguen por su sencillez y por una sobriedade relativa; geralmente bandas simples bajo el borde o sobre la carena, abordando también la parte interior del lábio”* (Abarquero Moras, 2005, p. 29-30). Este estilo cerâmico é quase exclusivo no coração da Meseta Norte, e aí também parecem estar as suas datas mais antigas, pelo que, nesse sentido, esta região se designa habitualmente de área nuclear, englobando as actuais províncias de Valladolid, Zamora, Salamanca, León, Palencia, Burgos, Segóvia, Sória, Guadalajara e Madrid – esta será igualmente a área nuclear do período subsequente, Cogotas I. A maior concentração de sítios Protocogotas, atendendo à evidência disponível, parece estar na região de Valladolid, na qual se encontram igualmente os primeiros sítios identificados.

Este estilo cerâmico não é, no entanto, exclusivo da mencionada área nuclear. Em várias áreas regionais, em torno do centro meseteno (no momento “Protocogotas”), foram sendo identificados vários sítios com presença destas cerâmicas, quer em tudo muito semelhantes aos protótipos da Meseta, quer perfeitamente mesclados e integrados nas tradições oleiras locais. Interessa-nos, aqui neste particular, o norte interior português, área onde se localiza a Fraga dos Corvos.

Na região de Trás-os-Montes e Alto Douro e Beira Transmontana, a presença de cerâmicas protocogotas encontra-se comprovada na Fraga dos Corvos, em Macedo de Cavaleiros; no Fumo, em Vila Nova de Foz Côa (Carvalho, 2004 e capítulo anterior) e ainda em Castelo Velho, em Vila Nova de Foz Côa (cf. Pereira, 1999; 2000).

Existe ainda uma referência a materiais do Castelo de Ansiães, em Carrazeda de Ansiães (Lemos, 1988; 1993) que poderão igualmente assemelhar-se aos “Protocogotas”.

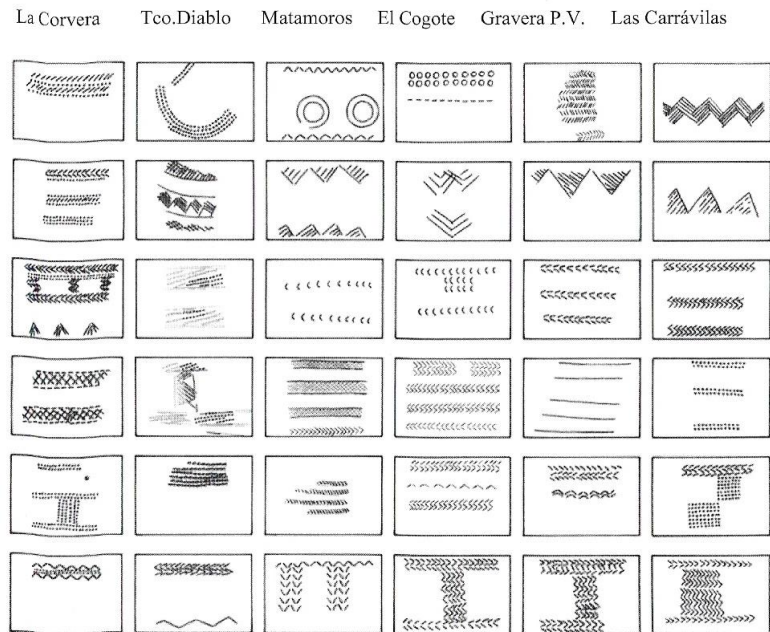
O maior conjunto é o de Castelo Velho, com 125 fragmentos, e apresenta muitas semelhanças com o já descrito para a Fraga dos Corvos - diferentes tipos de espigas incisas nas faces externa e interna do recipiente e ainda sobre cordão plástico; sequências de espigas delimitadas por pontos (métopas); e sequências de espigas

acima de linhas quebradas de pontos; também apresentam preenchimentos a pasta branca. De destacar a ausência de taças com carenas muito acentuadas (ao contrário da Fraga dos Corvos) (Pereira, 1999; 2000). Apesar da grande quantidade de fragmentos identificada, estas cerâmicas em Castelo Velho são minoritárias, a exceção, e não uma das partes mais representativas do conjunto (*Idem*).

No Fumo, a presença destas cerâmicas é pouco significativa dentro da esfera dos decorados (Carvalho, 2004).

A região de Zamora apresenta alguns sítios desta cronologia embora se concentrem na zona centro e Este da província “*dejando el sector occidental prácticamente en blanco*” (Abarquero, 2005, p. 96). No entanto, e apesar dos vários sítios identificados, a informação disponível sobre eles e, concretamente, a sua cultura material, tende a ser escassa ou insuficiente, na medida em que se trata de recolhas/identificações antigas e de poucos contextos escavados, o que nos dificulta o processo de comparações directas entre regiões. De destacar, neste particular, o sítio de Los Verdiales (Madrirdejos) que apresenta “*bandas horizontales y de zig-zag rellenas de puntillado ancho y espaciado y circulitos estampados ocupando toda la superficie externa – como también resulta original la presencia de formas profundas de tendencia globular*” (*Idem*, p. 96-97), ou seja, apresentando aqui ténues diferenças em relação aos sítios clássicos de Valladolid, nomeadamente na maior representatividade do pontilhado e a presença de impressões circulares – ambos documentados na Fraga dos Corvos e em Castelo Velho (Pereira, 1999).

É, contudo, mais a sudeste que encontramos os exemplares decorativos mais semelhantes aos da Fraga dos Corvos, única zona (que conheçamos) que associe impressões de pontos às tradicionais espigas incisas. Falamos do subgrupo decorativo La Corvera/El Tranco del Diablo ou do “grupo Valle Amblés/Valle del Duero”, ambos defendidos e descritos por Fabián García (2012) (Figura 31). Os três sítios que compõem este grupo - La Corvera (Béjar); El Tranco del Diablo (Béjar) e Cancho Enamorado (Salamanca) – situam-se na província de Salamanca, e, até agora, parecem constituir os “paralelos” mais próximos para o nosso conjunto transmontano (e, provavelmente também Castelo Velho).



**Figura 31 - Tabela de motivos decorativos do Grupo LA Corvera/El Tranco del Diablo. Adap. de Fabián García (2012)**

Ao pensar as vias de circulação desta cerâmica para o território interior português, atendendo à dispersão de sítios conhecidos, parece mais acertada uma via Norte/Sul entre a Fraga dos Corvos e Castelo Velho e a “entrada” na Meseta já na Beira Transmontana ou mais a sul. Recentemente foi proposta uma “rota” de circulação interior através do corredor do Côa, marcada pelas estátuas-menir armadas, que o autor defende tratar-se de uma via de circulação de estanho e do conhecimento necessário ao fabrico dos primeiros bronzes, que iria desde Ourense à zona do Fundão (Senna-Martinez, 2013). Neste sentido a integração da Fraga dos Corvos, onde esta metalurgia se encontra atestada, nesta “rota” poderá explicar a presença de cerâmicas tão semelhantes com as da área de Salamanca. Mais corrobora esta proposta a proximidade de uma estátua-menir armada de espada e alabarda, a de Valdefuentes de Sangusín, a cerca de 7 km do sítio de La Corvera (Fabián García, 2012, p. 340). Esta correlação entre as cerâmicas decoradas da Fraga dos Corvos e as da área salmantina encontra-se igualmente comprovada para o Bronze Final/inícios da Idade do Ferro (Reprezas, 2013; Senna-Martinez, 2013), indicando a manutenção de uma zona

preferencial de contactos e provavelmente a utilização continuada de vias de passagem e circulação.

#### **6.4.4 Abrigo 2 e Mamoa de Santo Ambrósio**

A Fraga dos Corvos, apesar de não possuir datações absolutas válidas, encontra-se enquadrada cronologicamente através das cerâmicas semelhantes às Protocogotas, estas últimas amplamente datadas e enquadradas. O mesmo não acontece com os outros dois sítios aqui considerados, que não dispõem de datas absolutas nem de cerâmicas tão marcantes.

Como vimos a quantidade de material cerâmico classificável no Abrigo 2 é bastante escassa dificultando a sua relação cronológica com as ocupações da plataforma superior da Fraga dos Corvos. As características técnicas e morfológicas são muito semelhantes ao observado para os níveis do Sector A, no entanto, em observações preliminares, parece existir uma continuidade de produção cerâmica na ocupação do Bronze Final/Idade do Ferro (Luís, Reprezas e Senna-Martinez, 2012). É nas decorações que podemos retirar mais informações. Há um fragmento de cerâmica penteada do Bronze Final/Ferro no “piso *d*”. À falta de outros indicadores, a presença de uma peça claramente enquadrável numa época mais recente que aquela que nos ocupa, no segundo piso a ser construído, invalida que os subseqüentes sejam mais antigos (pisos *a*, *b* e *c*). No “piso *e*”, a decoração presente é, por um lado, semelhante à encontrada no Sector A, uma espiga incisa (motivo S2) e, por outro, leva-nos a pensar num momento mais recente, atendendo a um fragmento com decoração incisa concêntrica, que, além de ser absolutamente novo na Fraga dos Corvos, faz lembrar alguns motivos já da plenitude de Cogotas I, pelo que corresponderia ao Bronze Final. Até agora ainda não foram identificados contextos na Fraga dos Corvos que se associem claramente a esta etapa, mas tendo em atenção que existem evidências do “antes” (Bronze Médio) e do “depois” (transição Bronze Final/Idade do Ferro), é provável que esta ainda venha a aparecer. Neste sentido, e atendendo somente aos motivos decorativos, é provável que muito pouco se tenha conservado da eventual ocupação do Bronze Médio neste espaço, sendo que a elaboração dos “pisos”

identificados em escavação deverão corresponder já ao Bronze Final, o que seria consentâneo com a presença de artefactos metálicos já desse período, como uma fíbula e outras peças de bronze de cariz meridional.

A Mamoa de Santo Ambrósio apresenta um desafio ainda maior quando olhamos para o potencial informativo do espólio cerâmico. Quando comparada a cerâmica da mamoa com a dos níveis da Fraga dos Corvos, verificam-se pequenas diferenças na produção técnica, como algumas variações na textura, nos tipos de cozedura e na fraca diversidade dos tratamentos de superfície, mas que não estamos em condições de afirmar se constituem marcas cronológicas específicas. No repertório formal, não se verificam diferenças a assinalar. Se no Abrigo 2 nos socorremos dos motivos decorativos para comparação, na Mamoa de Santo Ambrósio a quase nula presença de decoração impede mais considerações (recorde-se que apenas se registam dois bordos com impressões no lábio). Ou, olhando pelo factor ausência, a escassez de decoração poderá indicar um afastamento em relação ao que conhecemos para o Bronze Médio. Mais uma vez, só a identificação e estudo de novos sítios da Idade do Bronze poderá trazer luz a esta questão.

## 7. A MUDANÇA CULTURAL DO CALCOLÍTICO PARA A IDADE DO BRONZE. UMA LEITURA QUE PARTE DOS RECIPIENTES CERÂMICOS.

### **7.1 As mudanças no povoamento e nas estruturas de habitação**

Um das principais diferenças observadas entre o Calcolítico, o Bronze Inicial e o Bronze Médio é a quantidade de sítios identificados. Para o Calcolítico verificámos que, além de alguns sítios já escavados, existem vários outros conhecidos através de prospecções e trabalhos de minimização de impactes, que facilmente se enquadram, em termos genéricos, neste período. E revelam alguma diversidade em termos de implantação, área ocupada e, como vimos, uma consistente documentação cerâmica. A maior concentração de sítios identificados parece também situar-se na zona mais a sul do território, ligada ao Rio Douro e, em muitos casos, a terrenos de matriz granítica, que é, também, coincidente com as zonas alvo da investigação.

O Bronze Inicial é bem mais problemático, como sintetizámos, atendendo sobretudo ao desconhecimento da produção cerâmica concreta deste período, dificultando a classificação de sítios encontrados em prospecção e até mesmo em algumas escavações, porque também são muito raras as datações por radiocarbono.

No Bronze Médio, praticamente toda a informação disponível é proveniente de um sítio arqueológico, a Fraga dos Corvos, o que, como dissemos várias vezes, condiciona comparações diacrónicas e sincrónicas.

Parece claro que esta desproporção se deve maioritariamente a condicionantes da prática arqueológica. Muitos dos sítios conhecidos para o Calcolítico vêm a sua classificação atribuída por comparação com os estudos já realizados e direccionados para este período, por apresentarem cerâmicas com decorações semelhantes ao já conhecido.

Foi exactamente com essa ideia em mente que procurámos novos sítios arqueológicos integráveis no Bronze Médio. Tendo como referência a Fraga dos Corvos, com uma história de investigação já considerável, tínhamos a disposição de rever os materiais de sítios identificados em recolhas antigas e decorrentes dos novos

trabalhos da Arqueologia Preventiva, nomeadamente através da consulta dos respectivos relatórios. No longo processo de revisão dessa informação não conseguimos ir mais longe. Não encontramos, ao contrário do que esperávamos, mais nenhum sítio com cerâmicas de tipo *Protocogotas* além dos já identificados (que se encontram fora da nossa área geográfica – como o Castelo de Ansiães – Lemos, 1993). Existe ainda a referência aos materiais “Cogotas” do Terraço da Foz do Medal, que ainda se encontra em estudo, e que poderá revelar uma ocupação do Bronze Médio – recorde-se que foi lá identificado um enterramento datado deste período.

Neste sentido, impõem-se duas questões. A primeira delas relaciona-se com a actividade arqueológica: ou simplesmente ainda não se identificaram mais sítios, por não se ter incidido nas suas áreas de implantação preferencial/ou que permita a conservação do sítio (topos de cabeços?), ou existe uma diversidade de repertórios cerâmicos no Bronze Médio que, como ainda são desconhecidos, nos impossibilitaram a sua identificação. Por outro lado, a grande quantidade de sítios arqueológicos identificados em sítios de altura, normalmente associados à Idade do Ferro, apresentam difíceis condições de prospecção ou têm poucos vestígios superficiais (devido à erosão acentuada que muitos deles sofrem), dificultando a identificação e recolha de materiais e, conseqüentemente, a reconhecimento de outras fases de ocupação, possivelmente do Bronze Médio.

A segunda questão é já de foro interpretativo. Poderemos equacionar uma retracção demográfica em Trás-os-Montes Oriental no Bronze Inicial e Médio relativamente ao período anterior? A menor quantidade de sítios identificados pode indicar uma “desertificação” do território nos períodos iniciais da Idade do Bronze, sendo só reocupado, de forma sistemática, na Idade do Ferro? Em recente trabalho de síntese para o sul de Portugal, A. Valera (2014) coloca a mesma questão a propósito da disparidade de sítios conhecidos de um período e do outro e também da quantidade de restos osteológicos documentada, sendo ainda mais interessante por se tratar de uma área onde a quantidade de trabalhos de campo e de investigadores a concentrarem os seus esforços é incomparavelmente maior do que em Trás-os-Montes. Então subsiste a pergunta, o que é que aconteceu à população deste espaço regional na primeira metade do II<sup>o</sup> milénio a.C.? Pode-se, evidentemente, especular e

sugerir várias causas e modelos interpretativos, mas muitos deles têm fraca confrontação empírica.

Um dos dados mais interessantes nesta discussão poderá ser o reconhecimento de um evento climático abrupto ocorrido no espaço temporal situado na transição do IIIº para o IIº milénios, o “evento 4,0 ka BP”, *“que se corresponde com una crisis climatica aguda caracterizada por um período de aridez extrema. Este evento es, posiblemente, uno de los mejor marcados en el Holoceno, y sus manifestaciones comienzan a registrarse en diversas regiones a escala mundial”* (Fabián, Blanco González e López Sáez, 2006, p. 38). Uma mudança climática, sobretudo abrupta, poderá ter várias consequências ao nível da organização económica e social das comunidades, como já foi destacado em várias situações (cf. Anderson, Maasch e Sandweiss, 2007; Dincauze, 2000): *“the Mid-Holocene record demonstrates that environmental change can trigger a range of cultural responses, from collapse, to reorganization, to expansion”* (Anderson et alli, 2007, p. 12), sendo que uma das variáveis que demonstra mais implicações devidas a alterações do clima é o tamanho da população.

Na Península Ibérica, os estudos polínicos neste período revelam o início de uma fase mais quente e seca, com um aumento de espécies arbustivas, como *Artemisia*, *Chaenopodiaceae* e *Gramineae* a par de uma redução de espécies florestais como *Quercus* e *Olea*, e com impactos negativos na disponibilidade hídrica (Issar, 2003, p. 43-44). A propósito da evidência arqueológica e paleoambiental disponível para o Valle Amblés (Ávila), Fabián, Blanco González e López Sáez (2006) afirmam que *“a partir de ca. 2400/2300 cal AC se asiste a un cambio sensible en el patrón de asentamiento, en las estrategias de subsistencia y en la cultura material que denominamos Bronce Antiguo o grupo Parpantique. El número de yacimientos queda muy mermado, se reordena el poblamiento, quedando abandonados los entornos más frecuentados durante el Calcolítico y se ocupan otros dominios serranos. Estos cambios podemos empezar a relacionarlos con unas condiciones climáticas y paisajísticas radicalmente distintas”* (Idem, p. 50). Pese embora as especificidades da evidência dessa área actualmente espanhola, não deixa de ser importante e sugestivo considerar a possibilidade de um impacto considerável devido a alterações climáticas abruptas e

que consequências essas alterações podem ter tido na vida das comunidades pré-históricas transmontanas. Terá um aquecimento da temperatura diminuído as reservas hídricas com consequentes impactos na agricultura e na rentabilidade da produção? Terá aquele obrigado a uma reestruturação do povoamento e das estratégias económicas? A preocupação com as reservas hídricas poderá relacionar-se com a escolha de terraços fluviais para enterramento dos mortos (Terraço das Laranjeiras e Foz do Medal), como uma forma de oferenda? Ou, pelo contrário, estas alterações climáticas tiveram impactos menores nesta área regional e as transformações sentidas no povoamento decorrem de reestruturações socioculturais apenas?

Ao longo do III<sup>o</sup> milénio na área de Trás-os-Montes Oriental verifica-se um progressivo desenvolvimento das actividades de subsistência, conjugando uma economia agrícola diversificada, à base de cereais e leguminosas, com a criação de animais domésticos, e ainda explorando uma grande diversidade de ecossistemas, como nos indica o trabalho de M. J. Sanches (1997, p. 228-230). Porém, para o Bronze Médio, a informação é virtualmente escassa. Os dados da Fraga dos Corvos, relativamente a um modo de subsistência são parcos: não se identificaram ainda vestígios paleobotânicos que permitissem determinar as espécies vegetais consumidas e utilizadas no sítio arqueológico; os restos faunísticos estão muito fragmentados e, muitos deles, com vestígios de terem estado sob acção do fogo, tendo-se reconhecido, no entanto, algumas espécies (ovicaprinos, bóvidos, suídeos e cervídeos – Luís, Reprezas e Senna-Martinez, 2012); não se identificaram áreas específicas de armazenagem, muito menos de longa duração; e os instrumentos relacionados com a actividade agrícola são escassos, consistindo, substancialmente, em elementos de foice e elementos de moagem (Matos, 2011). A estrutura económica das comunidades do Bronze Médio (e mais ainda as do Bronze Inicial) em Trás-os-Montes Oriental está ainda por caracterizar, bem como o cruzamento com informações específicas de foro paleoambiental. Avaliar a relação do sistema económico das comunidades com as condicionantes e potencialidades ambientais e geográficas é ainda um trabalho por realizar nesta área territorial. Novamente sublinhamos a necessidade de novas intervenções, também elas direccionadas para a recolha de vestígios paleobotânicos,

além da necessidade de constituição de projectos transdisciplinares para o estudo da evolução ambiental e climática durante o Holocénico.

Noutro particular, a escolha da implantação dos sítios arqueológicos não parece ter-se alterado substancialmente do Calcolítico para o Bronze Médio. Se no primeiro período assistimos a uma preferência por sítios altos, no topo de cabeços destacados na paisagem, muitos deles de difícil acesso, e com um bom domínio visual sobre a paisagem envolvente, ainda que não exclusivamente; no Bronze Médio, atendendo à evidência da Fraga dos Corvos, essa situação parece ter-se mantido. É também um sítio implantado no topo de um cabeço destacado na Serra de Bornes, virado para a bacia de Macedo de Cavaleiros, dominando todo esse vale e as zonas de entrada e saída do território. Mas novamente sublinhamos a precaridade destas considerações, visto que dispomos apenas de um sítio para o Bronze Médio.

Por outro lado, os sítios implantados junto ao Rio Sabor podem trazer novos dados a este respeito. Os sítios identificados nesta zona que têm ocupações calcolíticas localizam-se na vertente inclinada que desce para o rio, em pequenas áreas livres entre os penedos graníticos, acusando uma localização intermédia entre sítio de altura com domínio visual e zonas mais baixas com potencial de exploração dos recursos naturais proporcionados pela presença do rio. Na mesma zona, os sítios identificados correspondentes à Idade do Bronze (Terraço das Laranjeiras e Terraço da Foz do Medal), implantam-se directamente nas zonas baixas, nos actuais terraços fluviais, sem preocupações de defesa natural ou domínio visual da paisagem (como aliás já sublinhado pelos autores das publicações destes sítios – Gaspar *et.al.* 2014a; Gaspar *et. al.*, 2014b; respectivamente). No entanto estes dois sítios mencionados, à luz da informação publicada, poderão ter tido variadas funções além da habitacional, como demonstram os enterramentos identificados.

As técnicas construtivas das estruturas habitacionais também não parecem diferir muito de um período para o outro. São utilizados sempre materiais perecíveis na construção das estruturas, nomeadamente postes de madeira (atestados pela presença de buracos de poste) e provavelmente ramagens vegetais. A pedra está presente em muitos dos sítios considerados, utilizada para a construção de pequenos

muros/muretes, lareiras, ou alinhamentos pétreos que podem constituir o embasamento de cabanas. Pelos arcos definidos por esses alinhamentos pétreos ou pelos buracos de poste, as estruturas habitacionais são todas de planta circular ou elíptica, não se conhecendo casos de estruturas rectangulares ou quadradas. A informação sobre a organização interna dessas estruturas é igualmente escassa, não se conhecendo divisórias internas, nem marcadas por postes nem por outro tipo de estruturas. São raras as informações sobre o tipo de actividades desempenhadas nestas construções. Existem indícios que no sector V do Cunho haja uma área de armazenagem junto de um alinhamento pétreo atendendo aos recipientes cerâmicos aí encontrados; e na Sondagem 3 da Fraga dos Corvos identificou-se uma área de produção de artefactos metálicos.

## **7.2 As mudanças na produção cerâmica**

### **7.2.1 Produção técnica**

Sintetizam-se e comparam-se aqui os tipos de pastas dos recipientes cerâmicos dos sítios dos períodos considerados (Calcolítico e Bronze Médio, já que para o Bronze Inicial não dispomos de dados).

A consistência dos recipientes é sempre maioritariamente compacta, em ambos os períodos cronológicos, revelando um esforço para escolha de boas argilas e para a elaboração de recipientes com boa resistência. O mesmo se passa nas texturas, nas quais a textura xistosa é sempre a mais observada, nos dois períodos. As percentagens de texturas homogéneas e vacuolares são sempre pequenas (com uma ou outra excepção pontual).

Os elementos não plásticos tendem a ser de pequeno tamanho nos dois períodos, com algumas excepções no Calcolítico (Quinta do Rio 16 e Quinta da Zaragata), com percentagens muito elevadas, com cerca de 70-90%. Relativamente à frequência, os elementos não plásticos são sobretudo pouco frequentes mas também frequentes, sobretudo no Bronze Médio.

É nas cozeduras que encontramos as primeiras diferenças entre os dois períodos, ainda que não sejam muito díspares. Nos sítios calcolíticos a tendência é para que sobressaíam as cozeduras oxidantes (com percentagens compreendidas, genericamente, entre os 49-63%), indicando uma preferência para recipientes com tonalidades alaranjadas ou amareladas, a que mais cerca de 11% de cozeduras redutoras com arrefecimento oxidante vem ajudar. No Bronze Médio as cozeduras dominantes tendem a ser as redutoras (com cerca de 40-60% dos casos), enunciando uma ligeira preferência por recipientes mais escuros, de tonalidades cinzento escuras ou já mesmo mais negras. No entanto, este valor é matizado olhando para a soma de percentagens das cozeduras oxidantes e cozeduras redutoras com arrefecimento oxidante, perfazendo quase a outra metade (cerca de 15-25% nas cozeduras oxidantes e cerca de 20-30% nas cozeduras redutoras com arrefecimento oxidante). Denota-se também um aumento dos arrefecimentos em atmosfera diferente das da cozedura, no Bronze Médio.

As espessuras apresentam grande regularidade nos dois períodos, centrando-se sempre na classe dos 0,6-1cm, sendo raros ou pouco frequentes recipientes que se integrem na classe 1,4-2,7cm.

Nos tratamentos de superfície encontramos também algumas diferenças, sobretudo ao nível da diversidade da aplicação por contexto observado, já que praticamente todos os tipos de tratamento considerados se encontram nos dois períodos. Nos sítios calcolíticos predominam, sempre e por larguíssima margem, os alisados simples, raramente associados a aguadas ou engobes. Em pequenas quantidades estão o *cepillo*, espatulado e o polido, por vezes associados a aguadas e engobes; não há nenhum caso de brunimento. A distribuição por contexto tende a ser relativamente pequena, normalmente dois ou três tipos diferentes de tratamento (não contando com os engobes). Já no Bronze Médio, apesar de também aqui predominarem sempre os alisados simples, verifica-se maior diversidade de tratamentos por contexto, geralmente entre 4 a 6 tratamentos diferentes (sem contar com os engobes). É neste período que assistimos a uma maior utilização de tratamentos de superfície mais cuidados, sendo mais frequentes os polidos e espatulados do que no período Calcolítico e surgem, agora, os brunidos, também estes

associados a engobes e aguadas. Destaca-se, também, um caso de almagre do Bronze Médio.

### 7.2.2 Morfologias

Nos tipos de bordo verifica-se que há um acréscimo de diversidade do Calcolítico para o Bronze Médio, no primeiro caso com cerca de 4-7 tipos diferentes por contexto e no segundo cerca de 4 a 8 tipos diferentes, podendo mesmo chegar aos 10 em dois contextos. Nos sítios calcolíticos predominam, relativamente ao perfil, os bordos redondos e, de seguida, os direitos, sendo os restantes tipos minoritários. O espessamento exterior nunca ultrapassa os 8%. Já no caso do Bronze Médio, também se verificam altas percentagens de bordos direitos e redondos, mas aumenta substancialmente a representatividade do espessamento exterior, agora sendo um dos grupos maioritários, quando não o predominante. Os restantes tipos de bordo são minoritários, mas dentro destes e à semelhança dos sítios Calcolíticos, destaca-se o bisel simples interno. Quanto à orientação, verifica-se uma pequena alteração na representatividade dos bordos exvertidos; nos sítios calcolíticos tendem a representar 20-30% das entradas, enquanto no Bronze Médio, a sua expressividade é maior, chegando a ser maioritária em 6 dos contextos analisados, o que se relacionará com a forte presença de recipientes de colo estrangulado. Os bordos de orientação invertida são sempre escassos.

É nos tipos de base (e nos elementos de prensão) que se manifestam as maiores diferenças em termos morfológicos, quando comparando os dois períodos cronológicos. Nos sítios calcolíticos as bases seriam quase totalmente convexas, com apenas 8 exemplares de bases planas em centenas de fragmentos recuperados. No Bronze Médio, a situação é completamente diferente, tendo-se recuperado, no total, 383 fragmentos de base, praticamente todas de tipo plano. Dentro deste tipo de bases foi possível distinguir subtipos atendendo à ligação da base com a parede do recipiente, o que interpretamos como tendo uma intencionalidade estética. Pelo que é visível nas áreas regionais envolventes, a utilização mais generalizada das bases planas remonta ao Bronze Inicial.

Os elementos de preensão sofrem também um aumento significativo de utilização do Calcolítico para o Bronze Médio, o que também se verifica no Bronze Inicial (verificado nas áreas vizinhas e nos escassos sítios conhecidos na região). Apenas se registam 10 exemplares enquadráveis nesta categoria no primeiro período cronológico (considerando os mamilos também como elementos de preensão e não somente como elemento decorativo), incluindo mamilos, os mais frequentes, e pegas. Apenas se regista um possível recipiente com asa. No Bronze Médio a presença deste componente morfológico é maior, com 61 exemplares, predominando, dentro destes, as asas e depois os mamilos e as pegas.

Os recipientes do Bronze Médio, atendendo à evidência aqui apresentada, apresentam, na generalidade, melhores e mais diversificados acabamentos: maior diversidade de tratamentos de superfície, incluindo os brunidos de boa qualidade; maior diversidade de tipos de bordo, de bases e de elementos de preensão, que nos parecem revelar, além de benefícios funcionais, intencionalidades estéticas, ou estilísticas.

Os tipos morfológicos dos recipientes encontrados são, em termos de composição, muito semelhantes, havendo uma manutenção das formas típicas do Calcolítico nos contextos do Bronze Médio, a que se acrescentam algumas novas. A principal alteração é a representatividade das formas nos conjuntos estudados. Nos contextos calcolíticos predominam sempre as formas abertas, principalmente as taças, e só depois se apresentam os globulares. Esta situação inverte-se nos contextos do Bronze Médio, nos quais as formas fechadas, de colo/gargalo, são as maioritárias. Neste período aparecem ou tornam-se mais frequentes, igualmente, as formas carenadas, recorrentes na Meseta Norte em contextos *Protocogotas*, mas que, naquele espaço geográfico, são bastante comuns desde o Bronze Inicial; os troncocónicos, novamente uma forma com grande expressividade no Bronze Inicial, em várias áreas regionais, e as taças de perfil em “S”.

A capacidade volumétrica dos recipientes é muito difícil de aferir, em ambos os períodos, atendendo ao estado de fragmentação dos recipientes, como já mencionámos. Uma das características dos recipientes cerâmicos do Bronze Inicial é

um aumento desta capacidade relativamente a contextos anteriores, registando-se vasos profundos, de colo vertical ou estrangulado e perfis sinuosos nas áreas regionais vizinhas. Olhando para os recipientes da Fraga dos Corvos, realmente verificamos uma maior incidência dos recipientes globulares com colo e gargalo, mas nos diâmetros retirados para o bocal desses recipientes (o único diâmetro calculável) não verificamos diferenças significativas de um período para o outro.

Algumas destas transformações na morfologia dos recipientes poderão estar relacionadas com novas necessidades funcionais. Olhando para a boa representatividade das bases planas, que poderão associar-se a cerca de 30-40% dos recipientes, podemos perguntarmo-nos se essas bases não estarão associadas a novas superfícies onde seriam colocados os recipientes, como a presença de algum tipo de *mobiliário*, em madeira presumivelmente, não só para o consumo de alimentos (algo parecido com mesas?), mas também para dispor os recipientes. Não temos, contudo, qualquer evidência directa da sua existência.

### **7.3 As diferenças de estilo decorativo**

A representatividade da decoração nos conjuntos analisados apresenta diferenças significativas quando comparados os dois períodos cronológicos. Nos sítios calcolíticos a presença de decoração é considerável, em torno dos 20% relativamente ao NMI, reduzindo-se a metade ou menos nos contextos do Bronze Médio (cerca de 6-11%).

A localização da decoração sofre também alterações. Nos sítios calcolíticos somente se verifica decoração na superfície exterior do recipiente, e, quando é possível determinar, numa faixa colocada abaixo do bordo, área de boa visibilidade para quem manipula os recipientes. Já na Fraga dos Corvos, e reproduzindo os recipientes típicos Protocogotas, a decoração, ainda que maioritária somente na superfície externa, apresenta também jogos de combinação entre três faces do recipiente, exterior, interior e lábio.

As técnicas decorativas mais utilizadas, em ambos os períodos, são a incisão e a impressão, sendo as restantes minoritárias. Nos sítios calcolíticos predomina sempre a impressão, com cerca de 40-60%, depois a incisão, e ainda a combinação destas duas técnicas. O *boquique* é pouco frequente e a incisão penteada, aparecendo em poucos dos contextos considerados, tende a estar bem representada (ou sendo a maioritária em dois casos). Já no Bronze Médio, a técnica mais utilizada é a incisão e só depois a impressão. O *boquique* continua a ser minoritário, a que agora se junta a combinação da incisão com a impressão. Nestes contextos mais recentes surgem técnicas novas, como a decoração plástica, sobretudo através da aplicação de cordões, que, por sua vez, podem ou não ser decorados com incisões ou impressões; e ainda a excisão, pouco representativa.

Os motivos decorativos constituem a variável de análise que mais demonstra transformações quando comparamos o Calcolítico e o Bronze Médio e até, pelo que conhecemos das áreas vizinhas, o Bronze Inicial. Ao olharmos para as tabelas de motivos decorativos verificamos que estamos perante dois estilos completamente distintos. Os elementos estruturantes da decoração Calcolítica caem quase por completo. No Bronze Médio já não encontramos sequências de impressões em bandas abaixo do bordo, nem triângulos preenchidos, nem motivos penteados. Agora predomina a decoração com base no motivo espiga e, de seguida, nas retículas, que se misturam e modificam consoante o efeito pretendido. No Calcolítico assistimos a uma certa padronização dos motivos (o que nos permitiu criar uma tabela única para vários sítios), com ligeiras modificações de sítio para sítio, com algumas alterações e adições ao longo do tempo, mas cujos padrões estruturantes se foram mantendo. No Bronze Médio assistimos também a uma padronização de motivos, mas, parece-nos, mais apertada, com um menor catálogo de escolha. Poderíamos argumentar com a disparidade de sítios de um período para o outro, sublinhando que no Bronze Médio estamos apenas a considerar um único sítio arqueológico, mas, mesmo olhando para cada um dos sítios calcolíticos, as várias organizações decorativas vão estando presentes, variando, essencialmente, a sua representatividade, com a exceção da organização V, os 'penteados', cuja presença poderá estar associada a razões de ordem cronológica.

Por outro lado, a par de uma maior retracção da tabela de motivos decorativos no Bronze Médio, cremos haver um maior investimento na produção técnica dos recipientes, introduzindo efeitos estéticos e estilísticos em outros pormenores de acabamento que não apenas na decoração. Se nos recipientes calcolíticos a decoração, porque relativamente frequente, é o elemento mais atractivo dentro de uma produção oleira de grande sobrevivência histórica, os recipientes do Bronze Médio indiciam uma maior preocupação com o aspecto global do recipiente, traduzindo uma opção estilística substancialmente diferente, suportada por novas capacidades tecnológicas (aplicação de bases planas e de asas, ou a estruturação de formas carenadas, por exemplo).

#### **7.4 Mudanças na cerâmica e mudanças nas comunidades.**

O fim do Calcolítico e o Bronze Inicial são ainda mal conhecidos neste espaço territorial e a razão pode estar relacionada com uma grande continuidade de manutenção das características cerâmicas calcolíticas, a par da progressiva integração de novidades, num fundo cultural local, como M. J. Sanches propõe (1997). Segundo a mesma autora, não se trataria, portanto, de uma ruptura abrupta, ou de um 'colapso' das estruturas calcolíticas, mas uma progressiva mudança e transformação das comunidades que vão integrando e usando o fruto de uma maior abertura às redes de circulação e comunicação externas. De facto, a evidência aqui documentada indica que, para o final do Calcolítico surgem algumas transformações na cerâmica, ainda que com fraca expressividade estatística. Assim, será plausível que pelo menos a cerâmica dos inícios do Bronze Inicial mantenha vários elementos trazidos da tradição anterior, incorporando, cada vez com mais expressividade, as novidades. No entanto, não temos evidência das 'fases' deste processo, apenas o podemos equacionar.

Se este modelo poderá explicar ou estabelecer as bases de discussão para o Bronze Inicial (ou eventualmente de um Calcolítico-Final/Bronze Inicial como na região de Ribera del Duero, Valladolid), não nos parece que se possa manter para os inícios do Bronze Médio. Há aqui, certamente, um momento de maior ruptura, de corte com as estruturas mentais calcolíticas que possibilita a criação/absorção de novas formas

de produção e decoração cerâmicas. À luz dos dados que temos agora, parece-nos que essa mudança vem com o Bronze Médio, que é quando a vislumbramos no registo. Porém, sublinhamos novamente a necessidade de programas de estudo específicos para o Bronze Inicial, até porque, olhando para a Meseta Norte, as raízes das novas características cerâmicas do mundo ‘Protocogotas’ têm origem no momento anterior.

No Calcolítico, as formas e as decorações dos recipientes são resultado de um longo processo evolutivo maioritariamente local, de matriz neolítica, com motivos decorativos de ampla dispersão territorial (há triângulos preenchidos e cerâmica penteada em várias áreas regionais do território hoje português, por exemplo), mas usados e transformados de forma muito própria dentro da área regional considerada, assimilando poucos elementos exógenos – são raros, ou quase nulos, os motivos espinhados tão frequentes na área de Fornos de Algodres (Valera, 2007); não existe (até à data) cerâmica campaniforme; as complexas e ricas decorações metopadas da área de Chaves-Vila Pouca de Aguiar (Jorge, 1986) estão ausentes. No Bronze Médio parece acontecer o oposto. O estilo decorativo da Fraga dos Corvos parece inspirar-se, ou mesmo imitar, um grupo decorativo muito forte de uma outra área regional, a Meseta Norte, quase esquecendo a herança decorativa local. Assim, houve, efectivamente, uma transformação profunda dos sistemas de representação mentais e ideológicos das comunidades, cuja materialização se traduz em recipientes cerâmicos distintos, na qual se integra a Fraga dos Corvos.

Quais as razões desta mudança? Duas hipóteses directas:

- a comunidade que se estabeleceu na Fraga dos Corvos veio da Meseta (provavelmente da área de Salamanca) e estabeleceu-se em Trás-os-Montes por qualquer motivo em particular (presença de minério? Bons terrenos férteis? Etc.), trazendo, com ela, uma nova tradição decorativa, que, aliás, se vem espalhando ao longo do vale do Côa (Luís, 2013; Senna-Martinez, 2013). Faria assim parte integrante das comunidades protocogotas, mas numa posição geográfica mais periférica ao fenómeno.

- a comunidade da Fraga dos Corvos tem os antepassados em Trás-os-Montes mas integra-se na rede de comunicação e trocas do interior peninsular e, com isso,

assimilando/consumindo as novas modas decorativas, numa lógica de difusão cultural ou aculturação (*“cambio por emulación, de forma unilateral – aceptación de unas tradiciones foráneas y desdibujamiento de las autóctonas – o bilateral – intercambio de soluciones y actitudes entre las culturas involucradas-.”* Abarquero Moras, 2005, p. 414).

Estas duas hipóteses são de muito difícil confirmação arqueológica, mas deverão, parece-nos, ser colocadas. Longe vão os tempos em que, numa perspectiva histórico-culturalista, se associavam estilos cerâmicos a grupos étnicos concretos e a sua difusão geográfica aos caminhos de ocupação desses grupos, numa perspectiva acrítica e pouco integradora. No entanto, a deslocação de pessoas e de grupos existiu ao longo dos tempos e foi, certamente, um dos veículos de transmissão e difusão de tecnologias e novas ideias. Enquanto não se conhecer melhor o Bronze Médio em Trás-os-Montes Oriental não podemos descurar a hipótese de a comunidade da Fraga dos Corvos ter vindo de outras paragens e se ter fixado, *ex nihilo*, num cabeço da Serra de Bornes.

Seja de que maneira for, os recipientes cerâmicos da Fraga dos Corvos revelam a assimilação de um novo estilo, morfológico e decorativo, que se assemelha (com algumas pequenas diferenças) ao estilo predominante na Meseta Norte. Os mecanismos de circulação desta moda artefactual foram sintetizados e explorados por Abarquero Moras (2005; 2012), subdivididas em explicações de teor económico e de índole social. No primeiro caso enquadram-se as transacções comerciais e as rotas da transumância; no segundo os sistemas de trocas de presentes *inter pares*, as formas de emulação de condutas sociais e económicas a circulação de mulheres oleiras.

Para o autor, a hipótese da transumância é a que se afigura menos provável, pois alicerça-se no pressuposto, já desactualizado pela investigação, de que as comunidades de Cogotas I teriam como principal actividade económica, a criação de gado e, com ela, a necessidade de percorrer vastas áreas territoriais permitindo assim a divulgação do estilo cerâmico, *“por lo tanto, podemos decir que la falta de pruebas concluyentes sobre su existencia, lo innecesario de su desarrollo y las dificultades que entraña su desarrollo en época prehistórica, son argumentos suficientes como para*

*rechazar la hipótesis*” (2012, p. 94). A circulação de mercadores, ou de intermediários nas redes de troca e comunicação, não tem ainda confirmação arqueológica neste período concreto, mas não será uma leitura a descartar. A circulação de mulheres oleiras parte de duas ideias, mais ou menos generalizadas na literatura arqueológica, mas com fraca evidência empírica, na nossa opinião, de que que 1) são as mulheres que produzem a cerâmica e 2) são as mulheres que circulam nas alianças matrimoniais exogâmicas. Independentemente do género, a circulação de pessoas para o estabelecimento de relações matrimoniais poderá ter tido um papel importante na circulação de tradições oleiras, na medida em que se produz um estreitamento das relações sociais por meio da extensão dos sistemas familiares e de parentesco. Na emulação de condutas sociais e económicas discute-se se a possibilidade de as cerâmicas poderem associar-se a uma forma diferenciada de consumo de alimentos, avançada por alguns autores, mas que, na opinião de Abarquero, *“la cerámica decorada de Cogotas I no parece constituir (...) un bien de usos exclusivo destinado a las élites”* (*Idem*, p. 96). Por último, refere a associação feita desta cerâmica a um bem de prestígio, que poderia ser trocada em relações sociais de elite, como trocas *inter pares*, discordando, baseando-se no facto de se tratar de cerâmicas de produção local, facilmente imitáveis e de uso doméstico, *“nunca restringido a las élites”* (*Idem*, p. 97).

Quanto a nós, concordamos totalmente com Abarquero Moras, quando afirma que não se trata de uma causa única, ou de um único mecanismo de “expansão”, mas sim de uma confluência de circunstâncias e condições que dificilmente conseguiremos explicar na sua plenitude. Pensamos, no entanto, que, além destas explicações de ordem mais prática, a integração da Fraga dos Corvos nas redes estilísticas *Protocogotas* poderá relacionar-se com a partilha e reprodução de sistemas de cosmogonia e mundivisão muito específicos que conferem, aos actores sociais de produção e aos de consumo das representações materiais desses sistemas, um sentimento de enquadramento, pertença e de integração num mesmo espaço cultural, e não, simplesmente, uma adição externa a um quadro de referências particular. Afirmamo-lo atendendo a um conjunto de razões: a sobrevivência dos modelos antigos, calcolíticos, é muito reduzida, traduzindo-se apenas na manutenção de formas cerâmicas de larga utilização temporal e geográfica e nas características de produção

técnica dos recipientes, na sua generalidade; o estilo decorativo das cerâmicas da Fraga dos Corvos é monótono e quase dependente dos modelos mesetenhos, com ligeiras adaptações (mormente a realização de algumas espigas com pontilhado impresso); a produção das cerâmicas decoradas é, com forte probabilidade, de fabrico local, olhando para as análises petrográficas realizadas por Teodoro de Araújo (2011); esta relação com a Meseta é de longa duração, mantendo-se nos níveis de ocupação mais recentes da Fraga dos Corvos – Bronze Final/Idade do Ferro (Reprezas, 2014; Luís, Reprezas e Senna-Martinez, 2012).

Olhando com outra perspectiva, a produção deste tipo de cerâmicas na Fraga dos Corvos poderá indicar a necessidade desta comunidade, consciente e activamente, se posicionar num determinado circuito cultural, exibindo uma das suas melhores representações materiais, de forma a alcançar determinados fins ou objectivos, beneficiando (de forma económica, social ou política) das redes amplas de circulação que funcionam no seio da Meseta Norte. A escolha deliberada por um determinado estilo cerâmico constitui, assim, um marcador étnico pois *“people preferentially interact with people with whom they share easily observable traits like dress style or dialect”* (McElreath, Boyd e Richerson, 2003, p. 123); além de que *“people imitate successful people with the result that behaviors that led to higher payoffs tend to spread. We also show that the preference to interact with people with markers like one’s own may be favored by natural selection under plausible conditions”* (Idem).

#### **7.5 A Idade do Bronze, rupturas e reestruturações, entre o conhecido e o possível.**

Os inícios da Idade do Bronze são marcados por mudanças a nível estrutural das comunidades que a precedem, como tem sido frequentemente assinalado (cf. Senna-Martinez, 2007, p. 120; 2009, p. 467-471; Jorge, 1991; Bettencourt, 2008, 2009), mudanças essas que se reflectem em toda a Europa Ocidental, assumindo contornos regionais que importa conhecer. Esta mudança é visível sobretudo nos espaços da morte, em que os antigos monumentos megalíticos deixam de ser construídos, agora somente reutilizados, possivelmente como *“symbolic appropriation of ancestral*

*landscapes*” (Bettencourt, 2008, p. 102). Talvez nesse sentido se possa enquadrar a Mamoa de Santo Ambrósio, visitada em algum momento, infelizmente pouco definido, da Idade do Bronze, e na qual foram depositados vários recipientes cerâmicos. Não deixa de ser sugestivo o estado de fragmentação em que se encontravam estes recipientes na parte superior da mamoa, tendo um aspecto completamente “esmigalhado”, podendo eventualmente indicar fracturação intencional. Que se conheça este é o único monumento megalítico com reutilização/visitação na Idade do Bronze no território aqui considerado, mas existem vários outros muito perto geograficamente, como Madorras 1 em Sabrosa ou Carvalhas Altas em Vila Pouca de Aguiar (Bettencourt, 2009, p. 12)

A par destas reutilizações surgem novas soluções para a deposição dos mortos. São disso exemplo as cistas, estruturas de tendência rectangular, formadas por lajes pétreas fincadas no solo, dentro das quais se deposita o corpo, normalmente apenas um indivíduo, juntamente com um espólio funerário que tende a ser bastante normalizado (Bettencourt, 2010): recipientes troncocónicos, vasos de largo e médio bordo horizontal, armas metálicas, elementos de adorno metálicos (ouro e prata). No território considerado apenas se conhece a necrópole de Lagares, em Macedo de Cavaleiros, infelizmente destruída.

Também se conhecem enterramentos em vários tipos de fossas, com os exemplos dos sítios Terraço das Laranjeiras e Terraço da Foz do Medal, implantados nas margens do rio Sabor, como vimos. E ainda são frequentes, no noroeste peninsular, os enterramentos em grutas ou abrigos naturais, de que a Lorga de Dine poderá constituir exemplo.

Tal como afirma A. Bettencourt, verifica-se uma *“diversidade de contextos funerários, de soluções arquitectónicas, de ritos e de acções de âmbito mortuário, pelo menos durante o Bronze Inicial e Médio”* (2010, p. 18), que também tem expressão em Trás-os-Montes Oriental, embora julgemos que muito ainda se poderá vir a conhecer em eventuais trabalhos futuros.

Os rituais relacionados com a morte e com a preservação da memória dos antepassados são dos melhores indicadores para pensar os sistemas simbólicos,

espirituais e sociais das comunidades, embora muitas vezes falte a respectiva correlação com os sítios de povoamento e as restantes manifestações materiais encontradas, dificultada pela recorrente escassez destes sítios. Voltando à morte, a profunda ruptura sentida na transição do Calcolítico para a Idade do Bronze no ritual funerário tem de ser reflexo de mudanças na forma como as comunidades percebem o mundo e a sua própria estrutura social e cultural. De facto, assistimos a um (progressivo) abandono das estruturas funerárias de matriz neolítica, os monumentos megalíticos, muitos dos quais de grandes dimensões, onde se colocaram vários corpos, em reutilizações ao longo do tempo. Seriam certamente espaços aglutinadores de memória e, olhando para a sua monumentalidade e perenidade inerentes, serão marcadores de espaços físicos mas também e sobretudo de espaços sociais e culturais. Retornar a estes espaços em períodos de transformação, como nos inícios da Idade do Bronze, deverá ter significados múltiplos, em que se podem enquadrar o sentido de relação com o passado e os antepassados, mas também uma marcação física e ritual de uma apropriação das paisagens já marcadas culturalmente, como nos diz A. Bettencourt: *“partimos de la premisa de que el lugar escogido para depositar los muertos, así como el tipo de soluciones arquitectónicas que se les asocian, no son arbitrarios, o condicionados por factores geográficos, sino metáforas de la estructuración social o producciones simbólicas en el sentido de P. Bourdieu y, por tanto, íntimamente relacionados con los diferentes modos como las comunidades se habrían implicado en el paisaje y lo habrían percibido. Se entiende aquí ‘paisaje’ como un lugar de experiencias acerca del mundo, un sitio de significaciones en el cual lo sagrado y lo profano, lo simbólico y lo práctico se encuentran intrínsecamente relacionados”* (2010, p. 159). Assim a escolha de paisagens e de estruturas arquitectónicas é, à semelhança do estilo cerâmico, forma de materialização e comunicação de mensagens sociais, reflectindo práticas e normas do todo social.

As novas lógicas de lidar com a morte e, conseqüentemente, com o passado, parecem relacionar-se com uma nova simbólica, mais intimamente relacionada com o individual, por oposição do colectivo, a que se associa uma materialidade, ou seja, o espólio funerário, muito diferenciada da anteriormente utilizada. Se nos monumentos megalíticos conhecidos em Trás-os-Montes se colocavam sobretudo utensílios em

pedra lascada e, eventualmente, alguns recipientes cerâmicos, materiais semelhantes aos de âmbito doméstico, as poucas evidências de enterramentos no período subsequente, relacionam-se com o já bem documentado, por exemplo, no Minho (cf. Bettencourt 2008, 2010), ou seja, artefactos metálicos e recipientes cerâmicos mais ou menos padronizados (de que constarão a espiral de ouro de Lagares ou o troncocónico da Lorga de Dine). Algo semelhante já foi observado na Beira Alta, onde *“passamos assim de uma situação onde no mundo funerário megalítico do Neolítico Final e Calcolítico, as necrópoles constituem como que um prolongamento dos espaços domésticos – em que o ‘pacote artefactual funerário’ replica, na sua constituição, o utilizado nestes (...) para outra em que apenas alguns conjuntos artefactuais, nomeadamente algumas formas de olaria, são elegíveis para deposição funerária”* (Senna-Martinez, 2009, p. 468).

Em Trás-os-Montes são muito bem conhecidas as alabardas de tipo Carrapatas e os machados de tipo Bujões/Barcelos, os principais ‘ícones’ metálicos representativos do Bronze Inicial e do Bronze Médio, respectivamente. O reconhecimento destes dois tipos de artefactos, já há longas décadas, e todo o trabalho de investigação subsequente sobre a metalurgia da Idade do Bronze, a que se associam as representações iconográficas das estelas menir, com as suas conhecidas figuras de indivíduos com este tipo de armas (e outros elementos), têm vindo a moldar os discursos sobre a esfera simbólica e sobre a organização social destas comunidades. Senna-Martinez, entre outros investigadores, tem vindo a defender a emergência de uma nova ordem simbólica *“de cariz andriarcal”*, que se manifesta através de uma *“iconografia masculina e das armas”*, sustentada pela presença recorrente de armas metálicas e respectivas representações iconográficas e pela individualização dos enterramentos (cf. 2009). Esta simbólica é representativa de uma sociedade mais hierarquizada, em que alguns indivíduos tem posições de destaque e, através da aquisição ou da capacidade de produção e manipulação de *“bens de prestígio”*, medeiam as relações sociais entre as várias comunidades.

No mesmo sentido vem a proposta de Yago Terroba, que, ao rever exaustivamente as armas metálicas e as representações iconográficas da Idade do Bronze no Noroeste, defende a existência de chefes guerreiros e mesmo de uma

identidade guerreira e marcial que se desenvolve ao longo da Idade do Bronze a partir do campaniforme. A partir do Bronze Inicial *“la estrategia empieza a cambiar y las armas pasan a ser identificadas en otros ámbitos y contextos, fuera ya de las tumbas y las necrópolis. (...) Es ahora cuando comenzamos a documentar las armas en contextos que hemos de vincular al mundo de los vivos: fundamentalmente en depósitos y figurando en manifestaciones artísticas de tipo escultórico. De este modo, la negociación del poder comunitario y de la identidad guerrera ya no se produce únicamente en rituales intracomunitarios, esto es, dentro del grupo y para el grupo, sino que a partir de ahora comienza a hacerse en lugares públicos, como se desprende de su monumentalización a través de las primeras representaciones artísticas de armamento metálico”* (2012, p. 256). A sua posição é-nos especialmente interessante, pois, ao cruzarmos estes dados com os da cerâmica acima discutidos, vemos que há uma progressiva abertura das comunidades para o exterior; a “negociação do poder”, nas suas palavras, passa a ser também para fora da comunidade. E nessas novas relações sociais, viradas para um exterior vasto e complexo, a existência de elementos do grupo com capacidade de negociação e representação dos interesses comuns dentro dos circuitos de interacção pode ser fundamental para a manutenção e sobrevivência dos novos padrões sociais.

Pensamos que a comunidade da Fraga dos Corvos utiliza, muito activamente, a cultura material, ali produzida, como um meio de integração e comunicação eficaz, que lhe permitirá integrar-se nas relações sociais da época, viradas para o interior mesetenho. A relativa padronização estilística da cerâmica e o pleno domínio da tecnologia da produção de bronzes de boa qualidade (Senna-Martinez *et. al*, 2011), permitir-lhe-ão mostrar, dentro e fora da sua comunidade imediata, um elevado grau de estatuto social. Pensamos ser possível considerar que um dos factores de integração ou de relacionamento poderá estar em conexão com a disponibilidade de minério de estanho em Trás-os-Montes Oriental, que poderá ser canalizado, em minério ou em artefactos acabados, conforme a evidência da própria Fraga dos Corvos (Senna-Martinez *et alii*, 2011; Senna-Martinez *et alii*, 2013), para outras áreas regionais. No mesmo sentido, importa referir que também em Castelo Velho, com aparelho cerâmico semelhante ao da Fraga dos Corvos, esta relação mesetenha é

evidente. Tudo isto faz das terras beirãs e transmontanas espaços que poderiam ser de relacionamento muito apetecível para a zona nuclear Protocogotas, com zonas de passagem e circulação fixas e marcadas através das estelas, áreas estas enquadradas numa “rota do estanho” sugerida por Senna-Martinez (2013). A esta ideia se associa a escassez de bronzes binários neste território interior (Férrandez Manzano e Herrán Martínez, 2012), que poderá ver o ocidente como uma zona de apetência.

Que benefícios sociais e também económicos é que esse estatuto e essas relações garantem à Fraga dos Corvos? A inexistência de sítios cronologicamente coevos nesta área regional impede uma comparação entre as condições de vida de povoados sem produção metalúrgica com povoados com produção metalúrgica (como a Fraga dos Corvos), assumindo que terão existido as duas realidades. Esta lacuna impede que se verifiquem quais as diferenças na estruturação do espaço e na cultura material em ambas as situações, para verificar se existiria benefícios materiais decorrentes do possível ‘envio’ de minério/artefactos metálicos para a Meseta. Também interessante seria verificar se, em Trás-os-Montes, só os sítios produtores de metal têm tal quantidade de cerâmicas de estilo *protocogotas* ou se a afinidade da produção cerâmica é independente da metalurgia. Existem também dois níveis de análise dentro dos benefícios que a Fraga dos Corvos terá tido por activamente se relacionar com a Meseta. O primeiro deles é o externo, o que poderá vir da Meseta em retorno. Assumindo a possibilidade de um dos produtos de ida ser o metal (minério/produtos acabados), o que se traria em troca? Bens para o quotidiano não adquiríveis na região? Outras matérias-primas? Alimentos transformados? Instrumentos e utensílios? Acesso a redes de relacionamento que garantam defesa e protecção, relações matrimoniais, transmissão de conhecimento e tecnologias? O segundo nível de análise prende-se com a região imediata do povoado. De que forma se materializa a relação entre a Fraga dos Corvos com as populações circundantes? São toda e a mesma comunidade espalhada em eventuais núcleos funcionais (produção agrícola; criação de gado; e, lá em cima no cabeço, transformação de alimentos e produção metalúrgica) ou familiares? Ou o estatuto externo da Fraga dos Corvos impõe-se como elemento dominante e estruturante dentro da sua comunidade/

pequenas comunidades vizinhas? Qual o nível de competitividade entre comunidades dentro de uma mesma área regional?

Qual o papel dos designados “chefes guerreiros” dentro destas relações específicas? E o que, na prática, querará dizer esta “simbólica do poder”? Trata-se, por um lado de um poder mais simbólico do que real, latente na exibição pública de ‘bens de prestígio’, inerentemente inacessíveis ao homem comum, como sugere Senna-Martinez (2009)? Quem produz e/ou quem detém os artefactos metálicos na Fraga dos Corvos tem, conseqüentemente, um estatuto especial? Ou haverá, no seio destas comunidades, uma real atmosfera de violência, ainda que não generalizada ou bélica, em que a disputa, física, entre elementos ‘escolhidos’ das comunidades materializará a mediação das relações sociais?

São questões para as quais não temos resposta. Ainda é muito cedo para definir, com uma sólida sustentação empírica, um modelo social para o Bronze Inicial e para o Bronze Médio em Trás-os-Montes Oriental. Sabemos que estas comunidades estarão integradas nas redes de circulação de ideias e artefactos do seu tempo, e, através disso que devem partilhar muitos dos modos de vida das comunidades com quem comunicam. Mas a continuação das investigações, a começar no terreno, é incontornável para o aprofundamento do conhecimento destas relações sociais.

A mudança entre o Calcolítico e a Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental ocorre a vários níveis de confrontação empírica. A produção cerâmica muda, fica no passado uma tradição estilística com muito tempo de maturação e transformação que reproduz elementos considerados estruturantes, alterando representatividades, dentro de um espaço regional coeso com uma tradição interior definida. As sociedades calcolíticas, dentro do seu próprio devir histórico, vão sofrendo alterações com a passagem do tempo, com a progressiva abertura ao exterior, com a ocupação de mais/novo território, cruzando tradição com inovação, mas mantendo-se fiel às suas raízes. Para fins do III<sup>o</sup> milénio, as transformações começam a acentuar-se e a acompanhar os processos de mutação social ocorridas nas outras áreas regionais. O Bronze Inicial, quase desconhecido para nós, está tenuemente presente, imiscuído

entre a transformação progressiva das sociedades calcolíticas e a invisibilidade arqueográfica, mas timidamente revela sinais das grandes modificações trazidas pela Idade do Bronze, nas alabardas. É no Bronze Médio, em Trás-os-Montes, que vemos, por comparação, a mudança na sua plenitude (se o pudermos dizer). A cerâmica mudou, a metalurgia instalou-se firmemente, a comunidade está perfeitamente enquadrada nas grandes tendências supra regionais da sua época e esforça-se activamente para o demonstrar. E novas mudanças virão. Ainda bem para nós, arqueólogos.

Terminamos este trabalho com notas muito pessoais, porque a investigação é sempre condicionada pelo próprio investigador.

A elaboração deste trabalho, ao longo dos últimos quatro anos e meio, foi para mim um processo iniciado mas longe de estar agora acabado. Mais que modelos interpretativos, ou confirmações de modelos já existentes, o que encontrei, ao longo do tempo, foram mais perguntas e uma maior consciência de que quanto mais estudamos e aprofundamos um tema, mais dúvidas temos e mais humildes nos tornamos. E apaziguei-me com esta revelação, de que ter perguntas é, mil vezes, mais interessante do que só ter respostas. Que o futuro traga hipóteses de continuar a discutir estes problemas, a mim e a outros. Talvez com um sopro dos antepassados pré-históricos transmontamos...

## Referências bibliográficas

ABARQUERO MORAS, F. J. (2012) – Cogotas I más allá del territorio nuclear. Viajes, bodas, banquetes y regalos en la Edad del Bronce Peninsular. In RODRÍGUEZ MARCOS, J. A.; FÉRNANDEZ MANZANO, J. (eds), *Cogotas I, una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*, Universidad de Valladolid, p. 59-110.

ABARQUERO MORAS, F. J. (2005) – *Cogotas I. La difusión de un tipo cerámico durante la Edad del Bronce*. Monografías 4. Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo.

AGROCONSULTORES E COBA (1991) – *Carta dos Solos, Carta do Uso Actual da Terra e Carta de Aptidão da Terra do Nordeste de Portugal, Memórias e Anexos*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (policopiado).

ALVES, F. M. (2000 [1934]) - *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte*, tomo IX. Câmara Municipal de Bragança/Instituto Português de Museus – Museu do Abade de Baçal.

ALVES, F. M. (2000 [1938]) – *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança: arqueologia, etnografia e arte*, tomo X. Câmara Municipal de Bragança/Instituto Português de Museus – Museu do Abade de Baçal.

ANDERSON, D. G.; MAASCH, K. A.; SANDWEISS, D. H. (2007) – *Climate Change and Cultural Dynamics. A Global Perspective on Mid-Holocene Transitions*. Academic Press, Elsevier.

ANDERSON, D. G.; MAASCH, K. A.; SANDWEISS, D. H.; MAYEWSKI, P. A. (2007) - Climate and culture change: exploring Holocene transitions. In ANDERSON, D. G.; MAASCH, K. A.; SANDWEISS, D. H. (eds.) – *Climate Change and Cultural Dynamics. A Global Perspective on Mid-Holocene Transitions*. Academic Press, Elsevier, p. 1-24.

ARAÚJO, T. (2011) - *Caracterização petrográfica e geoquímica das cerâmicas da sondagem 2 do sítio arqueológico da Fraga dos Corvos (freguesia de Vilar do Monte, concelho de Macedo de Cavaleiros)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, policopiado.

ARGÜELLO MENENDEZ, J. (2002) – *Castelo de Algosó. Relatório de Acompanhamento Arqueológico*. Relatório policopiado.

AZEVEDO, M. (2010) – *Relatório final das sondagens de diagnóstico da Quinta da Zaragata. Plano de Salvaguarda do Património da Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor*. Relatório policopiado.

BÁRTHOLO, M.L. (1959) - Alabardas da época do bronze no Museu Regional de Bragança. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, I, p. 431-439.

BARBER, E. J. W. (1993) – *Prehistoric Textiles: the development of cloth in the Neolithic and Bronze Ages with special reference to the Aegean*. Princeton University Press.

BETTENCOURT, A.M.S. (2011) - Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular. In P. Bueno, A. Gilman, C. Martín Morales & F.J. Sánchez-Palencia (eds.), *Arqueología, Sociedad, Territorio y Paisaje. Estudios sobre prehistoria reciente, protohistoria y transición al mundo romano en homenaje a M<sup>ra</sup> Dolores Fernández Posse*. Bibliotheca Praehistorica Hispana 27. Madrid: CSIC, p. 115-139.

BETTENCOURT, A.M.S. (2010) - La Edad del Bronce en el Noroeste de la Península Ibérica: una análise a partir de las prácticas funerárias. *Trabajos de Prehistoria* 67 (1), p. 139-173.

BETTENCOURT, A.M.S. (2008) - Life and death in the Bronze Age of the NW Iberian Peninsula. In FAHLANDER, F.; OESTIGAARD, T. (eds.), *The Materiality of Death – Bodies, Burials, Beliefs*, BAR International Series 1768. Oxford: Archeopress, p. 99-104.

BETTENCOURT, A. M. S. (2000). *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*. Braga: Cadernos de Arqueologia. Monografias. 9.

BRUNO, C. (2010) - *Arquitectura de terra nos espaços domésticos pré-históricos do sul de Portugal: sítios, estruturas, tecnologias e materiais*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.

CABALLERO ARRIBAS, J.; PORRES CASTILLO, F.; SALAZAR CORTÉS, A. (1993) – El campo de fosas de El Cogote (La Torre, Ávila). *Numantia, Arqueología en Castilla y León*, 4, p. 93-110.

CARDOSO, M. (1950) - Monumentos Arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, 60, p. 440-444.

CARVALHO, A. F. (2004) – O Povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7-1, p. 185-219.

CARVALHO, A. F. (2003) - O final do Neolítico e o Calcolítico no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa, 1996/2000). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (2), p. 229-273.

CARVALHO, H. (2006) - Mamoas de Santo Ambrósio (Macedo de Cavaleiros): a campanha 3 (2005), *Cadernos Terras Quentes*, 3, p.39-44.

CARVALHO, H. (2005) – Mamoas de Santo Ambrósio, Vale da Porca, Macedo de Cavaleiros, Bragança: Resultados preliminares. *Cadernos Terras Quentes*, 2, p. 53-64.

CARVALHO, H. A.; VENTURA, J.M.Q.; PINHEIRO, P. (2011) – Xaires (Macedo de Cavaleiros). Um sítio de habitat calcolítico em Trás-os-Montes Oriental. A campanha 3 (2010). *Cadernos Terras Quentes*, 8, p. 25-32.

CARVALHO, H. A.; VENTURA, J. M. Q.; PINHEIRO, P. A. (2010) – Um Habitat Calcolítico em Trás-os-Montes Oriental. O Arqueosítio de Xaires (Macedo de Cavaleiros). *Cadernos Terras Quentes*, 7, p. 7-13.

CARVALHO, H. A.; VENTURA, J.M.Q.; PINHEIRO, P. (2009) - Xaires (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Pré-História Recente em Trás-os-Montes Oriental. A Sondagem (2008). *Cadernos Terras Quentes*, 6, p. 91-96.

CARVALHO, P. S.; GOMES, L.F.; FRANCISCO, J. P.; BOTELHO, I. T. (1997) – Os habitats pré-históricos do Alto da Madorra e Urreta de Mós (Macedo de Cavaleiros/Bragança). *Em Busca do Passado, 1994/1997*. Lisboa: Junta Autónoma das Estradas, p. 92-108.

COLLINGWOOD, R. (1946) - *The Idea of History*, Oxford University Press, Oxford.

CORTEZ, F.R. (1952) – Contributo para o estudo do Neolítico de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XIII (3-4), p. 193-248.

COSTEIRA, C. (no prelo) – As colheres em cerâmica do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Actas do VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Arouche-Serpa.

CRUZ, M. D.; CORREIA, V. H. (2007) – *Normas de Inventário: Cerâmica Utilitária*, Arqueologia. Instituto dos Museus e da Conservação.

DÍAZ-DEL-RÍO, P. (2003) – Recintos de fosos del III milenio AC en la Meseta Peninsular. *Trabajos de Prehistoria*, 60 (2), p. 61-78.

DINCAUZE, D. (2000) - *Environmental Archaeology. Principles and Practice*. Cambridge University Press.

DELGADO, J. N. (1889) - Reconhecimento científico dos jazigos de marmore e de alabastro de Santo Adrião e das grutas compreendidas nos mesmos jazigos. *Comunicações da Comissão de Trabalhos Geológicos*, 2, p. 45-56.

FABIÁN GARCÍA, J. F. (2012) – Proto Cogotas I en el suroeste de la Meseta Norte. Dos fácies alfareras en territorios inmediatos. In RODRÍGUEZ MARCOS, J. A.; FÉRNANDEZ MANZANO, J. (eds), *Cogotas I, una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*, Universidad de Valladolid, p. 323-348.

FABIÁN GARCÍA, J. F. (2006) – *El IV y III Milenio AC en el Valle Amblés (Ávila)*. Monografías, Arqueología en Castilla y León, 5.

FABIÁN GARCÍA, J.F., BLANCO GONZÁLEZ, A.; LÓPEZ SÁEZ, J.A. (2006) - La transición Calcolítico-Bronce Antiguo desde una perspectiva arqueológica y ambiental: el Valle Amblés (Ávila) como referencia. *Arqueología Española*, 26, p. 37-56.

FÉRNANDEZ MANZANO, J.; HERRÁN MARTÍNEZ, J.I. (2012) – La metalurgia de Cogotas I. In RODRÍGUEZ MARCOS, J. A.; FÉRNANDEZ MANZANO, J. (eds), *Cogotas I, una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*, Universidad de Valladolid, p. 39-58.

FERNÁNDEZ MORENO, J.J. (2013) – *El Bronce Antiguo en el Alto Duero: los poblados del Parpantique de Balluncar y los Torojones de Morcuera (Soria)*. Studia Archaeologica 98. Universidad de Valladolid.

FIGUEIRAL, I.; SANCHES, M. J. (1998-1999) – A Contribuição da Antracologia no Estudo dos Recursos Florestais de Trás-os-Montes e Alto Douro durante a Pré-História Recente. *Portugália*, Nova Série, XIX-XX, p. 71-95.

FIGUEIREDO, E. (2010) – *A Study on Metallurgy and Corrosion of Ancient Copper-Based Artefacts from the Portuguese Territory*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Policopiado.

FIGUEIREDO, E.; SENNA-MARTINEZ, J.C.; SILVA, R.J.C.; ARAÚJO, M.F. (2009) - Orientalizing Artifacts from Fraga dos Corvos Rock Shelter in North Portugal. *Materials and Manufacturing Processes*, 24, p. 949–954.

GARCÍA BORJA, P., MOLINA BALAGUE, L., BERNABEU AUBÁN, J. (2005) - Primeros resultados en el estudio estilístico cerámico neolítico. Las cuevas de Sarsa y Nerja. In Arias, P.; Ontañón, R.; García-Moncó, C. (eds.): *III Congreso del Neolítico en la Península Ibérica*, Universidad de Cantabria, p. 316-326.

GARRIDO-PENA, R.; ROJO-GUERRA, M.; GARCÍA-MARTÍNEZ, I. (2005) – El Campaniforme en la Meseta central de la Península Iberica. In ROJO-GUERRA, M.; GARRIDO-PENA, R; GARCÍA-MARTÍNEZ, I. (coord) – *El campaniforme en la Península Ibérica y su contexto europeo*. Universidade de Valladolid, Junta de Castilla y León, p. 411-435.

GASPAR, R.; CARRONDO, J.; NOBRE, L.; RODRIGUES, Z.; DONOSO, G. (2014b) – Espaço para a morte. O Terraço da Foz do Medal (Vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze. *Estudos do Quaternário*, 10, APEQ, Braga, p. 59-72.

GASPAR, R.; DONOSO, G.; MAY, A; VAZ, F. (2014c) – *Relatório Final das sondagens de diagnóstico, Quinta do Rio 16, EP627. Plano de Salvaguarda do Património da Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor*. Relatório policopiado.

GASPAR, R.; RIBEIRO, R.; REBELO, P.; NETO, N.; CARVALHO, M.L. (2014a) – Bronze Age funerary contexts in Northeast Portugal. Terraço das Laranjeiras (Sabor Valley). In BETTENCOURT, A.M.S; COMENDADOR REY, B.; SAMPAIO, H.; SÁ, E. (eds), *Corpos e metais na fachada atlântica da Ibéria. Do Neolítico à Idade do Bronze*. APEQ, CITCEM, p. 49-62.

GEIRINHAS, F.; GASPAR, M.; SENNA--MARTINEZ, J. C.; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R. J.C. (2011) – Copper isotopes on artifacts from Fraga dos Corvos First Bronze Age habitat site and nearby Cu occurrences: an approach on metal provenance. In MATA PERELLÓ, J. M.; TORRO I ABAT, L.; FUENTES PRIETO, M. N.; CAMPO, A. N.; PUCHA RIART, O. (eds) – *Actas del Quinto Congreso Internacional sobre minería y metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo*. La Pobla de Segur: SeDPGYM. p. 177 - 184.

GONZÁLEZ-TABLAS SASTRE, F. (1984-85) – Proto-Cogotas I o el bronce medio de la Meseta: la Gravera de “Puente Viejo” (Ávila). *Zephyrus*, XXXVII-XXX-VIII, p. 267-276.

HARPSOE, C. (1964) – *Trabalhos arqueológicos na Gruta de Dine*. Relatório policopiado.

HARPSOE, C.; RAMOS, M. (1985) – Lorga de Dine (Vinhais, Bragança). *Arqueologia*, 12, p. 202-204.

HENRIQUES, F.; ANTÓNIO, T. (2009) – *Sondagens arqueológicas em Vilar de Rei (Mogadouro). Apoio do poste 35 da linha Lagoaça-Macedo de Cavaleiros*. Relatório policopiado.

ISSAR, A. S. (2003) – *Climate changes during the Holocene and their impact on hydrological systems*. Cambridge University Press, International Hydrological Series.

JIMENO-MARTÍNEZ, A. (1984) – *Los Tolmos de Caracena (Soria) (Campañas de 1977, 1978 y 1979). Nuevas bases para el estudio de la Edad del Bronce en la zona del Alto Duero*. Excavaciones Arqueológicas en España, Ministerio de la Cultura.

JORGE, S. O. (2004) – O sítio como mediador de sentido. Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal. Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 583-611.

JORGE, S. O. (1999) – Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): a late prehistoric sanctuary with 'Stelai' of the Iberian Peninsula. In DEMAKOPOULOU, K.; ELUÈRE, C.; JENSEN, J.; JOCKENHÖVEL, A., MOHEN, J.-P. (eds.) – *Gods and Heroes of the European Bronze Age*, Londres: Thames & Hudson, p. 137-141.

JORGE, S. O. (1991) – Idade do Bronze: Apontamentos sobre a Natureza dos Dados Arqueológicos. *Revista da Faculdade de Letras, História*, série II, 8, p. 385-392.

JORGE, S. O. (1986) – *Povoados da Pré-História Recente (IIIº - inícios do IIº milénios a.C.) da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar (Trás-os-Montes Ocidental)*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, 3 vols.

JORGE, S. O. (1983-1984) – Aspectos da Evolução Pré-Histórica do Norte de Portugal durante o IIIº e o IIº Milénios a. C. *Portugália*, Revista do Departamento de Ciência e Tecnologia do Património da FLUP, 04-05, p. 97-110.

JORGE, V. O. (1982) - *Megalitismo do Norte de Portugal: Distrito do Porto. Os Monumentos e a sua problemática no contexto europeu*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2 vols, policopiado.

van der LEEUW, S. (2002) – Giving the potter a choice. Conceptual aspects of pottery techniques. In LEMONNIER, P. (ed), *Technological choices. Transformation in material cultures since the Neolithic*. Routledge, p. 238-288.

LEMONNIER, P. (2002) – Introduction. In LEMONNIER, P. (ed), *Technological choices. Transformation in material cultures since the Neolithic*. Routledge, p. 1-35.

LEMOS, F. S. (1993) – *O Povoamento Romano de Trás-os-Montes Oriental*. Dissertação de Doutoramento na especialidade de Pré-história e História da Antiguidade apresentada à Universidade do Minho, Braga, policopiado.

LEMOS, F. S. (1999) - A Lorga de Dine. Um sítio arqueológico a descobrir. *Vinhais Património*, 2, p. 31-39.

LEMOS, F. S. (1988) – Notícia preliminar das sondagens realizadas em 1987 na vila fortificada de Ansiães. *Cadernos de Arqueologia*, série II, 5, p. 51-64.

LIMA, A., RODRIGUES, M.A.; REBANDA, N., GOMES, P.; TEIXEIRA, R. (1988) - Escavações arqueológicas na Igreja de S. Mamede (Torre de Moncorvo). *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, 28 (34), p. 187-210.

LIMA, T. A. (2011) – Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 6 (1), p. 11-23.

LOPO, A. P. (1987) - *Apontamentos Arqueológicos*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.

LOPO, A. P.(1983) - *Bragança e Benquerença*. Lisboa.

LOPO, A. P. (1907) - Antigualhas transmontanãs. *O Arqueólogo Português*, 1ª série: 12, p. 307-310.

LUÍS, E. (2014b) – Alto da Madorra (Macedo de Cavaleiros, Portugal). Brief remarques on Chalcolithic's decorated pottery. In HONRADO CASTRO, J.; BREZMES ESCRIBANO, M.; TEJEIRO PIZARRO, A.; RODRÍGUEZ MONTECUBIO, O. (coord) – *Investigaciones arqueológicas en el valle del Duero: del Neolítico a la Antigüedad Tardía*. *Actas de las segundas jornadas de jóvenes investigadores del valle del Duero*. Arbotante Patrimonio e Innovación, Glyphos Publicaciones. P.161-168.

LUÍS, E. (2014a) - “Nunca a Boa Fiandeira Ficou Sem Camisa”. Os cossoiros da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros). *Al-madan online*, IIª série, 19 (1), p. 105-112.

LUÍS, E. (2013c) - Dinâmicas de interacção cultural no Bronze Médio – a cerâmica decorada do sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros) como estudo de caso. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (coord.) – *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 573-579.

LUÍS, E. (2013b) – Cerâmica do 3º milénio a.C. em Macedo de Cavaleiros – um caso de estudo. *Cadernos Terras Quentes*, 10, p. 89-99

LUÍS, E. (2013a) – Fraga dos Corvos habitat site, Sector A (Macedo de Cavaleiros, Portugal): the ceramic industry in the context of Northern Portugal's Bronze Age. In SASTRE BLANCO, J.C.; CATÁLAN RAMOS, R.; FUENTES MELGAR, P. (Coord.) - *Arqueología en el Valle del Duero, del Neolítico a la Antigüedad Tardía: nuevas perspectivas*. *Actas de las I Jornadas de Jóvenes Investigadores en el Valle del Duero*. Ediciones de la Ergastula, p. 67-75.

LUÍS, E. (2010) - *A Primeira Idade do Bronze no Noroeste: o Conjunto Cerâmico da Sondagem 2 do Sítio da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros)*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, policopiado.

LUÍS, E.; REPREZAS, J.; SENNA-MARTINEZ, J.C. (2012) - A Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). A Campanha 9 (2011). Primeira análise comparativa dos Sectores A e M – I Idade do Bronze / Bronze Final? *Cadernos Terras Quentes*, 9, p. 15-53.

MACIEL, T. (1993) - Roteiro Arqueológico da Região de Vinhais. *Vinhais, Terras e Gentes*. Vinhais, p. 57-104.

MARCOS, D. S. (1993) – Catálogo dos Monumentos e sítios arqueológicos do Planalto Mirandês (Pré-História). *Brigantia*, 13 (34), p. 193-233.

MARQUES, J. (1995) - Arqueologia no concelho de Freixo de Espada-à-Cinta. *Actas do 1º Congresso Internacional sobre o Rio Douro*. *Gaya*, 6, p. 341-359.

MARTINS, C. (2010) – *Relatório final – sondagens diagnóstico do Monte da Poia. EP337. Plano de Salvaguarda do Património da Empreitada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor*. Relatório policopiado.

MARTINS, C. B. (2008) - Proto-história e romanização no monte de Sra. do Castelo, Urros, Torre de Moncorvo: análise de materiais. *Actas do III Congresso de arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior. Proto-História e Romanização*.

*Guerreiros e Colonizadores* Vol. 3. Porto: Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão, p. 85-95.

MARTINS, C.B. (2003) – *Relatório da intervenção arqueológica no Monte da Senhora do Castelo. Urros, Torre de Moncorvo, Bragança*. Relatório policopiado.

MARTINS, C.B. (2002) - *Relatório da intervenção arqueológica no Monte da Senhora do Castelo. Urros, Torre de Moncorvo, Bragança*. Relatório policopiado.

MARTINS, C.B. (2001) - *Relatório da intervenção arqueológica no Monte da Senhora do Castelo. Urros, Torre de Moncorvo, Bragança*. Relatório policopiado.

MATOS, D. (2011) - A Exploração do Quartzo e do Xisto: a indústria lítica do sítio de habitat da 1ª Idade do Bronze da Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros). *Cadernos Terras Quentes*, 8, p. 47-54.

McELREATH, R.; BOYD, R.; RICHERSON, P. (2003) – Shared Norms and the Evolution of Ethnic Markers. *Current Anthropology*, 44 (1), p. 122-129.

MENDES, C. (coord.)(2008) – *Patrius, Heranças Macedences*. Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros.

MORAIS, C. (1988) - *Roteiro de Vila Flor*. Vila Flor: Câmara Municipal de Vila Flor.

NETO, J. M. (1975) - *O Leste do Território Bracarense*. Torres Vedras: A União.

NORONHA, F.; MOREIRA, A.; RAMOS, J.M.F.; OLIVEIRA, A.; MACHADO, M. J.C.; LEITE, M.R.M (2005) – Recursos Geológicos de Trás-os-Montes e o ordenamento do território (parte I) – depósitos minerais e não metálicos e águas minerais. *IV Seminário Recursos Geológicos, Ambiente e Ordenamento do Território*, Vila Real, p. 33-36.

PAULO, A. (1967) - Freixo de Espada à Cinta e as suas Antiguidades. *Amigos de Bragança*, 3ª série, 8, p. 49-73.

PEREIRA, T. R. (2013) – Por um fio: tipologia e função do conjunto de cossoiros de Cabeça de Vaimonte (Monforte/Portugal). In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A. e NEVES, C. (coord.), *Arqueologia em Portugal 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 681-691.

PEREIRA, L. (2000) – As cerâmicas ‘Cogeces’ de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa. *Côavisão*, 2.

PEREIRA, L. (1999) – *As Cerâmicas “Cogeces” de Castelo Velho, Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Seu enquadramento peninsular*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia Pré-Histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.

PRIETO-MARTÍNEZ, M. P. (2011) – Perceiving changes in the third millennium BC in Europe through pottery: Galicia, Brittany and Denmark as examples. In PRESCOTT, C.; GLORSTAD, H. (eds.), *Becoming European: The transformation of third millennium Northern and Western Europe*, Oxbow Books, p. 30-47.

RAMOS, J.M.F.; MOREIRA, A.; NORONHA, F.; OLIVEIRA, A.; MACHADO, M. J.C.; LEITE, M.R.M (2005) – Recursos Geológicos de Trás-os-Montes e o ordenamento do território (parte II) – massas minerais e águas de nascente. *IV Seminário Recursos Geológicos, Ambiente e Ordenamento do Território*, Vila Real, p. 34-38.

RAMOS, R. (2010) – Trabalhos arqueológicos. *Bragança, boletim municipal*, 26. Câmara Municipal de Bragança, p. 38.

REBELO, B. (2011) - Os recipientes cerâmicos do sítio do Alto da Madorra. *Cadernos Terras Quentes*, 8, p. 55-62.

REDENTOR, A. (2003) - Pedras fincadas em Trás-os-Montes (Portugal). In *Chevaux de frise i fortificació en la primera edat del ferro europea*. Lleida, p. 135-154.

REPRESAS, J. (2014) – Problemas da transição do Bronze Final para a Idade do Ferro em Trás-os-Montes Oriental: primeira notícia sobre o espólio cerâmico do sector M da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). In HONRADO CASTRO, J.; BREZMES ESCRIBANO, M.; TEJEIRO PIZARRO, A.; RODRÍGUEZ MONTERRUBIO, O. (coord) – *Investigaciones arqueológicas en el valle del Duero: del Neolítico a la Antigüedad Tardía. Actas de las segundas jornadas de jóvenes investigadores del valle del Duero*. Arbotante Patrimonio e Innovación, Glyphos Publicaciones, p. 151-159.

REPRESAS, J. (2013) – Existe uma “I Idade do Ferro” em Trás-os-Montes Oriental? O exemplo da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros). *Cadernos Terras Quentes*, 10, p. 123-128.

REPRESAS, J.; SENNA-MARTINEZ, J.M.; LUÍS, E. (2013) - Resultados preliminares da campanha 10 (2012) no sítio da Fraga dos Corvos (Vilar do Monte, Macedo de Cavaleiros) – os sectores A e M. *Cadernos Terras Quentes*, 10, p. 75-87.

RÍOS, P.; BLASCO, C.; ALIAGA, R. (2011-12) – Entre el Calcolítico y la Edad del Bronce. Algunas consideraciones sobre la cronología campaniforme. *CuPAUAM* 37-38, p. 195-208.

RODRIGUES, M.A.; REBANDA, N. (1997-1988) – Cerâmicas pré-históricas do Baldoeiro (Adeganha – Torre de Moncorvo). *Olaria: estudos arqueológicos, históricos e etnológicos*, 2, p. 105-114.

RODRIGUES, M.A.; TEIXEIRA, R.; GOMES, P. (1990) – *Relatório das intervenções arqueológicas no Baldoeiro, Adeganha, Torre de Moncorvo*. Relatório policopiado.

RODRÍGUEZ MARCOS, J. A. (2005) – *Estudio secuencial de la Edad del Bronce en la Ribera del Duero (Provincia de Valladolid)*. Tesis doctoral, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Valladolid, policopiado.

RODRÍGUEZ MARCOS, A. (1993) – “El Carrizal” (Cogeces del Monte, Valladolid): un nuevo yacimiento de fácies Proto/Cogotas I. *Numantia*, Arqueología de Castilla y León, 4,p. 61-74.

RODRÍGUEZ MARCOS, J.A., ABARQUERO MORAS, F.J. (1994) - Intervención arqueológica en el yacimiento dela Edad del Bronce de ‘El Cementerio-El Prado’, Quintanilla de Onésimo (Valladolid). *Numantia*, 5, p.33-57.

RODRÍGUEZ MARCOS, J.A.; MORAL del HOYO, S. (2007) – Algunos ejemplos de ingeniería prehistórica poco conocidos: tres poblados amurallados del Bronze Medio de la sub-Meseta norte. In ARENILLAS, M.; SEGURA, C.; BUENO, F.; HUERTA, S. (eds) - *Actas del V Congreso Nacional de Historia de la Construcción* . Ed. Instituto Juan de Herrera. Madrid, p. 776-780.

SANCHES, M. J. (coord.)(2008) – *O Crasto de Palheiros: fragada do crasto. Murça, Portugal*. Câmara Municipal de Murça.

SANCHES, M. J. (1997) – *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro. O Abrigo do Buraco da Pala (Mirandela) no contexto regional*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. 2 volumes.

SANCHES, M. J. (1996) – *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*. Fundação Rei Afonso Henriques, série Monografias y Estudios. Zamora.

SANCHES, M.J. (1995) - Alabardas de tipo Carrapatas. *Catálogo da Exposição "A Idade do Bronze em Portugal Discursos de Poder"*, IPM e MNA, Lisboa.

SANCHES, M. J. (1992) – *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*. Monografias Arqueológicas 3, Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto.

SANCHES, M. J. (1989) - 5 datas para a pré-história recente do leste de Trás-os-Montes. *Arqueologia*, 19, p. 114-115.

SANCHES, M. J. (1987) - A Mamoia 3 de Pena Mosqueira, Sanhoane (Mogadouro). *Arqueologia*, 15, p. 94-115.

SANCHES, M. J. (1986) – Alguns apontamentos sobre o estudo da Pré-história recente no Planalto Mirandês. *Revista da Faculdade de Letras – História*, IIa série, III, p. 257-280.

SANCHES, M. J. (1980) - Alguns vasos cerâmicos inéditos do Museu de Antropologia do Porto. *Arqueologia*, 1, GEAP Porto, p. 12-19.

SANCHES, M. J., LEBRE, A. G. e SANTOS, A. M. S. (1987) - A mamoa do Barreiro, um tumulus do Leste de Trás-os-Montes. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 27, p. 89-112.

SANCHES, M. J.; MARCOS, D. (1985) – O povoado pré-histórico do Cunho – Mogadouro (resultados preliminares da escavação de 1983). *Arqueologia*, 12, p. 141-154.

SANCHES, M. J.; MARCOS, D. (1984) – *Relatório da estação do Cunho, 2ª campanha de escavação*. Relatório policopiado.

SANCHES, M. J.; SILVA, M. S.; BOTELHO, I. (1992) – Mamoa 2 de Pena do Mocho. Um tumulus provido de uma estrutura central em "poço" (Sanhoane, Mogadouro). *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*, 32 (1- 4), SPAE, Porto, p. 201-234.

SÁNCHEZ POLO, A. (2011) – Aproximación espacial a una composición decorativa en cerâmicas de Cogotas I. In LÓPEZ, J.P.; HERNÁNDEZ, D. & GARCÍA, J. (Eds.): *Actas del I Congreso de Chamartín (Ávila)*. La Ergástula. Madrid, p. 105-116.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2013) – Aspectos do Centro-Norte do Ocidente Peninsular no final da Idade do Bronze: povoamento, metalurgia e sociedade. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 20, p. 173-190.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (2009) – Armas, lugares e homens: aspectos das práticas simbólicas na primeira idade do bronze. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, p. 467-488.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (2007a) – Aspectos e Problemas das Origens e Desenvolvimento da Metalurgia do Bronze na Fachada Atlântica Peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 15, p. 119-134.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (2007b) - Depósitos “versus” oficinas de fundidor: Problemas contextuales de la Arqueometalurgia en Portugal. In GRAU LOBO, L. (ed.), *El Hallazgo Leonés de Valdevimbre y los Depósitos del Bronce Final Atlántico en la Península Ibérica*. León. Museos de Castilla y León. «Estudios y Catálogos», 17, p.258-279.

SENNA-MARTINEZ J.C. (1993-1984) – Contribuições arqueométricas para um modelo sociocultural: padrões volumétricos na Idade do Bronze do Centro e NW de Portugal. *Clio/Arqueologia*, 1, p. 169-188.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1989) - *Pré-História Recente da Bacia do Médio e Alto Mondego: algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Tese de Doutoramento em Pré-História e Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado

SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E. (2011) - A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros):Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 8 (2010). *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros: Câmara Municipal. 8, p.33-45.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS E. (2010) - A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 7 (2009). *Cadernos Terras Quentes*. 7, p. 27-38.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E. (2009) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um Sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 6(08). *Cadernos Terras Quentes*, 6, p. 69-80.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; LUÍS, E.; ARAÚJO, M. F.; SILVA, R.; FIGUEIREDO, E.; VALÉRIO, P. (2011) - First Bronzes of North-West Iberia: the data from Fraga dos Corvos Habitat Site. MARTINS, C. B.; BETTENCOURT, A. M.S.; MARTINS, J. I. F.P. e CARVALHO, J. (eds.) *Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental/ Settlement and Mining in the Atlantic Western Europe*. Proceedings of the First

International Congress, Braga, 10th December of 2010. Braga: CITCEM, APEQ, FEUP, p. 381-394.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; LUÍS, E.; REPREZAS, J.; LOPES, F.; FIGUEIREDO, E.; ARAÚJO, M.F. e SILVA, R.J. (2013) – Os Machados Bujões/Barcelos e as Origens da Metalurgia do Bronze na Fachada Atlântica Peninsular. In ARNAUD, J.; MARTINS, A.; NEVES, C. (coord) – *Arqueologia em Portugal, 150 anos*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 591-600.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; REPREZAS, J.; LUÍS, E.; FIGUEIREDO, E.; LOPES, F.; GOMES, S.; ARAÚJO, M.F. e SILVA, R.J. (2012) – Metal Artefacts of Mediterranean Affiliation from Fraga dos Corvos Habitat Site (Eastern Trás-os-Montes, Portugal): A First Appraisal. *O Arqueólogo Português, série V, 2*, p. 241-263.

SENNA-MARTINEZ, J. C.; VENTURA, J.M.Q.; CARVALHO, H.; ARAÚJO, M.F.; FIGUEIREDO, E.; VALÉRIO, P. (2010). «Melting the Power» – The Foundry Area of Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros, North-Eastern Portugal). In A. M. S. BETTENCOURT, M. J. SANCHES, L. B. ALVES e R. FÁBREGAS VALCARCE (Eds.). *Conceptualising Space and Place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Palaeolithic to the Iron Age in Europe*. BAR International Series 2058. Oxford: Archaeopress. p. 111-117.

SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q.; CARVALHO, H. (2008) – *A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): um sítio da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A campanha 5 (2007)*. Relatório policopiado.

SENNA-MARTÍNEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q.; CARVALHO, H. (2007) – *A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): um sítio da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A campanha 4 (2006)*. *Cadernos Terras Quentes*, 4, p. 85-110.

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2005) – *A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat do “Mundo Carrapatas” da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental*, *Cadernos Terras Quentes*, 2, p. 61-81

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2004) – *A Fraga dos Corvos : Um caso de Arqueologia e Património em Macedo de Cavaleiros*. *Cadernos Terras Quentes*, 1, p. 32-58

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q.; CARVALHO, H. A.; FIGUEIREDO, E. (2006) – *A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do*

Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 3 (2005). *Cadernos Terras Quentes*, 3, p.61-85

SÉRONIE-VIVIEN, M. R. (1982) – *Introduction à l'étude des poteries préhistoriques*. Siège Social: Hôtel des Sociétés Savants, Bordeaux.

SHANKS, M. ; TILLEY, C. (1987) – *Social theory and archaeology*. University of New Mexico Press.

SALVADO, P. (1981) – *Fusaiolas do povoado de S. Martinho (Castelo Branco) do Museu Tavares Proença Júnior*. Separata. Instituto Português do Património Cultural, Museu Tavares Proença Júnior.

SILVA, A. (2011) – *Ordo Zoelarum. Arqueologia e identidade do nordeste de Portugal*. Museu do Abade de Baçal, Instituto dos Museus e da Conservação.

SILVA, M. A. (1994) – A Cista do Gorgulhão (Vila da Ponte – Montalegre). *Portugalia*, Nova Série, XV, p. 137-146.

SILVA, E. J. L., MARQUES, J. A. M. (1984) – Escavação de uma cista em Lordelo (Anha – Viana do Castelo). *Revista de História – U.L.*, Porto, I, p. 51-72.

SOUSA, A. C. (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2 vols, policopiado.

SOUSA, O. (1997) – Estação arqueológica do Cabeço da Mina, Vila Flor – notícia preliminar. *Estudos Transmontanos e Durienses*, 7, p. 187-197.

TABORDA, V. (1932) – *Alto Trás-os-Montes. Estudo Geográfico*. Espaço e Sociedade, Livros Horizonte.

TERROUBA SOUTO, Y. (2015) – La estatuaria de la Edad del Bronce en el Noroeste Ibérico. *Fol de Veleno. Anuario de Atropoloxía e Historia de Galiza*, 5, p. 201-234.

TERROUBA SOUTO, Y. (2012) - *Sociedad, poder y territorio en el origen de la cultura castreña del noroeste. Armamento metálico y manifestaciones artísticas desde el Campaniforme hasta el inicio de la Edad del Hierro*. Máster en Arqueología y Patrimonio de la Universidad Autónoma de Madrid. Policopiado.

VALE, A. M. (2012) - *Modalidades de Produção de Espaços no Contexto de uma Colina Monumentalizada: o Sítio Pré-histórico de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.

VALERA, A. C. (2014) – Continuidades e descontinuidades entre o 3º e a primeira metade do 2º milénio a.n.e. no sul de Portugal: alguns apontamentos em tempos de acelerada mudança. *Antrope, A Idade do Bronze em Portugal; os dados e os problemas*, série monográfica 1. Instituto Politécnico de Tomar, p. 298 – 316.

VALERA, A. C. (2007) – *Dinâmicas locais de identidade: estruturação de um espaço de tradição no 3º milénio AC (Fornos de Algodres, Guarda)*. Município de Fornos de Algodres / Terras de Algodres – Associação de Promoção do Património de Fornos de Algodres.

VALERA, A.C. (1993) – A ocupação calcolítica da ‘Sala 20’ do Buraco da Moura de S. Romão. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, p. 37-53.

VELHO, G.; VARELA, J.M.; BAPTISTA, L.; OLIVEIRA, M.L.; GOMES, S.; JORGE, S.O. (2005) – O sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa): reflexões sobre fases e contextos. *Côavisão, cultura e ciência*, 7, p. 69-80.

VENTURA, J.M.Q.; LUÍS, E.; CARVALHO, H.; PINHEIRO, P. (2013) – Xaires (Macedo de Cavaleiros): uma primeira aproximação artefactual. *Cadernos Terras Quentes*, 10, p. 101-122.

VIERA, A. (2014) – Alguns dados para o estudo da Idade do Bronze no norte de Portugal. *Antrope, A Idade do Bronze em Portugal; os dados e os problemas*, série monográfica 1. Instituto Politécnico de Tomar, p. 52-102.

VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do Povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos Finais da Idade do Bronze*. *Trabalhos de Arqueologia* 9. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.

# *Anexos*

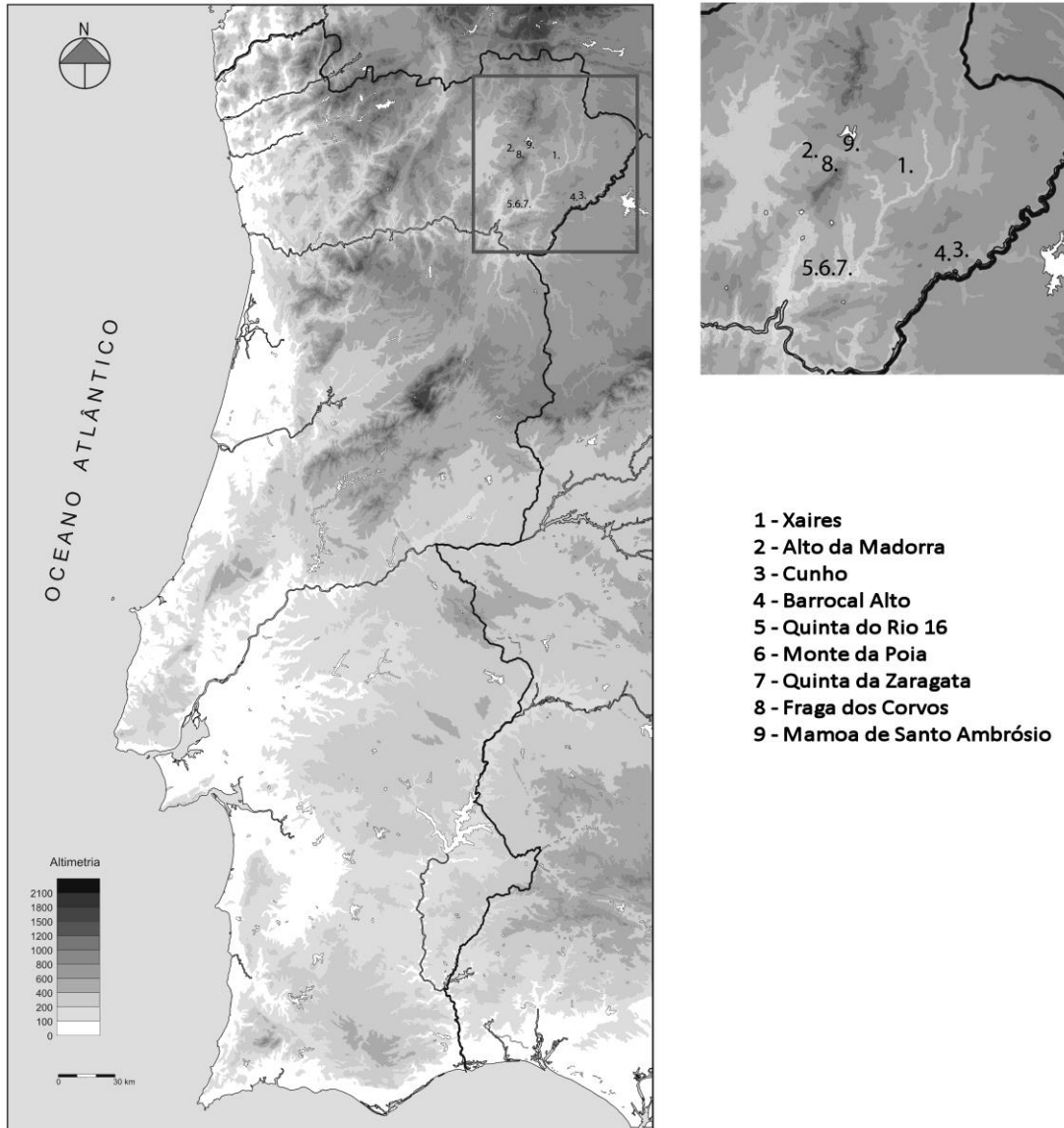


Figura 1 - Mapa de localização dos sítios arqueológicos considerados (base cartográfica Rui Boaventura, adaptado).

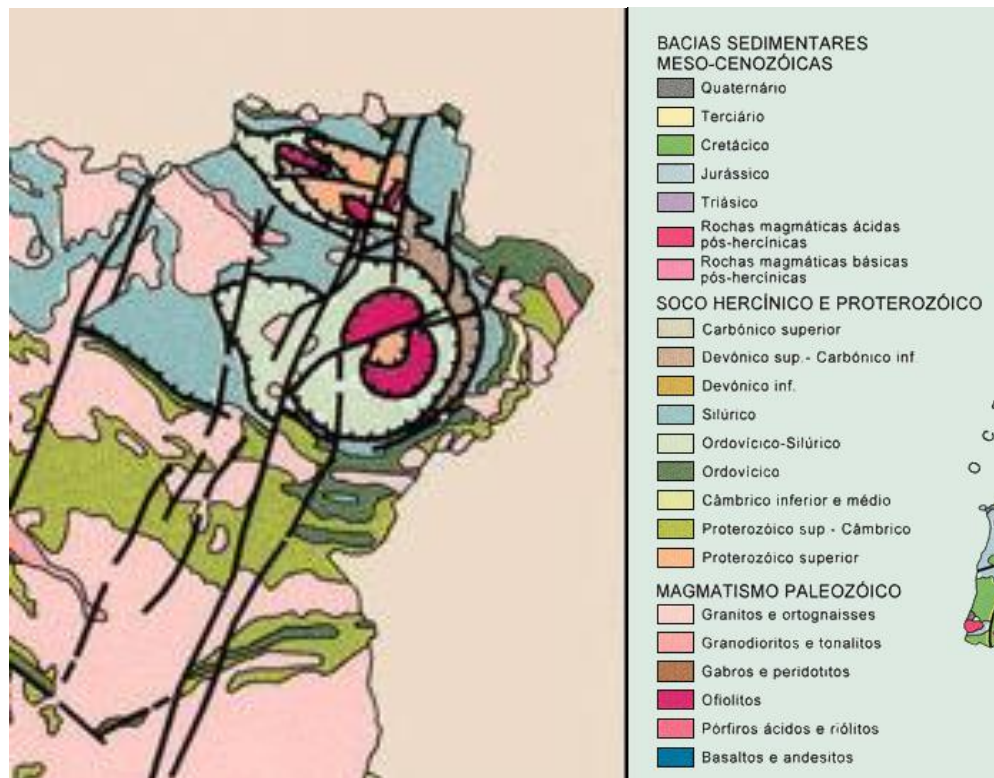


Figura 2 - Extracto da Carta Geológica de Portugal, 1:500000 e respectiva legenda (base cartográfica Lneg)

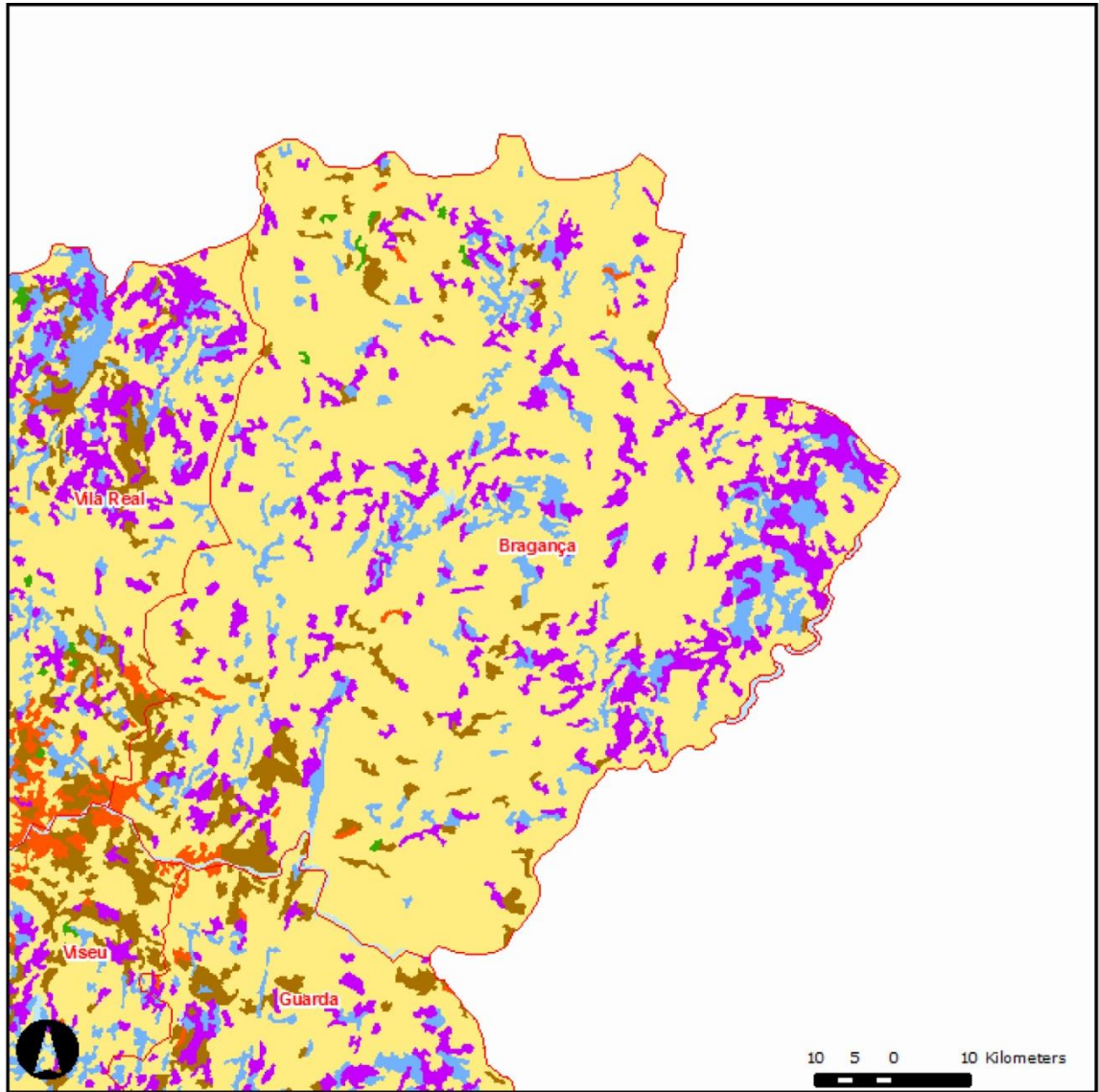


Figura 3 - Excerto da carta de capacidade de uso dos solos. Fonte: Agência Portuguesa do Ambiente

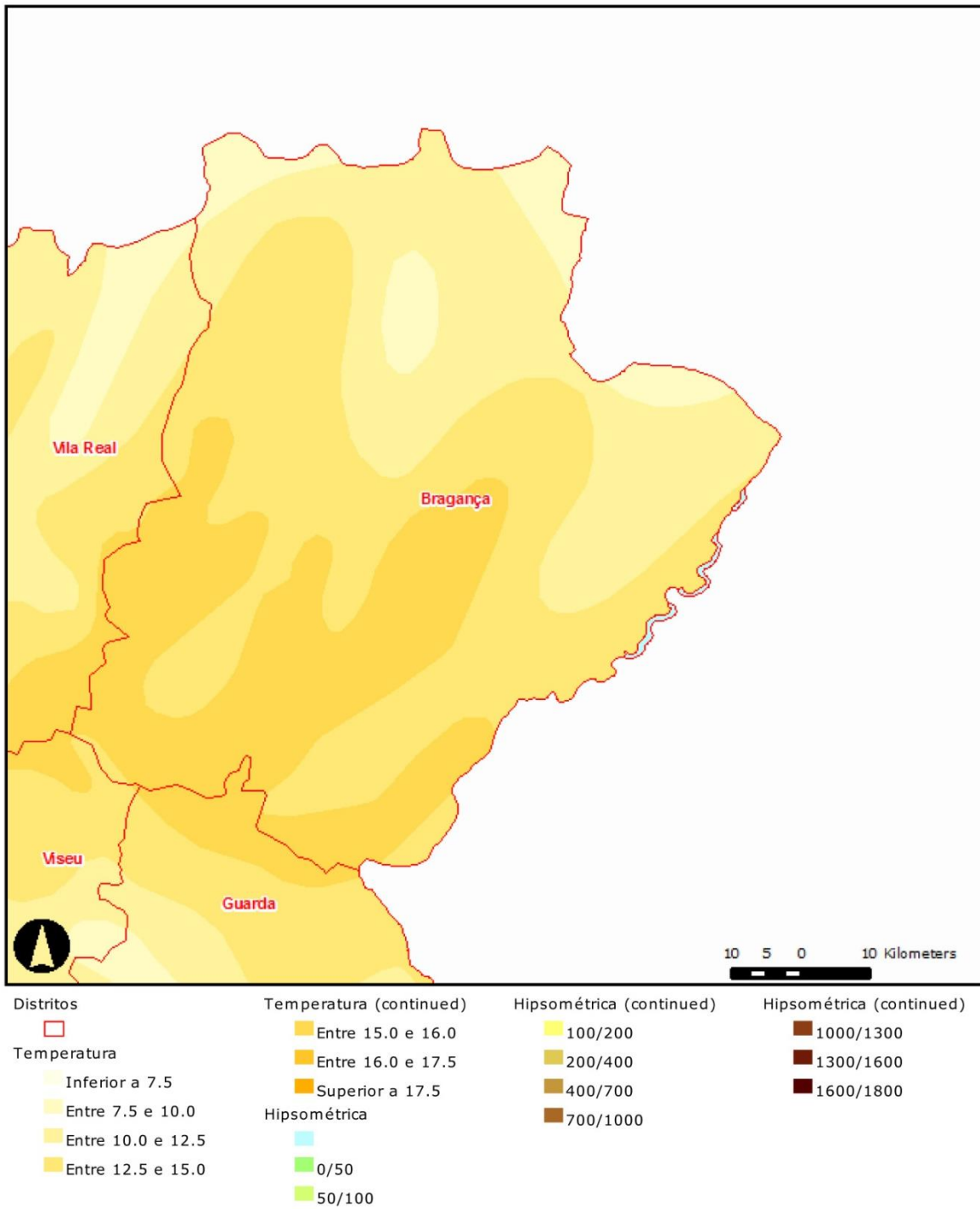


Figura 4 - Excerto da carta de temperatura. Fonte: Agência Portuguesa do Ambiente

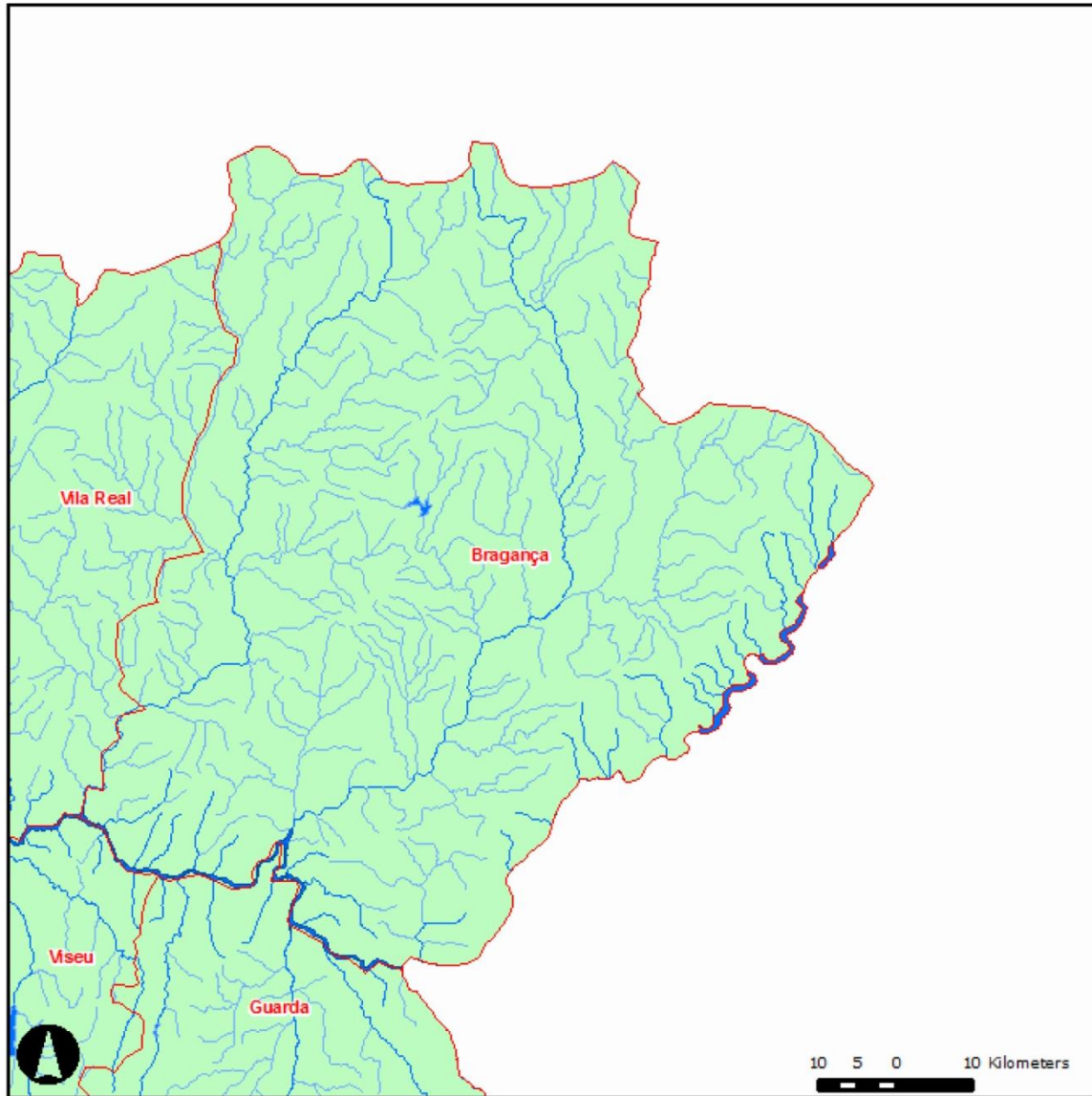


Figura 5 - Excerto da carta da rede hidrográfica. Fonte: Agência Portuguesa do Ambiente

**Xaires** (Macedo de Cavaleiros)

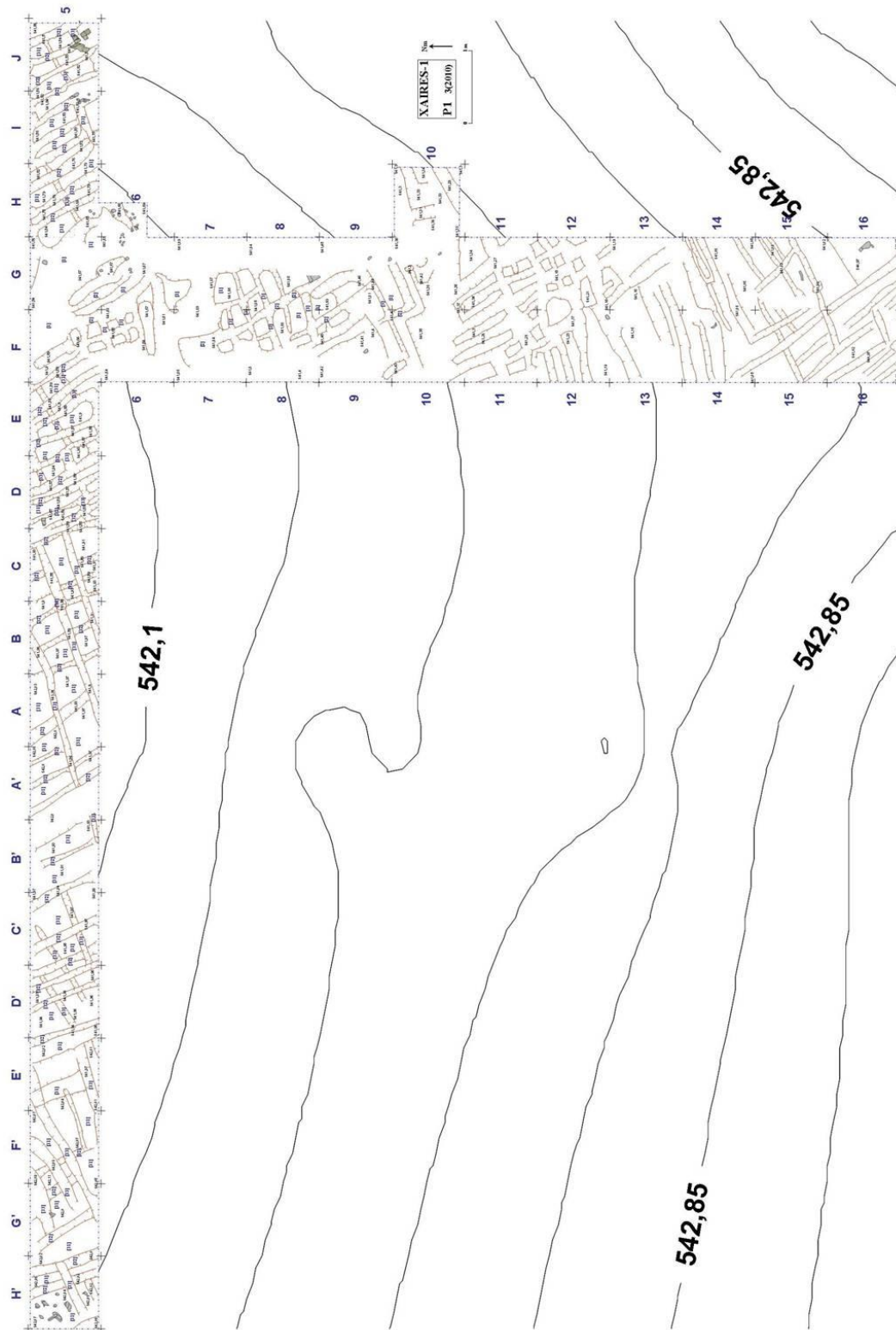


Figura 6 - Planta após a decapagem das terras soltas, U. E. [0], seg. Carvalho, Ventura e Pinheiro, 2011.



Figura 7 - Planta após a decapagem da U.E. [31] e de todas as U.E.s associadas, seg. Carvalho, Ventura e Pinheiro, 2011.

Xaires

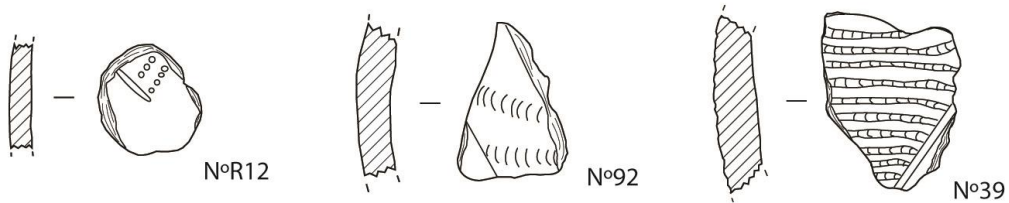
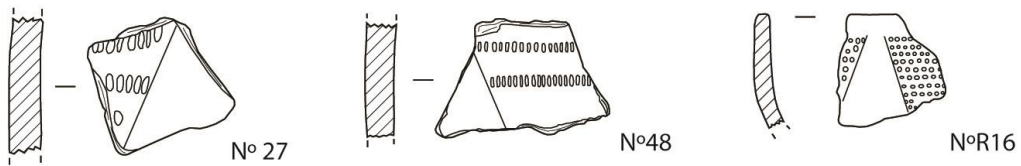
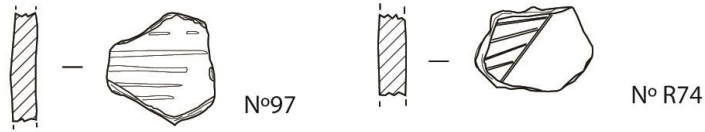
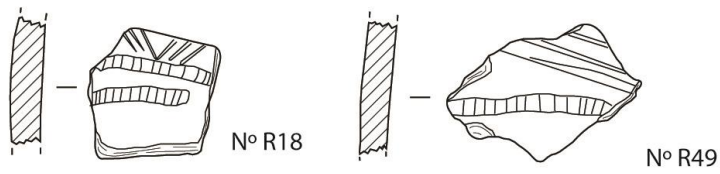
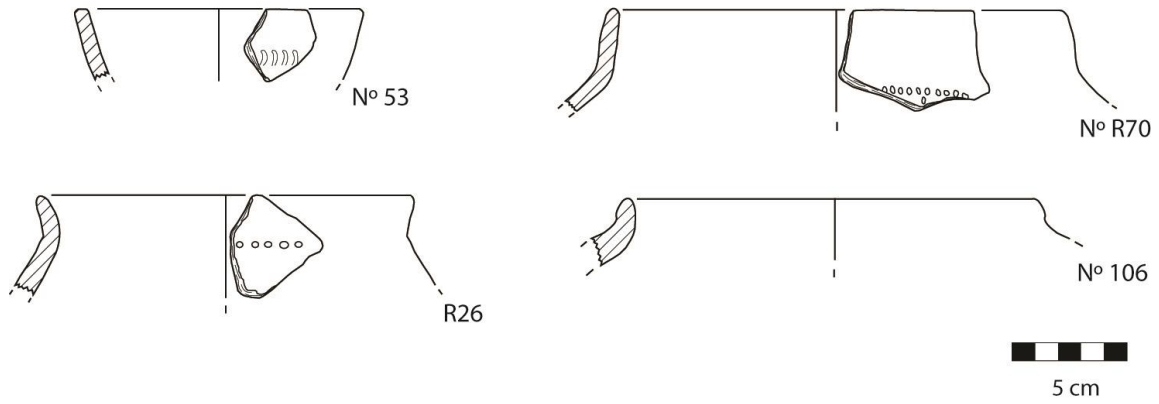


Figura 8 - Estampa de materiais de Xaires

Xaires

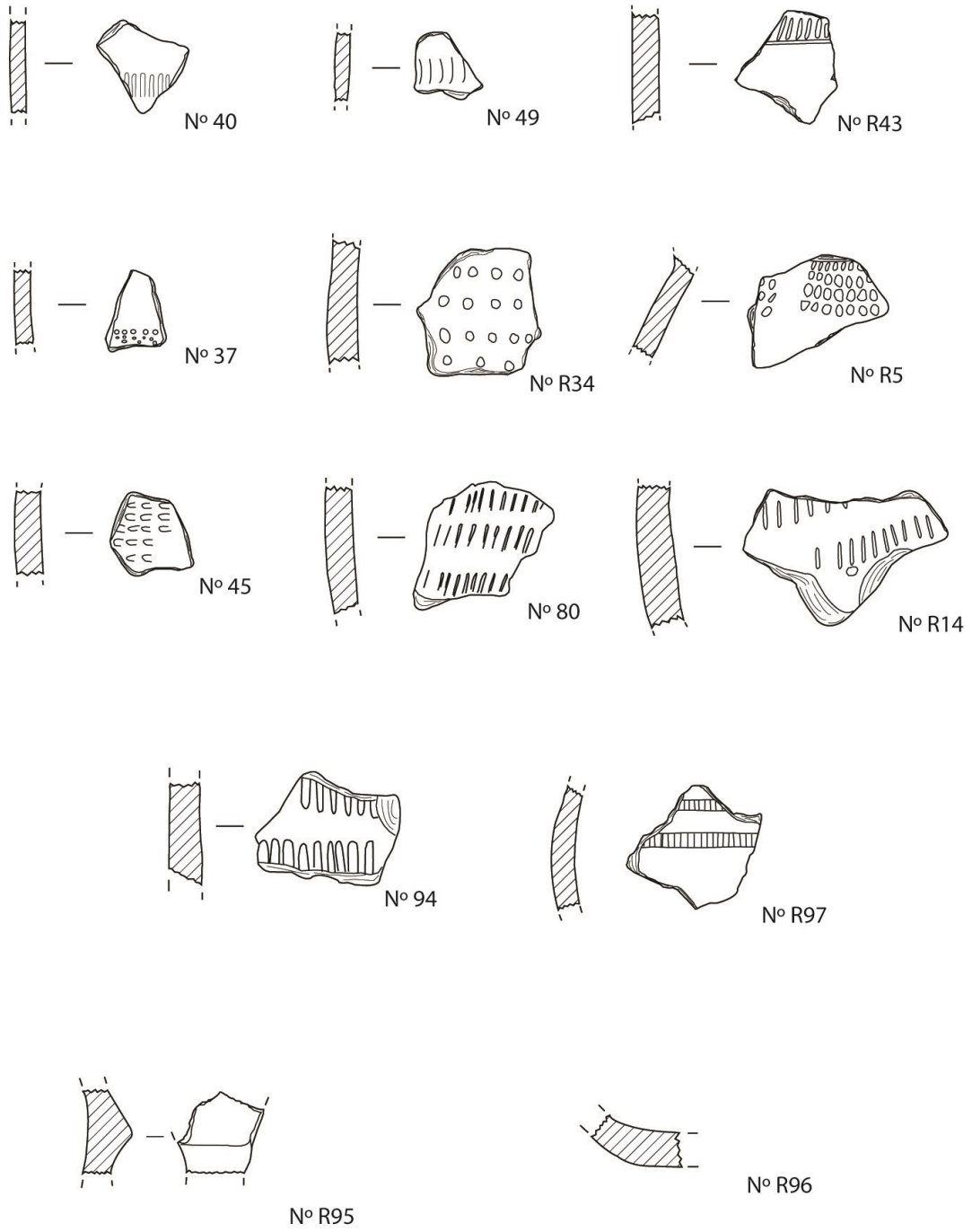
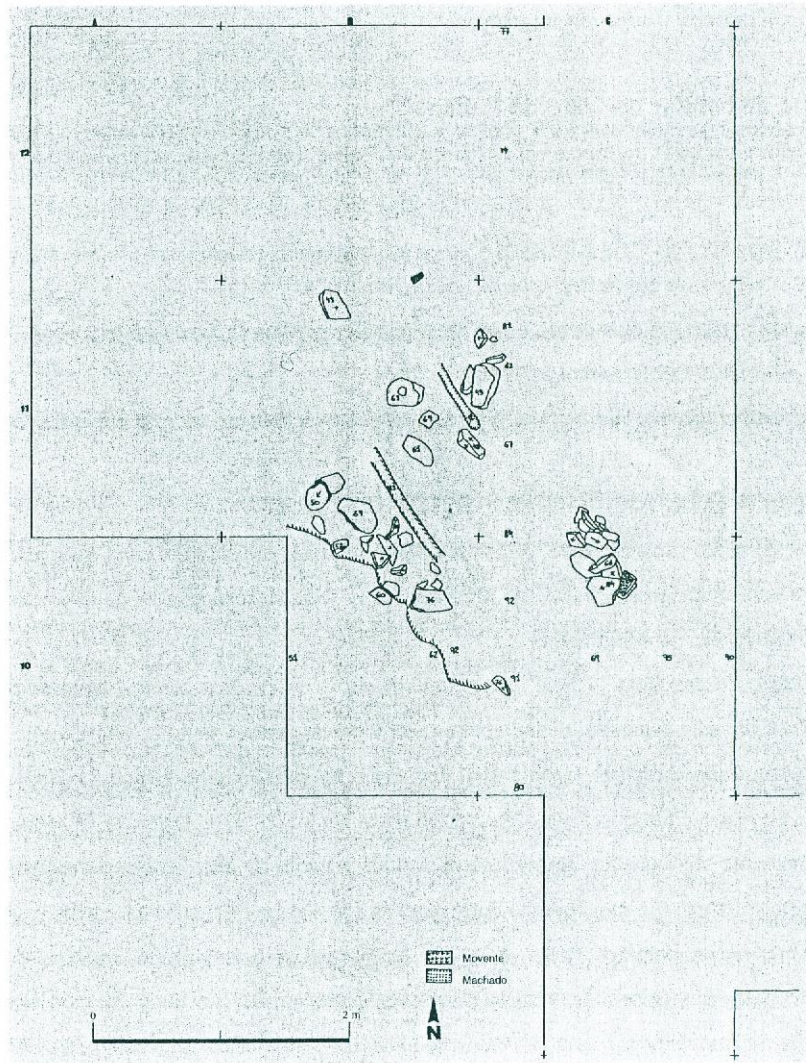
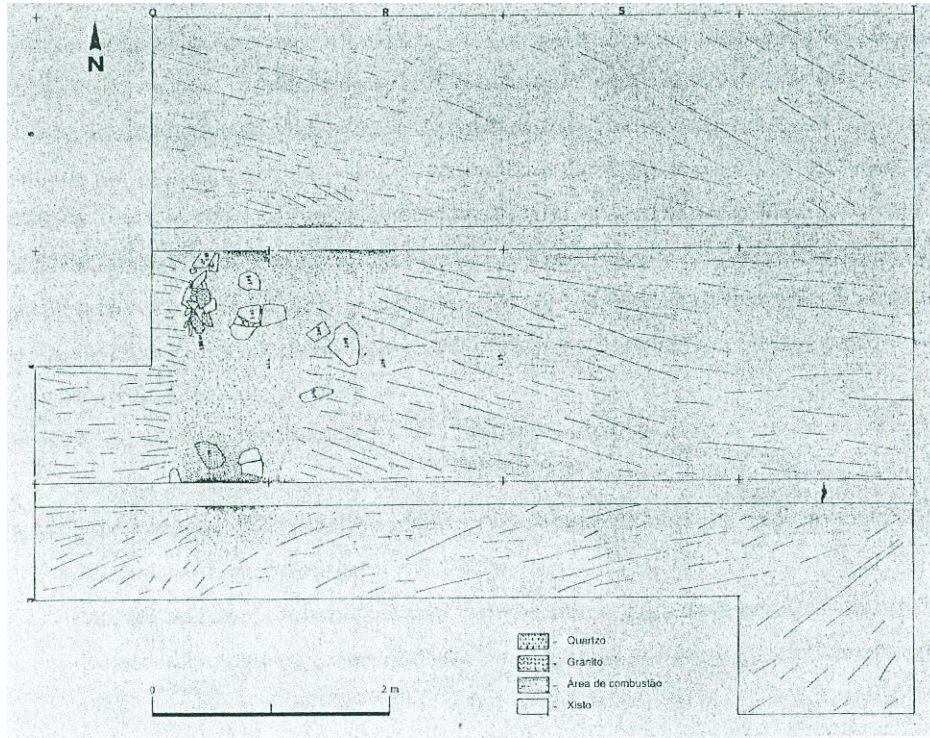


Figura 9 - Estampa de materiais de Xaires

**Alto da Madorra (Macedo de Cavaleiros)**

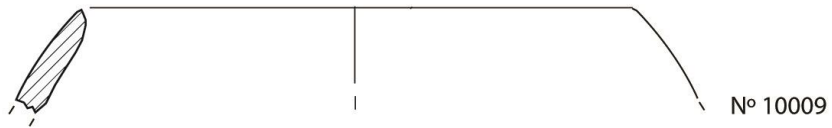
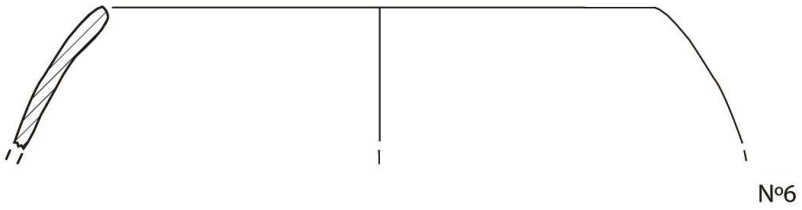
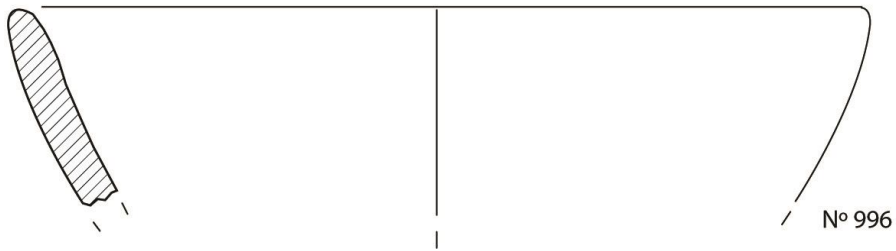
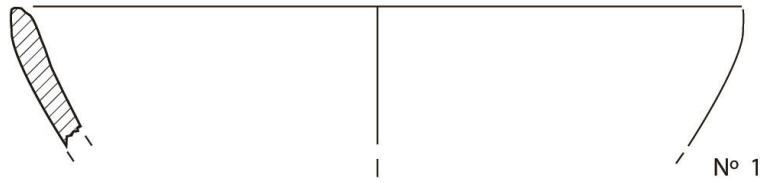
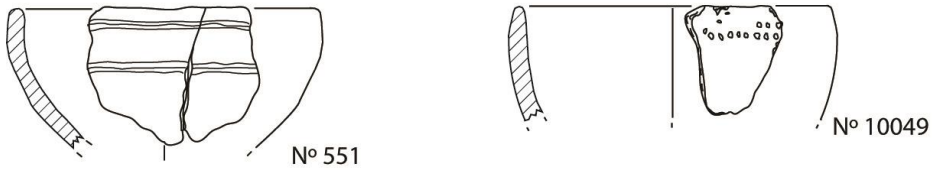


**Figura 9 - Planta do Sector A, seg. Carvalho et al. 1997.**



**Figura 10 - Planta do sector B, seg. Carvalho et al. 1997.**

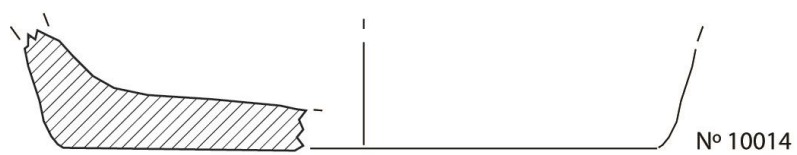
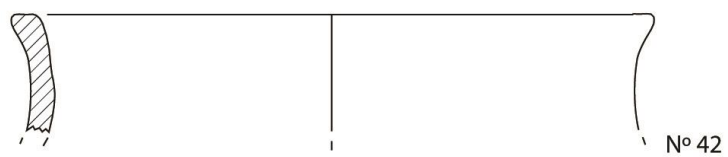
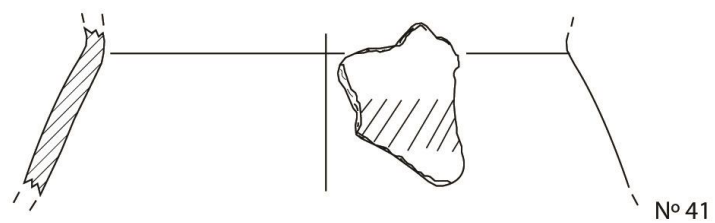
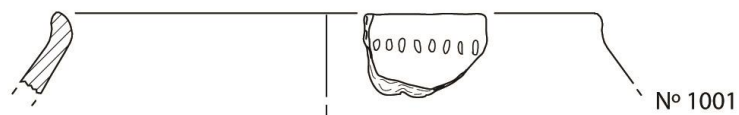
Alto da Madorra



5 cm

Figura 11 - Estampa de materiais do Alto da Madorra

Alto da Madorra



5 cm

Figura 12 - Estampa de materiais do Alto da Madorra

Alto da Madorra

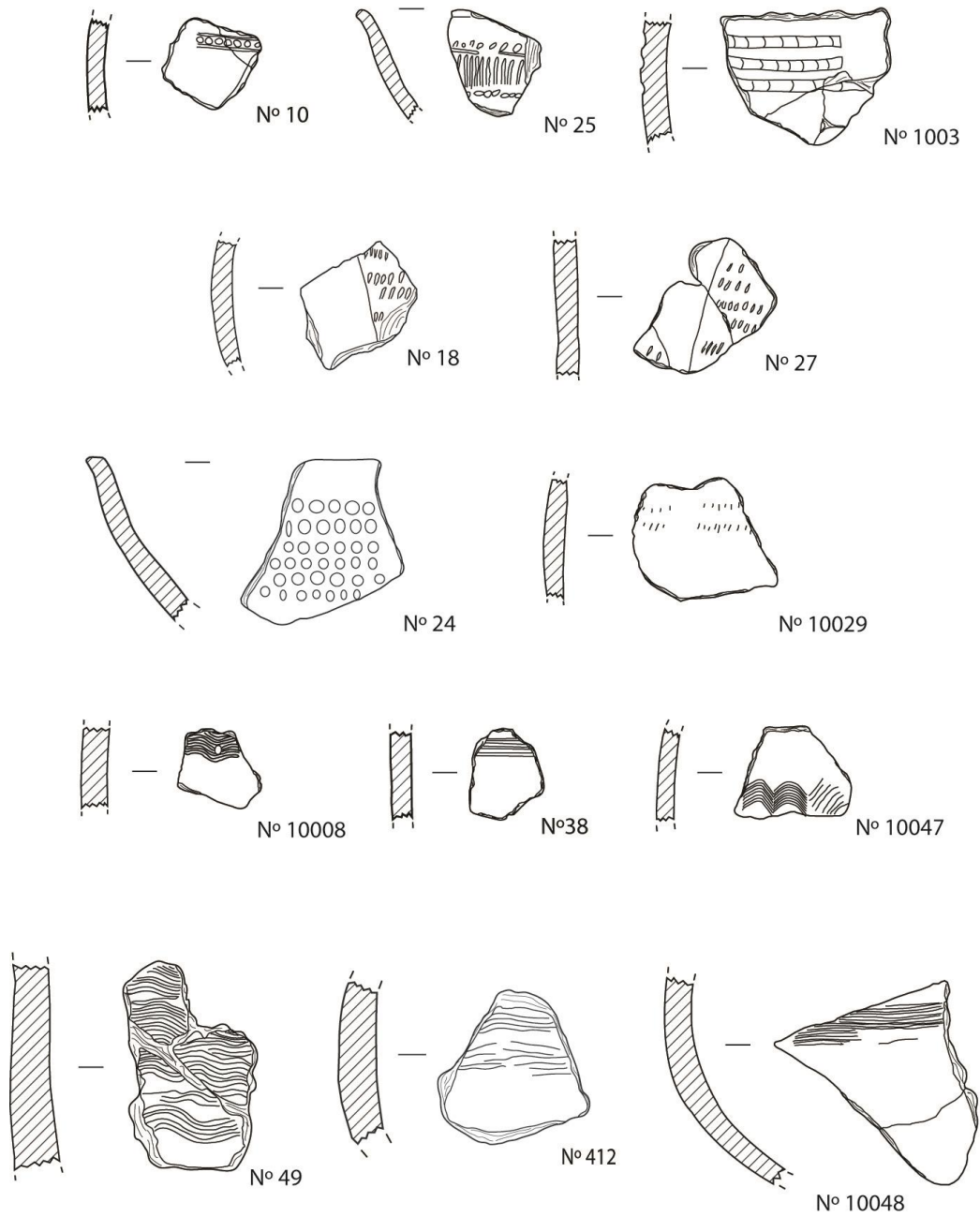
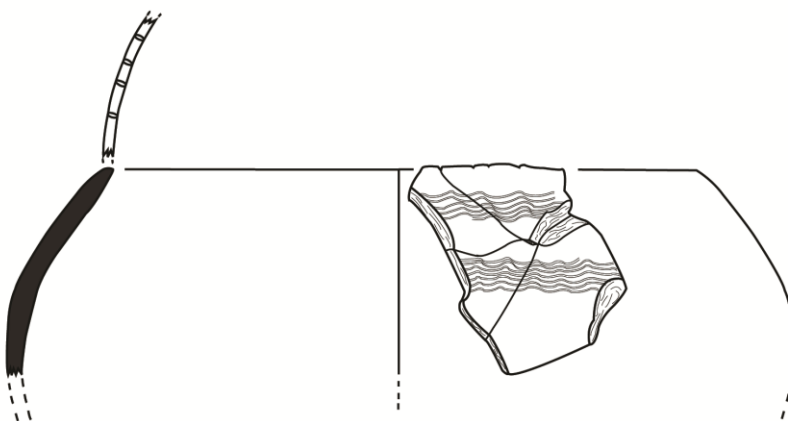
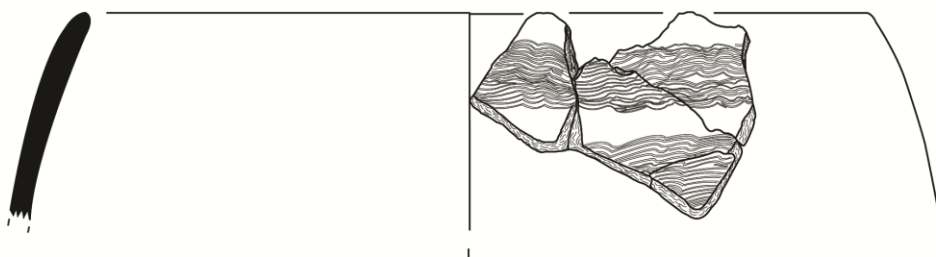


Figura 13 - Estampa de materiais do Alto da Madorra

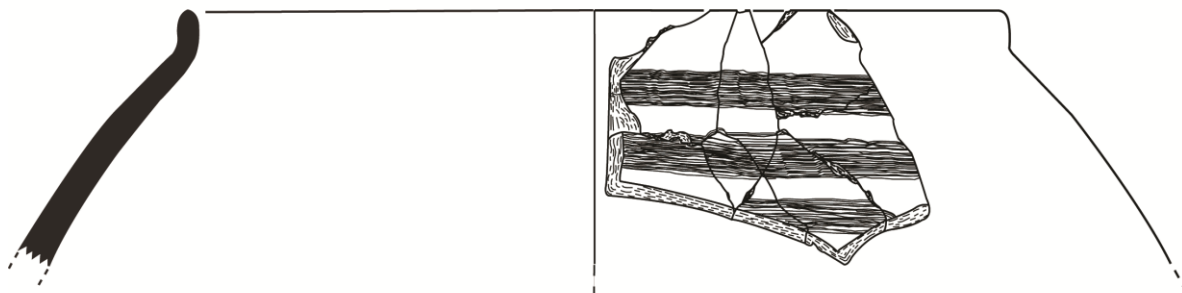
# Estampa I



Alto da Madorra  
Recipiente 1



Alto da Madorra  
Recipiente 2

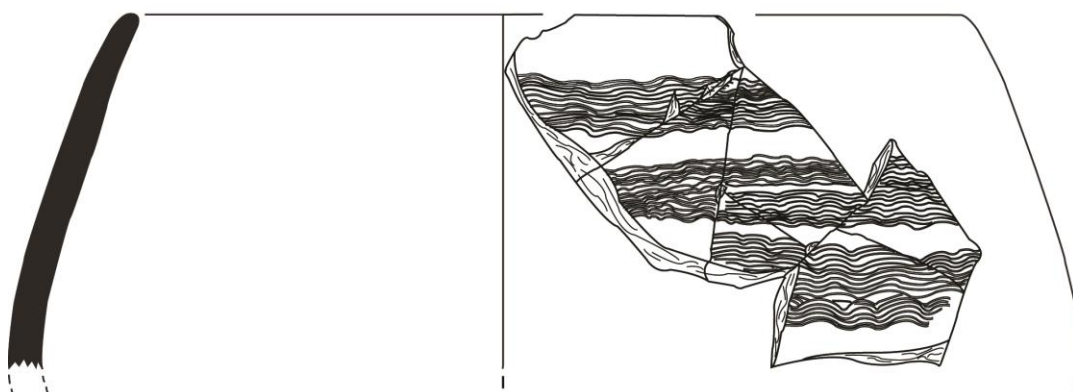


Alto da Madorra  
Recipiente 3

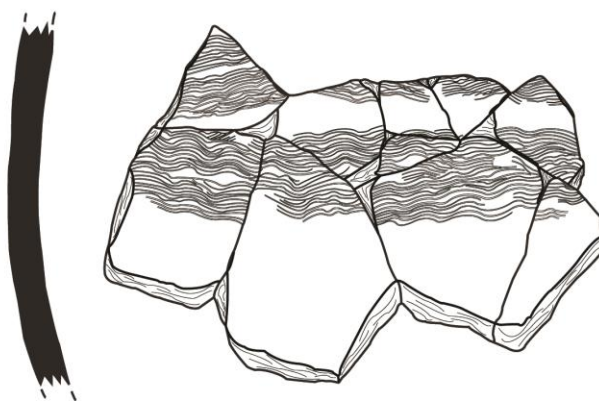


Figura 14 - Estampa de materiais do Alto da Madorra, seg. Rebelo 2011

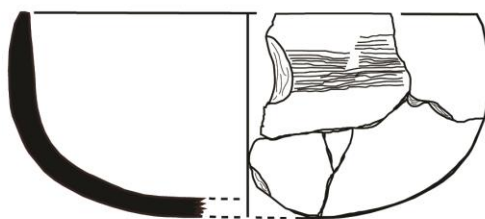
## Estampa II



Alto da Madorra  
Recipiente 4



Alto da Madorra  
Recipiente 5

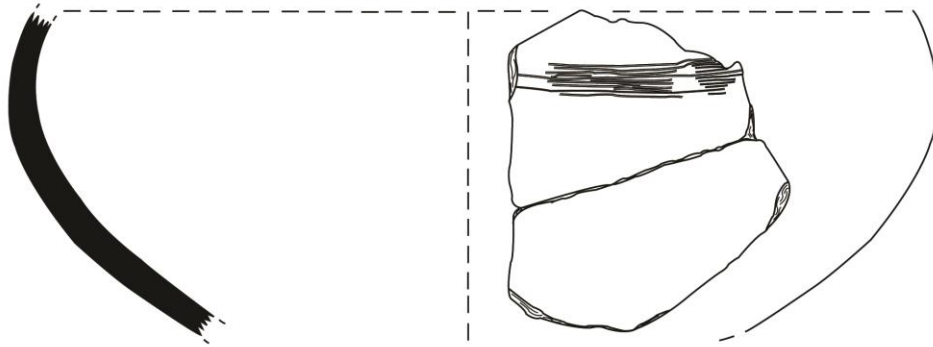


Alto da Madorra  
Recipiente 6

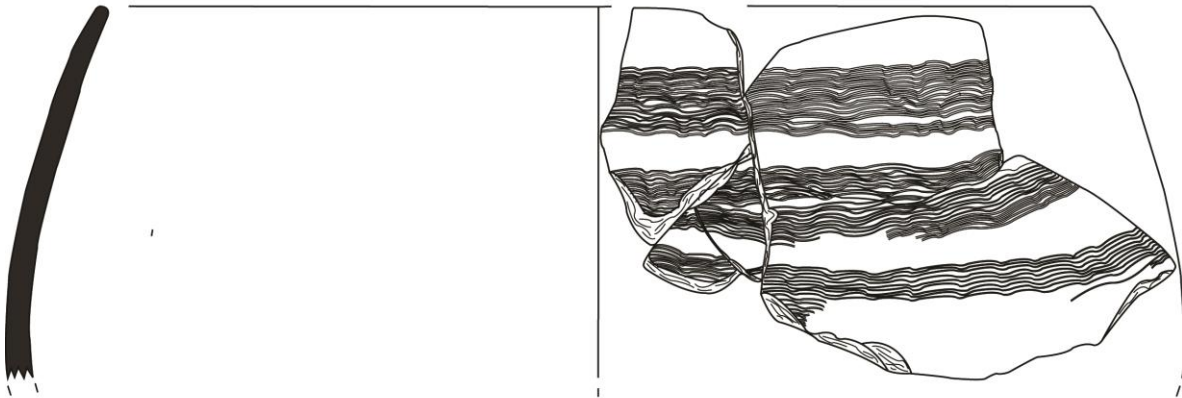


Figura 15 - Estampa de materiais do Alto da Madorra, seg. Rebelo 2011

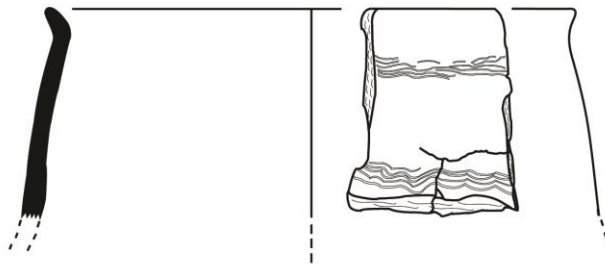
Estampa III



Alto da Madorra  
Recipiente 7



Alto da Madorra  
Recipiente 8



Alto da Madorra  
Recipiente 9



Figura 16 - Estampa de materiais do Alto da Madorra, seg. Rebelo 2011

Estampa IV

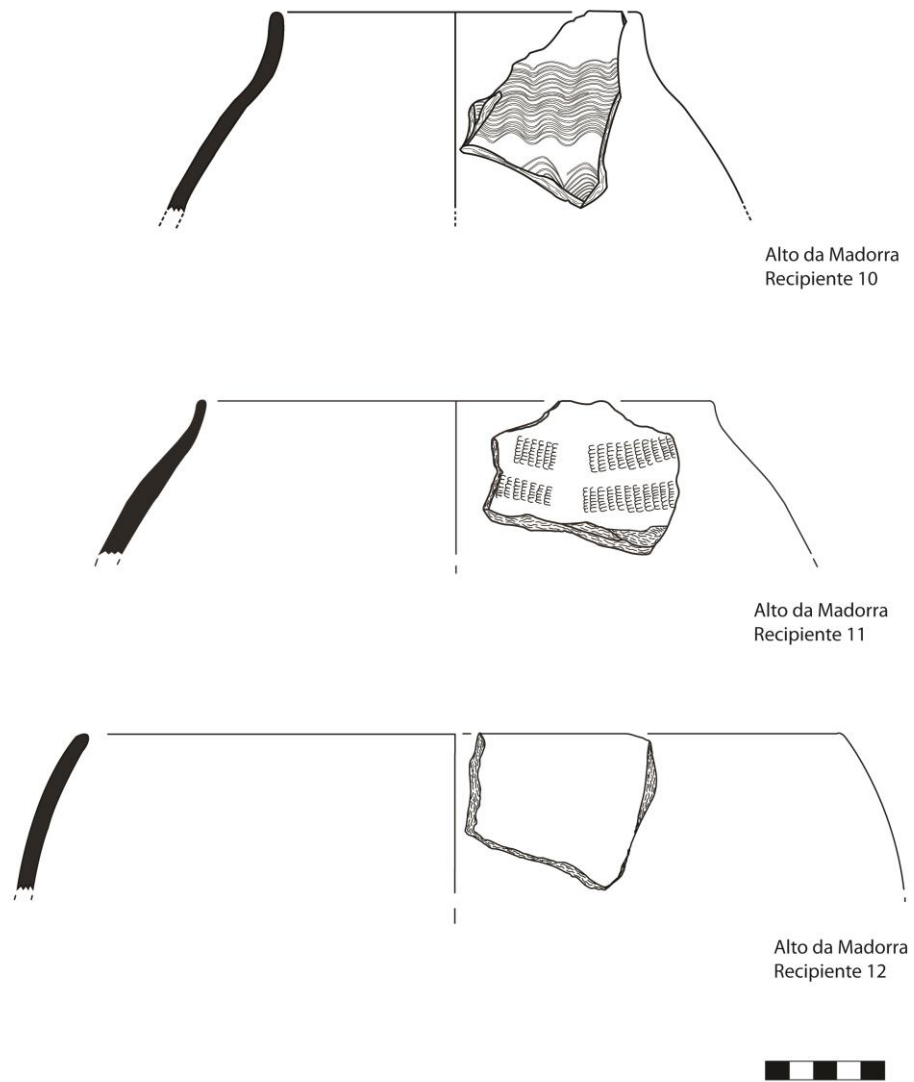
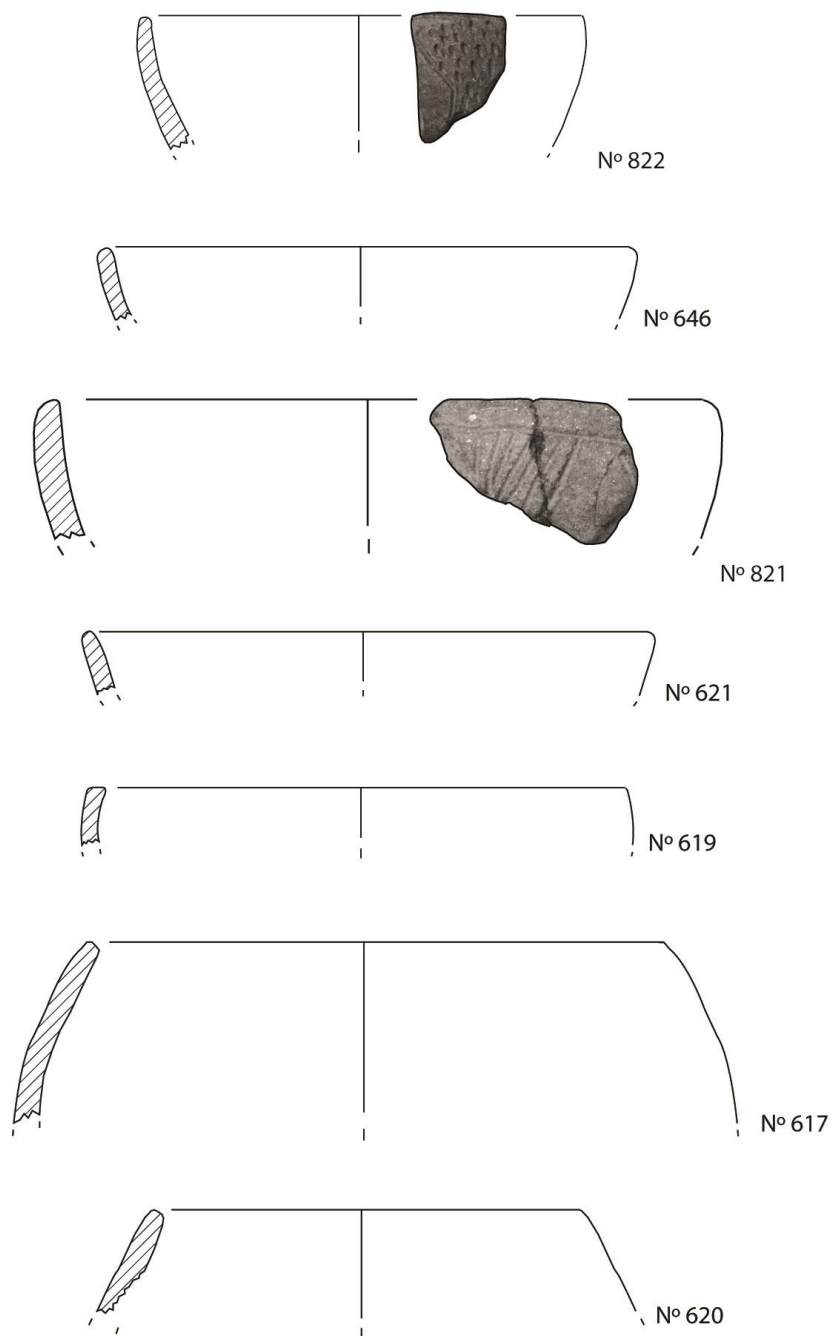


Figura 17 - Estampa de materiais do Alto da Madorra, seg. Rebelo 2011





Cunho  
Sector I



5 cm

Figura 20 - Estampa de materiais do Cunho, sector I

Cunho  
Sector I

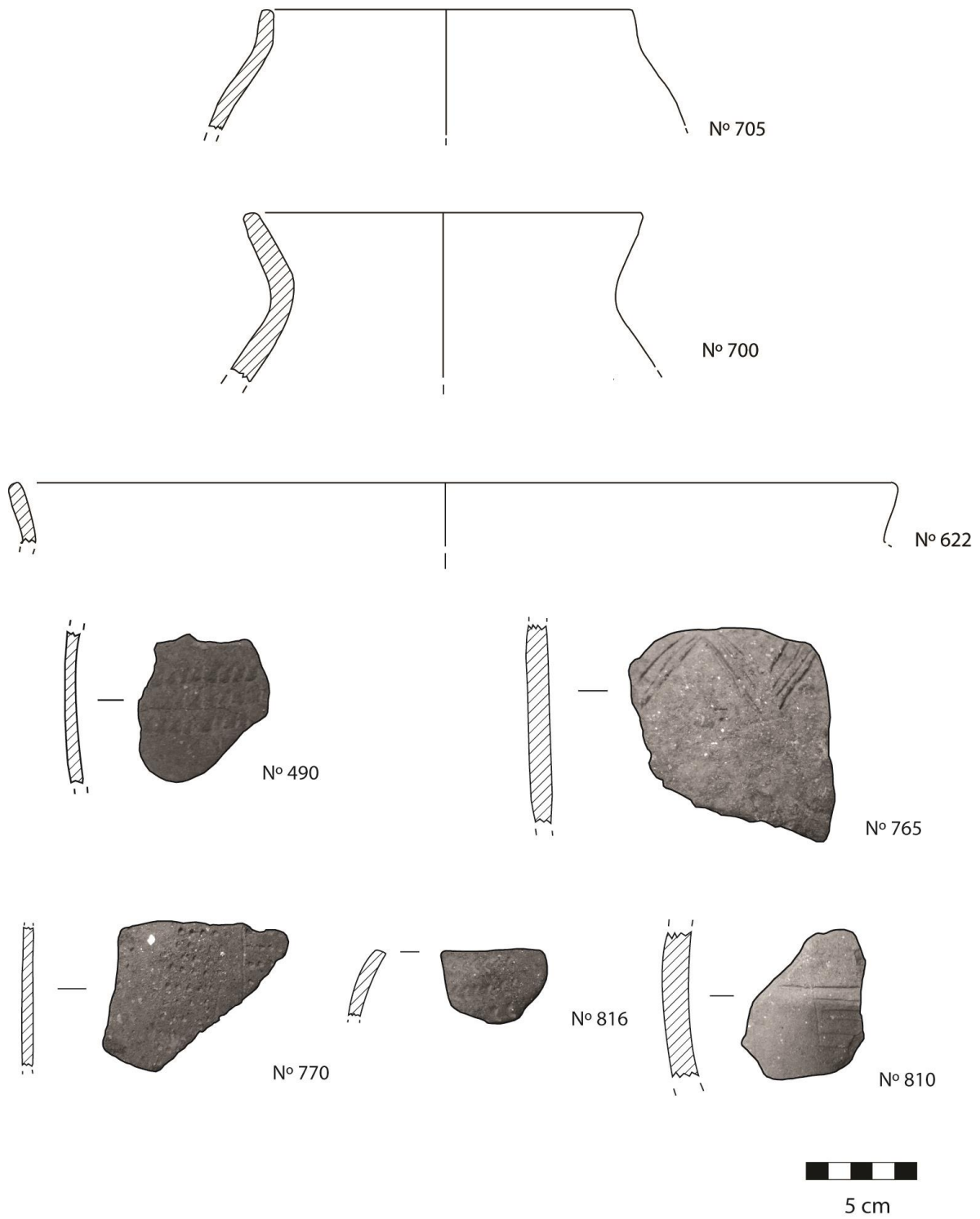


Figura 21 - Figura 20 - Estampa de materiais do Cunho, sector I

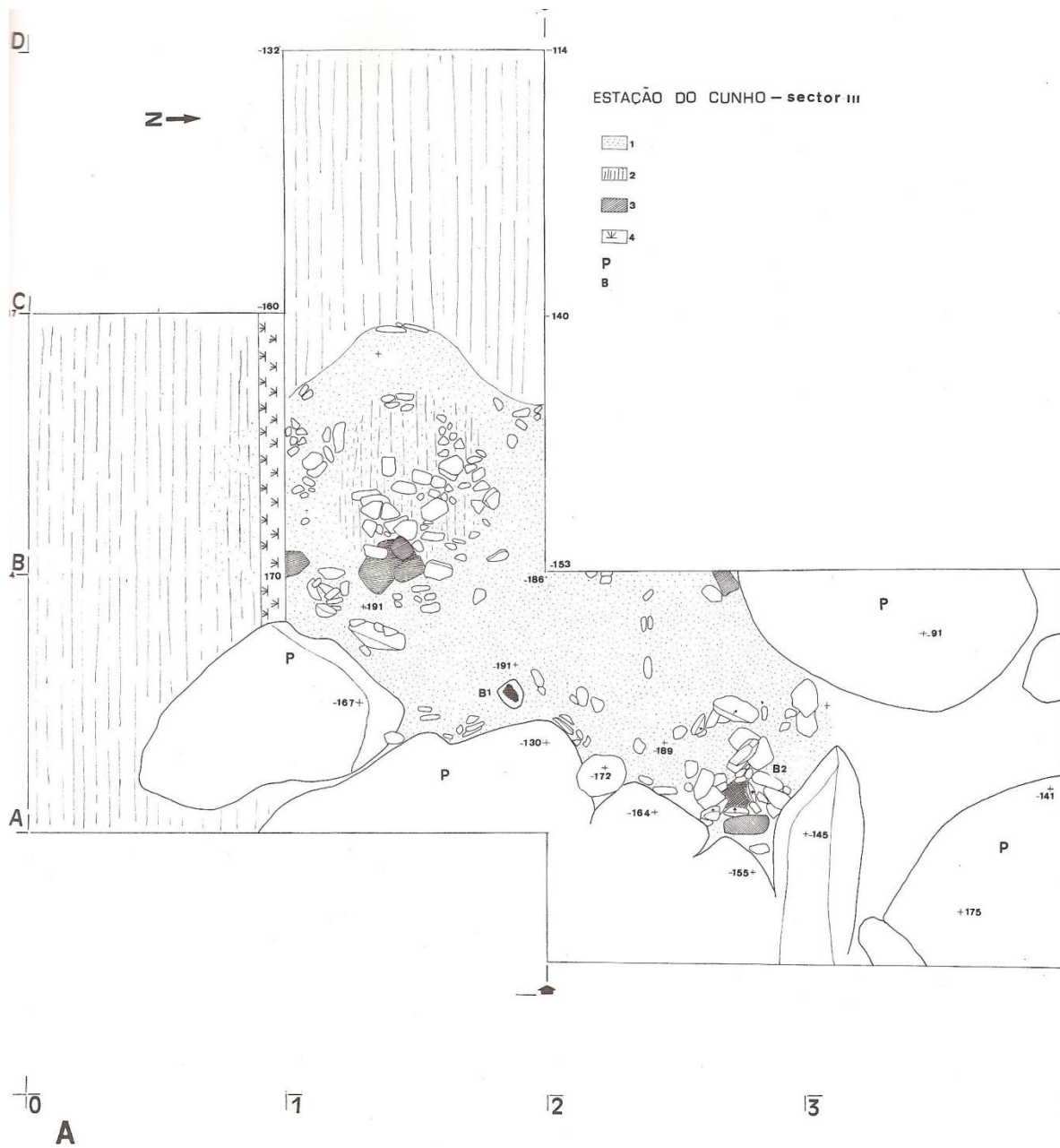


Figura 22 - Planta do Sector III do Cunho, seg. Sanches, 1992.

Cunho  
Sector III

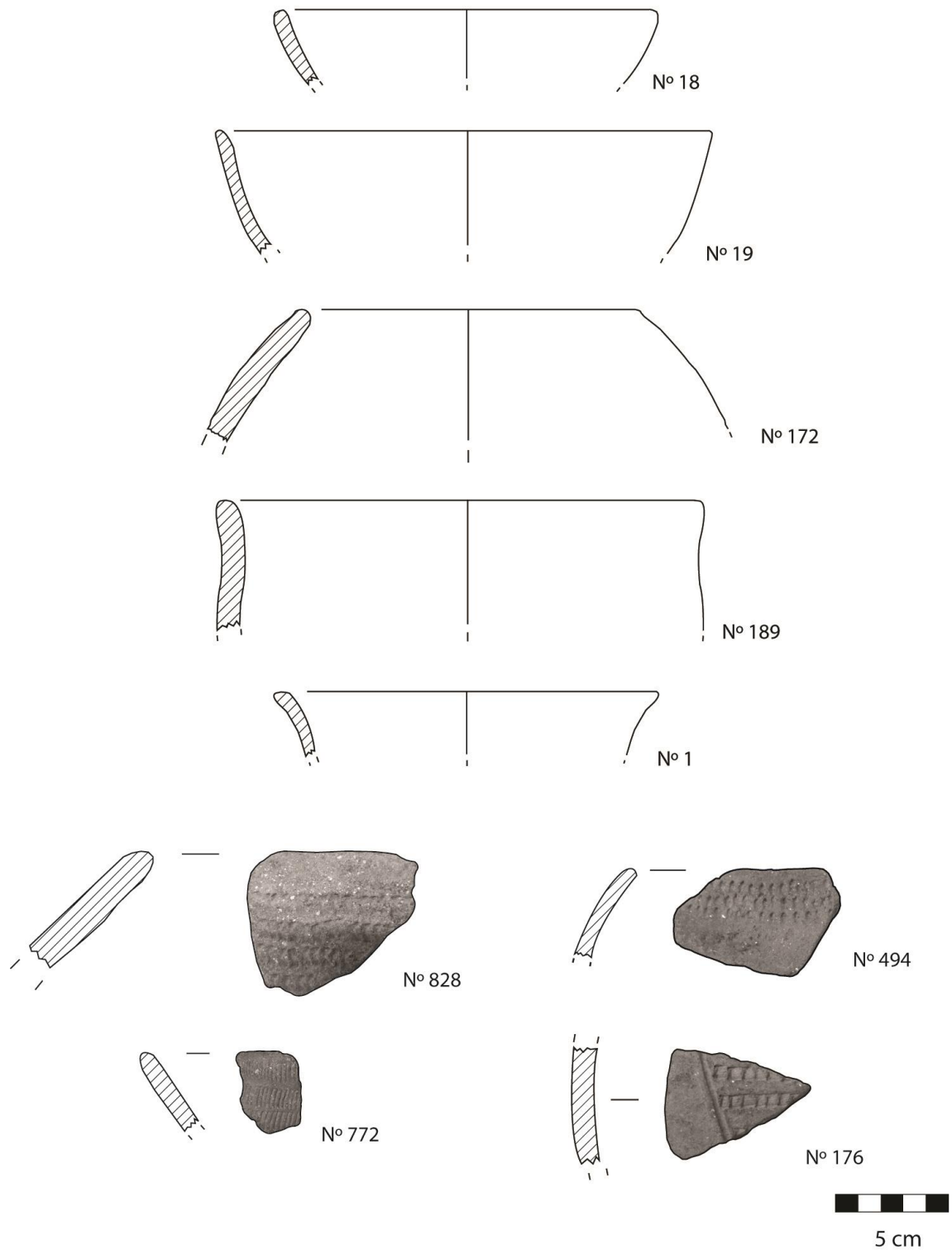


Figura 23 - Figura 20 - Estampa de materiais do Cunho, sector III

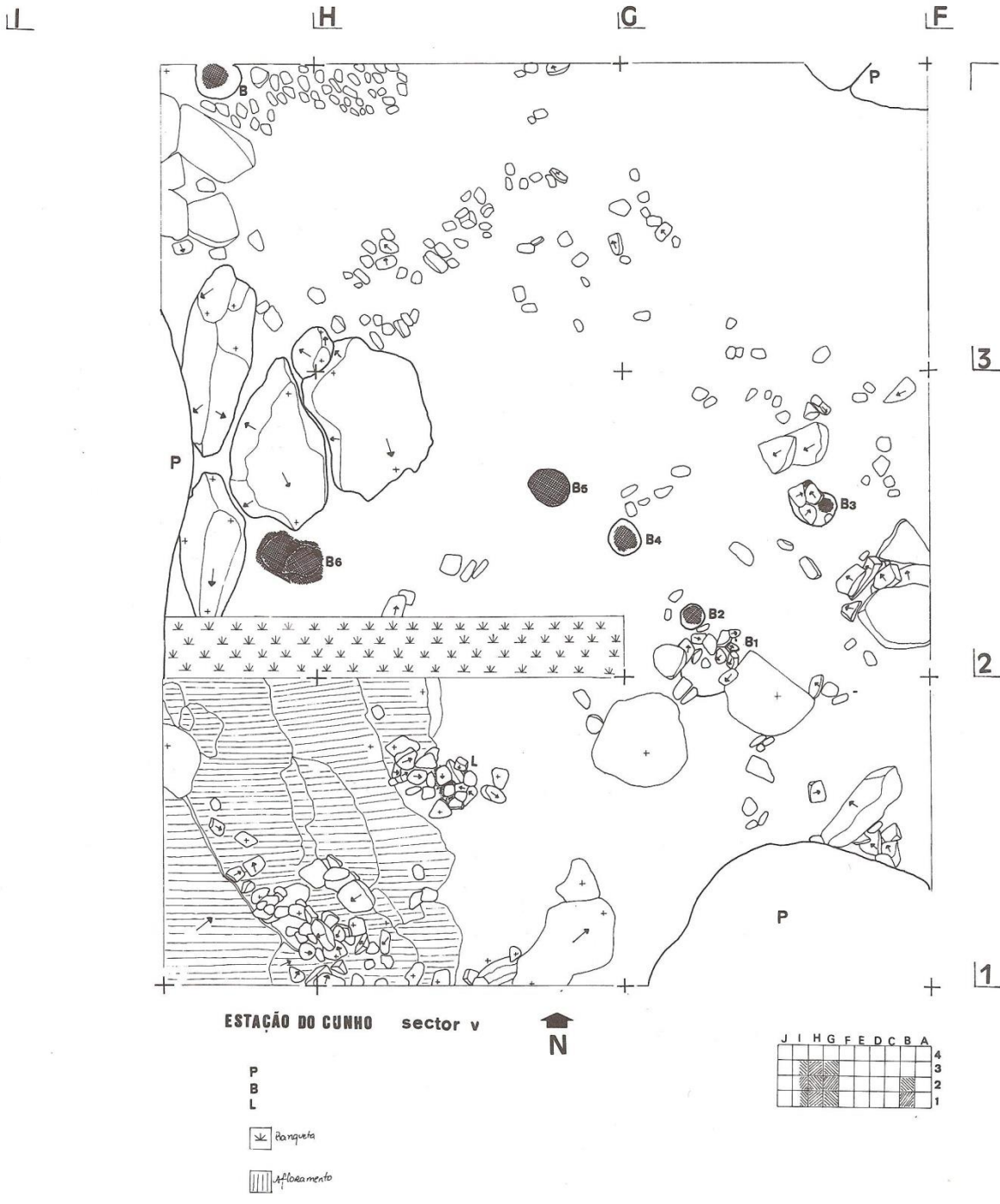
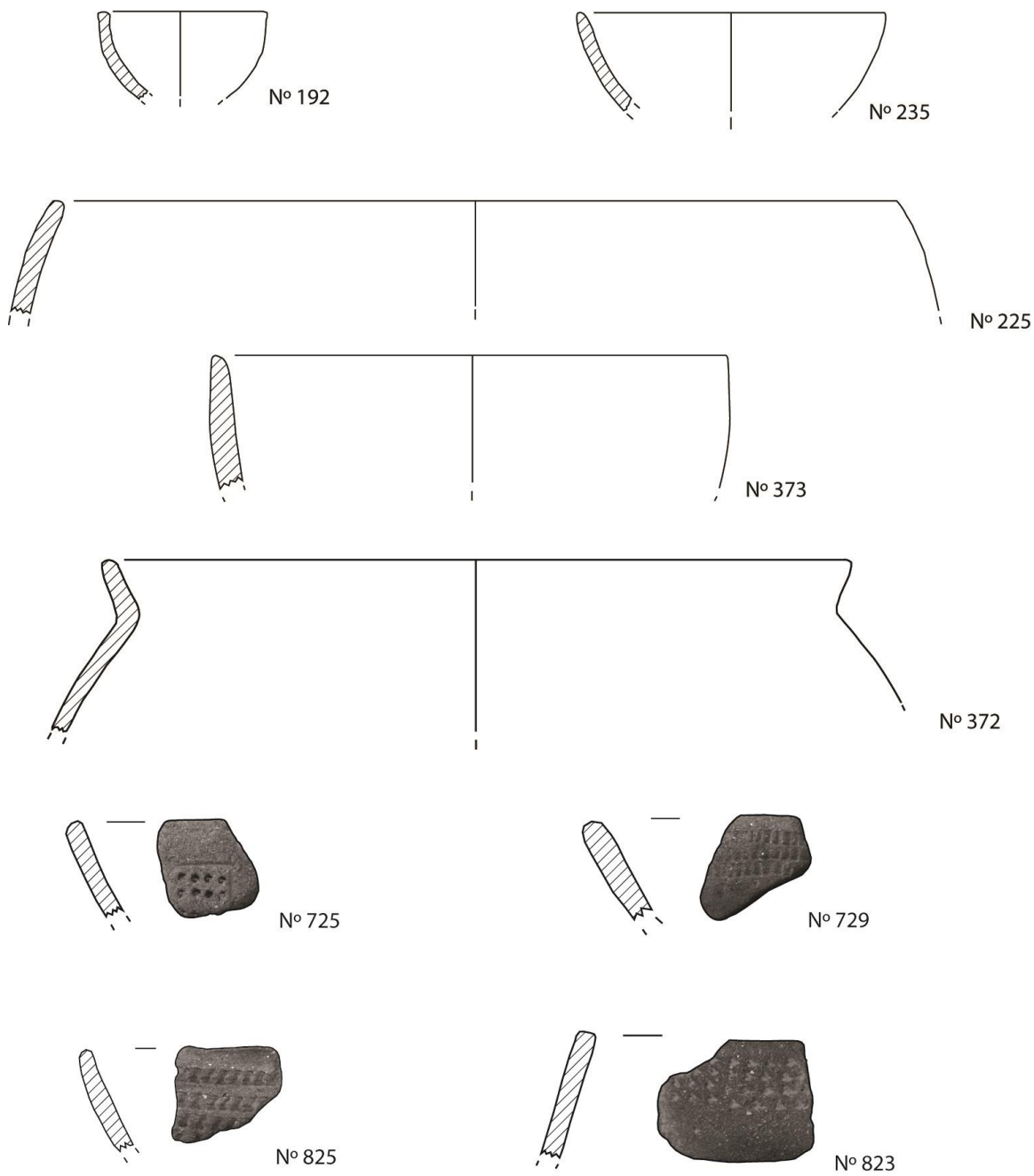


Figura 24 - Planta do sector V do Cunho, seg. Sanches, 1992.

Cunho  
Sector V



5 cm

Figura 25 - Figura 20 - Estampa de materiais do Cunho, sector V



Figura 26 - Planta do sector VI do Cunho, seg. Sanches, 1992.

Cunho  
Sector VI

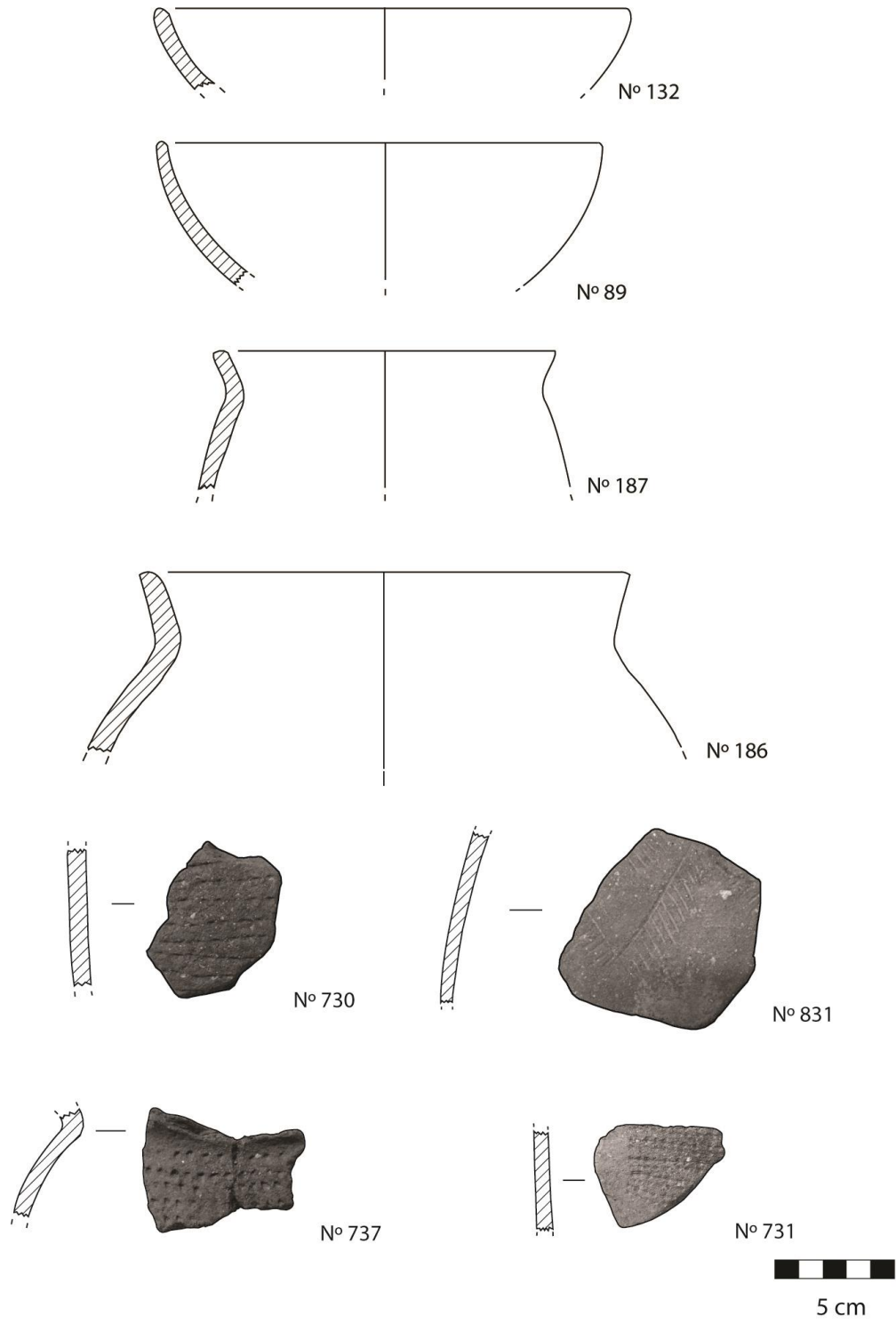


Figura 27 - Figura 20 - Estampa de materiais do Cunho, sector VI

**Barrocal Alto (Mogadouro)**

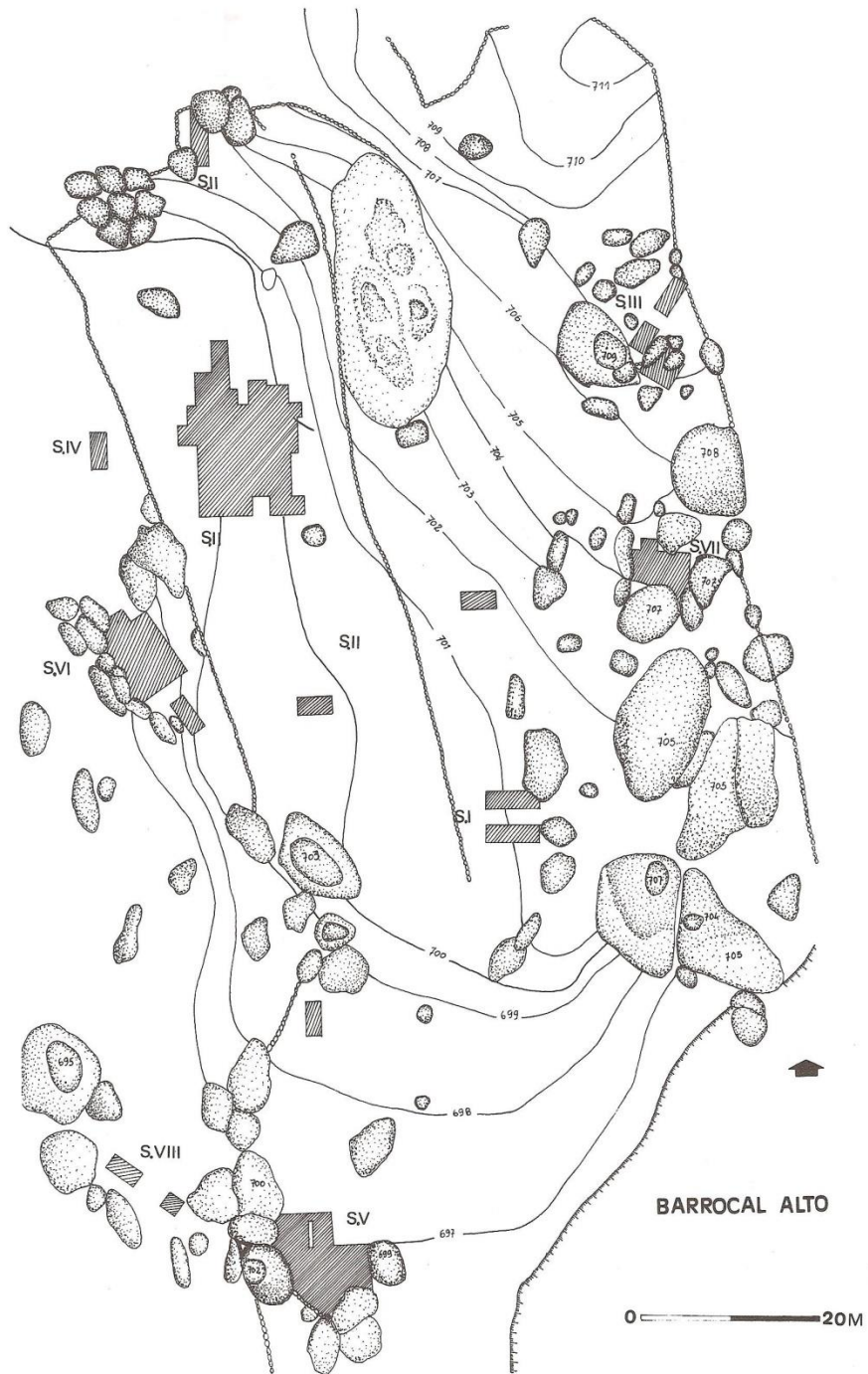


Figura 28 - Implantação dos sectores do Barrocal Alto, seg. Sanches, 1992.

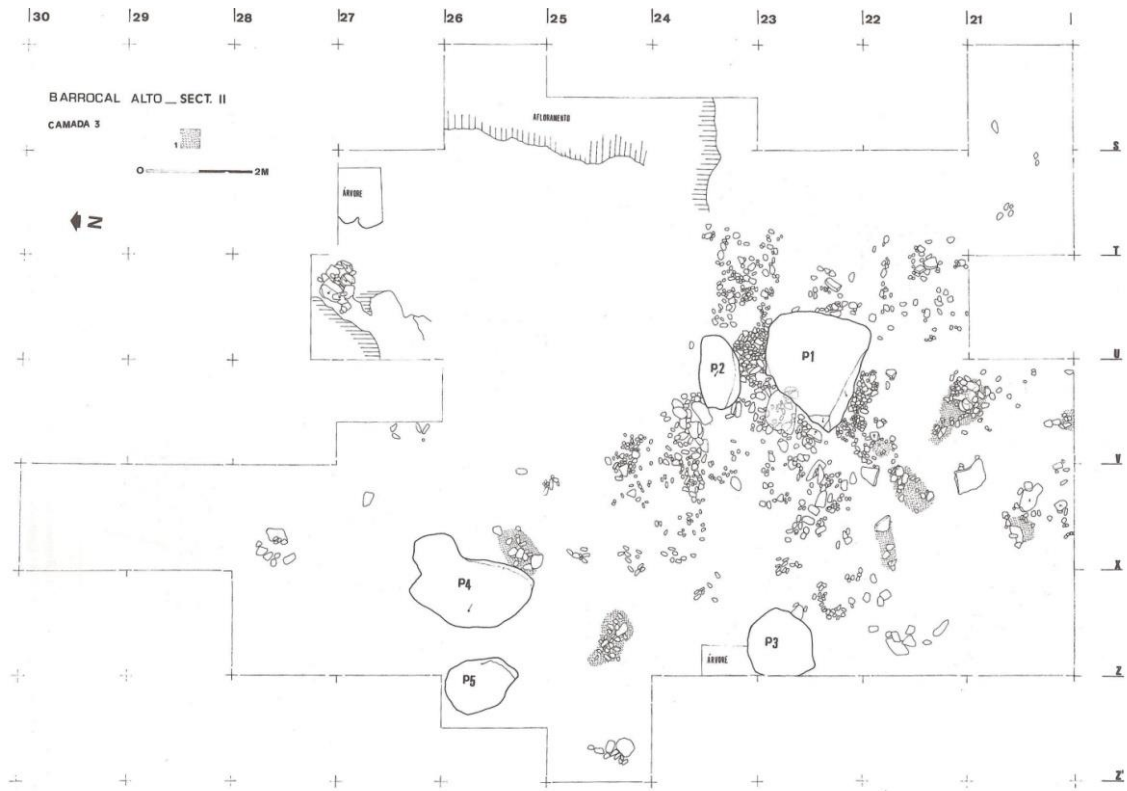


Figura 29 - Planta do sector II / 1º nível de ocupação, seg. Sanches, 1992.

Barrocal Alto  
Sector II  
1º nível de ocupação

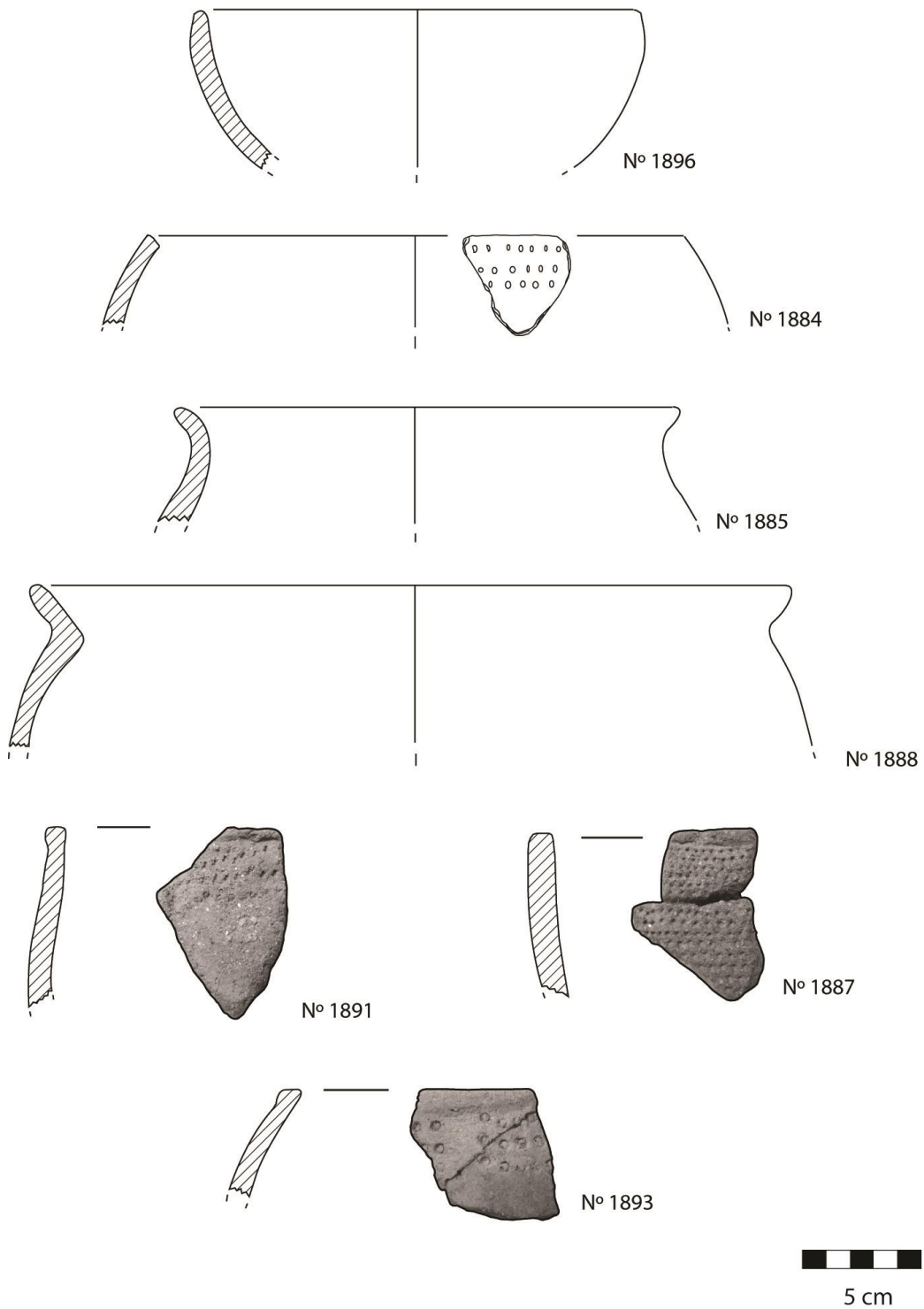


Figura 30 - Estampa de materiais do Barrocal Alto, sector II/1º nível

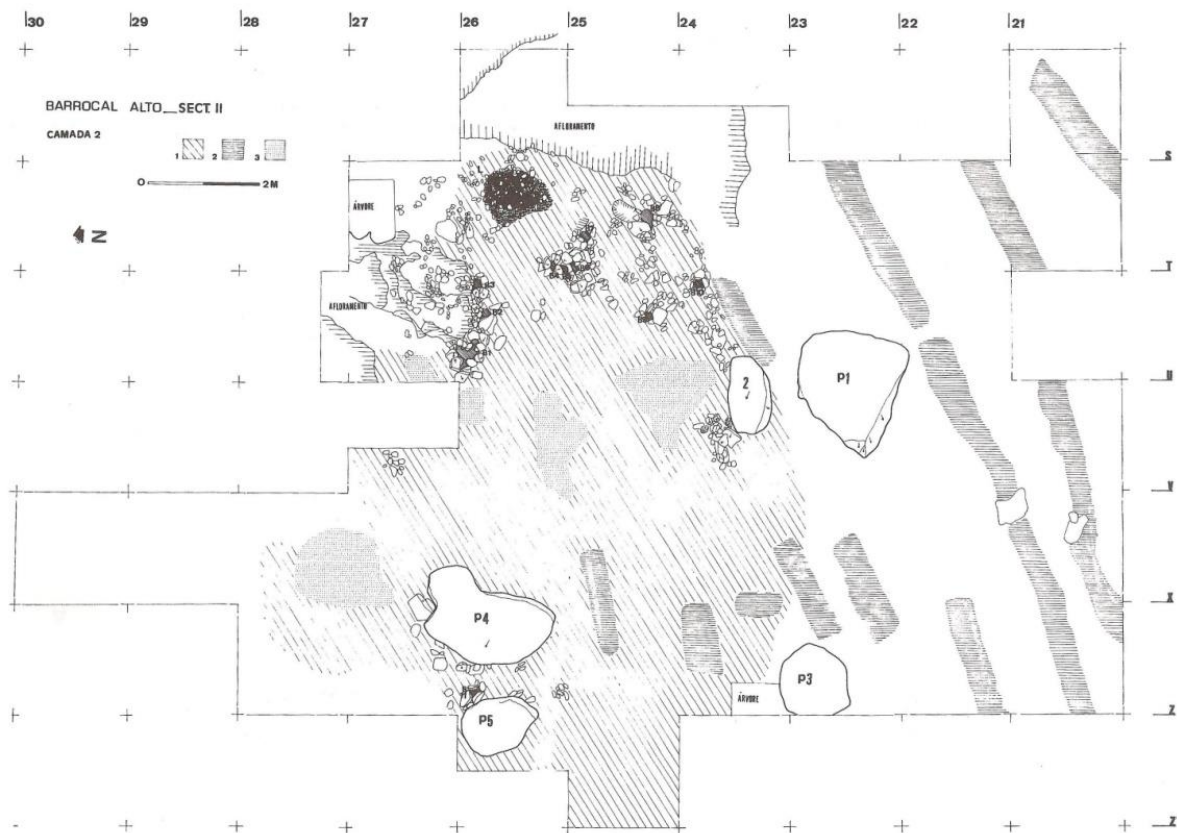


Figura 31 - Planta do sector II / IIº nível de ocupação do Barrocal Alto, seg. Sanches, 1992.

Barrocal Alto  
Sector I  
2º nível de ocupação

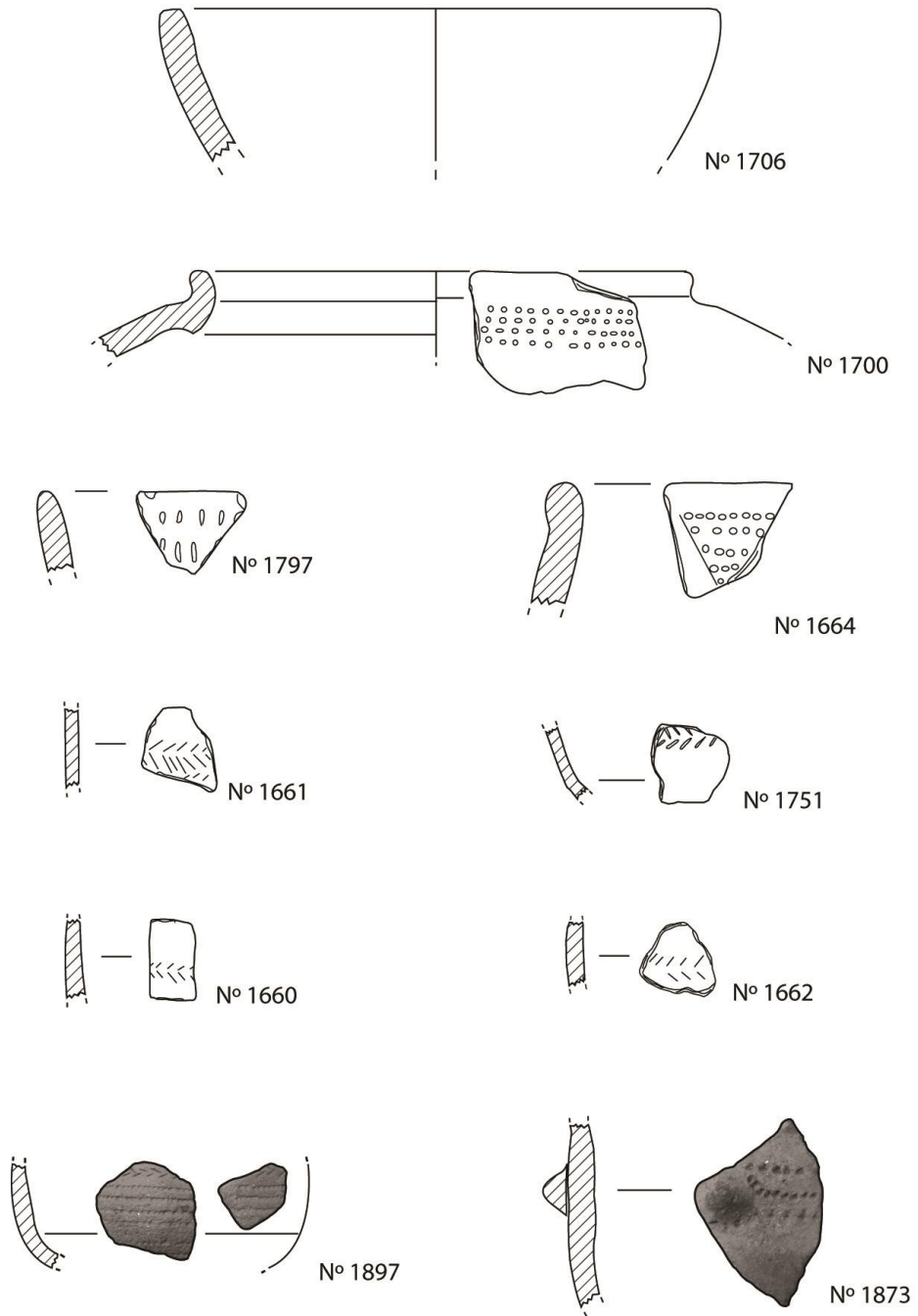


Figura 32 - Estampa de materiais do Barrocal Alto, sector II/IIº nível

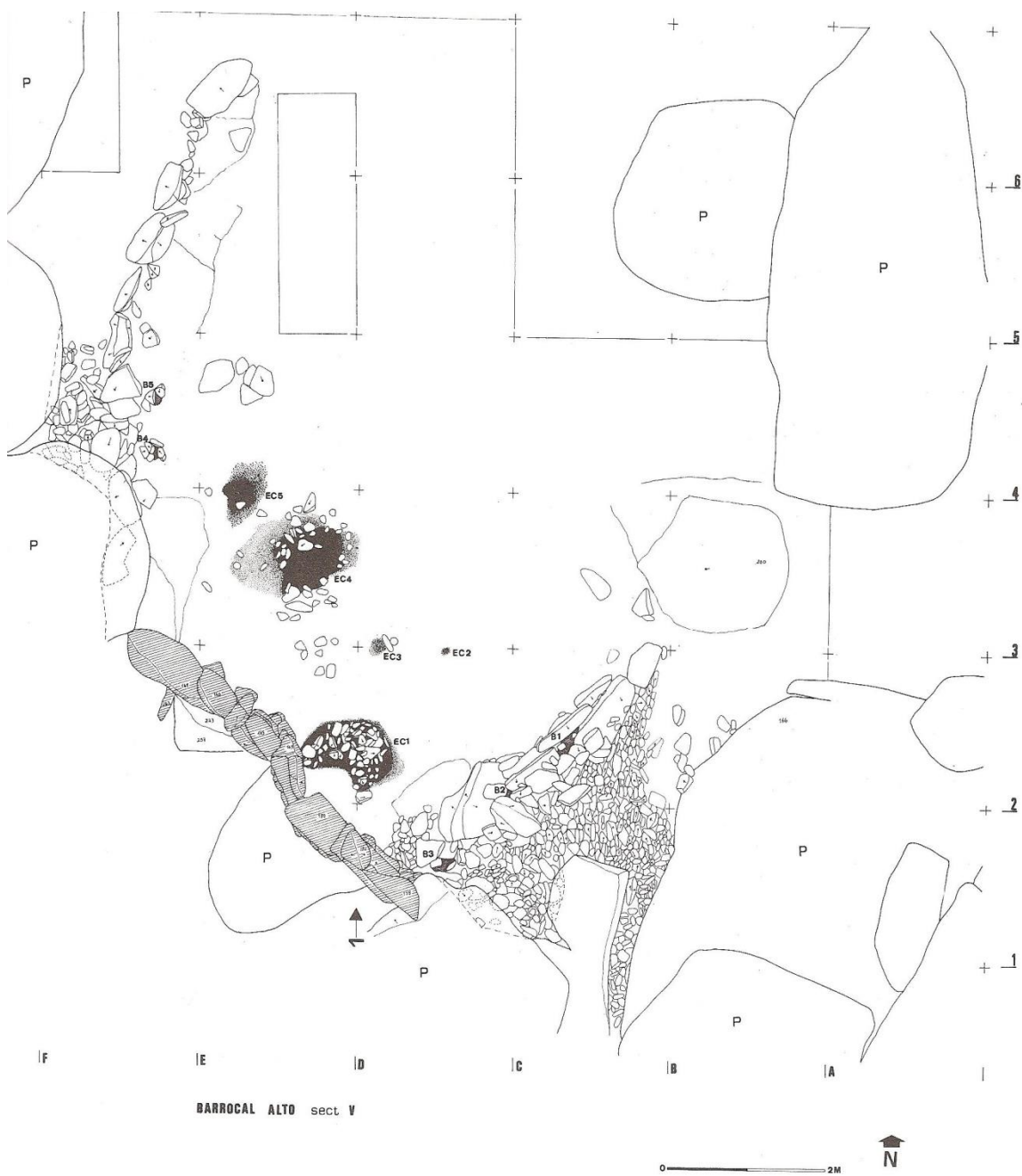


Figura 33 - Planta do sector V do Barrocal Alto, seg. Sanches, 1992.

Barrocal Alto  
Sector V

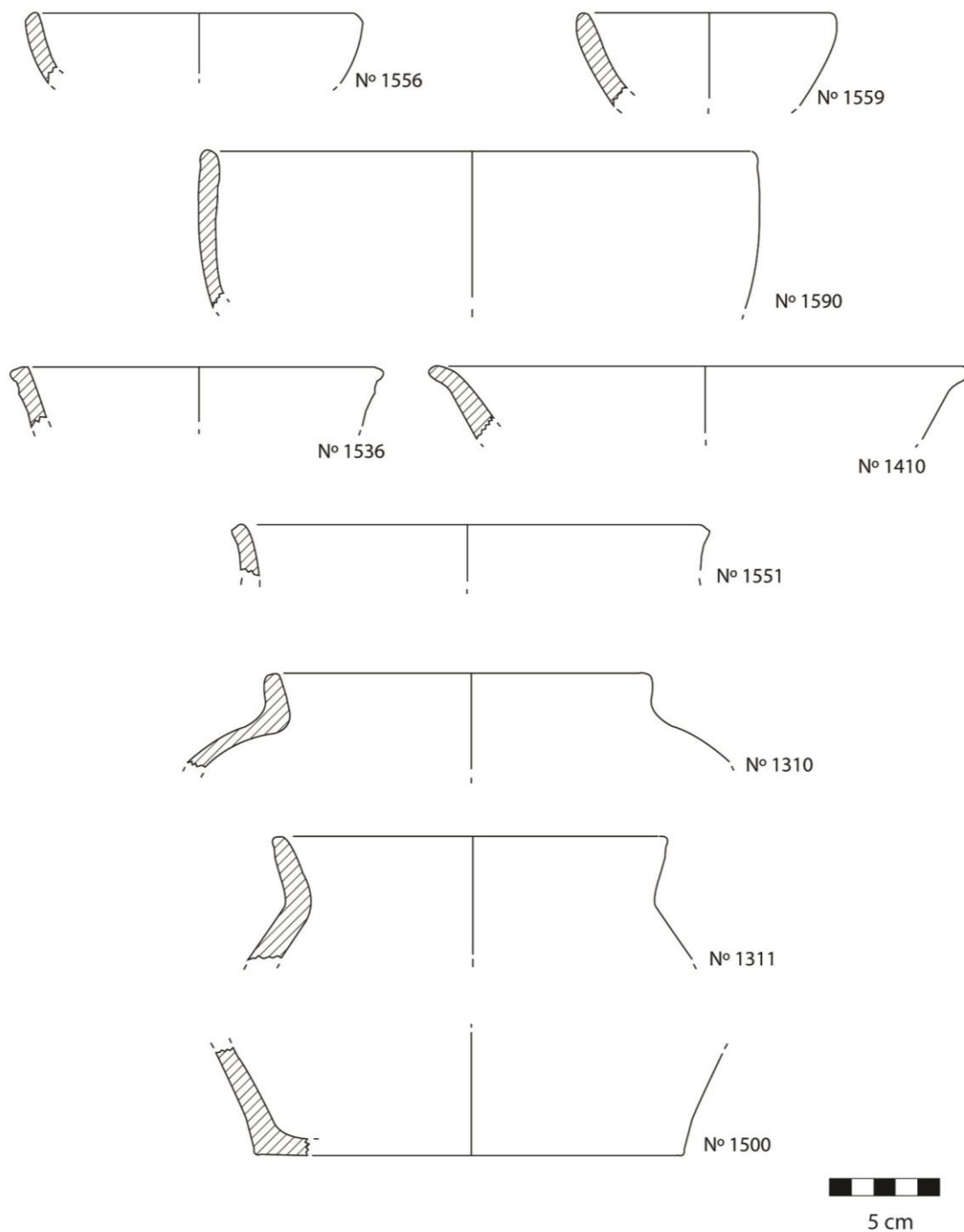
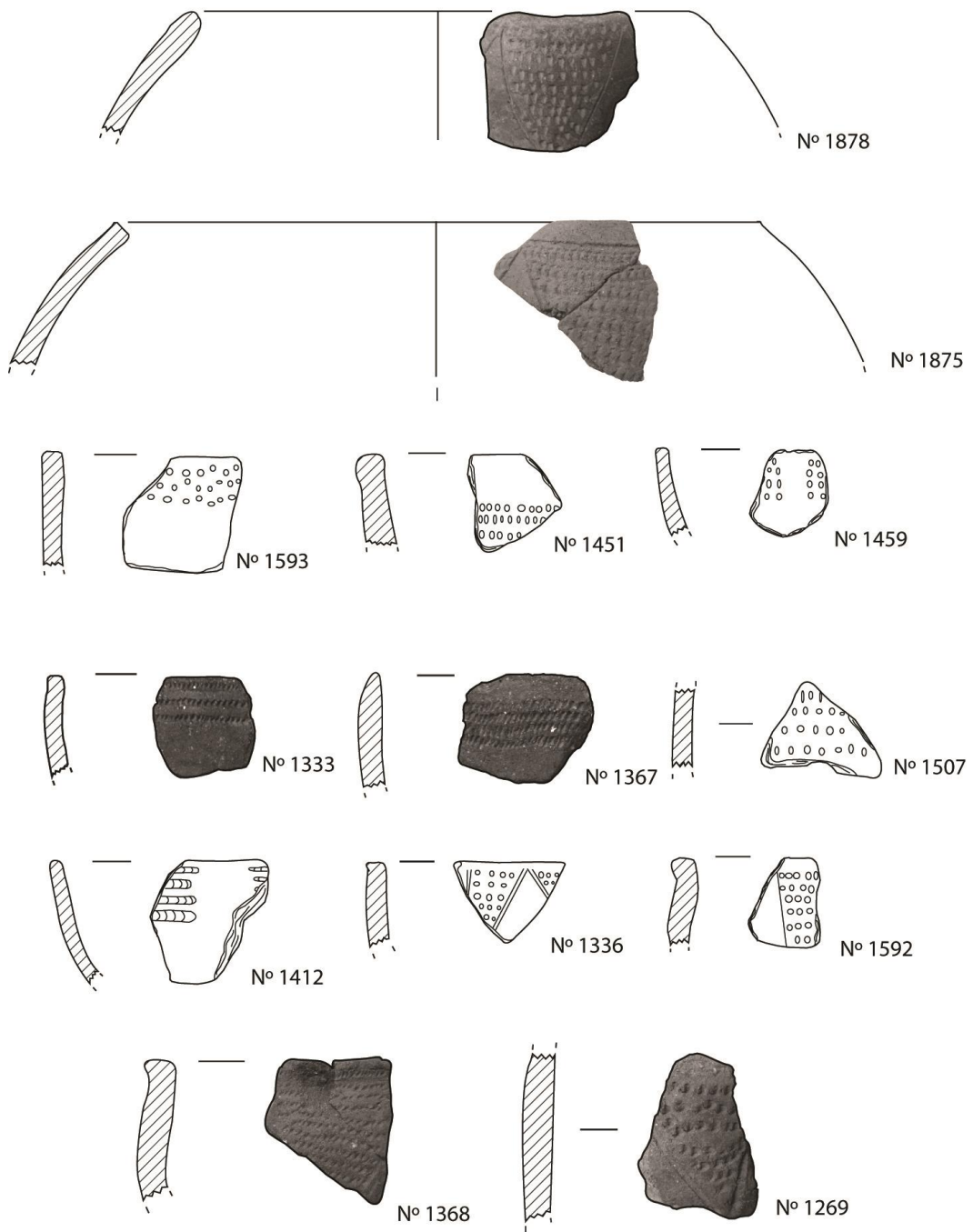


Figura 34 - Estampa de materiais do Barrocal Alto, sector V

Barrocal Alto  
Sector V



5 cm

Figura 35 - Estampa de materiais do Barrocal Alto, sector V

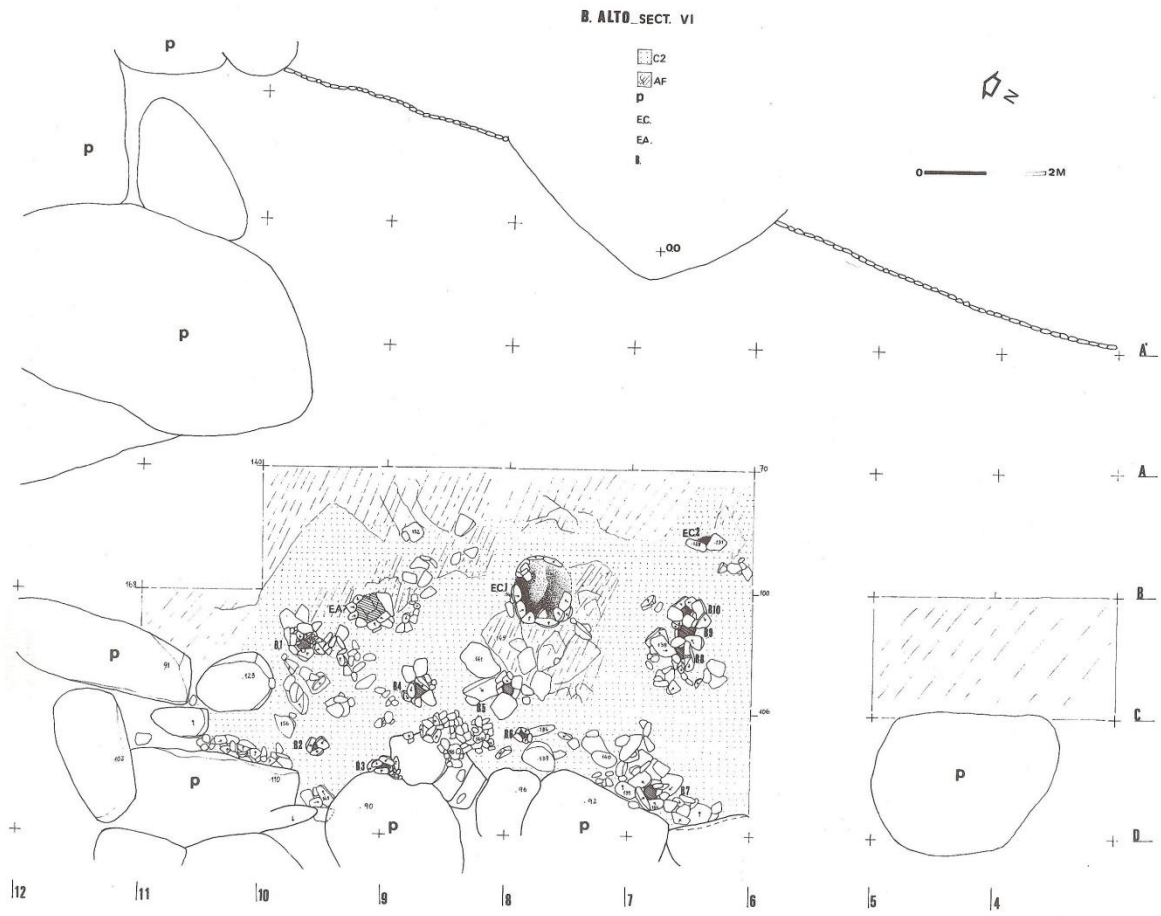


Figura 36 - Planta do sector VI do Barrocal Alto, seg. Sanches, 1992.

Barrocal Alto  
Sector VI

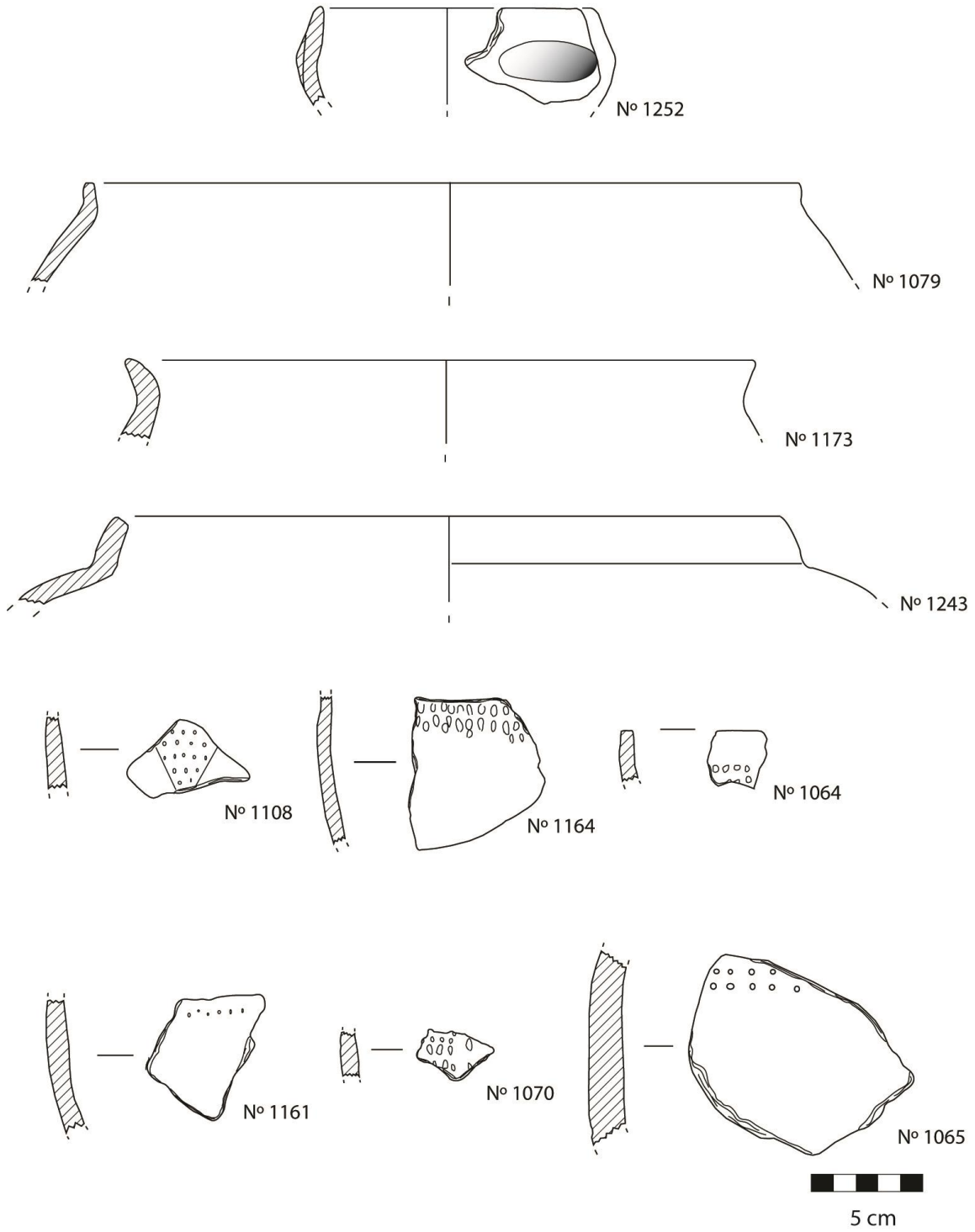
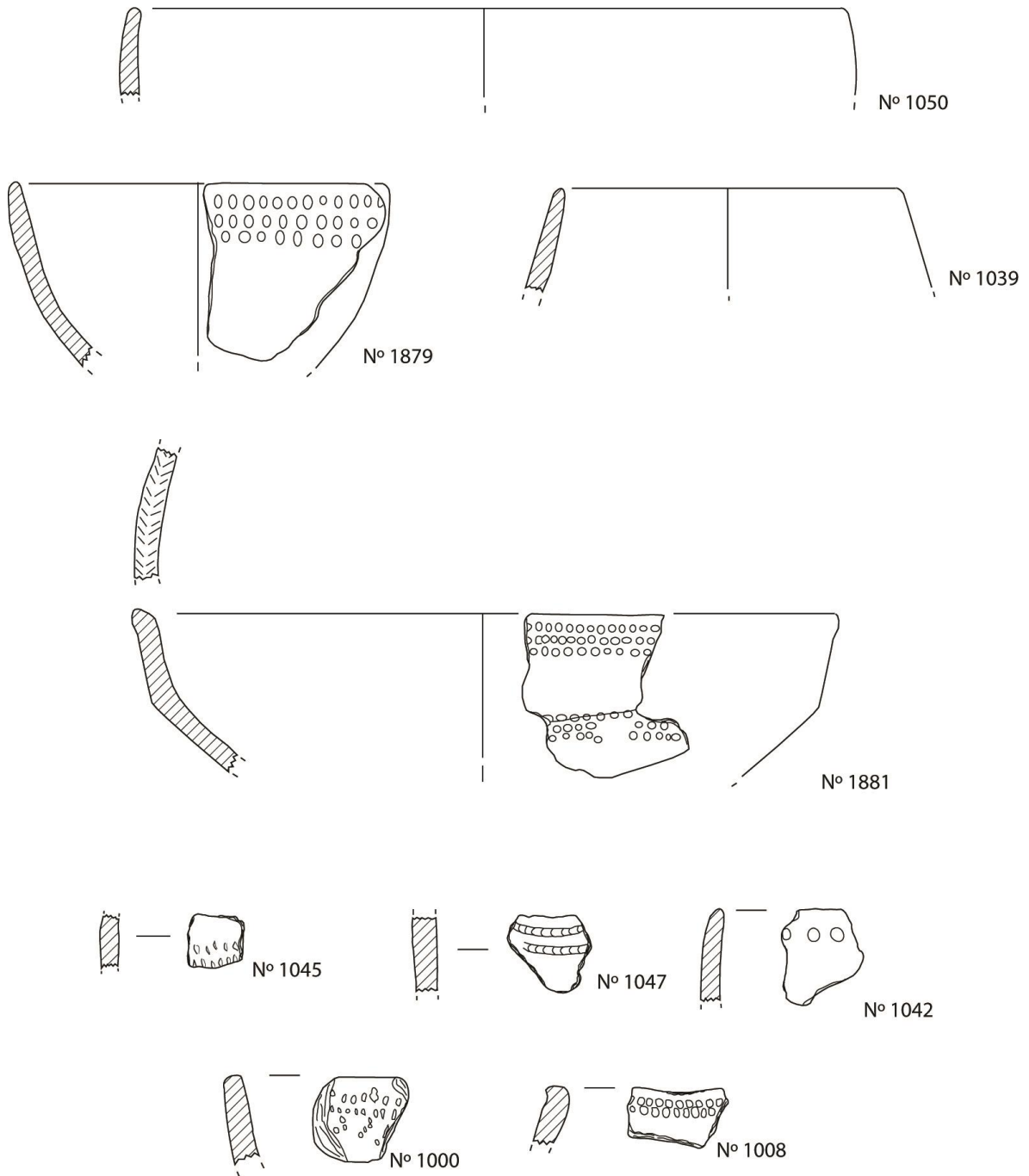


Figura 37 - Estampa de materiais do Barrocal Alto, sector VI



Barrocal Alto  
Sector VII



5 cm

Figura 39 - Estampa de materiais do Barrocal Alto, sector VII



Quinta do Rio 16

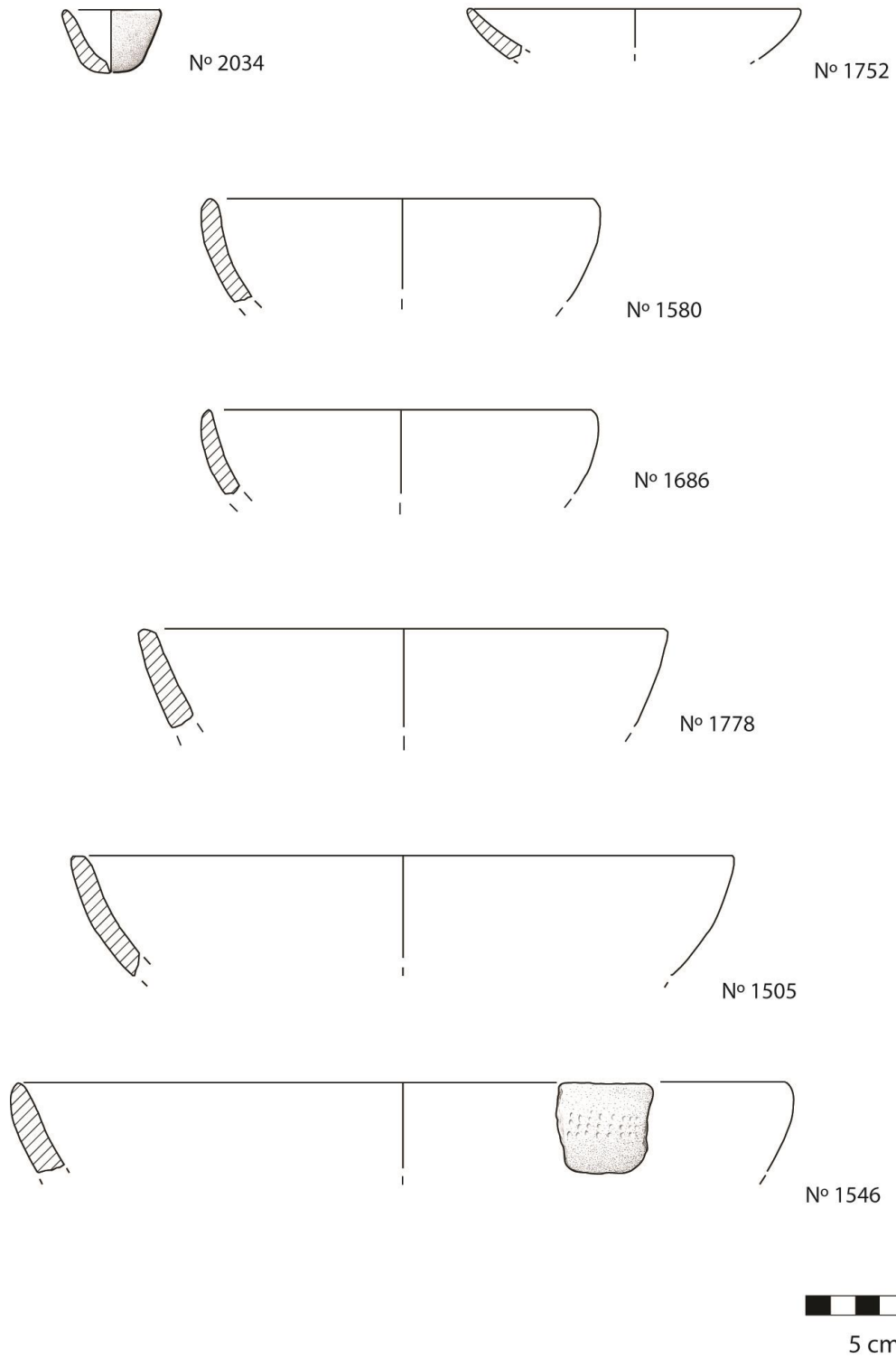


Figura 41 - Estampa de materiais da Quinta do Rio 16

Quinta do Rio 16

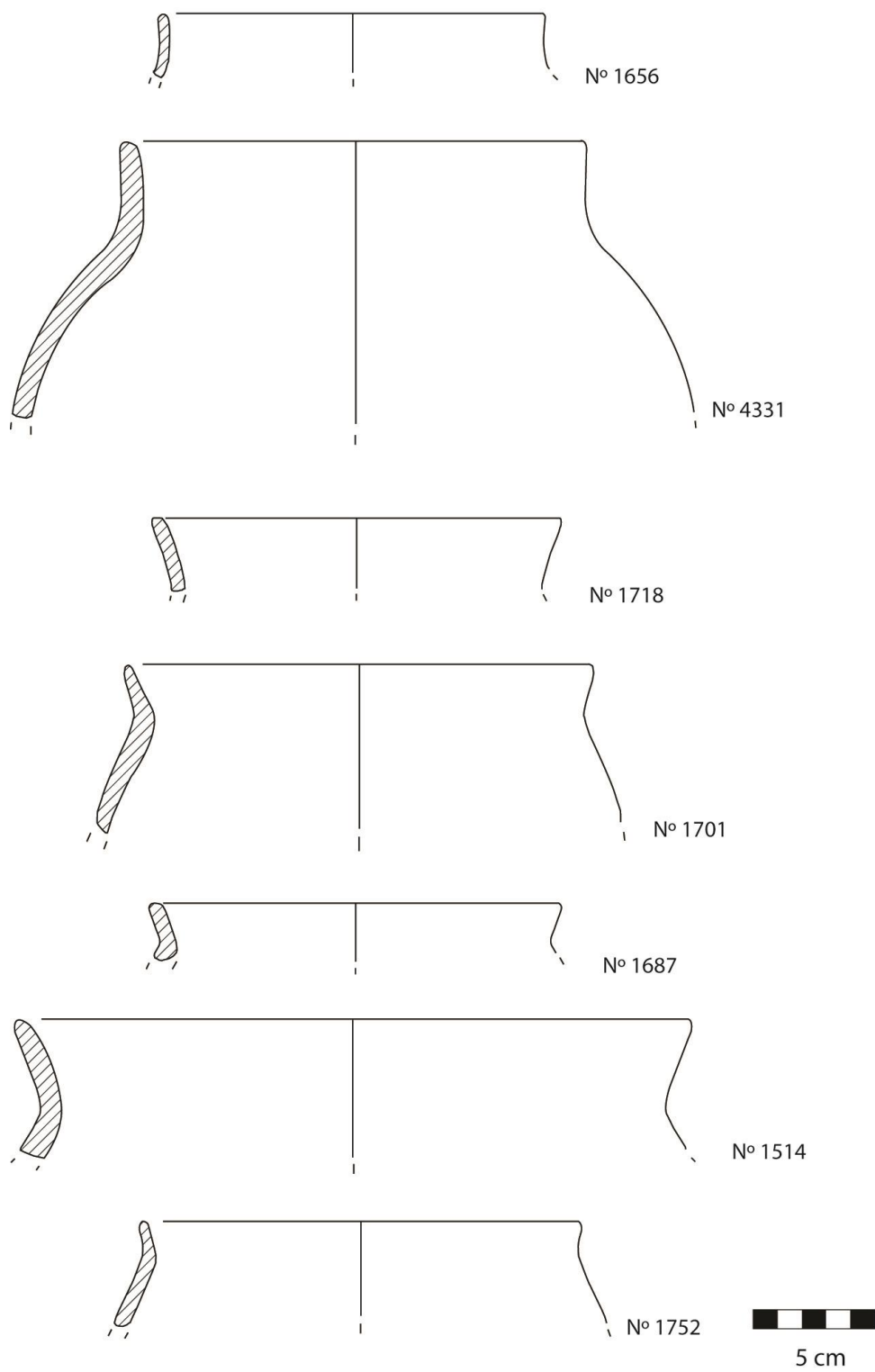
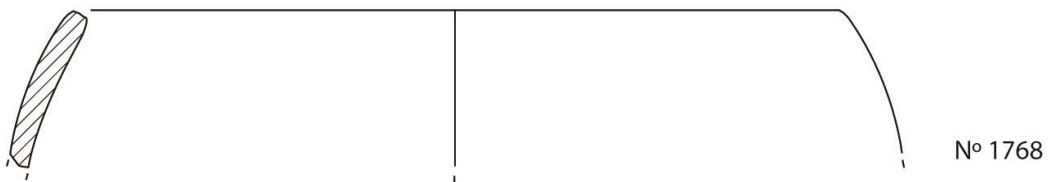
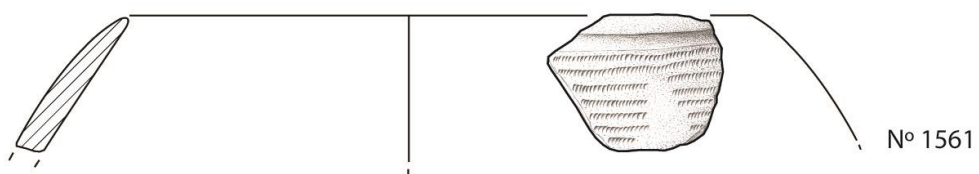
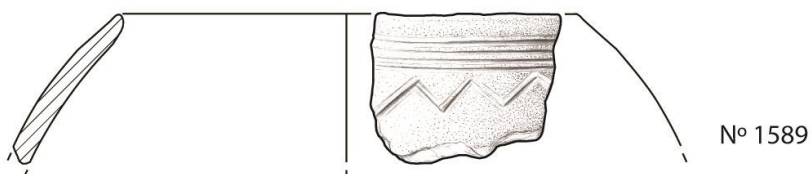
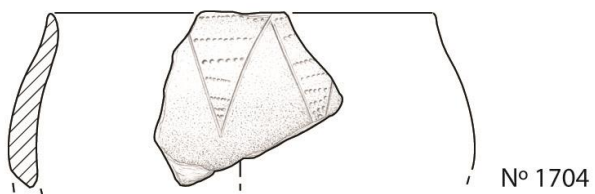


Figura 42 - Figura 41 - Estampa de materiais da Quinta do Rio 16

Quinta do Rio 16



5 cm

Figura 43 - Figura 41 - Estampa de materiais da Quinta do Rio 16

Quinta do Rio 16

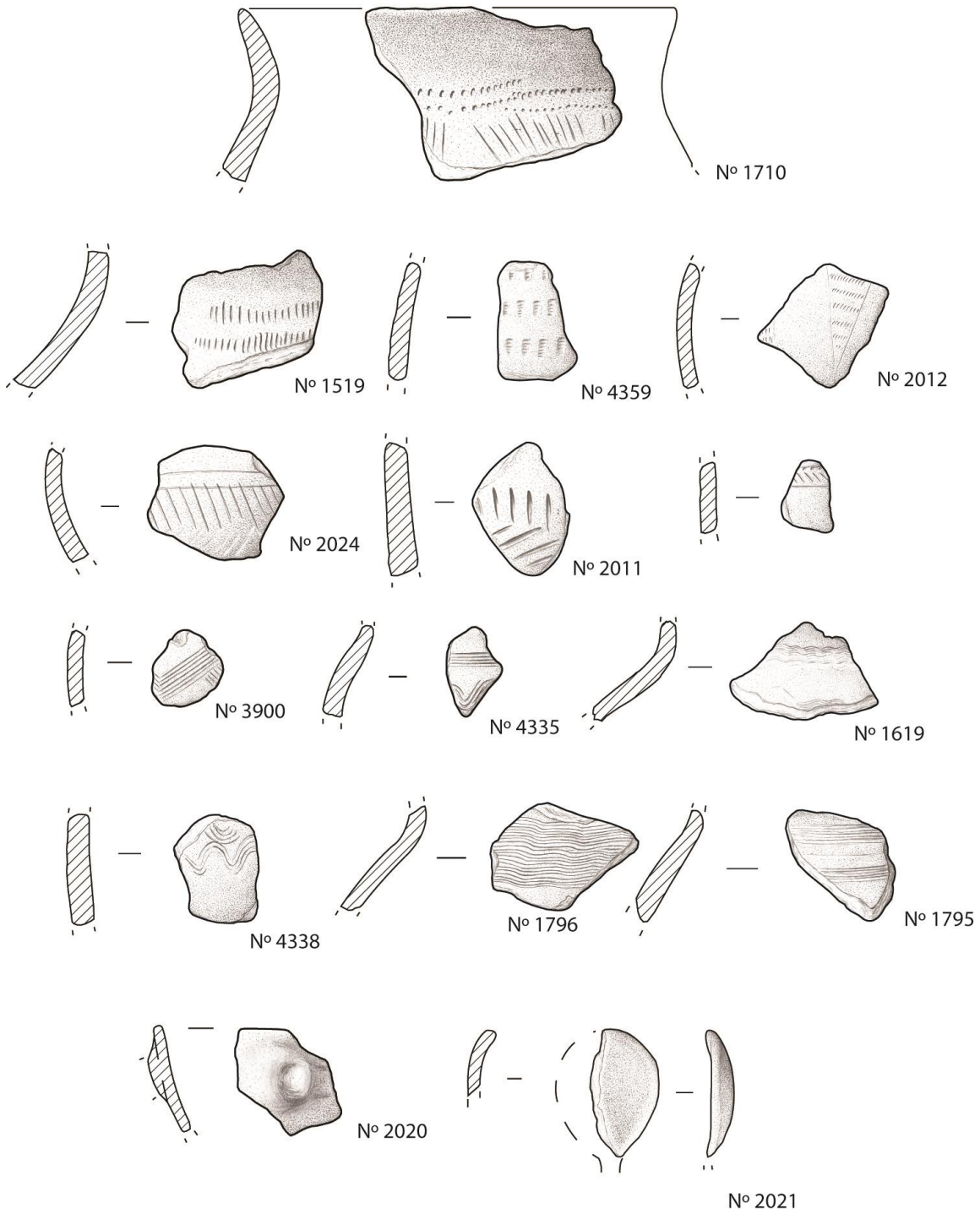


Figura 44 - Figura 41 - Estampa de materiais da Quinta do Rio 16

Monte da Poia

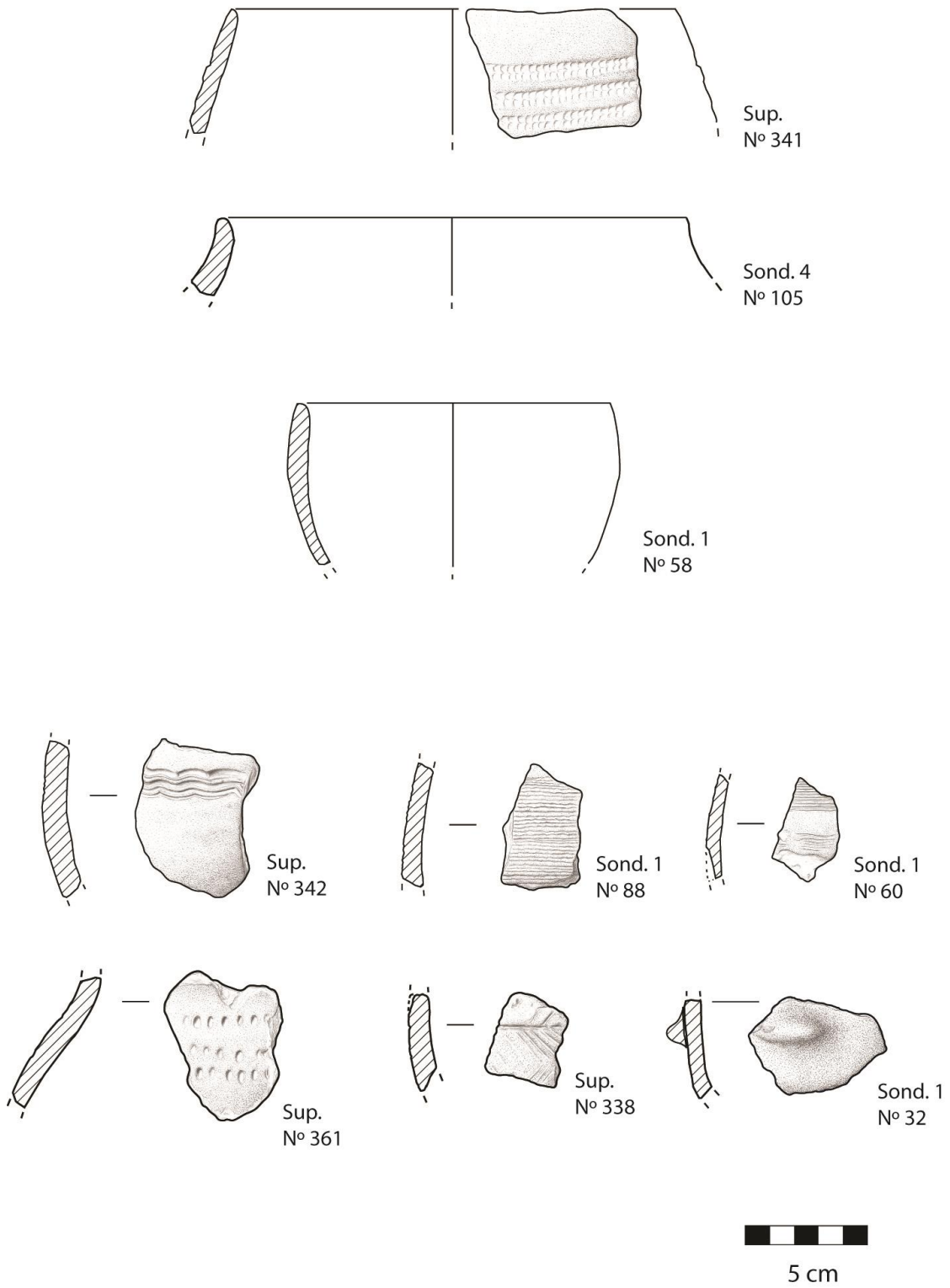


Figura 45 - Estampa de materiais do Monte da Poia

**Quinta da Zaragata (Torre de Moncorvo)**

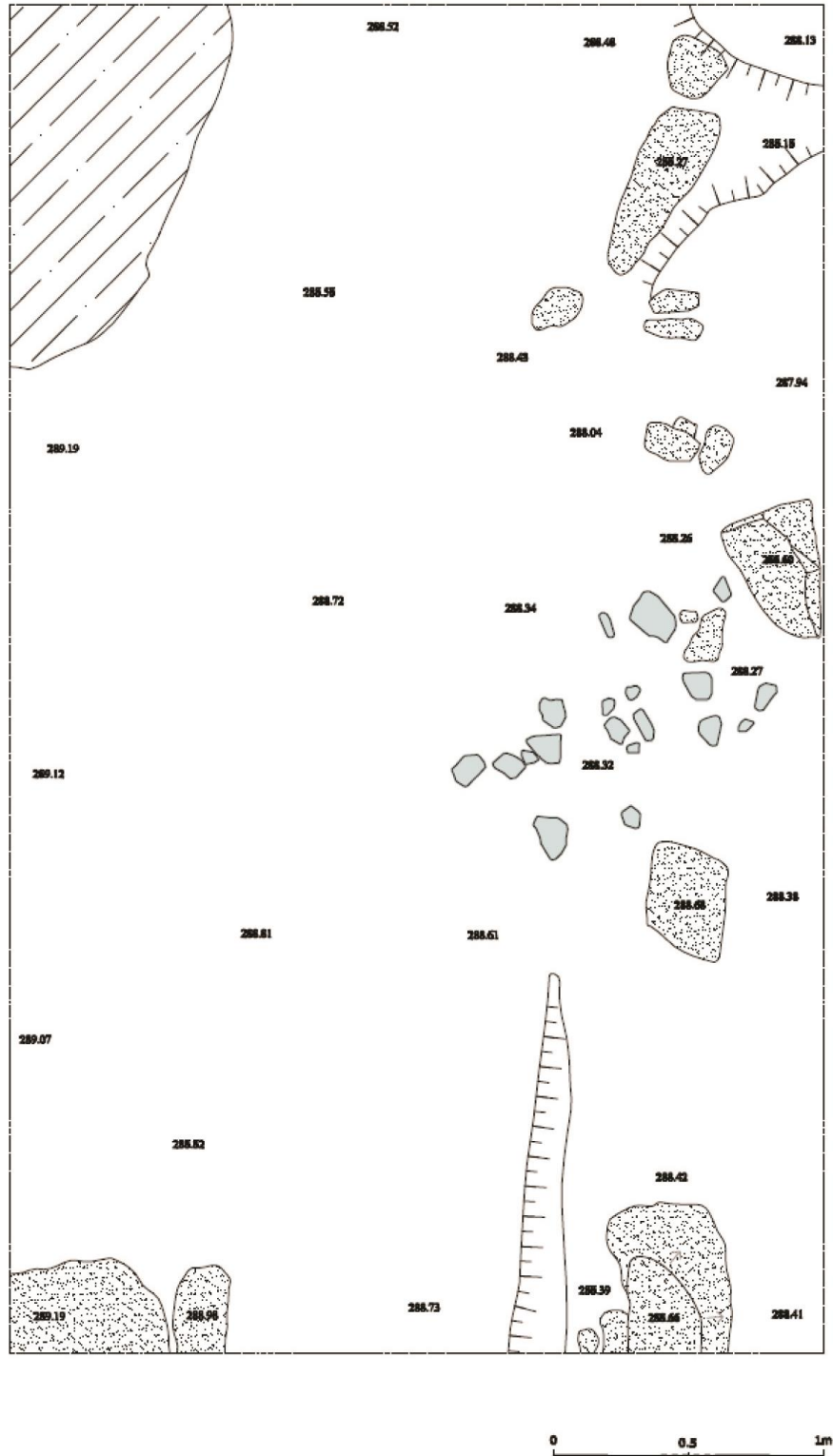


Figura 46 - Planta da Sondagem 8/U.E. 4 da Quinta da Zaragata, seg. Azevedo, 2010.

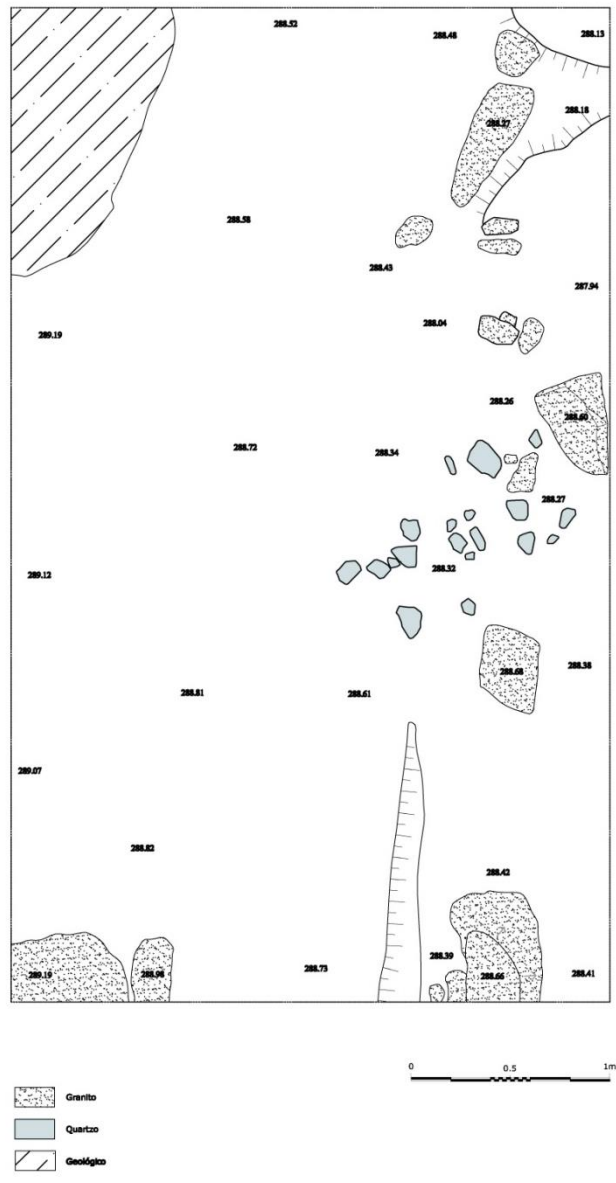


Figura 47 – Planta da Sondagem 8/U.E. 4 da Quinta da Zaragata, seg. Azevedo, 2010

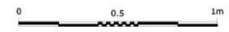
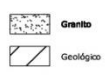


Figura 48 – Planta da Sondagem 9/U.E. 4 da Quinta da Zaragata, seg. Azevedo, 2010.



Figura 49 – Planta da Sondagem 2 da Quinta da Zaragata, seg. Azevedo, 2010.



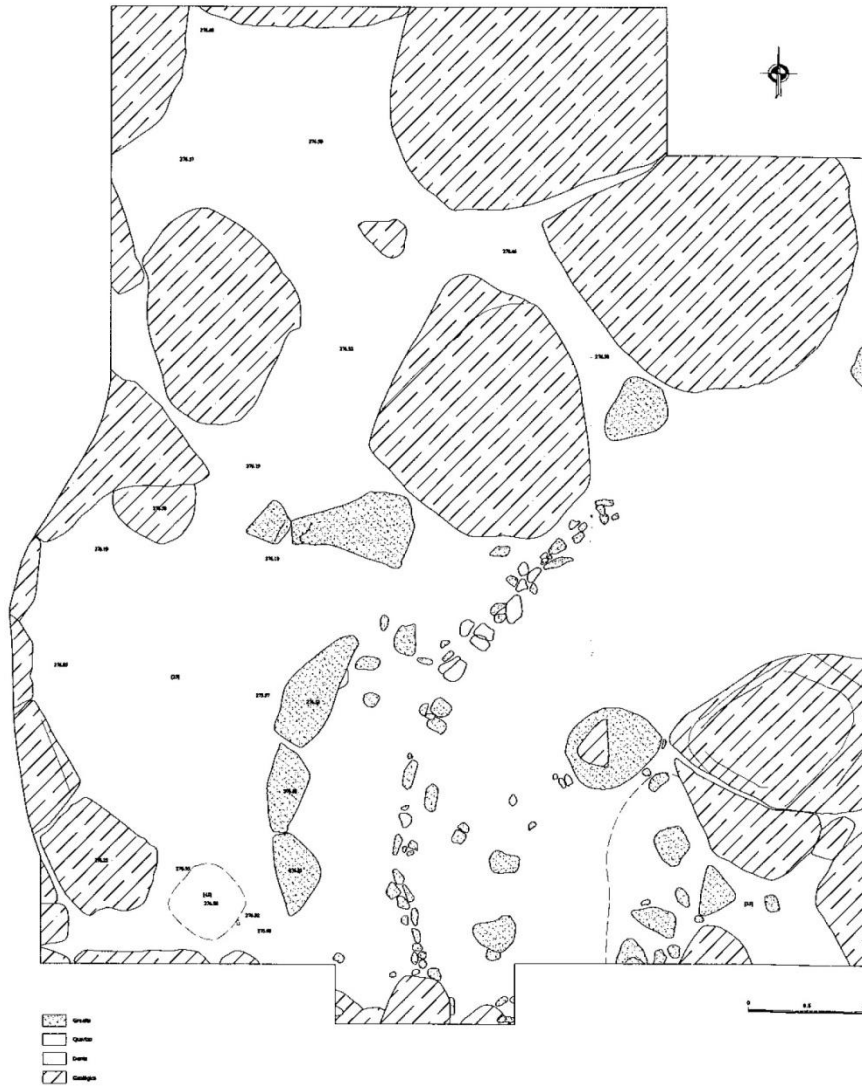


Figura 51 – Planta da Sondagem 13/Iº nível de ocupação da Quinta da Zaragata, seg. Azevedo, 2010.



Figura 52 – Planta da Sondagem 15/ U.E. 4 nível de ocupação da Quinta da Zaragata, seg. Azevedo, 2010.

UE. [04]

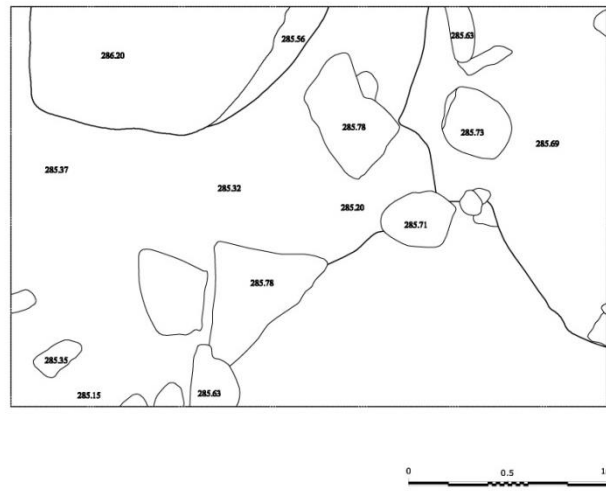


Figura 53 – Planta da Sondagem 19/U.E. 4 da Quinta da Zaragata, seg. Azevedo, 2010.

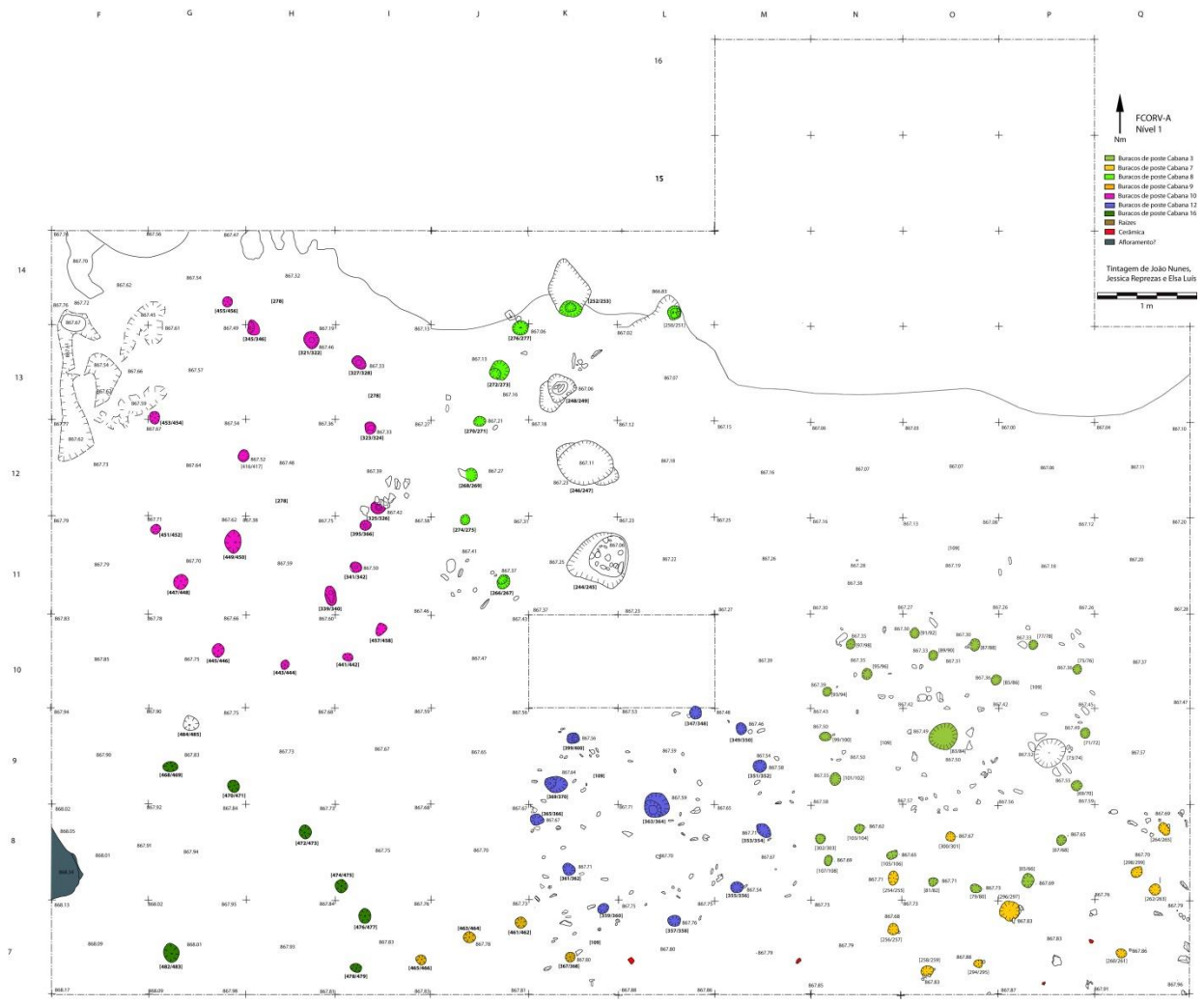


Figura 54 - Planta do Nível 1 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos

Fraga dos Corvos  
Sondagem 2  
Nível 1

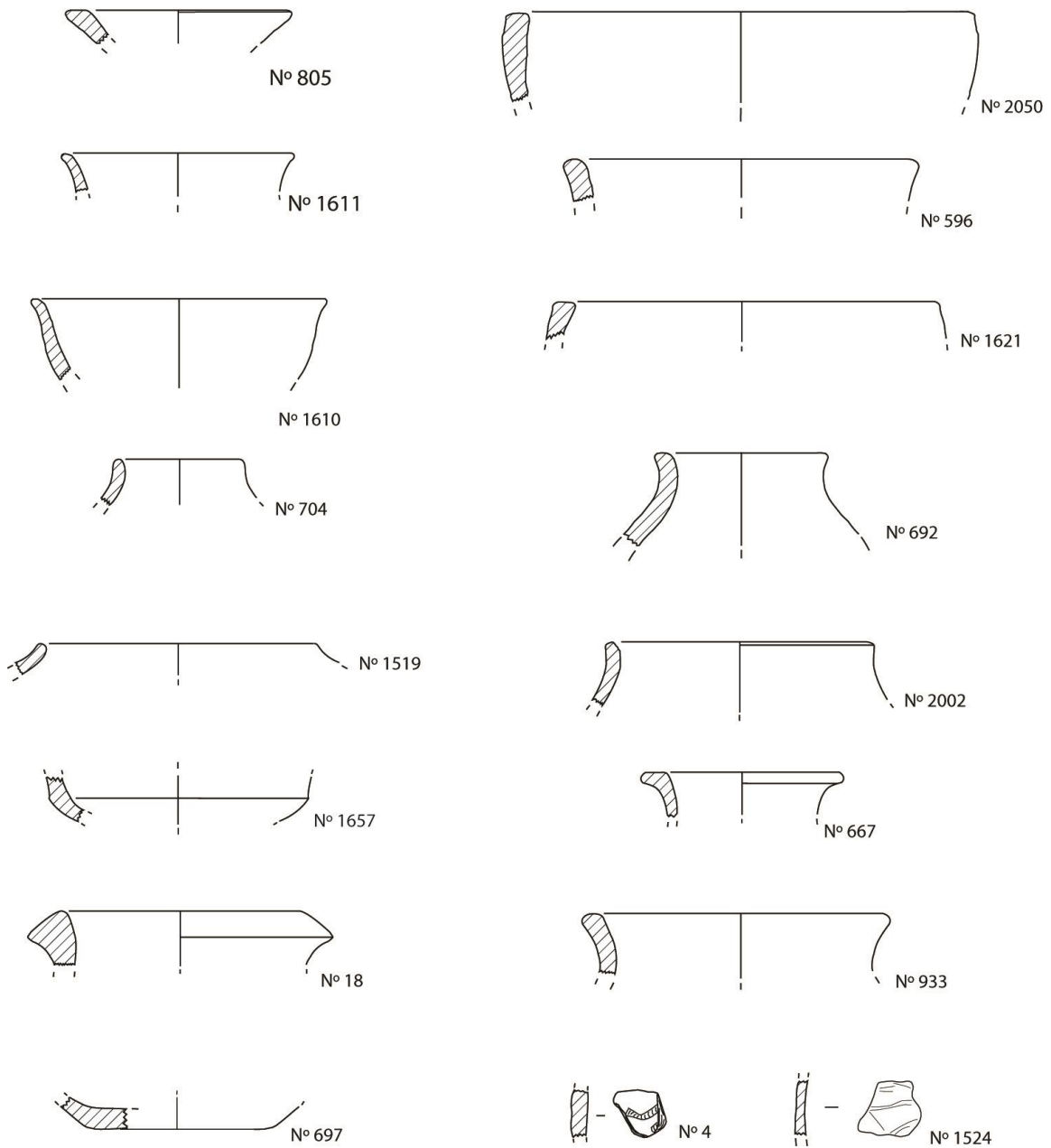


Figura 55 - Estampa de materiais do Nível 1 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos

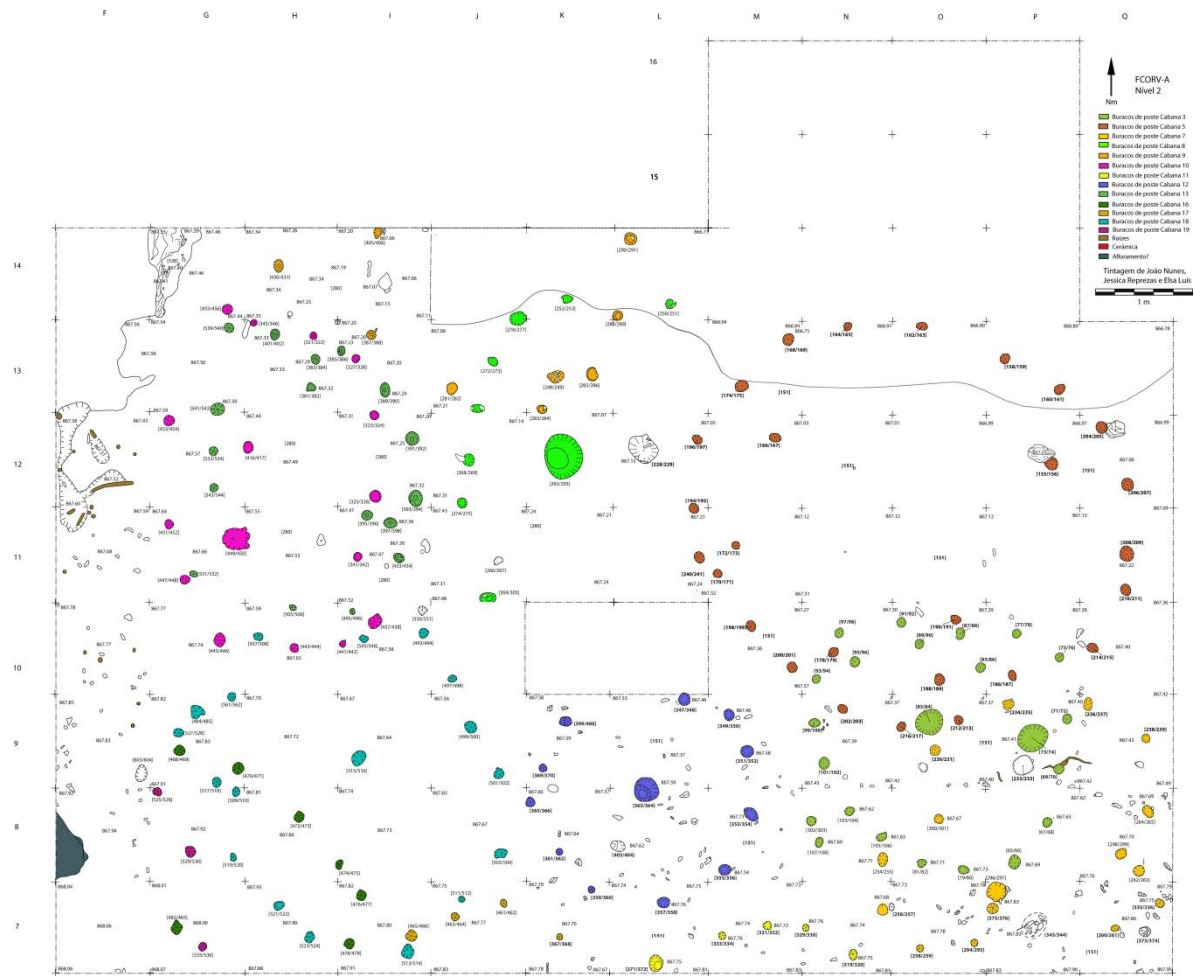
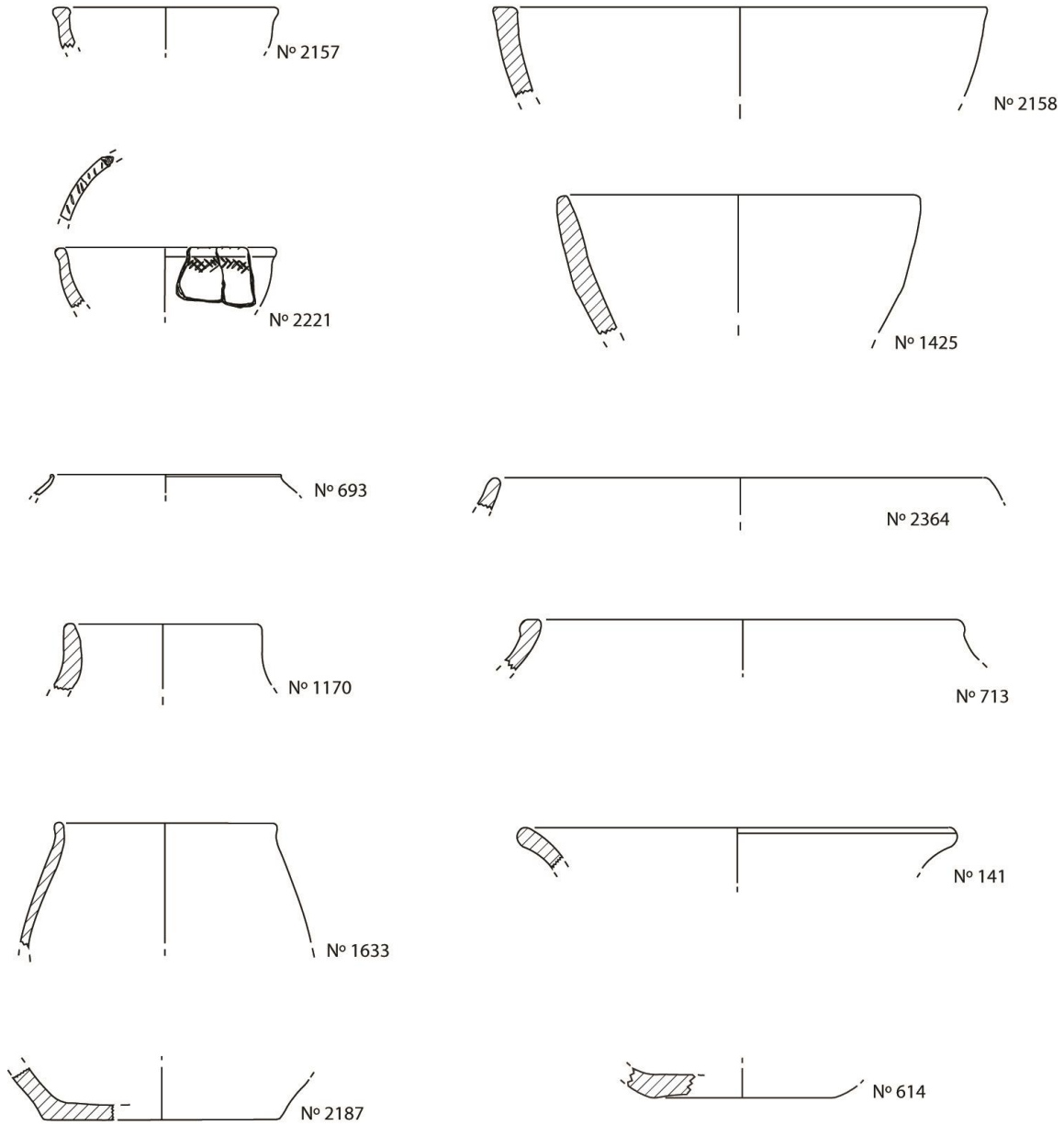


Figura 56 - Planta do Nível 2 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos

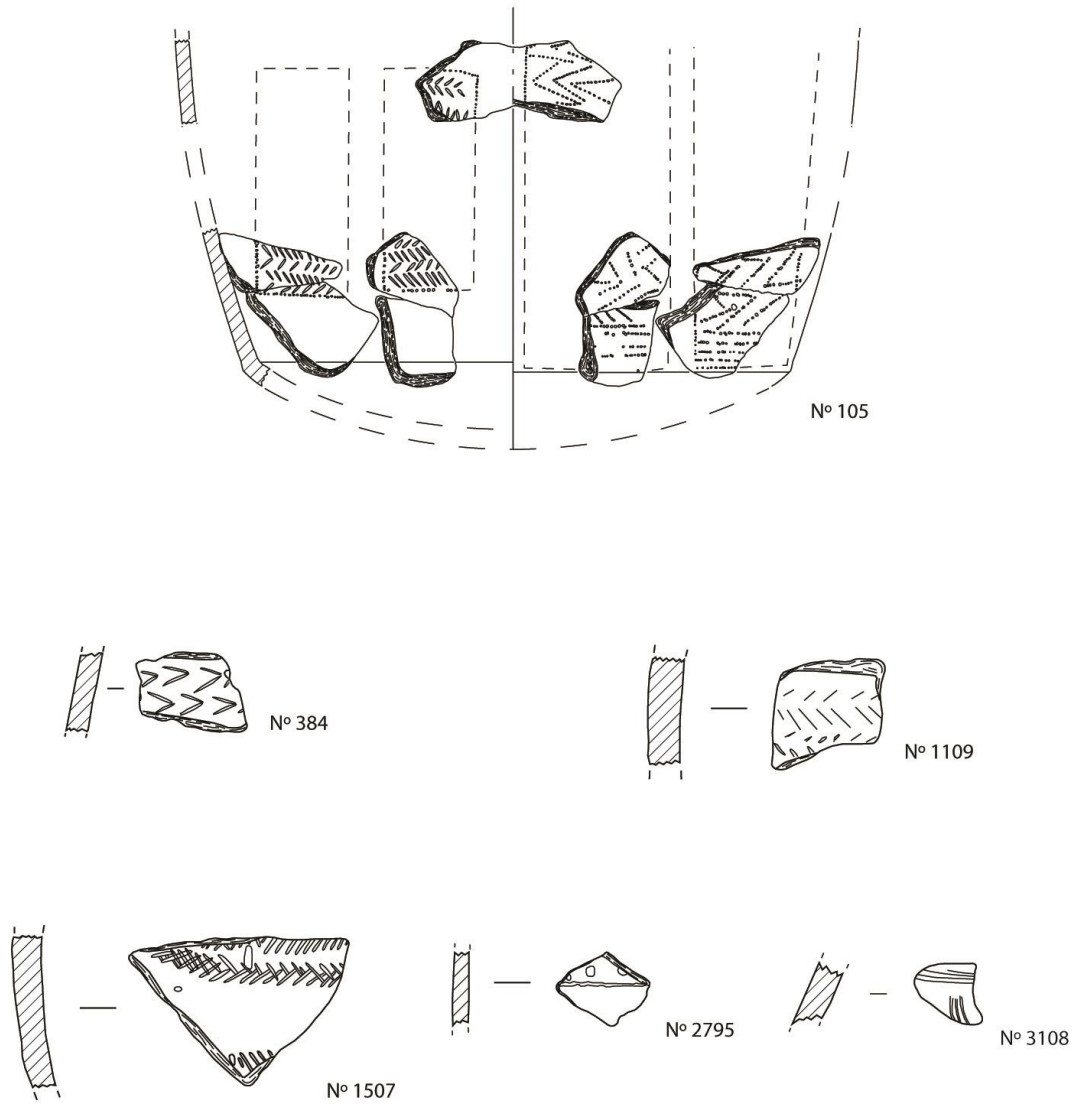
Fraga dos Corvos  
Sondagem 2  
Nível 2



5 cm

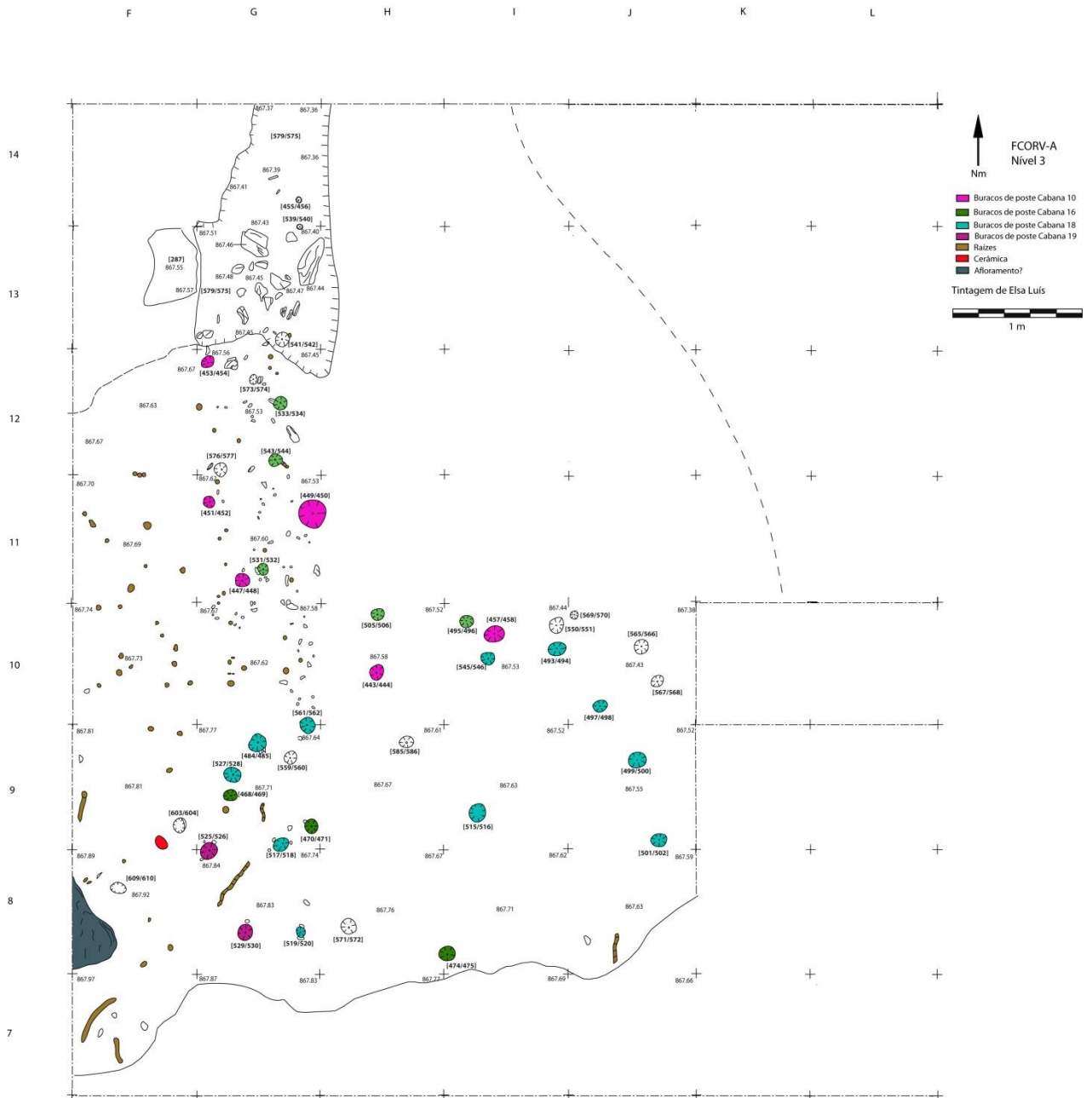
Figura 57 - Estampa de materiais do Nível 2 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos

Fraga dos Corvos  
Sondagem 2  
Nível 2



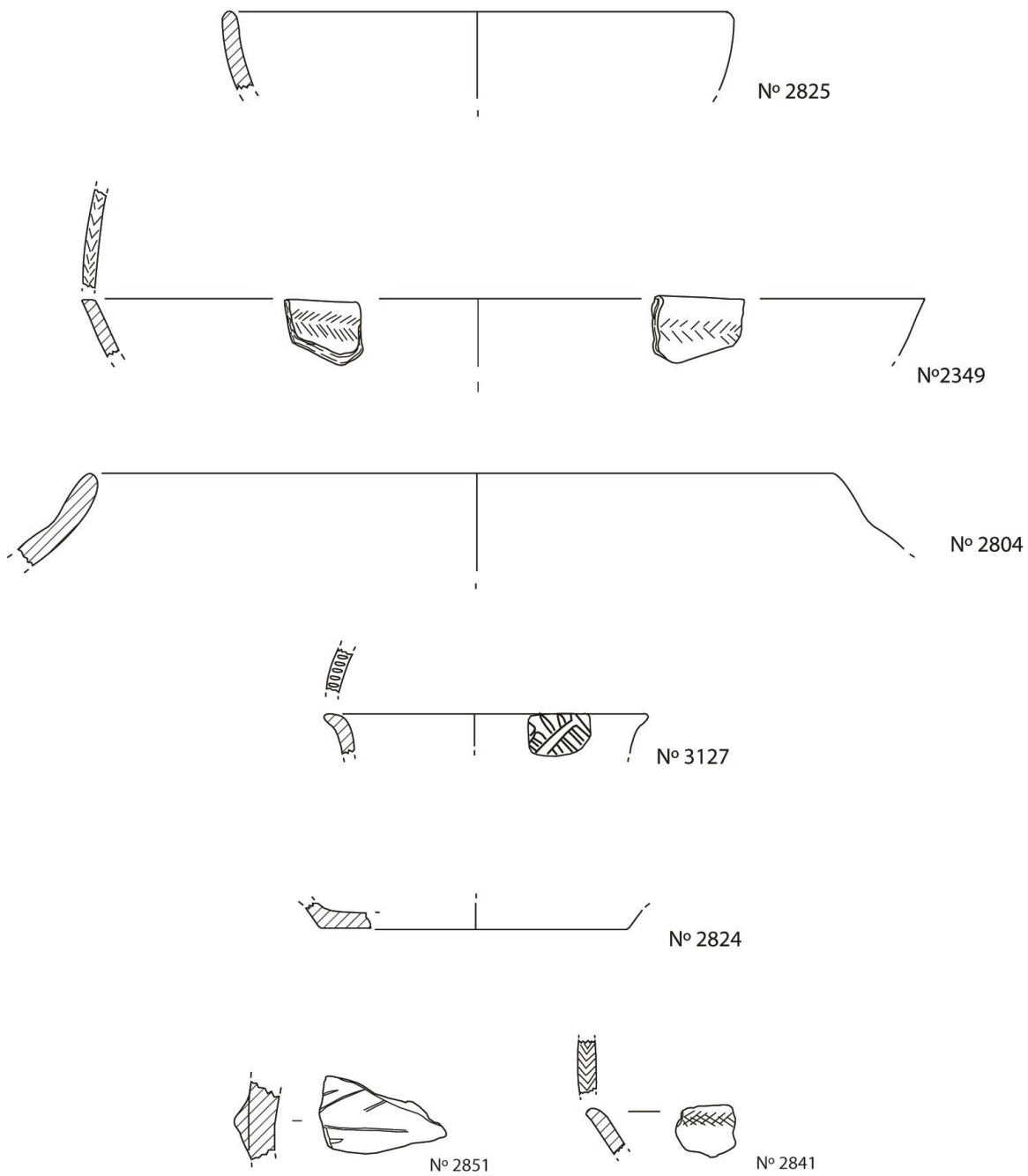
5 cm

Figura 58 - Estampa de materiais do Nível 2 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos



**Figura 59 - Planta do Nível 3 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos**

Fraga dos Corvos  
Sondagem 2  
Nível 3



5 cm

Figura 60 - Estampa de materiais do Nível 3 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos

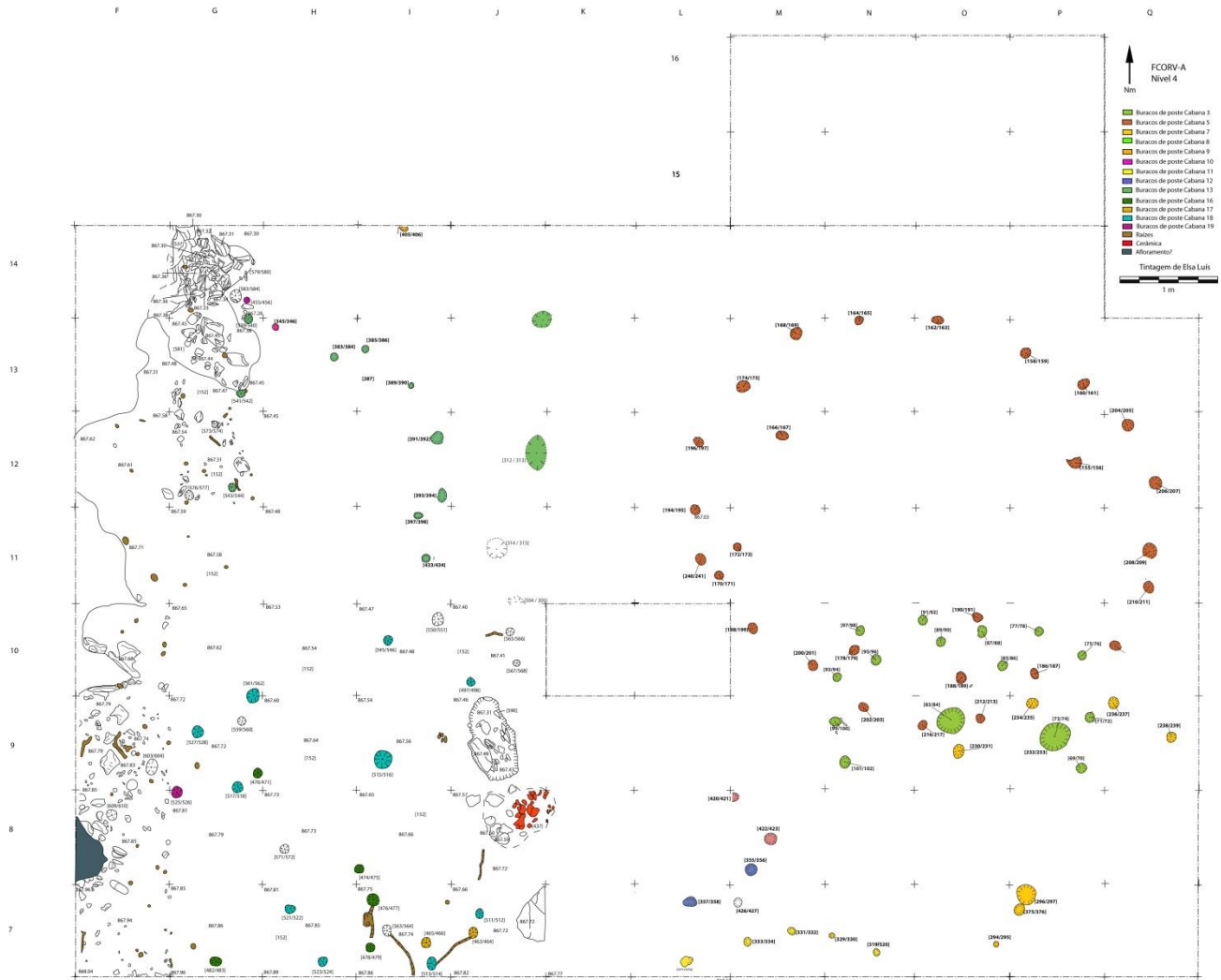
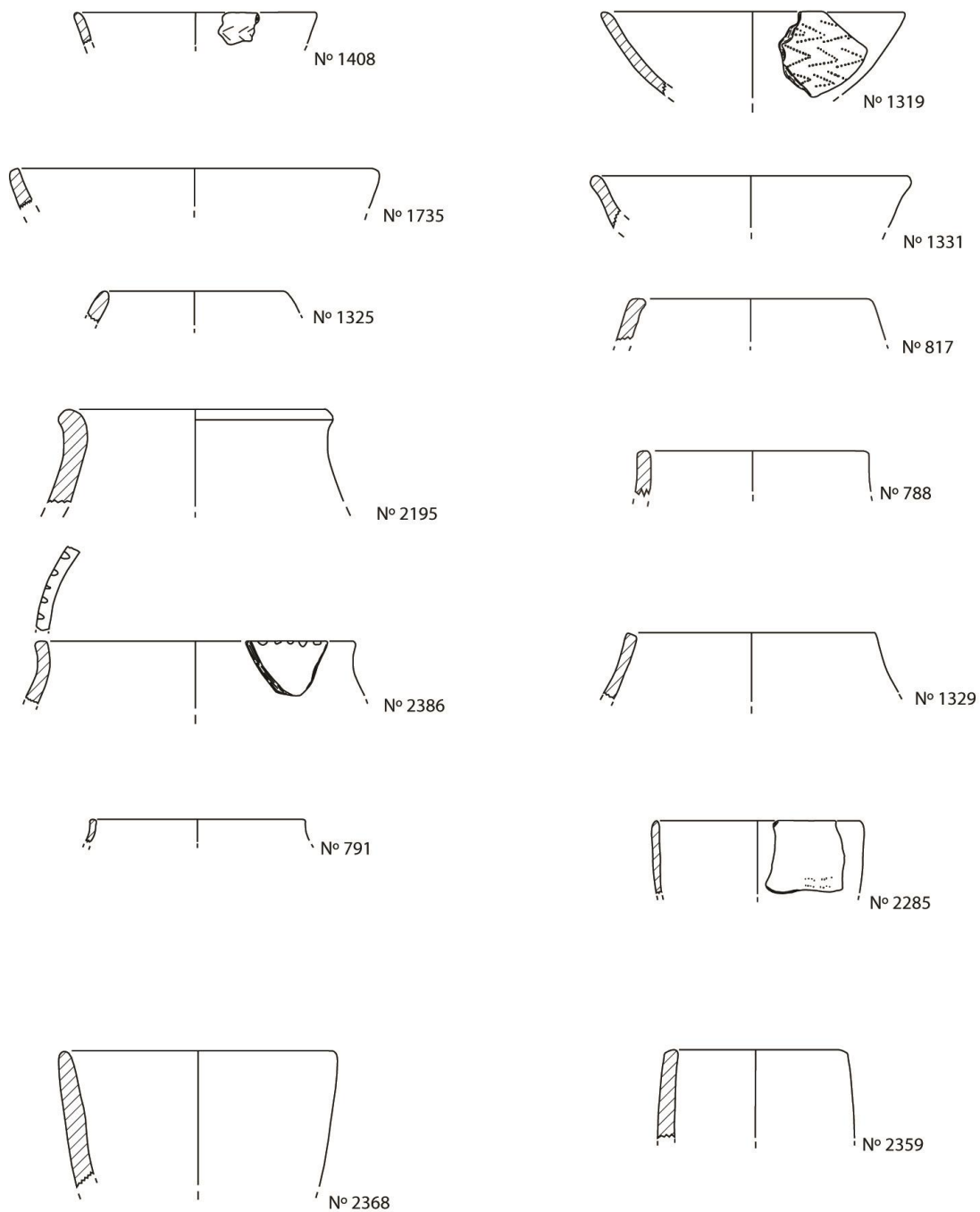


Figura 61 - Planta do Nível 4 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos

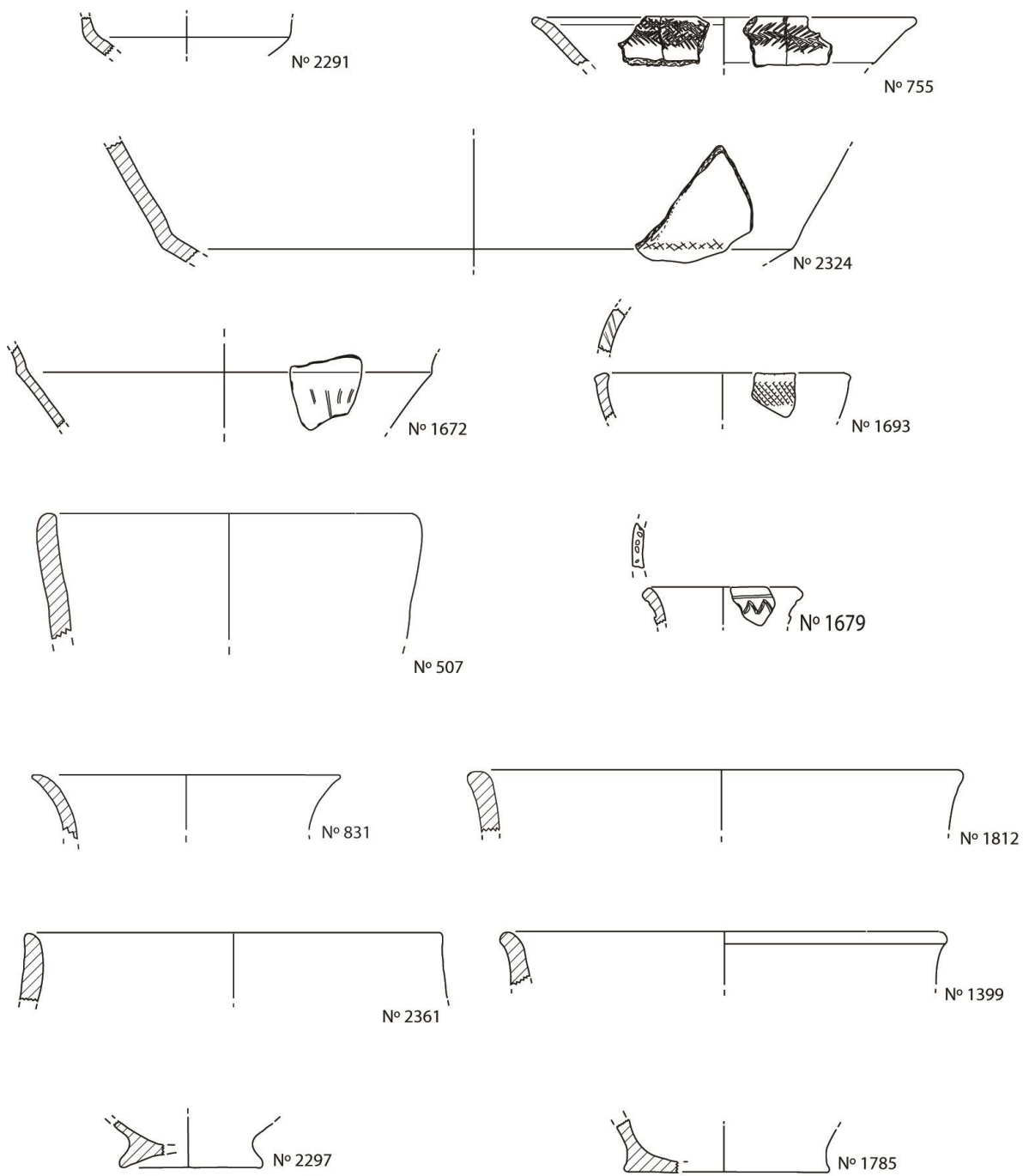
Fraga dos Corvos  
Sondagem 2  
Nível 4



5 cm

Figura 62 - Estampa do Nível 4 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos

Fraga dos Corvos  
Sondagem 2  
Nível 4



5 cm

Figura 63 - Estampa de materiais do Nível 4 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos

Fraga dos Corvos  
Sondagem 2  
Nível 4

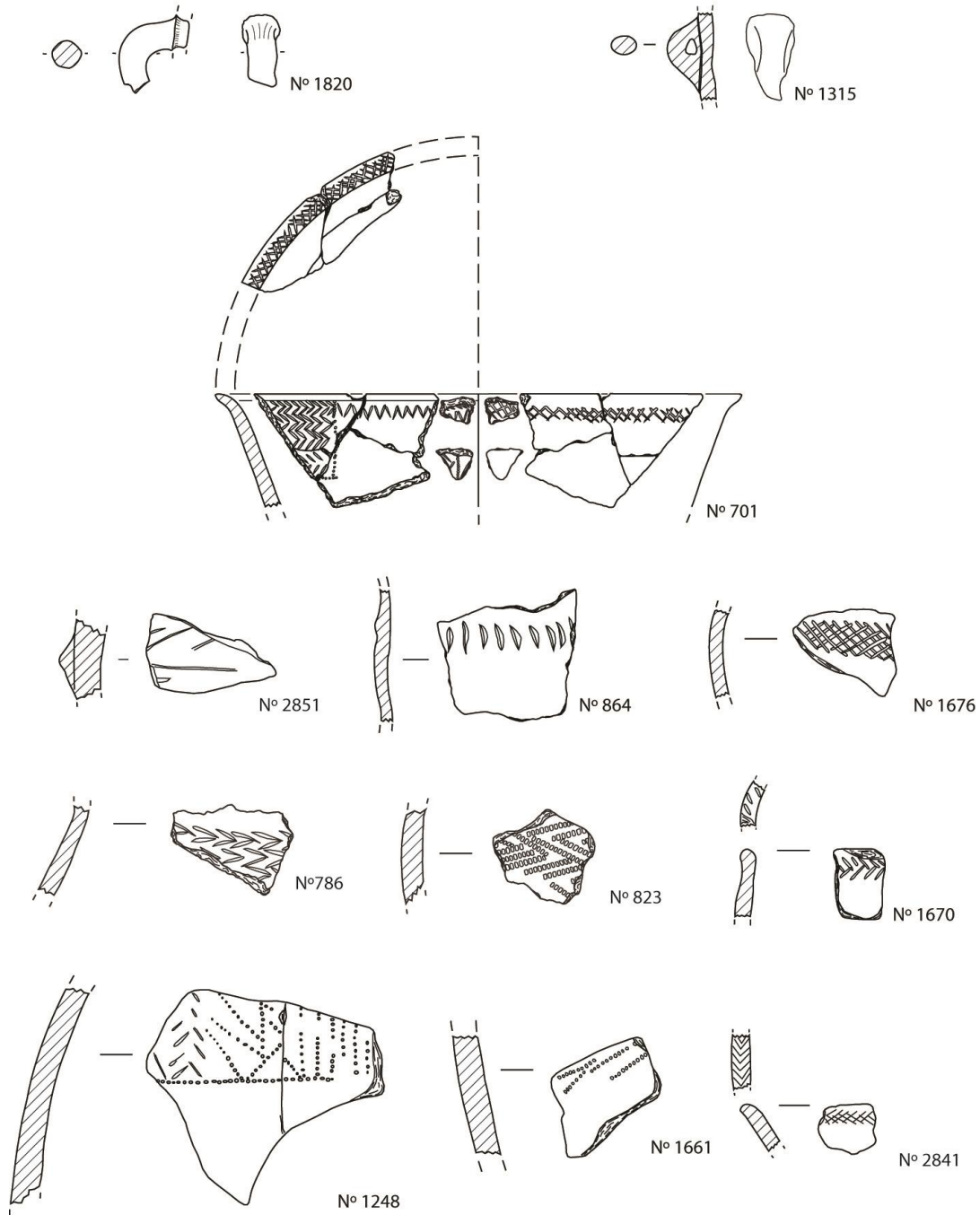


Figura 64 - Estampa dos materiais do Nível 4 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos



Fraga dos Corvos  
Sondagem 2  
Nível 5

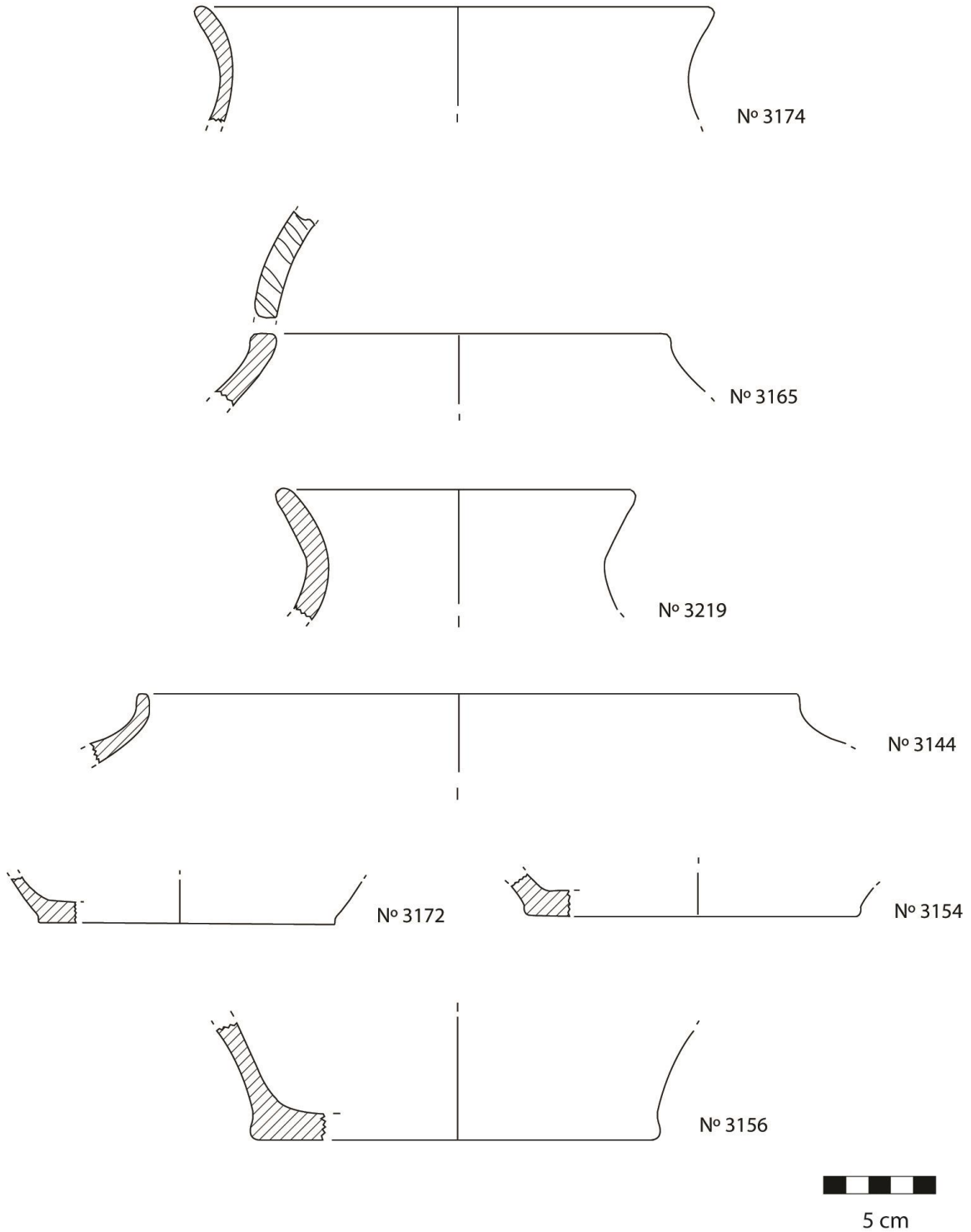


Figura 66 - Estampa dos materiais do Nível 5 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos



Figura 67 - Planta do Nível 6 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos

Fraga dos Corvos  
Sondagem 2  
Nível 6

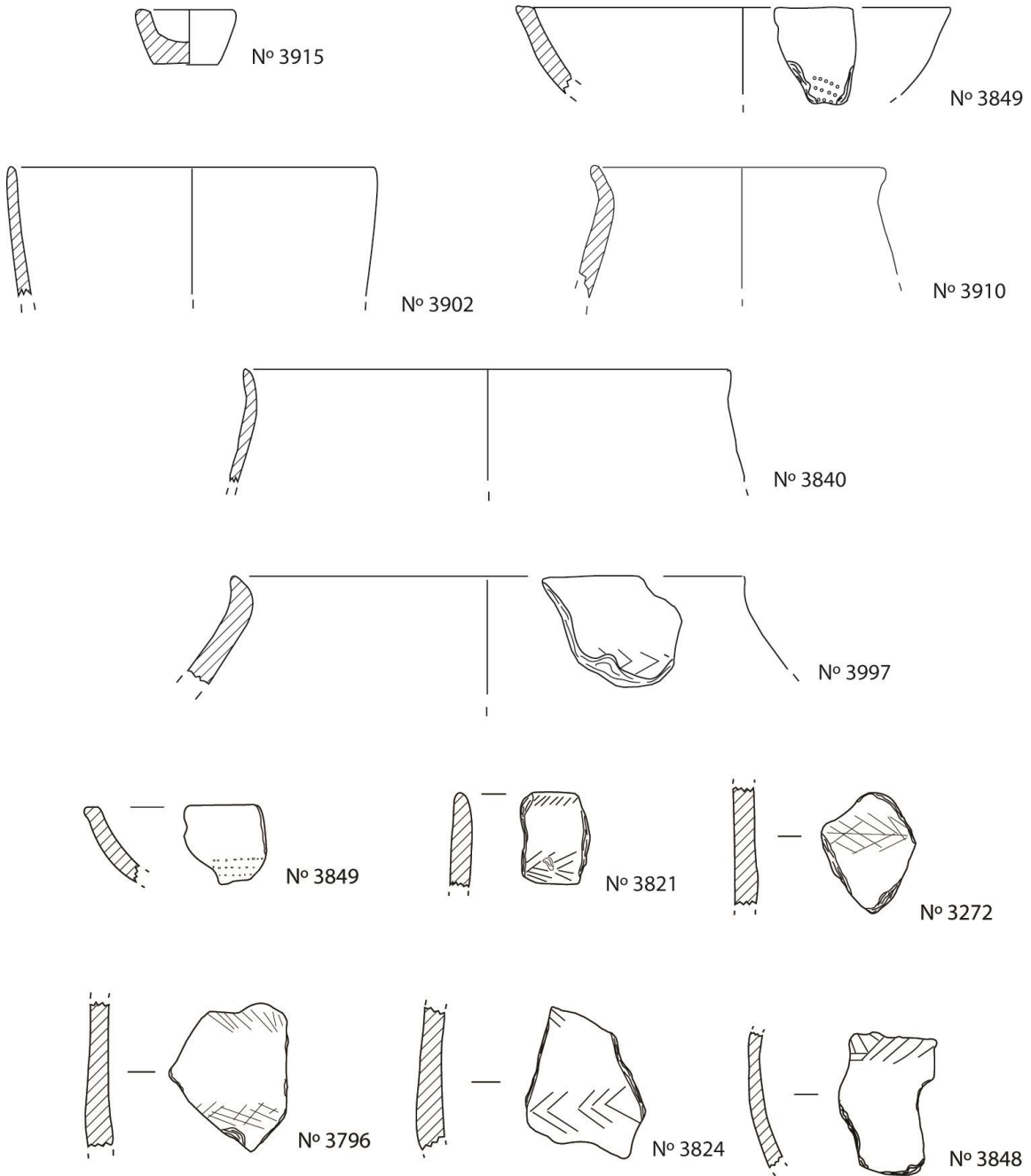


Figura 68 - Estampa dos materiais do Nível 6 da Sondagem 2 da Fraga dos Corvos



Fraga dos Corvos  
Sondagem 3

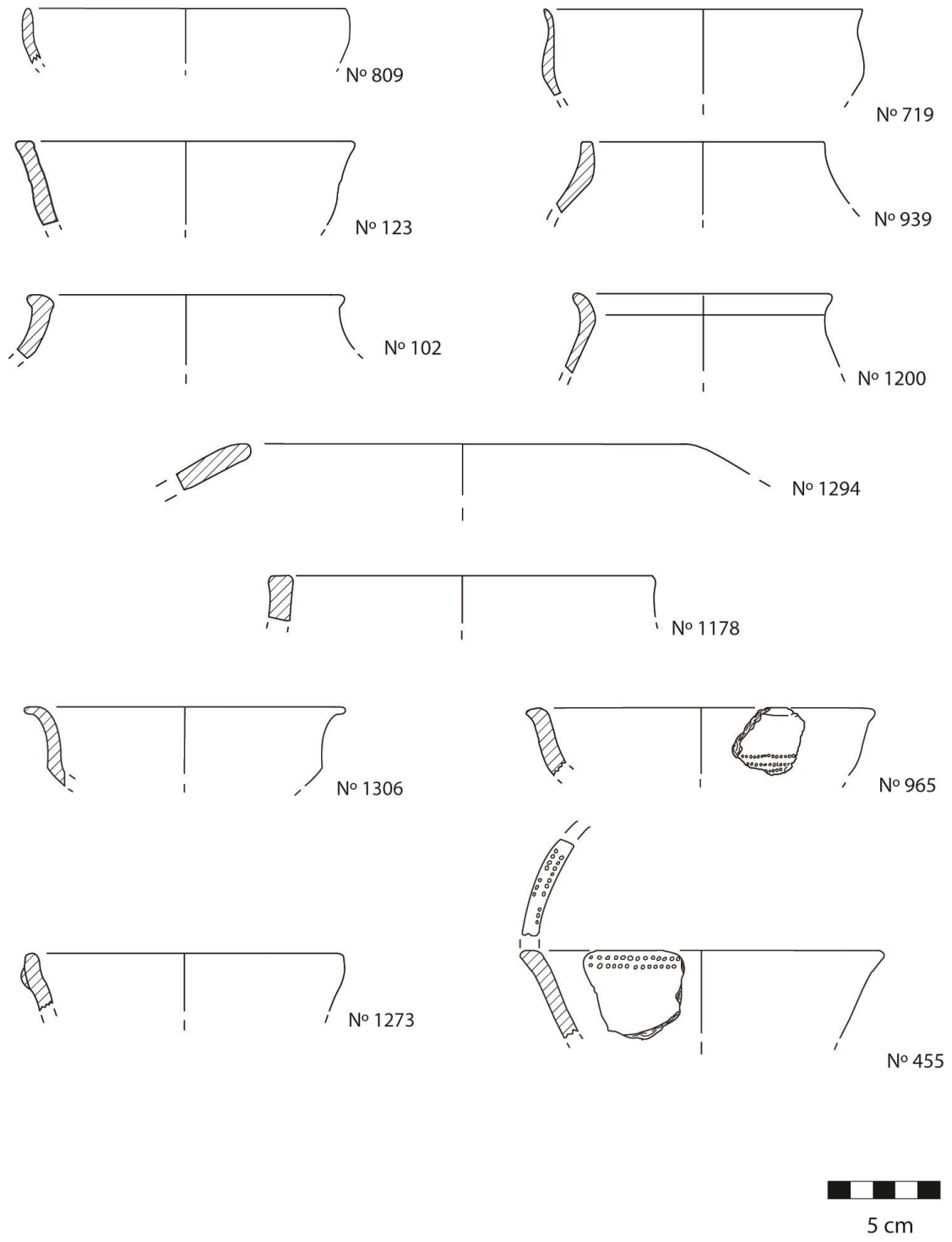


Figura 70 - Estampa de materiais da Sondagem 3 da Fraga dos Corvos

Fraga dos Corvos  
Cossoiros

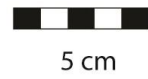
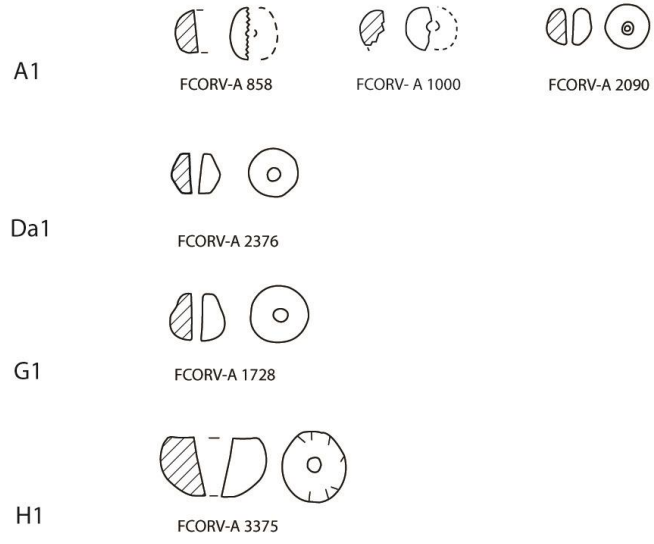


Figura 71 - Cossoiros da Fraga dos Corvos







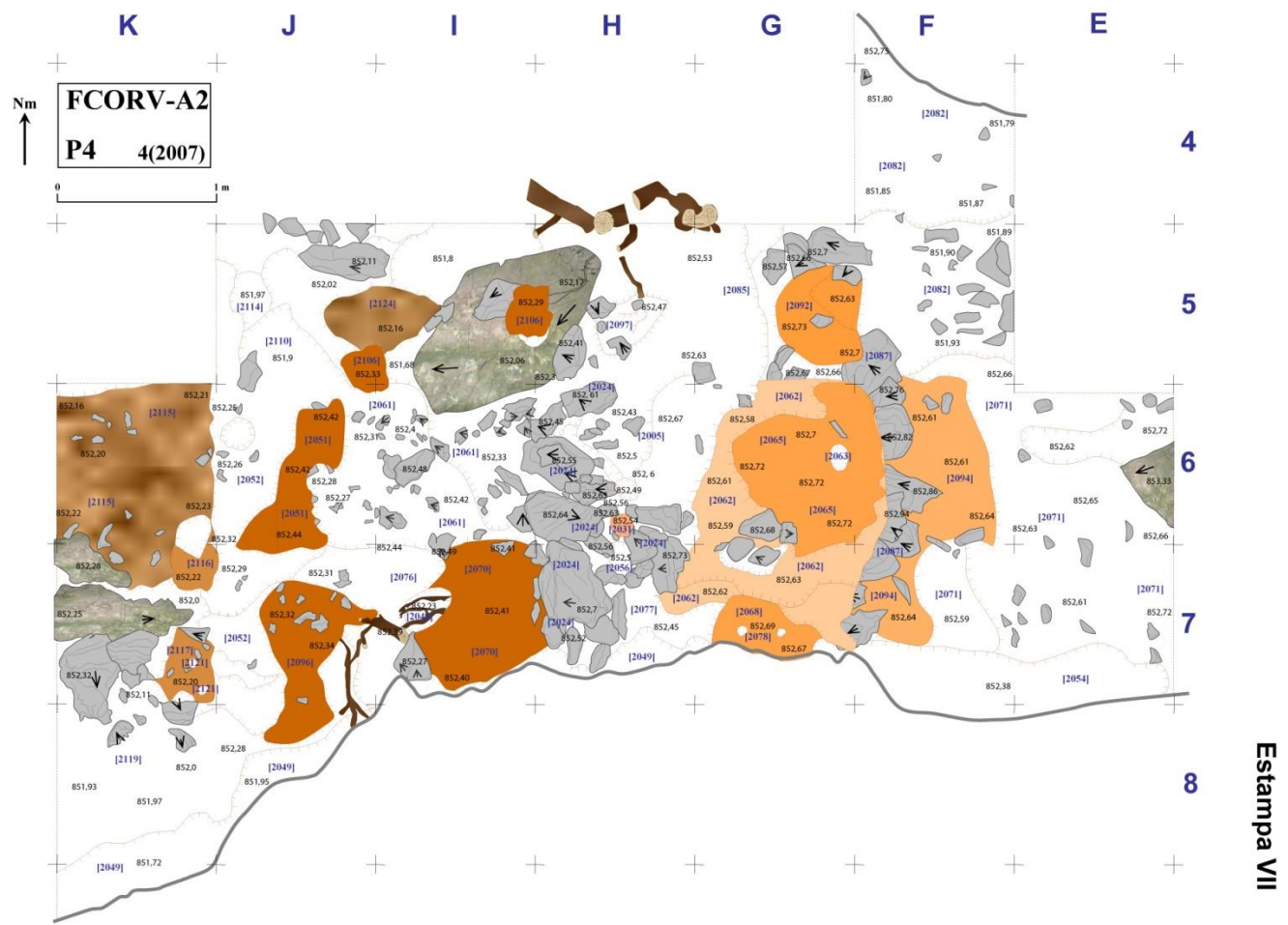


Figura 75 - Planta 4 do Abrigo 2 da Fraga dos Corvos, seg. Senna-Martinez, Ventura e Carvalho. 2008

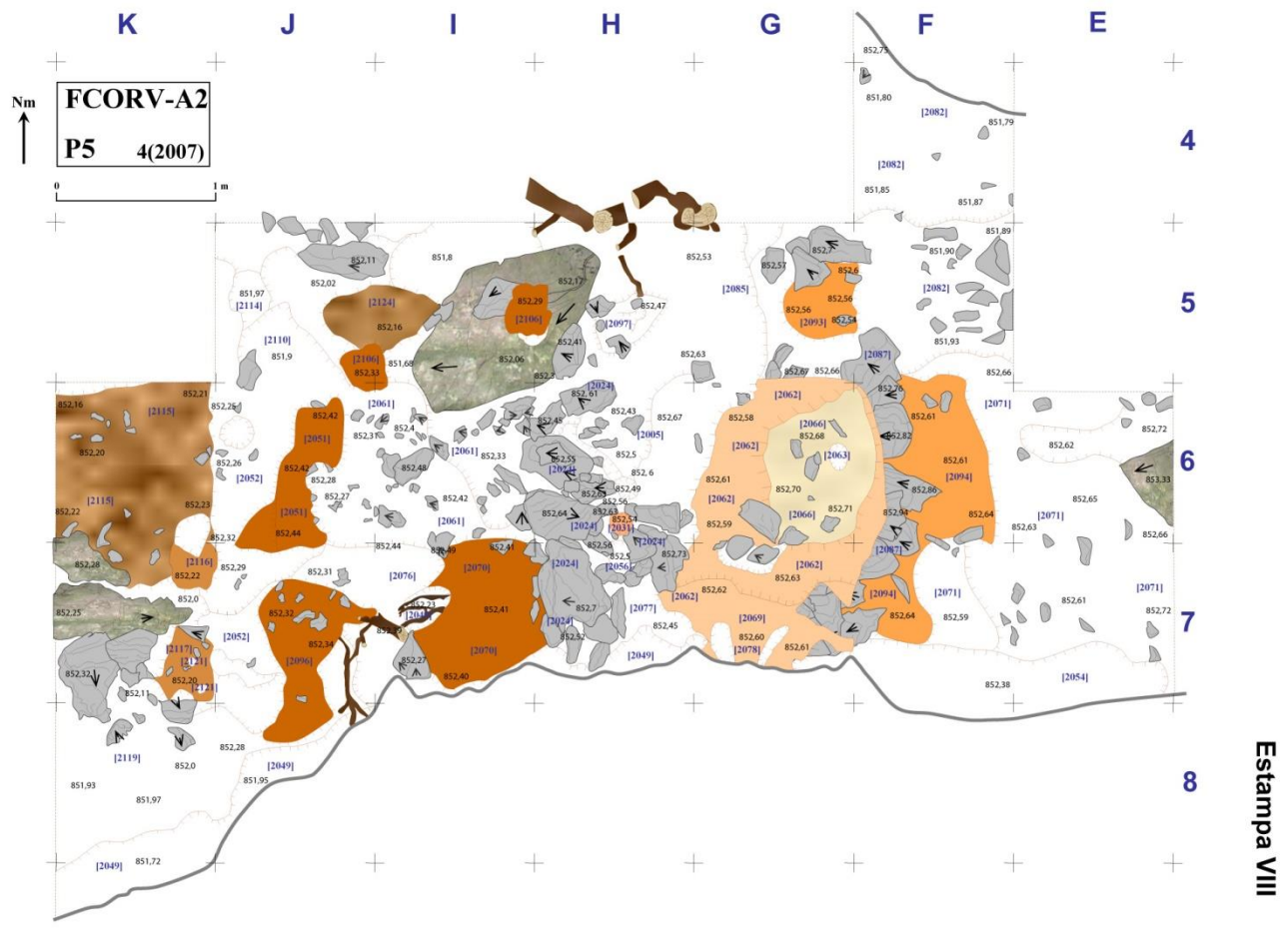


Figura 76 - Planta 5 do Abrigo 2 da Fraga dos Corvos, seg. Senna-Martinez, Ventura e Carvalho. 2008

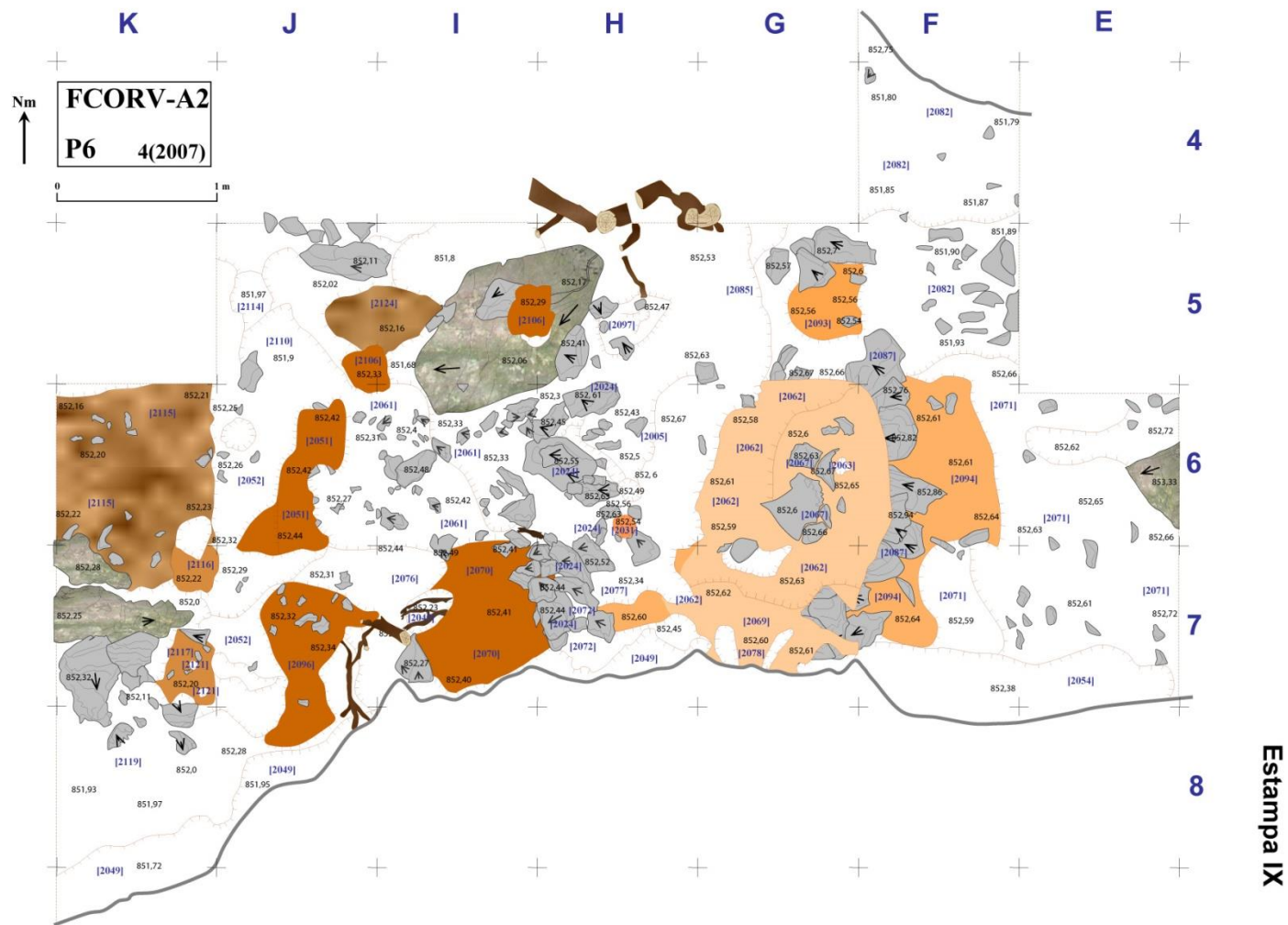
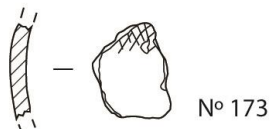
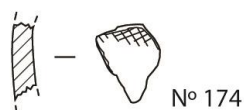


Figura 77 - Planta 6 do Abrigo 2 da Fraga dos Corvos, seg. Senna-Martinez, Ventura e Carvalho. 2008

Estampa IX

Fraga dos Corvos  
Abrigo 2

"Piso a"



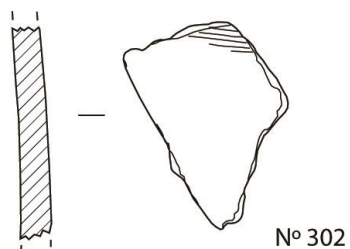
"Piso b"



"Piso c"



"Piso d"



5 cm

Figura 78 - Estampa dos materiais do Abrigo 2 da Fraga dos Corvos

Fraga dos Corvos  
Abrigo 2

"Piso e"

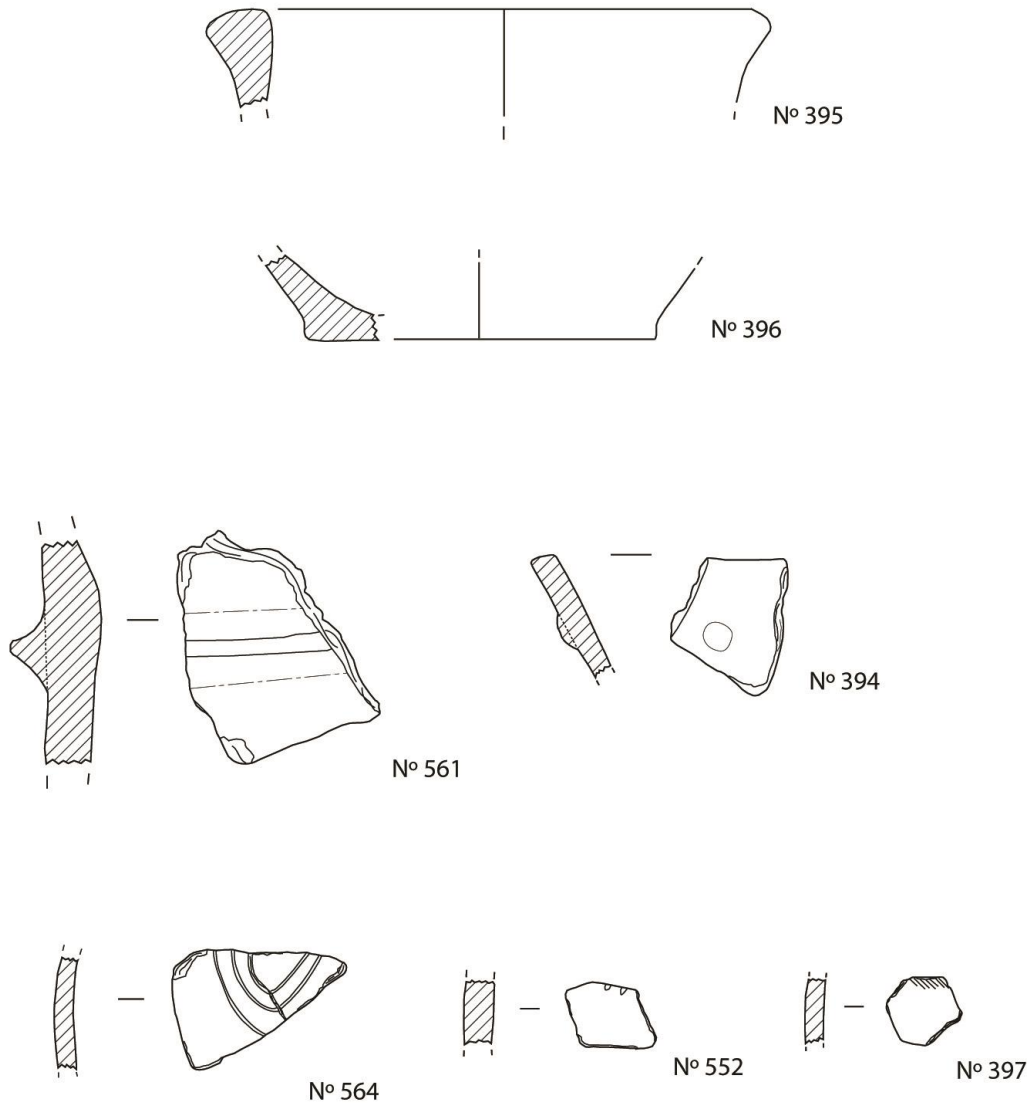


Figura 79 - Estampa dos materiais do Abrigo 2 da Fraga dos Corvos

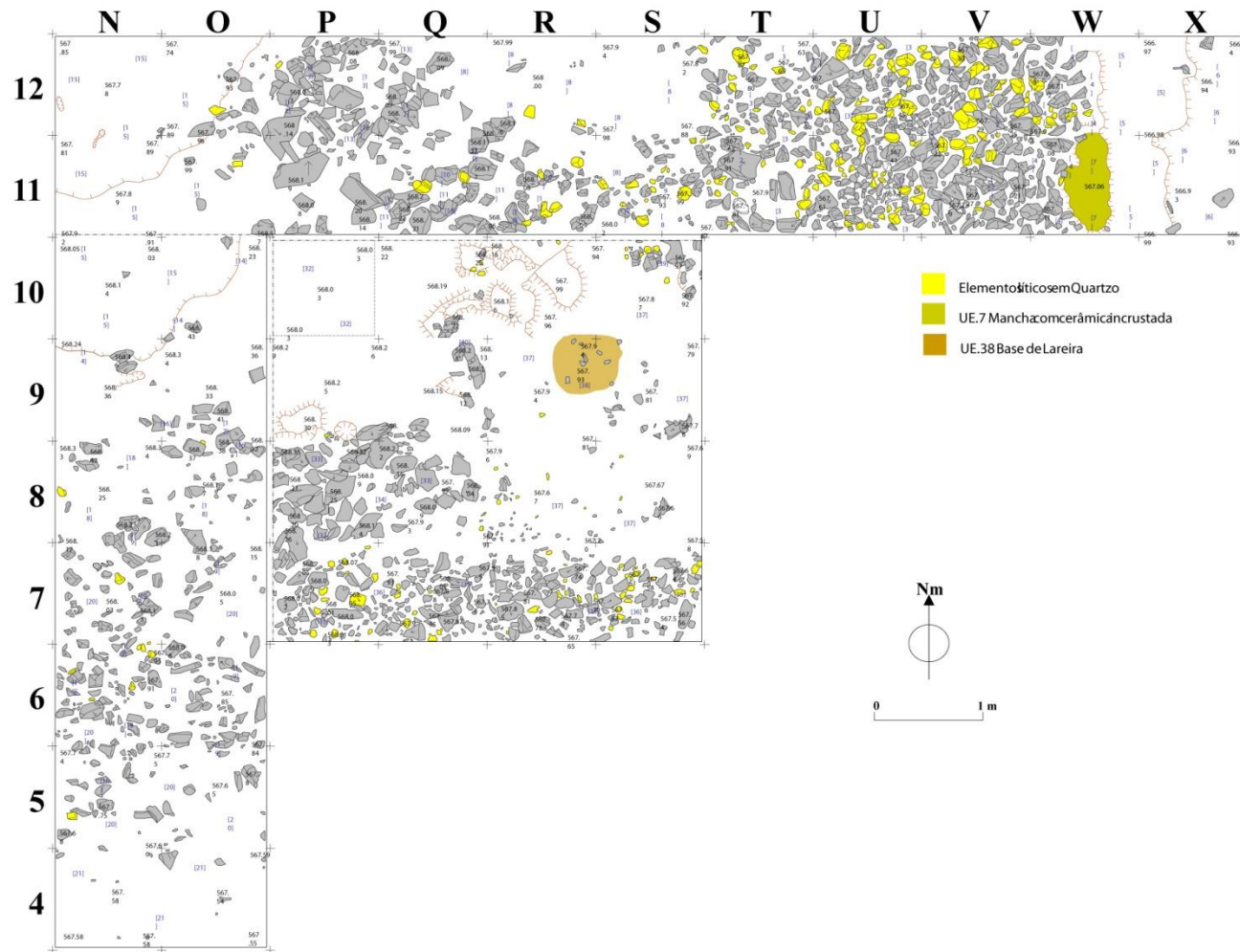


Figura 80 - Planta da Mamoa de Santo Ambrósio, seg. Carvalho, 2005.

Mamoas de Santo Ambrósio

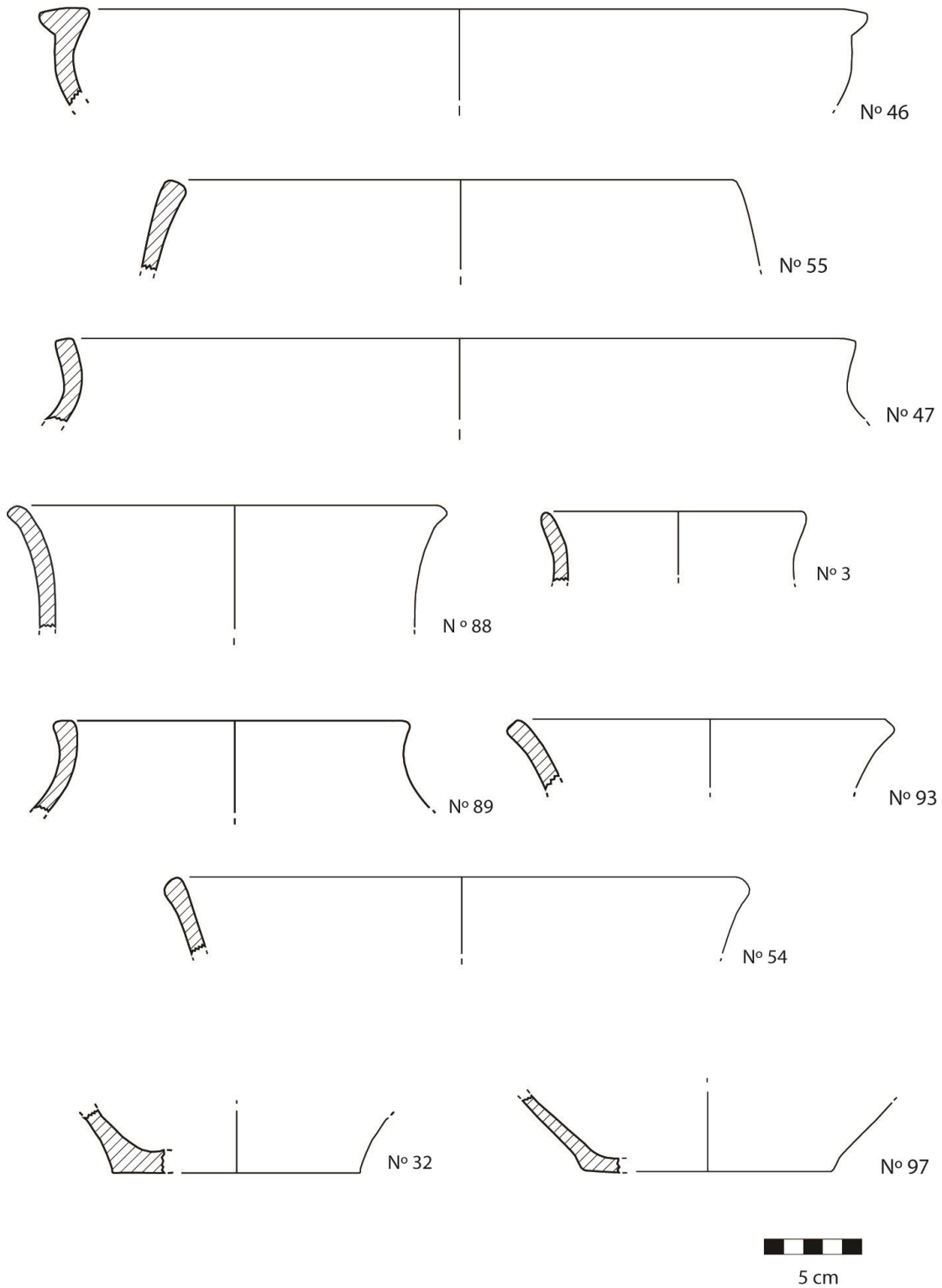


Figura 81 - Estampa dos materiais da Mamoa de Santo Ambrósio